

10.33
760.3

9-8-1933

133:54 <<17>>

FAR
FOA 3104

ENNÆA,
OU
APPLICAÇÃO DO ENTENDIMENTO
SOBRE A
PEDRA PHILOSOPHAL.

12.38
760.

9-8-1938

133:56 <<17>>

FAR
FOA 3104

ENNÆA,
OU
APPLICAÇÃO DO ENTENDIMENTO
SOBRE A
PEDRA PHILOSOPHAL.

R.265.142 1
1755
M 12

ENNÆA,

OU

APPLICAÇÃO DO ENTENDIMENTO
S O B R E A

PEDRA PHILOSOPHAL, PROVADA, E DEFENDIDA

Com os mesmos argumentos com que os Reverendissimos Padres Athanasio Kircker no seu *Mundo Subterraneo*, e Fr. Bento Hieronymo Feyjoo no seu *Theatro Critico*, concedendo a possibilidade, negão, e impugnação a existencia deste raro, e grande misterio da Arte Magna.

PARTE PRIMEIRÁ.

OFFERECIDA

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

D. FRANCISCO DE MENEZES,
CONEGO DA SANTA IGREJA PATRIARCHAL,
e do Conselho de Sua Magestade, &c.

POR ANSELMO CAETANO
MUNHO'S DE AVREU GUSMAO
E CASTELLOBRANCO,

Doutor na Universidade de Coimbra, Familiar do Santo Officio,
Medico do Excellentissimo Senhor Duque de Aveiro, e natural
da antiquissima Villa de Soure.



LISBOA OCCIDENTAL.

Na nova Officina de MAURICIO VICENTE DE ALMEIDA
morador ao Arco das Pedras Negras.

M. DCC. XXXII.

Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.



AQUELLE venturoso tempo, em que *VOSSA ILLUSTRISSIMA* estudava, e juntamente ensinava na Universidade de Coimbra, era a sua casa huma dou-
* iiij tissima

tissima Aula, ou eruditissima Academia, em que se erão admittidos por Academicos, ou Candidatos os Varões illustres nas letras humanas, ou consummados nas sciencias Divinas; e foy VOSSA IL LUSTRIS-SIMA entao servido dispensar comigo, para que sem tanta sabedoria podesse entrar naquelle venturosa Atheneas, tendo eu tão poucas letras, como annos, e tão pouca sciencia, como idade, para que em tres lustros, que entao tinha imperfeitos, sabisse daquelle Collegio da Sapiencia com a sua erudição perfeito Academico, e com a sua grande Sabedoria hum consummado Philosopho; porque assim como os que bebiao antigamente na Fonte Cabalina, ficavaõ Poetas laureados no Monte Parnaso, tambem os que gostavaõ o nectar da sciencia naquelle Oceano da Sabedoria, eraõ Philosophos graduados na Universidade de Coimbra. Se com o trato dos perversos ficassem os homens pervertidos, e acompanhando com os Santos se santificaõ: Cum Sancto Sanctus eris, & cum perverso perverteris; necessariamente na companhia de tantos Sabios todos os admittidos se faziaõ doutos, e illustres em todas as sciencias, e artes liberaes, principalmente com o trato de hum Heroe entao no sangue, e nas letras, e agora na dignidade Episcopal, e em todas as virtudes illustrissimo; porque justo era, que algumas vezes, assim como o forão sempre os males, e os vicios, fossem tambem contagiosos os bens, e as virtudes.

Na presença do grande Propheta Samuel profetizaraõ tambem os Archeiros, Beleguins, e Soldados da guarda d'ElRey Saul, mandados por elle em diferentes occasões a Naioth em Rematha, para prenderem ao valeroso, e perseguido David tanto que entraraõ no congresso dos Prophetas, a que Samuel presidia:

Reg. lib. 1. Qui cum. vidissent cuneum Prophetarum vaticinatum
19.20.

gium, & Samuelē stantem super eos, factus est etiam Spiritus Domini in illis, & prophetare cœperunt etiam ipsi; e atē o mesmo Rey Saul profetizou na companhia dos Prophetas, e na presença de Samuel: Prophetavit cum cæteris corum Samuel; porque com o trato, e companhia dos Prophetas todos profetizão, como ficou em Proverbio este notável sucesso d'El Rey Saul: Unde & exivit proverbium: Num & Saul inter Prophetas? E podera tambem ser proverbio na Universidade de Coimbra ser eu Academico, só porque entrey no Collegio dos Academicos, a quem *VOSSA ILLUSTRISSIMA* presidia como Samuel aos Prophetas, discorrendo eu tão facilmente nas Sciencias, como Saul nos futuros, sem mais trabalho, nem estudo, do que entrar naquelle Círculo de Sabios, aonde erao tão comunicaveis as Sciencias, que pareciao contagiosas, convertendo *VOSSA ILLUSTRISSIMA* com a sua Philosophia, que he a verdadeira Pedra Philosophal, o ferro dos males, ua prata dos bens, e o mercurio dos vicios, no ouro das virtudes.

Mas quando não houvera esta razão, que para mim foy sempre a mayor de todas, concorrem da minha parte tantas obrigações para dedicar, e offerecer a *VOSSA ILLUSTRISSIMA* esta primeira parte da minha Ensaia, que por não poder agradecellas de outro modo, senão com a publica confissão de tantas dividas, quero tambem neste lugar dizer o muito que lhe devo, para que o Mundo comheça, que sempre sou devedor; porque não posso satisfazer tão grandes obrigações com tão pequena offerta. As confissões mais verdadeiras se costumão fazer em segredo, e ainda que eu quero fazer a minha bem verdadeira, e bem publica, sempre ficará em segredo, por me



me não saber explicar; e para declarar o que não sey dizer, me servirey de hum exemplo, em que tambem he segredo, e verdade o que ouvem os ouvidos, e vem os olhos.

Tres milagres da Natureza observaõ os Egypcios nas agoas do Rio Nilo; o primeiro ser Rio sem principio, nem fim; porque ainda os olhos humanos não virão o berço em que nasce, nem o tumulo, em que se sepulta, por se lhe ignorar o verdadeiro nascimento, e por entrar tão impetuosoamente no mar, que perpetuamente lhe disputa o vencimento, abrindo tão grandes, e multiplicadas bocas contra o Tridente de Neptuno, que parece quer de hum sorvo conquistar lhe o Imperio das agoas: o segundo despenhar-se com tanto estrondo, que os homens, que vivem junto ás Catadùpas do mesmo Rio, ouvem o doce murmurar das claras fontes entre as areas, e a branda viração do Zefyro entre as flores; e os que chegão de novo a ver aquelle precipicio de cristal, nem o grande estrondo das agoas despenhadas pôdem perceber; porque cahindo de huma rocha muito alcantilada, que tem meya legoa de altura, sobre hum profundiſſimo pego, cercado de altas, e fragosas cerras, parece hum perpetuo trovão, que atroa, e ensürdece aos estranhos, e serve de harmonia aos moradores das Catadùpas; e o terceiro, que sem chover nunca no Egypto, nem apparecerem lá outras agoas, que possão augmentar a caudalosa corrente deste grande Rio, a certos tempos enche as suas margens, e inundando os campos, os fertiliza, enriquecendo com os seus fructos a todo o Reyno do Egypto; donde vejo a dizer Plinio, que só os Egypcios não olhavaõ para o Cœ, porque não esperavaõ de lá o sustento, como os outros homens.

Todas estas tres maravilhas da Natureza tenho acha-

D. Francisc.
Man. Epanaph. I. pag.
2.

achado na liberalidade, e magnificencia, com que VOS-
SA ILLUSTRISSIMA sempre me favoreceo, porque he para mim tão antigo o seu favor, que a mi-
nha memoria lhe não acha principio, nem pelo que o
discursò, e experientia me vao mostrando, poderão os
meus olhos verlhe o fim; e quando continua as mercèes,
não só multiplica os benefícios, mas atè abre muito as
mãos, para me dar por huma vez todas as riquezas
da terra. São tão estrondosas as suas liberalidades, que
fazendo nos meus ouvidos excellente harmonia pelo cos-
tume de as receber, deixão atroados os daquellas pes-
soas, a quem novamente chega o rumor da sua despe-
nhada grandeza. E sem manifestar VOSSA ILLUSTRISSIMA o modo porque me faz tantas
mercèes, nunca cheguey ao seu lado, que não ficasse co-
mo as margens do Nilo, cheyo, e muito enriquecido
com a inundação da sua magnificencia; e desta sorte,
como os Egpcios, não tenho necessidade de olhar para
outras mãos, assim como elles não olhão para o Ceo.

Mas por iſſo mesmo devo beijar muitas vezes as
de VOSSA ILLUSTRISSIMA, por me te-
rem dado o muito, que posso; e como não sou pobre,
nem ambicioso, e a VOSSA ILLUSTRISSI-
MA sobeja, o que a grandes Senhores falta, já que
one não he necessário acabar rogandolhe muitos bens,
nem pedindo para mim novas mercèes, devo sómente
acabar agradecendo tantos benefícios, louvandolhe os
seus grandes merecimentos. Nesta obrigaçao me poz o
costume, ou estilo dos Panegyristas, que neste lugar elo-
gião as ações, e manifestão a nobreza dos seus cha-
mados Mecenas. Porém eu não quero, nem posso di-
zer de VOSSA ILLUSTRISSIMA, o que o
Mundo sabe, e só o Mundo explica; porque não ha pa-
zão de terra no Universo, aonde os seus nobilissimos, e

**

august

augustíssimos ascendentes, não tenhaõ escrito com caracteres de sangue, derramado das veyas de seus inimigos, as suas heroicas acções; sendo o Mundo todo pequeno padraõ, em que com o ferro das suas espadas esculpirão os mais verdadeiros elogios do seu valor, e nobreza.

Naõ posso porém deixar em silencio dous exemplos, hum natural, e outro politico, com que mostre ao mesmo Mundo pintada, ou retratada a agigantada fidalgaria de *VOSSA ILLUSTRÍSSIMA* pelo dedo: Ex digito Gigas, como o Leão pela unha: Ex ungue Leonem. Nasce o famoso rio Tejo no alto monte de Vallacilho, junto de Albarracin, poucas legoas distante da Cidade de Toledo, e da Corte de Madrid; e sendo o Tejo neste alto berço hum pequeno arroyo, descendo logo aos valles, e recebendo as agoas de outras fontes, que de longe o vaõ buscar para se unirem com elle, chegando a este Reyno de Portugal em figura de Dragão de prata com dentes de bronze, e de ferro, queixos de pedra, e lingoas de fogo, enveste tão furiosamente o Oceano, que naõ só o fez tremer, e sujeitar ao dominio dos Monarchas Lusitanos, mas ate lhe fez tributarios os rios de todo o Mundo. Este he o verdadeiro, e natural retrato da nobreza de *VOSSA ILLUSTRÍSSIMA*; porque nascendo no alto monte do Augustíssimo Senhor D. Ordonho II. Rey de Leão, desce o sangue Real como arroyo ao valle de Menezes, aonde a Sereníssima Senhora Infanta Dona Ximena, como fonte Real, recebeo por seu Esposo ao Senhor D. Tello de Menezes, o qual transformando-se pela uniao, e vinculo do matrimonio, na fonte que o recebera, depois desta uniao, e transformação, assim como no Tejo se naõ distinguem as agoas, que se lhe ajuntaõ, assim naquelle Real familia se naõ differen-

ferençevão os sanguess, que se unirão. Todo este sangue era muito proporcionado para ser illustrissimo principio desta familia Real ; porque o puro, e muito esclarecido sangue do Senhor D. Tello era como a mais rica tela , e o sangue da Serenissima Senhora Dona Ximena era como a mais fina purpura ; e assim como para o adorno das Monarchas a purpura , e a tela são o mais precioso entre as galas : tambem este sangue para a fidalgaria he o mais illustre entre as familias.

Por isso recebendo outra vez o sangue Real do Augustissimo Senhor D. Sancho I. e dos Excellentissimos Marquezes de Orelhana , Castro Forte , e dos Condes de Neyva , Faria , Cantanhede , e outros grandes Senhores : quando no Paço d'ElRey D. Pedro Cru de Castella corriaõ rios desse illustrissimo , e augustissimo sangue , derramado só pelas mãos Reaes , não por crimes de traçao , senão por delictos de amor , veyo correndo o dos esclarecidos Heroes ascendentes de VOSSA ILUSTRISSIMA , como o caudaloso rio Tejo para este Reyno , augmentando-se cada vez mais na Corte com a união de outro sangue igualmente puro , e bem nascido , para competir hoje no claro , e no limpo com a mesma agoa do Tejo no cristalino , e no puro , servindo de guarnição de tão ricas telas , e de tão finas purpuras , o valor , e acções heroicas dos nobilissimos , invictos , e sempre Augustos Progenitores de VOSSA ILUSTRISSIMA , os quaes não só vencerão , e conquistarão a terra , mas tambem sugeirão o mar , fazendo feudatarios à Coroa de Portugal todos os Diademas dos Mundo , como lemos diminutamente escrito nas Historias Portuguezas , e estrangeiras ; porque se não poderão escrever , nem contar todas as suas proezas , aindaque para se fazer a sua Chronica , e numerar os seus triumphos , emprestasssem

a todos os Historiadores a Esphera para papel, a
immensa grandeza do seu dilatado circulo; o Forma-
mento para letras cabidolas, o numero inumeravel
das suas Estrelas; o Ether para bradar nos clarins
pa fama toda a regiao dos ares; a terra para letras
dequenas toda a multidao das suas terras; e o mar
para tinta toda a immensidade das suas agoas.

Finalmente coroou todas estas grandes honras a
Mitra Episcopal, que *VOSSA ILUSTRIS-
SIMA* logre tantos annos, como este papel tem de le-
tras. Esta grande dignidade o constitue Principe da
Igreja, depois de nascer dos mayores Monarchas, e
Principes da Europa; e por esta causa fica *VOSSA
ILUSTRISSIMA* superior aos mesmos Senho-
res, que no sangue o igualarao; sendo maior credito
desta nova superioridade, a mercé Real, que por sorte
o preferio a muitos fidalgos benemeritos para assis-
tar, e servir a Deos na Santa Igreja, on Basílica Pa-
triarchal, que está unida com o Real Palacio, e se ve-
nера, e admira hoje em todo o Mundo; porque as elei-
ções do Augustissimo, Serenissimo, e invicto Senhor
D. JOAM V. em tudo acertadas, parece, que se
na escarpa de outros Sacerdotes, e Ministros da Santa
Igreja, e grande Basílica Patriarchal forao voluntá-
rias, a respeito da nomeação que fez de *VOSSA IL-
USTRISSIMA*, e dos Illustrissimos Conegos da
Santa Basílica, de que lhe fez mercé por carta do Se-
cretario de Estado, forao reguladas pela sorte, que
distinguo entre as familias mais fidalgas as nobrezas,
e acreditou entre as mayores virtudes o merecimento.

Elegeo voluntariamente *El Rey David* de todos os
Principes, Sacerdotes, e Levitas do Reyno de Israél, in-
numeraveis Presidentes, Ministros, Sacerdotes, e outras
muitas pessoas para servirem continuamente a Deos no
Templo.

Templo de Hierusalém, que era huma grande Basílica, unida com o Palacio do Rey : Ex his electi sunt, Paralip. 1. 23.
& distributi in ministerium domus Domini : Do- 4.
mus Domini juxta Regem, fecit etiam atrium Sa- Paralip. 2. 4.
cerdotum, & Basilicam grandem : Mas quando quiz 9.
nomear os vinte e quatro Illustrissimos Sacerdotes des-
cendentes das mais illustres, e principaes familias do
Reyno de Israel, para também assistirem naquelle Tem-
plo tão famoso, e nomeado em todas as Regiões do Mun-
do : Domus autem, ut in cunctis regionibus nomi- Paralip. 3. 22.
netur : dividio por sorteis as familias de Eleasar, e 5.
Ithamar, descendentes do Summo Sacerdote Aaraõ ;
dando não a vontade d'El Rey David, senão a sorte,
os lugares aos fidalgos mais honrados, e benemeritos
de tão grande honra, da qual lhe fez mercè por huma
carta do Secretario de Estado, que entao era Semeias,
filho de Nathanael : Porro divisit utrasque inter se Paralip. 1. 24.
familias sortibus : descripsitque eos Semeias filius 5. 6.

Nathanael scriba Levites coram Rege ; porque as no-
meações, ou nominas de Sacerdotes Illustrissimos, esco-
lhidos das mais illustres, e principaes familias do Rey-
no, para servirem a Deos no seu Templo, ou Basílica
grande : Basilicam grandem ; não haõ de ser feitas
como as dos outros Sacerdotes, e Ministros, só pela
vontade Real, senão pela divisão, e distribuição das
sortes, que prefirão tanto as qualidades das familias,
como os merecimentos dos benemeritos : Divisit utras-
que inter se familias sortibus : os outros Ministros,
e Sacerdotes, elege-os a vontade, e o agrado do Rey :
Ex his electi sunt ; porém os Sacerdotes Illustrissimos
distingue-os a sorte, que mysteriosamente examina a
qualidade da nobreza, e a justiça do merecimento : Di-
visit utrasque inter se familias sortibus. Por este mo-
do dividio o Augustissimo Senhor D. J O A M V. os
vinte.

vinte e quatro *Illustriſſimos Conegos da Santa Bafílica Patriarcal*, escolhendo-os conforme a forte do seu merecimento, e da sua fidalguia os distinguia: Diviſit utrasque inter se familias fortibus; para que deſte modo escolhidos os mais nobres, e mais dignos, aſſiſſem, e ſerviſſem a Deos dentro no Templo, ou Bafílica grande, que eſtā unida com o ſeu Real Palacio: Domus Domini juxta Regem, fecit Bafilicam grandem. Taõ grande, e taõ celebrada Bafílica no Mundo, pelos clarins da fama, como foy o Templo d'ElRey Salamaõ, merecendo pela ſua grande riqueza, magniſcencia, e Mageſtade fer nomeada em todas as regiões do Universo: Domus autem, ut in cunctis regionibus nominetur. Para eleger tantos Sacerdotes, e Miniftriſ da Santa Bafílica Patriarcal, com a ſua Real vontade fez o noſſo grande Monarca huma acerta-da eleiçāo: Ex his electi ſunt; mas para nomear, e para escolher a *VOSSA ILLUSTRISSIMA*, e aos *Illustriſſimos Conegos da Santa Igreja*, dividio, ou diſtinguo primeiro as principaes, e mais illuſtres familias de Portugal, e depois ſéparou dentro nellas os benemeritos com as fortes, que mysteriosamente cahirão ſobre os maiores merecimentos: Diviſit utrasque inter se familias fortibus, e deſta escolha, e dignidade lhe fez mercè por carta escrita tambem pelo Secretario de Estado: Discripſitque eos Semeias ſcriba co-ram Rege. Para que veja, e conheça o Mundo, que a eleiçāo, ou escolha, que Sua Mageſtade fez da Pefſoa de *VOSSA ILLUSTRISSIMA*, para ſervir a Deos na Sacroſanta Bafílica Patriarcal, he igualmente elogio da ſua nobreza, e panegyrico do ſeu merecimento; porque ſe o ſeu merecimento não fora taõ grande, e a ſua nobreza taõ illuſtre, não ſeria eleito, ou escolhido entre muitos pela forte, para poſſuir com a Mitra

■ Mira Episcopal o titulo de *ILLUSTRISIMO*.

Com esta nobreza tão calificada, com esta dignidade tão grande, e com esta sabedoria tão consummada, podera *VOSSA ILLUSTRISSIMA* ser a inveja dos Nabucos, dos Darios, dos Alexandres, e dos Julios Cesares, se hoje chegasssem a ver, o que o Mundo não comprehende, mas vê, e admira; porque emprendendo estes Monarchs a Conquista do Mundo, e aspirando à gloria da divindade, não chegaraõ a ser divinos, nem conseguiraõ como *VOSSA ILLUSTRISSIMA* o absoluto dominio sobre todos os Reys, Monarchs, e Emperadores da terra. He verdade, que a mayor cousa, que vio o Mundo depois de si mesmo, e do seu Criador, quando feito homem remio o genero humano, forão os quatro Imperios dos Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos, representados primeiro nos quatro metaes da Estatua de Nabuco, aos quaes succedeo o quinto Imperio de Christo, figurado na mysteriosa Pedra, que derrubou a Estatua, e cresceo de sorte sobre as suas cinzas, que encheo, e occupou toda a redondeza da terra. O primeiro Imperio principiou em Nabucodonosor Rey dos Assyrios: o segundo em Dario Rey dos Persas: o terceiro em Alexandre Magno Rey dos Gregos; e o quarto em Julio Cesar Supremo Dictador dos Romanos. Nabucodonosor duvidou que houvesse outro Deos senão elle, ou se atreveo a competir com o Deos verdadeiro, quando disse a Sidrach, Misach, e Abdenago, que Deos os poderia livrar das suas mãos? Mas por castigo da sua soberba, e arrogancia, o castigou Deos, lancando-o fóra da companhia dos homens, e convertendo-o em hum bruto. Dario ordenou por hum Decreto, ou Edito, que ninguem por certo tempo pedisse mercês a Deos, nem aos homens, senão a elle, com pena de que seria lançada no lago dos Leões

Leões toda a pessoa, que fizesse o contrario, como
succedeu ao Propheta Daniel, por fazer oração a Deos;
mostrando com este castigo, e Decreto, que elle só era
mayor, e mais poderoso, que todos os Deoses, e homens.
Alexandre Magno, sendo filho não de Philippe Rey de
Macedonia, e de sua mulher Olympias, mas de Olympias,
e de hum profugo, e humilde Egypcio chamado
Nectanabo, foy reputado por filho do Deos Jupiter;
porque Olympias para occultar o adulterio, fingiu, que
esta fabulosa Deidade suprirra no thalamo a ausencia de
Philippe; e Julio Cesar, chamado tambem Julio Magno,
sendo hum homem particular de Roma, passando
a Espanha pela aspereza dos Alpes, chegou a huma
pequena, e pobrissima povoação daquelles soberbos mon-
tes, e desejou mais ser o primeiro naquella Aldea, do
que o segundo em Roma; e aindaque depois de tantas
batalhas gloriosamente vencidas, foy o primeyro entre
os Emperadores Romanos, não conseguiu ser divino en-
tre os Deoses, aindaque depois da sua morte o divini-
faria os Romanos, crendo, e publicando, que o Come-
ta, que appareceu depois de o matarem ás punhaladas no
Senado, era a alma de Cesar collocada no Ceu entre as
Estrellas; mas todos estes grandes Monarchas, se atre-
vidamente competiram com Deos, como Nabuco, e
Dario, ou se lhe attribuio falsa divindade, como ao
grande Alexandre, e Julio Cesar, não forão, nem
podiaão ser Deoses. Porém a divindade, que não conse-
girão os Cesares, Alexandre, Darios, e Nabucos,
ainda que Reys, e Emperadores do Mundo, alcançou
VOSSA ILLUSTRISSIMA, dominando com
mais absoluto dominio sobre todos os Reys, e Empera-
dores da terra.

Tanta diferença faz o Direito Canonico entre a dig-
nidade Ecclesiastica, e a dignidade Real, e Imperato-
ria,

ria, como entre o chumbo, e o ouro : Aurum non
tam pretiosius est plumbo, quam Regia potestate
est aliorum dignitas Sacerdotalis. Bem confessou a su-
perioridade dos Bispos, e Ecclesiasticos sobre todos os Mo-
narchas o Emperador Constantino Magno, quando se
celebrou o Concilio Nisseno ; porque esteve em pé no meyo
do pavimento com a cabeça descuberta, esperando, que
todos os Ecclesiasticos se assentassem, para elle a sens pés
tomar depois assento, em hum pequeno, e humilde ban-
co, como se refere na Historia Tripartita ; porque o ma-
yor Emperador do Mundo não tem dignidade igual à
do Sacerdote : Imperator non est dignior Sacerdo-
te ; Por isso Constantino não tomou conhecimento da in-
juria, que o Arcebispo de Myra S. Nicolao fez nessa oc-
casão à Magestade Cesarea, dando na sua presença, e
de todo o Concilio, huma grande bofetada no Heresiari-
cha Arrio ; mas dimitio aos Ecclesiasticos como inferior
e conhecimento desta afronta, para que elles castigas-
sem o delicto, do qual absolveraõ o Rey dos Reys, Se-
nhor dos Senhores, o Summo Sacerdote, e Pontifice Su-
premo da Igreja Catholica f E S U Christo, e a Em-
peratriz dos homens, e dos Anjos MARIA Sanctissi-
ma ao inocente, e santo Prelado ; para que se visse
que os Ecclesiasticos não tem outro superior se não a
Cabeça da Igreja.

Mais fazia, e muito mais venerava os Ecclesiasticos, do que o grande Constantino, Boleslao Rey de Po-
lonia ; porque nunca se assentou diante dos Sacerdotes,
como escreve Cromero. Até nos Sacerdotes dos Gentios Cromer. lib. 3. Histor.
havia esta superioridade sobre os Reys, e Emperadores do Mundo, como ao Emperador Cavo Augusto escre-
veo El Rey Agrippa, segando lemos em Philo Hebreo. Phil. lib. de
Por isso Santa Isabel Augustissima Rainha de Hun- leg. ad Ca-
grid, e Santa Hedwiges Duqueza de Polonia se prof- yum.
travaõ

Lud. Blof.
lib. 20. de si-
gn. Eccles.
cap. 5.

Laur. Sur. in
13. Aug. V.
H. Engelgr.
in Cæl. Em-
pyr. Tom. 1.
in fest. An-
nunt. B. V. S.
2.

Ut expresse
trudit Specu-
lat. tit. de Ref-
cript. præ-
sent. §. 9. n. 2.
ibi. Maxim.

travaõ de joelhos diante dos Sacerdotes para os vene-
rarem, e beijarem a terra, que elles pizavaõ, confor-
me escreve Ludovico Blofio. A Christianissima Rai-
nha de França Santa Radegundes, esposa de Clotario
Rey daquelle Monarchia, variia com as suas Reaes,
e preciosas galas o pô, que aos Sacerdotes cahia dos ca-
patos, quando celebravaõ o sacro santo Sacrificio da

Missa. Com esta humilde, e devota piedade honravaõ as
Magestades, e Altezas aos Ecclesiasticos, e Sacerdo-
tes, confessando, e publicando com estes Catholicos ob-
sequios a sua grande superioridade sobre os Reys, e Em-
peradores do Mundo. Assim o confessou tambem o Em-
perador Maximo, quando em hum banquete, para que
convidou ao Pontifice S. Martinho, lhe deu por sua
propria mão huma taça cheia de vinho para beber,
esperando, que Sua Santidade o honrasse, dandolhe
tambem com a sua mão o copo para que bebesse; porém
o Santo Padre, depois que provou o vinho deu a taça
com elle a hum pobre Clerigo, que estava entre os Prin-
cipes do Imperio, que assistiaõ à mesa; e assim o Em-
perador, como todos os Senhores que estavaõ presentes,
louvarão muito, que o Summo Pontifice preferisse à
Magestade Cesarea a dignidade Sacerdotal; poden-
do entao dizer todos com verdade, e discrição: Ma-
ximus laicus minor est minimo Clerico. Com ma-
ior honra recebeo, e hospedou Pepino Rey de França ao
Papa Estevão III. quando retirado de Roma, se foy valen-
da sua protecção contra Aistulpho Rey dos Longobar-
dos; porque o mandou esperar aos confins do Reyno, e
conduzir para a Corte por seu filho Carlos Magno, que
depois foy Emperador; e o mesmo Rey de França san-
hio tres milhas fora de Pariz a esperar, e para re-
ber a Sua Santidade; e chegando à sua presença, des-
montado do seu cavallo, beijou o pé ao Summo Pon-
tifice

tifice, e a pè foy levando, e guiando pela redea o cavollo, em que hia montado o Papa, e com esta honra, e veneraçao o donatizao ao seu Real Palacio, como se le na Historia Imperial, na vida do Emperador Constantino V. Ainda fez mais o grande Emperador Rodolpho I. quando apeando-se do seu coche, o deu a hum Sacerdote, que caminbando a pè, levava para grande distancia o Sagrado Viatico a hum enfermo. Ignorando esta superioridade do Sacerdocio, ou desprezando a dignidade Ecclesiastica a soberbissima Imperatriz Eusebia, mandou chamar ao Paço de Constantiopolis com grande imperio ao Santo Bispo Leoncio, para com elle tratar hum negocio de importancia; porém o Santo Prelado lhe mandou dizer, como escreve o Eminentissimo Cardeal Cesar Baromio, que elle hiria fallar-lhe, se quando elle chegasse ao Paço, viesse 3. Anno 325. Baron. Tom. Emperatriz buscalló, ou recebello à porta com toda reverencia, e cortezia, ficando a Imperatriz em pè, depois que elle se assentasse, e que não se assentaria Eusebia na sua presençā, sem que primeiro Leoncio o mandasse, e lhe deitasse a sua bençāo. Não era soberba esta soberania de Leoncio, era regalia da sua dignidade; porque quando os Sacerdotes estiverem na presençā das Senhoras mais illustres haõ de estar assentados, e ellas em pè, por elles serem Anjos, e ellas mulheres. Muito illustre mulher era a Magdalena, por ser huma das mais nobres Senhoras da Corte de Hierusalem, e quando no sepulchro esteve na presençā dos Anjos, e conversando com elles, ella esteve em pè, e os Anjos assentados: Maria autem stabat ad monumentum foris plorans. Dum ergo staret, inclinavit se, & prospexit in monumentum: & vidiit duos Angelos in albis sedentes. E assim devem estar em pè as Senhoras na presençā dos Sacerdotes, por serem Anjos,

*** ij

Anjos, como lhes chama o Propheta Malachias : Labia Sacerdotis custodiunt scientiam, & legem requirent ex ore ejus, quia Angelus Domini exercituum est ; Por isso Lconcio justamente dava Leys à Imperatriz Eusebia, que ella devia receber em pé, como mulher, estando elle assentado como Anjo. Não se escandalizem as Senhoras da nossa Corte, que hoje se vem adoradas até dos Sacerdotes, que com errada politica as comprimentaõ de joelhos, quando ouvirem, ou lerem, que devem estar em pé diante dos Sacerdotes, que na sua presença estiverem assentados ; porque os mesmos Anjos não permitem, nem consentem que os adorem os Sacerdotes, e à vista dos Sacerdotes estão em pé os mesmos Anjos. No Templo de Hierusalem appareceau hum Anjo ao Sacerdote Zacharias, mas em pé (por veneração do Sacerdócio) esteve aquelle Espírito Angelico : Sacerdos quidam nomine Zacharias cum Sacerdotio fungeretur. Apparuit autem illi Angelus Domini, stans à dextris altaris incensis ; e querendo S. João adorar hum Anjo, que no sexo Apocalypse lhe appareceo glorioſo : Cecidi ut adorem ante pedes Angeli ; o mesmo Anjo o impedio, porque pelo Sacerdócio era tambem Anjo S. João, como também são Anjos os mais Sacerdotes : Vide ne feceris, conservus enim tuus sum, & fratrum tuorum Prophetarum. Vejaõ agora as Senhoras feitas do barro de Adão, se merecem ser adoradas pelos Sacerdotes, de cuja adoração são indignos os Anjos ? E se alguma dellas desvaneçida da sua belleza, e fidalguia imagina que he hum Anjo na fermosura, e nobreza, e pretende por nobre, e por fidalga ser até dos Sacerdotes adorada ; advirta, que Lucifer que foy Anjo, e intentou que o adorasse o Summo Sacerdote : Si cadens adoraveris me : tu es Sacerdos in æternum, he o maior de todos os Demonios. Esta

Luc. t. 5. 8.

12.

Apocalyp. 22.9.

Esta lhe a razão altissima porque Santo Agostinho
depois de mostrar, que os Sacerdotes são superiores ao
Céo, mais perfeitos, que o Sol, mais puros que a Lua,
e mais ilustres, que as Estrelas: accrescenta, que são
mais discretos, que os Anjos, mais sublimes, que as
Dominações, e sómente a Deos inferiores: Oh Sacer- D. Aug. apud
dos Dei, si altitudinem Cæli contemplaris, altior. Dionys. Paul.
es: Si pulchritudinem Solis, Lunæ, & Stellarum, in suo flore.
pulchrior es: Si discretionem Angelorum, discre- part. 2. num.
tior es: Si omnium Dominaorum sublimitatem, su- 86.
blimior es: Solo tuo Creatore inferior es. Até aqua
se atreveo a dizer o Salamão da Ley nova Santo Agos-
tinho; porém o mesmo Deos disse o mais, que não se
atreveo a dizer o subtilissimo Doutor, e grande Lu-
me da Igreja; porque disse por boca de hum Propheta
Rey, que os Sacerdotes erão Deoses: Ego dixi Dii Psal. 81. 6.
estis; porque são Deoses na grandeza, Deoses na Ma- Vieir. Part.
gestade, Deoses no poder, Deoses na adoração, e tam- 1. fol. 98.
bem Deoses no nome: Dii. Bem vejo, como diz o gran-
de Padre João Paulo Oliva; que faz passar partici-
parem os homens do titulo da Divindade: Stupet enim Patr. Oliva
divinitatis titulum hominibus communicatum; mas Strom. Tom.
todos estes passos, e admirações suspende dizzello por 1. fol. 143.
boca de David o mesmo Deos: Ego dixi; Por esta
razão lhe chamou também Deoses o Emperador Con-
stantino Magno, dando-lhe o nome que Deos lhe tinha
posto: Vos Dii estis à Deo constituti; o que appro- Div. Gregor.
vou, porque o refere o grande Pontifice, e Oráculo da Papa lib. 4.
Igreja Católica Romana S. Gregorio Papa. A con- Epist. ad
templação, e exclamação do mesmo Santo Agostinho Maur.
ainda exalta mais a dignidade Sacerdotal; porque ele-
va a tanta honra os Sacerdotes, que os faz Progeni-
tores, como a Virgem MARIA Senhora nossa, do
seu Filho, o Divino Verbo, JESU Christo, Filho
de

Div. Aug. in *de Deos* : Oh veneranda Sacerdotum dignitas , in lib. de digni- quorum manibus Dei Filius velut in utero Virgi- tat. Sacerdot. nis incarnatur ! *De maneira* , que proferidas as palavras da consagração , ficaõ os Sacerdotes sendo de hum certo modo Pays do mesmo Filho de Deos , assim como MARIA Santissima he sua Mäy ; porisso a Igreja na Missa do Sacramento põem o mesmo Prefacio do Natal : Per incarnati Verbi mysterium , nova mentis nostræ oculis lux tuae claritatis infuslit ; porque assim como o Divino Verbo tem no dia de Natal a MARIA Santissima por Mäy , na instituição da Eucaristia tambem tem aos Sacerdotes por Pays ; e daqui se segue , que sendo a Virgem MARIA Senhora nossa Mäy do Filho de Deos ; e sendo tambem os Sacerdotes Pays do mesmo Filho , ficaõ os Sacerdotes tambem sendo esposos daquella Soberana , e purissima Virgem , de queiu o Espírito Santo tanto se preza de ser Espôso :

Cantic. 9. 10. Vulnerasti cor meum soror mea Sponsa. Assim o disse o Beato Alano em nome do Divino Verbo , fallando

Alan. Part. 4. dos Sacerdotes : Cum itaque tali ratione Sacerdotes cap. 26. Serm. 2. fiant mihi quodammodo Patres , par est , ut eandem mecum sortiantur mihi Matrem MARIAM , &

in Sponsam acceperint. Mas na mesma fecundidade , com que os Sacerdotes gerão , como MARIA Santissima , ao mesmo Filho de Deos , gozaõ os Sacerdotes de prerrogativas , e excellencias mayores , que as da mesma Mäy de Deos ; porque a Mäy de Deos concebeo ao Verbo Divino , como dizem os Theologos tanquam

S. Bernardin. passivè se habens ; e os Sacerdotes o gerão , e produzem agendo activè nas palavras da consagração . A de Sena in Mäy de Deos concebeo ao Filho , quando disse : Fiat Serm. 20. fe- mihi secundum Verbum tuum ; e os Sacerdotes o gerão , riæ 3. post. quando effectivamente proferem : Hoc est enim Domin. 2. Corpus meum ; e não há duvida , que he mais no- Quadrag. c. 7. bre

bre modo de obrar o activo, do que o passivo. A M^ãy de Deos, quando concebeo o Verbo Divino, obrou com maior dilaçao, proferindo oito palavras: Ecce, Ancilla, Domini, fiat, mihi, secundum, verbum, tuum; e os Sacerdotes, quando gerão o mesmo Filho de Deos obrão com mais brevidade, proferindo sómente cinco palavras: Hoc, est, enim, Corpus, meum. A M^ãy de Deos, nos primeiros instantes, em que concebeo ao Verbo Divino, não excedia o Corpo de Christo, conforme ensina depois de S. Paulo. Santa Thomaz, a grandeza de huma Abelha, e os Sacerdotes, quando o produzem com as palavras da consagração, he na mesma grandeza, com que Christo resuscitou glorioso, e reyna triumphante no Ceo. A M^ãy de Deos gerou a Christo mortal, passível, sujeito como homem a fomes, frios, sedes, dores, angustias, lagrimas, e trabalhos; e os Sacerdotes, quando consagrando a Hostia, gerão de novo a Christo, fica o Senhor impassível, immortal, e glorioso. A M^ãy de Deos finalmente, aindaque agora quizesse conceber de novo ao Verbo Divino, proferindo as mesmas palavras do seu consentimento; de nenhum modo tornaria nella a encarnar o Divino Verbo; e os Sacerdotes pôdem gerar tantas vezes ao Filho de Deos, quantos são os dias; e cada dia o poderião gerar muitas vezes, se lhe fora licito. Mais: A M^ãy de Deos, quando por virtude das palavras do seu consentimento gerou a Christo, foy individualmente em huma só entidade natural, dentro de suas purissimas entradas, e não multiplicado nellas, ou reproduzido em muitos corpos; e os Sacerdotes em hum só acto, com a mesma prolação das palavras da consagração, pôdem gerar ao mesmo Filho de Deos em milhares, e milhares de Hostias, ficando em cada huma dellas realmente o mesmo Christo. Porém não he o mais admiravel, que

que os Sacerdotes levem nesta grande prerrogativa algumas vantagens à Māy de Deos, quando ao Eterno Pay no modo de obrar excedem os Sacerdotes.

Mais fazem os Sacerdotes proferindo as palavras da consagração, do que fez o Eterno Pay creando com aquelle seu prodigioso Fiat tantos milhares de Anjos, e toda esta grande, e ferna machina do Universo; porque o Eterno Pay tudo o que creou com o seu Fiat, he temporal, transitorio, finito, ou limitado; mas o que os Sacerdotes produzem quando consagrão a Hóstia, he eterno, incorrupto, immortal, e infinito, por ser o mesmo Filho de Deos. Por isso alguns Theologos dizem, ou ensinão, que a dignidade Sacerdotal não só he Divina, mas infinita; porque se conforme a don-

D. Thom. 1. trina do Angelico Doutor Santo Thomaz, toda a cau-
Part. Quest. sa porque a dignidade de ser Māy de Deos he em MA-
25. Art.6. RIA Santissima infinita, resulta, e provem do ser de Māy pelo respeito que diz ao Filho, e da grandeza do Filho se collige a grandeza, e dignidade da Māy; como não pode haver Filho mayor do que Deos, sendo MÁRIA Santissima Māy de Deos, não he possivel a Deos fazer outra melhor Māy: Beata Virgo (diz Santo Thomaz) ex hoc, quod est Mater Dei, habet quandam dignitatem infinitam ex bono infinito, quod est Deus, & ex hac parte non potest aliquid fieri melius ei, sicuti non potest aliud melius esse Deo. Ao ponto agora. Se no constitutivo dos Sacerdotes entra também o Sacrificio, sendo o Sacrificio do Altar o mesmo Deos; segue-se, que assim como a Deos lhe não he possivel poder fazer melhor Sacrificio, também não pode fazer melhores Sacerdotes. Veja agora V.O.S.S.A IL L U S T R I S S I M A, qual he a sua grandeza pela dignidade Sacerdotal, que só ella empobreceo a Omnipotencia Divina; porque se o ser. Sa-

Sacerdote , he huma dignidade tão grande , pelo respeito que diz ao Sacrificio , que celebra ; sendo o Sacrificio infinito , infinito fica tambem sendo o Sacerdote , como da Māy de Deos affirma o Doutor Angelico. E como Deos não pôde fazer melhor Māy , do que MARIA , mayor Sacrificio , do que o da Eucaristia , nem Sacerdotes mais perfeitos , que os da Igreja Catholica ; sendo VOSSA ILLUSTRISSIMA Sacerdote da Igreja Romana , que celebra tão grande Sacrificio , não pode o mesmo Deos fazer mayor Sacerdote , nem criar mayor Dignidade , que a de VOSSA ILLUSTRISSIMA.

Naõ comparo agora a VOSSA ILLUSTRISSIMA com os Nabucos , Darios , Alexandres , Cesares , e outros Monarchas , e Emperadores do Mundo , por naõ offendre a sua grande Dignidade , igualando o infinito com o limitado , e o Divino com o humano ; mas naõ deixarey de ponderar , que competindo Nabuco com Deos , ficou Nabuco convertido em bruto , e depois que reconheceu a Deos , como Superior a todos os habitadores da terra , foy restituido ao throno como Emperador : intentando Dario empobrecer a Omnipotencia Divina , prohibindo que se lhe pedissem mercês , para Deos naõ poder fazer benefícios ; naõ impedio , que a Divina Omnipotencia livrasse a Daniel do lago dos Leões : aspirando Alexandre a ser Divino , como Filho do Deos Jupiter , naõ conseguiu a Divindade entre os Deoses do Olympo , senão que de Olymrias fosse publica a humanidade ; e fingindo os Romanos , que Cesar depois de morto fora collocado no Ceo entre as Estrelas , quando o fingimento chegasse a ser verdade , nunca podia ser Deos hum Cometa. Porém VOSSA ILLUSTRISSIMA com a sua grande Dignidade , sendo mais alto , que o Ceo , mais luzido , que

do, que o Sol, mais claro, que a Lua, e mais illustre, que as Estrelas : Si altitudinem Cæli contemplaris, altior es : si pulchritudinem Solis, Lunæ, & Stellarum, pulchrior es : não só escurece a luz do Cesareo Cometa, mas tem debaixo de seus pés ao mesmo Cesar : com a sua grande Dignidade, sendo não só Deos : Dij estis, mas Filho de Deos : Dedit eis potestatem filios Dei fieri, e Progenitor de seu Unigenito Filho, excede ao grande Alexandre, aindaque fora, não filho de Nechanabo, e de Olympias, senão do mesmo Jupiter ; porque Jupiter he hum Planeta inferior às Estrelas do Cœo, sobre as quaes collocou a *VOSSA ILLUSTRISSIMA Santo Agostinho* : Si altitudinem Cæli contemplaris, altior es : com a sua grande Dignidade empobrecendo, e exaurindo a Omnipotencia de Deos, vence *VOSSA ILLUSTRISSIMA a Dario* ; porque Dario não pode impedir, que Deos obrasse milagres, e fizesse a Daniel os maiores beneficios ; e com a grande Dignidade Sacerdotal estaa como inhibidos os poderes de Deos, por não poder fazer maiores Sacerdotes, nem sacrificios : finalmente com a sua grande Dignidade competindo humildemente com Deos, e produzindo *VOSSA ILLUSTRISSIMA* com cinco palavras em huma Hostia ao mesmo Deos, eerno, incorrupto, immortal, e infinito, quando Deos com a sua palavra Fiat tão poderosa, e Omnipotente, só creou humas creaturas temporaes, transitorias, mortaes, limitadas, e finitas : triumpha tambem de Nabuco, a quem Deos converteo em bruto, por querer sendo homem, ser como Deos. Mas que muito be, que por querer hum homem soberbo ser como Deos, o transforme Deos em bruto ; se por este grande atrevimento, converteo Deos a Lucifer em Demonio, sendo Lucifer hum Seraphim ! Porém daqui infiro eu agora, que

que perdendo Lucifer a cadeira , que tinha no Ceo ,
e sendo arrojado à terra por indiscreto , ou nescio :
Perdidisti sapientiam tuam in decore tuo , in terram Ezech. 28.
projeci te ; sendo VOSSA ILLUSTRISSIMA ¹⁷.
mais sabio , ou mais discreto do que Lucifer , e todos
os Anjos , e exaltando-o a sua Dignidade sobre o Ceo :
Si altitudinem Cæli contemplaris , altior es : si dis-
cretionem Angelorum , discretior es : alcançarà no
Ceo por esta indiscriçao , sabedoria , e exaltaçao a mes-
ma cadeira , que Lucifer lá perdeu.

Prometeo Deos aos filhos de Israel , quando hou-
verão de entrar na Terra de Promissão , que todo o lu-
gar que ne la pizassem seria seu : Omnen locum , quem Josue. 1. 3.
calcaverit vestigium pedis vestri , vobis tradam. A
Terra de Promissão era figura do Ceo ; e desta pro-
messa de Deos infere Origenes , que quem vencer a
Lucifer , e o meter debaixo dos pés , alcançarà no Ceo
o seu lugar , ou cadeira : Lucifer sedem habebat in
Cælis ; postea verò quam factus est Angelus refu-
ga , si eum vincere potero , & subjecere pedibus meis ,
consequenter locum Luciferi merebor in Cælis. E
se he consequencia fundada na promessa Divina , que a
cadeira de Lucifer perdida pela soberba , ignorancia ,
e indiscriçao , só a conseguirà aquelle , que sendo mais
discreto do que Lucifer , o meta debaixo dos pés , ven-
cendo com a sua discreta sabedoria , a sua soberba ig-
norancia , com a humildade Christâa , a sua diabolica
soberba , e com a exaltaçao da dignidade Divina , o seu
precipicio diabolico : tendo VOSSA ILLUSTRIS-
SIMA como Sacerdote collocado no Ceo , a Lucifer
metido debaixo dos pés , como despenhado , e arrojado
na terra , e vencendo a sua diabolica ignorancia , com
a sua Catholica sabedoria , e abatendo com huma-
Christâa humildade , a soberba mais diabolica : a
*** ij VOS-

~ ~ ~
VOSSA ILUSTRISSIMA se deve, conforme a promessa Divina, a cadeira, que Lucifer perdeu no Céo.

Toda esta grande honra, e felicidade, que VOSSA ILUSTRISSIMA possue como Sacerdote, conseguiu tambem, e com muita especialidade, como Conego da Santa Igreja Patriarchal, e com a Dignidade de Bispo; porque esta Dignidade, e honra o exalta tanto sobre os Monarchas da terra, que juntamente o coroa no Céo, para de tão supremo lugar, dominar, e reynar sobre todos os Monarchas, Emperadores, e Reys do Mundo. Vio o Evangelista S. João huma Igreja, ou huma Sé collocada no Céo, que tinha à sua vista hum mar crystalino como vidro, e diante do seu throno ardiaõ sete alampadas: Ecce sedes posita erat in Cælo: & septem lampades ardentes ante thronum: & in conspectu sedis tamquam mare vitreum simile crystallo. Na circumferencia desta Sé havia vinte e quatro thronos, ou assentos, em que se assentavaõ vinte e quatro Anciãos, coroados com Mitras Episcopæs, ou Coroas de ouro: Et in circuitu sedis, sedilia viginti quatuor: & super thronos viginti quatuor seniores sedentes, & in capitibus eorum coronaæ aureæ. Estes vinte e quatro Anciãos declarou S. João, que eraõ Sacerdotes, que reynavaõ, e dominavaõ sobre a terra: Fecisti nos Deo nostro Regnum, & Sacerdotes, & regnabimus super terram, e sendo Reys que dominavaõ, e reynavaõ, eraõ tambem o Reyno de Deos: Fecisti nos Deo nostro regnum. Por este Céo, que no sentido literal he o Empyreo: Sedes posita erat in Cælo, entenderão Aureolo, e Lyra a Igreja Militante, pela Sé a Santa Igreja Romana, em que preside o Summo Pontifice, Vigario de Christo, e pelas vinte e quatro Anciãos

Joann. Apoc.
4.2.5.9.

Apoc. 5. 10.

Anciãos todos os Bispos da Igreja, como se pôde ver
em Sylveira: Cælum est Ecclesia militans: Dei se- Sylveira in
des Ecclesia Romana, in qua sedet Summus Pon- Apoc. cap. 4.
tifex, tanquam Christi Vicarius: viginti quatuor quæst. 13. n.
seniores sunt omnes Episcopi. Porém Menochio, Pe- 101. fol. 290.
reira, e Cornelio Alapide entendem pelos vinte e qua-
tro Anciãos os mais insignes, e illustres Santos da ce-
lestial Curia, a quem o Evangelista chamou Velhos por
respeito da sua antiguidade, gravidade, sabedoria,
prudencia; e em significação da sua innocencia, e pu-
reza, os descreve vestidos de branco: Per hos virgin- Sylveir. ibid.
ti. quatuor seniores intelliguntur insigniores, & il- num. 105. fol.
lustriores Sancti cælestis Curiæ: dicuntur autem se- 291.
nes ob suam antiquitatem, gravitatem, sapientiam,
ac prudentiam, sicut & vestiti albis ob innocen-
tiam, & puritatem. Mas por esta Curia celestial, e
por este Reyno do Ceo, de que em varias partes falla
a Escritura, se deve entender algumas vezes a Igreja
do tempo presente, como ensina S. Gregorio Papa: Scien- D. Gregor.
dum nobis est, quod sæpe in sacro eloquio Reg- Pap. in Ho-
num Cælorum præsentis temporis Ecclesia dicitur. Mi- mil. 12. in
Sendo pois esta Igreja, ou Sé posta no Ceo, a Sé, Igre- Matth. 25.
ja, ou Curia, que no tempo presente tambem vemos
estabelecida na terra, à vista de hum mar crystalino
como vidro, semelhante ao crystal, alumeadas com sete
alampadas, que ardem continuamente diante do throno,
aonde vinte e quatro insignissimos, e illustrissimos Co-
negos Anciãos, Sacerdotes, coroados com Mitras, co-
mo Bispos, tem vinte e quatro cadeiras, assentos, ou
thronos em que se assentão: com nenhuma Igreja, ou
Sé tem mais semelhança, do que com a Santa Igreja
Patriarchal; porque tem à vista o mar, e o tejo que
be quasi mar: In conspectu sedis tanquam mare;
e na Capella Mayor tem sete alampadas ardendo conti-
nuamente

nuamente diante do throno : Septem lampades ante thronum, e como VOSSA ILLUSTRISSIMA he hum dos vinte e quatro insignissimos, e illustrissimos Sacerdotes, ou virtuosos, e Santos Bispos Anciãos desta celestial Curia : Insigniores, & illustriores cælestis Curiæ : estando como elles assentado cà na terra sobre o seu throno, tambem està coroado, e assentado em huma cadeira là no Ceo, para de tão alto lugar reynar não sómente sobre a terra : Regnabimus super terram; mas tambem para que sendo o Reyno de Deos: Fecisti nos Deo nostro regnum ; domine , e impere sobre os Reys , Monarchas , e Emperadores do Mundo, segundo escreve o Doutor Maximo S. Hieronymo:

D. Hiero-
nym. in cap.
Duo sunt ge-
nera 12.
quæst. 1.

Hi namque sunt Reges, idest, se & alios in virtutibus regentes ; & ita in Deo regnum habent , & hoc designat corona in capite. Com estas virtudes, com o Sacerdocio, com a dignidade de Bispo , e com o dominio de Rey, domina VOSSA ILLUSTRISSIMA tudo quanto abaixo do Ceo, e do seu Creador, vive , e reyna cà na terra : Regnabimus super terram. Porque conforme escreve Sylveira commentando este Texto, tem VOSSA ILLUSTRISSIMA este dominio sobre o Sagrado, e profano, e tanto no Ecclesiastico , como no politico : Constituisti nos universales principes Ecclesiæ , quia tam Sacra , quæm profana , tam Ecclesiastica , quæm politica curemus , atque administremus super terram. Na terra domina sobre os Anjos, e Lucifer , que cabirão do Ceo : na terra domina sobre Nabuco , e o Imperio dos Assyrios: na terra domina sobre Dario , e o Imperio dos Persas : na terra domina sobre Alexandres , e o Imperio dos Gregos : na terra domina sobre Cesar , e o Imperio dos Romanos ; e na terra domina sobre todos os Reys, e Monarchas , que hoje mandaõ , e governaõ o Mundo;

Mundo ; porque VOSSA ILLUSTRISSIMA, e os Senhores Conegos da Santa Basílica , saõ Reys, que possuindo , e governando o Reyno de Deos , imperaõ sobre todos os maiores Reys , e Emperadores do Universo : Fecisti nos Deo nostro regnum , & Sacerdotes , & regnabimur super terram. E desta sorte se estabeleceu na Sacrosanta Basílica Patriarchal o quinto Imperio do Mundo , e de Christo ; porque he Reyno de Deos , e do Ceo , prometido por Christo ao primeiro Rey de Portugal , para elle , para seus descendentes , e para o mesmo Christo.

Todos sabem que o Reyno de Deos , e do Ceo , he o Imperio quinto , que succedeu aos quatro Imperios dos Assyrios , Perfas , Gregos , e Romanos : In diebus Daniel. 2. 44. autem regnum illorum suscitabit Deus Cæli regnum. Não he este Reyno , ou Imperio o de Alemanha , nem outro algum dos que ategora adquirio o valor , ou repartio a fortuna ; mas he hum Imperio novo , maior que todos os passados , não de huma só nação , ou parte do Mundo , mas universal , e de toda a terra. He certo , que ha de haver este Imperio ; porque confita esta verdade de muitos lugares da Escritura. Nabucodonosor aquelle grande , e soberbo Monarca dos Chaldeos , ou Assyrios , poz-se huma noite a considerar , se o seu vastíssimo , e dilatado Imperio , seria perpetuo , ou se depois delle succederião outros no Mundo ; e adormecendo com estes pensamentos , e cuidados , vio em sonhos aquella famosa , e prodigiosa Estatua , cuja cabeça era de Ouro , o peito de Prata , o ventre de Bronze , e dabi ate os pés era de Ferro , e barro : vio tambem , que huma Pedra descida do alto , dando nos pés da Estatua , a derrubava , e desfazia em pò ; e a mesma Pedra crescendo , se augmentava , e dilatava de sorte , que ficava como hum alto monte , e de tanta grandeza , que

que enchia , e occupava toda a terra. Este soy o mysterioso sonho de que Nabuco totalmente se esqueceo , atè que o Propheto Daniel lho trouxe à memoria , declarandolhe tambem a sua significação. A cabeça de Ouro (disse Daniel) significa o primeiro Imperio , que he o dos Chaldeos , ou Assyrios , a que ha de succeder o dos Persas : o peito de Prata significa o segundo Imperio , que he o dos Persas , a que ha de succeder o dos Gregos : o ventre de Bronze significa o terceiro Imperio , que he o dos Gregos , a que ha de succeder o dos Romanos ; e o de mais de Ferro , e barro atè os pés significa o quarto Imperio , que he o dos Romanos , a que hâ de succeder o da Pedra , que derrubou a Estatua , e a desfez em pô : e a mesma Pedra significa o quinto Imperio , a que neuhum outro ha de succeder ; porque elle he o ultimo ; e assim como a Pedra se levantou a altura , e se estendeo a grandeza de hum monte , que encheo , e occupou o Mundo todo : assim este quinto Imperio dominará o mesmo Mundo , e serà reconhecido ,

Daniel. 2. 35.

Ibib. 44.

Lapis autem , qui percusserat statuam factus est mons magnus , & implevit universam terram : suscitabit Deus Cæli Regnum , quod in æternum non dissipabitur , & Regnum ejus alteri populo non tradetur : comminuet autem & consumet universa Regna hæc , & ipsum stabit in æternum. Esta Pedra que derrubou , e desfez a Estatua , he Christo Senhor nosso , como diz S. Paulo : Petra autem erat Christus , porque Christo descendendo do Céo à terra , desfez , e derrubou os quatro Imperios da Gentilidade , e da Idolatria , figurados nas metaes , e barro da Estatua , que he a matéria de que se formavaõ os Idolos ; e com a sua Igreja Romana fundada em S. Pedro , encheo , e occupou toda a redondeza da terra : Lapis implevit universam terram:

Ad Cor. 1.10.

4.

Terram : tu es Petrus, & super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam. E esse he o Imperio espiritual da Igreja Catholica, como ensina a Fé, e disse claramente o Prophet a Daniel a Nabucodonosor : Suscitabit Deus Cæli Regnum, quod in æternum non dissipabitur. Porém este mesmo Imperio, que sendo de Christo, também he temporal, porque sendo do Cœo, encheo, e ocupou toda a terra : Lapis implevit universam terram, promesteo Christo ao Senhor Rey de Portugal D. Affonso I. para elle, para seus descendentes, e para o mesmo Christo, dizendo-lhe, que elle como edificador, e destruidor dos Reynos, e dos Imperios, quae forão os dos Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos, queria nelle, e na sua descendencia estabelecer o seu Imperio, que já tinha fundado na Igreja Romana, para encher, e ocupar o seu nome toda a terra : Ego ædificator, & dissipator Regnum, atque Imperiorum sum: volo enim in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exteris gentes.

De maneira, que o quinto Imperio do Mundo, sendo Imperio espiritual, e de Christo, tambens he temporal, e dos Reys Portuguezes; e tendo-o fundado Christo na Santa Igreja Romana, o estabeleceu depois na Sacro-santa Basílica Patriarchal, que por ser Igreja junta, e unida com o Palacio d'ElRey: Domus Domini juxta Regem, entre ElRey, e o Ecclesiastico està reparrido sem divisão o quinto Imperio: o Ecclesiastico com o Summo Pontifice governará o espiritual; e ElRey com os seus Ministros dominará o temporal deste quinto Imperio do Mundo, e do Cœo.

Replicarão os Doutos contra este discurso, dizendo, que o Imperio representado na Pedra, he o mesmo Reyno de Christo; e que sendo de Christo não he, nem pode ser do nosso Imperador, e Rey Portuguez, posto que

seja

Monarch.
Lusitan. 3.
part. cap. 5.
Chronic.
Cyst. 5.3.c.3.

seja Catholico. O argumento parece fortissimo, mas não desfaz, antes confirma todo este discurso. Que disse Christo por sua Sagrada bocca a El Rey D. Affonso? Quero em ti, e na tua descendencia estabelecer hum Imperio para mim: Volo enim in te, & in semine tuo, Imperium mihi stabilire. Primeiramente já não fala de Reyno, como quando disse ao mesmo Rey: Ut initia Regni super firmam petram stabilirem, se não de Imperio: Imperium; e esse Imperio em quem, e para quem? Em ti, e para mim: In te mihi. Venhaõ agora como diz o Padre Antonio Vieira, todos os Doutores do Mundo, e todos os Interpretes mais sabios, mais agudos, e mais escrupulosos, e casem-me este Te, com este Mihi, e este Mihi com este Te. Hey de fundar hum Imperio, diz Christo, em ti: In te, mas para mim: Mihi. E que quer dizer em ti, e para mim? Quer dizer, que será Imperio Ecclesiastico de Christo, e juntamente politico do Rey de Portugal. Porque he fundado para mim: Mihi, he meu: porque he fundado, ou estabelecido em ti: In te, he teu: logo se o mesmo Imperio he meu, e teu, he de ambos; e estes ambos, ou estes dous Monarchs quaes são? Christo que o disse, e o Rey de Portugal a quem o disse, ou a quem fez tão grande promessa. E porque razão depois de dizer o mesmo Senhor: In te em ti, acrescentou: Et in semine tuo post te, e na tua descendencia depois de ti? Porque era Imperio em promessa, e em profecia: Testimonium enim JESU est spiritus propheticæ. Em promessa para o Rey presente, e em profecia para o descendente futuro: fundado agora em ti, e depois levantado, e estabelecido nelle; mas em ti, e na tua descendencia, sempre Imperio para mim: In te, & in semine tuo Imperium mihi; porque assim como o Piloto governa o leme, e o Sol governa o Piloto; e ambos

Padre Vieira
Palavr. De-
semp. §. Mas
fol. 102.

Apoc. 19. 10.

ambos governaõ a Nao : assim eu desde o Ceo domina-
rey, e governarey o Imperio como meu, e tu neste Mun-
do o dominaras, e governaras como meu. Melhor ex-
emplo ainda. Assim como o mesmo Christo fundou a
sua Igreja em S. Pedro, e seus successores ; assim fun-
dou tambem o seu Imperio em D. Affonso, e seus des-
cendentes. Que disse Christo a S. Pedro ? Tu es Pe-
dro, e sobre esta pedra edificarey a minha Igreja : Tu
es Petrus, & super hanc Petram ædificabo Eccle-
siam meam. Do mesmo modo pois em lugar de Eccle-
siam, ponha-se Imperium : em lugar de Meam, po-
nha-se Mihi : em lugar de Tu es Petrus, & super
hanc Petram, ponha-se : In te, & in semine tuo,
ut initia Regni super firmam Petram stabitirem. E
assim como a Igreja universal por ser de Christo, nao
deixa de ser de Pedro, e por ser de Pedro, nao deixa
de ser de Christo : assim o universal Imperio, sem dei-
xar de ser de Christo, por ser de Portugal, e sem dei-
xar de ser de Portugal, por ser de Christo, sera Im-
perio de Christo, e juntamente Imperio de Portugal,
como antigamente soy o Throno de Israël Throno de
Deos, e Throno d'ElRey Salamaõ : Sedit, que Salo-
mon super solium in Regem pro David patre suo, 23.
& cunctis placuit. Pois se antigamente agradou isto
a todos : Cunctis placuit ; porque nao agradara tam-
bem agora ? Bem vejo, que por ser tão agradavel, todos
aprovao a semelhança, que nao pôde ser mayor. E pa-
ra que a ninguem fique o escrupulo de ser, ou parecer
minha, ouçamola da boca do Propheta Zacharias na
mesma Igreja, e no mesmo Imperio.

Mostrou Deos a Zacharias quatro Carroças, pelas
quaes tiravaõ tantos Cavallos, todos diversos nas co-
res, e que corriaõ para partes tambem diversas ; os da
primeyra Carroça eraõ Castanhos, os da segunda eraõ

***** ij

Mur-

Paralip. I. 29.

Mutzellos, os da terceira eraõ Pombos, e os da quarta eraõ Remendados, e Fortes: In quadriga prima, equi rufi, & in quadriga secunda, equi nigri, & in quadriga tertia, equi albi, & in quadriga quarta, equi varij; & fortes. E perguntando Zacharias a hum Anjo, que cousa eraõ aquelles Cavallos, respondeo, que eraõ quatro Ventos do Ceo, que fabiaõ para estarem em pé diante do Supremo Monarcha dominador de toda a terra: Iste sunt quatuor venti Cavalli, qui egrediuntur, ut stent coram Dominatore omnis terræ. Estas quatro Carroças significavaõ os quatro Imperios, que successivamente precederão ao quinto, symbolizando nas rodas a sua perpetua revoluçao, e inconstancia; e nos cavallos, não serem governados de homens, e por razão, mas sem uso della, levados, e arrebatados por brutos, se representava a brutal ambição dos Monarchas, que os dominarão, cada hum sugesto à ideia das proprias paixões, que tambem se retratavaõ na diversidade das cores. A primeira Carroça era o Imperio dos Assyrios, a segunda o dos Persas, a terceira o dos Gregos, e a quarta o dos Romanos. Mas porque restava somente o quinto, e ultimo Imperio, declarou o Anjo a Zacharias, que se representava no Dominador de toda a terra, porque apparecia depois dos quatro Ventos, e das quatro Carroças, figuras dos quatro Imperios, os quais na sua presença estão em pé como vassallos: Ut stent coram Dominatore omnis terræ. Este Dominador de toda a terra se representava tambem em Jesu filho de Josedec, a quem Deos mandava coroar pelo mesmo Zacharias com duas Coroas, huma de Ouro, e outra de Prata, por edificar dous Templos a Deos, e ser Sacerdote: Et sumes aurum, & argentum: & facies coroas, & pones in capite Jesu filii Josedec Sacerdotis

Ibid. 11. 12.

13.

dotis magni , & loqueris ad eum , dicens : Hæc
ait Dominus exercituum , dicens : Ecce vir oriens
nomen ejus : & subter eum orietur , & ædificabit
templum Domino : & ipse extruet templum Domi-
no : & ipse portabit gloriam , & sedebit , & domi-
nabitur super solio suo : & erit Sacerdos super so-
lio suo , & consilium pacis erit inter illos duos.
Jesu filho de Josedec era figura de JESU Christo Se-
nhor , e Redemptor nostro , Filho do Eterno Padre : e as
duas Coroas figuravão tambem os dous poderes soberanos ,
que competem ao mesmo Senhor como Filho de tal Pay :
a Coroa de Ouro , e mais preciosa significava o poder
espiritual , por ser Pontifice Summo , e universal da
Igreja : e a Coroa de Prata symbolizava o poder tem-
poral , por ser Emperador Supremo , e universal de to-
do o Mundo. Nesta intelligencia concordão sem contro-
versia todos os Expositores. Mas com facil reparo en-
contro huma grande duvida nas ultimas palavras des-
te grande Texto : Et sedebit , & dominabitur super
solio suo ; & erit Sacerdos super solio suo , & con-
silium pacis erit inter illos duos. Assentarseba , e do-
minará sobre o seu Throno , e o Sacerdote tambem se
assentará sobre o seu Solio , e haverá grande concor-
dia , ou concelho de paz entre estes dous : Et consilium
pacis erit inter illos duos. De maneira , que
diz o Anjo ao Prophet , que neste quinto Imperio do
grande Dominador da terra , hâ de haver dous Solios ,
e que nestes dous Solios , ou Thronos , se hão de assentar
dous , que nelles presidão , e que entre estes dous ha de
haver grande união , concordia , e paz : Et consilium
pacis erit inter illos duos. Pois se Jesu filho de Jo-
sedec era hum só , e JESU Filho de Deos , a quem
elle representava , he tambem hum só , como sendo hum ,
se hâ de assentar em dous Solios , e depois de se assentar
em

em dous Solios, elle tambem ha de ser dous : Et confi-
lium pacis erit inter illos duos ? Não se pôde dizer
nem mais admiravelmente, nem com mayor propriedade.
Assim como Christo sendo hum só, tem duas Coroas :
assim ha de vir tempo, em que tenha dous Vigarios,
que o representem na terra : hum coroado com a Coroa
de Ouro, que ha o poder, e jurisdição espiritual : ou-
tro coroado com a Coroa de Prata, que ha o poder, e
jurisdição temporal. O coroado com a Coroa espiritual,
ha o Summo Pontifice, que tem o poder, e jurisdi-
ção universal sobre toda a Igreja : Et erit Sacerdos
super folio suo : o coroado com a Coroa temporal, ha
de ser o novo Emperador, que terá o poder, e juris-
dição universal sobre toda a terra : Ut stent coram
Dominatore omnis terræ : & sedebit, & domina-
bitur super folio suo. Este ha o sentido mais proprio,
e literal desta profecia. E quanto ao Imperio temporal,
e universal do Mundo, que pôde parecer novidade, te-
nho mais de trinta Authores, que fallão expressamente
delle, huns antigos, e outros modernos, huns por
conhecido espirito de profecia, outros por intelligencia
das Sagradas Escrituras, e outros por discurso histori-
cal, e politico. Por final, diz o grande Vieira, que
boa parte dos mesmos Authores põem a cabeça deste
Imperio em Portugal, finalando os lugares, ou Me-
tropoles destes dous Solios, como logo veremos.

Sobre estes Authores, huns Santos, e outros dou-
tos, entre agora a autoridade Divina. Tornando Deos
a revelar terceira vez ao Propheta Daniel os quatro
Imperios do Mundo, para declarar mais o quinto, e
ultimo, mostrou a Daniel não já quatro Metas, nem
quatro Carroças, senão quatro Bestas feras : Et qua-
tuor bestiæ grandes ascendebant de mari. Estas
quatro grandes Feras eraõ os quatro Imperios dos As-
syrios,

fríos, Persas, Gregos, e Romanos, a que succedeu o quinto Imperio de Christo, e do seu Catholico Imperador : Ecce quasi filius hominum veniebat, & ad antiquum dierum pervenit, & dedit ei potestatem, & honorem, & regnum, & omnes populi, Tribus, & linguæ ipsi servient. Note se agora muito, muito o quasi filius hominis : quem he o filius hominis, e quem he o quasi filius hominis ? o Filho do homem he Christo : Cum autem venerit Filius hominis : o quasi filio do homem, he o quasi Christo, ou Vice Christo. De sorte, que assim como o primeiro Vigario de Christo, que he o Summo Pontifice, pela jurisdicçao universal, que tem sobre toda a Igreja, se chama Vice Christo no Imperio espiritual ; assim o segundo Vigario do mesmo Christo pelo dominio universal, que terà sobre o Mundo todo, se chamarà tambem no Imperio temporal Vice-Christo : quasi filius hominis.

Por todas as circunstancias, que ficão ponderadas, he o nosso Augustissimo Monarca o Serenissimo Senhor D. JOAM V. o primeiro Emperador do quinto Imperio. E porque ? Porque promettendo Christo a El Rey D. Affonso I. que nelle, e na sua decima sexta geraçao, havia de fundar hum Reyno, e estabelecer hum Imperio, para que o nome de Christo fosse conhecido, e adorado nas estranhas, e remotas Nações, como se vê das palavras formaes do juramento do mesmo Rey : Dilectus es Domino, posuit enim super te, & super semen tuum post te oculos misericordiaæ suæ usque in decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles, sed in ipsa attenuata ipse respicet, & videbit. Ego ædificator, & dissipator Regnum, atque Imperiorum sum : volo enim in te, & in semine tuo Imperium mihi stabili-

stabilire, ut deferatur nomen meum in exteris gentes. Sendo o Senhor Rey D. João IV. a decima sexta geracão, e o Senhor Rey D. Pedro II. a prole atenuada, por ser o ultimo descendente da geracão decima sexta, e se ver sem filhos do primeiro Matrimonio depois d' i morte da Princeza a Senhora Dona Isabela, à qual prole, e não a geracão se refere o pronome, ou relativo Ipsa: em El Rey D. Pedro II. como em firme pedra se estabelece o Reyno de Portugal fundado primeiro em Affonso: Ut initia Regni super firmanam petram stabilirem, para depois se estabelecer em seu filho o Senhor D. J O A M V. o quinto Imperio; porque assim como a Igreja se fundou em Pedro, como em pedra: tambem como em pedra, se fundou em Pedro o Reyno, para que sobre tão solidos fundamentos se estabelecesse o Imperio quinto de Portugal, e da Igreja Catholica.

Reg. 1. 2. 10.
Mendoç. lib.
1. Reg. Vieir.
Palavr. de
Deos desemp.
S. X. fol. 134.

Reg. 3. 22. 19.

Isto profetizou antigamente Anna, māy do Propheta Samuel, quando disse, ou predisse, que Deos havia de julgar os fins da terra, e dar o Imperio ao seu Rey, para que sublimasse a potencia do seu Christo: Dominus judicabit fines Terræ, & dabit imperium Regi suo, & sublimabit cornu Christi sui. Alguns Authores, como se pôde ver no Padre Mendoça, e mais facilmente no Padre Vieira, cuidaraõ que falava aqui Anna do juizo final: mas, diz o mesmo Vieira, assim neste lugar, como em outros, he pouca intelligencia das Escrituras; porque todas as vezes que Deos muda Reynos, e Imperios, e o quer manifestar, representa-se na Escritura fazendo juizo. Assim o vio o Propheta Micheas, quando Deos quiz tirar a vida, e o Reyno a El Rey Achab: Vidi Dominum sedentem super solium suum, & omnem exercitum Cæli assistentem ei. E assim o vio o Propheta Daniel no nosso pro-

proprio caso, como acabamos de ponderar, quando
condemnou a fogo o Cornu parvulum, e deo o Imperio
univerſal ao quasi filho do homem: Aspicebam do-
nec throni positi sunt. & judicium sedet, & libri
aperti sunt. Finalmente por estes mesmos termos pro-
fetiza S. João a deſtruição da Cidade de Roma, signa-
rada em Babylonia: Cecidit Babylon magna: ideo Apoc. 18.2.8.
in uno die venient plagæ ejus, mors, & luſtus, &
igne comburetur: quia fortis est Deus, qui judica-
bit illam. Nem este juizo, ſendo o final, podia ſer ſó
dos fins da terra, ou das ultimas acções do genero hu-
mano; porque como ensina a Fé, e diz o Padre Men-
doça, no juizo final ha de julgar Christo de tudo, e
a toda a terra. Estes fins da terra, na fraze da Sa-
grada Escritura, he o Imperio Romano, como ſe viu
por experiençia no cumprimento da profecia de Moysés:
Adducet Dominus ſuper te gentem de longinquo, Deut. 28.49.
& de extremis terræ finibus in ſimilitudinem aquila
volantis; porque governando o Emperador Vefpa-
ſiano, ſeu filho Tito com o Romano exercito deſtru-
bio a Corte de Hierusalem, e outras muitas Cidades
dos Judeos, levando nos eſtandartes huma Aguia pin-
tada, ou debuxada, que era a inſignia daquelle Impe-
rio, e da verdadeira Aguia ſó tinha a ſemelhança:
In ſimilitudinem aquila volantis. E daqui ſe segue,
que depois da extinção do Imperio Romano, que he o
quarto, o Imperio, que ao ſeu Rey darà Deos, he o
quinto, e quinto tambem o Rey, a quem Deos darà o
Imperio; porque nenhum Rey he mais de Deos, do que
o Senhor D. J O A M V. porque a elle quadraõ as pa-
lavras do referido Texto de Zackarias: Ecce vir oriens
nomen ejus: & ſubter ejus orietur, & ædificabit
templum Domino: & ipſe extruet templum Domi-
no; porque elle edificou dous magnificos Templos a Deos
***** em

em Lisboa, e em Mafra: o Templo de Mafra expli-
cado pelo verbo extruo, que não só significa edificar,
mas também compor, acumular, e aparelhar; por-
que este magnífico edifício accapulcou o Angustíssimo Se-
nhor D. J. O A M V. à Igreja, e a Portugal, pois o
edificou depois da Santa Basílica Patriarchal, compen-
do-o com grande magnificência, e aparelhando-o para
corridas muito grandes, que verão com admiração os
Portugueses, e com inveja todas as mais nações: Et
ipse extruet Templum Dominu; e o Templo de Lis-
boa, que he a Santa Basílica: Et ædificabit Tem-
plum Dominu: elle se chama J. O A M, a que profe-
ticamente alludio o Prophetæ Zacharias, quando disse:
Ecce vir oriens nomen ejus; porque à margem deste
Texto se acha citado o capítulo primeiro de S. Lucas,
aonde o Evangelista escreveo estas palavras, como se
commentara a Zacharias: Oriens ex alto: JOAN-
NES est nomen ejus: Elle se não he Sacerdote, he
todo Ecclesiastico, e como se fora Sacerdote, assiste fre-
quentissimamente nos Templos aos sacrificios, e Offícios
Divinos: Et erit Sacerdos; por isso a elle darà Christo
o Imperio, como a Rey tanto seu, pois tanto exal-
ta o nome, e potencia do mesmo Christo: Dabit Im-
perium Regi suo, & sublimabit cornu Christi sui.
Não só o exalta com o culto, que lhe dà em Portugal;
mas também o sublima, fazendo-o adorar em todas as
suas Conquistas, entre os que antigamente forão Gen-
tios: Ut deferatur nomen meum in exteris gentes.
Este Texto entenderão de Christo S. Gregorio, S. Hier-
onymo, Theodoreto, Beda, Ruperto, Procopio, Hu-
Mendoç. lib. 1. Reg. num. 10. fol. 365. Carthusiano, Evra, Caetano, Abulense, Men-
doça, e outros; e daqui tira, ou infere Santo Agof-
tinho, referido por Mendoça, esta conclusão: Ergo non
est sermo de Imperio, seu Regno, quod Christus
à Patre

à Patre accipiet, sed quod Apostolis, aut quibus-
cunque aliis voluerit, Christus conferet. Os se-
ta Interpretes em lugar de Regi suo, trasladariaõ:
Regibus nostris; e daqui infiro eu, amparado por
Santo Agostinho, por taes Interpretes, e por tão
fabios, e santos Expositores, que se neste Texto não
fallou Anna do Reyno, ou Imperio, que Christo rece-
beria de seu Eterno Padre, senão do que deo aos Apo-
tolos, ou a outros homens, a quem o quiz dar: Quibus-
cunque aliis voluerit, Christus conferet; dizendo
Christo a El Rey D. Affonso I. que a elle, e seus des-
cendentes queria dar o Reyno de Portugal, e o seu Im-
perio universal do Mundo: Volo enim in te, & in
semine tuo Imperium mihi stabilire: A nenbuns ho-
mens deo este Reyno, e Imperio, senão à Se Apostoli-
ca, e aos nossos Reys Portuguezes: Regibus nostris;
porque só Portugal he o Reyno, que he juntamen-
te Imperio, como do Imperio de Christo se le na con-
cordia deste Texto na Biblia Maxima: Sed meta-
phorice regnum, Imperium. E como este Imperio
he d'El Rey de Portugal, e juntamente de Christo:
In te, mihi; por isso Anna disse: que o Rey he de
Christo: Regi suo; e Christo no modo possivel tain-
bem he deste venturoso Rey: Christi sui. Não o po-
de haver Rey mais venturoso, do que o Senhor Rey
D. J O A M V. a quem deo Christo o seu Imperio;
porque o mesmo Christo, que disse: In me manet, & ego
in illo, está tão unido com o nosso Emperador, que
sendo dous Reys, e ambos Reys nossos: Regibus nos-
tris, parecem hum só, e o mesino Rey: Regi suo. As-
sim se cumprão no Augustissimo Senhor D. J O A M V.
a profecia de Anna, e a promessa de Christo; porque
elle he o primeiro descendente da prole attenrada da de-
cima sexta geraçao, com o nome de J O A M V. que
***** ij gover-

governa este Reyno , ou Imperio de Christo , succedendo nelle em razão do nome sobre o Senhor D. João IV. e só àquelle Monarca , que se chamasse JOAM V. por succeder com este nome no Reyno de Portugal sobre João IV. estava promettido o Imperio quinto.

Na ordem mysteriosa das quatro Imperios dos Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos, foy o Romano, o quarto Imperio. Todos estes Imperios revelou Deos antizamente aos Prophetas na figura enigmatica de quatro metaes, Ouro, Prata, Bronze, e Ferro, como na primeira visão diz Daniel; ou de quatro Carroças, tiradas por outros tantos Cavallos Castanhos, Murselos, Pombos, e Remendados, como vio Zacharias; ou de quatro Feras Leão, Ussó, Pardo, e de outro Bruto, a quem o Texto Sagrado não dá outro nome, declarando somente, que he Forte, Terrivel, e Admiravel, como na segunda visão descreve Daniel; ou finalmente de quatro Rodas, pelas quaes tiravaõ quatro animaes enigmaticos Homem, Leão, Boy, e Agua, como se vè na Carroça de Ezequiel: Similitudo autem vultus eorum: facies Hominis, & facies Leonis, à dextris ipsorum quatuor; facies autem Bovis à sinistris ipsorum quatuor, & facies Aquilæ desuper ipsorum quatuor. Por esta Carroça de quatro Rodas, e de quatro animaes entenderão S. Justino, Lyra, Maldonado, Sixto Senense, e outros Expositores as quatro Monarchias do Mundo, que forão os referidos Imperios dos Caldeos, ou Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos, como diz o Padre Cornelio Alapide: Currus hic, sive quadriga adumbrabat quatuor Monarchias puta Chaldaeorum, Periarum, Græcorum, & Romanorum; e a todos estes quatro Imperios destruhibo huma Pedra mysteriosa, que na visão de Zacharias se chama Dominador de toda a terra; e na segunda pro-

Daniel. 1.

Zachar. 1.

Daniel. 7.

Ezech. 1. 10.

Cornel. Alapide comm.
in Ezech. cap.
quæst. 2, fol.
955.

phicia chama Daniel quasi filho do homem , que he tambem aquella Aguia Real , ou Imperial , que na Carroça de Ezechiel voa sobre todos os quatro animaes : Facies Aquilæ desuper ipsorum quatuor ; e significa Ezech. 1. (como as outras figuras) o Emperador do quinto Imperio ; porque apparece no quinto lugar (escrita com cinco letras , como a Pedra) immediatamente depois do numero quarto , em que este ve o Imperio Romano. Nesta carroça de Ezechiel , symbolo dos quatro Imperios , representa tambem a Aguia , conforme a intelligencia de S. Irineo , Santo Athanasio , Santo Agostinho , Santo Ambrofio , S. Gregorio , e os Padres , e Doutores , a quem citam , e sequem Viegas , Ribeira , Alcazar , Pereira , e outros Expositores a S. Joao , que voando sobre todos os quatro animaes , se remontava sobre os quatro Evangelistas , symbolizando o Imperio quinto , e o seu primeiro Emperador : Recte acommodant quatuor Cherubim quatuor Evangelistis : Sanctus Joannes est Aquila. He certo , que este he o quinto Imperio de Christo , que o mesmo Senhor fundou no primeiro Rey de Portugal , depors de destruir , e dissipar os quatro referidos Imperios , para se perpetuar na sua Monarchia decima sexta geração : Ego aedificator ; & dissipator Lusit. 3. part. Regnum , atque Imperiorum sum : volo enim in cap. 5. Chron. te , & in semine tuo Imperium mihi stabilire. Us. Cyft. 5. 3. c. 3. que in decimam sextam generationem , in qua attenuabitur proles , sed in ipsa attenuata ipse respiciet , & videbit. E esta geração decima sexta , como dizem o Padre Vieira , e o Conde da Ericeira , soy o Senhor Rey D. Joao IV. estabelecida , e eternizada na sua descendencia , ou prole attenuada : In ipsa attenuata ; a qual sem questao soy o Senhor Rey D. Pedro II. a quem o Augustissimo , e Invicto Senhor D. JOAM V. succedeo no Sceptro como legitimo successor , e filho ; e co-

Alapid. loc. cit. fol. 959.

Vieira Palavr. de Deos Emp. §. VIII. vers. Este fol. 58.

D. Luiz de Menez. Cód. da Ericeir. Hist. de Port. Ref. Tom. 1. liv. 2. Anno de 1640. fol. 92.

mo S. Joao, sendo hum só, e o ultimo dos quatro Evangelistas, parece, que não podia voar sobre todos quatro; porque havia de voar tambem sobre si mesmo, e sobre os outros tres animaes, ou Cherubins, que occupavaõ os primeiros lugares, ficando elle no ultimo; por isso Joao quando voa sobre Joao o quarto Cherubim, ou animal enigmatico da Carroça de Ezequiel, era figura expressa de JOAM V. porque em quinto lugar fica JOAM remontando se no voo sobre Joao IV; porque sobre o quarto, não voa, nem pôde subir imediatamente outro numero, senão o quinto. Esta me parece a razão altissima, porque o quinto Imperio do Mundo, figuraudo em Joao, e prometido por Christo a outro JOAM descendente do Senhor D. Affonso I. e da prole attenuada da sua decima sexta geração, não compete, nem pôde competir a outro Monarca, senão a hum Rey de Portugal chamado JOAM V. porque só sendo elle JOAM, desta categoria voa sobre Joao IV. e como Aguia mysteriosa sobre outra Aguia, simbolo, e insignia do quarto Imperio dos Romanos, a que ha de succeder o quinto. Porém assim como a Aguia, sendo hum só animal, e voando sobre si mesma, representava dous animaes, mas tão unidos, e conformes como se forao hum só: assim tambem Joao, sendo hum só Evangelista, representa duas pessoas, huma Ecclesiastica, e outra secular: hum Emperador, e hum Pontifice, que são os dous Vigarios de Christo do quinto Imperio, mas tão conformes, e unidos entre si, como se forao huma só pessoa, sendo realmente duas pacificamente unidas, como Christo, e o seu Rey: D. sit Imperium Regi suo: & consilium pacis erit inter illos duos.

Como estes Vigarios de Christo, sendo duas pessoas, haõ de ser tão conformes, e haõ de reynar tão unidos como se forao huma só: tambem haõ de assistir em huma

ma Corte, que sendo huma só Cidade, seja juntamente duas Cortes. Alguns Autores, a quem segue o Padre Vieira, dizem, que em Lisboa estaraão estes dous Vigarios de Christo; por isso o Pontifice Clemente XI. e o Senhor D. J. O. A. M. V. sem dividirem a Corte, separarão a Cidade de Lisboa em duas partes Oriental, e Occidental, dispondo misteriosamente El Rey de Portugal, e o Pontifice Romano, que esta só Cidade fosse juntamente duas Cortes, para nella residirem os dous Vigarios de Christo. Para que os Romanos, e os Portuguezes conheção, que sem lisonja digo a verdade, oução a S. João fallando de Lisboa, e de Roma. Da Cidade de Roma profetiza, que ha de ser destruhida, e assollada, de tal sorte, que ficará totalmente deserta, como habitaçao dos Demonios, e não dos homens: Cecidit, Apoc. 18. 2. eccecid Babylon magna, & facta est habitatio Dæmoniorum. Assim o entendem S. Hieronymo, Santo Agostinho, Santo Ambrosio, Santo Thomaz, Ecumenio, Tertuliano, André Cesariense, Aretas, Menochio, Sà, Ferrario, Cassiodoro, Beda, Alapide, Vieira, e outros Padres, a quem seguem concordemente Interpretes, e Theologos: Per Babyloniam Romanam intel- Sylveir. cõm. ligunt: escreve Sylveira, provando a sua sentença com in Apoc. cap. humas palavras do Apostolo S. Pedro: Salutat vos Ec- 14.v.8. quæst. 21. num. 190. clesia, quæ est in Babylone collecta. Não serà destruida Roma pelo que hoje he, senão pelo que antiga- Petr. Epist. 1. mente foy, e ainda ha de ser: Roma espiritual he eter- cap. §.13. na; porque contra ella não prevalecerão os conselhos, ou portas do Inferno: Portæ Inferi non prævalebunt Matth. 16.18. adversus eam; mas Roma a temporal, sujeita est à como as outras Metropoles das Monarchias, e não só sujeita, mas condenada ao Catastrofie das cousas muda- veis, e aos eclypses do tempo, por castigo dos grandes peccados das suas antigas idolatrias, das perleignições dos

dos Catholicos, e de outros graves delitos, que ainda ha de cometer no tempo futuro, como álem de outros diz Sylveira na exposição deste Texto : In everfione Romanæ civitatis, puniet Deus idolatriam Romæ Ethnicæ ; puniet persecutiones omnes, quas fecit in Christianos, & puniet omnia alia crimina, quibus est fornicata. Sem offensa da Sé Apostolica o pregou assim à mesma Roma o grande Padre Vieira na occasião, em que lhe representava esta tragedia nas cinzas, em que os Romanos como homens se convertem depois de mortos. Porém em outras cinzas lhe podia mostrar com igual verdade este desengano, que são aquellas, a que reduzir à Roma hum voracissimo incendio e

Apoc. 18. 8.

*Sylveir. in
Apoc. cap. 18.
vers. 2. expos.
1. n. 6. fol.
338.*

Igne comburetur ; ficando Roma não só queimada, senão totalmente deserta, sendo habitação não de homens, senão de Demonios : Facta est habitatio dæmoniorum : per quod significatur magna urbis solitudo, ubi erat magna frequentia : ac proinde civitas solo æquata in magnum desertum redigenda est : solent enim dæmones in locis desertis, & horribilibus commorari. Chegando pois Roma a este miserável, e lastimoso estado, ou antes de padecer tão justo, e severo castigo, sahirá da Corte Romana a Santa Igreja de Roma, para não participar dos seus delitos, nem

Apoc. 18. 4. dos seus castigos : Exite de illa populus meus : ut ne participes sitis delictorum ejus, & de plagis ejus non accipiatis ; e como em alguma Cidade Catholica ha de collocar o Pontifice a Cadeira de S. Pedro, em Lisboa ficará de assento a Santa Igreja de Roma ; porque Lisboa he Corte de hum Reyno puro na Fé : Fide purum : Lisboa he Corte de hum Reyno amado, e escolhido por Christo, pela sua piedade, para nelle com a Cadeira de S. Pedro estabelecer o seu Imperio : Piestate dilectum : Lisboa he Corte de hum Reyno o mais seme-

semelhante à Igreja: e Lisboa he Corte de hum Rey-
no, que em todas as quatro partes do Mundo meteo
sempre, e meterà debaixo dos pés o Imperio dos Turcos,
e dos Mouros, para sobre a potencia Othomana, e
Mahometana assentar o Throno da Igreja, ou Cadei-
ra de S. Pedro, exaltandoa, e sublimandoa a tanta
altura, que a porà sobre as pontas da Lua.

No sea Apocalypse vio S. João huma Mulher ves-
tida da luz do Sol, coroada com doze Estrellas, e
com a Lua debaixo dos pés: Mulier amicta Sole, & Apoc. 12. 1.
Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona
Stellarum duodecim. Esta Mulher vestida das luzes
do Sol, he a Igreja Catholica, que está vestida da
luz de Christo, que nasceo como Sol: Orietur vobis
Sol: Mulier amicta Sole; e neste sentido entendem
communmente este Texto todos os Padres, principalmen-
te Latinos, como escreve Sylveira: Per eam intelli- P. Sylveir. in
gunt Ecclesiam. A coroa de doze Estrellas, ou as Apoc. cap. 11.
doze Estrellas da coroa, são os doze Apostolos, con- vers. 1. expos.
forme o mesmo Sylveira: Per duodecim Stellas intel- 1.n.1. fol. 2.
ligunt duodecim Apostolos; e por liçao de S. Boaven- Sylveir. ibid.
tura diz o mesmo Expositor, que pelas doze Estrellas n. 91.
se pôde entender a Aureola dos Mestres, e Doutores:
Corona verò Stellarum significat Aureolam Doc- Sylveir. ibid.
torum; porque com os Doutores, Mestres, e Aposto- n. 199.
los, se coroa a Igreja como com Estrellas: Qui ad Dan. 12. 3.
justitiam erudiunt multos, quasi stellæ in perpe-
tuas æternitates; porisso a Igreja Catholica em todas
as Sés tem duas Cadeiras para os Mestres, e Douto-
res, e por respeito das doze Apostolos tambem se cha-
ma Apostolica, coroando-se com tão luzidas Estrellas:
Et in capite ejus corona Stellarum duodecim,
e a Lua debaixo dos pés he o Imperio do Turco, e a
Lua Othomana, que a Igreja com os pés muitas vez-
zes

Hist. do Em-
perador Leo-
pold. I. Tom.
3. cap. 2. An-
no de 1683.
fol. 98.

zes tem pizado. No anno de 1683. pizou com os pés o Summo Pontifice Innocencio XI. o grande Estandarte de Maftoma, suprema, e mayor insignia do Imperio Othomano, que Mahometo IV. Emperador dos Turcos deo por sua propria mão na Cidade de Adriapolis a Cara Mustafá seu Grao Vifir, ao qual venceo Innocencio XI. com as suas orações, e com os socorros, que deo ao Emperador Leopoldo I. porisso Joao III. Rey de Polonia conhecendo, que não ao seu grande valor, nem ao braço invencivel de Carlos V. Duque de Lorena, mas à Igreja se devia a victoria, e retirada de hum exercito, que constava de trezentos mil homens, por hum Prelado de grande autoridade mandou pôr aos pés do Pontifice, e da Igreja com aquelle Estandarte a Lua Othomana, ficando a Igreja tão exaltada, como posta sobre as pontas da Lua, e a Lua tão abatida, como pizada com os pés da Igreja: Et Luna sub pedibus ejus; mas porque S. Joao descreve a Igreja na metaphora de Mulher, tambem nesta allegoria falla de Portugal, e da Cabeça de Portugal, que he Lisboa, aonde Christo prometeo estabelecer o seu Imperio, e o da Igreja, por ser Reyno escolhido pela pureza da sua Fé: Fide purum, pietate dilectum. A Mulher pois vestida da luz do Sol està dizendo, que he a Lusitania, duas vezes vestida das luzes de Christo: a primeira quando se vestiu da luz do mesmo Sol Divino JESU Christo, recebendo a sua Fé, e o Bautismo; porque todos os que se bautizão, e recebem a Fé, se vestem da luz deste Di-

Ad Galat. 3. vino Sol, como diz S. Paulo: Quicumque in Christo baptizati estis, Christum induistis: a segunda, quando no campo de Ourique na escuridade da noite foy novamente illustrada, ou vestida com as luzes de Christo, que da parte do Oriente vinha mais resplande-

detente , que hum rayo , e que todos os rayos do Sol :
Vidi subito à parte dextra Orientem versus micantem radium : as doze Estrelas postas por coroa da cabeça da Lusitania , saõ os doze Bispos , e Arcebispos do Reyno de Portugal , cujas Metropoles servem de diadema à Corte de Lisboa. Estas saõ Braga , Evora , Coimbra , Leiria , Guarda , Lamego , Viseu , Porto , Miranda , Portalegre , Elvas , e Faro , as quaes completamente fazem o numero de doze Estrelas :
Et in capite ejus corona Stellarum duodecim. Neste sentido , que he o Tropologico , entenderão Pannonio , e Alapide os Prelados pelas doze Estrelas ; porque como a sra grande sabedoria , e santidade saõ coroa de Christo , e da Igreja : Notat Pannionius duodecim Stellas esse Prælatos quoslibet , qui hic admonentur eximia sapientia , & sanctitatis : nam ipsi sunt corona Christi , & Ecclesiæ ; e se quizermos coroar a Igreja com a Aureola dos Mestres , e Doutores , na Universidade de Coimbra temos as mais luzidas Estrelas , e da mayor grandeza , para fazer o diadema da Igreja : Corona verò Stellarum significat Aureolam Doctorum. Assim o escreveo ao Rector da Universidade de Coimbra o Papa Clemente XI. respondendo à carta , em que este nobilissimo , e donissimo Prelado punha aos pés de Sua Santidade a sua pessoa , todos os Academicos , e o assento , que em clauстро pleno fez com juramento a mesma Universidade , de defender a Bulla Unigenitus ate derramar o sangue , e perder a vida : Nec sane aliter opinari fas erat de Academia , in qua Orthodoxa Fides præsidium , & decus maximum , sancta verò hæc Sedes præcipuum , ac inviolabile obsequium semper invenit. E quando os Hereges pertendiaõ atropellar a Constituição Apostolica de Clemente XI. pondo a Universidade

***** ij de

de Coimbra aos pés de Sua Santidade a sua obediencia , a Sé Apostólica poe na sua cabeça estas Academicas Estrellas por coroa : Et in capite ejus corona Stellarum duodecim ; e a Lua debaixo dos pés da Mulher vestida de luzes , ou da Lusitania , he a Lua Othomana ; porque Portugal foy o primeiro Reyno , que se livrou do jugo dos Sarrauenos , e Mahometanos , e depois de tão famosas victorias , meteo sempre as Luas Othomanas debaixo dos seus pés : Et Luna sub pedibus ejus . Toda a empreza do Imperio Othomano , he que a sua meya Lua encha , e oecupe o Mundo todo : Donec totum implete orbem ; e o timbre da Lusitania he calcar , pizar , e meter debaixo dos pés a mesma Lua , até que a lance fóra do Mundo ; Donec auferatur Luna , ou como declara o Texto na

Psalm. 71. 7. versão Hebrea : Donec auferantur servi Lunæ . Os Prêgadores quando explicaõ este lugar do Apocalypse , dizem , que a Mulher , figura da Igreja , estava coroada de Estrelas , vestida do Sol , e calçada de Lua . Este modo de fallar , diz o Padre Vieira , que he elegante , mas improprio . O Texto não diz , que a Lua ba de calçar a Mulher , senão que a Mulher ba de calçar a Lua , metendoa debaixo dos pés : Luna sub pedibus ejus ; e assim vay metendo a Igreja a Lua Othomana debaixo dos pés , e os vassallos , ou servos da mesma Lua , com as victorias , que por mar , e terra gloriosamente tem conseguido , nas quaes sempre teve grande parte o Reyno de Portugal .

Affim lemos , que o Conde D. Henrique , de quem descendem os Reys Portuguezes , venceo , e desbaratou muitas vezes aos Mouros na Europa , e na Ásia , sendo hum dos doze Capitães , por quem se repartio o governo das armas Catholicas na Conquista de Hierusalem : elle lançou fóra os Mouros de muitas terras de Portu-

Portugal, depois de os vencer, e destruir muitas vidas em Castella: D. Affonso I. toda a vida gastou em destruir, e vencer os Mouros, cativando na prodigiosa victoria do campo de Ourique cinco Reys, como Iosuè, para este cativero principiar a representação do Imperio quanto; porque tinha cinco Reys tão poderosos sujeitos à sua obediencia. Na entrada de Miramontes venceu El Rey D. Sancho I. quatrocentos mil Cavallos, e quinhentos mil Infantes, de que se compunha o formidavel exercito dos Mouros, repartindo-se a vitoria, como a de Gadeão, entre a espada de Deos, e a de Sancho, continuando em vencer fóra de Portugal os Sarracenos, cam o braço do Mestre de Aviz na batalha de Alarcos: contra D. Affonso II. se aquartelarão em Elvas com numerosos exercitos os douis Reys Mouros de Sevilha, e Jaen; porém Affonso, que com o nome herdou o valor de seu Avô, não só venceo em batalha campal aos douis Reys; mas entrando como vencedor por suas proprias terras, castigou com ferro, e fogo, todo o Reyno de Andaluzia: El Rey D. Sancho II. que injustamente infamaraõ de pouco cuidadoso; porque fizeraõ a comparacão de pouco entre elle, e os valerosos Reys, que o precederaõ, não fez tão pequena guerra aos Mouros, que lhe não tirasse da cabeça a Coroa do Reyno dos Algarves: D. Affonso III. venceo os Mouros dentro em Portugal, lançando-os totalmente fóra deste Reyno, e conquistando-lhe fóra delle muitas Villas, e Castellos: ajudou El Rey D. Diniz I. a El-Rey D. Fernando de Castella com as intentadas Conquista do Reyno de Granada: com as forças de toda Africa passou El Rey de Marrocos a soccorrer os Mouros de Granada, e duvidando os Catholicos dar batalha, por ser inumeravel a multidão dos barbaros, D. Afonso IV. que de Portugal tinha passado a Sevilha, foy

foi o que aconselhou a batalha, e o primeiro, que a venceu: El Rey D. Pedro I. e El Rey D. Fernando I. como não tinham Mouros dentro no Reyno, deixaram tomar alento aos Portuguezes, para continuarem as Conquistas nas terras Africanas, onde El Rey D. João I. em hum só dia tomou, e sugeriu à sua Coroa a famosa; e fortissima Cidade de Ceuta: sustentou-a poderosamente El Rey D. Duarte; e logo El Rey D. Afonso V. tendo já tomado Alcacer aos Mouros, se fez tambem Senhor de Tangere: proseguiu a mesma empreza, e com maior fortuna El Rey D. João II. por mar, e terra, ganhando Praças, fundando Fortalezas, e se passava, como intentou, pessoalmente a África, conquistara toda esta parte do Mundo; porque só a fama de que passava, bastou para conseguir o seu intento: conquistou El Rey D. Manoel I. muitas Cidades Africanas, e fez outras tributarias, e não continuou nesta empreza, porque intentou conquistar a Hierusalem, como representou aos Summos Pontífices por seus Enviaxadores, para que se fizesse guerra ao Turco por ambos os mares, e que elle tomaria por sua conta toda a do mar Roxo, e sustentaria no Mediterraneo trinta galeões de guerra: D. João III. ajudou a guerra de Tunís com huma competente Armada, fazendo no Oriente, e Occidente eclipsar as suas Luas: El Rey D. Sebastião pessoalmente entrou na África, aonde se perdeu a batalha, deixou douz Reys mortos na campanha, e os Mouros no ultimo estrago. Entre tantos gastos, e cuidados entesourava dinheiro o Senhor D. João IV. como declarou a hum seu confidente, segundo refere o Padre Antonio Vieira, o qual presumo ser o mesmo confidente, que nos dá esta noticia, para com este dinheiro, depois da guerra de Castella, fazer guerra ao Turco. Morreu aquele Precursor da nossa liberdade

berdade, deixando na sua prole attenuada aquelle grande Rey o Senhor D. Pedro II. que foy a Pedra, em que Christo Senhor nosso tinha prometido estabelecer os fundamentos do Reyno: Ut initia Regni super firmam petram stabilirem; o qual soy tão inclinado a esta guerra, como testemunha o grande socorro, que mandou contra o sitio de Oran, e as duplicadas Armadas contra a Cidade de Argel; offerecendo-se contra o Turco ao Promotor desta guerra o Santissimo Pontifice Inocencio XI. com tão prompto socorro, que foy o primeiro que appareceu em Roma. Finalmente o Augustissimo Senhor D. JOAQUIM V. não só conserva as nossas armas na Africa, como chave Meltra para abrir as portas aos Soldados conquistadores desta dilatada parte do Mundo; mas em socorro da Igreja mandou ao Mediterraneo muitos Galeões de guerra, que vencerão primeiro do que outras Nções de guerra a poderosa Armada do Turco; sendo felicissimo annuncio de que Portugal destruirá totalmente o Imperio Otomano, vencer a Capitania dos Portuguezes a Capitania dos Turcos: testemunhando naquelle naval conflito os Turcos vencidos, e os Catholicos vencedores, que só os Portuguezes com o fumo dos seus tiros pòdem eclipsar as suas Luas, e tirallas deste Mundo com os golpes das suas balas: Donec auferatur Luna.

Sobre estes, e outros grandes merecimentos de Portugal, e sobre a promessa de Christo, assentará o favor do Ceo, quando destruhida a Cidade de Roma, passará para este Reyno a Cadeira da Igreja, como cantou o nosso Poeta, ou Homero Lusitano; porque

Via estar todo o Ceo determinado,
De fazer de Lisboa nova Roma.

Então verão os Portuguezes, e todas as nações do
Mun-

Mundo, que Deos fundou este Reyno, para estabelecer
nelle o seu Imperio, e a sua Igreja; destinando sempre
aos Portuguezes para ultimos vingadores das injurias,
e injusticias feitas aos Catholicos; e por isso lhe infun-
do nos corações hum fino amor para com a Igreja, e
hum refinado odio contra os seus inimigos. Donde vinha o
Moysés aquella aversão natural contra os Egypcios, com
que sendo homem, vingava nelles com a morte as inju-
rias feitas aos Hebreos, que eraõ a Igreja daquelle tem-
po: Cur eduxistis Ecclesiam Domini in solitudinem,
e ainda sendo menino, e inocente, metia este grande
Propheta debaixo dos pés a Coroa de Pharaõ; senão
porque Deos forjava, e lavrava nelle o cunello do Egypcio,
a ruina de Pharaõ, e do seu barbaro Imperio? E por que
foi Samão tão contrario dos Philistecos, Gedeão dos
Madianitas, Josiẽ dos Cananeos, senão porque aos
cabellos de hum, e aos fios das espadas dos outros ti-
nha Deos vinculado os castigos daquellas nações inimi-
gas de Deos? Com razão posso logo inferir pelos Ca-
nones, e regras universaes da Justica, e Providencia
Divina, que os Portuguezes, e os seus Augustissimos,
e valerosissimos Reys, hão de ser os Moysés, os Ge-
deões, os Sansões, e os Joses da potencia, e tyran-
nia Othomana, e os libertadores gloriosos da Terra
Santa, e Casa de Hierusalem, lançando fôra della
a sua Lua: Donec auferatur Luna, e metendoa de-
baixo dos pés da Igreja: Et Luna sub pedibus ejus;
porque aos Portuguezes escolheo Deos para esta gran-
de empreza, revelando aos Prophetas, que depois de
castigar a Roma, hâ de pôr em Lisboa a sua Igreja,
dando o seu Imperio ao seu, e nosso Rey: Dominus ju-
dicabit fines terræ, & dabit Imperium Regi suo.

A esta mysteriosa razão tirada do Texto Sagrado
ajunta outra politica Justo Lypcio, varão incomparável
nas

nas notícias do Mundo antigo, e moderno, e diligentesimo obscravador das declinações, e augmentos dos Reynos, e Imperios, e das causas porque huns se levantão, e outros cabem: huns dominão, e outros servem: huns nascem, e outros morrem, e quasi debaixo da sepultura alguns talvez ressuscitão. Esta razão política inferiu ele prudentemente da lição de todas as historias do Mundo; porque a experiençia havida pelas historias, he aquelle espelho inculcado por Salamaõ, em que olhando para o passado, se antevem os futuros: Quid est quod fuit?

Ipsum quod futurum est: quid est quod factum est? Ipsum quod faciendum est. E posto que estes dependão dos decretos Divinos, pelos effeitos, que os olhos vêem dos mesmos decretos, não só conbce o discurso humano quaes elles fossem, mas ainda quais com certeza, quaes hajaõ de ser. Assim o notou o grande Mestre da Politica, advertindo (e pedindo se considere) que o poder, e dominio do Mundo sempre vejo caminhando, ou descendo do Oriente para o Occidente: Nescio quo Providentiae decreto res, & vigor, (considera si voles) ad occasum eunt. O primeiro Imperio, que foy o dos Assyrios, e dominou toda a Asia, tambem foy o mais Oriental: dalli passou aos Persas mais Occidentaes, que os Assyrios: dalli aos Gregos mais Occidentaes, que os Persas: dalli aos Romanos, mais Occidentaes, que os Gregos; e como já tem passado pelos Romanos, e vay levando o seu curso para o Occidente, havendo de ser como he de Fé, o ultimo Imperio, aonde pôde hir parar senão na gente, e Cidade mais Occidental de todas?

Mas porque o mesmo Author desta advertencia confessâ ignorar a razão della, e a da Providentia Divina em hum tal decreto: Nescio quo Providentiae decreto, não serâ temeridade, nem consideração super-

Vicira Palav.
do Prég. Em-
penhad. e de-
fendida §. X.
fol. 205.

per-

*Theodoreto referido por Sylveira : Cornua divinæ Scriptura, alias pietatem vocat, alias potentiam, alias regnum, e para fazer esta exaltação em huma Igreja, que em Lisboa Occidental, ou Mafrense, sem-
num.221.tol. 17.quæst.26. pre está unida com o Palacio do Rey, sabio a primeira
322.*

*sorte a Joseph: Ut exaltaret cornu in ministeria Domus Domini juxta Regem: Egressa est sors prima Joseph. Pois assim como ao Principe sabio a primeira sorte para exaltar a potencia de Christo, tambem lhe sabio por sorte a primeira Cidade de Lisboa, que he a Oriental, para ter nella a sua Corte. Em pouco diffe-
re Corte, de sorte; por isso pela primeira sorte se pôde tambem ler, e entender a primeira Corte.*

*Mas vejo, que todos me estão perguntando a razão porque fará Deos tantas merces ao nosso grande Empe-
rador JOAM o Magno? Primeiramente respondo como S. Paulo, que os juizos de Deos são incomprehensíveis. Porem se pela experiença do passado se alcança o co-
nhecimento do futuro, como ha pouco disse com Salamaõ, pareceme que dará Deos o quinto Imperio a JOAM o Magno, porque lhe edificou dous grandes Templos. No tempo passado prometteo Deos a El Rey David, que amaria como pay a seu filho Salamaõ, perpetuandolhe o Solio, ou Throno do Reyno de Israël para sempre; por-*

*Paralip.1.22. 10. que o mesmo Salamaõ lhe edificaria hum Templo: Ipse edificabit domum nomini meo: & ipse erit mihi in filium, & ego ero illi in patrem: firmabo que solium Regni ejus super Israël in æternum. Com esta cer-
teza disse David a toda a Igreja, que seu filho Salamaõ estava eleito por Deos para ser o mayor Monarca de Israël; porque fizera huma obra muito grande, que era, não o Palacio, que edificara para si, senão o Templo, que dedicara ao mesmo Deos: Locutusque est David Rex ad omnem Ecclesiam: Salomonem filium*

filium meum unum elegit Deus adhuc puerum, & tenellum, opus namque grande est, neque enim homini præparatur habitatio, sed Deo. O mesmo digo eu a toda a Igreja: elegio Deos a JOAMo Grande para Imperador do quinto Imperio, sendo ainda menino, porque lhe havia de edificar, e consagrar dous magnificos Templos, não como habitação de homens, mas como casas de Deos: Ipse edificabit domum nomini meo: firmabo que solium Regni ejus: opus namque grande est, neque enim homini præparatur habitatio, sed Deo. Edificar Templos a Deos, e servir a Deos, he a verdadeira grandeza; por isso chamey ao nosso Monarca JOAMo Magno, e JOAMo Grande; porque em todas as suas obras, e acções he grandioso, e magnifico. Por antonomasia se chamaraõ Grandes Alexandre Magno, Pompeo Magno, e Julio Magno, sem outro merecimento que o de serem grandes Tyrannos. E em que pararaõ as grandezas dos Cesares, dos Pompeos, e dos Alexandre? Acabaraõ em nada. Ao Imperador Carlos V. reputa o Mundo por grande Imperador com tantas victorias, e com tantos augmentos da Monarchia; e a mayor acção de Carlos foy renunciar a Coroa, e coroar todas as suas victorias com a retirada, que fez para S. Juste, onde mandou fazer huma casa muito pequena unida com o Convento, para acabar a vida entre os Religiosos de S. Hieronymo: Ad Divi Justi Hieronymianum Cænobium, delectam jam diu sedem, recta se contulit... construi sibi domunculam jusserat, cænobii additamentum. Quanto maior acção he a de JOAM tambem V. e Grande Imperador, que accrescenta a Igreja com hum Convento, e com hum Palacio, para viver com os Religiosos, e governar juntamente o seu Imperio. Estas sim, que saõ as verdadeiras grandezas; porque sempre duraõ, e nunc.

Padr. Famian
Strada de Bel-
lo Belgic. De-
cad. 1. lib. 1.
fol. 10.

nunca acabão. Mas assim como *J O A M* excede nesta acção a *Carlos*, também excede nesta obra a *Salamaõ*; porque *Salamaõ* edificou o Templo antigo de *Hierusalem*, que acabou; e *Joaõ* edifica com este Templo huma nova Cidade de *Hierusalem*, que ha de durar até o fim do Mundo: Et ego Joannes vidi sanctam civitatem *Hierusalem* novam descendente de Célo à Deus paratam sicut sponsam ornatam viro suo. Neste sentido entende *Sylveira* a Igreja Militante, figurada em nova Cidade de *Hierusalem*, ou pela nova Cidade de *Hierusalem* descida do Céo, entende a Igreja Militante novamente fundada na terra, em que tudo ha novo:

Sylveir. cõm. Si verò de Ecclesia militante intelligas, recte dicitur Jerusalem nova distinctione ab antiqua terrestri: & quia in hac Ecclesia vetera transierunt, & fol. 490.

21.q. 4. n.38. nova sunt omnia. *Tudo diz o mesmo Padre, ha novo nesta Igreja: novo o Legislador & E S U Christo: nova a Ley da Graça: nova a doutrina do Evangelho, explicada pelos Pontifices Romanos: nova a presença Sacramental de Christo; e novo o mesmo Cantico Ecclesiastico: Cantabunt Canticum novum; por isso em premio de tanta novidade deo Christo ao edificador des-tes novos Templos hum Imperio tambem novo, sem ne-nhuma novidade, porque ha o mesmo Reyno de Salamaõ, e Imperio de Christo.*

Dous grandes Reynos fundou Deos per si mesmo, o Reyno de Israel, e o Reyno de Portugal. Ambos domi-narão o mar, a Ethiopia, Arabia, Ilhas, e outras Províncias do Mundo: Dominabitur à mari usque ad mare, & à flumine usque ad terminos orbis ter-rarum: coram illo procident Æthyopes: & inimi-ci ejus terram lingent: Reges Tharsis, & Insulæ munera offerent: Reges Arabum & Saba dona addu-gent: & adorabunt eum omnes Reges terræ: om-nes

Apoc. 5.9.

nes gentes servient ei. Todas estas profecias se cum-
prirão em Christo, e muitas delas se cumprirão tam-
bem em Salamaõ, como consta da Historia Sagrada.
Mas porisso mesmo se cumprem tambem em J O A M o
Grande, e maior que todos aquellos Heroes, a quem a
verdade com razão, ou a lisonja sem ella deo o epiteto,
ou autonomasia de Magnos; porque he Rey daquem,
e dalem Mar: Dominabitur à mari usque ad mare,
He Senhor de Guiné, da Conquista, Navegação, e
Comercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India:
Procedent Æthyopes, Reges Tharsis, Reges Ara-
bum, & Saba dona adducent. Recebe o que lhe offere-
cem tributariamente varias Ilhas do Oceano: Insulæ
munera offerent; e brevemente chegarà o tempo, em
que todos os Reys da terra o venerem, e todas as gen-
tes o sirvaõ: Et adorabunt eum omnes Reges terræ,
omnes gentes servient ei; e deste modo ficará J O A M
o Grande com o Reyno de Salamaõ conquistando a Ter-
ra Santa de Hierusalem, e com o Imperio de Christo;
dominando a todo o Mundo.

Mas sobre esta profecia de David, diz o Padre
Vieira, se offerece huma grande duvida, à qual antes
quizera ouvir responder, do que dar a resposta. O Reyno
de Salamaõ, figura do Imperio de Christo, e do
Imperio de Portugal, como consta de todas as outras
profecias, e desta mesma foy dado a Christo. Christo
desde o instante de sua Conceição teve todo o domínio
supremo espiritual, e temporal do Mundo em quanto Fi-
lho de Deos: e em quanto homem teve o mesmo domi-
nio, ao menos depois da Resurreição, como elle mesmo dis-
se: Data est mihi omnis potestas in Cælo & in ter-
ra. A experientia mostra, que muitas Nações Barba-
ras, Hereticas, e Infieis não credem, nem servem a
Christo, conforme diz S. Paulo: Nunc autem nec-
Ad Hebr. 2:
dum

dum videmus omnia esse subiecta ei : como ; quando pois se cumprio esta mysteriosa Prophecia de David : Adorabunt eum omnes Reges terræ : omnes gentes servient ei ? Esta divida, que certamente he grande , solta-se facilmente com huma reposta , que confirma este discurso. Christo Senhor nosso sempre foy Senhor do Mundo , quanto à jurisdictiō , e domínio de Senhor ; mas o mundo não foy , nem he ainda universalmente de Christo , quanto à obediencia , e sujeição dos vassallos. Isto significão expressamente aquellas palavras : Adorabunt eum omnes Reges terræ : omnes gentes servient ei. Jà todos os homens , e todos os Reys saõ seus ; porque sobre todos tem Christo jurisdictiō , e dominio como Senhor ; mas ainda o não adorão , e servem como vassallos. Porem depois que o Emperador Catholico destruir o Turco , e se pregar o Evangelho em todo o Mundo , todos os Reys da terra , e todas as gentes adorarão , e servirão a Christo. Não depende Christo do nosso Emperador , para que os homens o sirvão , e adorem ; mas o poder , e armas do Emperador , (das quaes não tem Christo dependencia) facilitarão a pregação do Evangelho , como sucedeo no tempo de Constantino I. Carlos V. Manoel I. e João III. como em suas cartas confessa S. Francisco Xavier ; e foy praxe approvada pelos Summos Pontifices na conversão de ambas as Indias.

Porem para que não pareça novidade , que o nosso Emperador com as suas armas facilite a pregação do Evangelho , ouçamos a Christo faltando desta missão. Na Parabola do Semeador introduz Christo muitos impedimentos , que o Semeador Evangelico encontrou no Campo , quando semeava a palavra de Deos : Semen est verbum Dei ; porque achou pedras , achou espinhos , achou aves , e achou homens ; e todos estes im- pedi-

pedimentos embaraçarão a pregação do Evangelho, ou
semementeira da palavra de Deos: os homens calcão,
e pizárao a doutrina, como diz o Texto, e declara a
Glossa: Conculcatum est ab hominibus: as aves co-
merão-na: Volucres Cæli comedenterunt illud: os espi-
nhos suffocarão-na: Spine suffocaverunt illud, e as
pedras secarão-na: Cecidit supra petram, & natum
aruit. Para tirar pois do campo estas pedras, para en-
xotar estas aves, para cortar estes espinhos, e para pi-
zar estes homens, que calção, e metem debaixo dos pés
a palavra de Deos, diz Christo a seus Discípulos, que
por ser grande a seara, os operários poucos, e os impedimen-
tos muitos, roguem ao Señor da seara para que
mande os operários: Messis quidem multa, operarii
autem pauci: rogate ergo Dominum messis, ut mit-
teat operários in messem suam. Estes operários forão os
Apostolos, e todos os Pregadores Evangelicos, que se-
meárao a palavra de Deos em todo o Mundo, onde en-
contrarão também os referidos impedimentos, que cal-
çarão, secarão, comerão, e suffocarão a Doutrina do
Evangelho; por isso ainda hoje vemos o Mundo com her-
ezias, e infidelidades. E que fez Christo para desfa-
zer estes impedimentos? Tomou huma foice muito agu-
da na sua mão, e a rogos dos Anjos a lançou no Mun-
do, e com ella segou toda a terra: Et misit qui sedebat Apoc. 14. 16,
super nubem falcem suam in terram, & demessa est
terra. A foice he instrumento de ferro, com que se cor-
ta o que he inutil para se colher sómente o util; e com
estes instrumentos se armarao Christo, e os Soldados com-
panheiros dos Pregadores, para alimparem o campo da
Igreja, em que se fez a semementeira do Evangelho. Não
segou Christo com esta foice para cortar, e perder os ho-
mens, senão para os colher; não applicou o ferro para
os ferir, e matar, senão para os sarar, isto he, para
***** de

Sylveir. cõm. de incredulos os fazer fies, como diz Sylveira: Mes-
in Apoc. cap. suit, inquam, non perdendo, sed eos colligendo;
14.vers. 16.n. non percutiendo, sed ab incredulitate sanando, &
300. fol. 212. ad veram fidem suæ divinitatis convocando. E por-
que se compara Christo neste lugar com hum homem,
que tem huma fouce de ferro na mão? A esta pergunta
responde o mesmo Sylveira, que se compara Christo com
o segador; porque quando este encontra algum impedimen-
to cegando o trigo, o corta fortemente com a fouce;
por isso Christo apparece primeiro com a fouce na mão,
e a seu tempo a mete na seara, para mostrar aos homens,
que a seu tempo competirà o rigor futuro com a pre-
sente paciencia: Ille qui falce aliquid demetit, vi-
eam retrahit, ut quod obvium validè præscindat.
Ecce cur Christus primo apparet falcem manu ten-
nens, deinde cum tempus adeit, eam in messem mit-
tit, ut significetur quod quanto magis Christus pa-
tiens, ac longanimis judicium differt, cum tempus
advenerit, eo rigidius illud exercebit. *De maneira,*
que feitas muitas missões, em que fructificou tão pouco
a palavra de Deus, que só deo fructo a doutrina, que ca-
bio na terra boa, que são os homens de bom coração,
ficando esteril a que cahio aonde foy pizada, comida,
suffocada, e seca: para que na ultima missão, ou se-
menteira se não encontrem tantos impedimentos, se ar-
mou Christo, e aos seus Soldados com huma fouce, ou
instrumento de ferro para alimparem o campo da Igre-
ja das pedras, dos espinhos, das aves, e dos homens; e
porque não bastarão os ameaços, que fez com a fouce,
ou espada, que tinha na mão, a meteo finalmente na
seara, e com ella segou toda a sementeira da terra: Et
misit falcem in terram, & demessa est terra.

Naõ disse Christo no Evangelho, nem declara
S. João no Apocalypse, quem são estes segadores, a quem
do Ceo

do Cœo lançou a foice para segar em a terra ; mas no campo de Ourique declarou Christo, que os Portuguezes erao os segadores, que elle escolhera para acompanharem os Pregadores nesta ultima, e grande missão: Per illos enim paravi mihi messem multam, & elegi illos in messores meos in terris longinquis. De sorte, que o mesmo Christo com os segadores, ou Soldados preparam a seara : Paravi mihi messem, e com os Soldados, ou segadores fez tambem a colheita : Elegi eos in messores meos ; porque com as fources, ou espadas dos Portuguezes alimpou no tempo passado, e alimparà tambem no tempo futuro, o campo da Igreja Catolica das pedras, dos espinhos, das aves, e dos mäos homens, que embaraçao a seara, e pregaçao do Evangelho. Por isso Salamaõ vendo profeticamente os progressos da Igreja neste estado, P^c descreve defendida com os esquadroes de homens de guerra : Quæ est ista, quæ progreditur quasi Aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol, terribilis ut castrorum acies ordinata ; porque os Soldados affugientarão, ou fugeitarão com as armas os impios, e inimigos de Christo, como escreve o Padre Cornelio Alapide: Melius alij hæc omnia ad progressus Ecclesiæ Christianæ referunt. Tunc enim Ecclesia oppressa sub Antichristo, & impijs, & pene extincta, ab Elia, & Enoch suscitata, consurget quasi Aurora, sensimque increbet ut Luna, ac tandem radiabit ut Sol splendidissimus, erit que ut castrorum acies ordinata, qui omnes antichristianos, & impios vel profligabit, vel sibi subiget. Mas como os Soldados acompanhando os Pregadores, e as fources, ou espadas na companhia da doutrina, se ordenão não à guerra, se não à paz ; porque a espada de Christo se não desembainha para matar, se não para dar vida, como diz Sylveira, fazendo comparação entre a espada, e a

Cantic. 6. 9.

Cornel. Alapide com. in Cantic. cap. 6. v. 9. fol. 278.

***** ij

fou-

Sylveir. loc. *fouce* : *Gladius filij hominis non est ut pereat, sed*
cit. num. 302. *ut custodiat in vitam; com estas fousces, ou com estas*
fol. 212. *espadas, sugeitarão sem violencia, mas por vontade, os*
Soldados de Portugal todo o Mundo ao seu Rey, e os
Pregadores toda a terra à obediencia de Christo, e do
Summo Pontifice; e assentados entaõ o Pontifice no seu
Throno, e o nosso Emperador no seu Solio, governarão
ambos o Imperio de JESU Christo: o Emperador no tem-
poral, e no espiritual o Pontifice; mas tão conformes, e
tão unidos, como se forão huma pessoa, como sendo dous
homens Moysés, e Aarão, pareciaõ hum só; porque go-
vernavaõ o Povo Hebreo, e a Igreja antiga com huma

Psalm. 76.21. *só voz, com hum só sceptro, e com huma só mão: In*
manu Moysi, & Aaron; e por este modo haverá con-
cordia, união, e paz no Conselho do Summo Pontifice,
e do nosso Emperador: E consilium pacis erit inter
illos duos.

Finalmente, chegando o Reyno de Portugal a ser Ca-
beça do Imperio universal de todo o Mundo, e a San-
ta Basílica Patriarchal o throno da Cadeira de S. Pe-
dro, serão os Illustríssimos Senhores vinte e quatro Ca-
negos Eminentíssimos Cardeas da Santa Igreja Ra-
zional. Esta conclusão insiro eu das premissas, em que
tão solidamente tenho fundado este discurso; porque se
os Senhores Conegos da Santa Basílica são os mesmos
vinte e quatro Sacerdotes, e Bispos Anciãos do Apoca-
lipse, que se representão nos Sacerdotes, que antigamen-
te havia no Templo de Hierusalem, como diz Alapide:

Cornel. Ala- Alludit ad viginti quatuor principes Sacerdotum,
pide comm. tot enim erant eorum familiæ à Davide distributæ,
in Apoc. cap. ut per vices sacra obirent in Templo; porque tam-
4. vers. 4. bem tinhão suas cadeiras, e thronos dentro no Templo,
solidos verdadeiramente augustos, como são os dos Prin-
cipes, e Reys; e como agora temos Bispos, e os Pontifi-
ces,

ces, por cujo respeito se chamaõ as suas Igrejas Cathedraes : Id est throni augusti , quales sunt Regum , Alapide ibid. & Principum : nam viginti quatuor Principes Sacerdotum in templo suas habebant cathedras , & thronos , uti jam habent Episcopi , & Pontifices , à quibus vocantur Ecclesiæ Cathedrales; sendo os mesmos vinte e quatro Sacerdotes , e Bispos Anciões no sentir do Padre Alapide , figura dos Cardeas da Santa Igreja Romana , chamada vulgarmente Capella do Summo Pontifice , em que se vê a imagem da celeste Hierusalem , donde se derrou , e tirou a Santa Igreja de Roma , como copia de tão perfeito original , segundo conclue o mesmo Alapide : Hosce viginti quatuor seniores representant Cardinales , adeoque thronos , solium , totumque hoc caput eleganter representat confessus (vulgo Capella) Pontificis , in qua videtur imago Cælestis Hierusalem , ut merito ex illa hæc deprompta videatur ; bem se segue , que tambem serão Eminentissimos Cardeas da Santa Igreja Romana os Illustrissimos Conegos da Sacrosanta Basílica Patriarchal , que he tão semelhante à Santa Igreja de Roma , como a Igreja Romana à Cidade de Hierusalem Celeste ; porque assim como da Celeste Hierusalem se derrou a Igreja de Roma , da Igreja Romana , como de perfeitissimo original , se tirou a perfeita copia da Sacrosanta Basílica Patriarchal : Ut merito ex illa hæc deprompta videatur. A Santa Igreja de Roma , tambem se chama vulgarmente Capella do Summo Pontifice : Confessus vulgo Capella Pontificis ; e aiè nesta circunstancia se parece com a Igreja Romana a Santa Basílica Patriarchal ; porque sendo antigamente a Capella Real dos Monarchas Lusitanos , ainda hoje he Capella dos mesmos Reys , e o vulgo lhe chama Capella : Vulgo Capella. Porém não só he imagem da antiga Hierus-

Hierusalem, e da Hierusalem Celeste, mas nova Cidade de Hierusalem descida do Ceo à terra, e collocada onde a vem os olhos do Grande J O A M: Ego Joannes vidi Sanctam Civitatem Jerusallem novam descendente de Cælo à Deo paratam sicut sponsam ornatam viro suo. Pergunta o Padre Sylveira neste lugar: porque occultando S. João o seu nome em todas as visoens do Apocalypse, o poem só, quando diz que vio a nova Cidade de Hierusalem, descida do Ceo à terra? E responde com S. Bernardo, que como João quer dizer graça, e esta Cidade de Hierusalem he figura do Ceo, e da gloria, que tambem quiz mostrar S. João, que não verá a gloria, nem entrará no Ceo, quem como João não estiver em graça. Nenhuma coufa traz J O A M o Grande mais diante de seus olhos, do que o culto Divino, e o ornato desta nova Cidade de Hierusalem, a quem a sua magnificencia tem dado tanta riqueza, que no Ouro, e Prata, e pedras preciosas excede ao Templo da antiga Hierusalem no reynado de Salamaõ; por isso Deos o ama, como amou ao mesmo Salamaõ, eternizandolhe o Reyno, dilatandolhe o Imperio, e sobre tudo promettendo a El Rey D. Affonso I. pelo Ermitão do Campo de Ourique de pôr nelle os olhos de sua misericordia: Posuit enim super te, & super semen tuum post te oculos misericordiæ suæ; como tambem Deos prometteo a El Rey David pela Propheta Nathan de estabelecer o Reyno, e firmar o throno de Israel em seu descendente Salamaõ, segurando, que não apariaria delle a sua misericordia: Suscitabo semen tuum post te: & stabiliam regnum ejus, & firmabo solium ejus: & misericordiam meam non auferam ab eo. E se Deos pôz os olhos da sua misericordia em J O A M Grande, grande fundamento tenho para dizer, que tambem como J O A M está em graça de Deos; porque na graça de Deos

Paralip. I. 17. 11. 12. 13. taria delle a sua misericordia: Suscitabo semen tuum post te: & stabiliam regnum ejus, & firmabo solium ejus: & misericordiam meam non auferam ab eo. E se Deos pôz os olhos da sua misericordia em J O A M Grande, grande fundamento tenho para dizer, que tambem como J O A M está em graça de Deos; porque na graça de Deos

Deos está aquelle Monarcha com quem Deos usa da sua misericordia. Por isso ver à a Hierusalem Celeste o mesmo JOAM que vio a nova Cidade de Hierusalem descida do Céo à terra : Ego Joannes vidi Sanctam Civitatem Hierusalem novam descendente de Célo. Também parece que S. João pôz o seu nome nesta visão, para mostrar que JOAM havia de ver, o que S. João estava vendo : Ego Joannes vidi, porque JOAM o Grande vio a nova Cidade de Hierusalem, não só como a antiga, mas como a Celeste, e Romana, aonde os vinte e quatro Illustíssimos Conegos, sendo Sacerdotes, são Príncipes, são Reys, são Bispos, e serão Cardeas ; e todas estas honras, e dignidades possue VOSSA ILLUSTRÍSSIMA, com virtudes, e merecimentos para ser coroado com a Thiara Pontifícia. Deos guarde a VOSSA ILLUSTRÍSSIMA como a Igreja, Portugal, e os criados de VOSSA ILLUSTRÍSSIMA havemos myster. Lisboa Occidental, 12. de Janeiro de 1730.

ILLUSTRÍSSIMO SENHOR,

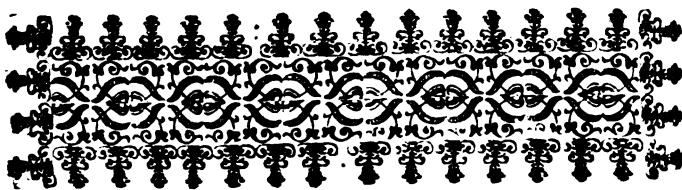
B. AS M. DE V. ILLUSTRÍSSIMA

Seu criado obrigadíssimo.

Anselmo Caetano Munhós de Auren Gusmão e Castello Branco.

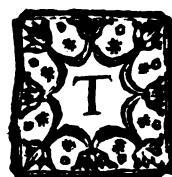
Digitized by Google

Digitized by Google



PROLOGO GALEATO.

§. I.

 O DA a Philosophia nascce de paradoxos; porque o seu principio te-
ve origem na admiraçao. Sempre o
que na primeira vista pareceo estra-
nho, o uso, e facilidade fizeraõ vil;
porque tudo he peregrino antes que se conheça.
As mais notaveis maravilhas de Deos, nãõ suspen-
dem os nossos entendimentos quando saõ conti-
nuas, e couzas muito faceis nos admiraõ, e assom-
braõ por desusadas. Daqui nascce, que os homens
imprudentes julgão por delirio, o que nãõ alcança
o seu juizo; porque como passaros sem penna,
tudo o que he fahir do ninho, em que obtusamen-
te nasceraõ, julgão por despenho, e precipicio.
Nãõ saõ as couzas por admiraveis impossiveis. Os
homens, que vivem junto às Catadupas do Rio Nilo,
ouuem o doce murmurar da corrente breve das cla-
ras fontesinhas entre as areas, e a branda viraçao do
Zephiro entre as flores, e os que chegaõ de novo
a ver

27 PROLOGO

a ver aquelle precipicio de cristaes, nem o soberbo estrondo das ondas despenhadas pôdem perceber, e ficaõ aturdidos do rumor, que os naturaes da terra não estranhaõ; e vem-se a desenganar, que naõ he impossivel à Natureza, tudo o que he peregrino aos ouvidos. Foy atè agora paradoxo a *Pedra Philosophal*, e serà indeciso problema a realidade da *Chrysopeia*, até que se vejaõ despenhar as agoas do Rio da Prata, e soltar as correntes do Rio do Ouro Preto, e se desenganem com a experiençia os muito circunspectos; porque fez Deos as grandes maravilhas da Natureza, e da Arte, para accomodallas ao juizo dos homens; mas criou o juizo humano, para que admirado com os milagres da Omnipotencia, e com os prodigios da Arte, pudesse accommodar-se à contemplaçao do seu poder, e para que dentro da esphera dos possiveis, nenhuma coufa, por mais rara, e difficultosa que fosse lhes parecesse impossivel, ou chymerica.

Para persuadir o entendimento humano, a que creya este mysterio da *Philosophia Hermetica*, lhe proporey os meyos, com que o mesmo Deos, (conforme discorre Vieira) lhe facilitou a crença dos Mysterios da Fé Catholica. Argumentando contra a Gentilidade Tertulliano no seu Apologetico diffe, que as Fabulas dos Gentios faziaõ mais crivelis os Mysterios dos Christãos. Parece proposiçao difficultosa; porque as Fabulas dos Gentios, saõ mentiras, saõ singimentos: os Mysterios dos Christãos saõ verdades infalliveis: como logo pôde ser, que a mentira accrescente o credito à verdade? O mesmo Tertulliano se explicou com o juizo, que costuma: *Findiora sunt nostra, magis que credendo, querum imaginis*

Vieira Part.
1. fol. 167.

Tertullian.
Apol. cap. 21.
& 23.

res quoque fidem invenerunt. As Fabulas dos Gentios, se bem se considerão, são huns arremedos, são humas semelhanças, são humas imagens, ou imaginações dos Mysterios Christãos; e se os Gentios deraõ feitos arremedado sómente dos nossos Mysterios, por que a não haõ de dar ao verdadeiro delles? Se creraõ, e adoraraõ os retratos, porque haõ de duvidar a crença, e negar a adoração aos Originaes; *Fideliora, magisque credenda, quorum imagines quoque fidem invenerunt?* Com a sua mesma Idolatria, está convencendo a razão aos Gentios, para que não possa negar a Fé; porque nenhuma cousa lhes propoem tão difficultosa de crer a Fé, que elles a não tenhão já concedido, e confessado nas suas Fabulas. Daqui se entenderá a razão, e prudencia altíssima, que Deos teve, para permittir a Idolatria no Mundo. E qual foy? Para que a mesma Idolatria abrisse o caminho à Fé, e facilitasse no entendimento dos homens a crença de tão altos, e tão secretos Mysterios, como os que Deos tinha guardado para a Ley da Graça.

Assim como Deos neste Mundo criou hum só homem, para Pay de todos os homens, que foy Adam, assim fez outro homem para Pay de todos os Crentes, que foy Abraham. A hum deu o primado da Natureza; a outro a primaria da Fé. Mas este mesmo Abraham, se bem lhe examinarmos a vida, acharemos, que antes de crer no verdadeiro Deos, foy idolatra: *Thare pater Abraham, & Nachor, servieruntque Deus alienis.* Pois idolatra Abraham, que ha de ser Pay de todos os crentes? Sim, e por isso mesmo. Permittio Deos, que o Pay da Fé fosse filho da Idolatria; porque a Idolatria he de-

Josue 24.2.
Masius hic.
Phil. lib.
de Abraha.
Genebrard.
& Hebræi.

a ij

grão.

4 P R O L O G O

grão, e sucessão para a Fè. A porta da Fè he a credulidade, como dizem os Theologos, porque antes de huma cousa ser crida, há de julgar o entendimento, que he crivel: e isto he, o que fez a Idolatria no Mundo, vindo diante da Fè. A Idolatria semeou a credibilidade; e a Fè colheu a crença: a Idolatria com as Fabulas começou a fazer os Gentios credulos; e a Fè com os Mysterios acabou de os fazer crentes: como a Fè he crença de cousas verdadeiras, e difficultosas: a Idolatria facilitou o difficultoso, e logo a Fè introduziu o verdadeiro. As repugnancias, que tem a Fè, he o grande, o arduo, o escuro, e o sobrenatural dos Mysterios: crer o que não vejo, e confessar o que não entendo: e estas repugnancias já a Idolatria astinha vencido nas Fabulas, quando a Fè as convenceu nos Mysterios.

Com estes dous exemplos diante dos olhos, facilmente conhecerao os entendimentos, que se Deos os convencem antigamente com o fingimento das Fabulas, e com os erros da Idolatria, para depois crerem como infalliveis as verdades, e realidades dos Mysterios da Fè; que tambem podem, e devem crer nos mysterios da *Philosophia Hermetica*, allumeados primeiro com os Mysterios da Fè Catholica. Se a mentira, e o engano facilitarão a crença da verdade; porque não facilitará a verdade a credulidade do que não he engano, nem mentira? Crerão os entendimentos Gentilicos, e Idolatras, que Ariadne se convertera em Estrella, Jupiter em Touro, Cesar em Cometa, Neptuno em Delphim, Echo em Voz, Acis em Rio, Arethusa em Fonte, Alcione em Ave, Syra em Pomba, Adonis.

G A L E A T O:

nis em Flor, Athlante em Pedra, Daphne em Louro, Adamas em Diamante, Apollo em diversas fórmas, e Protheo em varias figuras; por isso lhes ficou facil de crer a conversão da Mulher de Lot em huma Estatua de Sal: a conversão da Vata de Moysés em huma grande Serpente: a conversão das agoas do Nilo em verdadeiro sangue: a conversão da luz do Sol nas escuras trevas do Egyp-
to: a conversão da Pedra de Horeb em copiosa Fonte de agoa: a conversão da Serpente na pro-
digiosa Vara de Moysés: a conversão do Fogo do Altar em pouca agoa congelada: a conversão da mesma agoa em labaredas de Fogo: a conversão da Agoa de Canna em generoso Vinho; e a con-
versão do Vinho, e do Pão Sacramentado em ver-
dadeiro Corpo, e Sangue de Christo, como depois
da diffinição dos Concilios Tridentino, e Floren-
tino escrevèo o grande Philosopho, e mayor Theo-
logo Francisco Soares, da Sagrada Companhia de
JESUS: *In Eucharistia, ubi intervenit vera con-
versio Panis, & Vini in Corpus, & Sanguinem Chrs-
ti.* Pois se Deos, que he Author da Natureza, à Tract. de Ge-
qual imita tão perfeitamente a Arte, em todas as ner. & Corup.
suas producções, e operações, obrrou com a Omni- Seçt. 3. §. 1. n.
potencia conversões tão milagrosas, para que o 47. fol. 7.
entendimento humano se accommodasse à contem-
plação do seu poder, conhecendo, e crendo, que
ao braço Omnipotente nenhuma coufa, por mais
ardua, e admiravel que fosse, era impossivel: por-
que não crerà tambem agora, que a Arte imita-
dora da Natureza pôde obrar grandes, e iguaes
maravilhas, quando a Natureza enfina a Arte, e a
melhor, ou a mais facil mestra da Fè, he a mesma
Natureza.

Os

S A L E A T O.

Vieira Part. I. Os Prophetas (continua, ou prosegue Vieira) que forão os que pregarão, e ensinarão os Mysterios da Fé aos homens, não os mandou Deos ao Mundo no tempo da Ley da Natureza, senão no tempo, que se seguiu depois della, que soy o da Escrita. E porque? Douta, e avisadamente Terculliano: *Præmisit tibi Naturam magistrum submis-
furus, & prophetiam, quo facilius crederes prophetæ
discipulus naturæ.* Deo Deos primeiro aos homens por mestra a Natureza, havendolhes de dar depois a Prophecia; porque as obras da Natureza são rudimentos dos Mysterios da graça; e muito mais facilmente aprenderiaõ os homens, o que se lhes ensinasse na Eschola da Fé, tendo sido primeiro discípulos da Natureza: *Quo facilius crederes pro-
phetæ discipulus naturæ.* Se queres ser Mestre na Fé, fazete discípulo da Natureza; porque os exemplos da Natureza te desatarão as difficuldades da Fé. Com a Fé ser sobrenatural, a melhor, ou a mais facil Mestra da Fé, he a Natureza. Pois se a Natureza ensina aos homens os Mysterios sobrenaturaes, como não ensinarà os artisiciaes aos Hermeticos? Ensina a Natureza aos Philosophos a intelligencia das Proprencias, e não ensinarà melhor as Philosophias aos homens? Pôde a Natureza ensinarlhes o mais difficult, e não lhe poderá ensinar o mais facil? Ha de poder a Natureza o mais, e não ha de poder o menos? Toda a difficuldade, que os Philosophos Academicos de Platão, ou Peripateticos discípulos de Aristoteles, pôdem achar na operação da *Chrysopœia*, e *Argyropœia*, he a transmutação das substancias metallicas em Prata, e Ouro; porque conforme os verdadeiros Axiomas da Phi-

Philosophia, saõ immutaveis as essencias, e naturezas de todas as coulas; e com tudo lhes ensina a Natureza o contrario na nutriçao natural do corpo humano, convertendo em poucas horas o pão, e agoa em verdadeiro sangue, em que se acha colera amarella como Ouro, e Phleuma taõ branca como Prata; e como a Arte imita a Natureza, tambem converte humias em outras substancias.

Isto te prova com a industriosa operaçao de alguns Chymicos, que dentro de hum vaso de vidro fizeraõ artificialmente chylo, e sangue, lançando sobre alguns alimentos, hum licor subacido volatil, ajudando a sua operaçao com hum calor moderado. O celeberrimo Boyle, não só fez chylo, mas sangue da carne de hum frangao dissolvido, e fermentado com acidos vitriolicos, e outros menstruos, ajudando esta operaçao com hum calor, e quasi natural, como elle escreveo por estas formas palavras: *Beneficio menstrui cuiusdam acidi, ex vitriolo artificiose parati, carnes pulorum transmutari, accedente blando calore, in licorem instar cū jussdam chyli, qui licor affusione menstrui ales me-20, diante digestione transmutatur in licorem rubicundissimum instar sanguinis.* A operaçao do Magisterio de enxofre he hum claro espelho, em que se pôde ver, o que tão occultamente sucede dentro no estomago, e veyas na elaboração do chylo, e na transmutação da substancia chylosa em perfeito sangue; porque do mesmo modo, que o enxofre reduzido a Magisterio, ou a pôs subtilissimos se faz branco: assim os alimentos estando bem fermentados, e attentiada a sua substancia dentro no estomago, se convertem em branco chylo; e do mesmo modo,

8 P R O L O G O

modo , que o enxofre totalmente desfeito lhe de cor vermelha : assim as partes do chylo estando totalmente exaltadas ; e desfeitas , por repetidas circulações dentro das veyas , e arterias , se fazem rubicundas , transformando-se em perfeitissimo sangue.

Esta substancia rubicunda , ou sangue se converte em materia nos apostemas , ficando nelles de cor branca ; porque o acido preternatural , que nelles encontra , havendo-o quasi fixado , e reunindo as suas partes inseparaveis , lhe faz tomar a cor alva do chylo ; do mesmo modo , que o licor acido , que se lança sobre a dissolução vermelha do enxofre , lhe faz tomar cor de leite. Este pensamento se confirma com esta admiravel experientia. Fervendo-se em hum vaso de vidro , ou de barro huma parte de chylo , ou de leite , misturado com duas partes de oleo de tartaro feito por diliquio , o licor , que era branco , se faz logo vermelho ; porque o Sal de tartaro rarifez , e inteiramente dissolveo a parte mais oleosa , ou sulphurea do leite , e do chylo , convertendoa em huma especie de sangue , o qual será mais vermelho , e mais crasto , conforme a sciencia do Artifice , e a repetição das circulações. Mas de qualquer modo , que se faça esta operação , sempre veraõ os olhos , o que por falta do conhecimento della costumão negar os entendimentos , persuadindo-se erradamente , que não pôde a Arte imitar nas suas operações as obras da Natureza ; sendo certo , que assim nesta como em outras muitas , obra tão perfeitamente como ella. De hum ovo tira a Arte hum frangão , como o tira a galinha por natureza. Todos sabemos , que ha Cinnabrio , e Alambre artificiales , tão me-

G A L E A T O. ,

medicinaes, e perfeitos, como os naturaes. Jà Plinio fez menção de Sal natural, e artificial, como se pôde ver no seu Livro trigésimo primeiro. Em Polonia ha Sal mineral, e em França ha Sal artificial, com as mesmas propriedades, efficacia, e natureza do nosso Sal marino, como se pôde ver em Thomas Arfocino, tão grande Jurisconsulto, como acerrimo defensor da *Pedra Philosophal*. Por isso o grande Philosopho Aristoteles affirma, que a Arte imita perfeitamente a Natureza, vendo que por ella se fazem, e aperfeiçoão muitas cousas naturaes, como são o coelchotar, e o calcantho. Isto se prova evidentíssimamente com a experiençia, que referem Bechero, e Digbeo de hum grão de cevada artificialmente nutrita, e preparado, o qual com esta industria produzio duzentas, e quarenta e nove astas, e dezoito mil gráos. Naõ leyo semelhantes exemplos da Natureza, ainda que me lembre da fertilidade do Egypto, onde por testemunho da Escritura, houve tanta abundancia de trigo, que no tempo em que o governava Joseph, igualava as areas do mar: *Tantaque fuit abundantia tritici, Genes. 43. 42. et arene maris coequaretur.* E se nas terras mais ferteis do Mundo não produz tanto a Natureza, como desta vez produzio ajudada pela industria da Arte, bem se fegue, que a Arte não só imita a Natureza, conförme diz Aristoteles, mas que tambem algumas vezes nas suas operaçoes a excede, como experimentou Santo Alberto Magno: *Cum Sanct. Albert: saperem, & intelligerem quod naturam superaret; con- vertendo os Metas imperfeitos em Prata, e Ouro, o que naõ pôde fazer a Natureza, depois de estarem arrancados da mina: Inveni esse possibilem trans- mutare.*

b

Magn. Libell.
de Alchym. in
Praef. §. cum,
fol. 1.

mutationem in Solem, & in Lunam; e transformando com maior admiraçāo, e difficuldade o espirito de vinho alcoolizado em terra, os fays volateis acerrimos, em agoa insipida; os ramos, e folhas das arvores, em Pedras, e Ferro; e o Ferro em verdadeiro Cobre, como com experiencias proprias, e

Manget. in
Præfact. ad
lector. To-
mo 1. Biblio-
th. Chemic.
§. Nec.

*alheyas affirma o grande Medico Mangeto: Nam si spiritus vini defæcatissimus, & maxime alcoolisatus, totus quantus, & servato eodem materiæ ponde-re, in terram; si salia volatilia accerrima, in aquam insipidam; si arborum frondes, & rami, in lapideum, ac ferruginosum quid; imò si etiam, ut ad metalla transeam, ferrum in cuprum per novam particularum insinuationem, converti queant, ut tum propria, tum aliena experientia plusquam probatum credimus. E se pela industria da Arte Magna não saõ fréquentes, e manifestas muitas outras conversões, he por igno-
rancia, ou perguiça dos Artifices; porque alguns, que forao diligentes, e sabios, com à sua grande
sciencia, e trabalho, descobrirão novas, e inauditas maravilhas; sendo a mais rara, e plausível de todas,
o invento da Pedra Philosophal, que não só converte os Metaes viz, e imperfeitos, em perfeitissimo Ouro, e finissima Prata; mas excedendo às admiraveis
virtudes da Pedra Iman, que como elcreve Bluteau,
tomada em certa quantidade preserva da velhice,
transforma as molestias em saude mais perfeita, do-
que a de Senofilo Musico, que viveo cento e seis
annos sem nenhuma enfermidade, convertendo a
idade decrepita na mocidade florente, conforme a
outro intento cantou David: *Qui replet in bonis de-
siderium tuum: Renovabitur ut aquile juventus tua;*
e como já crerao os Gentios nas Fabulas de Eson,
e de*

Bluteau Vo-
cabul. Tom.
6. fol. 358. &
Tom. 7. fol.
514.

Psalm. 102.
5.

e de Midas; porque deste affirmaõ, que conver-
tia em Ouro quanto tocava com as mãos; e da-
quelle dizem, que de velho decrepito, se transfor-
mara em florido mancebo.

§. II.

Como a empreza deste Prologo he convencer
a incredulidade dos entendimentos, defen-
dendo a possibilidade, e existencia da *Pedra Philo-
sophal*, e desfazendo todas as duvidas, que nos
Dialogos naõ oppoz Enodio a Enodato, por naõ
confundir a conversaõ com Philosophicas dispu-
tas, quero nelle provar, e confirmar fundamental-
mente a *Philosophia Hermetica* da *Chrysopeia*, naõ só
com a *Peripatetica*, mas tambem com a razaõ, e
experiencia, para delvanecer totalmente as diffi-
culdades, que fazem incrivel a existencia da *Chry-
sopeia*. Imitando, pois, e seguindo o costume,
e o estylo dos Philosophos, que logo no prin-
cipio das suas controversias diffinem as materias,
que disputaõ, digo com Sennerto, que merecen-
do só o nome de *Chymicos* os *Hermeticos*, que
transmutaõ os Metaes viz em Prata, e Ouro, e
dos Metaes, e Mineraes, como tambem dos Ve-
getaveis preparaõ utilissimos remedios para conser-
vação da saude, e naõ os Artifices mecanicos,
que trabalhaõ nos Metaes, e Mineraes para diffe-
rentes usos: *Usus fere obtinuit, ut non quis sine dis-
crimine, qui circa metalla, & mineralia occupantur,
& serviles operas in iis præstant, hodie Chymici appelle-
lentur: sed y solum, qui metalla viliora in aurum &
argentum transmutare conantur; vel utilia medica-
menta*

D. Sennert.
Tom. 1. de
Chym: cum
Arist. & Ga-
len. conf. ac
dist. cap. 1.
fol. 180.

menta ex metallis & mineralibus elaborant, ut & qui ex vegetabilibus artificiosé idem præstant: estes nobíllissimos Philosophos saõ aquelles Sabios, aquem só chamarey humas vezes *Chymicos*, outras *Herméticos*, algumas *Adeptos*, e poucas vezes *Alquimistas*; porque derivando-se este nome de *Alchymia*, que significa *Chymia* elevada, ou sublime, naõ he taõ conhecido, e nomeado no Mundo como o dos *Chymicos*; por isto diffinirey a *Arte Magna*, chamando-lhe naõ *Alchymia*, senaõ *Chymica*. He a *Chymica huma* Arte de resolver os corpos naturaes compostos, ou os concretos naquelle, principios de que se compoem, para com a resoluçao ficarem mais puros, e com mayores, e mais efficazes virtudes, de tal sorte, que sirvaõ ao Medico como remedios mais uteis, e excellentes, para evitar as doenças, curar as enfermidades, dilatar as vidas, e purificar, e transformar os Metaes em Prata, e Ouro: *Eft nimirum.*

Sennert. loc.

citat. cap. 1. fol. 182.

ars corpora naturalia compoſita, sive concreta in ea, & quibus naturaliter constant, resolvendi, resolutaque pura, & viribus validissima reddendi, ut utilia Medico præbeant remedia, vel metallorum perfectionibus, & transmutationibus inserviant. Esta Arte, ou os seus effeitos, que a razão persuade a muitos ser impossivel, mostra ser possivel a experientia, como escreve Daniel Sennerto:

Sennert. loc. ve Daniel Sennerto:

cit. cap. 2. fol. 182.

Et si verò ea plurimis impossibilis videatur: testatur tamen contrarium experientia. Sobre esta experientia entrará logo mais confiada a razão; porque se como neste lugar discorre Sennerto, he grande temeridade contradizer com a razão a experientia, sobre a experientia deve o Philosopho indagar os Phenomenos, e descobrir as causas com a subtileza da razão: *Præterea & hoc caven-*

caendum, ne experientia ratio temerè præjudicet,
sed primò danda opera, ut de re per experientiam confi-
te, postea ejusdem rationes inquirantur. A razaõ pois
natural de toda esta admiravel Philosophia he, por-
que todo o ente imperfeito, e incompleto, que
se altera, aperfeiçoa, e enche com alguma coula,
ou agente, que o aperfeiçoa, e purifica, se pôde
purificar, e aperfeiçoa cada vez mais, atè adqui-
rir o ultimo termo da sua natural perfeição, trans-
mutando-se dentro do seu mesmo genero de imper-
feito em perfeitissimo: *sed sic est*, que os Metaes
impuros a respeito do Ouro, e da Prata, só diffe-
rem entre si por imperfeitos, e incompletos, e se
pôdem aperfeiçoa cada vez mais pela Arte Magna
atè chegarem ao ultimo complemento, e perfeição
natural, dentro do mesmo genero, isto he, atè se-
rem Ouro, ou Prata, que he a mayor, e ultima
perfeição dos Metaes: Logo todos os Metaes imper-
feitos, e incompletos se pôdem aperfeiçoa pela
Arte, atè que finalmente chegando à sua mayor
perfeição, e complemento, se convertaõ em Prata,
e Ouro. A mayor deste sylogismo confessa Aristote-
les tratando da geraçao, e corrupçao, como tam-
bem no primeiro da Metaphysica, e no setimo dos
Topicos, e o vemos por experiencia na geraçao dos
animaes, a qual cada vez mais se aperfeiçoa, atè fi-
nalmente adquirir a sua ultima perfeição. A menor
provaõ os Chymicos com muitas experiencias, aper-
feiçando os Metaes, como vemos todos os dias; e
se a mayor, e menor estaõ provadas, ou concedi-
das, não importa, que me neguem a consequencia;
porque a negaçao sem fundamento merece tanto
credito, como se deve dar a quem disser, que o Sol
naõ

naõ luz, o fogo naõ queima, e a agoa naõ molha.

Prova-se mais a transmutaçāo dos Metaes, conforme discorre Theophilo traductor, e illustrador de Æireneo Philalera; porque fendo, segundo ensina a Eschola Peripatetica, a materia indifferente para todas as fórmas, se o Artifice encontra com o agente proporcionado para nella introduzir a fórmula de Ouro, ou Prata, applicando o com acerto, logrará sem duvida a producção, ou educçāo da dita fórmula. Confirma este discurso com a famosa experiência da transmutaçāo do Ferro em Cobre, por meyo da Pedra Lipis, ou Vitriolo azul, da qual se segue a possibilidade, e realidade da transmutaçāo dos Metaes. Este argumento tomado da indifferença da materia para todas as fórmas, ainda que posto por Theophilo só nos termos da Philosophia de Aristoteles, ainda tem mais sensivel força no Systema de Descartes; porque como na Philosophia Cartesiana, a variedade dos mixtos consiste sómente na varia textura, e configuraçāo das suas partes, tem conforme este Systema, menos que trabalhar o Artifice, para conseguir a producção de qualquer mixto; porque naõ he necessario eduzir da materia aquelle novo ente, que os Aristotelicos chamaõ Fórmula substancial, basta só variar a textura, e figura das partes, o que igualmente, e ainda com mais propriedade he da jurisdicçāo da Arte, que da Natureza. Por isso dizem alguns Neotericos, e dizem a verdade, que a composiçāo dos mixtos naturaes, como explica Descartes, he mais artificial do que natural; porque a fórmula dos compostos artificiaes naõ consiste senão na contextura, e configuraçāo das partes, que concorrem para a sua composiçāo.

Por

Por esta razaõ, para provar a possibilidade do Ouro artificial com argumento commum a todo o Systema Philosophico, he preciso fórmallo, naõ sobre a materia primeira, ou remota do Ouro, senaõ sobre a proxima. He certo, que na formaçõ dos mixtos de todos os tres Reynos Animal, Vegetavel e Mineral, a Natureza naõ usa immediatamente da materia nua de toda a forma, nem taõ pouco della collocada debaixo de qualquer forma indiferentemente, mas da materia collocada debaixo de alguma forma determinada, a qual se ha como preludio, ou preliminar da forma do mixto, que se intenta. Assim se forma o animal da materia collocada debaixo da forma de Embriaõ, e a planta da materia collocada debaixo da forma de semente. A materia proxima dos Mineraes naõ ocorre aos nossos sentidos de maneira, que possamos ter certeza do que he; porém naõ ha duvida, que a proporção, tambem tem sua materia seminal; e em quanto aos Metaes, muitos Philosophos julgaõ, que se geraõ de verdadeira semente, sendo por este modo rigorofos Vegetaveis, donde vejo chamarem-nos sem receyo de impropriedade Planetas subterraneo. Mas sejão, ou não sejaõ Vegetaveis os Metaes, com tudo naõ se pôde negar, que precede immediatamente à sua geraçõ, a materia debaixo de alguma determinada forma, com a qual faz huma massa, que vem a ser como semente, rudimento, ou preludio do composto metallico, que a Natureza intenta. Séja esta massa composta de vapor, ou exhalacão, como quer Aristoteles; ou de Enxofre, e Mercurio, como pertendem os Chymicas; ou de Acido, Alkali, e Enxofre, como sentem muitos Mo-

Modernos, em qualquer destas sentenças se verifica o nosso assumpto. He tambem certissimo, que ha algum agente determinado, o qual obrando sobre esta materia proxima, a reduz ao ser metallico. Sobre estas innegaveis supposições, forma o subtilissimo Feyjoo, de quem tirey esta doutrina, huma fortissimo argumento por este modo: Pôde a Arte applicar aquelle agente, seja qualquer, que for, o qual tem actividade para formar Ouro, ou Prata, aquella materia proxima de que a Prata, e o Ouro se formão: logo pôde a Arte fazer Ouro, e Prata. A consequencia he evidente, e o antecedente innegavel; porque suppondo, que ha na Natureza aquelle agente, e aquelle passo, que se pôdem applicar hum ao outro, que repugnancia se pôde assignar, para que a diligencia humana os conheça, e applique? Roberto Boyle refere como coula certa, e constante, que hum *Chymico* do seu tempo, que se andava cansando nos alcançes deste grande segredo, logrou em huma occasião huma pequena porção de Ouro, mais por accidente, do que por Arte; porque repetindo depois a mesma operação sobre a mesma materia, não conseguiu o effeito desejado, e pertendido, por falta tem duvida de alguma, ou muitas circunstancias, que observa sempre nesta obra a Natureza, e pôde tambem alcançar a Arte, obrando com sciencia, o mesmo que fez o *Chymico* por acafo. O que se fez a primeira vez por acafo, se repete depois muitas vezes por artificio; porque facilmente executa a Arte, o que lhe ensina huma casual experiencia. Assim inventarão casualmente Bertoaldo Schuvar o artificio da polvorosa: Jacobo Mecio o invento do Telescopio: por

por acaso se descobrio o uso da Agulha, tocada da Pedra Iman, para observar o Polo, com tanta utilidade da Nautica; de forte, que isto de inventar, ordinariamente he huma mera, e casual felicidade, em que aos chamados inventores succede o mesmo, que ao rustico Lavrador, que arando o campo, descobre nelle hum thesouro.

Prova-se tamabem a transmutaçao dos metaes com esta natural paridade: a Arte faz as mesmas tintas, que nas suas minas cria a Natureza: logo tambem pôde fazer os Metaes, que a Natureza cria nas minas. O antecedente confessâ Aristoteles, dizendo, que a Arte faz o calcанtho, ou colchotar, que sao humas tintas naturaes, e mineraes; e confessando o antecedente, estimara ouvir a algum Peripatetico seu discípulo a razão da disparidade. A'lem do que, he certo, que pela Arte se faz a Pedra huma, chamada de Rocca, que he mineral creado tambem pela Natureza: logo tambem pôde fazer Ouro, e Prata, que a Natureza cria nas entranhas da terra. E a razão disto he, porque todo o Ente indigesto, e ordenado a digestão, e todo o Ente, ou substancia impura, mas habil para se purificar, se pôde digerir, e purificar, os Metaes imperfeitos, alguns sao indigestos, e impuros, como vemos no Estaño, e no Chumbo, e alguns sómente sao impuros, como he o Cobre, e o Aço, porém habeis, e dispostos para a sua digestão, e purificação completa: logo pôdem completamente digerir-se, e purificar-se por beneficio da Arte; e como a completa digestão, e depuração nos Metaes, he serem, ou chegarem a ser Ouro, ou Prata: segue-se, que chegando a este termo de digestão, e depura-

Aristotel. 4.
Meth. cap de
corp. miner.
&c de atra-
ment.

ção, que pela Arte em Prata, e Ouro, como nas Minas, se transformaõ. E daqui se segue, que se a *Arte Magna* purifica os Metaes impuros, e imperfeitos, tambem purifica os corpos humanos, convertendo-lhe a idade de Ferro em idade de Ouro.

Confirma-se finalmente este discurso com outro puramente Philosophico. He possivel, que pela Arte puramente natural se pôde fazer huma *Pedra*, ou *Tinctura*, que naõ só converta em Ouro, ou Prata todos os Metaes imperfeitos, e impuros; mas que tambem infinitamente os multiplique, a qual preserva de todas as molestias, cura todas as enfermidades, e prolonga por muitos seculos a vida; porque na sua existencia, e realidade naõ ha implicancia da parte da Natureza, nem da parte do sujeito, ou *Semente aurifera*, nem da parte do Artifice, nem da Arte, nem finalmente da parte do homem, e muito menos da parte de todas estas coufas reduplicativamente tomadas: logo naturalmente he possivel a *Chrysopeia*, que converte os Metaes viz em Ouro, e a *Argyropeia*, que os transforma em Prata; e se nõo he impossivel este raro, e natural effeito do *Lapis*, facilmente alcançao os sabios este segredo; porque se do mais difficult para o mais facil val o argumento dentro da mesma materia; como do acto para a potencia, nõo deixarão os *Chymicos* peritos, e sabios na *Philosophia Hermetica* de transmutar os Metaes viz em Prata, e Ouro, por ser mais facil transformar a materia, que em todos os Metaes he sempre a mesma; quando como scientes na *Arte Magna*, transformaõ até as substancias diversas na materia, que he operaçao muito difficultosa, mas vencida facilmente pela Sabedoria, e se-
gre-

gredos da *Arte Magna*, com que converterão as suas varas em Serpentes os famosos Magos do Egyp-
pto?

§. III.

COntra esta parte da *Philosophia Hermetica* se levanta o mayor Antagonista da *Chrysopeia*, o Reverendissimo Padre Mestre Achanasio Kircker, Varão grande entre os maiores, não só da semprē illustre, esclarecida, e doutissima Religiao da Companhia de J E S U S, mas de todo o Orbe Literario, à quem antes de o impugnar, faz Joao Zwelfer, Medico do Imperador Leopoldo I. este pequeno elogio para o seu grande merecimento: *Ex professso, & acerrime impugnat, & elimmare nuntiat. Magnus ille Societatis Scriptor, & Presbiter Pater Athanasius Kircherus, vir incomparabilis doctrinae, ac talenti, multisque aero nostro arcanis tomis, luculentis editis, conspicuas*; porque para elogiar Varão tão Sabio, os maiores hyperboles saõ limitados panegyricos. He a sagrada Religiao da Companhia de J E S U S, aquella Casa, que para si edificou a Sabedoria: *Sapientia aedificavit sibi domum*; e o Reverendissimo Padre Kircker he huma das mais solidas, e firmes columnas, que com o *Nonplus ultra* das sciencias, e virtudes sustenta melhor que Atlan- te o Ceo, este doutissimo, e celestial edificio; porque como escreve Caramuel, soy *Divinitus edactus*. Mas assim como os Apostolos da Companhia de J E S U S, quando passarão com seu Divino Mestre pelas searas alheas, não colherão todas, senão algumas espigas: *Discipuli autem ejus esurientes, cœperunt*

P. Kircker.
Mund. Sub-
ter. tom. 2.
lib. 11. sect.
2. cap. 1. de
lapid. Philo-
soph.

Zwelf. Man-
tis. Spag. Part.
1. cap. 1. fol.
324.

Proverb. 9. 1.

perunt vellere spicas; porque só principiarão, ou começaraõ a colher: *Ce perunt vellere*; assim este grande Apostolo não colheo todas as espigas, quando meteo a maõ na seara alheya; porque estudando, trabalhando, e escrevendo doutissimamente da *Chymica*, naõ pode averiguar o segredo, nem descobrir o invento da *Pedra Philosophal*, de que resultou escrever acerrimamente contra a verdade da *Chrysopeia*, cujos argumentos seraõ agora fundamentos desta disputa, com os quaes o intencarey vencer, como David ao Gigante Golias, com o golpe desta *Pedra*, e com a sua propria espada.

Para proceder com maior clareza, supponho primeiro com o grande Medico Paracelso, que na rigorola transformaçõ perdem as couias transformadas a sua propria forma, e recebem outra de novo, como vemos nas transformações do pano em papel, da pelle em grude, do pão em cinza, do Metal em pedra, e da cinza em vidro. Esta rigorosa transformaçõ naõ admitte o Reverendissimo Kircker nas especies dos Metaes, e com este fundamento nega os effeitos, e por consequencia a verdade da *Chrysopeia*. Demos agora forças a esta sua opiniao, para com a victoria ser mais plausivel este *Hermetico triumpho*. Os *Hermeticos* mudaõ os Metaes quanto aos accidentes, e naõ quanto às especies: ficaõ semelhantes na apparencia, e naõ na realidade, como realmente sendo muito diversos, saõ tambem muito semelhantes o *Sal commum*, e o *Sal Armoniaco*. Se os Metaes diffiriraõ accidental, e naõ essencialmente huns dos outros, seria taõ facil a sua transmutaçõ, como mudarem-se os accidentes; mas como differem pelas especies, he taõ imposs-

impossivel a sua transformaçāo , como a mudança das essencias. Neste sentido taõ impossivel he transformar Ferro em Prata , ou Cobre em Ouro , como converter hum Leão em Tygre , huma Pomba em Aguaia , huma Maçā em Pera , hum Pessego em Figo , e hum Melaõ em Laranja , como discorre Thomaz Erafsto , Medico do Imperador Rodolpho , aquem convence Claveo , insignissimo Francez , com huma doutissima apologia , que anda impressa no Segundo Volume do Theatro Chymico.

A reposa do grande Medico Hespanhol , ou Francez Arnaldo de Villanova , recebida por Raimundo Lullio , e outros Philosophos Hermeticos , que dizem naõ se transformarem as especies , se naõ os individuos , naõ satisfaz aos argumentos contrarios. Confessão os Hermeticos , que a argenticidade se naõ commuta em arreicidade ; mas affirmão , que o Ouro se transforma em Prata. Isto porém he taõ difficultoso de provar , como a transformaçāo de huma Balea em hum Delphim , ou de hum Elephante em hum Camello. Se hum individuo se convertēra em outro , tambem as especies , e differenças individuantes ficariaõ transformadas , como a Petreicidade em Pauleicidade , se Paulo se convertera em Pedro. Para responder a este argumento , ou desatar cortando este nó Gordio , supponho tambem com a commum opiniao de todos os Philosophos Peripatericos (que saõ os mais escrupulosos , e os menos illustrados com a noticia das transmutações , que faz a Chymica) que ha verdadeira conversaçāo de huma em outra substancia , como consta da sua mesma diffiniçāo : *Est trans-*
situs

P. Soar. Luf. *situs unius rei in aliam*; e se a *Pedra Philosophal* loc. cit. num. 39. não he outra coufa senão huma tintura, ou pô branco, e outras vezes vermelho, da mesma cor do açafrão pizado, e reduzido a pô subtil, tão resplandecente como vidro triturado, a qual tintura converte os Metaes impuros em Prata, ou em Ouro, e as enfermidades em saude, que he o mesmo, que converter huma coufa em outra: *Est transitus unius rei in aliam*: admittindo os Peripateticos esta conversão em todas as coufas, ou substancias criadas, porque o genero comprehende a todas, e não exclue a nenhuma das suas especies, não pôdem negar a mesma conversão nas especies dos Metaes, e dos humores, a que os *Hermeticos* defensores da *Chrysopeia* chamaõ por outro nome transmutação da enfermidade em saude, e dos Metaes imperfeitos em Ouro, ou Prata perfeitissimos.

He tão certa esta *Philosophia* entre todos os *Philosophos Aristotelicos*, e *Academicos*, que o mesmo *Kircker*, inimigo declarado da *Philosophia*, e *Medicina de Hermes* ingenuamente confessa, que nenhum *Philosopho* a duvidou até agora; admittindo tambem, que o Ouro se faz sujeito de outra differente especie: *Aurum fit subiectum alterius speciei, de quo nemo Philosophorum hucusque dubitavit*. Mas ao mesmo tempo, que confessâ a transformação do sujeito, nega incoherentemente a conversão das especies; lembrando-se no mesmo lugar, de que determinava escrever em outra parte, que huma herva se transforma em outra, o succo das plantas se transmuta em varios insectos, os brutos mortos se convertem em animaes vivos, os alimentos se commutaõ em sangue, e as cinzas se cris-

crystalizaõ em vidro, que saõ indissoluveis argumentos contra a sua *Philosophia*, e muito solidos fundamentos da *Pedra Philosophal*. Para isto se perceber melhor, devemos advertir, que por dous modos, conforme escreve o mesmo Kircker, se põde considerar a metamorphose, ou transformaçao de huns em outros Metaes, a que o doutissimo Padre chama transformaçao propria, e immediata, ou mediata, e impropria transformaçao: na transformaçao impropria, e mediata por falta de aptidão para a permutaçao, de sujeito *commum*, e permutable, e de sujeito immediato da accão permutante, mas feita por outro diverso sujeito, só as especies, ou accidentes se põdem mudar: *Hoc autem pacto species, & accidentia transmutari possunt.* Não põde por este modo transmutar a argenteidade na aurideade, nem a especie abstrahida do Ouro se põde transformar in abstracto na especie de Prata; porque estas especies abstrahidas dos seus individuos estao isentas de toda a permutaçao sensivel, excitada pela composiçao, accrescimo, ou contrariade, que as transformão; mas accidental, e impropriamente se põdem transformar pelo instrumento do fogo: *Sed per accidens quidem, & improprie, & mediate verbi gratia igne transformantur.* E na transformaçao propria, e immediata, que tem aptidão da sua immutabilidade, sujeito *commum*, que repugne à conversaõ, ou mutaçao, e que admitte qualquer sujeito, que activamente transforme, transmutar-se-hão os individuos, e não as suas especies: *Hoc autem pacto species mutari impossibile est; sed speciei duntaxat illius individua.* E consideradas as transformações por qualquer des-
tes

tes dous modos , que propoem o Reverendissimo Padre Kircker , nunca este grande Philosopho poderá com elles provar a impossibilidade da transformaçao dos Metaes feita pela *Chrysopœia* ; porque se admitté a conversão propria , e immediata quanto aos individuos , e não quanto as espécies abstrahidas , concede a transmutação , que os *Hermeticos* defendem , e praticão , e a razão he , porque elles fazem a transformação de entidades physiscas , e não de espécies metaphysicas. Fazem as suas operaçoes reaes , ou à parte rei , aonde não há , nem pôde haver espécies abstrahidas , senão os individuos , que são o objecto , e sujeito das transformações. E se pelo contrario admitté a transformação impropria , e immediata , concede , que até as espécies se convertem , couça que nem os mesmos *Adeptos* differão , nem sonharão. Necessariamente deve Kircker admittir huma destas transformações , propria , ou impropria ; porque são os únicos dous modos , em que elle divide a conversão , a qual não pôde negar como Philosopho discípulo de Aristoteles , aindaque na sabedoria tão superior ao grande *Stagyrita* , que pôde ser seu Mestre.

Nem o Reverendissimo Padre Kircker pôde negar a transformação propria dos Metaes imperfeitos em perfeitissimo Ouro , confessando ingenuamente , que os Metaes differem entre si só pelas suas espécies , e não pela sua materia : *In specie quidem differunt , non tamen in materia* ; porque a materia do Ouro , como depois de outros escreve Salamão Blawenstein , he Enxofre louro , subtilissimo , e purissimo : a materia da Prata he Enxofre branco , e Mer-

Salamão Bla-
wenst. apud
Mang. tom. I.
Bibliot. Chemo-
mic. l. I. sect.
2. subl. 2. cap.
2. §. In. f. 314.

e Merturio claro, e puro : a materia do Cobre, he Enxofre amarelo, crasso, e impuro, e Mercurio com alguma impuridade : a materia do Ferro, he Mercurio immodico, e Enxofre espesso, mas ambos impuros, eadurentes: a materia do Chumbo, he Mercurio impurissimo, crasso, e feculento, e Enxofre tambem impuro; e a materia do Estanho, he finalmente Mercurio branco na superficie, corado no interior, e de Enxofre mal misturado. Além destes Metaes, ha sete *Espiritos Alchymicos*, quatro principaes, que saõ, Mercurio, Enxofre, Ouroprosamente, e Sal Armoniaco; e tres secundarios, ou compostos, que saõ Marcasita, Magnesia, e Turria; mas em todos tem o primeiro lugar o Enxofre, e o Mercurio, como elementos da sua composição. Só o Antimonio, que he mineral quasi metallico, tem por materia o Enxofre, semelhante ao *commum*, como se averigua pola sua anathomia. E se a materia dos Metaes he Enxofre, e Mercurio, ou para o dizer melhor, he sempre a mesma materia, facilmente se pôdem transformar todos os Metaes em outros diversos na cor, e não na essencia por huma verdadeira, e própria transformação; porque he muito facil, e muito natural, que o mesmo Metal não seja diverso de si mesmo. Antes mais difícil, ou verdadeiramente impossivel parece, que os Metaes sejam diferentes nas suas especies, sendo certamente os mesmos nas suas effencias. E o exemplo, que traz Kircker, de que a semiente Sulphureo-Salino-Mercurial de todos os Metaes he sempre a mesma, mas que da terra recebe as diferenças accidentaes, ainda facilita mais a possibilidade, e certeza da sua transformação; porque

os accidentes, ou cores dos mixtos mudaõ-se com facilidade, e muito melhor fendo identicas as substancias dos fogeitos da sua inheſao; e havendo em todas as materias appetite para receber todas as formas; por isso o grande Medico Avicena, ainda que concede, que se naõ mudaõ as especies dos Metaes, e dos Mineraes, affirma que se transformaõ com perfeita transmutaçao, introduzindo-se novas formas na commun materia.

Porém ainda nesta supposiçao se condemna mais o mesmo Kircker, admittindo, ou escrevendo imediatamente no mesmo dílcurso, que os Bichos da seda, e as Lágratas se convertem em Borboletas: os Insectos em hervas, e as Plantas em varios Insectos, naõ só por obra da Natureza, mas tambem por industria da Arte: *De admiranda vero vegetabilis natura, qua non solum una herba in aliam transmutatur, sed ex herbarum putrescente succo, animalia lumque putredine, differentis speciei animalia producuntur, metamorphosi, in ultimo hujus operis libro, magno experimentorum apparatu differemus;* porque a Arte fermentando os humores dos Animais, e os succos das Plantas obra tão admiraveis produções, como a Natureza; fendo digno de mayor admiraçao, o que se lê no segundo Tomo do *Theatro Crítico*, de huma especie de Gafanhoto do Brasil, que pela Primavera se converte em Planta. Declarando a palavra *Catopa*, escreve o grande Bluteau no seu Vocabulário, por liçao de Diogo de Couto, que desta arvore cahem humas folhas mais pequenas, que as goras, cujo pê de cabeça de hum bicho, ou Borboleta, e o talo, e corpo, e as veias, que procedem delle, pés, e mãos, e as folhas azas,

com

com que logo voaõ, ficando perfeita Borboleta; e juntamente folhas. Cada anno renova esta arvore, lançando humas candeas, como de castanheiro, e de huma pedaço delas sahe hum bicho, servindo-lhe osgraõs à roda de pés, e o talo de corpo; e as folhas novascrião hums bichos, como de hortalica, que cahem de cima pendurados por fios, como teas de aranha, que recudem a apanhar huma casta de bespas, e as metem em seus ninhos, que fazem de lama dentro nas casas, e enchendolas daquelles bichos, tapão hum pequeno buraco, que tinhaõ para serviria, e vaõ-se as bespas para outro ponto, e destes bichinhos, que ficão nos ninhos, se geraõ outras bespas, que por tempos sahem dali a buscar mantimento para sustentar a vida. Nos mares de Gaóxa, Ilha da China na Provincia de Quantungo, ha hum peixe, a que os Chins, segundo escreve Kircker, chamaõ *Hoangeoyu*, que vale o mesmo, que peixe amarelo. Do principio do Outono atè entrar o Estio fica este peixe nas ágoas do mar, donde procuraõ os nacionaes pescado, porque ha muito delicado, e saboroso ao gosto, mas no principio do Veraõ se transforma em Ave de pena amarella, e como as mais Aves, levanta o voo, e vay buscar nos montes o seu sustento. Porém em chegando o Inverno, passa do Sertão para as prayas do mar, e metido nas ondas, converte as plumas em escamas, atè que tornando a Primavera, thenascem as azas, e assim com perpetua revolução vay este animal amphibio mudando de especie. Na geração do Picaflor, ave do Brasil, contou Padre Simão de Vasconcellos quatro transformações, que vêm a ser de bichos brancos em mosquitos, de

mos-

d ij

mosquitos em lagartas, de lagartas em borboletas, e de borboletas em aves! E se lhe dermos o credito, que merecem os escritos do sapientissimo Padre Arsldekim, confessaremos mais admiraveis transformações; porque escreve, que em Irlanda ha hum lago, aonde fixando-se hum pão comprido, a parte que penetra a terra, se converte em ferro, a que fica na agoa, se transforma em pedra, conservando o que fica ao ar o ferro que dantes tinha. E não só muitos, e graves Escritores, senão tambem o mesmo Kircker confessão, que os homens, brutos, arvores, plantas, e outras coisas viventes se converterão em pedra, penetradas com o espirito lapidifico, e petrificante, expirado repentinamente das entranhas da terra, como temos visto nos caranguejos de Aynaõ: e daqui se segue, que se as entidades perfeitas, e imperfeitas se converterão em pedra, que ha huma especie tão diferente, como o insensivel, e o vivente; que mais facilmente se poderá transformar os Metaes em Ouro, e Prata, havendo entre elles, não só analogia, e sympathia, como escreve o mesmo Kircker, mas verdadeira identidade, sem a sonhada diferença, ou imaginada diversidade de especies; porque ainda que a Prata seja branca, o Ouro amarelo, o Cobre negro, o Ferro azul, e o Chumbo kivido, não differem especificamente, como tambem especificamente não são diferentes os homens Europeos, que são brancos, dos Ethiopes, que são negros, nem os Chins, que são amarellos, dos Americanos, que são pardos. Os Tapuias tem cor de Bronze: alguns Chins tem cor de azeitona; e muitos negros tem cor de neve, chamados por esta causa Albi-

Albinos, ou Alvinhos, como escreve Bluteau por lição de Dapper, na Descripção da Ethiopia. Nesta Corte vi hum negro do Secretario de Guerra, tão alvo como huma pomba : porém as feições do rosto, e o crespo do cabello eraõ como as de qualquer negro, tão preto como hum Corvo. Hoje vive em Cala do Excellentissimo Senhor D. Gabriel de Alencastro VIII. Duque de Aveyro, hum negro tão salpicado de branco, que como alvo, e escuro igualmente proporcionados em manchas, representa em noite elcura o Ceo estrellado. Com a diversidade das cores não se diferençaõ essencialmente os individuos. Por ventura o Cavallo Dourado, o Cavallo Branco, o Cavallo Castanho, e o Cavallo Murzello, são Brutos tão diferentes nas espécies, como são diversos nas cores ? He certo que não. Pois se a diversidade das cores não he argumento para provar diferentes espécies nos mesmo brutos, e homens : também não he fundamento sólido, para provar diversas espécies nos mesmos Metaes de diferentes cores.

E para que não fique duvida, nem escrupulo nessa materia, aquem ler esta anticipada apologia dos tres Dialogos, quero responder neste lugar por douz modos a hum Texto de Direito Canônico, tirado como se diz do Concilio Auquirense, ou Ancyrano, no qual, conforme as Collecções de Buchardo, Ivo, e Graciano, se achaõ escritas estas palavras : *Quisquis credit posse fieri aliam creaturam, aut in melius, aut in deterius transformari in aliam speciem, vel aliam similitudinem, nisi ab ipso Creatore, qui omnia fecit, infidelis est.* São formidáveis estas palavras entendidas assim como soão, por-

Text. in cap. Epiloci 26. q. 5.

porque parece, que totalmente condenaõ por infiel o meu Discurso; mas quando fossem Canonicas, sendo entendidas no seu verdadeiro sentido, não se oppoem ao meu assumpto. Este Concilio Auquirense he chymerico; porque o não houve na Igreja. O Concilio donde os Canonistas tiraraõ o dito Texto, he o Aquilense, ou Ancyrano, onde se introduzio aquelle Canon sendo espurio, e apócrifo; porque se não acha em muitos exemplares Gregos, e Latinos do Concilio de Ancyra. Nem as Collecções de Dionysio Exiguo, e de Isidoro Mercator fazem delle menção, sendo as mais antigas. He verdade, que se acha este Texto em Bucharido, Ivo, e Graciano, porém Vároes muito doutos; ainda depois da correção de Graciano, feita por ordem dos Papas Pio IV. e Pio V. e principalmente por mandado de Gregorio IX. o reputaõ por falso. Natal Alexandre referindo todos os Canones deste Concilio, não falla neste Texto, o qual também omittio o P. Labbe; e o P. Harduino no Prologo daquella Collecção, que augmentou, insinua, que se não reputem por verdadeiros os Canones, que ella omittio, ainda que se achem em outros Collectores. Porém ainda que forão Canonicas as palavras do Concilio não contradizem a minha Philosophia; porque fallaõ só da transformação das pessoas, e não da transmutação dos Meatus, ou da metamorphose de outros semelhantes mixtos, como as explica o grande Jurisconsulto

Arfond. apud
Mang. Tom.
r. Bibliothec.
Chem. lib. 1. Sect. 2. Subs.
6. fol. 216.

Thomaz Arfondino: *Nam Textus ille non loquitur de speciebus Metallorum, aut similiis rerum; sed de speciebus personarum: hoc est de mulieribus fortilegis, que dicebant, quod noctu transformabantur in varias spe-*

*ties animalium, & per sylvas, ac nemora cum Diana vagabantur. Justissimamente prohibiria o Direito Canonico às Feiticeiras, ou Bruxas affirmarem, que de noite se transformão em varias especies de animaes, e que deste modo transformadas, vagão, ou andão correndo pelos bosques, e selvas na companhia da fabulosa Deosa Diana, acompanhando-a, e servindo-a naquellas montanhas no divertimento da caça; porque a Alma racional não pôde naturalmente informar corpo, que não esteja organizado com organização humana. Toda a forma pede necessariamente determinada configuração da materia, de sorte, que he impossivel subsistir em configuração propria de outra especie. Esta doutrina, que Fey- Feyjoo Thea-
joo segue como communissima entre todos os Phi- tr. Crit. Tom. 4. Discurs. 9.
losophos, se pôde confirmar com estas duas hor- 5. 2. num. 5.
rendas experiencias. No seu Diccionario Historico, fol. 227.
imitando os Authores da sua nação, chama Luiz Moretti *Striges* a huns cadaveres de defuntos, que se achão em Polonia, e particularmente na Russia, a que os naturaes da Terra chamão *Upiers*. Estaõ estes corpos mortos eheyos de hum certo humor, que parece sangue. He opinião provada com estupen- Bluteau Vo-
dos successos, que o demônio tem chupado, ou cabul. Port. titado este sangue de gente viva, ou de algumas ani- Tom. 7. Ver-
maes, donde o trespassa para os cadaveres, dos bo Strige fol. 751.
quaes em certos tempos fahe o diabo a fazer mal aos parentes dos defuntos, desde o meyo dia até a meya noite. Depois desta perseguição, torna o demônio a entrar nos cadaveres com todo o sangue, que tem roubado, que algumas vezes he tão copioso, que se o não tirão, rebenta pelos narizes, pela boca, e particularmente pelos ouvidos, fican-
do*

do os corpos nadando no ataude, e padecendo tanta fome, que comem as mortalhas, que ordinariamente se lhes achão na boca. Este Demonio, que sahe dos cadaveres apparece de noite aos seus parentes, e amigos, representandolhes a figura dos defuntos; com os quaes se abraça, e apertando-os muito, e tirando-lhes as forças de maneira, que acordão aflictos, gemendo, e pedindo socorro; e por lhes ter o Demonio tirado muito sangue, ficão muito fracos, e summamente attenuados, e deste modo se vão mirrando até que acabão a sua vida. Dura esta perseguição até o ultimo descendente da sua familia, se não atalhão, e evitaõ com o remedio tão lastimoso estrago. Fazendo-se vestoria nas sepulturas, estão estes funestos cadaveres brandos, inchados, vermelhos, e flexiveis, ainda que se tenha passado muito tempo depois da sua morte. Cortão-lhe logo a cabeça, arrancão-lhe o coração, recolhem todo o sangue, que sahe das feridas, e amassando-o com farinha, fazem della hum pão, que os vexados comem, e com esta mutilação de membros, não entra mais o Demonio naquelle corpos, theatros funestos das suas representações. Entre os Gregos ainda hoje saõ muy celebres as apparições dos *Broncolacas*, que saõ cadaveres de pessoas excommungadas, falsa, e apparentemente resuscitadas pelo Demonio, entrando dentro nos seus corpos, animando-os, e obrando de sorte com a sua organização, que fallão, andão, comem, e bebem; mas tanto que lhe arrancaõ o coração do peito, e cortado em pedaços o sepultaõ, não pôde o Diabo representar aquelles vitaes fingimentos. Sem a organização natural dos corpos humanos

Bluteau Vocabul. Port. Tom. 5. Verbo Ntoupi fol. 763.

manos, vemos nos cadaveres dos Broucolacas sem coração, e dos *Striges* sem coração, nem cabeça, não só a Alma Racional, mas nem ainda o mesmo Demônio pôde causar transformações, nem representar fingimentos. Logo não podendo, conforme ensinão os

Theologos, fazer o Demônio operações sobrenaturaes, e milagrosas, he preciso confessar, que não pôde o Diabo conseguir, que a Alma Racional informe algum corpo, configurado com organização propria de alguma especie de bruto, e por consequencia não pôde sem romper, ou desatar o vínculo, e união da alma com o corpo, transfigurar o corpo humano em outra especie, com diversa organização.

Para fingir estes prestigios, só tem o Demônio poder, conforme advertio Santo Agostinho, e não Div. Augusto para transformar huma em outra creatura, como lib. de spirit. & ^{Anim. cap. 17.} alguns erradamente imagináráo dos Arcadios transformados em Lobos, de Iphigenia mudada em Corsa, & 18. e dos companheiros de Diomedes convertidos em aves, e dos de Ulysses, pelos encantos de Circe, transfigurados em brutos. Com arte diabolica tomava Simeão Mago a figura que queria, e com tão grande semelhança trocou a cara de Faustíniano na sua, que só S. Pedro conheceo este engano. Foy este impostor tão temerario, que se offereceo, a que lhe cortassem a cabeça, promettendo, que resuscitaria dahi a tres dias. O Emperador o mandou degollar, e com seus prestigios poz debaixo do cutello a cabeça de hum carneiro em lugar da sua, e passados os dias se apresentou diante do povo, e do Principe com admiração de todos. Na sua historia diz Apuleyo, que imaginando ter morto tres homens, achou que erão tres pelles de bode, que a encantadora Pam-

pila com seus magicos prestigios representaria debaixo da figura de tres homens. E sendo esta a verdadeira intelligencia do Texto reputado por Canonico, não se deve trocer contra a transformação dos Metaes, e de outros mixtos semelhantes, à qual sem diabolico artificio, nem encanto magico, se faz naturalmente por industria da *Arte Magna*. Não sendo este o verdadeiro sentido do Concilio, serião infieis todas as pessoas, que affirmassem, que os ovos se transformavão em frangâos, e outras aves: os bichos da seda em borboletas, e os alimentos em carne, e sangue, que todas estas coisas são criaturas transformadas. Os mesmos Jurisconsultos serião reos de infidelidade; porque affirmão nos Text. in 1.2.C. seus Textos, que tudo se converte em dinheiro, de const. p. e que o veneno se transforma em triaga, pondo cun. Text. in o exemplo no celebre antidoto chamado Methrida-L. quod sapere to; e desta sorte não há razão, Texto Divino, §. venena fl. de ou humano, nem ainda authoridade, que destrua os fundamentos, com que os *Hermeticos* defendem os decantados efeitos da sua famosa *Chrysopeia*.

§. IV.

Também da contradicção dos *Adeptos* infere o Reverendíssimo Kircker, que se enganão, e nos enganão os *Hermeticos*; e com este fundamento conclue, em que não há *Pedra Philosophal* no Mundo; porque he sufficientíssimo argumento da sua falsidade, a variedade das suas grandes contradições: *Contradictionum varietas, sufficientissimum falsitatis argumentum*. Toda esta contradicção dos *Philosophos Chymicos*, he dizerem, que o Ouro constitutivo

vo do *Lapis*, não he Ouro, nem o Mercurio na *Arte Maggia* ne Mercurio; e com tudo para fazerem a Obra Magna, usão do Mercurio, e do Ouro: *Aurum, quod lapidem constituit, non esse Aurum, Mercurium in Arte Magna non esse Mercurium; & tamen Aurum, & Mercurium ad opus Magnum assumunt*; porque Ouro, e não Ouro, Mercurio, e não Mercurio, he grande contradição, que he o mayor absurdo, que se encontra na verdadeira Philosophia: *Quod manifestam implicat contradictionem, quo in vera Philosophia nihil absurdens est.* Facilmente se desata, ou rompe o nó desta contradição, como alludindo ao nó Gordio, que senão pedia desatar, lhe chama com alguma jaçancia o mesmo Kircker, se distinguirmos a semente Solar, ou Mercurial do Mercurio, e do Ouro; donde se tirão com a distinção, que os Philosophos chamão *includentis ab inclusão, & inclusão ab includente*; porque com esta distinção fica a semente Mercurial ou Solar tendo, e juntamente não sendo Ouro, ou Mercurio, como a semente de qualquer vegetavel, he, e não he juntamente à mesma planta. He planta, porque conforme a Figura Synedoche (a qual diz mais, ou menos do que he na realidade, tomando a parte pelo todo, ou o todo pela parte) basta ser parte sua, para ter o nome da planta toda. Assim chamamos trigo a toda a seara, e também a qualquer grão della. E não he juntamente planta; porque a semente he huma parte só da planta, em que nasceo. Por este modo se pôde chamar Ouro, ou Mercurio ás suas partes femininas, que saõ a semente Mercurial, ou Solar, que os *Hermeticos* tirão destes mixtos, e ij para

para fazerem o *Lapis* com o segredo da Arte Mag-
na : *Et tamen Aurum, & Mercurium ad opus Mag-
num assumunt* ; não se devendo chamar Mercurio,
nem Ouro , a materia de que os *Adeptos* formão a
Chrysopeia , aqual entra na obra Magna : *Aurum
quod lapidem constituit, non esse aurum; Mercurium
in Arte Magna non esse Mercurium* ; porque esta
materia do *Lapis* he incompleta , por estar desti-
tuida , e separada de muitas das suas partes inte-
grantes , e como tal não tem toda a sua material
perteição, aindaque por estar purificada, he perfei-
tissima. Explicome com hum exemplo Philosophi-
co. O homem essencialmente he *Animal Racional* ;
e com tudo não podemos chamar homem a qual-
quer destas formalidades , quando objectivamente
se distinguem pelo entendimento ; porque am-
bas compoem o homem unidas , e não separadas,
porém estando distintos estes douis grāos methaphi-
sicos , não há duvida , que o Racional he perfei-
tissimo , como vemos nos Anjos. Da mesma sorte
não se pôde chamar Ouro , ou Mercurio a qual-
quer destes mixtos , separando-lhes as suas partes
integrantes , e componentes a *Arte Magna* , posto-
que estando purificados , ficão muito mais perfei-
tos. E neste sentido não saõ Mercurio , nem Ou-
ro , aindaque por Synedoche se pôde chamar a es-
ta materia seminal , Ouro, ou Mercurio. Por este
modo me parece , que se explicão os *Herméticos* .
sem contradicção , e com admiravel rhetorica.

Esta semente Mercurial , e Solar , admittē o
mesmo Kircker distincta do mesmo Ouro , e Mer-
curio , quando escreve , que o halito , ou vapor
Sulphureo-Salino-Mercurial he a materia sujeita
dos

dos Metaes ; mas não he Metal , senão semente metallica : *Aurum , argentinum , aut plumbum non est , sed veluti semen quodam.* Não he Ouro , Prata , nem Chumbo , mas he parte sua , como he a semente dos Vegetaveis parte , e não toda a planta ; e com admittir Kircker esta semente distinta dos Metaes , intenta provar , que os *Hermeticos* a não tirão do Ouro ; porque se destroe com tantas dissoluções , calcinações , e outros tormentos do fogo , ou das agoas corrosivas : *Urgeo , quomodo probas illud semen per tot dissolutiones , cæteraque tum- gnis , tum aquarum rosiarum tormenta non esse de- structum ?* Prova esta instancia , com esta paridade : a semente dos Vegetaveis destroe-se com os repetidos cozimentos : logo também se destroe a dos Metaes com os referidos tormentos. A este exemplo porém respondo com a disparidade , que elle mesmo reconhece entre a semente dos Metaes , e dos Vegetaveis : *Aliter se habere cum seminibus vegetabilium , aliter cum semine metallicorum corporum.* ; porque a natureza do Ouro he indestructivel , como confesssa Kircker neste lugar : *Ab auro minerali præ- mutus assumpto , natura sua indestructibili ;* e a natureza dos Vegetaveis totalmente se destroe pelo cozimento : *Ut potius destructa per tam frequentem decoctionem forma , & seminis vim vegetabilem , una pe- rire necesse sit.* De maneira , que para defender a *Chrysópeia* , não acho melhor doutrina , do que a contradicçāo de Kircker ; porque as suas lanças mais agudas , e penetrantes , saão os escudos impenetraveis da nossa Pedra. E agora justamente se deve notar , que admittindo este grande Philoso- pho , que a semente , ou porçāo do Ouro se des- troy-

tree nos tormentos do fogo , diga juntamente no mesmo lugar , que pos ter este Metal natureza *indestructiva* , & não pôde destruir , contradizendo se em poucas regras , ao mesmo tempo em que com tanta advertencia argue contradições.

Se a contradicção he grande absurdo na *Philosophia* : *Quo in vera Philosophia nihil absurdius est* ; nos escritos não dos *Hermeticos* , senão do Reverendissimo Kircker , e do pay da *Philosophia Aristoteles* , se achão estes absurdos ; porque o mesmo Aristoteles no livro de *Mirabilibus auctoribus* affirma , que em Silicia há hum lago , donde metendo-se os animaes afogados , resuscitão , ou recuperão a vida ; contradizendo com esta resurreição à sua grande maxima , em que diz , que não há regresso da privação para a forma. E no livro quinto da Historia dos animaes , não só dá credito à fabula da Salamandra ; mas accrescenta , que nos fornos de Metal da Ilha de Chypre nascem , e se crião no meyo das chamas humas pequenas aves , que saõ os insectos volantes chama dos *Pyraylas* (dos quaes affirmano o mesmo Eliano , Plínio , Aeschilo , e Aldovrando) tão symbolicas com o fogo , que morrem logo que as apartão do lume , contradizendo se no livro segundo da geração dos animaes , aonde prova ; que o fogo

Kircker. To- go não gera animal algum. Também Kircker se-
mo 2. lib. 8. contradiz , quando escreve , que na Helvecia se-
fect. 4. fol. 95. credra hum homem debaixo da terra , e na com-
& To.m.2.lib. panha dos Dragões subterrâneos , comia sómente:
9.feet.5.fol.3. Sal pedra ; affirmando em outra parte , que o ho-
mem se não pôde alimentar , e nutrit , se não com-
alimentos vegetaveis , que he tão grande absurdo ,
como

como manifesta contradicção. E se da contradicção dos *Hermeticos* inscre Kircker que não há *Pedra Philosophal*, também com o encontro dos Vegetaveis, e Sal pedra estão as pedras encontradas. Elle conclue, em que não há *Pedra Philosophal*, porque se contradizem os seus defensores: e eu tambem provo com o mesmo argumento a existencia da *Chrysopœia*, por se contradizer o mesmo Kircker, que a impugna.

§. V.

Com a mesma subtileza argue o Reverendissimo Kircker duas contradicções dos *Hermeticos*, sobre o descobrimento, ou eleição da materia, e do methodo com que preparão a *Chrysopœia*; porque cada hum clege materia differente, e a prepara por diverso modo, ou methodo. He certo, que se a materia do *Lapis* he o Mercurio, Enxofre, Arsenico, Calcanho, Magnesia, Marchasita, Sangue, Antimonio, Tutia, ou qualquer dos outros innumeraveis mixtos, que acertão todos os *Adепtos*, ou acerta hum só *Hermetico*; e como he tão duvidoso acertarem todos nesta materia, tambem há grande duvida, em que hum só homem descubra a verdade, aqual senão pôde achar entre tantas contradicções: *Vel enim unus virtutem attingit, vel omnes simul. Sed sicuti illud incertum est, ita in posteriori veritas tot contradictionibus involuta, locum habere non potest.* Por isso Villanova injuria a Lullio, Paracelso impugna a ambos, e Libavio refuta a Paracelso: *Villanovanus insectatur Lullium: utrumque impugnat Paracelsus; hunc Libavius, omnipium*

omnium bipedum, quadripedumque nequissimum impostorem intitulat. Em castigo desta calunnia, vierão outros *Hermeticos*, que satyrizarão a Libavio, e a todos os Antigos, chamando aos mais velhos ignorantes, e fatuos, e a Libavio calumniador, mentiroso, e falso accusador, que tudo isto quer dizer a palavra *Sycophanta*: *Omnes vero reliqui contra Libavium insurgentes, Sycophantam livore plenum, mordacitate satyrica efferum vocant, omnes tandem singulos fatuos, & ignorantes rerum initulant.* Nem os *Hermeticos* se ajustão sobre o methodo, com que fabrício o *Lapis*; porque Azotho emenda a Lullio, Libavio a Azotho, e Paracelso a todos: *Azothus emendat Lullum, Libavius Azothum, Paracelsus omnes.* Antes que responda a esta censura, quero advertir huma contradicção, que também se acha nestas poucas palavras de Kircker: primeiro diz, que Libavio escreveo contra Paracelso, e depois affirma, que Paracelso emendou a Libavio, sendo Libavio mais moderno, e escrevendo muito tempo depois de Paracelso; porque de outro modo não podia satyrizalio nos seus escritos.

Para desfazer a censura das contradições referidas, não recorro ao *Polyonymo*, com que por modo de *Synonymo*, com variedade de nomes, se explica a mesma cousa; nem aos sentidos allegórico, e metaphorico, em que os *Hermeticos* fallão quando escrevem da materia, e methodo com que fabricão o *Lapis*; porque como a metaphora he figura, que muda a propria em outra significação, e a allegoria diz huma cousa, e entende outra, por qualquer daquelles mixtos entendem os *Hermeticos* cousas diferentes, e antes querem mostrar, que

que se contradizem a respeito da materia , ou do methodo , com que fazem a *Chryscepa* , do que revelar o mysterio da *Pedra Philosophal* ; à qual tambem no sentido allegorico , e tropologicamente chamaõ os Chymicos *Ceo* , *Chrysosferna* , *Semente de Ouro* , *Terra benedicta* , *Agua da vida* , *Sigillo de Salamina* , *Fogo da Natureza* , *Leite de Virgem* , *Mercurio dos Philosophos* , *Dragao* , *Agua* , *Carvo* , *Laton* , *Elixir* , *Remedio de todas as enfermidades* , das quaes não morre quem o toma , como diz Kircker : *De quo qui bibit , non moriatur* ; porque os *Adeptos* usando da *Prosoqomasia* , ou conjunção de nomes semelhantes , daõ varios epithetos ao *Lapis* , imitando aos Antigos , que por Hieroglyphicos se explicavão com mysterio , e brevidade , para com barbara aphonía de palavras Phenicias , e Arabicas zombarem de ignorantes , e presumidos Edipos ; mas recorrerey a semelhante contradicçao , que se acha em todos os Systemas dos Philosophos antigos , e modernos sobre a averiguação dos Elementos , ou materia de que se compoem todos os mixtos ; porque os Aristotelicos dizem , que os Elementos saõ quatro , Fogo , Ar , Agoa , e Terra : os Chymicos affirmão , que saõ cinco , Sal , Enxofre , Azougue , Terra , e Agoa : os Carthesianos defendem , que saõ tres , Materia Subtil , Globolosa , e Crassa ; e os Antigos Epicuros , e modernos Gassendistas sustentão a opinião , ou capricho de infinitos Elementos , que saõ os Atomos . Em todos estes Systemas , come discorre o doutissimo Feyjoo no Sceptismo Philosophico do seu *Theatro Critico* , está tão duvidosa a verdade , que provavelmente nenhum delles he verdadeiro . Ao

{

menos

menos de qualquer dos referidos Systemas, huma-
fó Seita diz, que he verdadeiro, e tres affirmão,
que he falso: que he o mesmo, que dizer, huma-
testemunha o justifica, e tres o condemnão: o Sys-
tema de Aristoteles parece fabula aos Chymicos:
o Systema dos Chymicos parece chymera aos Car-
thesianos: o Systema de Descartes parece fingi-
mento aos Epicuros, e Gassendistas; e o Systema
de Epicuro, e de Gassendo parece sonho a todos
os Philosophos; por isto os Philosophos todos afron-
tao a Gassendo, e Epicuro: os Gassendistas, e
Epicuros injurião a Descartes: os Carthesianos fa-
tyrizão aos Chymicos; e os Chymicos caluniaõ à
Aristoteles. Comparemos agora a discordia de to-
dos estes Philosophos a respeito dos Elementos, e
Systemas da sua Philosophia, com a oposiçāo dos
Hermeticos sobre a materia, e methodo da sua Chry-
sopeia, e acharemos, que se Villanova injuria à
Lullio: *Villanovanus insectatur Lullium*, que o
mesmo fazem os Chymicos calunniando a Aristote-
les: se Paracelso impugna a Lullio, e Villanova:
Uiranque impugnat Paracelsus, que o mesmo fa-
zem os Carthesianos satyrizando aos Chymicos: se
Libavio offende a Paracelso: *Hunc Libavinus om-
nium bipedum, quadripedum impostorem intulat*,
que o mesmo fazem os Gassendistas, e Epicuros,
injuriando a Descartes; e se todos os Philosophos
afrontão a Libavio, e aos antigos, e modernos
Hermeticos: *Omnes vero reliqui contra Libavium
insurgent, Sycophantam livore plenum, mordacita-
te satyrica efferum vocant, omnes tandem singulos fa-
tuos, & ignaros rerum intitulant*; que o mesmo fa-
zem os Philosophos todos, afrontando a Gassen-
do,

do, e a Epicuro. Pois se entre todos os Philosophos se acha esta discordia, emulação, e contradicção em proprios termos, isto he, sobre a matéria dos mixtos, e do *Lapis*, que muito he, se encontre tambem entre os *Hermeticos*? Se por estas contradições os censura Kircker, contra todo o Orbe literario publica esta censura; porque não ha Philosopho, que seguindo a qualquer dos Sistemas, e oppondo-se aos contrarios, não possa ser censurado. Assim censurou antigamente Santo Anselmo aos Philosophos *Nominae*, sequazes da opinião de *Guilielme Ocham*, Religioso de S. Francisco, natural de Inglaterra, e discípulo do Subtilissimo Scoto, chamandolhe *Hereses da Dialectica*, achando-se os *Reaes*, e *Integraes* comprehendidos nesta voluntaria censura. Nas Escholas da Theologia *Elcolastica* ha grandes contendas, e discordias entre Thomistas, Scotistas, e Jesuitas, sem que a diversidade das opiniões se opponha ao essencial da verdade. Finalmente, se esta contradição *Hermetica* he delicto, que haja de castigar só quem não tiver commettido o mesmo crime, não se achará na Republica das Letras Philosopho, ou Sabio, que lhe possa dar o castigo.

Os Escribas, e Phariseos, que erão antigamente os Sabios, e Doutores entre os Hebreos, accusarão diante de Christo huma mulher adultera, que merecia ser apedrejada por tão grave crime: *Moyses mandavit nobis hujusmodi lapidare*. E que respondeo Christo, como tão sabio, àquelles doutos accusadores? Não respondeo por palavra, senão por escrito: *Dirigit scribebat in terra*. O que Christo escrevesse, não se sabe de certo. Entendem communmente os Pares,

dres, que forão os peccados dos accusadores. Que
 accuse o homicida ao homicida, o ladrão ao ladrão,
 o adulterio ao adulterio? Homem, accusate a ti: olha
 que quando accusas os peccados alheyos, te con-
 demnas nos proprios. Assim succedeo. Depois que
 o Senhor escrevo o processo, não da accusada, se
 não dos accusadores, levantou-se, e não lhes disse
 mis que estas palavras: *Qui sine peccato est vestrum,*
primus in illam lapidem mittat. Aquelle de vós, que
 se achar sem peccado, seja o primeiro, que atire
 as pedras. Aqui me lembrão as do Doutor Maxi-
 mo S. Hieronymo. As pedras, que trazião apare-
 lhadas contra a delinquente, converteo-as cada hum
 contra o seu peito; e os que tinhão entrado tão-
 zelosos, começarão a sahir confusos: *Audientes*
autem unus post unum exhibant, incipientes a senioribus.
 Sahirão-se; porque entrarão na propria consciencia;
 e como todos se acharão culpados, nenhum se atre-
 veo, nem pode castigar aquella culpa. Com as
 mesmas contradicções dos *Hermeticos* se acharão no
 Orbe Literario todos os *Philosophos*; e nenhum
 poderá sentencear as suas culpas, sem ler no mes-
 mo processo os seus delictos; e não podem casti-
 gar estes crimes, os que não estiverem innocentes.
 Sem huma innocencia muito pura, ninguem pô-
 de escurecer a outros a fama. As thesouras com que
 se espivitavão, e os vasos em que se apagavão as
 luzes das sete Alampadas do Tabernaculo, erão
 de Ouro limpissimo: *Fecit & lucernas septem cum*
emunctoriis suis, & vasa ubi ea, quae emunctoria sunt
extinguantur, de auro mundissimo. Tão limpo deve
 ser como Ouro purissimo, quem se atrever a puri-
 ficar Alampadas, e quizer extinguirlhes as luzes. E
 nota
 Exod. 37.23.

nota o Evangelista S. João, que os Escribas, e Phariseos, que sáhirão primeiro do Tempo, sáhão os mais velhos : *Incipientes à senioribus.* Exclama sobre este lugar o grande Vieira : miseravel fol. 763. Vicir. Part. I.

condição da vida humana ! Quantos mais annos, mais culpas ! E muito mais miseravel he a condição *Philosophia*, e *Sciencia humana*; porque quanto mais fabios, e mais *Philosophos*, mais, e maiores sãõ as contradicções. Porém entre estas contradicções se apura a verdade, como vemos nos Historiadores, Chronologos, Jurisconsultos, e *Theologos*. E se a contradicção dos Authores fora efficaz argumento contra a verdade das matérias, sobre que tão contradictoriamente escreverão, e disputarão, seguiase este grande absurdo : sobre o descobrimento, e averiguação da verdade ha grandes controvérsias, e contradicções entre os seus indagadores : logo não há verdade. Da verdade difte Kircker, escrevendo contra o *Lapis*, que depois de conhecida, nenhuma coula lhe destruhia a sua infallivel certeza : *Cum veritas una, & simplex sit, quæ semel revelata, nunquam sua destruitur certitudine.* E accrescento eu agora, que tambem a não destroem as contradicções dos que a ignorão, ou contradizem, antes da sua clara, e manifesta revelação. Antigamente só em Judea era conhecido o verdadeiro Deos : *Notus in Iudæa Deus*; e sendo Deos essencialmente a mesma Verdade, porque possue a plenitud da verdade, não por alguma verdade adventicia, mas só em virtude da sua propria essencia, contradizia a sua existencia o netcio Atheo, lá no interior do seu infidelissimo coração : *Dixit in- sipientis in corde suo, non est Deus*; e com tudo não pode

Psalm. 13. 1;

pode a nescia contradicção do Atheo destruir a verdade certa, e infallivel da existencia do verdadeiro Deos, aindaque por falta do conhecimento estava Deos como occulto, e desconhecido entre as nescias contradições do Atheismo.

He verdade certa, e infallivel a existencia de Cyro, famosissimo Rey da Persia, e da mayor parte da Asia; porque tambem faz delle honrada menção o Sagrado Texto, como se pôde ver no capitulo primeiro do primeiro livro de Esdras, aonde não só o nomea muitas vezes, mas tambem trasladada o Decreto com que este Monarca deu liberdade ao Povo de Israël, cativo então em Babylonia, o qual principiava assim: *Hæc dicit Cyrus Rex Persarum*; e não faltão contradições entre a narração historica de Herodoto, e Xenophonte, referindo ambos por diverso modo as acções heroicas deste grande Rey. Não he menor a discrepância, ou contradicção dos Historiadores entre as circunstâncias da sua morte; porque Herodoto affirma, que morreu em huma batalha, que deu contra Thomiris Rainha dos Scytas: Diodoro Siculo refere, que soy morto, ou crucificado por ordem de Thomiris, depois de prizoneiro na mesma batalha: Ctesias conta, que acabou a vida atravessado com huma setta, batalhando contra os Dervicios, Povos vizinhos da Hircania: Xenophonte diz, que morreu na Persia de morte natural; e não faltão Historiadores, que escreverão, que Cyro morrera em huma batalha naval contra os Samios. Ninguem duvida, que Xenophonte escreveo muitas fabulas na vida de Cyro; vicio, que tambem descobrirão os Criticos na historia de Herodoto; e por muitos capitulos està re-

tá reputado Ctesias por suspeito: e não se pôde, nem deve inferir daqui, que Cyro he hum Rey fabuloso. Os Historiadores de Hespanha defendem, e provão, que o Apostolo Santiago Mayor converteo à Fè de Christo esta grande Peninsula do Mar Oceano: e os Escritores Francezes negão, que este Apostolo viesse a Hespanha: alguns Hespanhoes escrevem, que S. Paulo convertera esta Província; outros dizem que Santiago, e outros, como se pôde ver no *Theatro Crítico*, afirmão, que pregárao em Hespanha ambos estes Apostolos. Será lícito agora inferir desta discordia de opiniões, e contradicção de Historiadores, que nenhum destes Apostolos vejo a Hespanha? Pois a illação tem a seu favor, não só a prova da contradicção, mas tambem os fundamentos de opiniões tão contrárias, e oppostas; porque a opinião, que prova a vinda de Santiago exclue totalmente a de S. Paulo, e a que defende a de S. Paulo, destroe absolutamente a de Santiago; e se admittirmos, que os fundamentos de cada huma destas opiniões são tão verdadeiros, como oppostos, devemos confessar, que nenhum destes Apostolos vejo a Hespanha; e com tudo he certo, que hum só, ou ambos convertêrão os Hespanhoes à Fè de Christo, conservando-se a verdade pura entre tão grandes contradições.

§. VI.

COntra a multiplicação do Ouro, que com a semente aurifera, infinitamente multiplica a *Pedra Philosophal*, argumenta acerrimamente o grande Kircker com este Dilemma: ou esta semente au-

rifera

rifera multiplicativa do Ouro tem vida , ou não : *Vel hoc seinen anima vegetativa erit præditum , vel non* ; se não tem vida , como he possivel , que privada do movimento vital , possa ser tão fecunda , que se o Mar sora de Mercurio , o convertesse todo em Ouro : *Atque adeo tumidos fluctus maris imbuit auro* , quando as couças vitaes carecem desta tão grande fecundidade ? E se tem vida , contra todos os principios da natural Philosophia , serão os *Hermeticos* obrigados a conceder vitalidade em todos os corpos mineraes , e metallicos , que sem duvida saõ inanimados , affirmando contra a verdade , que todos em si formalmente tem vida.

Bem previo o doutissimo Kircker , que os *Chymicos* enfurecidos se levantarião contra elle , arguindo a sua ignorancia , ou accusando o seu zelo indiscreto : *Non dubito , quin Alchymistæ hic contra me æstro furoris perciti insurgent , meam sive ignoratiæ , sive indiscretum zelum sint accusaturi*. Contra o indiscreto zelo , com que este grande Padre injuria aos *Hermeticos* com palavras afrontosas , não escreverei huma só palavra ; porque nem me considero offendido , nem com palavras , senão com razões melhores , que as suas me desafronto destas injurias. Porém neste seu Dilemma considerarei naõ a sua ignorancia , senão o seu descuido. Acha este grande Philosopho ser impossivel , que tenha virtude multiplicativa , o que naõ tem vitalidade , esquecido de que sem vitalidade multiplica huma pequena porçao de fermento huma grande quantidade de massa , fazendoa crescer , ou multiplicar com grande excesso : *Modicum frumentum totam massam corrumpit*. Nem he inconveniente conceder

der vitalidade aos corpos mineraes, e metallicos, quando sem os apertos deste Dilemma, affirmaõ muitos Philosophos, que os Metaes, e Mineraes saõ rigoros vegetaveis, como escreve Feyjoo no Tomo III. do *Theatro Critico*, impugnando a *Pedra Philosophal*, a quem refuta doutissimamente Enodato no primeiro Dialogo desta obra: *La materia proxima, dizelle, de los minerales no incurre a nuestros sentidos de manera, que podamos tener certeza de qual es; pero no hai duda, que a proporcion tienen tambien su materia seminal; y en quanto a los metales, muchos Philosophos juzgan, que se procrean de verdadera semilla, y son rigorosos vegetables, por lo qual no recelan darles el nombre de plantas subterraneas. En nuestras Paradojas Physicas, contenidas en el segundo Tomo, hemos tocado esta materia, y allí se puede ver; e para que todos a vejaõ neste lugar, e conheçaõ o descuido do Padre Kircher, traduzirey aqui o mais curioso, que na decima Paradoxa refere o mesmo Author; e concluiréy este discurso com razões, e experiencias do Padre Kircker, e do seu Museo Kirckeriano.*

Na composiõ de todos os vegetaveis (escreve Feyjoo) entra alguma porçao metallica. Esta he huma grande novidade na Physica. Monsieur Gofredo da Academia Real das Sciencias, havendo examinado as cinzas de muitas plantas, em todas achou pequenissimos grãos, que attrahia a Pedra Iman, donde inferio, que eraõ de Iman, ou de Ferro os mesmos grãos. Mas porque restava a dúvida, se a calo a virtude attractiva do Iman se estendia (aindaque ategora não se haja conhecido) a outras algumas particulas, que entraõ na compo-
g

posiçāo dos vegetaveis , sem que sejaō do Iman , nem do Ferro , ou de outro algum metal ; os Senhores Lemerys Pay , e Filho , fizeraō nova averiguacāo sobre a mesma materia , que resolveo toda a duvida ; porque usando do Espelho Vistorio , deteteraō as particulas , que o Iman tinha attrahido das cinzas das plantas , as quaes se derretēraō na mesma forma , com que se liquidaō , scintelleando muito o Iman , e formāraō finalmente huma bola de consistencia , e dureza metallica. Ainda no mel depois da sua destillaçāo , achāraō estas particulas , que attrahia o Iman ; donde se infere , que atē ao succo mais subtil das flores , se estende esta composiçāo metallica. Sem embargo deste exame , ainda ficava por averiguar , se estas particulas preexistiaō na planta , ou resultāraō da calcinaçāo , como producto do fogo , em que a produçāo parece mais verosimil ; porque se naō acha difficultade alguma , em que o fogo transmutes em Metal algumas particulas dos vegetaveis ; encontrando-se grande duvida , em que o ferro sendo tão pezado , possa subir à mayor altura das arvores.

Monsieur Lemery Filho desfez esta duvida , com subtilis , e curiosas experiencias , as quaes não só o certificāraō da volatilidade do Ferro , mas tambem o inclinaraō a crer , que esse Metal contribue muito em todas as plantas para a vegetaçāo. A mais famosa experiençāo , que fez , foy por este modo. Havendo lançado espirito de nitro acido sobre limadura de Ferro , se seguiu hum violento fervor , ou evoluçāo , que em fim socogou , ficando hum licor vermelho com a dissoluçāo do Metal : misturando depois na composiçāo oleo de

tar-

tartaro por deliquio, se excitou mediana fermentaçāo, em que se foy inflammando cada vez mais o licor, atē formar pelos lados do vaso varios, e subtilissimos ramos, os quaes depois de extincta toda a sensivel fermentaçāo, forāo crescendo atē toda a altura do vaso. Ainda que a primeira vez, que se fez esta experiecia, conseguiu só os rudes lineamentos de huma arvore, variando depois por muitos modos a dosis do oleo de tartaro, foy conseguindo com mayor perfeiçāo esta vegetaçāo metallica, atē lograr finalmente huma arvore perfeitamente delineada, ou formada com raizes, tronco, ramos, folhas, flores, e fructos. Este grande, e excellen-
tissimo Chymico colheo desta admiravel experiecia, que assim a volatilidade, como a vegetaçāo, se devia à limadura do Ferro; porque sem ella, o mais que se produziria, seriaõ alguns cristaes no fundo do vaso, pela dissoluçāo do espirito de nitro.

Mas nem por isto se imagine, que a vegetaçāo metallica se faz sómente com o Ferro; porque o celeberrimo Abbade de Vallemont no Primeiro Tomo das curiosidades da Natureza, e da Arte sobre a agricultura, diz, que em Pariz se fizeraõ semelhantes vegetações artificiales com Metaes diferentes, Ouro, Prata, Ferro, e Cobre. Porém a mais commum de todas, he a que se faz com Prata, a quem os Chymicos chamão *Arvore de Diana*. A sua formação he por este modo. Dissolve-se huma onça de Prata, com duas, ou tres onças de espirito de nitro acido. Evapora se esta dissoluçāo a logo de areya, atē consumir-se quasi ametade. O que resta, se mistura em vaso proporcionado, com vinte onças de agoa commum, e muito clara, e

duas onças de azougue. Deixando depois esta mistura em quietação por espaço de quarenta dias, neste tempo se vay formando huma arvore de Prata, com bastante analogia às naturaes em quanto a figura. Monsieur Homberg *Chymico* celeberrimo da Academia Real das Sciencias, usando dos mesmos materiaes, aehou modo de formar esta arvore metallica em menos de hum quarto de hora. Rhodes Canasses, *Chymico Grego*, tem achado o segredo da huma vegetaçō artificial, da qual se tem feito experientia em Pariz, e consiste na preparação de certa agoa forte, a que o dito Rhodes chama *Agoa de Cambao*, na qual os Metaes, como Ouro, Prata, Ferro, Cobre, se vem brotar, subir, e ramificar em poucos instantes até a superficie do dito licor.

Estas vegetações metallicas, juntas com a experientia de se acharem porções de ferro nas cinzas de todas plantas, naó só provaõ, que os metaes podem em virtude de certas fermentações fazer-se volatéis, quanto basta para subir pelos tubos, por onde sobe o succo alivel às plantas, mas tambem fazem provavel, que à mistura do metal devem as arvores, e todos os vegetaveis a sua vegetaçō. Até aqui o *Theatro Critico*. Confirma-se esta doutrina com duas experiencias de Kircker. Em huma, que traz neste mesmo lugar, confessa, que nas cinzas de muitas hervas (principalmente no Reyno de Hungria) se acha Ouro, quando as queimão para lhes tirar o Sal; porque da terra se communicarão, e introduzirão nas suas raizes os espiritos auriferos, e dahi se diffundirão por toda a planta: *Dum herbas nonnullas in cineres ad saltem extrahendum redigunt, aurum reperiunt; & audiri id sepius in Hungaria*

garia juxta aurifodinas accidere ; rationem hujus hanc damus , quod spiritus auriferi in radices , ac reliquam berbarum substantiam delati , &c. E em outra não pôde negar , que no seu *Museo Kircheriano* se via no tempo , em que vivia este grande homem , huma arvore de Prata , nascida , e formada , como escreve Bluteau , da contusaõ , e fermentaõ de subtilissimas particulas do dito Metal , encerradas em hum vaso de vidro , que se abriraõ em folhas , e estenderaõ em ramos , que pareciaõ originados de huma natural vegetaõ. E destas razões , experiencias Kirckerianas , e nova doutrina dos Chymicos Francezes , infiro contra Kircker , que se os Metaes fazem vegetaveis as plantas , que os Metaes saõ vegetativos ; porque se o não foraõ , não lhe poderiaõ comunicar a vitalidade , se a não tiverão , porque ninguem dà , nem pôde dar o que não tem. A'lem do que Thomaz Campanela , Religioso Dominico , e celeberrimo Philolopho , em varias partes das suas doutissimas obras , prova com varios argumentos , que todas as couzas elementaes saõ sensitivas ; e sendo os Metaes mixtos elementaes , necessariamente hão de sentir , e forçosamente hão de viver ; porque conforme a Philosophia Peripatetica , que segue Kircker , o vegetavel inclue-se no sensitivo.

Bluteau Supl.
ao Vocabular.
Tom. 1. Ver-
bo *Arvore me-
tal.* fol. 77.

§. VII.

OH não permitta Deos , que os incantos Leitores do grande Kircker imaginem , que por eu defender a *Chrysopæia* , que elle impugna , fôr tão mau homem , como elle diz , que não todos os que

que se applicão ao estudo, e exercicio da *Chrysopœia*? Affirma, que a mayor parte dos *Chymicos* tem *Demonios* familiares, como por lição de *Gesnero*, escreve contra *Paracelso*: *Dæmon utebatur familiaris, uti ex ejus discípulo audiri*; ou que o *Demonio* trata com muita familiaridade aos *Chymicos*: *Quod Dæmon, ut plurimum se Alchymia cultoribus immiscat*. Taes diz elle, que forão *Sendivogio*, *Roberto de Fluctibus*, o *Marquez de Vilhena*, e innumeraveis outros, de que se lembra com pejo; porque todos forão *Magicos*, e *Alchymistas*: *Talis Sendivogius, talis Robertus de Fluctibus, talis Marchio de Villena, & innumeris alijs, quorum piget meminisse, omnes Magi, & Alchymistæ*. Semelhantes a estes, e ao mesmo *Paracelso*, diz elle, que saõ os famosos *Philosophos Invisíveis*, chamados tambem da *Rosa Cruz*, que he huma Irmandade de *Philosophos*, que com este titulo se erigio há poucos annos em Alemanha: *Huic similes sunt illi fratres, qui à Rosea Cruce nomen habent, impium genus hominum, & diabolico commercio tumidum*. Este he tambem hum argumento do Reverendissimo Padre *Kircker* contra os *Hermeticos*, com o qual pretende atemorizar aos homens pios, e timoratos, para que não estudem, nem exercitem huma Arte tão util, a quem deve as cores a Pintura, as artelharias a Milicia, e os remedios a Medicina.

Admiro-me muito, de que confessse o mesmo Reverendissimo Padre *Kircker*, no lugar aonde isto escrevo, que tinha estudado a *Chymica*: *Ego fane tunc temporis Chymæ studiis intentus*; e que por serem os seus estudos, e experiencias tão publicamente notorias, chegaraõ à noticia de hum peritissimo

simo Chymico, que o vejo consultar sobre os Mysterios da Arte Magna : *Ego hoc loco tantum narrabo, quid ore tenus mihi à viro Chymicæ artis peritissimo, cuius nomen consulto reticeo, simili illusione à Demone decepto, relatuum fuit. Audierat is de meis circa hoc studiis experimentis; unde me contentit, rogans, quid de magnæ artis mysteriis sentirem; e declara no sim do que escreveo contra a Chrysopeia, que conheceo, o que pôde, e não pôde a Natureza, à qual não pôde nunca vencer a Arte : Novi quid Natura possit, quid non possit. Novi Naturam ab Arte superari nunquam posse.* E para que não dissessem os futuros Chymicastros, que elle escrevia da Chymica, ou contra ella, sem estudo, nem experientia, remettendo o Leitor ao exame das suas doutissimas obras, se jacta de presidir no Ergasterio, ou officina do Collegio Romano, a varios Chymicos Alemaens, Polacos, Francezes, e Italianos, a quem pagava muito bem o trabalho da manipulação, mandando a estes homens, como o Medico aos Cirurgiões, e Boticarios, e como o Architecto aos Canteiros, e na companhia destes Chymicos, ou per si mesmo tem elles, fez todas as experiencias : *Nihil in hoc opere experimentorum adferri, quod partim per memet, partim per dictos laborum peritos Chymicos in mea presencia, non comprobatum sit.* e conclue finalmente fazendo hum grande panegyrico à Chymica, elogiando a sua dignidade, e excellencia, como porta unica da Philosophia natural, e da Medicina mais secreta, por onde se entra para descobrir os mais intimos Mysterios da Natureza : *Ne proinde vie, aut Chymicæ sonitarium esse existimat; novi enim ejus summa dignitas.*

dignitatem, & excellentiam, eamque semper veluti unicam Philosophiac naturalis, ac Medicinae secretioris portam, qua ad intima quævis Nature mysteria aditus nobis concedatur satis deprædicare non desino. Só nos escritos de Kircker leyo os louvores da Chymica, encontrados com os vituperios da Arte Magna; mas parecem-me, que a contradicção com que louva, serve de satisfação ao agravo com que offende; porque como a injuria precedeo ao elogio, pôde o panegyrico ser arrependimento da censura, e satisfação de tão grande afronta; porém como os arrependimentos não baftaõ para satisfazer publicos agravos, que tanto infamão o credito, quero mostrar ao Mundo a sem razão, com que Kircker injustamente infamou aos Professores da Chymica, e defensores da Chrysopeia.

Primeiramente quando a Chrysopeia não fora feito de huma Arte, que pot ser mais Divina, que humana, todos os que a profanão, sacrilegamente a offendem, segundo com palavras de Guilherme Aragosio escreve Beyerlinck, chamando a este Author novo Platão, Philosopho, e Medico mais exceleste que todos: *Ut qui bacis præterquam usus, quorum euulgatio plus commodi quam incommodi mortalibus afferit, prophaneo instituant, sacrilegij nomine jure postulari queant.* Manus autem operatio; que a motu supra naturam sumuntur, divinae potius quam humana, artis mechanicae umbram solitammodum ostendit: confessio o mesmo Kircker nas primeiras palavras da sua dissertação, que não achara na Physiologia, que he o mesmo, que sciencia, estudo, ou disputa das coisas naturaes, argumento mais controvertido do que o curiosissimo thema da Chrysopeia:

Beyerlinck.
Tomo 2.
Theatr. Vitæ
Human. Ver-
bo Chymia
fol. 203.

*lopeia: Vix nullum in Physiologia argumentum est, tantisque, tamque acribus Authorum relitationibus exagatum, tanta opinionum varietate discerptum, (quibus intricato opinionum fune, se se nunc in hanc, nunc in illam partem trahere, lite in hanc usque diem pendente, contendunt,) quam hoc de Chrysopœia thema sane curiosissimum reperi; e como o estudo, ou especulação, e a praxe da Chrysopœia convida aos entendidos com a curiosidade, aos ambiciosos com a riqueza, aos enfermos com a saude, e aos sãos com a duração da vida; porque a Physiologia, como declara Bluteau, se deriva do Grego Bluteau Vo- Physis, Natureza, e Logos, discurso, e geralmen- cab. Port. To- te se toma pela Physica; mas propriamente fallan- mo 6. fol. 489. do, Physiologia he a parte da Medicina, que ob- serve, e considera a Natureza do homem, a for- mação, conformação, e perfeição do feto, a dif- ferença dos temperamentos, e das idades, os espi- ritos, as faculdades, os humores, e outros funda- mentos da Arte Medica, e tudo isto em ordem ao conhecimento, e remedio de todo o genero de doen- gas, para os enfermos alcançarem saude, e dilata- rem os homens a vida: vendo todos, que Adão, primeiro pay do genero humano, foy o primeiro Mestre da Arte Magna, como discorre Daniel Sen- nerto: *Ut Chymiam plane antiquam esse demonstrent, Sennert. To- inventionem ejus ad Adamum primum generis huma- mo 1. de conf. ni parentem referunt, cumque ejus primum magistrum & diss. Chy- fuisse: vendo, que Tubalcain fóra, senão inventor, mic. cum Ga- Professor desta Arte, segundo com mayor probabili- len. cap. 3. fol. dade affirma o mesmo Author: Probabilis Alchymiae 184. inventio, & rudimenta ad Tabalcaium referentur: ven- do, que o grande Antesignano dos Theologos, con- h. férme**

fórmelhe chamão Alapide, e Vieira, o famoso *Hermes Trismegisto*, Rey, Sacerdote, e Philosopho Maximo, escreveo a *Chymica* nos mesmos livros da Theologia, misturando os segredos *Chymicos* com os mysterios Theologicos, como no Theatro

Beyerlinck.
Tomo 2.
Theatr. Vitæ
Human. Ver-
bo Chymia
fol. 204.

da Vida humana refere Beyerlinck: *Hermes Trismegistus, Rex, Sacerdos, & Philosophus maximus, libris, qui extant Theologicis passim Chymica mysteria aspergere videtur*: vendo, que Moysés, como Sabio, e excellentissimamente erudito em todas as scien-cias do Egypto, não ignorava a *Chymica*, segundo escreve o mesmo Beyerlink no referido lugar: *Præsertim cum Moyses in omni Ægyptiorum sapientia, quod ex sacris constat, excellentissimus, ne Chymia quidem ignarus esse potuerit*: vendo, que era ques-tão problematica, se o muito Ouro, e Prata, que possuhio El Rey Salamaõ, soy herança de seu pay David, lucro do commercio de Ophir, ou effeito da *Pedra Philosophal*; porque, conforme alguns ho-mens doutos, de quem Beyerlinck faz menção, das transformações da *Arte Magna* parece que escreveo Salamaõ, cousa, que Enodato não quiz ponderar nos Dialogos, nem afirmar neste Prologo, ainda que por estas palavras se ache escrito este proble-ma no Theatro da Vida humana: *Salomonem Regem Iudaorum.. Auri, argentique tantam sub eo co-piam Hierosolymis extitisse, quantam lapidum aiunt.* *An hoc thesauris paternis, an navigationi trienali per mare Rubrum in Ophir.. an ipsi Lapii Philosophi-co acceptum ferendum? In Meretricis certe descrip-tione, Ecclesiasten capita præcipua Chymæ metamorpho-seos persecutum esse harum rerum periti antumant:* vendo, como diz o mesmo Beyerlinck, que por se

Beyerlinck
Tomo 2.
Theatr. Vitæ
Human. Ver-
bo Chymia
fol. 204.

le julgar Catholica : *Catholica quædam censeri potest*, estudarão, e praticarão a *Arte Magna* o Summo Pontifice João XXII. o Eminentissimo Cardeal Gilberto, que de hum ovo fazia pela *Chymica* hum Basilico, Santo Alberto Magno, Bispo de Ratisbona, que fez com esta Arte huma cabeça de Metal, e Ferro, que fallava, e respondia ao que lhe perguntavão, Raymundo Lullio, que transformou os sinos das Torres de Londres em finissimo Ouro, Basilio Valentino, João de Rupescissa, João Trithemio, Rogerio Bacon, o mesmo Athanasio Kircker, Morieno, Savanorola, e outros muitos Religiosos de exemplar virtude, e grandes letras, assim Divinas, como humanas : com o seu exemplo se animarão a estudar, e praticar esta Arte outros homens, sem o perigo de serem Magicos, ainda que fossem, como alguns Santos, tentados, e perseguidos pelo Demonio. E daqui se pôde formar, ou voltar contra Kircker, e a favor da *Chrysopoeia* este argumento : se por haver na *Arte Magna* Professores máos, como diz que forão o Marquez de Vilhena, Cornelio Agrippa, Roberto de Fluetibus, Sendivogio, Paracelso, e outros, há de ser mà : havendo na mesma Arte professores bons, como forão João de Rupescissa, Religioso Franciscano, João Trithemio, Monge Benedictino, Rogerio Bacon, Religioso de S. Francisco, Basilio Valentino, Monge de S. Bento, Athanasio Kircker, Religioso da Companhia de JESUS, Alberto Magno, Religioso Dominicano, Bispo, e Santo, Raymundo Lullio, Frade Franciscano, e Martyr, Morieno, Savanorola, e o Eminentissimo Cardeal Gilberto, aos quaes ajuntão alguns ao Papa João XXII.

h ij

como

Beyerlinck.
Tomo 2.
Theatr. Vitæ
Human. Ver-
bo Chymia
fol. 203.

60 P R O L O G O

como se pôde ver no mesmo Kircker, e àlem dos referidos, El Rey Salamão, Moysés, *Hermes*, *Tubalcain*, e Adaô, tambem por respeito de taô bons Professores ha de ser boa ; porque não há maior razão para não tomar a *Arte Magna* o bem dos bons, tomando a malicia dos mäos. Dostmäos se recebem os males, como dos bons os bens. Assim o cantou David fallando com Deos, no dia, em que se viu

Reg. 2.22.26. livre de seus inimigos : *Cum Sancto Sanctus eris :*
 27. *& cum robusto perfectus. Cum electo electus eris : &*
cum perverso perverteris. Os homens pervertem-se com os perversos, e sanctificão-se com os Santos. Santo foy Jofuè ; mas na companhia de Moysés, tambem Santo : Santo foy Samuel, mas na companhia de Heli, tambem Santo : Santo foy David, mas na companhia de Nathan, tambem Santo : Santo foy Elizeo, mas na companhia de Elias, tambem Santo : Santo foy Ezequias, mas na companhia de Isaías, tambem Santo : Santo foy Cornelio, mas na companhia de Pedro, tambem Santo : Santo foy Dionylio, mas na companhia de Paulo, tambem Santo : Santo foy Agostinho, mas na companhia de Ambrosio, tambem Santo : Santo foy Xavier, mas na companhia de Ignacio, tambem Santo, santificado com o exemplo de todos os Santos. Na *Arte Magna* deve Kircker admittir esta doutrina, e conceder esta consequencia ; porque sendo esta Arte má, e perversa, por haver nella, como elle discorre, Professores perversos, e mäos ; tambem ha de ser santa, e virtuosa, porque muitos *Chrysopeios* forão virtuosos, e Santos.

Porém como a Arte he indifferente para o bem, e para o mal, applico aos *Chrysopeios*, o que Santo Agosti-

Agostinho disse dos Mercadores : *Mercatorum via non Artis, sed hominum sunt.* Os vicios partitculares dos homens não saõ culpaveis nas Artes, que elles professaõ ; e se porque houve alguns *Hermeticos magicos*, se seguisse serem Magicos todos os *Hermeticos*, tambem se devia seguir, que todos os homens neste Mundo erão máos, porque houve no Mundo máos homens. Se esta consequencia se não segue, nem conclue, tambem a do Padre Kicker te não infere, nem colhe. Do Ceo cahirão alguns Anjos feitos Demonios : do Apostolado *sabio Judas* feito Diabo : das Religiões fugirão muitos Apostatas : nos *Thronos* dominaõ muitos Tyrannos : nos *Tribunaes* sentenceão injustamente alguns Ministros : nas *campanhas* pelejão covardemente alguns Soldados ; e nas *Academias* reprovão os Mestres alguns idiotas ; mas nem por isto se deve inferir, que saõ idiotas todos os Academicos : covardes todos os Soldados : injustos todos os Ministros : tyrannos todos os Dominantes : apostatas todos os Religiosos : Diabos todos os Apostolos ; e Demonios todos os Anjos. Até o tempo da sega permitio o Pay de Familias, que se creasse a zizania na companhia do trigo : *Smite ultraque crescere usque ad messem* ; e não foy culpa para o trigo o vicio da zizania ; porque no tempo da colheita foy a zizania condenada ao fogo ; e o trigo foy recebido no celleiro : *Colligit primum zizania, & alligate ea in fasciculos ad comburendum, tritum autem congregates in horreum meum.* Sempre os máos andáraõ de companhia com os bons ; e não se desacreditaráõ as virtudes dos bons com os peccados dos máos. No Ceo esteve Lucifer com Miguel, e na

Matth. 13.30.

Matth. 13.30.

na terra vivérão Caim com Abel : Ismael com Isaac : Esau com Jacob : Saul com David : Nabuco com Daniel : Assuero com Esther : Aman com Mardocheo : Hollofernes com Judith, e Judas com Pedro ; mas não desacreditou a Pedro a traição de Judas : não infamou a Judith a lascivia de Hollofernes : não arruinou a Mardocheo a inveja de Aman : não perdeu a Esther a infidelidade de Assuero : não castigou a Daniel o peccado de Nabuco : não matou a David a ingratidão de Saul : não empobreceu a Jacob a ira de Elau : não manchou a Isaac a perversidade de Ismael : não desacreditou a Abel a culpa de Caim ; nem precipitou a Miguel a soberba de Lucifer. Injusto he logo culpar os bons *Chrysopeios* nos vícios dos maus *Hermeticos* ; e muito mais culpavel he condemnar a *Arte Magna* nos delictos de alguns *Artifices*, se alguns por acaso forão *Magicos*. Se os delictos dos maus *Artifices* forão culpaveis crimes das suas Artes , todas serião extermínadas da Republica por suas enormes culpas ; porque em nenhuma Arte houve até agora Professores , que no seu exercicio, e fóra delle , não commettessem alguns erros , como maus *Artifices*, ou alguns delictos , como homens. Por isso sem razão imputa Kircker o peccado de alguns *Artifices* à innocencia das Artes ; porque se não deve imputar às Artes innocentes o peccado dos *Artifices* culpados , como em defesa da *Chrysopeia* escreveo o famoso Jurisconsulto Thomaz Arfoncino: *Artificum vitia nequaquam Arti imputanda esse*. Huma causa he o *Artifice* , e outra a Arte ; necessário he logo distinguir o uso do abuso , com que os maus *Artifices* a exercitão. Não tem culpa a Medicina

dicina dos erros do **Medico** : a Nautica dos descuidos do Piloto : a Milicia da temeridade do Soldado : a Mathematica do prognostico do Astrologo : e a Rhetorica da ignorancia do Orador. Approva o Direito commum a Arte monetaria , e condemna ao fogo os que fazem moeda falsa : louvaõ os Jurisconsultos aos Medicos , e naõ faltaõ nesta Arte embusteiros , que merecem condemnados como falsarios : condemnaõ as Leys a sciencia Mathematica , que hoje està bem recebida , ainda que por ignorancia dos Astrologos anda mal avaliada. Se por culpa dos mäos Artifices , e Professores fossem culpadas , e condemnadas as suas Sciencias , e Artes , que seria da Jurisprudencia , com as trapaças dos Requerentes , com os enganos dos Advogados , e com as injustiças dos Ministros ? Que descreditos naõ padeceria a Theologia com a prevaricaçao de tantos Heresiarchas ? Que afrontas naõ experimentaria a Philosophia com a ignorancia de tantos Scepticos ? Que injurias naõ ouviria a virtude com os fingimentos de tantos Hipocritas ? He logo necessario separar as riuvens do Ceo , as fezes do Ouro , o fumo da luz , o lodo da perola , a palha do trigo , a noite do dia , o espinho da rosa , o mal do bem , e a mentira da verdade.

Naõ consta , que o grande Medico Philippe Theophrasto Paracelso fosse Magico , ainda que o diga Cortingio , que naõ faz prova , por ser testemunha singular ; e posto que Gesnero o affirme , ou lhe levante este falso testemunho ; porque Gesnero funda esta asseveraçao no dito de hum seu discípulo , que naõ nomea : *Uti ex ejus discípulo audiui* , o qual por ser testemunha singular , e de audito alheyo ,

alheyo, não faz prova, e muito menos referindo-se a pessoa incerta; porque fica sendo entaõ de ou-vida vaga. Nem ao referente se dà credito, sem que conste do referido, com todas as suas qualidaes, em que o referente se transfunde; principalmente em causas arduas, e em materias de honra, em que se requerem provas, como nos delictos, não só legaes, mas tão claras como a luz do Sol, conforme com muitos Doutores resolvem Mascar-
do de *Probationibus*, e Farinacio de *Testibus*; e Cor-
ringio com muito menor fundamento lhe chama Ma-
gico; porque nem com semelhante testemunha o
prova; e por ser inimigo da *Chymica*, fica o seu
testemunho muito suspeito; porque se presume,
que para defacreditar esta Arte, infamou ao seu
mais perito Artifice. Todo este rumor desmente o
Epitaphio, que o Serenissimo Principe, e Illus-
trissimo Arcebispo de Salisburgo mandou gravar na
sepultura de Paracelso, para credito da sua gran-
de virtude, e charidade para com os pobres, que
deixou por herdeiros de todos os seus thesouros:
*Ac bona sua in pauperes distribuenda, collocandaque
honoravit; e se o Reverendo Kircker der mais credito
a hum homem desconhecido, do que a hum
Prelado, Principe do Imperio, não se admire, se
virmos, como diz Zwelfer, aos seus escritos com
desprezo: Quibus si Pater Kircherus fidem negarit;
interveniente tanti Presulis authoritate, neque ipse de-
miretur Author, si ejus partus minus a quo judicemus
oculo. Nem Oporino tão ingrato criado, e discipu-
lo de Paracelso, como Cuculo do Divino Platão, na
carta satyrica, e libello infamatorio, que contra el-
le escreveo a Joab Viero, diz ácerca da sua Magica
huma*

huma só palavra. E o testemunho de Paracelso, referido, e ponderado pelo Reverendo Padre Kircker, a respeito da campana, ou sino pequeno do Marquez Henrique de Vilhena, cuja estampa lhe mandou a Roma o Padre Thomaz de Leaó, para que o Reverendo Padre Kircker declarasse o mysterio, e expuzesse a significação de tantos caracteres, a qual se pôde ver no seu Edipo; mais justifica a sua inocencia, do que prova a sua Magica; porque nelle confessou Paracelso, que fallando em Hispanha com aquele famoso Nigromantico, não pudera conseguir delle a communicaçāo, ou revelação do que mysteriosamente significavaõ, e occultavaõ aquellas palavras, e carateres, alcançando com a sua especulação, o que por modestia deixava sepultado no silencio: *Non autem perveni, ut homo arcanum, & mysterium verborum, at que characterum mibi communicaret: cæpi tandem ipse hac de re penitus speculari, ita ut in mentem mihi venirent, quæ hoc loco tacebimus.* E se Paracelso fôra Magico, nem o Marquez, como a companheiro da Nigromancia, lhe occultara o segredo, nem elle alcançara o mysterio com a sua natural, e aguda especulação, como tambem o alcançou Kircker com a subtileza do seu engenho, e prespicacia do seu juizo, e o que hoje he credito do engenho, e entendimento de Kircker, não pôde, nem deve ser discreditado a pessoa, e infamia da consciencia de Paracelso.

Finalmente conclue Kircker, em que se não deve crer, o que os Hermeticos affirmão da Arte Aurifera: *Ut proinde nulla Arti Auriferæ fides habenda sit;* e daqui se segue, que se Paracelso não soube fazer a *Pedra Philosophal*, que não tinha consigo Demonio Familiar, porque trazendo-o na sua com-

panhia , elle lhe ensinaria a preparar a *Chrysopeia* ; porque o mesmo Kircker , depois de Santo Thomaz , affirma , que os Anjos , e os Demonios , não por milagre , mas pela sua grande sabedoria , sabem o segredo da Arte Aurifera : *Certe præter Angelum , aut Dæmonem , ut pote quæ pollet potentia humana superiori , nem in eum alium hoc præstare posse , quis non videt ? Et tamen cum talia , ac tanta operantur , non ea miraculosa , sed ex occulta nobis naturæ potentia & efficacia præstant , inter quæ artem quoque auriferam , quam juxta naturæ exemplar perfecte norunt , adnumerandam censeo.* E não fica lendo incrivel , que tendo o Demonio tanta familiaridade com Paracelso , lhe descobrisse este segredo , que revelou a outro Chymico , a quem Kircker occulta o nome , sem com elle ter nenhuma familiaridade , e de facto com este metodo fez na primeira operação trezentos arrateis de excellentissimo , e finissimo Ouro : *Sede itaque , & scribe veram procedendi methodum. Ego statim arrepto calamo dictantis verba , in duodecim puncta divisa , excepī , excepta methodo ait , jam ea in proximite operante , eo prorsus ordine , & juxta præceptorum præscriptionem , redigamus. Quo peracto , jubente Magistro eximi ex vase Chymico materiam instar olei resucentem , & superaffuso liquore mox congelatam massam reperi , quæ in pulverem redacta , & supra 300. libras hydrargyri projecta , illud in obrysum , & nobilissimum aurum , multo naturali excellentius , nobiliusque convertit , quod apud Aurifices optimi , & perfectissimi auri examen subiret.* A' vista pois destas autoridades do Reverendissimo Kircker , infiro , que se os Anjos , e os Demonios , não por milagre , mas por sciencia natural pôdem ~~fazer~~ Ouro : *Tanta operan-*

operantur, non ea miraculosa, sed ex occulta nobis Naturae potentia, & efficacia præstant, inter quæ artem quoque auriferam, que tambem Paracelso, e outros Sapientissimos Hermeticos o podiaõ, e pòdem fazer, porque podiaõ naturalmente alcançar o conhecimento desta sciencia, que foy revelada aos Anjos, como contra Feyjoo, com authoridade de Santo Agostinho, e de Santo Thomaz discorre dourta, e subtilmente Enodato no primeiro Dialogo desta Ennaza: infiro tambem, que o Mestre, que ensinou ao referido, e incognito *Chymico*, não era Demonio, se não homem, e peritissimo *Hermetico*. Todo o fundamento, que toma Kircker para affirmar, que est *Chymico* não era homem, se não Demonio, he que perguntandolhe o *Hermetico* donde era natural, e aonde tinha conseguido este segredo, respondera, que elle andava peregrinando pelo Mundo, sem necessidade de coufa alguma, animando aos *Adeptos* desesperados no exercicio da *Arte Magna* com alguma liberalidade, que como fructo colhia da sua Arte, para que se animassem com o seu exemplo a proleguir naquelle estudo. E dizendo isto, e recusando a hospedagem da casã, que o *Chymico* lhe oferecia, se recolheo a hum Hospicio publico, aonde o *Hermetico* o não achou no outro dia, levantando-se de madrugada a visitallo. E por mayores diligencias, que fez, não achou naquella Cidade noticia alguma de tal homem, nem o tornou mais a ver. Isto porém he o que os *Adeptos* fazem, e não o que obraõ os Demonios; porque os Demonios, como pertendem enganar aos homens, tentaõ-nos muitas vezes, e não costumaõ desistir facilmente da tentaçõ, se Deus não ordena o contrario; e ordinariamente pro-

mettem tudo : *Omnia tibi dabo* ; mas não dão nada : E os *Hermeticos*, que peregrinão pelo Mundo, como Democrito, e Paracelso, depois de verem huma Cidade, e averiguarem, que nella há curiosos, que pertendem conseguir a *Chrysopeia*, quando estão já de caminho para se ausentar, buscaõ estes *Chymicos*, para os admirar, e confundir com semelhantes operações, como acontece a Helmonte ; e para não serem conhecidos, perseguidos, nem obrigados a revelar por força o segredo da *Aurifactoria*, recusaõ a urbana hospitalidade, e quando fingem, que vaõ recorrerse na estalagem publica, sahem para fóra da Cidade, continuando a sua peregrinação pelo Mundo.

Finalmente para desmentir o testemunho falso, que Gesnero divulgou contra Paracelso, traduzirey neste lugar, como Cicero as orações de Demosthenes, o que contra o erro commum dos Espíritos Familiares escreveo o grande Theologo Feyjoo no terceiro Tomo do *Theatro Crítico*. Ainda que o nome de Espíritos Familiares, convem com propriedade aos Duendes, de quem acabamos de tratar, em Espanha só se usa desta voz (ainda que tambem com propriedade) para significar aquelles Demonios, que se diz estar ligados por alguma pessoa determinada, a qual se serve delles a seu arbitrio. Destes não há tantas historias, como de Duendes ; porque não é tão facil, que os contrafaça o engano, ou imagine o erro. A isto se accrescenta, que como semelhante assistencia de Espíritos infernaes não pôde suceder sem pacto expresso da pessoa, a quem assistem, qualquer noticia falsa, que se forje nesta materia, seria logo descuberta, devendo a Justiça entender no exame, para averigar, e castigar o delicto. Por tanto,

to, esta he huma daquellas cousas, que pelo commun só se contaõ de terras distantes, ou de tempos remotos. O vulgo de Hespanha crè, que he muito frequente o uso destes Espiritos Familiares em outras Nações, em tal forma, que dizem, que os vendem hums homens a outros; e alguns accrescentão, que esta venda se faz publicamente sem nenhum rebuço, como a de qualquer genero ordinario. No que se vè muito bem, que não hà mentira, por monstruosa, que seja, que o povo não admitta sem repugnancia.

O mais admiravel he, que homens, que estão fóra da vulgaridade, tambem tenhão dado crédito a esta ficção. Crespeto, citado pelo Padre Del-Rio, refere, que os Espiritos Familiares se achão venaces em França, e em Italia (expressão, que significa, que quem os busca, os acha, e por conseguinte, se faz a venda sem muita dissimulação) se este Author he Pedro Crespeto, Religioso Celestino, que floreco em França no fim do seculo decimo sexto, he mais de estranhar nelle tão extravagante noticia; porque soy muito sabio para crella, e muito virtuoso para fingilla. Em Hespanha dizem, que vendem os Espiritos Familiares em França: em hum Author Francez li, que os vendem em Alemanha: em Alemanha assentão varios Authores, que esta venda he frequente nas Regiões mais Septentrioaes. Assim vão lançando esta patranha humas Nações a outras, para que se verifique o Adagio: *Longas vias, longas mentiras*; porque as grandes mentiras vêm de terras distantes, e remotas.

Que o Demonio pôde ser ligado pela virtude de Deos Omnipotente, communicada aos seus Minis-

nistros, e Servos, he cosa tão certa, que não tem duvida. Assim se lê no livro de Tobias, que o Archanjo S. Rafael ligara no deserto do Egypto ao Demonio Almodeo; e lemos no Apocalypse, que hum Anjo prendeo com huma cadeya a Satanás, encarcerando-o por mil annos no Abysmo. Porém he falso, que tenhão este poder os conjuros da *Arte Magica*. Circulos, Palavras, e Ritos, que carecem de toda a actividade, e não pôdem mover a mais leve aresta de huma para outra parte, como hão de ter força, para trazer hum Demonio do Inferno, atallo, e sujeitallo ao arbitrio de hum homem? O recurso he dizer, que em virtude do pacto, que se faz com hum Demonio de hierarchia, ou superior ordem, este pelo domínio, que tem sobre outro inferior, o ata, e obriga àquella servil sujeição. Eu convenho, em que haja esta autoridade de huns Demônios sobre outros, e que Deos lhes permitta o seu uso. Porém duvido muito, que o Demonio superior, com quem se faz o pacto, seja tão fiel na sua observancia, como nos supoem as notícias, que correm dos Espíritos Fáamiliares; porque, segundo o que se diz, estes nunca já mais rompem a sua prizão, e quem os compra, o faz debaixo da suposição, que dà o seu dinheiro por huma alfaya imperdível. O Demonio não observará pacto algum, se não em tanto, que seja conducente a seus depravados designios; e nas innumeraíveis circunstâncias, que podem ocorrer, haverá casos, em que à sua malignidade tenha mais conveniências quebrar o pacto, do que observallo.

Como quer que seja possível, que o Demonio preste com legalidade esse funesto obsequio aos homens, não obstante isto, asseguramos ser fabula, o que

o que o vulgo crê dos Demonios Familiates das Nações Estrangeiras. Se fosse tão frequente o seu uso, muito se leria delles nas historias classicas dos Reynos; porque interviriaõ como instrumentos nos successos de mayor importancia. Sendo vendiveis, quem os poderia comprar melhor do que os Príncipes? Com hum Familiar, que cada hum tivesse a seu mandado, oh quanto poupariaõ do que gastão em Postas, e do que dispenderem em ganhar confidentes, para saber o que se trata nos gabinetes de seus inimigos! Saõ por ventura todos os Príncipes tão timoratos, que folicitados da ambição, renunciem a todos os meyos illicitos de prover seus interesses? Alguns, como Saul a Pythonisa, consultarião aos Familiares. Sem embargo disto, não se encontra nas Historias o uso destes Demonios, nem a sua mais leve sombra, antes se vê tudo pelo contrario, pois não se lê successo algum, a que se não assignem as causas naturaes, e ordinarias. Assim que as narracões de Espíritos Familiares só se achão no vulgo, ou em algum Author nimiamente credulo, e facil, que andava recolhendo contos de velhas, para encher hum livro de fabulotos prodigios. E se a voz de todos (voltemos sobre Kircker) he tão falsa, e mentirosa na asseveração dos Familiares Espíritos, como devemos dar credito a Gesnero ácerca do Espírito Familiar, que diz assistia a Paracelso, sem mais averiguado fundamento, que tello ouvido a hum seu Discípulo : *Uti ex ejus Discípulo audiui?* He bem verdade, que o mesmo Paracelso, como nota Kircker, na prefação ao Paragragno, e em outras partes das suas obras, falla com muita impiedade, e superstição; mas como era hum homem tão ambi-

ambicioso de fama , e gloria , que aspirava à Monarchia da Medicina : *Ego Monarcha ero , mea erit Monarchia* ; e tão presumido da sua grande scien-
cia , que escreveo , que o mais nescio cabello da sua
cabeça era mais sabio , que todos os Medicos , e
mais douto que os seus Escritores , as fivelas dos
seus çapatos mais eruditas do que Galeno , e Avi-
cena , e a sua barba mais experimentada , do que
todas as suas Academias : para fazer mais respeita-
da a sua pessoa , e doutrina , não duvidou fallar en-
tre os seus criados , e escrever nas suas obras com
supersticosa jaçtancia. Homens de boa feição co-
stuma chamar o vulgo aos sogeitos , que affectão , co-
mo Paracelso , esta arrogancia fingida. Porém como
este grande Medico deixou os pobres por seus her-
deiros , mostrou claramente ao Mundo , que torna
pessoa virtuosa , e de boa vida , como são reputados
os charitativos ; porque ordinariamente cada hum
vive como morre , por acabar como vive.

Agora já he tempo de abrirmos os olhos , e
de fazer melhor conceito dos homens doutos , co-
mo Paracelso , do que fizeraõ das suas letras Con-
ringio , e Gelnero , seguindo a barbaridade dos se-
culos passados , quando injustamente se condemnava
em Roma o bom Lavrador Cresino , pelo sortile-
gio chamado Scopelismo , que consultia em lançar
pedras encantadas nas fazendas alheyas , para este-
rilizallas ; porque se observava , que a sua herdade ,
sendo de qualidade inferior , dava melhor fructo ;
do que as vizinhas ; sendo tudo effeito do seu tra-
balho , porque cultivava melhor a sua terra , do
que os outros Lavradores. Já he tempo de resti-
uir o credito a Paracelso , como a Galeno , repu-
tado

tado em Roma por Magico, por curar brevemente com a sangria huma fluxio, que sem ella não pode vencer em muito tempo o Medico Erasistrato. Jà he tempo de perdoar a Paracelso, como a Joao Fausto, reputado por Magico em Pariz, por vender naquelle Corte algumas Biblias impressas, naõ havendo ainda em França noticia da impressão. Jà he tempo de não injuriar a Paracelso, como a Andre Doria, por navegar com vento contrário, com o qual todos os dias vemos entrar, ou sahir barcos, e Navios da barra de Lisboa, cousa algum dia tão admirada, e estranhada, que os Marinheiros do Ligo, mayor no Ducado de Milaõ, costumados a por-se na agoa só com bom vento, entre duas escoas, vendo a Andre Doria, embarcado no mesmo Ligo, fazer caminho com o dito vento, se persuadirão, que este Principe era feiticeiro, ou magico, e que os Demonios davaõ à embarcaçãoõ o impulso. Jà he tempo de naõ infamar a Paracelso, como a Joao Trithemio, Abade Benedictino de Spanheim na Diocesi de Moguncia, o qual por occultar a sua grande sabedoria ao vulgo, nos seis livros da Polygraphia, e com mayor segredo, e mais impenetravel mysterio na Steganographia, usou de muitos termos mysteriosos, e com terminação Hebraica, que os ignorantes, com Possevino, entenderaõ serem Espíritos malignos, desacreditando tanto esta engenhosa escritura (antiquissimo invento de Eneas Tatíco) que como suspeita na Fè, mandou o Eleitor Palatino Federico II. reduzir a cinzas o innocentíssimo original, que tinha na sua Bibliotheca, hoje tão celebrado no Mundo, depois que a seu favor escreve o Padre Gaspar Schot da Companhia de JESUS.

k

Jà he

Já he tempo de extinguir as suspeitas contra Paracelso, como de moderar as queixas, que os Hespanhóes fizerão em Roma contra os Francezes, entendendo, que por arte diabolica decifravão os enigmas das cartas, que se escrevião de Helpanha àquelle Reyno, quando ardia no fogo da guerra no tempo da liga, por serem escritas com caracteres voluntarios, em que se accrescentava a precauão de variar diferentes alfabetos, dentro de huma mesma carta, cosa certamente impossivel de perceber a quem naô tivesse a chave; e por isso reputada por superior à toda a humana industria, devendo-se a declaraçao desta prodigiosa cifra à rara comprehensaõ, e engenhosa subtileza de Francisco Vieta, insigne Mathematico, e invento da Algebra Especiofa, o qual era taô raro, e incansavel, que passava muitos dias, e noites sem comer, nem dormir, absorto em subtilissimas especulações. Já he tempo finalmente de perdoar a Paracelso, como ao famoso Adam Tanero, Cathedratico da Universidade de Praga, e taô douto, como virtuoso Jesuita, reputado por feiticeiro, por lhe acharem, depois de morto, o Microscopio: ao Papa Sylvestre II. Monge de S. Bento, por ter inventado os Orgãos Hydraulicos com a sua grande sciencia Mathematica; e aos famosissimos varões Miguel Scoto, Rogerio Bacon, Boecio Severino, e outros *Hermeticos*, todos reputados por Magicos, por serem doutos entre os ignorantes, em cujo juizo tudo o que he raro passa por Divino, ou diabolico, como Apollodoro, e Plinio julgáraõ da *Planta Sensitiva*, chamada tambem *Pudica*, ou vergonhosa, porque com o nome de *Æschinomenen* a puzerão no Catalogo das

das hervas Magicas, sem mais culpa do que encolher as suas folhinhas, cozendoas com seus raminhos, quando alguem lhe quer tocar, tornando-as logo a estender, estando livre do contacto. Tanto que entre os idiotas apparece hum sogeito eminent, logo dizem, que he feiticeiro; e sem mais delicto, que a sua virtude, todos o culpaõ por Magico, ou Niromantico.

§. VIII.

COM porcar, ou nenhuma razão se admira o Padre Kircker de dizer Paracelso, que sendo muitos os segredos para transmutar os Metaes, só os conhecem esses poucos *Hermeticos*, a quem Deos aliumea para conseguirem este grande arcano: *Arca-
na plura transmutationes exhibentia reperiuntur, & si
puncis, id est, solis à Deo illuminatis artis filius cogni-
ta*; porque se isto, diz elle, fora verdade, não era possivel, que deixasse Deos de revelar esta Arte a homens Santos, e virtuosos, prevendo, que não havião de abusar destas riquezas: *Est ne possibile,
Deum Optimum Maximum hanc Artem tot Sanctis, &
Spiritu Dei plenis hominibus, quos sciebat ea non abu-
furos, revelare omisisse?* Bem fabia Kircker, que a pobreza he hum dos tres vctos da Religião, em que os homens virtuosos, e Santos seguem a Christo com aperfeiçao Evangelica; e o mesmo Christo no Evangelho de S. Mattheus diz, que não he possivel, que juntamente, e no mesmo tempo possão os homens servir a Deos, e ao dinheiro: *Non potestis Deo ser-
vire, & mammonae.* Se hâ cousa no Mundo, que pudera competir no senhorio com Deos, como dif-
k ij corre

Matth. 6. 24.

- Vieir. Part. 2. corre Vieira, he o ídolo universal do Ouro, e Pra-
num. 272. fol. 255. ta. Muitas Nações há no Mundo, que não conhe-
cem a Deos, nenhuma, que não adore, e obedeça
a este ídolo : *Pecuniae obediunt omnia.* E ainda dos
que professaõ servir a Deos, quem hà, que o não
firva ? Pois assim como ninguem pôde servir a dous
senhores : *Nemo potest duobus dominis servire* ; af-
sim, diz Christo, que não pôde servir a Deos, e
mais ao dinheiro. Servir a Deos com o dinheiro, bem
pôde ser, e he bem que seja ; mas servir a Deos, e
ao dinheiro juntamente, he impossivel. Quando Za-
cheo se resolveo a servir a Christo, logo renunciou
o dinheiro : e quando Judas se resolveo a servir ao
dinheiro, logo renunciou a Christo. Arrependido
o mesmo Judas de ter vendido a seu Mestre, lan-
çou os trinta dinheiros no Templo : *Proiecit eos in-*
Templum. E os Ministros do Templo resolvèraõ,
que não se podiaõ meter na bolça : *Non licet eos mit-*
tere in carbonam. Mosfino dinheiro, que nem roubado,
nem restituído, nem no Templo, nem na bol-
ça, teve lugar com Deos : e assim he todo. Se o
roubais, perdeis a Deos : se o restituís, perdeis o
dinheiro : se quereis servir a Deos, Deos, e o di-
nheiro não cabe no mesmo Templo : se quereis ser-
vir ao dinheiro, o dinheiro, e Deos não cabem na
mesma bolça : *Aut unum odio habebit, & alterum di-*
liget : aut unum sustinebit, & alterum contemnet. Ou
haveis de renunciar o dinheiro, se amais, e prezais
a Christo, como fez Zacheo ; ou haveis de renun-
ciar a Christo, se amais, e prezais o dinheiro, co-
mo fez Judas. Oh quantos Judas, e quam poucos
Zacheos há no Mundo ! Se Deos tivera tantos ser-
vos, e tão diligentes, como tem o dinheiro, que
bem

bem servido fora ! Mas quantos deserviços se fazem a Deos, em serviço deste mão idolo ? O mayor sacrilegio de todos, he, que em vez de os homens se servirem do dinheiro para servir a Deos, chegaõ a se servir de Deos, para servir ao dinheiro : *Ser-
uire me fecisti in peccatis tuis.* Quantas vezes os bens Ecclesiasticos, que saõ de Deos, os vemos applicados, e consumidos em usos profanos : e os vasos do Templo de Jerusalém, ou levados aos thesouros de Nabuco, ou servindo nas mesas de Balthasar. Quando já mais se encontrou Deos cõm o interesse, que o desprezado não fosse Deos ? Ou quem seguio os idolos de Ouro de Jeroboam, que não virasse as costas à Arca do Testamento ? O Ouro, que os Hebreos roubaraõ no Egypto, adoraraõ-no no deserto. E quantos hâ, que fazem o mesmo, só com a figura mudada ? Que importa, que naõ adoreis a forma, se adorais a materia ? Que importa, que naõ adoreis o Bezerro de Ouro, se adorais o Ouro do Bezerro ? E no mesmo tempo (como os de Azoto) pondes a Deos, e o idolo sobre o mesmo altar, e credes, com affectada hypoerisia, que podeis servir juntamente a hum, e a outro ? Se Christo diz, sem exceiçâo, que isto he impossivel : *Ne-
mo potest, non potestis;* como diz o Padre Kircker, que naõ he possivel, que Deos deixasse de revelar a Arte de fazer Ouro, e Prata a homens Santos, e virtuosos, que sabia naõ haviaõ de abusar do dinheiro : *Est ne possibile, Deum Optimum Maximum
hanc Artem tot Sanctis, & Spiritu Dei plenis homi-
nibus, quos sciebat ea non abusuros, revelare omisisse?* He certo, que Deos sabe tudo, e sabendo muito o Padre Kircker, naõ sabia, que os homens virtuosos,

e San-

e Santos naõ haviaõ de abusar do dinheiro. Poderia haver homens Santos, e virtuosos, que Deos conhecesse haviaõ de usar bem das riquezas ; porque as riquezas saõ indiferentes, e ambidextras, e por ellas como pelas escadas, sobem huns ao Ceo , e descem outros ao Inferno ; mas ainda que Deos conhece os homens, que podem usar bem das riquezas, isto que de possivel põde ser, de facto he taõ dificultoso , que mais facilmente entrará hum calabre pelo fundo de huma agulha , do que hum rico no Reyno do Ceo : *Facilius est, camelum per foramen acus transire, quam divitem intrare in Regnum Cælorum* ; porque ainda os homens virtuosos , como devia ser Judas , quando Christo o elegeo para o Apostolado , com o dinheiro se pervertem , e perdem pelo dinheiro , como succedeo ao mesmo Judas no Collegio Apostolico. E paraque os justos se não pervertão , e percão , não os quer Deos fazer ricos , revelandolhes a *Chrysopæia*.

Assim o entendo o melmo Kircker , quando escreveo contra Paracelso estas palavras , que prova das com a doutrina de S. Paulo , precedem immediatamente ás outras acima referidas : *Tantum abesse, ut Deus ad Artem tot satanicis illusionibus expositam supernaturali auxilio concurrere censeatur, ut potius eam expressis verbis, veluti remis, velisque virtudam in sacris literis innuerit: qui divites volunt fieri, id est, Alchymistæ, incident in multas tentationes, & laqueos Diaboli. Est ne possibile, Deum Optimum Maximum hanc artem tot Sanctis, & Spiritu Dei plenis hominibus, quos sciebat ea non abusuros, revelare omis-
sive? A todos os homens dá Deos as riquezas , mas ordinariamente aste parte com elles conforme a dilig-
gen-*

gencia, com que cada hum trabalha pelas adquirir. Sempre Deos se houve com os trabalhadores, como com os virtuosos. Reparte os bens espirituais, conforme o merecimento da virtude, e distribue os bens temporais, conforme a diligencia do trabalho. Sem trabalhar, ninguem he rico, e sem merecer, ninguem he Santo; e daqui se segue, que he taõ moralmente impossivel, que hum rico seja Santo sem merecer, como hum Santo rico sem trabalhar; e como para ser rico, naõ trabalha nemhum Santo, como he logo possivel, que revele Deos a *Chrysopeia aos virtuosos*, para fazer ricos aos Santos, sem que os Santos trabalhem por serem ricos? Esta parece a energia das palavras de S. Paulo: *Qui divites volunt fieri*. Naõ dizem, os que trabalhão tanto, como querem ser ricos; senão os que desejão ser feitos ricos sem nemhum trabalho: *Divites volunt fieri*; e isto que saõ tentações, e laços do Diabo: *Tentationes, & laqueos Diaboli*, naõ põdem ser merces, e revelações de Deos. Porém ajudar Deos a quem trabalha, e dar luz, e auxilios aquem adquire com a sua industria as riquezas, para comer o pão com o suor do seu rosto, como o comia, e ganhava Paracelso, não me parece couça, que não possa fazer Deos. Santo Alberto Magno, taõ grande Theologo, como *Chymico*, na prefacção do livrinho de *Alchymia*, com que corou as suas doutissimas obras, affirma, que depois de perseverar no estudo, especulação, e trabalho da *Arte Magna*, não pela sua grande sciencia, mas por graça do Espírito Santo descobrirá a *Chrysopeia*: *Tandem perseveravi studendo, meditando, laborando in operibus ejusdem, quousque quod quarebam inveni, non ex mea sciencia, sed ex Spiritu Sancti gratia*; e como nestas

tas palavras profere Santo Alberto Magno, como Theologo, a mesma proposição, que condenma o Padre Kircker em Paracelso, como impio; não posso entender, como allegando na mesma obra com ambos estes Authores, se atrevo Kircker a reprehender em Paracelso a impiedade, sem censurar em Alberto a Theologia; porque Alberto concorda com Paracelso em que depois do estudo, e do trabalho: *Studendo, laborando*, alcançara o segredo da *Pedra Philosophal*, não pela sua propria sabedoria: *Non ex mea scientia*, mas por revelação, ou graça de Deos: *Ex Spiritu Sancti gratia*; e daqui se deve inferir, que não pôde ser em Paracelso impiedade a proposição, que em Santo Alberto he Theologia.

Todo o escandalo, que nesta proposição de Paracelso descobrio o Padre Kircker, está em que sendo a *Chrysopœia huma Arte* tão util para a vida, a não revele Deos aos Santos, e virtuosos, senão só aos *Hermeticos*, e *Alchymistas*. Mas tambem sendo as sciencias muito necessarias para saber, não as revela Deos ordinariamente aos virtuosos, e Santos, se não aos estúdiosos, e applicados, porque ainda que Deos he muito liberal com os homens, a nenhum por mais Santo, e virtuoso, que seja (não lhe infundindo, como aos Apostolos, a sciencia) concede a sabedoria sem estudo, nem dá a riqueza sem trabalho. Muito virtuoso, e Santo era Adam antes de peccar, e tambem depois de penitente, e arrependido da sua culpa; porém Deos não lhe deu as riquezas necessarias para viver, sem Adam primeiro trabalhar para comer: *In laboribus comedes*, nem lhe concedeo a sciencia do bem, e do mal, para saber, sem que elle a colhesse à custa da propria vida, comendo do fructo da Arvore da

ré da sciencia: *Ecce Adam quasi unus ex nobis factus Genes. 3. 22, est, sciens bonum, & malum.* Com esta grande sciencia era Adam quasi tão fabio, como era o mesmo Deos: *Adam quasi unus ex nobis factus est sciens,* e sendo Senhor de todo o Mundo, com o absoluto domínio de todas as riquezas, era mais rico do que todos os homens; mas com toda esta grande opulencia não comia hum bocado de paó, para sustentar a vida, sem lhe custar o suor do seu rosto: *In sudore vultus tui vesteris pane,* e à custa da propria vida alcançou tão grande sabedoria: *De ligno autem scientiae Genes. 2. 17. boni, & mali ne comedas. In quocunque enim die comedaris ex eo, morte morieris.* Tão pensionadas são as sciencias, que se compraõ com as proprias vidas; e tanto custão estas vidas a sustentar com as riquezas, que até hum bocado de paó se não pôde comer, sem se ganhar com o suor do rosto proprio! Não dá ordinariamente Deos aos homens os bens de que necessitão, se elles com a sua propria virtude, e diligencia os não buscam.

Na Parabola dos Talentos, diz Christo Senhor nosso, que os repartio o Rey a cada hum dos servos, conforme a sua propria virtude: *Unicuique secundum propriam virtutem.* Este Rey he Deos, que conforme a virtude, e officio proprio de cada homem lhe reparte os talentos. Ao Estudante dà sciencias, e aplausos: ao Mercador dà lucros, e ganancias: ao Soldado dà viotorias, e triumphos: ao Navegante dà commerçios, e riquezas: ao Lavrador dà fructos, e cearas; e ao Santo dà graças, e bemaventuranças; e não confunde as bemaventuranças, e graças do Santo, com as cearas, e fructos do Lavrador: as riquezas, e commerçios do Navegante com os

triumphos, e victorias do Soldado : as ganancias, e lucros do Mercador com os aplausos, e sciencias do Estudante; por isto não revela aos Santos, e virtuosos a *Chrysopeia* dos *Alchymistas*, e *Hermeticos*; porque não confunde o officio proprio dos *Hermeticos*, e *Alchymistas* com as virtudes proprias dos virtuosos, e Santos.

§. IX.

Não posso agora deixar de me rir neste lugar, naõ sey se do zelo, se dos zelos, com que o P. Kircker escreveo contra a *Pedra Philosophal*, desencantando para exterminar esta *Philosophia do Orbe Literario huma Extravagante* do Papa Joaõ XXII. aonde Sua Santidade reprova a *Chymica*, e condena os *Chrysopeios*, não à morte, mas a perpetua infamia. Porém devia advertir o Reverendissimo Kircker, que esta Extravagante não foy recebida, e incorporada no Direito Canonico, nem he infinita, e geralmente fulminada contra os verdadeiros *Hermeticos*, ou *Chymicos*, senão contra os *Pseudochymicos*, e embusteiros, que fazem, e vendem Prata, e Ouro falso, por verdadeiro Ouro, e Prata fina, como doutissimamente resolve o Sapientissimo Jurisconsulto Arfoncino: *Verum specialiter, & proprie de ijs tantum, qui (ut Textus verba proferam) aurum, vel argentum sophistica transmutatione configunt. Quare ad eos, qui non reprobum, & adulterium, sed probum, & verum aurum conficiunt, Textus ille non pertinet.* Itaque omnes Doctores tam Civilistæ, quam Canonistæ non curarunt illam Extravagantem Papæ, ut superius diximus. Nem a Constituição do Summo Pontifice

tifice João XXII. necessita de exposição; porque da mesma Extravagante clara, e expressamente consta, que não condena senão aos *Pseudochymicos*, que falsificão Ouro, e Prata, para enganarem aos homens com artificio, vendendo-lhes estes Metaes por verdadeiros: *Idemque verbis dissimilant falsitatem, ut tandem, quod non est in rerum natura, esse verum aurum, vel argentum sophistica transmutacione confingant.* Por isso João Pico, Duque de Mirandula, Conde da Concordia, Príncipe do Império, e tão grande Príncipe, como Sabio, por lição de Acurio, Baldo, Guilherme, e outros Juristas, absolve do crime de falsoiros aos verdadeiros artífices da *Chrysopoeia*; porque contra elles não fulminou o Papa este Edito: *Præscribitur enim de crimine falsi, at nos de vera loquimur arte, quæ falsitatis nomine taxari non potest.* E porque esta Arte de fazer Outro verdadeiro, e puro, não he prohibida por nenhum Direito positivo, como escreve Beyerlinck: *Ars conficiendi eo modo aurum, nullo jure positivo vetatur*, por esta razão confiadamente dedicou ao Papa Leão X. João Aurelio Augurello tres livros escritos em versos Hexametros, em que tratava da *Pedra Philosophal*, com o titulo de *Chrysopoeia, & vel-lus Aureum, seu Chrysopœa Major, & Minor*; sobre a qual também escreveu em verso Heroico Lusitano o famoso Poeta Bocarro, sendo gratíssimos aos Portuguezes, e Romanos estes Poemas, os quaes não seriaão tão estimados dos Pontífices, e Monarchas, se por elles, ou por alguma Ley Divina, ou humana fossem prohibidos.

Nem se deve prohibir huma Arte, da qual se duvidou Santo Thomaz, commentando nos seus

1 ij pri-

Joan. Franc.
Pic. Mirand.
lib. 1. de Auro
cap. 3. in fin.

Beyerlinck.
To. no 2.
Thear. Vitæ
Human. Ver-
bo Chymiae
fol. 203.

primeiros annos as sentenças dos Padres , a defendeo
sendo já velho , escrevendo a Summa Theologica ,
como melhor que Pedro Gomes , e Joaõ Lyguro en-
tendeo o Principe de Concordia o grande Mirandu-
Joan. Franc. Iano : *Adde, quod quæ juvenis negare viſus est Thomas ,*
Pic. lib. 2. de *conſtanter affirmavit longo poſt tempore, hoc eſt, dum*
Auro cap. 11. *Summam conficeret Theologicam , tanquam ultimunſ*
ſuarum opinionum testamentum. E accrescenta este
grande Principe no principio do terceiro livro , que
escreveo desta transmutaõ dos Metaes em fino Ouro ,
(de que elle foy testemunha de vista) que depois
do incendio dos livros *Chrysophilos*, que mandou quei-
mar o Emperador Diocleciano , como refere Suydas ,
para que os Egypcios poderosos com o muito Ouro ,
que fazião com a *Chrysopeia* , se não rebellassem con-
tra o Imperio Romano , se fazia publicamente tanto
Ouro daquelle especie de area dourada , a que os Gre-
gos chamão *Chrysamos* , que os Cesares mandarão aos
Hermeticos , que do seu trabalho pagassem tributo ,
como os Mineiros , com a diferença porém , de que
os Mineiros pagassem a decima parte do que tiravaõ
das minas da terra , e os *Hermeticos* pagassem poucos
escrupulos do Ouro , que fazião com a sua *Philosofia* ,
como ainda hoje testemunhaõ duas Leys , que
debaixo do titulo de *Metallarius* , se pôdem ver no
Codigo Justiniano ; donde se segue , e conclue , que
não podia ser prohibida huma Arte , pelas mesmas
Leys , que a permittiaõ , e approvavaõ.

§. X.

A Rgumenta mais o Padre Kircker contra a *Arte Magna* , desacreditando os seus Artifices ; por-
que

que lhe chama Magicos, Feiticeiros, Nigromanticos, Impios, e Atheistas. Louvo a piedade com que Kircker os ceasura, como Catholico; mas estranho a Logica com que os impugna, como Dialectico. Joao Zwelphero, Medico do Emperador Leopoldo I. e Philolopho excellente, naõ quiz, nem se atreveo (naõ se atreveo, porque naõ quiz) a investir, e com guerra declarada refutar os argumentos, e afferções do Padre Kircker, Varaõ taõ celebre, que ninguera o igualla na fama, e no talento; e por modestia naõ opoz, mas propoz amigavelmente contra elle a sua opinião: *Cujus viri, ut pote celeberrimi, fama ac talentis nungquam aequandi, doctissimas assertiones, & argumen- ta, licet aperto marte incessere, ac adoriri, neque velim, neque anfim: meam tamen interim non tam opponam quam proponam opinionem.* Porém chegando a este ponto do Atheismo, impiedade, e Nigromancia, com que o Reverendissimo Kircker, usando da Figura chamada dos Gregos *Poly syndeton* injuria, e afronta a Paracelso, naõ só defende a este grande *Hermetico*, mas impugna, ou expugna ao Padre Kircker. Por obsequio de Zwelphero naõ respondo a Kircker sobre esta injusta censura, como em veneração de Lorino-deixou Alapide de commentar o Psalterio; porque na disputa deste Prologo caminho por nova estrada; e quando entro em varedas já trilhadas, sempre me desvio de dar passo sobre pegada alheya. Mas como estranhey a Kircker a sua Logica, mostreay só, que melhor argumentará este Philosopho com esta, ou semelhante Dialectica: os *Chymicos* admittem huma só *Pedra Philosophal* com duas cores diferentes, que saõ branca, e vermelha, chamadas *Chrysoperia*, e *Argyriopeia*, as quaes convertem os

Zwelfer.

Mantif. Spag.
Part. 1. cap. 1,
fol. 324.

Metaes imperfeitos em Ouro , e Prata , obrando juntamente dous effeitos contrarios; porque o *Lapis* endurece os Metaes brandos , que saõ o Chumbo , e o Estanho , para os transformar em Prata , e abrandar os Metaes duros , que saõ o Cobre , e o Ferro , para os transmutar em Ouro : he impossivel , que a mesma Pedra faça contrarias operaçōes; porque nenhuma couisa naturalmente produz dous effeitos contrarios : logo he taõ impossivel esta Pedra , como os seus contrarios effeitos. Mas tambem lhe respondera , que a soluçōe deste argumento he taõ clara como a luz do Sol , que abranda a cera , e endurece o barro ; porque obra em diversos sujeitos , e a respeito de naturezas differentes. Com diversos alimentos duros , e molles , faz a Natureza , por meyo da nutriçōe , a substancia do corpo da mesma consistencia , endurecendo com huma só acçōe o molle , e abrandando o que he duro , e solido; e daqui se segue , que imitando a Arte taõ perfeitamente a Natureza , sendo isto possivel à Natureza , naõ fica sendo impossivel à mesma Arte. Os Philosophos Peripateticos , e todos os outros sabios , que professao , e ensinaõ a verdade , claramente a escrevem nos seus livros , e a explicaõ a seus Discipulos , e por isso a pintaõ nua: *Nuda veritas* ; e todos aquellos homens , que occultao o que ensinaõ , e escondem o que affirmaõ , professao a mentira , e o engano; porque como disse a Sabedoria Divina Encarnada , quem obra mal , aborrece a luz ; para naõ serem arguidas as suas obras: *Omnis , qui male agit , odit lucem , ut non arguantur opera ejus* ; os Philosophos Hermeticos affirmando , e defendendo a existencia do *Lapis* , e ensinando aos Discipulos a preparaçōe da *Chrysopha com Polygraphia encobrent a ver-*

Joan. 3. 20.

a verdade, occultando o que ensinaõ, e encobrindo o que defendem, e affirmaõ: logo os Philosophos *Hermeticos* quando escrevem, e quanto escrevem da *Chrysopoeia* he engano, e mentira. Mas tambem lhe respondera, que os Philosophos *Pythagoricos*, que professaraõ a verdade, e perseguiraõ a mentira, naõ a explicavaõ a seus Discipulos, senaõ por symbolos, como tambem faziaõ os Philosophos *Heracliticos*, que forao muito verdadeiros, ensinando a seus Discipulos a verdade das suas Escholas com enigmas, segundo escreve o Divino Plataõ; e a tòdas as pessoas, que lhes pediaõ a explicação destes mysterios, a declaravão com outros enigmas. O mesmo Plataõ, Mestre de Aristoteles, escreveo tão occulta, e enigmaticamente os seus dogmas, que poucos fabios os entendèrão, imitando, como escreve o grande Hieronymo aos Syros, e Palestinos, que se explicavaõ por Parabolas. A Sagrada Escritura, que he Fonte pura de toda a verdade, està cheya de Parabolas, Enigmas, Allegorias, e Metaphoras; e o mesmo Christo, em quem, como diz S. Paulo, estão escondidos todos os thesouros da Scienzia, e sabedoria: *In quo sunt omnes thesauri sapientiae, & scientiae absconditi*, ensinando a verdade 3. Ad Colloſſ. 2.

a seus Discipulos, e a toda a Igreja Catholica, tambem lha declarou por Parabolas: *Et sine parabolis non loquebatur eis*. E daqui se segue, que a explicação mysteriosa naõ deixa por isso de ser muito verdadeira. Por isso Aristoteles conhecendo, e praticando nos seus escritos esta verdade, como escreveo ao grande Alexandre, confessa, que a ignorancia de alguns, ou de todos os Philosophos *Anti-Hermeticos*, corrompeo a scienzia, e Philosophia dos

Matth. 13.34.

dos Egypcios, pôr naô entenderem os seus mysticos Hieroglyphicos, fingindo fabulas para mostrarem os nescios, que os entendiaô, perdendo a sua verdadeira intelligencia, a ignorantے presumpçao destes fingidos Edipos; onde se deve notar, que o Philosopho chama sabios aos Authores dos Hieroglyphicos, e nescios aos que os naô entenderaô; e a estes nescios, como a inimigos peregrinos dos sabios, occultao os *Hermeticos* os thesouros da *Chrysopeia*, quebrando-lhes a cabeça com os mysterios dos seus enigmas, para castigar a sua cubica, e presumpçao.

Saô os *Hermeticos* com os seus enigmaticos mysterios, como os Gryphos animaes de quatro pés, com azas, e bico de Ave, costas de Leão, e cauda de Serpente, os quais nos Montes Ripheos, e Hyperboreos guardaô os thesouros, como tambem diz Kircker: *Ad Rhiphaeos quoque montes ad Gryphos Hyperboreos præstantissimi auri custodes*, e saô inimigos dos cavallos, e Arimaspes; e acrescenta Bluteau

Bluteau Vo. cabular. Port. pôr liçao de Solino, que habitaô estes animaes as Terras da Scythia abundantes de Ouro, e pedras preciosas, e aos Estrangeiros, como a inimigos, que pretendem roubar esta riqueza, atsaltaô, e despedeçaô os Gryphos, como nascidos para occultarem o Ouro, e castigarem a cubica, e avareza de homens nescios; porque tambem saô os Gryphos, como diz o referido Author, huma especie de enigmas de palavras mutiladas, com transposiçao, união, ou separação das sylabas, que fazem diversos sentidos; os quaes se daô a adivinhar para exercitar o engenho. Demaneira, que os Gryphos, e os *Hermeticos* com os seus enigmas, e mysterios admiraô os engenhos dos peregrinos, ou estranhos da sua etchola, escon-

dem os seus thesouros, occultando as pedras preciosas, que são o *Lapis*, e *Pedra Philosophal*, e fazem guerra aos nescios, que são como os Cavallos, e Arimaspes, que no meyo da testa tem hum só olho, como sinal do pouco, que descobrem, e avistaõ; porque se vem mais quatro olhos, que dous, menos avista, e descobre que dous, hum só olho na testa; e com grande razão os despedação, quebrando-lhes a cabeça, para castigar a cega presumpção; e cobiçados Arimaspes, e Cavallos, que sendo Toupeiras, se atrevem a competir com os *Hermeticos* ou *Gryphos*, que na sua vigilancia são Argos, e na perspicacia huns Linces.

Os *Hermeticos* finalmente não pôdem fazer Ouro com a sua *Chrysopeia*, nem com a *Argyropeia* Prata, senão imitando com a sua Arte a Natureza, a qual como elles confessão com Geber na Summa, Rhásis no livro do Perfeito magisterio, e outros Corypheos da sua Eschola, não pode fazer Ouro, senão no dilatado, ou quasi eterno espaço de mil annos; os *Hermeticos*, que não vivem mais de hum seculo, não pôdem em tão breve tempo imitar com a Arte a Natureza, no que ella só faz em mil annos: logo não pôde os *Hermeticos* com a sua *Chrysopeia* fazer Prata, nem Ouro; mas tambem finalmente lhe respondéra, que em poucos mezes faz a Arte, o que em mil annos não pôde fazer a Natureza, como escreve Bernardo Conde de Treveris: *Adeo ut Bern. Com. hac via per nostram artem perficiamus aliquot mensibus, March. Tric- quod ipsa Natura vix mille possit annis.* Isto se prova vilan. Part. 3. com a experiençia; porque a Natureza nunca des- S. Imprimis V. troe o Ouro, que desfaz a Arte com Agoa Regia em Manget. tom. pouco tempo, e com o Espelho-Ustorio em hum ins- 2. Bibliothec. tan-

tante ; formando tambem a *Arvore de Diana* em hum quarto de hora, conforme mostrou Homberg em **Pariz**, Corte de França, e transformando os Metaes em Ouro em hum momento, como em Ouro converteo Lullio em Londres, Corte de Inglaterra, os sinos das suas torres , com os quaes reduzidos a dinheiro , naõ Ricardo I. como erradamente , e contra os melhores Chronologos , escreveo Kircker , mas Eduardo VI. fez cruel guerra aos Francezes , faltando à palavra , e promessa , que fez a Lullio de gastar aquelle dinheiro na guerra contra o Turco. Tambem com dinheiro feito com muita brevidade de Ouro *Chymico* , e verdadeiro, fez Carlos VII. Rey de França, cruelissima guerra aos Ingleses , o qual lhe deu Jacobo Cor Bituriense , segundo refere Claudio Seiffelio na Historia de Luiz XII. Rey do mesmo Reyno. E se a Arte naõ excedesse nesta brevidade à Natureza , naõ poderiaõ os *Hermeticos* fazer este Ouro em taõ pouco tempo, do que se naõ pôde duvidar , sem desterrar primeiro do Mundo a Fé humana , pelo affirmarem assim as Historias Clasicas , e authenticas daquelles Reynos , e muitas daquellas moedas , que ainda hoje conservaõ alguns curiosos.

§. XI.

Antes de concluir o exame da doutrina Kirckeriana , quero referir por episodio huma gallante Historia , para divertimento dos Leitores , prova , e confirmaçao do que tenho dito , como tambem para soluçao de todos os mais argumentos. Escrevem Joaõ Zwelfer , e Phelippe Jacob Sachs , que Cornelio Martinho , Lente da Universidade Julia

Julia da Cidade de Helmstad, quiz defender em acto publico hum celebre tratado, que tinha composto contra a verdadeira existencia da *Pedra Philosophal*, mostrando infelizmente com os seguintes fundamentos, a que responde doutissimamente Pedro Bom, a impossibilidade da *Chrysópeia*: os *Chymicos* ignorão acerta, e determinada quantidade de qualquer dos elementos nos mixtos, e deste modo não sabem o modo de os fazer: os *Chymicos* não só ignorão a determinada proporção dos elementos, que entrão na composição dos mixtos, e o verdadeiro modo da mixtão; e digestão, com que os faz a Natureza, e não pôdem com esta ignorância imitalla com a sua Arte: os *Chymicos* não conhecem o instrumento, com que a Natureza fabrica os Metaes, e sem este conhecimento não pôdem imitalla, para fazerem semelhantes operações: os *Chymicos* ignorão os primeiros principios, que movem a geração, e introdução das formas nos mixtos, e não he possivel fazerem outra semelhante com esta ignorância: os *Chymicos* não pôdem fazer pela Arte, o que he só obra da Natureza; porque a geração natural he principio intrínseco, e principio extrínseco he a operação da Arte: os *Chymicos* não pôdem fazer Ouro, nem Prata; porque he improprio lugar hum vidro, para dentro nelle se fazer a geração do Metal, que a Natureza só faz nas entradas da terra: os *Chymicos* não imitão, nem pôdem imitar com a sua Arte a Natureza na geração dos Animaes, e na geração dos Metaes lhe succede também o mesmo; porque a geração dos Animaes he como a sua mixtão; a mixtão dos Animaes he mais facil do que a dos Metaes, por se dissolver com mij mayor

mayor facilidade, e da mesma forte he tambem facilissima a sua geraçao: naõ podendo pois a Arte o mais facil, que he gerar hum Animal vivo, (ainda que Paracelso diga o contrario) menos pôde fazer o mais difficult, que he fazer Ouro puro, e Prata fina.

Estando porém o grande Cathedratico respondendo a todos os argumentos, que se lhe oppunham a favor do *Lapis*, com soluções tão sophisticas, como os sobreditos fundamentos do seu tratado, entrou na Aula hum seu particular amigo de grande authoridade, e respeito naquelle Cidade, ao qual convidou Cornelio com huma conclusão para que lhe assistisse, e argumentasse, com o desvanecimento de que o honrasse naquelle função literaria, e academic. Era este Cavalheiro mayor *Chymico*, do que Peripatetico, e mayor práctico, do que especulativo, ou rhetorico; e para fazer o acto mais plausivel, argumentando demonstrativa, e naõ sophisticamente, com experiençia, e naõ com o discurso, com verdade, e não com paralogismo, com obras, e naõ com palavras, mandou trazer à sua presençā hum fogareiro com carvões accezos, hum cadiño, e hum pouco de Chumbo, e depois de tudo muito bem examinado por Martinho, e pelos mais Academicos, para desvanecer a suspeita de algum engano, transformou o Chumbo em fino, e puro Ouro, à vista de toda aquella Universidade, e dando huma porçāo della a Cornelio, para que o examinasse na Copella, lhe disse com muita graça, que respondesle àquelle argumento, ou dissolvesse tão aureo syllogismo: *Heus jam tu, mi D. Cornelii, solve mihi bunc syllogismum.* Esta demonstração deixou a Cornelio muito eavergonhado, como affirma o mes-

mesmo Zwelfer na sua Mantissa : *Interim rubore, ac verecundia suffusus*; porque naõ h̄a cousa mais vergonhosa para hum Sabio presumido, do que darem-lhe publicamente hum quinão, a que elle não possa responder com distinções, ou apoloqias. Agora quero eu mostrar a Cornelio o justo fundamento com que Aristoteles reprehende aos homens, que tendo visto pouco, julgão de tudo. Os Jurisconsultos chamão incivis aos Juizes, que julgão o pleito, sem verem primeiro todas as Leys, ou quando menos a Ley toda. Condemna Seneca aos Ministros, que como Claudio Cesar, decidem as duvidas, ou demandas, sem, confórme as Leys, ouvirem ambas as partes : *Auris una attori, altera reo servanda*. E merecem grande censura todos os Philosophos presumidos, que sem noticia da Arte Chymica, nem experiençia das suas admiraveis operaçōes, negão os prodigiosos efeitos da Chrysópeia.

Text. in L.
quæ omnia
25. fl. de Pro-
curat.

§. XII.

Provada, e defendida por este modo a transformaçō do Chumbo em Ouro, naõ só com a razão, se naõ tambem com a experiençia; como contra a experiençia naõ prevalece a razão, segundo depois de Aristoteles, repete muitas vezes o insignissimo Heredia : *Experimentum quamcunque rationem invicit*, facilmente se responderá ao argumento, com tag. Univers. que Kircker pertende provar com muitas razões, de febr. malig. que naõ h̄a alma do Ouro, a qual confórme dizem Disp. 3. quæst. os Chymicos, naõ he outra cousa, senão huma onça 3. s. Mihi fol. de Ouro, reduzida pela Arte Magna a pô, que pesa só doze grāos, e qualquer grao converte huma onça 522.

onça de Metal em huma onça de Ouro. O fundamento com que Kircker nega esta conversão, hè porque a materia naõ pôde receber qualquer forma, senão tendo aptidão, e disposição conveniente para a receber. E como he possível, que este pô, forma, ou alma, naõ corporea, mas corpulenta do Ouro, (a qual naõ pôde estar separada do corpo) deixando o proprio sujeito, se introduza (como da metempsicose, ou transmigração da alma racional erradamente imaginou Pythagoras) no Chumbo, Estanho, Cobre, ou no Ferro, que todos tem já a sua forma? Pôdem por ventura estar duas formas em hum só, e no mesmo sujeito? E se me negaõ este absurdo, dígaõ-me, que foy feito da alma do Chumbo: *Quidnam de anima plumbi factum sit?* Naõ descubraõ a sua ignorância, recorrendo à sua anniquilação. E se a forma, que estava no pô, se separou, admittirão os Chymicos, que pôde subsistir sem forma hum sujeito? Este pô chamado alma do Ouro, he verdadeiro Ouro, reduzido a pô com corrosivos; e como consta de materia, e forma, naõ se deve chamar alma aurifera, senão natural, e verdadeiro Ouro: *Aurum auri nequaquam dici potest, sed aurum verum, & naturale.* Se este pô lançado sobre qualquer Metal, o transmutasse em Ouro, por virtude da sua aurea alma, naõ se me dará razão, porque huns pôs v. g. de losna, lançados sobre a losna secca, a naõ reverdeçaõ, ou os pôs de qualquer animal queimado, não resuscitem a todos os animaes depois de mortos? Como he possível, que dem vida os Metaes, que naõ tem alma: *Qui fieri potest, ut quod animam non habet, uti sunt metalli, vitam tamen dare possit?* Pareceme este argumento do Padre

dre Kircker como aquelles, com que Lactâncio Firmiano impugnava antigamente os Antipodas. Antes de se descobrirem os Antipodas na America, com apparentes razões provava Lactâncio, que os naõ havia; mas todas se desvaneçeraõ com o descobrimento dos Antipodas. Todos achavaõ antigamente razaõ a Lactâncio, quando os impugnava; e todos hoje se rim de Lactâncio, quando os impugna. Assim succede sempre a quem escreve contra aquillo, que naõ sabe. Hoje se poderão rir de Kircker, todos os que antigamente celebravaõ este argumento; porque està já descuberto, que os Materia estem alma, e daõ vida. Ignorou Kircker esta novidade da Physica; e assim se podia tambem enganar neste argumento; porque se funda na aptidão, e disposição da materia, na duplicação, e aniquilação das fórmas, e finalmente na existencia separada do sogeito, que saõ cousas, que hoje vamos sabendo, que ignoramos.

Mas para que naõ imagine algum Peripatetico, que responde nesta fórmula, para fugir à difficultade, advirto aos que naõ forem Philosophos, que no sistema Aristotelico, em que funda o seu argumento o Reverendissimo Padre Kircker, todos os corpos Physicos se compoem de Materia, Fórmula, e União. Por esta Materia, que se chama *Materia prima*, se entende entre os Philosophos hum sogeito commun de todas as mutações substanciaes, o qual he incorruptivel, e delle se formaõ, ou fazem os corpos Physicos pertencentes ao predicamento da substancia. Diffine-se por este modo nas suas Escholas: *Materia prima est id, ex quo quidpiam fit, non per accidens, sed per se, tanquam est primo subjetum*.

Etio. Prova-se a sua existencia com a transmutação substancial de qualquer sogeito , o qual persevera sempre , depois que nella se corrompe huma forma , e sobrevem outra de novo , como vemos em hum pão quando se queima ; porque lhe sobrevem de novo a forma de fogo , depois da corrupção da forma de pão , havendo no pão sogeito commum para ambas aquellas formas. Nem se pôde negar ser o sogeito commum , e o mesmo ; porque morrendo , ou acabando a forma de hum Cavallo , e sobrevindo de novo a forma cadaverica , ficaõ no cadaver os mesmos accidentes , figura , e quantidades : logo tambem fica o mesmo sogeito. E se em qualquer transmutação substancial não houvesse sogeito commum , ácerca do qual sucedesse a corrupção da forma , que se corrompe , e a geração da forma , que se gera , a forma , que naturalmente se gera , se crearia , e se anniquilaria a que naturalmente se corrompe ; porque a nada se reduziria a forma corrupta , e de nada se crearia a forma gerada. E conforme a verdadeira Philosophia , não ha criação , e anniquilação natural das formas substanciaes.

Alguns Philosophos com Escoto , Henrique , Gregorio , e Oviedo , aos quaes parece , que favorece a opinião de Santo Agostinho , Santo Ambrosio , e S. João Chrysostomo , admittem naturalmente , e sem milagre , a existencia da matéria separada de toda a forma. Nem Aristoteles provou com fundamento algum a impossivel existencia da matéria , naturalmente separada da forma ; e o Padre Arriaga depois de refutar muito bem cinco razões , com que ordinariamente se prova este Dogma Aristotelico , confessou , que lhe não occorre outro fundamento desta

desta conclusão, senão, que esta existência repugna tanto à Natureza da matéria, como a quantidade à penetração com outra quantidade. O Padre Francisco Soares Lusitano defende, que a matéria não pôde existir sem forma; porque sem ella morreria totalmente destruída a Natureza. Porém admite a natural existência da forma, separada da matéria; porque se não segue aenhum incommodo à Natureza na separação, e existência da forma sem matéria; havendo grande inconveniente na existência da matéria separada de toda a forma: *Nulum ergo sequitur naturae incommodum ex eo quod forma separaretur ab omni materia; maximum vero ex eo quod materia separetur ab omni forma.* E a razão, que dà desta grande diferença he porque a forma he como vida da matéria, e quasi morre, e acaba a matéria com a separação da forma; porém a matéria não he vida da forma, antes a forma vive, e se conserva sem matéria. O mesmo Soares com Santo Thomaz, Telles, Hurtado, Oviedo, Arriaga, e Soares Granatense, affirma, que esta matéria he da mesma especie em todos os compostos: *Materia, cum habeat omnibus compositis sit ejusdem speciei.* E acrescenta sitan. in Phys. o Padre Arriaga, a quem seguem muitos Modernos, que muito mais perfeita he a matéria, que pôde receber mais formas, do que aquella, que pôde receber muito menos.

Passando agora da explicação da matéria prima, para a averiguacão das formas substâncias, he certo, que antes dos Modernos que as negão, as não admittirão os Philosophos Antigos referidos por Aristoteles, como tambem as impugnão Porcio, Aphrodiseo, Philoponio, Galeno, e outros muitos

P. Soar. Lu-
sitan. in Phys.
Tract. 1. Dis-
put. 2. §. 4. n.
87.

P. Soar. Lu-
sitan. in Phys.
Tract. 1. Dis-
put. 4. Sect. 1.
§. 1. n. 221.

tos Sabios. A razão com que os Antigos negavão estas fórmas , he porque se fosse necessario admitir fórmas substanciaes , seria para salvar as mutações , em que hum pão v. g. se muda em fogo ; mas para salvar , ou explicar esta mudança , são escusadas estas chamadas fórmas ; porque , como diz.

Aristotel. 7. o mesmo Aristoteles , toda a mutação he de con-
Meth. Tx. 21. trario , para contrario ; e a contrariedade , confór-
me a boa Philosophia , não se dà nas substancias ,

dà-se somente nos accidentes. Eu porém como ve-
jo muitas substancias corporeas , diversas na espe-
cie , como são o fogo , e hum cavallo , ou qual-
quer outra entidade corporea , e esta tal diversida-
de especifica não provem só dos accidentes diver-
sos ; porque estes só induzem huma accidental dif-
ferença ; nem pôde resultar da materia , por ser esta
da mesma especie em todos os compostos physicos ;
necessariamente devo admittir fórmas substanciaes .
Diffini-se a fórmula substancial por este modo : *For-
ma est substancia simplex , & incompleta , qua^e ut
actus constituit essentiam substancialis corporeae .* Suppos-
ta esta diffiniçao , dizem os Philosophos , que mu-
itas fórmas substanciaes pôdem naturalmente infor-
mar não só a mesma materia continua , segundo as
suas diversas partes , como vemos em huma vara
em parte verde , e em parte secca ; porque sendo
a sua materia total , e continua , na parte secca
não he vivente a sua fórmula , e na parte verde tem
fórmula vivente ; mas tambem a mesma materia , se-
gundo a mesma parte ; porque no mesmo sogeto , e
segundo a mesma parte , pôdem naturalmente estar
juntas muitas fórmulas accidentaes , como são Quan-
tidade , Frio , Alyura , e outras semelhantes ; e da
mes-

mesma forte pòdem tambem naturalmente estar juntas muitas fórmas substanciaes, como vemos no Ferro abrazado, no qual naturalmente se achão juntas a forma de Ferro, e a fórmula de Fogo.

Com a verdade desta doutrina, ou com a luz desta verdade, se descobre, e se desterra a falsidade do argumento do Padre Kircker; porque se todas as materias de que se compoem os corpos physicos são da mesma especie: *Materia, cum hæc in omnibus compositis sit eiusdem speciei*; todas tem a mesma capacidade, aptidaõ, e disposição, para receber qualquer fórmula; e como he mais perfeita a materia, que mais fórmas recebe, taõ possivel he, que o pò, fórmula, ou alma do Ouro, (a qual como fica provado, e logo repetiremos, pòde estar separada do corpo) deixe o proprio sogeito, e se introduza no Chumbo, Estanho, Cobre, ou Ferro, tendo todos a sua fórmula, como se introduz a fórmula substancial do fogo no Ferro metido no lume, deixando a propria materia. Tanto pòdem estar duas fórmulas em hum só, e o mesmo sogeito, que de facto estão juntas no Ferro ardente, a fórmula de Ferro, e a fórmula de fogo. E se no Ferro naõ podessem estar naõ só estas duas, mas ainda mais fórmulas, naõ ensinaria o grande Arriaga, que he mais perfeita a materia, que mais fórmulas recebe. Prova-se esta verdade com dous exemplos verdadeiros, ou com duas experiencias, que laõ demonstrações innegaveis. Entre todos os mixtos, nenhuns tem materia mais perfeita, depurada, e pura, do que o Ouro, e a Prata. A Prata fixa, he Ouro branco, e com a addição do Enxofre Solar, fica perfeito Ouro. Com espirito de nitro bezoartico, se tira a cor amarella ao Ouro, e fica

nij

bran-

branco como Prata, de sorte, que já se não dissolue com a Agoa Regia, senão com Agoa forte; mas pôde-se tingir outra vez; e transformar em Ouro, que se dissolverá com Agoa Regia, com a qual o Ouro sómente se dissolve. De maneira, que estas demonstrações, com que por lição de Ettmullero convence Enodato a Feyjoo, acreditão a Physica de Aristoteles, e a doutrina Peripatetica defende a *Hermetica Philosophia*.

Agora resta dizer ao Reverendíssimo Padre Kircker, aonde está a alma do Chumbo, depois que na sua materia se introduzio a alma, ou fórmula do Ouro. Está aquella alma no mesmo lugar onde vay parar a fórmula, ou alma de pão, depois que no madeiro, ou cepo, se introduzio a alma, ou fórmula de fogo; ou também onde está a fórmula, ou alma do fogo, depois de apagado, ou extinto o incendio, em que ardia o pão. Não temos, Reverendíssimo Senhor, nenhuma necessidade de recorrer à impossível anniquilação, havendo a corrupção da fórmula, a que recorrem todos os Philosophos. Nenhum inconveniente he na Philosophia Aristotelica, admitir, que a fórmula, que estava no pô do Ouro, se apartou, e separou do sôgeito, subfistindo depois da separação, e apartamento sem sôgeito huma fórmula; porque não só na Alma Racional, mas em outras fórmulas substancialaes, admitté Soares esta subsistência, sem incommodo da Natureza: *Nullum ergo sequitur incommodum ex eo, quod forma separetur ab omni materia.* E se este pô finalmente fora verdadeiro Ouro, e não aurifera alma, transformaria o Ouro verdadeiro, em verdadeiro Ouro, a qualquer Metal, como faz este pô, o que não consta por

por alguma experiecia, havendo infinitas das transmutações metallicas, feitas todas pela alma do Ouro. E daqui se segue ser alma do Ouro, e não Ouro verdadeiro. Nem o exemplo do pò da losna, e do animal morto, e queimado, conclue a favor de Kircker, contra os *Hermeticos*, pela grande diferença, que já mostrey com palavras do mesmo Kircker, havia entre o Vegetavel, e o Metallico; porque ainda que os Metaes, e as plantas todos sejam Vegetaveis, os Metaes saõ mais solidos, e compactos, e porisso capazes de se lhe extrahir a semente, e alma, para com elles fazer as Metallicas transformações, as quaes se não pòdem extrahir das plantas; porque antes da sua extracção, lhas corrompe a violencia do fogo.

Tão forte, concludente, e indissolivel parecer o sobredito argumento ao Reverendissimo Kircker, que por dar com elle aos *Hermeticos* por convencidos na sua ignorancia, os injuria de nescios com estas indecentes palavras, que escreveo por remate da victoria, e coroa do imaginado triumpho: *Vides igitur, quam stolidè philosophentur y, qui talia ex asinina quadam ignorantia fieri posse imperitis persuadere contendunt.* Bem te vè nesta reposta, que os *Hermeticos* filosofaõ confòrme o Systema de Aristoteles: e se com tudo os *Hermeticos* saõ nescios neste modo de filosophar, tambem os Aristotelicos mostrão grande ncedade na sua Philosophia. Não parecer ao Padre Kircker asinina a doutrina *Chymica* quando a estudava: *Ego sane tunc temporis Chymie studio intentus;* porque com experienças reduzi a practica o seu estudo: *Audierat is de meis circa hoc studium experimentis.* E se então lhe não parecer

reco asinina esta d'outrina', pois a estudava, e praticava ; como agora chama asinina a huma *Philosophia*, em que empregou tanto estudo, e trabalho ? Por hum de douos modos, ou por ambos, poderia o Padre Kircker julgar, que era asinina-esta *Philosophia Hermetica* : pela razão, ou pela experienzia, ou por tudo junto ; e por nenhum destes modos o podia julgar : pela experienzia não, porque elle não sabia com certeza, que fizesse com todo o acerto à operação da *Arte Magna*, em que muito bem sabia, qne bastava qualquer pequeno erro, ou desculpo para ser mal succedido ; e pela razão muito menos, porque entendendo antes, que podia fazer a *Chrysopœia*, e se enganou, como agora suppoem ; tambem deve suppor agora, que sei pode enganar com a mesma razão, com que a impugna, entendendo agora o contrario daquillo mesmo, que já entendeo ; porque elle não tinha melhor razão em hum, do que em outro tempo. Nem podia fazer melhor juizo sobre a mesma materia, não havendo nenhum motivo, que sobreviesse de novo, para fundar nelle o seu desengano.

Mas ainda que eu feri ao Reverendissimo Kircker com a sua mesma espada, ou como vulgarmente se diz pelos mesmos fios, para que não imaginem algumas pessoas, que todos os *Philosophos* são neficios, applicarey contra Kircker humas admiraveis palavras, que contra Arriaga escreveo Soares, ambos doucissimos ; e grandes *Philosophos* da Companhia de JESUS : *Sed unde, quæso, hoc probat Pater Arriaga ? Sane id liberè assumit. Ego agre fero, quod aliqui Authores, cum alius minimè credere velint, putent nos illis adeo facile credituros, non alio de titulo,*

P. Soar. Lusitan. in Physic. Tract. 1. de Princip. Disp. 2. §. 4. num. 85.

lo, nisi quod ipsi dicant, cum tamen certum sit non omnia, quæ ipsi dicunt, esse de fide: querem dizer estas palavras: Mas rogo, que me digão, porque o desejô faber, donde prova isto o Padre Arriaga? Na verdade, que livremente toma esta empreza a seu cargo. Com dificuldade, e muito contra minha vontade sofro, que alguns Authores, que de nenhuma modo querem dar credito a outros, imaginem que nós muito facilmente os havemos de crer a elles, não por outro titulo, ou motivo, se não porque elles o dizem, constandonos com tudo certissimamente, que nem tudo, o que elles dizem, he de Fé. Ponha agora o Leitor no lugar do Padre Arriaga, o nome do Padre Kircker, e ficarão desfrontados pelo Padre Soares todos os Philosophos.

§. XIII.

Resta sómente provar, e defender contra Kircker a possibilidade, e certeza da infinita multiplicação do Ouro, por virtude da *Pedra Philosophal*, que he a Pedra Lydia, em que se provão os engenhos, e Pedra de Escandalo de todos os Antagonistas da *Chrysopeia*. Nenhuma coula parecer mais incrivel ao Reverendissimo Kircker, do que a virtude multiplicativa do *Lapis*; porque conforme dizem os *Hermeticos*, se todo o mar fora Mercurio, hum só grão da *Chrysopeia* o transformaria todo em Ouro, como nestes versos cantou o famoso Augurello.

*Ipsius ut tenui projecta parte per undas
Æquoris, argentum si vivum tunc foret æquor,
Omne vel immensum verti mare posset in aurum.*

Esta

Esta verdade ensináráo os antigos Mythologicos na Fabu'a de Midas. Por hospedar Midas Rey de Phrygia a Sileno, hum dos Capitães de Bacco, conseguiu deste Nume a virtude de transformar em Ouro tudo quanto tocasse com as mãos; e porque Midas se viu em perigo de morrer de fome, por se lhe transmutarem em Ouro atè os alimentos, e bebidas de que necessitava para sustentar a vida, pediu a Bacco lhe tirasse das mãos a virtude de transformar; e multiplicar as entidades em Ouro, e por ordem do mesmo Bacco se foy lavar no Rio Páctolo na Lydia, ao qual communicou esta aurifera propriedade, porque logo que com as mãos tocóu as suas agoas, começou este rio a criar auriferas areas, depois de transformadas as suas agoas em correntes de Ouro. Com a mesma certeza transformarião as mãos de Midas as águas do Oceano em Ouro, com que em Ouro transmutarão as agoas do Páctolo; porque cada hora estamos vendo, que huma pequena porção de fermento, levéda, azéda, e fermenta huma grande quantidade de massa. Huma pequena luz se multiplica em luzes infinitas, quando a huma véla acceza se applicão outras vélas. Qualquer grão de veneno corrompe, e apesta hum grande corpo. Hum indivisivel miasma do contagio, inficiona a todo o Mundo. Sem reflectir nestes, e outros exemplos naturaes, infere o Reverendissimo Kircker, que se a *Tinctura Universal* podesse fazer esta extraordinaria convertaõ, e multiplicação do Ouro, que tambem huma só gota de espirito de vinho bem alcoolizado, podera transformar em generoso vinho hum grande tonel de agoa, cousa que atè agora não se provou com a experien-

periencia, e he repugnante à razão; por isso, diz Kircker, ninguem poderá destruir esta instancia: *Sed, & si quis vinum septies cohobatum ad summam subtilitatem reduceret, inde pariter sequeretur, illud elixiris vita, vel unicum guttulam integrum aquæ dolium in vinum nobilissimum transmirtaturum, quod & rationi, & experientia reprobatur; neque quisquam banc instantiam evertere poterit.* Mas com licença de tão grande Philosopho, e Chymico tão experimendo, hâ grande disparidade nesta comparação; porque hâ grande diferença entre o vinho, e os Metaes, e por consequencia entre a *Tinctura Universal*, e o Espírito de vinho. A'lem de que, o Espírito de vinho pelas repetidas cohobações, e depurações sempre se purifica das suas impuridades, e algumas vezes se converte em terra, como com autoridade, e experiencia de Mangeto fica provado; e a *Tinctura Universal* não se depura, antes cada vez mais se aperfeiçoa, atè chegar à sua inalteravel pureza.

Nem a *Chrysopeia* se faz de Ouro, ou de outros Metaes, senão do principio dos Metaes, que he o *Mercurio Philosophico*, ou da *Semente do Ouro*; porque todas as sementes Vegetaveis produzem infinitamente outras semelhantes; e não se pôde negar o mesmo efeito nos seminarios metallicos, que saõ innegaveis, como por lição de Santo Agostinho prova doutissimamente Ludovico de Comitibus: *Quod & nabiscum aperiens sensit Divus Augustinus, qui lib. 3. de Trinitate, omnium quippe rerum quæ corporaliter, visibiliterque nascuntur, occulta quedam femina in ipsis corporeis hujus elementis latent; & lib. de Civitate Dei. Insunt in rebus corporeis per omnia 8. 5. Nos fol.*

Ludovic. de
Comit. apud
Manget. tom.
2. Bibliothec.
Chem. lib. 3.
Sect. 3. subl.
8. 5. Nos fol.

elementa quædam occultæ seminariae rationes, quibus cum data fuerit opportunitas temporalis, & causalis prorumpunt in species suis modis, & finibus. Isto se confirma com a grande authoridade de Aristoteles; porque no livro de *Mirabilibus auscultationibus* affirma, que na Ilha de Chypre ha hum territorio¹, onde os naturaes da terra semeão Ferro, dividido em pedaços, e com o beneficio da rega produz, e cresce como as plantas, (vejão se he Vegetavel) de sorte, que a seu tempo se faz colheita de Ferro, como a fazem os Lavradores em outras terras de trigo, cevada, e outros fructos. E pelo contrario o *Espirito Universal* prepara-se do vinho, e das suas fezes, ficando por este modo o seu Sal volatil sem actividade para transformar em vinho hum tonel de agoa, como transmutão em Ouro, e Prata os seus seminarios a todos os Metaes imperfeitos, e impuros. E para que o Reverendissimo Kircker não presumá, que tem convencido aos *Hermeticos* de nescios, e de ignorantes, por affirmarem seriamente, que hum só grão da *Intatura Universal* pôde converter em Ouro todo hum Oceano de Mercurio, lembre-se, de que elle, com toda a Eschola de Aristoteles, admittit augmento substancial, o qual como se vê da sua definição, não he outra cousa senão hum movimento de menor para mayor substancia: *Est motus à minori ad majorem substantiam;* o qual movimento he verdadeiramente o effeito multiplicativo da *Chrysopeia*. Até os meninos da Eschola sabem muito bem, que huma pequena faísca de fogo excita muitas vezes hum grande incendio, a que os mesmos Philosophos chamão agge-neração. E daqui se mostra facilmente, como hum

16 grão da *Chrysopeia* pôde transmutar hum Oceano de Mercurio em hum Mar de Ouro , e outro grão de *Argyropeia* pôde transformar hum Mar de Azougue em hum Oceano de Prata. E porque? Porque tambem se todo o Mundo fora hum monte de polvora , huma só faísca de lume o poderia converter todo em fogo.

He certo , que philosophicamente está provada a possibilidade da infinita multiplicação do Ouro , e Prata , por virtude da *Argyropeia* , e *Chrysopeia* ; mas para que não imagine algum Critico , que eu não entendi neste ponto a doutrina dos *Hermeticos* , como Zwelfer mostra , que o Reverendissimo Padre Kircker não entendeo a Bernaudo a respeito desta multiplicação : *Sed solum, ut remonstrarem Bernaudum à R. P. Kircherò indebitè refutatum, ac notatum fuisse ; cujus mentem, ac sensum non erat affecutus* ; advirto aos Leitores , que por muitas experiencias , que se tem feito , cada grão da *Tinctura Universal* transforma em fina Prata , e puro Ouro dezeseis mil quatrocentos e setenta grãos de outros Metais , conforme a demonstração , que se pôde de ver em Zwelfer , ainda que nesta circunstancia se acha grande variedade nos Escritores *Chrysopeyos* , originada sem duvida da varia , e diferente preparação , que cada hum faz da mesma *Tinctura* ; porque no Ouro , Mercurio , Cobre , Vitriolo , Antimonio , Sal , Enxofre , Pedra hume , Arsenico , Salgema , Pedra Iman , Solimão , Tincal , Sal armoniaco , Sangue , Mumia , Esperma , Ovos , Vinho , Ourina , Ferrugem , Sal tartaro , Mannà , Lunaria , Sangue de Drago , Ceo terrificado , Puto da Natureza , e outras coufas creadas , e desco-

o ij pheci-

com tudo não esterilizou o seu errado juizo, e a falta da sua vista a grande fertilidade, que depois testemunháraõ tantos olhos, e explicáraõ facilmente vulgares entendimentos.

Na exposição do Psalmio setenta e hum escreve Jacobo, Bispo Christopolitano, que a *Mesa do Sol* taõ celebrada no Mundo, como escrevem Herodoto, Celio Rhodoginio, Pomponio Mela, S. Hieronymo, e outros Authores, he a Zona Torrida, que fica entre os dous Tropicos de Cancro, e de Capricornio, pelo dilatado espaço de cincuenta e sete grãos de largura; porque na terra sogeita à dita Zona, como affirma Bluteau, os frutos nascem com maior abundancia, e perfeição do que em nenhuma outra parte do Mundo.

Com esta fertilidade compete a frescura. Em muitas terras, que ficão de baixo da mesma Zona, recebendo os rayos do Sol perpendiculares, faõ taõ frequentes as chuvas, taõ numerosos, dilatados, e caudalosos os Rios, que não só temperão o calor do Sol, mas como vemos na America, fazem fresco, e delicioso o Paiz. Isto se experimenta sempre na Asia; porque em muitos Reynos della, e particularmente no de Golcondà, e na Cidade de Goa, em que cortendo o Sol o Signo de Tauto, tem sobre si perpendicularmente este Planeta, se levantaõ, e se dissolvem tantos vapores, que quasi todo o mez continuaõ as chuvas; porque da mesma forte, que chegando a força do calor à parte superior do lambique attrahe para si todo o licor, que ficava no fundo delle, e o torna a mandar desfeito em fôrvalho; assim o Sol feito vertical attrahe a si os vapores, que dissolvidos em chuvas regaõ, fertilizaõ,

Nizaõ, e refrescaõ tanto as terras, que em muitos lugares daquelle paiz, reputado por ardente, h̄a frio excessivo. Na Provincia de *Quangsi* do Imperio da China, e perto da Cidade de *Tolix* h̄a hum Monte, a que chamaõ *Han*, que na lingoa da terra quer dizer *Frio*, porque nelle he o frio excessivo, ainda que, como advertio o grande Bluteau, fica debaixo da Zona Torrida.

Antigamente negavaõ os maiores Theologos a existencia dos Antipodas; porque naõ estava ainda visto, e descuberto o Novo Mundo, e não impedia a sua doutissima negaçao, que os Antipodas existissem, e vivessem no mesmo tempo na sua America. O primeiro, que neste Hemisferio teve alguma idea dos Antipodas foy Virgilio, Bispo de Salisburgo, que no anno de 745. fallou publicamente nesta materia, mas com tão pouca aceitaçao desta novidade, que à instancia de Bonifacio, Bispo de Moguncia, perante o Papa Zacharias, foy Virgilio accusado, e finalmente, como refere Bluteau, condemnado por Herege, por dizer que havia Antipodas. Hoje se poderà rir Seneca dos homens, que antigamente zombavão dos vaticinios, que elle fazia do Novo Mundo. E como ficarião confusos, envergonhados, e convencidos os Lactâncios, os Justinos, os Basílios, os Chrysosthomos, os Ambrosios, os Agostinhos, os Hilarios, os Procopios, os Theophylatos, e os Euthymios, se no tempo, em que elles negavão com grandes argumentos, e subtilissimos discursos a existencia dos Antipodas, como com apparentes razões contradizia Cornelio a *Chrysopeia*, apparecesse tambem na sua prezença hum Tapuya buçal, que sem dizer huma só palavra,

Ihes

Ihes fizesse tapar á boca; e callar a lingoa, confessando todos no seu coração o engano do seu entendimento. Ninguem presuma tanto d'os seu discurso, nem se fie tanto da sua vista, que entenda, que não existe no Mundo senão aquillo, que descreve a sua perspicacia, e se confórma com o seu juizo; porque naturalmente existem muitas cousas, que não alcança só o entendimento, nem se conhecem facilmente estando diante d'os olhos.

Nenhuma cousa descobre mais difficultosamente a nossa vista, nem percebe menos o nosso entendimento, do que os Paradoxos da Physica, e da Mathematica, e ainda que os olhos os não descubram, nem o entendimento naturalmente os conheça, realmente existem estes vinte e douz Paradoxos: o fogo elemental não he quente em summo gráo: o ar antes se deve julgar frio, do que calido: a agoa, considerada conforme a sua natureza, antes pede ser solidia, do que fluida: ou todas as qualidades saõ occultas, ou nenhuma o he: he falso, geralmente fallando, que a virtude unida seja mais forte: o Sol, em virtude da sua propria disposição intrínseca, aquenta, e allumea com desigualdade em diferentes tempos: o Sol, fazendo reflexão de corpo concavo, mais aquenta no Inverno, que no Verão, e tanto mas, quanto o tempo estiver mais frio: a extenção da chamma, ou labareda da luz até cima, ou para o ar, em forma pyramidal, ou conica, he violenta à mesma chamma: he duvidoso se os corpos graves, como pedras, ou globos de Chumbo, apartados a huma grande distancia da terra, tornarão a cahir nella: na composição de todos os Vegetaveis entra alguma por-

ção

ção metallica : sem fundamento , e ainda contra toda a razaõ se attribue ao Sol a producção do Ouro : he possivel restituir naturalmente a vista a hum cego : saõ possiveis duas linhas , que continuadamente se vaõ chegando cada vez mais huma à outra , e que por mais que se prolonguem , nunca cheguem a tocarse : duas paredes de hum edificio , se estão feitas a prumo , naõ pôdem ser paralellas , ou equidistantes ; porque he preciso , que distem mais huma da outra pela parte superior , que pela inferior : he impossivel saber se os objectos se nos representão aos olhos conforme a verdadeira grandeza , que tem em si mesmos : nenhum objecto se vê clara , e distintamente , se não com hum só olho : os dias naturaes saõ desiguales entre si : supposta a duraçao do Mundo , virá tempo em que gele , ou geye pela Galnicula : a Terra naõ he de figura espherica : os corpos graves não descem por linha recta atè o centro da Terra : se o movimento dos corpos graves fosse uniforme , isto he , que se não acelerasse na descida , huma pedra de moinho , movendo-se continuadamente por espaço de trinta mil annos , naõ baixaria hum dedo : o Sol finalmente se vê sobre o horizonte antes de nascer , e depois de se pôr . Tudo isto , sendo visivel , está occulto aos nossos olhos , e sendo perceptivel , naõ o comprehendem naturalmente os entendimentos ; porém com a luz , e conhecimento da Dioptrica , Statica , Geographia , Astronomia , Optica , Geometria , e Physica os entendimentos o percebem , e os olhos o conhecem ; e daqui se segue , que não sómente existem na realidade muitas cousas , que sendo visiveis se naõ viaõ , e sendo intelligiveis se naõ entendião ; mas

tambem, que sem estudo da *Philosophia Hermetica*, e practica da *Arte Magna*, não pôdem os olhos ver, nem os entendimentos descobrir o mysterioso segredo da *Chrysopœia*; porque tanto excedem a esphera dos olhos, e a capacidade dos entendimentos os mysterios da *Chymica*, como os Paradoxos da *Physica*, e *Mathematica*; e como sem estas sciencias os entendimentos, e os olhos estão cegos, tambem sem *Chymica* não pôdem os Morcegos, ou mòrcègos serem Lynces.

§. XV.

Menos difficulta a existencia da *Pedra Philosophal* o grande, mysterioso, e raro desta artificial maravilha; porque maravilhas mais raras, e mysterios mais occultos, assim criados pela Natureza, como feitos pela Arte, estão vendo os nossos olhos, explicando os Philosophos, e referindo os Historiadores, os quaes a todos parecerião impossíveis, se os não enxergasse a vista, declarasse a *Philosophia*, e publicasse a Historia. Taes saõ a Phoenix, o Unicornio, a Salamandra, o Basilisco, o Iman, a Nepenthes, a Remora, a Baaras, a Heliotropia, a Turqueza, a Helites, e o Carbunculo. Mas deixando estes grandes prodigios da Natureza, a que cada hum dará o credito, que lhe parecer, e discorrendo por outras maravilhas naturaes, e do artificio, que ninguem pôde negar, he certo, que se ellas existem, sendo tão extraordinarias, e portentosas, que não he argumento contra a existencia da *Chrysopœia* ser huma Pedra artificial, e peregrina. Na China creou a Natureza a famosa Raiz chama-
da

da *Ginsen*, ou *Ginsam*, tão rara, e admiravel, que luz de noite, como Estrella, e desapparece de dia, como sombra, mata de repente a quem a colhe, e dilata a vida a quem a toma; e por suas grandes, e raras virtudes se vende na China, e na Europa a pezo de Ouro. Em varias partes do Mundo produzio a Natureza muitos *Phosphoros*, que luzem de noite, como o *Pyrlampoo*; mas ainda tão mais brilhantes, e raros, os que tem inventado a *Chymica*. Luzem de noite, como fogo, queimão como lume, brilhaõ como diamantes, e vibraõ como rayos. Fazem os *Hermeticos* estes *Phosphoros*, como a *Pedra Philosophal*; porque para a sua composiçao elegem pedras mineraes, Ourina humana, Sal negro, Sangue, Terra, Agoa forte, Ouro, e Pedra de Bolonha. São muito celebrados os *Phosphoros* feitos da Pedra de Bolonha; porém excede a estes o Ouro dissolvido, segundo as regras da *Arte Magna*; porque se converte em *Phosphoro* tão claro, e tão raro, que com a luz, que lança, se pôde facilmente ler, e escrever de noite. João Fernelio, Medico de Henrique II. Rey de França, mostrou com admiraçao da Corte de Pariz huma pedra, que posta em lugar escuro, brilhava como luz. No principio deu a entender, que lhe viera da India; porque das coufas, que vem de longe se faz melhor conceito, e maior estimação. Passado algum tempo, declarou, que era composiçao sua; e estava resoluto a ensinar o segredo della, mas não lhe deu a morte tempo para dar a luz este parto do seu grande engenho. Muitos outros *Phosphoros* inventou a curiosidade dos modernos. O *Phosphoro Hermetico* de Balduino, a que chamaõ o Iman da Lua, exposto ao Sol, ou a hum

p i j

l u m e

lume claro, em hum vaso de barro, attrahe para si a luz, e em lugares escuros a espalha. Não fallonos *Phosphoros* fulgurantes de Daniel Crafst, Brandii, Homberg, Lemery, e outros Neotericos; porque com demonstrações mais vulgares, e não menos luminosas, quero mostrar, que entre nós existem muitas cousas, sem embargo de serem admiraveis, e mysteriosas.

Nenhum Philosopho daria credito a quem lhe dissesse, que dentro na agoa, e no meyo da neve, se accende, e conserva o fogo, e que com a luz de huma tocha em hum instante se pôde atear no mesmo Ar hum grande incendio; e sem embargo do Ar ser incapaz de se inflamar, e resistir a neve, e a agoa ao fogo, vemos muitas vezes nelles ateados prodigiosos incendios. A Camphora criada pela Natureza, ou feita pela Arte, mantem, e conserva na agoa, e no meyo da neve hum fogo, que se não apaga. Procede este rarissimo effeito da sua substancia ser summamente tenue, e pingue, como a experientia tem mostrado; porque se se lançar della em huma bacia sobre agoa ardente, e ambas ferirem até sua ultima evaporação, dentro em lugar estreito, e bem fechado, entrando alguém neste lugar com huma tocha acceza, todo este Ar cerrado se converte subitamente em fogo, que se desvanece, como relampago, sem fazer damno à casa, nem offensa aos circunstantes; porém mostrando, que se inflamma o Ar, e que dentro na agoa arde o fogo. Para cada hum conhecer, que no Ar se atea o fogo, basta tocar huma pederneira com hum fuzil de aço; porque com este movimento de tal sorte se converte o Ar em fogo, que não torna mais a ser

• ser Ar, como dizem os Philosophos : *Aer cum convertitur in ignem, definit esse aer*; e se os nossos olhos não virão todos os dias ~~ao~~ rara, e singular maravilha, como seria possível, que os Peripaticos cressem a quem lhes dissesse, que de hum ferro secco, e frio, e de huma pedra fria, e secca, tocados com grande velocidade, havia de sahir à vista dos olhos verdadeiro fogo, accendendo, e abrazando a Ar, sem embargo de resistir asymbolicamente com a sua humidade ao incendio? Pois se os olhos estão vendo, os Philosophos explicando, e os Historiadores referindo estas maravilhas tão raras, e mysteriosas, assim da Natureza, como da Arte, das quaes duvidaria o entendimento, se as não vira escritas na Historia, provadas na Philosophia, e patentes à vista dos olhos; porque razão o raro, e mysterioso da *Pedra Philosophal* ha de ser argumento contra a sua existencia?

§. XVI.

Porém já estes Phenomenos da Natureza, e da Arte não são os mais incriveis; porque em fim ha pessoas, que testemunhão tellos visto, e pôde a fé humana certificar o entendimento dos homens, que os não virão, para que creyaõ a sua existencia, assim como crem, que ha Pariz, Roma, Vienna, e Constantinopla, os que nunca sahirão de Lisboa. Mas o que de nenhuma sorte se pôde crer, he, que haja *Pedra Philosophal*; porque entre muitos homens ainda se não vio. Ainda quando ninguem tivesse visto a *Chrysopeia*, não argumentava bem contra a sua existencia, só com o fundamento de a não

ver,

ver ; porque muitas* cousas criadas naturalmente existem , e andão diante de nossos olhos , sem que as vejamos , nem entendamos. Fallemos primeiro com os Philosophos , e depois fallaremos com todos. Contra o celebre Axioma da Physica de Aristoteles : *Natura non patitur vacuum* , descobrio o Padre Valeriano Magni , Capucho Polaco , hum segredo , em que com o pezo do Ar , e por moyo do Azougue , se acha , que ha Vacuo no Mundo. Antigamente tinha mostrado Epicuro , que sem Vacuo se não podia explicar o movimento , nem a rarefacção dos corpos. A machina Pneumatica de Roberto Boyle he experiencia evidente da existencia do Vacuo diante de nossos olhos ; porque com ella se attrahe o Ar de hum vaso , de tal sorte , que estando dentro delle qualquer animal , com a falta do Ar logo morre. E ainda que (absolutamente fallando) se tenha por certo , que à nossa vista não ha Vacuo sensivel , porque não ha espaço algum , que não tenha huns corpusculos tão tenuis , e tão subtils , que saõ imperceptiveis ; entende-se porém , que ha huns pequenos Vacuos insensiveis , e metidos entre as partes dos corpos ; e a razão em que se funda esta verdade , he , porque não ha possivel , que sem os ditos Vacuos possa haver movimento algum nos corpos. Tudo isto hâ , e não se percebe ; como tambem se não comprehende , nem se descobre o que todos quasi sempre estamos observando.

Se a hum Peripatetico , e a qualquer outro homem affirmasse hum *Adepto* , que havia no Mundo , e andava sempre em nossa companhia huma vulgar , e invisivel entidade , leve , veloz , incorporea , e sem

sem espirito, com trinta e tres figuras, com humas
das quaes cahe muitas vezes a plomo do Zenith, ou D.R. Bluteau
ponto mais alto do Ceo, e sem viver, comer, beber,
dormir, nem descançar hum instante, tem tantas forças, que sem mãos derruba edificios, arranca
árvores, descompoem homens, açouta brutos, e desbarata Exercitos: sem pés, nem azas, corre todo o
Mundo em hum momento, penetrando todos os
Reynos, investindo brechas, entrando nas Cidades,
occupando todas as casas, sem perdoar às Sagradas,
nem profanas, revolvendo tudo, apagando luzes,
accendendo fogos, ateando incendios, introduzindo
pestes, communicando epidemias, extinguindo
contagios, seccando a terra, fertilizando os campos,
e destruindo as searas: sem embarcação navega Rios,
lagoas, e Mares, e passeando à tona da agoa, levanta
as ondas, cava os Mares, ajuda a navegação, e
sobverte Navios, e Armadas: e subindo da terra ao
Ceo, donde muitas vezes tem cahido, tolda os ares,
espalha as nuvens, facilita, ou impede o precipicio
da chuva, e do orvalho: poem sobre nós, ou aparta
para região mais distante as trovoadas, ajuda o
movimento dos rayos, e he a Authora de todas as
tormentas, e tempestades: e nenhum delles adverteisse,
ou não tivesse nunca experimentado, que
couisa era, e os effeitos, que no Mundo causava o
Vento, que ainda serião mayores, pois faria rodar
todo o Globo Terra-queo, se o centro da Terra
não resistisse com o magnetismo ao seu impulso, havia de imaginar este Philosopher, como tambem
qualquer pessoa, que esta nunca vista entidade era
algum Demonio dos precipitados, o Ente de Ra-
zão dos Dialecticos, a Chymera dos Mythologi-
cos,

Vocab. Portug. Tom. 8.
fol. 406.

cos, ou a *Chrysopeia* dos *Hermeticos*. E porque todos os dias estamos não vendo, nem entendendo, mas experimentando os effeitos deste rara maravilha, mais da Omnipotencia, que da Natureza: *Producit ventos de thesauris*, não nos admirão, nem pasmão os seus extraordinarios, e incomprehensíveis impulsos, a que não dariamos nenhum credito, se nós entrasse esta noticia só pelos ouvidos. Pois se o Vento, coula tão vulgar, tão commum, e tão conhecida, he superior à vista mais aguda, e à mais perspicaz intelligencia, debalde se canção os Philosophos, e os outros homens em especular, e averiguar outros mysterios, e segredos da Natureza, e da Arte, muito mais apartados do seu conhecimento, e comprehensão; porém não devem negar a sua existencia, ainda que, como a do Vento, e a do Vacuo, a não entendão, nem vejão.

§. XVII.

JA' me não admiro dos que negão a *Pedra Philosophal*, porque a não virão, nem entenderão, senão dos que a contradizem, por não advertirem no mesmo, que estão vendo. Os Philosophos dizem, que huma contraditoria não cabe na esfera dos possíveis; e eu digo, que cabe no círculo de seus olhos. Vem, e juntamente não vem; porque vem, e não advertem; e vendo, sem advertirem no que vem, estão vendo, sem verem os seus olhos. Assim vião, e não vião os Soldados d'ElRey de Syria ao Propheta Eliseo, os moradores de Sodoma a porta de Lot, e os Discípulos a Christo no caminho de Emaús: elles não vião o que vião; por-

Reg. 4. 6. 13.
Genel. 19. 11.
Luc. 25. 16.

porque lhes confundio Deos as especies; e os olhos sem confusaõ, nem variedade das especies, não vem o que estão vendo, só por desfattenção, e divertimento da vista. Esta he a energia do *intuēmī ad vidēdū* do Propheta Isaias, e do *attendite, & vī*, dito de Hieremias Propheta; porque muitos olhos não vem, por não attenderem, nem olharem para o mesmo, que estão vendo. Assim como ha muitos, que olhão para cegar, que saõ os que olhão sem tento; assim ha muitos, que vem sem olhar, porque vem sem attenção. Não basta ver, para ver; *he necessario olhar para o que se vè*. Não vemos as cousas, que vemos, porque não olhamos para elas. Vemolas sem advertencia, e sem attenção; e a mesma desfattenção he a cegueira da vista.

Isai. 41. 18.
Hier. Thren. 1.12.

Sem nenhuma advertencia affirmão os Philosophos, que não ha nenhum corpo leve, porque todos com o seu pezo bulcão o centro da terra, e não pòdem suspender-se no Ar, ainda que sejão tão leves como huma penna; e de muitas, e inumeraveis pennas vestidos, vemos povoada, e cruzada a região do Ar, com os corpos das Aves, os quaes pequenos, e grandes, todos saõ gravissimos. No Ar se suspende o Globo Terraqueo, que, segundo a opinião de alguns Geometras, tem nove mil legoas de circuito, e vinte e cinco milhões, setecentas, e setenta e tres mil legoas quadradas. No Ar se suspendem as Esferas, e os Orbes Celestes, e toda a grande machina do Universo. Tudo isto saõ maravilhas da Omnipotencia Divina, que vè, e não adverte, nem entende a nossa Philosophia. Vemos, que voão as Aves, e não vemos, nem entendemos como se remontão: vemos, que se elevão nas pennas, e não vemos,

mos, nem attendemos como se suspendem nas azas. Cada Ave que voa, he hum agradavel espectaculo da vista, e desfattendido enigma dos olhos. Naõ acabamos de ver, o que sem attenção vemos voar. Parecemos muito facil o mesmo, que para Salamão foy

Proverb. 30. difficult: *Tria sunt difficultia mihi, & quartum penitus ignoror: viam Aquila in Cælo;* porque a sua advertencia reparou com grande attenção na difficultade do voo, e a nossa desattenção vê remontar huma Ave, sem fazer nesta difficultade nenhum reparo.

Para quem não adverte no que vê, ainda as cousas mais vulgares saõ enigmas, e mysterios. Quem crera antes de o ver, e advertir, que era posivel huma Arte, por virtude da qual os olhos suprem com vantagens o natural officio dos olhos? Huma Arte, que dà eterna permanencia à volatil inconstancia da voz? Huma Arte, que faz fallar as pedras, os troncos, as cascas das arvores, pelles de brutos, e retalhos de panno de linho? Huma Arte, por quem he mais eloquente a mão, do que a língoa? Huma Arte, com a qual hum homem, sem sahir do seu aspento, faz entender os seus pensamentos em todo o ambito do Mundo? Huma Arte, pela qual, sem fallar com ninguem de perto, se falla com qualquer pessoa desde Hespanha à China? Huma Arte, com a qual os mortos sem horror fallão aos vivos, e os vivos tem noticia de quanto sabem os mortos? Huma Arte, por quem se pôde dizer, que se sabe tudo o que se sabe, pois sem o subsidio da Escrititura, orgão das Scienças, que haveria no Mundo, como advertir Feyjoo, senão ignorancias? Sem o Léjto advertir no que está vendo, ou no que está lendo, he impossivel descitrar este enigma, porém se o vir com

com attenção, he impossivel, que o não entenda. Com esta mysteriosa clareza descrevem os *Hermeticos* a *Chrysópeia*, mas por falta de advertencia, n' o descobrem os Leitores o segredo; porque há homens tão cegos, com os olhos abertos, que nem a si proprios se conhecem, como experimentarão muitos à custa da sua vida no celebre enigma da Esfinge.

Juno inimiga dos Thebanos (segundo a *Mythologia*) fez nascer perto da Cidade de Thebas hum monstro com rosto, e voz de mulher moça, corpo de cão, cauda, e garras de Leão, azas de Aguia, e unhas de Harpia. Esta he a famosa Esfinge, que aos passageiros propunha questões enigmáticas, e com tanta dificuldade, e tyrannia, que matava aos que as não soltavão. Com este perigo ninguem se atrevia a passar à Cidade de Thebas, que tinha já os contornos desertos, e despovoados. Consultado o Oraculo, respondeo, que o unico meyo, para se livrarem os homens desta calamidade, era interpretar o sentido desta enigmatica questão da Esfinge: *Qual era o Animal, que pela manhã andava com quatro pés, pelo meyo dia com dous, e com tres na tarde?* Creon, que por morte de Layo, se apoderou do Reyno, por hum Edicto, que publicou em toda a Grecia, prometteo renunciar a Coroa, e dar por Esposa a Viuva do dito Layo, chamada Jocasta, ao interprete deste enigma. Naquelle tempo hum Principe moço, chamado Edipo, que foi criado na Corte d'El Rey Corintho, soltou o enigma, dizendo, que este Animal era o Homem, porque na sua infancia andava de gatinhas, e crescendo a idade, se punha em pé, até que na velhice

q[uod] u[er]o andas

andava encostado a hum bordão , que com os pés era o terceiro arrimo da sua fraqueza. Vendo a Esfinge o segredo do seu enigma descuberto, foy tão grande a sua raiva , que se despenhou da rocha , em que vivia , e quebrou a cabeça. Se aos Leitores da *Escola Hermetica*, ou do Sonho enigmático de Enodato , faltar o engenho de Edipo para verem com attenção , e advertencia no enigma desta Esfinge, o segredo da *Chrysópeia*, não manifestem a sua grande cegueira , contradizendo o mysterio , que diante dos olhos não penetrão ; porque a Esfinge *Hermetica* está sobre a sua *Pedra* , para castigar com a morte a todos os presumidos , que sem advertirem no que estão vendo , nem saberem o que dizem , pertendem com sem razões derruballa do seu *Chrono* , e quebrar-lhe a cabeça.

§. XVIII.

INfinita cousa seria, se eu neste lugar houvesse de referir todas as maravilhas da Omnipotencia Divina, todas as obras da Natureza , e todos os inventos da Arte , escuros por desconhecidos , e desusados , como no Sexto dos Topicos diz Aristoteles : *Omne quod insuetum est, obscurum est*, para mostrar aos Leitores incredulos , que o invento da *Chrysópeia* não he o mais admiravel de todos; porque ponderando as Historias, encontrará qualquer pessoa artíficios mais estupendos. Ponderando como dous corpos graves se fazem leves , e tão ligeros como o rayo , quando a polvora , inventada por Bertholdo Swartzio , acceza com huma faísca de fogo , despede o globo de huma grande bomba , ou impelle o cor-

po de huma pezadissima balla. Ponderando como de corpos pezados, como troncos, se levantão fantalmas, ou torres de fumo, que voão como nuvens, e das cinzas se faz vidro transparente, como os Ares, que sem embargo da sua fragilidade, e dureza, pela Arte se fez, no tempo do Emperador Tiberio, tão solido, e flexivel, como ferro; e porque o Artifice sem a cautela dos *Hermeticos* desco-brio este raro, e utilissimo segredo a hum Emperador, (na minha estimacão) mais tyranno do que Nero, perdeu a vida nas mãos deste Barbaro, e o Mundo hum tão grande beneficio da Arte, deixando-nos o infortunio deste engenho, e desgraçado Artifice, com este escandaloso exemplo, a importante advertencia, para nunca mais se revelarem semelhantes segredos a homens ambiciosos, e Tyrannos, para não morrerem, como Perillo, em premio de lisongearem com o engenho invento do Touro de metal, à crueldade do Tyranno Dionysio. Ponderando o segredo do Padre Vicente Coroneli, que com grande admiração do Mundo conserva a polvora dentro de hum saco, de sorte que dentro nelle resiste ao impeto, e actividade do fogo. Ponderando o invento da polvora branca, que não faz estrondo, chamada por esta causa pelos Franceses polvora muda, e polvora surda, composta de polvora ordinaria, misturada com Borax, ou Chrysocola, Sal Armoniaco, Pedra Calaminar, ou Toupeiras vivas calcinadas. Ponderando o artificio do Fogo Grego, que arde, e queima até dentro no Mar, augmentando-se cada vez mais com a agoa, inimiga dos incendios, e depois de acceso, se não apaga, desprezando toda a industria humana, até não.

não reduzir tudo a cinzas. Ponderando os Espelhos Ustrios, ou Parabolicos de Archimedes, e de Proclo, que postos em parte donde recebessem os rayos do Sol, queimavão Armadas, e todas as machinas de guerra, em proporcionada distancia; como se viu nos cercos de Syracusa, e de Constantinopla, aonde Archimedes queimou com estes Espelhos as Náos de Marcelo, e Proclo os Navios de Vitaliano. Ponderando o novo invento de outros Espelhos Parabolicos, tambem chamados Ustrios, que ha poucos annos inventou Monsieur Villete, em cujo foco recebidos os rayos do Sol, queimão no mesmo instante qualquer madeiro, ainda que seja huma arvore verde, como se fora sequissima estopa: derretendo tambem em hum minuto os Metaes, que menos se liquidão: vitrificando em brevissimo tempo todas as matérias, que o fogo mais activo não reduz a vidro, e quando vitrifica algum corpo he em largo espaço de tempo: resolvendo finalmente o Ouro, e separandolhe os seus principios componentes, que sem o Espelho Ustrio he impossivel separar só com o fogo, nem com outro instrumento, que naõ seja o da *Philosophia de Hermes*. Ponderando os Espelhos, que no tempo do Imperador Augusto inventou Hostio, que representavão as coufas maiores, outras vezes mais pequenas do seu natural: outros, que mostravão os objectos às avessas; outros, com os quaes se divisavão as coufas em duas legoas de distancia: outros, que multiplicavão os objectos, formando de hum só homem hum grande Exercito; outros, que representavão as figuras suspensas no Ar, entre a vista dos olhos, e o vidro dos Espelhos; e outros, que queimavão por dian-

diente, e por detraz. Ponderando o Espelho da Torre da Goleta, que està edificada entre o Mar Mediterraneo, e a lagoa de Tunez, em que distin-
etamente se via nos Navios, que entravão no por-
to, toda a gente, e mercancia, que vinha dentro
nellas. Ponderando o Espelho de Henrique Cornelio Agrippa, no qual escrevendo-se alguns cara-
teres com sangue, se lião os mesmos estampados
no corpo da Lua, passando-se deste modo em hum
instante avisos a todo o Mundo.

Ponderando as minas de fogo, que Federico Jambelo fazia debaixo das agoas de Rios caudalo-
sos, e invadiaveis, como o Escalda em Flandes, com-
postas de polvora de tão exquisito artificio, que
concebendo o fogo, que accendião huns relogios,
excitavão tão furioso terremoto, que parecia cahir
o Ceo, tremer a Terra, e voar o Mundo; porque
disparando entre relampagos, trovões, e rayos,
grande quantidade de pedras de moinho, sepul-
chraes, e rochedos de extraordinaria grandeza, ca-
deyas de ferro, garfos, cutellos, e pellotas, com
outros instrumentos de ferir, e de matar, em que
a dureza do ferro, corta, e penetra mais com a vio-
lencia do fogo, arrebatavão aos ares Castellos, Arte-
lharias, Návios, Pontes, Armas, Marinheiros, e gen-
tre de guerra, como se fossem folhas de arvores, ou
palhas; e papeis voados da furia de huma grande
tempestade, matando com hum só tiro mais de ois-
centos homens, não contandos os feridos, e outros
que voavão pelos ares, como ballas disparadas pe-
la artelharia, passando por elevação de huma a bu-
tra Provincia; atrojando a distancia de mil passos
pedras sepulchraes, e cravandoas pola terra dentros
exten-

extendendo-se tão furioso terremoto ao circuito de nove mil passos, matando tambem muita gente só com o pestifero cheiro da polvora, e atormentando a todos com o calor excessivo das aguas do Rio Escaldia, que fendo mais caudolofo do que o Tejo, defronte de Lisboa, escaldava como azeite fervente. Ponderando os passarinhos de pão, que Juannelo Turriano, Archimedes do seculo passado, fazia voar na presença do Emperador Carlos V. os quaes sahião de S. Juste de Placencia, e tornavão voando a recolherse no mesmo aposento donde tinhão sahido. Ponderando como o mesmo Turriano formava Exercitos armados de humas figuras de Soldados a cavallo, com varios Regimentos de Infantaria, que tocavão caixas, e clarins, provocando-se a batalha, e pelejando furiosamente entre si, ferindo-se com lanças, espadas, e outras armas, para com esta marcial, e fingida representação de huma verdadeira batalha, divertir ao mesmo Emperador retirado dos Exercitos, e campanhas. Ponderando os moinhos de ferro, que fez o mesmo Juannelo, que se movião per si mesmos, fendo tão subtil, e tão pequenos, que os podia levar hum Religioso na manga, e com serem tão delicados, erão tão uteis, que cada hum delles mohia, em hum dia, o trigo que bastava para sustentar oito homens. Ponderando aquella artificiosa, e admiravel cabeça de pão, ferro, ou bronze, que em trinta annos fabricou com grande trabalho, e maior engenho, Santo Alberto Magno, a qual fallava, e respondia, como Oraculo, a quanto lhe perguntavão, e com tão primoroso artificio, que atemorizando-se com as suas gozes, ou repostas Santo Thomaz, a quebrou com hum

hum pão, que acaso tinha na mão, por entender fendo rapaz, que o invento de Alberto seu Mestre era magico, ou illusão diabolica. Ponderando a Estatua humana, que Reisilio fez com tal artificio, que nella se vem as principaes operações da Natureza, assim na circulação do sangue, como em outras funções, por principios da Physica Hydrostática, com esperança de lhe dar voz, e movimento. Ponderando a suspensão das Estatuas de Arisnoe, e do cavallo de Bellorophonte, pela virtude magnetica, dentro no Templo de Serapis, edificado na Cidade de Alexandria; o que tambem intenderão, e não poderão conseguir os Mahometanos em Medina, nem antigamente em Meca, para suspenderem no Ar o infame cadaver do falso Profeta Maftoma. Ponderando a Estatua de Venus, que inventou Dedalo, a qual andava, quando lhe lançavão dentro algum Mercurio. Ponderando a Estatua de Meimnon, Rey dos Thebanos, fabricada com tal Arte, que serida na boca com os rayos matutinos do Sol, soltava vozes harmonicas, que fazião dos circumstantes Estatuas, movendo-se, e pronunciando Oraculos. Ponderando a Cabeça de Metal, que havia antigamente em Tavora, a qual fallava, e mostrava com as suas vozes todos os Judeos, que entravaõ, e sahiaõ naquelle terra. Ponderando o Talisman de Cobre, chamado Beelzephon, inventado pelos Magos de Pharaõ, o qual tendo a figura de Cão, ladrava todas as vezes, que algum Israëlite, com tençao de fugir do Egypto, passava pelo lugar, em que este Idolo estava collocado, que era muito perto do Mar Roxo.

Ponderando a Alampada da Vida, e da Morte,

de Ernesto Burgravio, chamada assim, porque se compunha, ou fabricava com tal symbolização a hum homem determinado, que a qualquer distancia, se podia saber por ella a faude, doenças, gostos, pezares, vida, e morte da pessoa, a quem respeitava, observando-se os varios movimentos, e cores, intensaõ, e remissaõ da luz, atè a sua total extinção. Ponderando com Rogerio Baccon, Religioso de sublime engenho, os inventos de grandes Náos, governadas por hum só homem, as quaes navegavão com mayor velocidade, do que outros Navios, manejados por muitos Marinheiros. Ponderando os Coches ligeiros, movidos sem cavallos, nem outros animaes, que os movão. Ponderando os Navios, que navegão os ares, voando com azas em lugar de vellas. Ponderando os instrumentos de altura, e largura só de tres dedos, e ainda mais pequenos, os quaes levantão, e abaixão os maiores pezos, e pôdem livrar dos carceres a todos os prezos, fazendoos subir por cima dos telhados, e pondoos sem molestia, nem perigo soltos na rua. Ponderando o invento com que hum só homem, com hum assopro, arranca do chão a mayor arvore, e assoprando poucas vezes, pôde levantar tão grande tormenta, que arraze huma Selva, que resistia firme à mais furiosa tempestade. Ponderando os instrumentos, com que hum só homem pôde fazer unir consigo a mil homens, os mais valentes, por mais que elles forcejem, e resistão. Ponderando os engenhos de andar sobre as agoas, sem ir ao fundo, não fendo a embarcação, nem odres de vento, e outros vulgares modos de navegar, que se não tiverão aparecido aos nossos olhos, serião increíveis aos ouvidos. Ponderando

rando a Pomba de pão, que inventou Architas Tarantino, que voava pelos ares como viva, sendo huma estatua morta, sem ter outra alma, que o engenho de seu Author. Ponderando as sete Torres de Constantinopla, que repetião, como citharas, as vozes, que alguem pronunciava ao pé de qualquer dellas. Ponderando a *Pedra Venturina*, que por ventura, ou acaso se inventou, cahindo humas limaduras de Cobre em vidro derretido, a qual he huma vitrificação, ou mistura de palhinhas de Cobre, lançadas em vidro derretido sobre o fogo; mas de huma cor tão honestamente dourada, ou salpicada de pontinhos de Ouro, que deu o nome, e não a primazia à *Pedra Venturina*, que com a mesma cor se cria naturalmente na Silezia, e em Bohemia. Ponderando o vidro, corpo liso, lucido, e transparente feito, pelo fogo violentissimo de reverberação, com calháos brancos, e luzidios, ou com area branca, e bem lavada, ou com sal alcalico, ou cinzas de feto, ou solda, o qual excede, e leva a preferencia em algumas coufas ao Diamante; porque o Diamante pôde ser aberto, furado, e lavrado com outro, e ao vidro nenhuma coufa penetra. Ponderando como o vidro he a ultima obra, a que, por meyo do fogo pôde chegar a Arte, porque todos os Metaes com a força do fogo se convertem em vidro, e até o mesmo barro, como se vê nas telhas, e nos tijolos, que de muito cozidos se vitrificação.

Ponderando como com o Helioscopio, ou Thelescopio, que no anno de 1609. inventou o famoso Holandez Jacobo Mecio, natural da Cidade de Alcmar, ao qual aperfeiçou pouco tempo depois o grande Mathematico Florentino Galileo de

Galileis, se descobre a Lua trinta mil leguas distante da Terra, a qual tendo a medida da quarentessima parte do Globo Terraqueo, e parecendo-nos huma como cara humana, he hum labirinthio de yarias, e confusas figur as, distinctas, e separadas com montes, e valles de grande eminencia, e profundidade: Mercurio o menor de todos os Planetas, e muitas vezes mais pequeno, que a Terra: Venus de cor de Cobre, vinte e oito, ou trinta e sete vezes menor que a Terra, manchada, e mudavel como a Lua: o Sol distante da Terra mais de vinte e hum milhões, e seiscentas mil leguas Hespanholas, em que a incerteza, que põde haver, he só de hum, ou douis milhões, que vem a ser o mesmo, que dizer na terra, que de hum lugar a outro hâ só a distancia de vinte, ou vinte e duas leguas, que não he grande engano: com diametro cem vezes mayor que o diametro da Terra, e com corpo mayor que o Globo do Mundo hum milhão de vezes. Segundo o Padre Kircker, e outros, que com Thelescopios observarão a figura do Sol, achárao nelle eminencias com montes, que fazem o seu corpo muito desigual, e juntamente huns fogos, que se communição por grandes cavernas, e receptaculos, que se suppoem no interior daquelle Astro, com diversos mares de fogo, repartidos em Rios da mesma materia luminosa, e ardente, o que apparecendo quando o Sol está perto do Horizonte, desapparece estando mais alto; como tambem ao meyo dia he redondo, ou espherico, e ao nascer, e pôr, parece elliptico. Por observações novas se tem visto o Sol cercado de duas ordens de rayos, e com vinte, ou mais layaredas, que o cercão, postas por ordem, e compafsado,

G A L E A T O.

so, como os cravos nas rodas de hum Coche, foguetes nas Girandulas de fogo. Por dentro do disco tem dezoito Estrellas, e muitos bosques, mites, e valles, com altas ferranias, e varias manch cada huma das quaes he mayor, que toda a Europa, as quaes no mesmo Sol tem movimento, ort interito, periodos, e revoluções. Estas manchas sao negras, ou azuis, e outras vezes mais brilhantes do que o corpo do mesmo Sol, a que os Latinos cha-mão *Faculas*, que he o mesmo, que pequenas fachas de fogo. Estas manchas se unem, e formaõ ás vezes huma grande mancha, e outras vezes huma mancha grande se divide, e forma varias manchas mais pequenas. Algumas vezes se dissipão as manchas, outras vezes se accendem, e convertem em *Faculas*. Muiras vezes se tem observado cincuenta manchas juntas, e outras vezes em muitos annos não apparece nenhuma; porque as manchas dos grandes nem sempre se descobrem, e quando algumas vezes se observão não saõ perpetuas. As *Faculas* durão mais do que as maculas, e todas circulão no Sol da parte Oriental para a Occidental, pelo Hemispherio Solar, que está contra a Terra, e dão sua volta pelo Hemispherio superior, tornando da parte Occidental para a Oriental, e desta sorte con-cluem esta circulação em vinte e sete, ou em vinte e oito dias. Ainda não assentáráo os Astronomos, que cousa saõ estas manchas, e estas *Faculas*. Dizem alguns, que saõ Ilhas errantes, contiguas ao corpo do Sol, e andão com elle, e revolvendo-se sobre seu proprio eixo no espaço de vinte e sete dias, acabão o seu gyro. Outros dizem, que as maculas do Sol saõ vapores, ou fuligens, que do Sol se

leyam;

levantão, e fórmão aquelles corpos opacos, como nuvens negras, e quando se inflamão, se convertem em *Faculas*. Outros dizem, que saõ Estrelas, ou Planetas, que à nossa vista se representão embebidos no Sol, e segundo a sua mayor, ou menor distancia, mais, ou menos brevemente fazem ao redor do Sol o seu circular movimento ; e outros dizem com os Carthesianos, que as ditas manchas saõ humas codeas, e grossuras, pela actividade da materia subtil separadas das partes crassas, e levadas a certa distancia do corpo Solar. Porém nem estas manchas do Sol saõ grossuras, ou codeas da materia subtil, como affirmão os Cartesianos ; porque nos corpos liquidos mais depurados dos corpusculos terreos, que saõ infinitamente menos fluidos do que a materia etherea, tendo todas as suas partes em movimento continuo, no que, segundo os mesmos Philosphos, consiste a fluidez, nunca se observão estas maculas ; nem, como no seu Uranophilo diz o Padre Estancel, pòdem estas manchas ser Planetas, ou Estrelas ; porque no proprio disco Solar, onde parece, que nascem, se desvaneçem, e acabão : nem saõ fuligens, ou vapores que se levantaõ do Sol, e formaõ aquelles corpos opacos ; porque de hum fogo purissimo, e tão simples, que sem materia, que o sustente, como a lenha ao fogo, arde sem diminuiçao, nem augmento há quasi sete mil annos, não se pôde levantar fumo, ou exhalaçao, que circule com esta ordem, e regularidade observada, por ser na exhalaçao, e no fumo tudo desordem. Nem finalmente pòdem ser Ilhas erantes ; porque, como fica dito, humas se ajuntão em huma só, e huma só se divide em muitas, cou-
sa que

la que repugna tanto às Ilhas do Sol, como às do Oceano. A'lem de que, o desapparecerem algumas vezes por muitos annos, convence naô serem Ilhas, vapores, Estrellas, nem codeas do Sol; porque semelhantes entidades costumão ser mais persistentes. No Tom. I. §. 11. num. 44. do meu *Systema Medicco*, que, dividido em dous grandes volumes de folha, compuz sobre o *Morbo Hungarico*, chamado vulgarmente *Vomitos pretos*, acharão os curiosos huma nova opinião sobre a causa, que dou a estas manchas do Sol, quando não desça (com que tambem me satisfaço) fulminado como Phaetonte, donde subio, approvado por todos os Tribunaes, como Mauduciata, que he o celebre Passaro do Sol, chamado tambem *Ave do Paraíso*; porque só para o Sol sobe voando. A'lem das ditas manchas, se tem descuberto com o Thelescopio trinta Satellites ao redor do mesmo Sol, que no espaço de quinze dias fazem seu gyro, e parecem hora maiores, hora mais pequenos; e não falta quem diga com o Padre Hieronymo Vital, que Mercurio, Venus, Marte, Jupiter, e Saturno saõ Satellites do Sol, e da Lua: Marte de cor de fogo, com corpo giboso, e de figura espherica, aspera, e desigual, como o Globo da Terra, com huma mancha negra nomeyo, e nas suas duas faces, ou hemispherios tem humas manchas diversas humas das outras, das quaes se argumenta, que este Planeta se move no seu eixo: Jupiter com tres faxas, e quatro Satellites, que o cercão, ou rodeão. Estas faxas, ou bandas se descobrem com o Thelefcopio hora em huma parte do seu disco, hora em outra, humas vezes duas, e algumas vezes tres, como adverteio o Padre Schot, e dellas.

dellas se argumenta, què Jupiter se move circularmente sobre o seu centro. Este Planeta padece scus eclipses causados pelo Sol, Lua, e Marte: Saturno da cor do Chumbo, acompanhado de cinco Satellites, com varias Phases, ou apparencias causadas da diversa situaçāo do anel, ou circulo, em que anda: o numero de todas as Estrellas do Ceo, que na opiniāo dos Antigos era só de mil e vinte e duas, com o invento do Thelescopio se tem observado completo em huma só Constellaçāo chamada *Orion*; e a cor branca da *Via Lactea* se descobre finalmente com o Tubo Optico, ou Helioscopio ser a luz de hum numero innumeravel de Estrellas, humas maiores, outras menores, e outras minimas, taõ pequeninas, que as naõ alcança bem a noissa vista; e taõ chegadas humas às outras, que se confunde a sua luz, e desta luminosa confusaõ resulta hum candor, ou brancura, que aos olhos, que a contemplaõ, parece leite. Para a vista faz em certo modo o mesmo effeito hum crivo, ou papel todo furado, suspenso no ar diante de huma parede, ou taboa tinta de preto, ou posto de noite defronte do lume, no qual de longe se naõ enxergaõ os furos, ou buraqueinhos, mas só se vê huma superficie mais, ou menos branca, e luminosa. Isto niesmo succede a quem olha para a *Via Lactea*, em que se bem as Estrellas maiores se vem distintas das partes do Ceo naõ estreladas, nesta mesma distancia as Estrellinhas muito juntas naõ se divisaõ claramente, mas deste aggregado resulta hum como terceiro objecto de partes luzentas, e naõ luzentas, que manda a especie de huma coufa menos luminosa, e candida, como he a especie do leite, que forma a *Via Lactea*. Ponderando

randò o *Binocolo* do Padre Rheita , com o qual se vè quasi no Signo de Leão entre a Linha Equinocial, e o Zodiaco, huma representaçao da *Veronica do Senhor* ; na constellaçao de *Orion*, para a Estrella Polar, huma mão fechada com huma especie de *Caliz* ; no Signo de Tauro huma *Cruz*, das que chamaõ *Theutonicas* ; no dito *Orion* huma figura da Tunica inconsutil do Senhor ; e nas Pleyadas hum circulo , e nelle hum Menino ; objectos taõ alheyos daquelle lugar , que excederiaõ o credito , se os naõ confirmara a evidencia ; mas parece que assim como quiz Deos , que na terra houvesse flores , em que se representassem alguns instrumentos de sua Sagrada Paixaõ , como vemos na flor , a que o Gentio do Brasil chama *Maracujá* , os Castelhanos *Granadilla* , e os Italianos *Fiore della Passione* ; no Ceo houvesse tambem Estrellas , de cuja luz , e varia disposição refultaõ imagens dos martyrios do nosso Redemptor.

Ponderando mais o Anel de Gyges , que o fazia invisivel. Ponderando o Palladio de Troya , ou Estantua de Pallas , que fazia inexpugnável esta Cidade. Ponderando o Escorpioão de Bronze , com que Apollonio Thianeo exterminou todos os Escorpões da Cidade , e territorio de Athenas. Ponderando os sete Ancis , de que Jarchas , famoso Philoso- pho da India , fez presente ao dito Apollonio Thianeo , que trazendo-os consigo , na idade de cem annos conservava a bizarria , e disposição de huma florente mocidade. Ponderando os Braceletes dos Zinpangros , moradores da Ilha de Niphon , no Japão , que os fazião invulneraveis. Ponderando o Anel de Diceo , com que os delinquentes concilia-
vão

vão a benevolencia, e amor dos Juizes. Ponderando a Mosca de Bronze, feita por Virgilio, que afugentava de Napoles todas as moscas. Ponderando o Anel, que foy achado na boca de huma mulher humilde, depois de morta, da qual o Emperador Carlos Magno era com indecencia da Magestade, vilmente namorado. Ponderando as pedras lavradas com a figura do Escaravelho, perfeito Hieroglyphico do Sol, com que os Egypcios alentavão os espiritos a quem os trazia. Ponderando a Serpente de Bronze, que na Cidade de Constantinopla impedia a todas as Serpentes a entrada, atè que Mahomet II. depois de tomada Constantinopla, quebrou com huma frechada os dentes à dita Serpente, e huma prodigiosa quantidade de Serpentes se lançou aos Cidadãos de Constantinopla, sem porém os puderem morder, porque todas tinhão os dentes quebrados, como a de Bronze. Ponderando o Anel de Eleazar Judeo, com que na presença do Emperador Vespasiano, e de muitos Officiaes do Romano Exercito, livrara muitos obsecos do Demonio, cuja invenção se atribue a Salamão, que ensinava a meter no engaste do Anel certa raiz, que chegada ao nariz do Energumeno, obrigava a sahir do corpo o Demonio. Ponderando finalmente a Esphera de Archimedes, o Palacio de Nero, a Agua, e Mosca de Ferro de Joaõ Monreal, que voarão em Nuremberga; os Microscopios, Macroscopios, Lanternas Thaumaturgas, Polemoscopios, Polyhedros, Termometros, Balanças Philosophicas, Espingardas de Vento, Orgãos Hydraulicos, e outros inventos, que se encontrão a cada passo nas Historias.

Porém destas ponderações deve o Leitor sábio,

bio, e prudente inferir, que fendo todos, e qualquer destes engenhos inventos, artificios mais ratos, e admiraveis, que o *Lapis Hermetico*, que só quem negar a Fè, e credito às Historias, pôde nesciamente duvidar da *Chrysopæia*; porque duvida, que o engenho humano inventasse hum segredo mais facil, do que muitos dos referidos, fendo tão dificultosos. Toda a difficultade, que o entendimento incredulo encontra nos efeitos da *Pedra Philosophal*, he converter a enfermidade em saude, e transformar o Mercurio em Ouro; e só quem não tiver entendimento, pôde duvidar destas duas conversões; porque como ensina o grande Philosopho Peripatetico Francisco Soares, da sempre sabia, e esclarecida Religião da Companhia de JESUS, tão facilmente se converte o Mercurio em Ouro, como o Ouro em Mercurio: *Ex Mercurio fit aurum, sicut Soar. Lusitan. ex auro, Mercurius*; e para crermos na conversão da Tract. de Gen. molestia em saude, não faltão exemplos na Medi- & Corup. dis- diçina. Bem conheço, que difficultosamente deve put. 4. sect. 1. §. creter o entendimento cousas impossíveis, principal- 3. num. 338. mente depois que Feyjoo desterrou o credito dos er- ros comuns; mas por isso mesmo deve crer na *Chrysopæia*, Vendo-a neste Prologo, e no primeiro Dia- logo defendida da censura de Kircker, e da criti- ca de Feyjoo, e sobre tudo provada com demon- strações innegaveis, feitas por Authores gravissimos, que seria, e doutamente escreverão do *Lapis*, con- vencendo com razões, e experiencias ao mais in- credulo entendimento.

E não imagines, Leitor incredulo, ou nescio, que Varões tão sabios, e tão serios, como forão en- tre os Alemães os Trevisanos, Paracellos, Alber-

tos, Alanos, Turneisseros, Valentinos, Majoros, Crolios, Libavios, Harthmanos, Lamspringos, Burcgravios, Ettmulleros, e Cunrados. Entre os Ingleses os Baccones, Nortões, Ripleos, Macolones, Charnochos, Dastinos, Chauceros, Kelleos, Robinsonios, Goweros, Ligdacios, Blumfieldos, Redemanos, Fludos, e Mouffetos. Entre os Hollandeze os Helmontes, Hollandos, Dreibelios, Vogelios, Balbianos, e Hoghelando. Entre os Francezes, os Flamelos, Beguinios, Chrysipos, Claveos, Castagnios, Callesonios, Fabros, Poterios, Gohorios, e Espagnetos. Entre os Italianos os Morienos, Ficinos, Fioravantos, Locatello, e Caneparios. Entre os Escocezes os Blutheros, e Sydénios. Entre os Danos os Severinos, Borrachios, e Tychos Brahes. Entre os Hespanhoes os Arnoldos de Villanova, Raymundo Lullios, e Pedros Arlenses: não imagines, que estes, e outros Escritores, que já passão de seis mil, entre os quaes forão insignissimos os Clauderos, Mohorfios, Sendivogios, Sachsios, Helvecios, Becheros, Rupescissas, Heilmanos, Dienheimios, Uls-radios, Quercetanos, Geberes, Halides, Ascios, e Azothos, não imagines digo, que Varões tão famosos no Órbe Literario, como o grande LINO NOTA BEM, havião de escrever falsidades, para teu engano, e seu descredito, fendo homens, que o Mundo Racional estimou sempre pelas suas honradas accções, e venera ainda hoje pelos seus escritos, nos quaes a pezar da morte serão eternos. A estes immortaes Propugnadores da *Pedra Philosofal* podera ajuntar outros muitos defensores do *Lapis*, como também todos aquelles sabios, que com-

compuzerão os Tractados, que se intitulão : *Turba Philosophorum* : Turba dos Philosophos, de que só te podes rir, se fores Philosopho das turbas.

Nestes riquíssimos thesouros escondidos em metaphoras, e occultos em allegorias, verás se fores Lynce, o que pôr mais que nelles cavem, não descobrem as Toupeiras. Não te admires, de que os Sabios escondeão, como costumaõ, a sciencia : *Sapientes abscondunt scientiam* : pasma sim, de que não descubra a tua inadvertencia, o que não para todos, mas para muitos homens está encuberto debaixo de huma pequena Pedra. No Mundo há muitas, e prodigiosas cousas, de que ainda todos não temos perfeita noticia; porque estaõ mais escondidas debaixo da sua grandeza, do que a verdade no Poço de Democrito. Ainda não sabemos todos com certeza, que Creaturas Maritimas, e Subterraneas são aquellas, de que deu noticia hum Homem Marinho no anno de 1619. a dous Ministros do Conselho de Christierno IV. Rey de Dinamarca, navegando os Mares da Noroega, quando admirados de o pescarem com figura humana, respondeo com voz clara, e dearticulada a hum dos circunstantes, que justamente se admirava das maravilhas de Deos: *Se tu o souberas tão perfeitamente como eu, muito mais te admiraras, vendo pelas mais profundas agoas do Mar, e nas concavidades da Terra, creaturas de Deos, como eu, em muito maior numero, do que a gente humana, que anda pizando a Terra.* Huma destas criaturas era aquella Ninfâ Marina, com cabellos brancos, olhos rasgados, e corpo ayoſo, e delicado, que perto do Cabo Samo Danico appareceo no tempo de Federico II. Rey de Dinamarca a Erasmo Lxgo,

Proverb. 10.
14.

D.R. Bluteau
Prof. Portug.
1. Part. fol.
133.

Lato, segundo elle refere na sua Historia, predi-
zendo-lhe alguns successos concernentes àquelle
Reyno, e declarando-lhe, que naquelle Mar tinha
sua Māy, Avò, e Bisavò, que viviaõ havia muitas
centenas de annos. Huma destas creaturas era Oan-
nes, monstro meyo homem, e meyo peixe, que an-
tigamente foy visto no Egypto, que, segundo refere

Bluteau Vo- Bluteau, sahia pela manhã do Mar Vermelho, e an-
cabular. Port. dava nos contornos da Cidade de Babylonia, don-
Tom. 6. fol. 5.

de pela tarde se restituia ao Mar, e de dia aos que
o hiaõ ouvir, ensinava todo o genero de Scienças,
e Artes, Agricultura, Architecatura, Mathematica,
Philosophia natural, e moral, como tambem a Medi-
cina; e segundo refere o mesmo Author, no espaço de
quatrocentos annos apparecerão quatro Oannes, que

D.R. Bluteau foraõ chamados Annedotes. E pôde ser que os la-
Vocab. Port. tidos de caens, cantos de gallos, huyvos de lo-
Tom. 8. fol. 768.

bos, bramidos de touros, balidos de ovelhas, ru-
gidos de leões, e outros notaveis estrondos, que
em certas partes, e em concavidades de montes se
tem ouvido; como gritos horrendos, entre labare-
das de fogo do Monte Vesuvio, que no anno de
1682. atroavaõ os ares, sejaõ vozes, naõ de Demo-
nios, como escreve Cromero, se naõ de creaturas des-
conhecidas; e assim como estas creaturas naõ ig-
noradas de todos, ainda que para muitos saõ occul-
tas: assim os thesouros da *Chrysopeia* estaõ escondi-
dos para muitos, mas naõ estaõ occultos para todos.

Estaõ como os thesouros da terra, encubertos a quem
ignorante os piza, e despreza, e naõ a quem dili-
gente os cava, e busca; mas os thesouros por escon-
didos, e occultos, naõ saõ menos ricos, e precio-
sos. Não depende o seu valor da tua avaliação. Tan-
to

Comer. lib. 1.
Polon. pag.
485.

to luz o Sol no Zenith, onde o admiras, como em o Nadir, onde o não contemplas. Como a luz do Sol, thesouro de luzes, brilha occulta, e descuberta, como em diferentes Hemisferios, a sciencia dos *Hermeticos*, a huns manifesta a *Chrysopeia* tão claramente como a luz do dia, a outros a encobre nas escuras trevas da noite: a huns aclara avista, a outros deixa às escuras; porém o credito, e estimação da *Pedra Philosophal* não depende do testemunho de nenhuns olhos; porque a sua grande virtude não necessita de ser vista, para ser estimada. A virtude he o premio de si mesma: *Ipsa quidem virtus sibimet pulcherrima merces*. E a excellencia da *Pedra Philosophal* he satisfação de si propria. Não dão os olhos humanos a bondade à *Chrysopeia*; porque ainda que não seja vista, traz os bens intrinsecamente comigo. Antes de haver estes olhos no Mundo, já no Mundo havia Luz muito boa: *Vidit Deus lucem quod esset bona*; porque a bondade da Luz não tem dependencia dos olhos. Com ser tão boa, por falta de olhos, não era vista antigamente no Mundo a excellencia da Luz; e por não haver olhos, não he tambem hoje bem vista no Mundo a excellencia, e bondade da *Chrysopeia*. Se o Mundo hum dia abrisse os olhos, veria sem nenhuma duvida, o que tem à sua vista. Murmurando o Hypercritico Gracian da grande estimação, que os homens dão às pedras preciosas, disse profunda, e judiciosamente, que se o Mundo acordasse hum dia com juizo, amanheceria muita gente pobre: mais certo he, que se o Mundo acordasse hum dia com os olhos abertos, para ver a *Pedra Philosophal*, que se lhe occulta, por olhar para ella com olhos fechados, que amanheceria muita gente.

Sil. Ital. lib. 3.

Genel. 1.4.

gente tão rica de Ouro, como abundante de saude. Se o Mundo se vè enfermo, e pobre, não se queixe dos trabalhos, e dos Medicos; queixe-se só dos seus olhos: queixe-se o Mundo de serem os seus olhos tão cegos, que nas suas molestias não olhaõ se não para os Medicos mais bem vistos, os quaes por não olharem nunca para os livros, e não apartarem nunca a vista dos seus interesses; deixando a todos os enfermos com os seus achaques, só o dinheiro, que lhes offerecem, não deixão. Com estes mesmos olhos com que o Mundo cegamente elege os Medicos, para lhe curar as suas enfermidades, julga todas as virtudes dos Sabios, e benemeritos. Chama hypocrisia à virtude, covardia ao valor, mentira à verdade, ignorancia à sabedoria, avareza à parcimonia, soberba ao respeito, tyrannia à justiça, chymera à realidade, e engano à *Chrysopæia*. O Mundo juiz cego, he peyor censor, que Momo ridiculo. Com gestos affectados em tudo finge defeitos. No Touro de Neptuno, censura ter as pontas na cabeça, porque se as tivesse diante dos olhos, daria as cornadas mais certas: na Casa de Minerva, censura a immovel constancia, porque se fora movedica, mudaria a porta aos máos vizinhos; e no Homem de Vulcano censura o peito sem janella, porque não se lhe podião conhecer os máos intentos. Para evitar estas censuras, abrem os *Adeptos* no peito do Homem a janella, para descobrirem claramente a Momo os seus intentos; porém mudão a porta da Casa de Minerva, para não darem nella entrada a ridiculos; porque não acertando com a porta, ainda que vejão a janella, andem tão cegos, como o Touro com as pontas diante de seus olhos. Confiste

siste em fim o primor da sua Philosophia, em manifestar, e encobrir juntamente a verdade, com tão engenhoso artificio, que Momo a saiba, e a não entenda, que a veja, e se lhe esconda, equivocando sempre o apparente com o verdadeiro, e o verdadeiro com o fingido, de sorte, que sendo certo, e de Fé humana o que ensinaõ, na realidade seja tambem sonho.

§. XIX.

Não me atrevèra a fallar nesta materia, nem approvar tão nova, ou paradoxa proposiçao, se me não houvera de explicar, e defender com huma famosa Prophecia, e com hum admiravel Hieroglyphico; mas ainda o Hieroglyphico, e a Prophecia não seraõ causa minha, senão do Philosopho *Hermes*, e do Propheta Daniel. Princípiemos pela Prophecia. Estando Nabucodonosor deitado na sua cama, começou a considerar na possibilidade dos futuros: *Tu Rex cogitare cœpisti in strato tuo, quid esset futurum post hæc;* e sonhando, ou dormindo lhe revelou Deus muitos segredos, ou mysterios, que estavaõ occultos, e escondidos: *Et qui revelat mysteria, ostendit tibi, quæ ventura sunt.* Todos estes mysterios, e segredos vio Nabuceno deitado, e sonhando com huma prodigiosa Estatua, composta de Ouro, Prata, Bronze, Ferro, e Barro, a qual sendo tão pezada como os mesmos Metaes, de que se compunha, estava suspensa no Ar: *Tu Rex vides, & ecce quasi statua una grandis, statua illa magna, & statuta sublimis stabat.* A todos estes Metaes, estando unidos era hum só corpo, reduzio a

cinzas huma só *Pedra*, que sem mãos desceo de hum
 alto monte, e crescendo tanto sobre as cinzas da
 Estatua, que encheo toda a redondeza da Terra :
Abscisus est Lapis de monte sine manibus : lapis autem
qui percusserat statuam, factus est mons magnus, &
implevit universam terram. Esta imagem, a que Nabu-
 cuo muitas vezes chama sonho, e muito menos ve-
 zes pratica, tambem desappareceo da sua memoria,
 como fogem as palavras da boca de quem falla, e
 o sonho esquece à lembrança de quem acorda : *Som-*
nium ejus fugit ab eo : sermo recessit à me. Atemoriza-
 do porém Nabuco com a novidade do sonho, e in-
 citado tambem com a curiosidade da pratica, que
 ignorava, e lhe esquecia, mandou chamar à sua pre-
 sença todos os Magos, Augures, Ariolos, e Feiti-
 ceiros dos Chaldeos; porém todos cónfessáro, que
 não podião intrepretar o sonho, que não ouvirão,
 e pedião a Nabuco, que lhe referisse o que sonhara,
 para elles lhe darem a sua intelligencia : *Dic som-*
nium servis tuis, & interpretationem ejus indicabimus.
 Para livrar a todos estes doutissimos idiotas da pe-
 na capital, a que por hum Decreto estavão conden-
 nados, por não saberem interpretar, ou adévinhar
 aquelle sonho, se offereceo (depois de orar a Deos)
 o Propheta Daniel, que era naquelle tempo o ma-
 yor sabio do Mundo, ao General das Armas Arioch,
 executor da sentença de morte, para lembrar, e
 explicar a Nabuco o sonho mysterioso, como
 Deos tambem de noite lho tinha revelado : *Mihi*
quoque non in sapientia, quæ est in me plusquam in cun-
ctis viventibus, Sacramentum hoc revelatum est, sed
ut interpretatio Regi manifesta fieret. E declarando
 o mysterio a Nabuco, fez logo huma grande Esta-
 tua

tua toda de Ouro, que tinha sessenta covados de alto, e seis de largo, a qual mandou collocar no campo Dura da Provincia de Babylonia, aonde foy vista, e adorada por todos os Principes, Ministros, Satrapas, Capitães, Tyrannos, Embaixadores, e outras innumeraveis pessoas do seu vastissimo Imperio : *Nabucodonosor Rex fecit statuam auream, altitudine cubitorum sexaginta, latitudine cubitorum sex, & statuit eam in campo Dura Provinciae Babylonis*; e adverte finalmente o mesmo Propheta Daniel, que o sonho do Rey Nabuco era sonho verdadeiro, e digna de toda a fé a sua interpretação: *Verum est somnium, & fidelis interpretatio ejus*. Esta he, Leitor, a famosa historia da prodigiosa Estatua de Nabuco, que refere o Propheta Daniel no Capitulo segundo da sua Prophecia, e debaixo deste titulo: *Prophetia Danielis*; donde se segue, que não só he historia do passado, mas tambem Prophecia do futuro; e deste modo he verdadeiro sucesso, como historia, e sonho verdadeiro, como Prophecia, sendo tambem de Fé Divina a certeza infallivel da sua interpretação: *Verum est somnium, & fidelis interpretatio ejus*; mas como este sucesso he prophetico, e he juntamente historico, se pela historia de hum caso succedido, pela Prophecia de hum acontecimento sonhado: *Tunc Danieli mysterium per visionem nocte revelatum est*. Taõ certa, e de Fé, he esta Prophecia sonhada, como foy a melma Historia succedida; porém tanto equivoca a palavra *Verum* a verdade com o sonho, que ao mesmo tempo, em que se crê, e se escreve, que o sonho he verdadeiro: *Verum est somnium*, parece que tambem se escreve, e se affirma, que esta verdade he sonho;

Sonho : *Verum est somnium.* Com tanto primor escrevo Daniel, com a pena tirada das azas do Espírito Santo o Enigma da sua mysteriosa Prophecia, que sendo Prophecia, e Historia verdadeira, e de tão infallivel certeza, que he de Fé Divina, tambem na realidade he sonho.

§. XX.

Passemos agora ao hieroglyphico, sem apartarmos os olhos do propheticº. No *Livro Mudo de Hermes*, que hoje acharás tambem restampado no fim do primiero Tomo da *Bibliotheca Chymica* de Mangeto, em que naõ verás outro titulo, se naõ este de *Livro Mudo*, nem lerás outra doutrina, senão a que mudamente te ensinarem humas figuræ hieroglyphicas, que nelle depois deste titulo estaõ primorosamente estampadas : *Mutus liber, in quo tamet tota Philosophia Hermetica, figuris hieroglificis depingitur, ter optimo maximo Deo misericordi consecratus, solisque filiis artis dicatus, authore cuius nomen est Altus;* entre as quæs figuræ naõ há mais preceitos, nem dogmas, ou documentos, do que estas oito palavras : *Ora, lege, lege, relege, labora, & inventies.* Verás na primeira figura deitada, hum homem considerando, e dormindo como Nabuco : *Cogitare cœpisti in strato tuo;* e dous Anjos, com duas trombetas postos em huma escada, como revelandolhe do alto grandes mysterios, ou segredos da Pedra Philosophal : *Et qui revelat mysteria ostendit tibi;* e na ultima figura do mesmo livro, acharás ao mesmo homem dormindo, e sonhando com huma grande Estatua à sua vista, a qual está suspenha no Ar, como

mo no Ar estava suspensa, a que vio Nabuco sonhando: *Statua sublimis stabat*. Tambem verás, que aos corpos metallicos, compostos de Ouro, Prata, Bronze, Ferro, e Barro, reduz a cinzas a *Pedra dos Philosophos*, sem operaçāo, nem força de mãos: *Lapis sine manibus*, a qual por fazer esta *Obra grande*, cresceo tanto na estimāção de todos os Sabios, que he hum altissimo, e inacessivel monte para os ignorantes. Por esta causa os Poetas fizerão de hum Monte inacessivel Emblema da virtude, e da *Pedra Philosophal*, como escreveo Mangeto, na prefaçāo do Primeiro Tomo, que compoz da Chrysopeia: *In hujus veritatis emblema virtutis domicilium à Poetis in rupium quam maxime abruptarum cacumine positum fuisse*. Por isso os nescios não vem cà debaixo a *Pedra Philosophal*, e só lhes chega aos ouvidos huma confusa noticia da *Chrysopeia*, por estar o *Lapis* divulgado por toda a redondeza da Terra: *Lapis autem, qui percusserat statuam, factus est mons magnus, & imploavit universam terram*. Sobre esta *Tinctura Universal* tambem se falla, como fallou Nabuco na Estatua; porque huns dizem, que he sonho: *Somnium*: e outros affirmão, que tambem he practica: *Sermo*; e ou seja practica, (perdoem-me o equívoco, e amplificaçāo do significado) ou seja sonho, tambem Enodato, e todos os *Hermeticos* dizem, que não alcançāo a practica, e que o sonho, e o sono lhes foge: *Somnium ejus fugit ab eo, sermo recessit à me*. Não faltão Emperadores, como forão Caligula I. e Fernando III. a quem não altere, e inquiete a novidade do sonho dos *Hermeticos*, nem Reys, como Eduardo VI. de Inglaterra, e Carlos VII. de França, a quem não incite a curiosidade de saber o in-

o invento 'dos *Adeptos* ; porém nenhum dos seus grandes Sabios , ainda que sejaõ Magos , Ariolos , e Feiticeiros como os Chaldeos , pôdem adivinhar tão grande Enigma , e só lhe pedem a noticia do sonho , para lhe darem a sua interpretação : *Dic somnium servis tuis , & interpretationem ejus indicabimus.* Não tira porém a sua ignorancia , que não haja hum Raimundo Lullio , cujas obras approvou o Concilio Tridentino , e cujas virtudes corou o martyrio , o qual não só com a sua grande sabedoria , em que excedeõ a todos os Sabios do Seculo , em que floreceo , chamado por tão extraordinaria Scienza Rayo do Mundo : *Mibi quoque non in sapientia , quæ est in me plusquam in cunctis viventibus ;* mas porque soy Deos servido , que elle alcancasse a revelação deste segredo , para serviço , e utilidade de Eduardo VI. Rey de Inglaterra , famoso , e zeloso Conquistador da Terra Santa , a quem o mesmo Lullio deu seis milhões de Ouro de vinte e quatro 1. subf. 1. fol. quilates , do qual mandou lavrar Escudetes , Rosas , ou Moedas , com o titulo de Soberanos , e de *Nobile Raymundi* , a que Paracelso chama *Rosenobili* , e ainda hoje conserva o nome de *Noble* em Inglaterra o Ouro , que Lullio deo a Eduardo , para continuar a conquista da Terra Santa , como se pôde ver nos Historiadores daquelle Reyno , e nestas palavras de Olaor Borrichio : *Quem propterea Lullius pro apud. Man- pegandæ fidei Christianæ inter Paganos soluite intentus, get. loc. citat. sex illis millionibus redditum in Terram Sanctam festi fol. 34. & 43. nandum animare parabat.* Por isso a Lullio quadra de algum modo , com boa vénia dos pios , e doutos Leitores : *Sacramentum hoc revelatum est , ut revelatio Regi manifesta fieret.* E a Eduardo , e não a Richar-

Theodos. apud Manger.

Tom. 1. Bi- bliothe. Chem. 1. subf. 1. fol.

32.

Ol. Borrich. vras de Olao Borrichio : *Quem propterea Lullius pro apud. Man- pegandæ fidei Christianæ inter Paganos soluite intentus, get. loc. citat. sex illis millionibus redditum in Terram Sanctam festi fol. 34. & 43. nandum animare parabat.*

Por isso a Lullio quadra de algum modo , com boa vénia dos pios , e doutos Leitores : *Sacramentum hoc revelatum est , ut revelatio Regi manifesta fieret.* E a Eduardo , e não a Richar-

do ,

do, (como erradamente lhe chama Kircker) por sahir a campo contra os Francezes, convertendo contra elles as armas, que se destinavaõ para a Conquista de Hierusalém : *Arma in Gallos vertit*, fazendo dos seis milhoens huma poderosa Armada, que pela despeza com que se aprestou, se pôde chamar *Estatua de Ouro*, muito grossa, e muito alta, a qual viraõ entaõ os Principes de toda a Europa, os Ministros, Satrapas, Capitaens, Tyrannos, Embaixadores, e Vassallos de ambas as Coroas Franceza, e Ingleza : com alguma propriedade applico as palavras, que Daniel escreveo de Nabuco, quando depois do sonho, e revelaçao do Propheta, mandou fazer a Estatua de Ouro: *Rex fecit Statuam auream, altitudine cubitorum sexaginta, latitudine cubitorum sex, & statuit eam in campo Dura Provincia Babylo-nis*. E com ser taõ verdadeira esta famosa Historia, como certificaõ depois de muitos Authores Martinho Del-Rio, Religioso da Companhia de JESUS, Varaõ de grandes letras, e muito universal nas notícias do Mundo, e o grande, e Sapientissimo Padre D. Raphael Bluteau, Religioso Theatino, Varaõ raro em virtudes, e consumado nas Divinas, e humanas letras; não faltaõ com tudo outros Escritores com Santo Thomaz, e Athanasio Kircker, que neguem a *Pedra Philosophal*, ou lhe dem varias interpretações, estando por esta variedade, e discordia dos Escritores indeciso até o dia de hoje o Problema da *Chrysopeia*, como confessa o mesmo Kircker: *Lite in hanc usque diem pendente*. Porém como os Kirckeros, e os Thomazes approvão a *Chrysopeia*, que condemnão, admittiado não só a probabilidade das transmutações, conforme diz Kircker: *Quo ad theo-riam*

Ol. Borrich:
loco cit. §. 24.
fol. 43.

Martin. Del-
Rio lib.6. dif-
quis. Magic.
cap. 5.

Bluteau Vo-
cab. Portug.
Tom. 6. fol.
353.
Div. Thom.
2.2. q. 77. art.
2.

riam probabilem tantum esse; mas escrevendo algumas operações, com que se convertem os Metaes em Ouro, e Prata, e descobrindo tambem rares segredos de falsificar estes preciosos Metaes, que o mesmo Kircker deixou sepultados na urna do segredo: *Germanus sum, germano pectore veritatem profiteor. Poteram, & ego innumera sub specie veri, transmutatoriae artis arcana adducere, sed absit ab humano pectore tale scelus.* Concluindo finalmente este sincero Author, com decisões Juridico-Canonicas, que a *Alchimia*, que faz verdadeira Prata, e fino Ouro, de outros quaisquer Metaes he Arte licita: *Illa licita est, que verum, genuinum, & naturale aurum producit*; porque sendo o Ouro, e Prata verdadeiros, e puros, como saõ estes Metaes tirados das minas, licitamente se pôdem vender, e com elles se pôde tambem licitamente comprar, como por authoridade do mesmo Santo Thomaz, Oldrado, Andrada, Isernia, Baldo, Alberto, e outros resolvia o mesmo Kircker: *Si aurum Alchymicum à naturali in nullo differat, id vendi, & solvi posse*; e como o objecto desta resoluçao ha de ser verdadeiro, para naõ ser esta questião ociosa, bem se segue, que assim os contraditores do *Lapis*, como os defensores da *Chrysopœia*, approvão o que condemnão, e censuraõ o que louvaõ; e deste modo todos os livros escritos contra a *Chrysopœia*, ou em defeza do *Lapis*, saõ como o *Livro Mudo de Hermes*; porque todos bradão com o silencio, isto he, dizem, e juntamente callão, escondem, juntamente mostrão, approvão, e juntamente negão, manifestão, e juntamente occultão o mesmo mysterio, que affirmão, e sendo por este modo eloquentes, tambem saõ mudos, porem

rêm mudos que fallão, como o Mudo do Evangelho, com admiração das Turbas : *Locutus est mutus, & admirata sunt Turbae.* Todos encobrem misteriosamente o que dizem, com o mesmo silencio com que fallão; porque discorrendo conforme o segredo das *Turbas dos Philosophos*, escondem a doutrina, que ensinão, com admiração dos Philosophos das Turbas. Escrevem da *Chrysopeia*, ou contra o *Lapis*, com tão primoroso artificio, e com tão patente misterio, que nos mesmos livros equivocão o verdadeiro com o sonhado, para que entendão os Sabios, que elles tem o sonho de *Hermes* por verdadeiro : *Verum est somnium*; e ao mesmo tempo imaginem os nescios, que elles reputão o verdadeiro por sonho: *Verum est somnium*. Não podiaõ os *Adeptos* excogitar melhor industria, para segurarem a opinião entre os Doutos, e não perderem o credito entre os ignorantes, do que escreverem da *Chrysopeia*, por huns termos tão enigmaticos, com que evitem a calumnia dos nescios, e conservem a opinião para com os Sabios, como fez na sua Real *Allegoria* o celebre *Hermético* Merlino, recomendando nella muito aos *Adeptos*, que guardassem o seu Tratado, e declarandolhes, que se para os nescios era escarnio, era para os Sabios muy serio : *Custodi frater hunc Tractatum, & serva bene, quia trupha est optima inter stultos, & non trupha inter sapientes.* Com estas engenhosas allegorias, e metaphoras, com estes admiraveis enigmas, e misterios, e com estes subtilissimos fingimentos, e verdades, se não approvão a *Chrysopeia*, tambem não condemnão o *Lapis*; porque com as mesmas palavras affirmaõ com toda a verdade, que o sonho de *Hermes* he verdadeiro, mas verdadeiro sonho.

u

§. XXI.

Allegor. Merlin. apud
Manet. tom. 2. Bibliothec.
Chem. lib. 3. sect. 1. subl.
11. fol. 192.

§. XXI.

ARazão natural, e politica desta equivocação da verdade com o fingimento, do sonhado com o verdadeiro, e da voz com o silencio he, porque os *Philosophos Hermeticos*, ou *Adeptos* conhecem como sabios, e observão como prudentes, que se o perservativo das molestias, o remedio das doenças, o antidoto das felicidades, a posse das riquezas, e o antagonista das misérias he causa muito conveniente, e muito honrada, como vem claramente no que sonhaõ; tambem he causa muito ardua, e cheya de grandes dificuldades, conforme conhecem no que experimentaõ, segundo pondera Mangeto, na prefaçao do primeiro Tomo, que escreveo da *Chrysopoeia*: *Ardua etenim res est, ac difficultatibus plena materiae Philosophiae acquisitionis, ac possessio.* E como os *Hermeticos* no sonho vem ao longe grandes riquezas, muitas honras, e as maiores felicidades da vida, e com a experiençia descobrem ao perto extraordinarios trabalhos, intoleraveis infortunios, inplacaveis odios, crueis perseguições, e escandalosas invejas, ou não proseguem na diligencia de adquirir tantas felicidades, ou fingem, que ignorão a *Chrysopoeia*, que já tem descuberto, por não padecerem tantos perigos, trabalhos, e infortunios. Considerão em silencio na *Tinctura Universal*, mas na certeza do *Lapis* não fallão claramente huma palavra: confessão com a especulaçao, que he causa possivel, e negão com a pratica ter descuberto esta ventura; porque em materia tão perigosa, e importante, os homens, que são prudentes, considerão e não

e não fallão; porque he discrição não fallar no segredo, e prudencia o considerar no mysterio, que outros virão, e sonhão.

Sonhou Joseph filho do Patriarcha Jacob dous admiraveis, e mysteriosos sonhos: no primeiro vio, que atava no campo, na companhia de seus irmãos, huns molhos de trigo, e que os molhos de seus irmãos adoravão o que elle atou, o qual estando lançado no chão depois de atado, ficou em pé: *Audite somnium meum quod vidi: putabam nos ligare manipulos in agro: & quasi consurgere manipulum meum, & stare, vestrosque manipulos circumstantes adorare manipulum meum;* e no segundo tambem vio, que o Sol, a Lua, e as Estrellas, descendo do Ceo à terra a magestade luminosa de seus resplendores, prostrados humildemente por terra, o adoravão: *Vidi per somnium quasi Solem, & Lunam, & Stellas undecim adorare me.* Estes sorão os dous mysteriosos sonhos do Patriarcha Joseph, em que propheeticamente vio as adorações, e felicidades, que depois possuhio, sendo Viso-Rey do Egypto, aonde seu Pay, e seus onze irmãos de Rubem atè Benjamim, ajoelhados por terra o adoràrao, conforme elles tinham predito, como duvidando muito tempo antes do cumprimento destas prophecias: *Numquid Rex noster oris? Num ego, & mater tua, & fratres tui adorabimus te super terram?* Porém he cousa digna de reparo, e tambem de admiração, que tendo Jacob, e Joseph ambos Prophetas, nenhum delles sonhasse, nem prophetizasse os trabalhos, e grandes dificuldades, que primeiro encontrou Joseph, do que subisse por tão perigosos degraos à suprema Presidencia do Reyno do Egypto. Nenhum delles vio, nem

nem por sonho, que da relação das felicidades sonhadas, se havia de augmentar a inveja, e odio de seus irmãos : *Hæc ergo causa somniorum atque sermonum, invidiae, & odii somitem ministravit.* Nenhum delles vio, que os irmãos lhe havião de machinar a morte, injuriandoo com o nome de sonhador, e prendendoo em o carcere de huma cisterna : *Ecce somniator venit : venite occidamus eum, & mittamus in cisternam veterem.* Nenhum delles vio, que despojado da tunica, o havião de vender seus irmãos aos Ismaelitas : *Nudaverunt eum tunica talaris, & polymita, vendiderunt eum Ismaelitis.* Nenhum delles finalmente vio os falsos testemunhos, que no Egypcio levantaria a mulher de Putifar aos justos, e honestos procedimentos de Joseph, os quaes sendo as mais raras virtudes de hum mancebo tão bello como Adonis : *Erat autem Joseph pulchra facie, & decorus aspectu, forão castigados com a prizão, como se forão os sensuaes delictos de Tiberio : Tradiditque Joseph in carcerem ; o só o Patriarcha Jacob, como Varão experimentado nas perseguições de Elau, nas peregrinações da Mesopotamia, e nos enganos de Labam, considerava como prudente, mas juntamente callava o mysterio daquelles sonhos : Pater vero rem tacitus considerabat.* Os Prophetas chamão-se na Escritura *Videntes* ; porque vião os futuros : pois se todos aquelles trabalhos de Joseph erão futuros, como as sonhadas felicidades, porque os não virão estes douos Prophetas, que no tempo futuro tanto vião ? Porque nos sonhos não havia nenhum trabalho, nem perigos, que se vissem, nem previssem. Os perigos, e trabalhos, que também acontecerão, encontrarão-se na dilação do cum-
pri-

primento das prophecias, como cousa separada, e distincta dellas. Como as prophecias se cumprirão mais tarde, vierão os trabalhos mais cedo; e não poderão os olhos propheticos ver ao longe, para onde só olhavão, os successos, que por estarem mais proximos, não vião. Esta parece, que era a materia, em que Jacob tão mudamente considerava; porque se lembrava da visão, que tinha visto em Bethel, antigamente chamada Luza, quando Deos, e os Anjos lhe apparecerão naquelle mysteriosa escada, estando elle deitado, e dormindo ao pé della, com a cabeça reclinada sobre as pedras: *Tulit de lapidibus, qui jacebant, & supponens capiti suo, dormivit in eodem loco.* Lembrava-se de que entre tantas felicidades promettidas por Deos quando dormia, encontrara depois de acordar com os trabalhos, que por estarem muito perto, o obrigarião a exclamar com grande temor, e muito tempo antes de os padecer: *Quam terribilis est locus iste!* Mas tambem se lembrava Jacob, de que desvanecido aquelle temor, e receyo, das muitas pedras de que fizera o encosto, para sobre elle descançar, e dormir, se fizera milagrosamente huma só Pedra, depois de acordar daquelle prodigioso sono: *Lapis iste, quem erexit in titulum, vocabitur Dominus Dei,* como por lição da Glosa dos Hebreos escreve o Bilpo Cathariense, affirmando, que as pedras de que Jacob fizera o reclinatorio, ou travesseiro para dormir, sórão tres realmente distintas, que todas se unirão em huma só Pedra: *Tres enim fuerunt lapides, quos Jacob supposuit capiti suo, & mane excitatus à somno, ipsorum trium unione facta, unum tantum lapidem invenit; circumstancia admiravel, que tam-* Paul. Brut. Episcop. Cai-
à somno, ipsorum trium unione facta, unum tantum lapidem invenit; circumstancia admiravel, que tam-
ben se acha na Pedra Philosophal, symbolo da San-
tissima cap. 2. contr. Judicos lib. 1. cap. 2.

tíssima Trindade, e da unidade de Deos, que nas tres pedras distintas, e em huma só pedra unidas, se figurava : *Lapidem Philosophorum esse trinum & unum* ; & *symbolum habere divinitatis, quod est trinum & unum* ; e como Jacob tinha experimentado,

Faber apud Mang. Tom. 1. Bibliothec. Chem. lib. 1. Sect. 3. Subl. 2. cap. 7. fol. 295. que sem embargo dos trabalhos de tão comprida jor- nada, dos amorosos desvelos, que padecera por amor da sua amada, e fermosa Rachel, emfim a pezar de Labam voltara muito rico para a mesma pa- tria donde sahira encostado sómente a hum cajado : *In baculo meo transvi Jordanem istum : & nunc cum duabus turmis regredior* : esta mistura de trabalhos com felicidades, de peregrinações com descansos, e de riquezas com pobrezas, se por huma parte lhe emmudecia a lingoa, por outra lhe desvelava a consideração : *Rem tacitus considerabat*. Conhecia Jacob, como Proheta, que Joseph conseguiria muitas felicidades no comprimento dos sonhos, e previa, como prudente, e experimentado, que antes de se cumprirem as prophecias, padeceria grandes trabalhos, principalmente tendo dentro de casa, em cada irmão hum inimigo : *Oderant eum, nec poterant ei quidquam pacifice loqui* ; e como tinha por certos os trabalhos, e por infalliveis as felicidades dos sonhos, como Propheta emmudecia, e como prudente considerava : *Rem tacitus considerabat* : considerava em que o sonho era certo, e também emmudecia a vista do que se lhe representava trabalhofo : porém sem embargo dos trabalhos, sempre considerava nos sonhos, mas tão callado, que nem huma só palavra dizia : *Rem tacitus considerabat* ; porque em materia de tanta importancia, a prudencia he considerar, e a discricão emmudecer ; porque com o silencio se

occul-

occulta o segredo, e com a consideração se alcança o mysterio.

Por esta razão, Leitor, considerão os *Hermeticos*, e emmudecem os *Adeptos*; porque como prudentes, vem a perseguição dos trabalhos, e como sabios, prevem a felicidade dos sonhos; e como antes das suas felicidades sonhadas, vem as perseguições verdadeiras, fallão como se forão mudos, e considerão muito callados: *Rem tacitus considerabat*. Para os *Hermeticos*, que descobrem a *Chrysopœia*, todos os tempos são como aquelles tão calamitosos, em que, como diz Tacito, o mesmo crime cometia a voz, que o silencio: *Crimen in silentio, crimen in voce*. Por isso *Enodato*, que significa coufa declarada, nesta *Ennea*, que vem a ser o mesmo, que applicação do entendimento, intelligencia, ou noticia, quando responde a *Enodio*, que val o mesmo, que coufa *encontradica*, e que sempre está no caminho, considera profundamente no sonho dos *Hermeticos*, e no modo de o reduzir a practica não diz palavra, que se não ignore, e entenda, ou responde a *Enodio* por taes allegorias, e metaphoras, que por fallar sempre por enigmas parece mudo, e como Jacob considera callado: *Rem tacitus considerabat*; mas sempre com tão entendida clareza, que fendo a sua doutrina tirada da *Turba dos Philosophos*, he confusaõ dos *Philosophos das Turbas*; porque confunde a ignorancia escondendo a sciencia: *Sapientes abscondunt scientiam: os autem stulti confusione proximum est*. Imita *Enodato* ao Patriarcha Jacob, não só porque discorre callado; mas porque depois de achar a *Pedra Philosophal*, feita, como edificio de muitas pedras, e descuberta depois de acor-

Proverb. 10.

14.

acordar do sonho, tão enigmatico, e mysterioso, como se vê no Terceiro Dialogo, ainda que nelle se lhe promette com tantas riquezas o Imperio Universal de todo o Mundo: *Dilataberis ad Occidentem, & Orientem, & Septentrionem, & Meridiem*, contentou-se com alcançar a protecção de Deos, na peregrinação desta vida, e a desejada restituição à casa de seu Pay, sem outras riquezas mais do que pão para comer, e pano para vestir: *Si fuerit Deus mecum, & custodierit me in via per quam ego ambulo, & dederit mihi panem ad vescendum, reversusque fuero prospere ad domum patris mei: erit mihi Dominus in Deum.* E sempre terá *Enodato* que gratificar a Deos, pelo livrar, como a Jacob, dos enganos, e perseguições de Labam, conseguindo depois do casamento de Lia, o Matrimonio de Rachel, pertendido, e conseguido com desvelos, e trabalhos, como succede a todos os *Hermeticos*, segundo el-

Mang. Tom.
1. Bibliothec.
Chem. in
præfaction.

creve Mangeto: *Sicque hujus artis amasius frequenter accidat, ut post multos sudores, & ardores, pro formosa quam expectabant Rachele, in lippam incident Leam; donec resumptis laboribus, refatigatisque subinde furnis, ac valis, scopum exoptatum, ac magnis precibus, orando scilicet, & laborando, exquisitum tandem attingant.* He verdade, que para *Enodato*, e todos os mais *Hermeticos* conseguirem esta grande felicidade, encontrrão primeiro grandes dificuldades, que vencerão com inexplicavel trabalho, como succedeu a Jacob, antes de se despoliar com Rachel, e a Joseph antes de ser Viso-Rey do Egypto; mas ainda na pertenção de negocios de menor importancia, e na diligencia de conseguir couças de pouca utilidade, experimentão os homens grandes

des trabalhos, e padecem intoleraveis fadigas, encontrando a cada passo maiores obstaculos, e às vezes invenciveis difficultades; e nenhum filho de Adam foy até agora tão mimoso da ventura, ou tão favorecido da fortuna, que comesse hum só bocado de pão, sem que primeiro o ganhasse, com o seu pay, com o suor do seu rosto. E se os homens tanto suaõ, e trabalhão para viverem, enterem como que vivão: em nenhuma Arte devem trabalhar, e suar mais, do que no estudo da *Chymica*, e no descobrimento da *Chrysopeia*; porque sabendo a *Philosophia Hermetica*, e descobrindo a *Pedra Philosofal*, terão hum remedio universal para viverem, e hum thesouro perpetuo para sustentar a vida.

Na prefacão do primeiro Tomo da *Bibliotheca Chymica* chama Mangeto à *Chrysopeia Medicina Universalissima* contra todas as enfermidades do corpo humano, ainda que sejão achaques deploratíssimos: *Hæc est nostra Medicina Universalissima, contra omnes humani corporis etiam deploratissimos morbos.* Não se admirem agora os Medicos Galenistas, de que o *Lapis*, sendo hum só remedio, tenha tão varias, e extraordinarias virtudes, que cure todas as doenças, e multiplique as riquezas, quando a famosa Planta, ou *Electuario*, a que Galeno chama *Enopia*, e Homero dà o nome de *Nepenthes*, tem mais, e maiores virtudes, para evitar molestias, vencer enfermidades, e augmentar os thesouros, porque o *Lapis* desterra sómente a pobreza com Praça, e Ouro, e extermina a doença do corpo com a medicina da Arte; mas não evita as paixões da alma, nem temedea as enfermidades do animo; porém a *Nepenthes*, como escreve Feyjoo, desfaz a tristeza,

evita as dores, emenda os contratemplos, remedia os disgostos, e alegra a mesma alma. Por isso uzava frequentemente desta planta a famosa, e famosa Helena, como remedio seguro de todas as suas penas. Não imagine o Leytor, que a *Cbysopeia* he tão fabulosa, como Feyjoo presume ser a *Nepenthes*, porque ainda que Homero falla tão ambiguamente desta planta, que não concordão por esta, causas os Authores; em que a *Nepenthes* seja substantivo, ou epitheto; como tambem não averiguão se he licor, como de herva, ou qualquer composição em forma de Electuario: todos convem concordemente em que Helena com sua propria mão (conforme o costume dos Egípcios) ofereceu a *Nepenthes* a Telemacho, e Pisistrato, hóspedes de seu marido Meneláo, para antidoto de todas as suas penas; porque prenendo brandamente os sentidos, e suffocando no coração as dores, não deixa romper pelos olhos as lagrimas, nem sahir pela boca os suspiros. Nenhuma paixão afflige o animo, para que a *Nepenthes* não seja alivio; porque extingue no coração os disgostos, riscal da memoria os aggravos, e extermina da alma os sentimentos. Ainda na au-
zencia dos amigos, e parentes, em que saõ excessivas as saudades, ou na morte dos pays, e dos filhos, aonde os prantos saõ mais enternecidos, enxuga nos olhos as lagrimas, e apaga a *Nepenthes* a lembrança. Plinio chama Helenio à *Nepenthes*, afirmando, que desterra do coração a tristeza. Theophrasto, e Juliano Martyr, referidos por Bluteau, fazem menção da *Nepenthes*, chamada *Enopia* por Galeno; e Diodoro Siculo escreve, que no tempo de Augusto, quando elle tambem florecia, vinha esta

esta planta de Thebas do Egypto, para regallo da Corte Romana, onde era muito estimada, como antídoto certo da tristeza, alívio das penas, extermínio das lágrimas, antagonista dos sentimentos, refúgio das saudades, esquecimento das magoas, e remédio único da melancolia. E com estas tão admiráveis, e estupendas virtudes excede incomparavelmente a *Nepenthes* à *Chrysópeia*; porque evitando doenças do corpo, e curando principalmente as enfermidades do animo, ferá para o Medico, que a receitar, hum riquíssimo tesouro, e para o enfermo, que a beber universalíssimo remédio.

Esta virtude universal para todos, e para tudo, que os Historiadores referem da *Nepenthes*, e os Hermeticos afirmão da *Chrysópeia*, com virtudes de transformar as entidades em Ouro, de aumentar as riquezas, evitar molestias, e curar enfermidades não poderão negar alguns Medicos da nossa Corte, que applicão o Leite com as mesmas propriedades, como remédio universal para tudo, e para todos. He o Leite entre estes *Physicos*, como o *Universal Communissimo* entre os *Logicos*; porque sendo huma só, e commum natureza, com todas as naturezas em particular se confórmá. Abstrahido o Leite de todos os animaes, applica-se a todos os homens, e conhecço Medicos de bom predicamento, que com a actual predicação deste *Universal Communissimo* transformão os homens em animaes; porque ordenão aos enfermos, que continuem a tomar Leite até que imitem a voz dos Onocrôtalos. Por esta discreta expressão, com que por modestia os cultey a propria Onomatopeia, de que em bom portuguêzuzão estes Medicos, admitem elles no Leite,

os principaes effeitos da *Chrysopeia*; porque confessão a transformação, que faz de entidades, e a eficacia com que cura todas as doenças, sem podem negar, que lhes rende tambem muito dinheiro. E se estes Medicos forão agora desterrados de Lisboa, como diz Plinio, que já forão outros semelhantes extermínados antigamente de Roma, como o Leite só venceriaõ os Cortezãos não só as enfermidades do corpo, como se fora a *Chrysopeia*; mas tambem as paixões do animo, coasfórmee provado da *Nepenthes*. Os Abienos povos da Scythia, diz Bluteau, que vivião só de Leite, e erão muito castos; e por lição de Plinio escreve o mesmo Author, que os Archades logravaõ boa saude, sem terem Medicos; porque sómavaõ na Primavera Leite de Vaca, que he a substancia, ou quinta essencia das melhores ervas do campo. Faz Plutarcho honrada mençaõ de Sofastres, que todo o tempo da sua vida, não comeo, nem bebeo outra cosa se não Leite, e comelle, sem Medicina, logrou boa saude. A vista destes exemplos, e de tanta quantidade de Leite, como se bebe, e come nestas Cortes, digaõ-me agora os Medicos de quem fallo, porque não ha nenhum Sofastres em Lisboa? Qual he a razão, porque os Portuguezes tomando tanto Leite, não logrão tão boa saude como os Archades, nem são tão castos como os Abienos? Como contra a experien- cia não ha razão, toda a culpa tem a Medicina.

Nem falta no Leite a virtude de transformar algumas entidades em fino Ouro, como tenho dito do *Lapis*: antes em muitas auriferas transmutações, excede o Leite à *Chrysopeia*; porque até converte em Ouro coulas, que como o Ar não tem nenhuma

ma entidade. Fingirão os Poetas, que a Deosa Juno mulher de Jupiter, depois de ter dado hum dia de mamar a Hercules, apertando com a mão os peitos, berrisára com o Leite delles ao Ceo, que logo appareceo cingido daquelle candido circulo chama-do *Via Lactea*, que he huma Zona de neve pespontada de Estrellas, grandes, e pequenas moedas de Ouro, em que se transformou a parte do Firmamento, aonde com o seu Leite fez a projecção este Nume fabuloso; e com o invento do Thelescopio se tem observado sem fingimento, que a candura da *Via Lactea*, procede da confusa luz de hum innumeravel numero de Estrellas humas mayores, outras menores, e outras minimas, e tão pequeninas, que ainda com o Oculo de ver ao longe as não alcança bem a nossa vista; mas por estarem tão chegadas humas a outras, que parecem unidas, se confunde a sua luz, e dessta luminoza confusaão refulta hum candor, que aos olhos, que a contemplão, seendo na realidade Estrelas, se representa huma estrada corrente de Leite, por onde, conforme dizem os Poetas, sobem os homens ao Ceo, principalmente os Heroes, e Vaiôes illustres por suas heroicas virtudes, como Hercules por valor, Alexandre por conquistas, Scipião por facanhas, Cesar por victorias, e as Deidades de inferior hierarchia, quando saõ chamadas ao Consistorio, que faz o fabuloso Jupiter no Olimpo. Porém sem fabula, nem fingimento poetico, antes com toda a certeza, e verdade sobem por outra *Via Lactea* ao Ceo, muitas Deidades, e a mayor parte dos homens, assim plebeos, como Heroes, que os Medicos encaminhaõ por esta estrada Real, feita naõ só do Leite, que sahe de peitos apertados com

com a mão, como os de Juno ; mas tambem das juntas dos Medicos, que se fazem com grande despeza dos que gemem, e só com utilidade dos que receitão, para nellas proporem com as suas palavras os remedios dos apertos, que dentro no peito padecem os enfermos ; em cujas conferencias a união destes Medicos, como Estrellas grandes, pequenas, e minimas, com luz confuza da sciencia Medica, aos quaes fora muito conveniente reconhecer tambem com Oculos de ver ao longe, e não com os olhos ao perto, propoém aparentemente aos olhos a candura do Leite, que penetrada por dentro, não vem a ser outra cousa, se não moedas de Ouro, como Estrellas, em que todos estes Medicos, como bons *Hermeticos*, transformão as suas palavras (que não tem entidade, como o Ar de que fasformadas) não pela sua sciencia, mas pela virtude do Leite. De maneira, que Juno derramando o Leite pelo Céo, transformou a parte do Firmamento onde cahio em Estrellas, como moedas de Ouro ; e os Medicos votando em Leite, transmutão com elle as palavras em moedas de Ouro, como Estrellas.

Não equiparo, nem comparo o Leite com a *Chrysopœia*, para que estes Medicos approvem a minha *Pedra Philosophal*, obrigados com o panegyrico, que tambem lhe faço ao Leite, fiz sómente este paralelo, paraque o exemplo do Leite confirme a verdade da *Pedra Philosophal* ; mas como o Leite em fer Panacea, que he o mesmo, que *Medicina Universal*, he tão semelhante à *Chrysopœia*, justo he que como o *Lapis* ouça a sua justa censura, no mesmo lugar onde ouvio o seu elogio. Assim conio os homens doutos não condemnao, nem approvão a

Chrysopœia

Chrysopeia com grande admiração das *Turbas dos Philosophos* : tambem eu para hir coherente faço o mesmo com o Leite ; porque, imitando ao grande Vieira, não approvo, nem condemno, admiro-me com as turbas.

Porém como o meu intento he fazer a *Pedra Philosophal*, e ensinar a todos o methodo de preparar a *Chrysopeia*, concluo este Prologo, como Endato os Dialogos, descobrindo aos Medicos novatos, e aos *Hermeticos* principiantes este tão util mysterio. E principiando pelos Medicos, que pela *Via Lactea* busção a *Chrysopeia*, como os Argonautas, pelo Mar o Velocino, advirto a todos, que se as tormentas lhes impedirem a viagem, serenarão felizmente as tempestades lançando nas ondas do Mar a *Via Lactea*. Escreve Atheneo, que antigamente nas tormentas offerecião os navegantes Leite de mulher novamente cazada a Eolo Rey dos Vents, e com este sacrificio applicado Eolo tocava logo a recolher, e deixando o Mar quieto, se retirava com os turbulentos esquadrões para o seu cavernoso Imperio. Com semelhante religiosa superstição dizem, que escapara Jason do naufragio, navegando para Colchos em demanda do Velocino. Sem nenhuma superstição, com esta industriosa politica, applicarão os Medicos as tempestades, que o vento da presumpção costuma levantar nas juntas, as quaes locega promptamente a *Via Lactea*, porque em se votando em Leite, Mar leite fica logo o Mar bravo, e todos os Medicos descobrem os thesouros, que estão escondidos nas areás : *Qui inundationem maris quasi lac fugent, & thesauros absconditos arenarum.* Os Medicos presumidos, que ca-

Deut. 33. 18.

mi-

minhaõ pela *Via Lactea*, sem lançarem Leite no Mar tempestuoso; cahem fulminados, como Phaeton-te, e morrem afogados no Rio Pò; ou ficão como Estrellas nebulosas na *Via Lactea* aonde não luzem muito, sendo brilhantes Estrellas; porque a união de Estrellas muito pequenas lhes eclipsaõ os luzimenes; porém os Medicos, que da *Via Lactea* serenarem o Mar bravo, convertendo em Mar branco, o Mar negro, beberão o Mar negro como Leite: *Inundationem maris quasi lac fugent*; e desta sorte descobrirão os thesouros escondidos nas areás: *Et thesauros absconditos arenarum*. Os Tufões dos argumentos, as ondas das dificuldades, que pôdem comer Navios de alto bordo, com a mesma facilidade com que no Leite votarem, beberão como se fôra Leite: *Inundationem maris quasi lac fugent*; e os thesouros, que estão tão guardados, como se estiverão nas areás escondidos, sorverão juntamente com as ondas: *Et thesauros absconditos arenarum*. Em huma palavra, engolirão de hum sorvo as ondas, e os thesouros, com a mesma facilidade, com que se bebe hum pucaro de agoa, ou se vota hoje em hum copo de Leite.

Os *Hermeticos* finalmente, que não penetrarem o sonho enigmatico de Enodato, por lhes faltar a Omisciencia para alcançarem o segredo da *Chrysopera*, com a chave da virtude abrirão facilmente este thesouro. Para descobrir a *Pedra Philosophal* he muito necessaria a virtude, porque só com a virtude, conforme ensina o Padre Hieremias Drexellio da Companhia de J E S U S, conseguem todos os homens a *Pedra Philosophal*: *Chymia est inter Christianos admirabilissima, quæ ex omni ferro, ex omnium. 12. fol. plumbo, ex omni metallo aurum purissimum eliquerit novit.*

Drex. Tom. 4. de Salom. cap. 18. §. V. num. 12. fol. 897.

movit. *Artis istius princeps documentum hoc est*: E quavis re, quantumvis mala, quantum pessima, bonum quid eliciendum. *Hanc artem exacte callent, qui serio virtuti student. Hæc lucrofissima Christianorum est Chymia.* Non imperite dixit Plinius: *Librorum nullus tam malus est, quin ex eo boni aliquid discas.* Quer dizer, que entre os Christãos ha huma admirabilissima Chymica, a qual de todo o Ferro, de todo o Chumbo, e de todo o Metal sabe tirar purissimo Ouro. Esse he o principal documento desta Arte: *De qualquer coufa, por mā, e pessima, que seja, se ha de tirar algum bem.* Entendem perfeitamente esta Arte todos aquelles, que seriamente se applicão à virtude, porque como peritamente disse Plinio, naõ ha Livro tão māo, em que se naõ aprenda alguma coufa boa: *Librorum nullus tam malus est, quin ex eo boni aliquid discas.* Esta serà a principal utilidade, que acharás neste meu Livro. O prudente de todas as coufas mās tira bens; porque a prudencia he a verdadeira Vara de Mercurio, que melhor, que as mãos de Midas, com o seu toque tudo converte em Ouro: *Hæc est Mercurij Virgula, hac quidquid attigeris, aurum erit, continua o Padre Drexellio, Chymia Christiana quid quid uspiam malorum est, virtutibus diversis in suum transfert commodum. Industrius pater familias vere agrum stercorans: male naribus, inquit, sed bene arvis: fætet, sed lætificat.* Com diferentes exercicios virtuosos transforma a Chymica dos Christãos todos os males em grandes conveniencias; assim como o pay de familias do trabalho, e māo cheiro, com que esterca, e lavra os campos, tira para si muitas utilidades; que vem a ser o mesmo, conforme conclue Drexellio, que do Chumbo tirar Ouro:

y

Quod

Quod prorsus aliud non est, quam è plumbo purum putum elquare aurum. Com semelhantes virtudes consegueem os homens laboriosos o desejado arcano da *Cbrysopeia*. O Lavrador tira Ouro da terra, que cultiva : o Estudante tira Ouro dos livros, por onde estuda : o Mercador tira Ouro dos contratos, em que entra : o Official tira Ouro das obras, em que trabalha : o Medico tira Ouro dos remedios, que receita : o Letrado tira Ouro das partes, que aconselha : O Musico tira Ouro das operas, que canta : o Boticario tira Ouro dos remedios, que prepara : o Pescador tira Ouro da industria, com que pesca : o Caminheiro tira Ouro da brevidade, com que anda : o Escrivão tira Ouro da velocidade, com que escreve : o Caçador tira Ouro da fadiga, com que caça ; e o Author de livros tira Ouro daquelles volumes, que imprime, quando os não dá, e os vende. Para tirar Ouro do meu trabalho, compuz, e imprimi esta *Ennea* : ainda que seja livro mão, espero, que todos achemos nelle algum bem : *Librorum nullus tam malus est, quin ex eo boni aliquid discas.* Os curiosos, que penetrarem os mysterios, e descobrirem os enigmas da *Pedra Philosophal*, acharão neste livro hum thesouro ; e eu em Ouro transformarey juntamente as suas folhas, se as vender, quando divulgar estes volumes. Não distingue Salamaõ o tempo de espalhar as pedras, do tempo de colher o fruto do que divulga ; porque junta, e ata o tempo de colher, com o tempo de espalhar : *Tempus spargendi lapides, & tempus colligendi.* Vou divulgando, e espalhando estas *Pedras Philosophaes*, e ao mesmo tempo hey de hir colhendo. Sem que me compres com o teu dinheiro es-

to estes Dialogos, naõ tenho tençāo de que os leas, porque naõ só quero, que comprando esta obra, confesses, que descobri a *Chrysopeia*; mas para que se te rires de mim, depois de me ter custado tanto estudo, tanto trabalho, e tanto dinheiro a composiçāo, e a impressāo deste Tomo, seja tambem es-
se riso à tua custa.

Para evitar este riso, naõ queria *Enodato* im-
primir estes Dialogos da *Pedra Philosophal*, antes de
fahir a luz eom douis Volumes de folha, com o titulo
de *Systema Medico Galeno-Chymico*, escritos sobre o
Morbo Hungarico, que he o summo grāo das febres
ardentes, complicadas com o funesto *sympthoma*
dos *Vomitos atrabiliarios*, que no anno de 1723. in-
festarão as Cidades de Lisboa Oriental, e Occiden-
tal, chamados vulgarmente nesta Corte *Vomitos pre-
tos*, dos quaes Volumes consagrōu a *Primeira parte*
a Nosso Senhor J E S U Christo, Rey dos Reys, e
Senhor dos Senhores, e mysteriosamente dedicou
a *Parte segunda*, que consta de cinco livros, ao nu-
mero quinario do Augustissimo Senhor D. Joāo V.
Rey de Portugal, como tambem intentava estam-
par primeiro douis Tomos de oitavo, com o titulo
de *Vieira abbreviada*, offerecidos ao Serenissimo Se-
nhor D. Joseph, Principe do Brasil, Nosso Senhor,
e finalmente pretendia dar ao Prēlo tres Volumes
de folha com o titulo de *Polymathia Medica Hermeti-
co-Galenica*, em que compendiou toda a doutrina das
Escholas Medicas antigas, e modernas, dedicados
ao Excellētissimo Senhor D. Gabriel de Alencaſ-
tro VIII. Duque de Aveiro, porque lhe parecia mais
acertado imitar a Santo Alberto Magno, que im-
primio no fim das suas douciſſimas obras, que se com-

y ij

poem

poem de XXI. grandes Tomos de folha, o seu livrinho de *Alchimia*, em que ensina a fazer a *Pedra Philosophal*, como se este tratado fora a coroa dos seus trabalhos literarios, e o fructo daquella Arvore da sciencia, ou o fim dos seus estudos. Mas como este mesmo exemplo se animou *Enodato* para sahir a publico com a sua *Ennea*, ou applicaçao do entendimento sobre a *Pedra Philosophal*, primeiro do que com as obras referidas, e outras, que virão nascendo a seu tempo, se antes do paro não malograram algum descontentamento os fetos, que já não saõ informes embriões, por sereim os desgostos as causas de abortarem os entendimentos, depois de terem concebido admiraveis, e fermosas idéas, porque sem embargo de estarem approvados os dito Volumes por todos os Tribunaes com honradissimos elogios, que lhes fizeraõ os seus doutissimos Censores, e conseguirem depois a ventura de poderem apparecer no Orbe Literario com beneplacito dos seus Augustissimos Protectores, por se não poderem imprimir com a mesma diligencia, e brevidade, com que se compuzerão, serà credito agora para *Enodato*, já que não pode igualar a Santo Alberto Magno na sciencia, excedello ao menos na ordem, e modo de imprimir as suas obras, principiando a impressão dos seus escritos, pôr onde acabou de estampar os seus Volumes o grande Mestre de Santo Thomaz de Aquino, Santo Alberto Magno.

Tambem não farás callar a *Enodato*, se te rises como Zóilo, se não o juizo de Aristarcho, de compor em Dialogo, escrevendo elle da *Pedra Philosophal*, porque em Dialogo escreverão quasi todos os *Hermeticos*, que trataraõ da *Chrysopeia*, como podes ver

ver na *Bibliotheca Chymica* do grande Medico Man-
geto. Pretenderão estes Philosophos (Medicos qua-
si todos) imitar a El Rey Salamaõ, que por modo de
Dialogo, segundo diz Andricomio, compoz o *Can-Christiani-*
cum Canticorum, em que docemente canta, não o Andricomio.
sonhado epithalamio do Sol, e da Lua, conforme Chronic.
erradamente imaginaraõ os *Alchimistas*, prelumin- An. 2930.
do temerariamente, que neste Cantico escrevera o
melmo Salamaõ os segredos da *Chrysopeia*, mas ou-
tro verdadeiro, e mysterioso epithalamio para de-
clarar, e explicar o incomprehensivel amor de Chri-
sto, e da Igreja Catholica sua Espõa, movendo
com maravilhosa graça, e doçura a qualquer alma
perfeita, e pura, a unirse, e abraçarle intimamente
com Deos. Porém sem imitarem tão fabio, Regio,
e antiquissimo Dialogista, entre os Gregos Plataõ,
Alexamenes, e Luciano, e entre os Latinos S. Gre-
gorio Magno, e o Papa Zacharias saõ honradissi-
mos exemplares, a quem depois imitaraõ outros fa-
mosos Escritores, que em diferentes materias escre-
verão em Dialogo; e por te não enfadar repetindo
os nomes dos mais celebres Dialogistas modernos,
entre os quaes tem o primeiro, e supremo lugar o
Principe D. Joaõ Manoel, filho do Infante D. Ma-
noel, e neto do Santo Rey D. Fernando, Author da-
quelle livro, ou milagre de agudeza, em que saõ Inter-
locutores o Conde Lucanor, e o seu Conselheiro
Petronio, bastava que o Principe dos Prègadore, o
grande Padre Antonio Vieira promettesse no Prolo-
go dos seus Sermões hum livro, que tinha ideado com
o titulo de *Prègador, e Ouvinte Christão*, em que por
modo de Dialogo ensinaria (como Apostolo doutri-
nando) as verdadeiras regras, com que o genio, e
o en-

o engenho illustraria a mesma Arte Oratoria. Mas naõ me saõ necessarios tantos exemplares humanos, tendo eu hum exemplo Divino, para com o primeiro livro do Mundo elogiar os Dialogos, principalmente fendo *Hermeticos*, e seguindo, ou imitando os *Adeptos* a este Divino exemplar, nunca devem emmudecer, posto que os *Mysochymicos* nunca deixem de se rir.

D. Basilio. Ho-
mil. 11. in He-
xam.

Esta grande machina do Universo, conforme diz S. Basilio, he hum livro escrito com letras, para publicar a gloria de Deos, que o compoz: *Universa hæc mundi moles perinde est ac liber literis exaratus palam contestans, ac depre dicans gloriam Dei.* Das mãos de Deos (segundo a ponderaçao, e amplificaçao do grande Bluteau) sahio este Mundo como hum livro, dividido em quatro partes, que saõ os quatro Elementos, e distincto em muitos generos, e especies de viventes, sensitivos, vegetativos, e racionaes, como em differentes capitulos, e paragrafos, e cheya de tantos caræcteres, quantas saõ as creaturas, que dentro nelle se encerraõ. Neste mysterioso livro os Montes, as Baleas, e os Elephantes saõ as letras cabidolas: as correntes dos Rios, e as estradas saõ as regras: as valas dos campos, e os atalhos das estradas as entrelinhas: nas areas, nos mosquitos, e nas formigas se figuraõ os pontos, e as virgulas: nos arcos celestes, que de tempo em tempo apparecem, se representao os parentes, ou clausulas da paz, que Deos antigamente fez com os homens: as prayas do Mar saõ as matgens, as Ilhas saõ as cotas: as charnecas, e os desertos saõ os vãos, ou espacos em que nada està escrito, e as horas dos dias saõ o numero das folhas: a Arvore da Scienza he a doutrina, a Arvore da

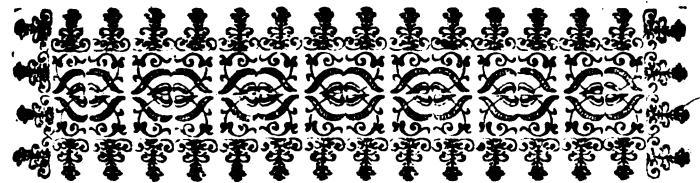
da Vida a utilidade, o Paraíso são as flores, as fontes a recreação, e o Mar a profundidade: os Monstros são as serratas (da Natureza, e não do Author della) e as produções mais perfeitas são as emendas: o tempo, que tudo descobre, he o index das matérias, e das coisas mais notáveis: o homem he o Leitor, e a morte o fim. Este livro sempre aberto à curiosidade dos nossos engenhos: *Mundum tradidit disputationem* Eccles. 3. 11. *etorum*, está envolto em si mesmo, forrado com as Esferas, e cuberto, ou encadernado com os Ceos, que são como pelles, ou pergaminhos: *Extendens Cælum sicut pellem*, os quais se estendem para o cubrir, ou encadernar. O Sol, e a Lua são como duas chapas, ou brochas, que tem mão nelle com o vigor das suas influencias. Fórm a *Via Lactea* huma filigrana de Prata para o adorno, e as Estrelas parecem preguinhos de Ouro em pasta azul, cravados com imperceptível artificio, e com estes esplendidos atavios, só o Céo podia dignamente vestir o livro, de que Deos he o Author.

Neste grande, e antiquissimo Volume todos os Ceos fazem, ou compoem hum só livro, como disse Isaías: *Conspicabuntur sicut liber Cæli*; e a empreza, Isai. 34. ou assumpto deste livro he apregoar dialogisticamente a gloria de Deos, e publicar as obras das suas mãos, segundo cantou David: *Cæli enarrant gloriam Dei*, Psam. 18. 21. & *opera manuum ejus annuntiat firmamentum*; porque alternando com a sua perpetua revolução as luzes, e as sombras, e fazendo com as sombras a noite, e com as luzes o dia, por modo de Dialogo a cada palavra com que pergunta o dia, responde com grande scien-
cia a noite: *Dies diei eructat verbum, & nox nocti in-
dicat scientiam*. Para desterrar o Dialogismo, em que
os

Ibid. 4.

os homens fallão só comigo , conversaõ , como interlocutores , o dia com a noite , com vozes , praticas , e palavras , que todos ouvem : *Non sunt loquellæ , neque sermones , quorum non audiantur voces eorum* ; mas como se praticarão a respeito da *Chrysopeia* , responde a noite muito escuro , ao que pergunta o dia muito claro. O dia tudo doura com a luz do Sol , e com esta *Tinctura Universal* , ou *Tinctura de Ouro* mostra claramente , que em Ouro transforma até os accidentes das cores , que he a mayor difficuldade , que os *Antichymicos* encontrão na *Philosophia dos Hermeticos* ; e a noite em cada Estrella mostra multiplicada a luz do Sol em infinitos globos de Ouro ; e desta forte provaõ no seu Dialogo a noite , e o dia , que existe no Mundo a *Chrysopeia* , e a infinita multiplicação do Ouro. E por mais que a Aurora , metida , ou entremetida entre o dia , e a noite , se ria todas as madrugadas , chorando ao mesmo tempo ver-se sem tanta luz , que possa competir com a claridade da dia , e com a sciencia da noite , nem por isso o Ceo se calla.

L I



LICENÇAS DO SANTO OFFICIO.

Approvaçao do Reverendissimo P. M. D. Antonio Caetano de Souza, Clerigo Regular, Qualificador do Santo Officio, e Academico da Academia Real da Historia Portugueza.

EMINENTISSIMO SENHOR.

VI o Livro intitulado *Ennaea, ou Applicaçao do Entendimento, sobre a Pedra Philosophal*, ou transmutaçao dos Metaes, &c. Author o Doutor Anselmo Caetano Munhôs de Avreu Gusmaõ e Castello Branco. Este Tratado he muy curioso, e de muy particular estudo, a qüe bem quadra o titulo de *Applicaçao do Entendimento*; porque aqui só obra a especulaçao, pois a practica desta sciencia naõ he mais que trabalho sem utilidade, e por isso os se- quazes desta Arte a perluadem por termos escondidos, e impenetraveis, por palavras enigmaticas, por orações cheyas de allegorias, taõ difficeis de entender, como de conseguir a transmutaçao dos Metaes viz em Prata, e Ouro.

z

Esta

Esta sciencia, a que daõ nome de *Alchimia*, a que se attribue fabuloso, e antiquissimo principio, tem cançado muitos, e grandes engenhos na sua practica, e em que se tem escrito diversos Tratados por homens doutos, a que a ambiciosa ancia de conseguir o invento da *Pedra Philosophal* levou infretamente o tempo, e a alguns os cabedaes.

E querendo os que segueni esta Eschola fortificar a sua opiniao, mostrando a grandeza desta Arte, a imaginao practicada nos primeiros seculos do Mundo. Naõ duvido, que taõ antiga he nos homens a avariza ! Porém os fundamentos de que se valem naõ saõ, os que quadraõ a *Alchimia*, por ser bem diferente a transmutaõ dos Metaes em Prata, e Ouro.

Alguns entenderaõ, que tivera principio este invento em Cham filho de Noe, primeiro Rey do Egypto, e que delle aprenderaõ esta Arte os Egypcios; porém era outra a Arte de fundir Ouro, e Prata, que os Egypcios uzaraõ. Suidas refere, que o Emperador Diocleciano no fim do terceiro seculo fizera ajuntar os manuscritos dos Egypcios, que tratavão da materia de fundir Ouro, e Prata, e os fizera queimar, para os livrar desta sorte de consumirem as suas fazendas. Nem aquella Arte de fundir o Ouro, e Prata era a *Pedra Philosophal*; porque se o fora, naõ era grande o segredo, pois era comum em todo o Egypto.

Naõ falta, quem diz, que Salamaõ a exercitou, pela grande copia de ouro, que despendeo, querendo esteja incluida nos livros apocrifos desse Rey, a que daõ o nome de *Clavicula*, augmentando-se em outros tanto este delirio, que impiamente ouzaraõ dizer, que o livro *Cantica Canticorum* era hum Epis-

Epithalamio do Sol, e da Lua, em que Salamão escrevera os segredos da *Alchymia*, o que he ridiculo, ainda que naõ souberamos, que de Ophir o transportou com naõ pouco trabalho.

Desta sorte com extravagantes imaginaoens, e paradoxos querem acreditar esta Arte os seus Professores, numerando fingidos successos acontecidos em diversos tempos, e lugares. O que he certo he, que se não acha Author algum, que fallasse na *Alchymia* antes da vinda de Christo, e ainda muito depois. De Julio Firmico celebre Astronomo, que viveo no quarto seculo, affirmaõ, que conhecera a *Alchymia*; porém havendo, quem examinasse os seus originaes na Bibliotheca Vaticana, se lhe naõ acha tal palavra, de que se infere, lha enxeriraõ os novos *Alchymistas*, para authorizarem esta Arte, a qual nõ he tão antiga, como querem perjuadir.

De mais, que Geber grande Philosopho, que viveo no fim do oitavo seculo, ou no principio do nono, que os Mouros tem por principal Author desta Arte, como escreve Leão Africano, onde na sua descripçao da Africa diz, que em a Cidade de Fèz era tão seguida, que nella havia hum grandissimo numero de *Alchymistas*, os quaes intitulavaõ a Geber Rey, com tanto respeito, que seguem com superstição a sua doutrina; sendo como huma especie de Seita a tal Escola, como de gente barbara, e falta de Fè, como foy o mesmo Geber, que dizem ter nascido Grego, e de profissão Christão, de que apostatara por seguir a Mafoma: outros o fazem natural da Cidade de Sevilha, e originario de Arábes, que muitos tem por inventores da *Alchymia*.

Mas seja, quem fosse o inventor da *Alchymia*, a es-
z ij te

te proposito referirey, o que disse hum Author Franc
cez de bom humor, e com singular reflexão, que ha
via quatro cousas, sobre que os Philosophos, e Ma
thematicos trabalhavão havia tanto tempo, sem que
tirassem proveito, ou as estabelecessem em práctica.
A primeira he a *Quadratura do circulo*: a segunda hu
ma machina, que tivesse hum *Movimento perpetuo*: a
terceira huma *Alampada inextinguivel*, pelo meyo de
hum tal oleo, e de huma torcida, que não se consu
misse; e a quarta a *Pedra Philosophal*, ou a Arte de
fazer Ouro, e Prata pela transmutaçao dos Metaes.

Naõ ha duvida, que Arnoldo de Villanova, Raymundo Lullo, Joaõ Azoth, Paracelso, e ou
tros homens grandes, de que tambem faz mençaõ
este Tratado, seguiraõ, e ostentaraõ a parte da trans
mutaçao dos Metaes na *Alchymia*, de quem muitos
affirmaõ conseguiraõ o effeito da *Pedra Philosophal*,
asseverando, que na liçaõ dos seus livros a achara
aqueelle, que com applicaçao por elles estudar. Com
tudo esta materia passa por inverosimel em Autbo
res de grande nota, pois em o discurso de tão larga
serie de annos nunca appareceo a utilidade deste
estudo; muitos sim empobreceraõ com o festro de
acertar pela *Alchymia* a *Pedra Philosophal*; mas naõ
se sabe, que nenhum destes operarios se fizesse tão
poderoso, como devera, tendo dentro da sua casa
huma inexhausta mina de Ouro, e Prata, que naõ
tinha fim nas fornalhas das suas fabricas; pois con
fórme a sua doutrina, pela transmutaçao dos viz
Metaes, podiaõ ter immensa abundancia de Ouro,
e de Prata, e por este segredo, se augmentar por
hum só homem huma Monarchia à mayor felicida
de. E que naõ houvesse hum destes, que alcancaraõ o
segre-

segredo da *Pedra Philosophal*, que tivesse hum es-
pirito heroico, de se fazer celebre no Mundo pela
riqueza, e ser por ella instrumento da gloria da sua
Patria, e da sua Naçāo? Porém como no Reynado
de Luiz o Grande de França favorecedor das Scien-
cias, e das Artes, e larguissimo remunerador dos es-
tudos, se lhe naõ manifestou, havendo no mesmo
tempo, quem escreveo, e imprimio, como soy o ce-
lebre Cosmopolita, de quem se contaõ tantas cou-
fas; muito menos me persuadirey, a que o tenhaõ
conseguido alguns, que se diz o achārāo, para
viverem taõ parcamente, andando sempre como fu-
gitivos de hum lugar para outro, sem habitaçāo
certa, como se refere, o que he incrivel.

Ainda supposto o referido, naõ posso deixar de
dizer, que esta sciencia he portentosa, ainda naõ
conseguida a utilidade, que se persuade; e que ef-
te Tratado he muy curioso, e que tem hum excel-
lente methodo; e que assim como em diversas lin-
goas se tem impresso outros deste assumpto, Vossa
Eminencia lhe deve dar a licençā, que seu Author
pede para o imprimir; porque ainda que se naõ tire
mais, do que instruir a idēa com especulações sem
proveito, he huma demonstraçāo da litteratura do
Author, com que quer encaminhar aos curiosos a
Philosophia experimental, paraque applicando-se
a estudos grandes, e dificeis em proveito da Patria,
lhe possaõ ser taõ uteis, como o saõ as suas letras
medicas nesta Corte, naõ sendo só estas as suas me-
lhores partes; porque na Republica das letras tem
elle hum grande lugar. Este he o meu parecer. Lis-
boa Occidental na Caſa de Nossa Senhora da Divi-
na Providencia 9. de Fevereiro de 1730.

D. Antonio Caetano de Sousa, C.R.

Ap-

*Approvação do M. R. P. M. Fr. João Baptista Troiano,
Mestre jubilado na Sagrada Theologia, Prior do Con-
vento de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa Oc-
cidental, Deffinidor perpetuo da sua Província, e Qua-
lificador do Santo Offício.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

O Livro intitulado *Enmea, ou Applicaçao do En-
tendimento sobre a Pedra Philosophal*, ou trans-
mutação dos Metaes escrito pelo Doutor Ansel-
mo Caetano Munhós de Avreu Gusmão e Castello-
Branco, li com summa curiosidade, e attenção; e
he obra de grande engenho, e de particular estudo,
na qual o Author dà testemunho do amor, que tem
a Naçao, pois a quiz acreditar com esta obra, so-
bre cuja materia naô sabemos escrevesse Author Por-
tuguez, sendo tantos os Estranhos, que della tra-
taraõ. Se he, ou naô he possivel a transmutação dos
Metaes viz em Ouro, ou Prata por força da Arte,
ou se se pôdem reduzir a praxe os dictames desta
Philosophia, naô me toca a sua averiguacão, ex-
perimente-o, o que tiver curiosidade, e sciencia,
que a mim só me toca o exame, pelo que respeita a
Fé, e bons costumes, no que em nada pecca a di-
ta obra. Em cujos termos julgo, se lhe deve con-
ceder ao Author a licença, que pede. Carmo de Lis-
boa Occidental 1. de Março de 1730.

Fr. João Baptista Troiano.

Vistas

Vistas as informações, podé-se imprimir a *En-
næa, ou Applicaçao do Entendimento, sobre a
Pedra Philosophal*, que compoz o Doutor Anselmo
Caetano Munhós de Avreu Guimão e Castello Bran-
co; e depois de impressa tornará, para se conferir,
e dar licença, que corra, sem a qual não correrá.
Lisboa Occidental 6. de Março de 1730.

Fr. R. Lancastro. Cunha. Teixeyra.

Sylva. Soares.

DO ORDINARIO.

*Approvaçao do M. R. P. M. Manoel Monteyro da Con-
gregaçao do Oratorio, Doutor na Sagrada Theolo-
gia, e Missionario Apostolico.*

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

Lo Livro intitulado *Ennæa*, composto pelo
Doutor Anselmo Caetano Munhós de Avreu
Guimão e Castello Branco, e a lição de obra tão
erudita me confirmou o pensamento, em que eu es-
tava, que em tão grave Doutor não era possível des-
cobrir, que censurar, como a semelhante intento es-
creveo Cassiodoro: *Neque enim fas erat, ut quod Cassiod. Ep.
tantus Doct̄or produxerat, nostra sententia in eo aliquid 22.
corrigendum inveniret.* O titulo de *Ennæa*, que quer
dizer *Applicaçao do Entendimento*, bem dà a conhecer
o do

o do Author, mostrando-o tambem applicado, como solido profundo, e discursivo.

A materia he quasi taõ antiga como o mesmo Mundo; porque Author houve, que naõ contente com dar a esta Arte o nascimento em Misraim filho de Cham, primeiro Rey Egypcio, a fez infusa em Adaõ, primeiro Pay do Universo. E com esta antiga profapia acreditou a *Chrysopœia* em hum livro, que intitula: *Gloria Mundi, alias Paradisi Tabula*. O certo he, que ainda que a sua antiguidade naõ seja tanta, he muita; porque Hermano Boheraave Medico insigne affirma, que ja da *Chrysopœia* apontou alguma cousa Eneas Gassero, que floreco no quinto seculo, desde o qual foy sempre em augmento, crescendo com os annos os Professores *Chrysopœios*, sem embargo, que em todos os tempos teve esta Arte impugnadores accerrimos, negandolhe huns a possibilidade, e outros a existencia; por cuja causa se empenharaõ em defender huma, e outra muitos Philosophos, e muitos *Chymicos*, fundados nos principios Aristotelicos, e Cartesianos, entre os quaes saõ sem controversia insignissimos Joao de la Fontaine, Nicolao Flamello, Henrique Madathano, Arnaldo de Villanova, Joao Federico Helvicio, Raymundo Lullio, Bernardo Trevisano, Theophrasto Paracelso, e Theophilo, que traduzindo o tratado de *Alchymia* de Erineo Philaleta confirma com a doutrina do Doutor An-

In Proleg. ad Inst. Alchem. Div. Thom. gelico a verdadeira existencia da *Aurifactoria*, ac-
2.2.q.77.n.2. crescentando, que diz o Santo; que o verdadeiro Ouro, que por esta Arte se fizer, se põde licitamente vender, que val o mesmo, que assentar por certo, que por esta Arte se põde fazer Ouro; pois se

se assim o naõ assentara ; escusado fora resolver a questaõ da venda, porque feria de *subjecto non supponente* , como lhe chamaõ os Philolophos , e nota o Author com agudeza bento advertida,

Enti sim esta transmutaçao *Hermetica* , e esta Arte *Espagyrica* tem sido de vellido emprego de tantos engenhos , e curioso assumpto de tantos livros , que na *Bibliotheca Chymica* se contaõ mais de quatro mil Authores ja impressos , lendo talvez mais de outros tantos , os que tem accrescido depois , que se deo à estampa a referida *Bibliotheca* . Porém entre todos pôde ter o melhor lugar este , que agora se pretende imprimir ; porque entre os que vio Theobaldo Hoghelande , que forao mais de cem , como Theob. Hogelle diz , no que compoz , nenhum achou , que comi hel. de Diflic. clareza tratasse esta materia , porque todos a envolvem em taõ chigmaticos termos , que nem mii Edi-
pos pôdem decifrallos . E esta circunstancia he , a que singularmente acredita lo Author de taõ implicada obra , explicar-se de tal maneira , que naõ se podes-
rà achar , quem deixe de a perceber . Nem he truit-
to , que seja tanta a sua clareza , pois he proprio dos
grandes Doutores serem luzes : *Luminis nomine Do-* Pier. Valer.
tores appellantur , disse Pierio Valeriano . Verb. Lu-
men.

Mas se por este principio se faz entre todos uni-
co , naõ o he menos por eruditõ , subtil , grave , elo-
quente , e copioso : os seus conceitos , e os seus
discursos saõ taõ bem fundados , e taõ persuasivos ,
que a vontade gostosa se lhes inclina , e o entendi-
mento rendido os abraça ; porque a erudiçao sagra-
da , e profana faz duplicada ; mas suave força . : e
sendo este livro taõ singular na clareza , comi que
se explica , na energia , comi que persuade , na for-

ça com que convence, e no estylo, e methodo com que está composto, atè se singularisa em ser o primeiro desta materia na lingoa Portugueza, circunstancias, que bastando divididas para o fazerem raro, todas juntas o constituem maravilhoso, como a semelhante intento disse Cassiodoro : *Habent hæc sigillatim distributa præconium, conjuncta miraculum.* E quando não bastara, para acreditar de verdadeiro este Systema, a copia de Authores, com que se corrobora, e a multidaõ de exemplos, com que se confirma, a mesma contextura do Livro he evidente prova da verdadeira existencia da *Chrysopœia*, ou *Aurifactoria*; porque se esta (como querem muitos) tem o Vitriolo por materia, este, que tambem o he da tinta, com que se escreveo a obra, soube o Author converter em tantos bocados de ouro, quantos saõ os periodos dos seus Dialogos. Nem he muito, que seja de ouro o estylo deste Tratado, porque este he do Author o estylo proprio, ou escrevendo, ou fallando, ou na conversaçao, ou na disputa, sendo sempre tão aurea a sua eloquencia, que se pôde com verdade dizer della aquillo, que da de Hercules se fingia, pois quando discorre com fraze tão corrente, como com cadeas de ouro prende, a quem o ouve.

Finalmente neste Livro se verão o principio certo; porque o seu Author obra com tanto acerto na Arte da Medicina, que professa; pois quem sabe descobrir a *Pedra Philosophal*, que he *Medicina universalissima*, não pôde deixar de ser singular na Medicina. Assim o tem mostrado a experientia, achando os enfermos na sua practica tanta utilidade para dilatar a vida, quanta os saõs na sua theorica para bem

bem empregalla. Pelo que me parece a obra muito digna de sahir à luz publica. Vossa IllustriSSima mandará, o que for servido. Congregação do Oratório 14 de Junho de 1730.

Manoel Monteiro

Vista a informaçāo, pôde-se imprimir o Livro, de que se trata, e depois de imptesso toñe para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 15. de Junho de 1730.

Gouvea,

aa ij

DO

¶ ¶ ¶ ¶ ¶ ¶ ¶ ¶ ¶ ¶ ¶ ¶ ¶ ¶ ¶ ¶

D O P A Ç O.

Approvação do Reverendissimo Padre D. Raphaël Bluteau, Doutor na Sagrada Theologia, Prègador da Rainha de Grão Bretanha Henriqueta Maria de França, Qualificador do Santo Offício no Sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa, e Academico da Academia Real.

S E N H O R.

O Bedeço a Vossa Magestade : e começando pelo titulo da obra , a que seu Author , o Doutor Anselmo Caetano Munhós de Avreu Gusmão e Castello Branco , quer dar a luz , com grande razão , e com discreta novidade lhe chama *Ennaea* , vocabulo Grego , composto da proposição *En* , e do nome

notme *Noos*, ou *Nous*, palavras, que valem a mes- Amalth. Iau-
mo, que *Applicaçao do Entendimento*, segundo o sen- rent.
tido, que Authores de Vocabularios lhe daõ, e neste
papel he parto da perspicaz intelligencia, e agudis-
simo juizo do seu Author.

Todas as obras bem governadas necessitaõ de
applicaçao intellectual, principalmente livros de
materias controversas, porque da variedade das no-
ticias, e opposiçao dos juizos resultaõ opiniões
taõ contrarias, que a verdade combatida, e vacil-
lante não sabe, que partido ha de tomar para o acerto.

Na minha opinião abaixo das questões sobre
pontos, e artigos de Fé, nas Escholas, e Acadé-
mias ha muitas materias dignas da *Applicaçao do*
Entendimento humano, e ainda que intrincadas, e
difficulcozas de averiguar, merecedoras da investi-
gaçao dos especulativos, como entre outras, a exis-
tencia do Fenix, a que com versos hexametros des-
creveo Claudio com tanta miudeza, como se o
tivera criado em casa; e a Quadratura do Círculo,
que no seu Tractado de *Mathematicis complementis*,
o Cardeal Culano reprelenta, ou pretende demo-
strar como invento da sua Iciencia eminentissima.

Na possibilidade da *Pedra Philosophal* se divi-
dirão engenhos subtilissimos com taõ douta, ainda
que diversa applicaçao, que para muitos deixarão
a questaõ indecisa. Na minha opinião se se pode-
rá ajuntar os Authores, que nesta materia escre-
verão *pro*, e *contra*, taõ grande seria o numero dos
que affirmão a existencia da ditta Pedra (que po-
tém não he Pedra) como o dos que a negão.

Hum dos mais communs argumentos, com que
os *Anti-Chymicos*, ou *Anti-Lullos* quereim provar,
que

que não ha, nem houve tal Pedra no Mundo, ~~he~~
que não consta claramente, que houvesse Professo-
res conhecidos, e authenticos desta admiravel trans-
mutação de Metaes impuros em Ouro. Mas contra-
esta objecção, quem havia de ser tão imprudente,
e inimigo de si mesmo, que se quizesse declarar pe-
rito, e Mestre em huma Arte, em que qualquer Mo-
narcha havia de folgar de ser discípulo, e apreadiz,
não só para ter em casa huma mina aurifera para
todo o genero de emprezas, mas tambem hum ali-
xipharmaco contra toda a sorte de doenças.

Todo o homem possuidor de tão raro thesouro
se veria quasi obrigado a viver desconhecido, e an-
dar por este Mundo sempre peregrino, como se
conta do Cosmopolita, e de Federico Gualdo, do
qual se diz em hum livrinho, impresso em Colo-
nia anno de 1694. que chegando a saber, que em
Veneza, onde residia, a gente tinha fundamento para
creer, que por virtude da *Chrysopœia* elle passava de
trezentos annos, *Insalutato hospite desappareceo* com
o receio, de que o Senado com premios, ou amea-
ços o obrigasse a manifestar o segredo de tão dura-
vel conservação, como sucedeo a Raymundo Lul-
lo, a quem Duarte III. Rey de Inglaterra teve pre-
so em huma torre de Londres, da qual sahio para em
praça publica converter em Ouro huns sinos da dita
Cidade, com condição, que o dito Rey se vale-
ria daquelle Ouro para a guerra contra os Turcos,
ao que o dito Rey faltou, e moveo guerra a Fran-
ça, e o dinheiro da dita transmutação foý chama-
do *Nobile Raymundi*, como ainda hoje se vê em al-
gumas moedas, que os curiosos conservão; e se me
não engano, ainda hoje em Inglaterra chamada *No-
ble*.

ble. Em França ; ouvi dizer , que do grande con-
cuso da gente , que em Londres acudio a ver a con-
versão dos sinos em Ouro , o dito Raymundo des-
cramente escapulio , e feito Religioso de S. Fran-
cisco , passou a pregar a Fè em Africa , onde na ida-
de de oitenta annos os Mouros o apedrejáro. O
seu corpo foy trasladado a Malhorca , onde o Santo
Varão he venerado como Martyr. Em Autho-
res Latinos consta o seu elogio destas trez palavras
Chymie , & Medicinae peritissimus.

Tambem correu perigo de ser apanhado o famo-
so Alchimista Nicolao Flamel , porque o Rey de
França Carlos VII. ouvindo os grandes gastos do
dito Flamel na fundação de quatorze Igrejas , e ou-
tros tantos Hospitaes , mandou (pelo que escreve
Borel) a hum *Mestre de Requetes* , chamado *Cramoi-
sy* , que tomasse conhecimento dos meyos , com que
ajuntara cabedaes para taõ exorbitantes dispêndios.
Mas ao dito Ministro tapou Flamel a boca com hum
vidro cheyo de pôs , a que os da Arte chamão de
Projeçao , e servem para purificar Metaes , e con-
vertelos em ouro vivo , e accrescentar a opulencia.
Por não ficar vítima da ambição dos Potentados
nenhum dos *Philosophos Hermeticos* , *Espagyricos* , e
curiosos da mayor , e melhor Arte do Mundo , com
homens poderosos se facilita ; mete-se nas suas con-
chas , anda peregrino , ou vive solitario ; mas con-
tente ; porque com dinheiro para o necessário , e
medicamento para doenças ; e se lhe fora possível ,
se fizera invisivel a si mesmo.

Parece , que a este genero de felicidade aspira-
rão os Irmãos chamados da *Rosa Cruz*. Ha huns annos , que em Alemanha se erigio com este titulo hu-
ma

ma Irmandade de *Philosophos*, que tambem se chama-vaõ os *Invisiveis*, e elles o eraõ de sorte, que com in-violavel fidelidade observavaõ as Leys, e Regras da sua instituiçaõ; carteavaõ-se com enigmas, e se presavaõ de saber segredos, ainda mais notaveis, que o da *Pedra Philosophal*; porém a sua invisibili-dade era o seu mayor mysterio; porque com ella não ficavaõ expostos à perigosa curiosidade dos Grandes, mas com o tempo se vejo á conhecer, que a mayor parte dos Arcanos, que elles attribu-hiaõ ao seu grande estudo, e penetraçao do espiri-to, eraõ chymera de fabulosa jactancia. Eu aqui naõ faço mençaõ delles, senaõ para confirmar o prudente recato, com que devem viver os que tiverem a fortuna de conseguir algum notavel descobri-miento em Arte, ou Sciencia; porque necessitao de ouro anel, como o de Gyges, para se fazerem in-visiveis, em quanto houver Magnates no Mundo.

A reputaçao desta tão recondita Sciencia mudi-tas vezes prejudica muito a vaidade, dos que com ra-zoens sophisticas, expériencias apparentes, e apocryphas tradiçoes, quizeraõ certificar a sua exis-tencia. A estes apaixonados padrinhos do *Lapis* te-nho ás vezes ouvido provas, que atè na Sagrada Es-critura pareciaõ solidamente fundadas. He verda-de, que no livro quarto de Eידras Capitulo oitavo ver-siculo segundo, que se acha no fim da Biblia, diz o Texto: *Dabit tibi terram multam magis, unde fias fictile, parvum autem pulverem, unde aurum fit;* e com errada exposiçao querem, que nestas palavras se declarem os pontos principaes da *Pedra Philosophal*, a saber a transmutaçao em ouro nestas qua-tro: *Terram unde aurum fit;* e a multiplicação do mes-

mesmo Ouro nestas seis : *Parvum autem pulverem, unde anrum fit* ; mas no dito lugar taó fóra está o dito Eldras de fallar em *Alchymistas*, que o seu intento he tratar dos castigos, que Deos dà aos pecadores impenitentes, e dos premios, com que ha de remunerar os justos.

Com esta advertencia naõ pretendo destruir os fundamentos, que a douta, e subtilissima especulação do Author deste opusculo, assenta a possibilidade, e certeza da *Pedra Philosophal*; porque o seu fim he querer, que saiba o Mundo, que tambem em Portugal ha engenhos capazes para penetrar nos Arcanos da mais occulta *Philosophia*, e aos vassallos de Vossa Magestade naõ he totalmente infructuoso este estudo; porque na pratica das suas operaõens, muitas vezes succede, que trabalhando inutilmente no que se busca, sahem felices abortos, quero dizer, efeitos não esperados das materias, e dos modos com que se obra; e neste caso esta *Enseña* do Author não sómente seria *Applicaçao do Entendimento*, mas efeito, e fructo de huma laboriosa especulação, e de huma docil credulidade.

Muitas outras utilidades tacitamente pedem, que Vossa Magestade permitta, que este opusculo laya a luz; porque supposto no exercicio desta Arte, empobreceraõ alguns, que esperavaõ enriquecer, a muitos outros succedeo o contrario. De mais do que, por fortuitos desastres naõ perdem as Artes o credito. Quantos Astrologos com falsas prediçoens fizeraõ mentir as Estrellas? E das regras da metoposcopia, quantas vezes injustamente se queixarão os Physionomistas? Como se em todos os rostos se obrigara a natureza a pintar fortunas, ou infortunios.

A isto se accrescenta, que a *Chrysopeia* naõ h^e Sciencia para todos; para muitos he, e sempre se-
rà enigma; porém das notícias, que nesta obra a todos poderão ser variamente proveitosas: aos *Her-
meticos*, porque os confirma na sua profissão; aos *Anti-Hermeticos*, porque os instrue, e desengana; aos *Rhetoricos*, porque com grande elegancia, e muita erudição o Author se explica; aos *Philoso-
phos*, porque representa possivel a transmutação de hum Metal, em outro; aos *Theologos*, porque na esphera da Natureza a obra parece milagre, e demonstração da omnipotencia Divina; aos *Monar-
chas*, pode encher, e rechear os seus thesouros; aos *Pobres*, porque com ricas esmolas a caridade os po-
derà tirar de lazeira; e finalmente ao *Author*, por-
que pela impressão destas folhas communica a sua patria a inteligencia de huma obra, que pede mui-
ta *Applicaçao do Entendimento*, chamada de seus pro-
fessores *Obra Magna*, e que pelo beneplacito de Vossa Magestade, se-rà *Obra Maxima*, *Obra sum-
ma*, e ainda que pequena muito preciosa, porque auriferaria, e tão *Aurea*, que sem minas dà Ouro, e com pôs o multiplica. Lisboa Occidental Casa dos Clerigos Regulares de N. Senhora da Divina Providencia 29. de Julho de 1732.

D. Raphaël Bluteau. C. R.

Que

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresto tornará à Mesa, para se conferir, e taxar, que sem isso não correrá. Lisboa Occidental 30. de Julho de 1732.

Pereira. Teixeira. Bonicho. Rego.

Está conforme com o seu Original. Lisboa Occidental na Casa de N. Senhora da Divina Providencia 24. de Março de 1733.

D. Antonio Caetano de Souza. C.R.

VIsto estar conforme com o Original pôde correr. Lisboa Occidental 24. de Março de 1733.

Fr. Alencastro. Cunha. Teixeira. Sylva. Soares.

VIsto estar conforme com o Original pôde corre. Lisboa Occidental 27. de Março de 1733.

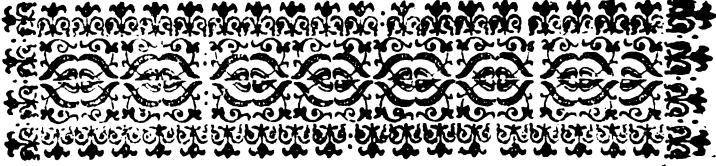
Gouvea.

Taxaõ este Livro em 1000. reis em papel, para que possa correr. Lisboa Occidental 28. de Março de 1733.

Pereira. Teixeira. Rego.

bb ij

INDI-



INDICE DO CAPITULC, INTRODUCÇAO, E PARAGRAFO, Que se contém no Dialogos, de que consta a PRIMEIRA PARTE DESTA ENNÆA. DIALOGO PRIMEIRO.

CAPITULO UNICO. Da origem, antiguidade, e excellencia da Arte Magna; e dos seus douos mayores mysterios, que são a Chrysopeia, e Argyropeia, com que os Hermeticos evitão todas as enfermidades, curaõ todas as doengas, dilataõ muito tempo as vidas, e transformaõ em Pra.

- Prata, e Ouro todos os Metaes.* pag. 1.
- §. I. *Introduçao do primeiro Dialogo.* pag. 1.
- §. II. *Da origem, etymologia, e antiguidade da Chymica.* Pag. 6.
- §. III. *Proseguindo a mesma materia da-se noticia de Hermes.* pag. 20.
- §. IV. *Da excellencia, e mysterios da Arte Magna.*
pag. 23.
- §. V. *Da Chrysopeia dos Hebreos.* pag. 35.
- §. VI. *Da Arte Magna de Salamaõ.* pag. 41.
- §. VII. *Responde-se a huma objecção.* pag. 56.
- §. VIII. *Da Chrysopeia dos Philosophos, e Medicos*
provada com a expediçao dos Argonautas.
pag. 85.
- §. IX. *Da Chrysopeia dos Romanos, Arabes, e de*
Nações do Mundo, provada com autoridade
dos seus Historiadores, Medicos, Philosophos,
Jurisconsultos, e Theologos. pag. 112.
- §. X. *Prova-se a existencia da Chrysopeia com ex-*
emplos succedidos em varios Reinos. pag. 140.
- §. XI. *Êlogio dos Hermeticos peregrinos.* pag. 157.
- §. XII. *Refutao-se finalmente todos os mais argumen-*
tes, que contra a Chrysopeia oppoem o Reve-
rendissimo Feyjoo no seu Theatro Critico.
pag. 171.

SUP:

SUPPLEMENTO DO SUPPLEMENTO.

NO fim da undecima pagina do Supplemento desta obra ficou truncado o paragrafo que principia: *Nem se pôde impugnar Logicamente esta transformação dos Sinos em Ouro, &c.* Por isso se imprimio diminuto, ou infórmee este syllogismo: *Nenhuma cousa omittida por todos os contemporaneos Escrittores he verdadeira; a transformação dos Sinos de Londres em Ouro feita por Raymundo Lullio he cousa omittida por todos os Authores, ou Escrittores contemporaneos: Logo a transformação dos Sinos em Ouro, feita em Londres por Raymundo Lullio, não he verdadeira.*

E à vista do Amannuénse deixar no tinteiro syllabas, palavras, regras, periodos, e discursos inteiros, não se admire o Leytor douto de que trocasse diphongos, como se vê nos titulos, e em varias partes desta obra, aonde por ficar o diphongo de *æ* trocado por diphongo de *ə* vemos erradamente escrito *Ennæa* em lugar de *Ennea*, que he a palavra grega que signisica *Applicaçao do Entendimento*. Finalmente na Approvaçao de D. Rafael Bluteau faltaõ quatro palavras, que agora vaõ escritas em grifo unidas com as precedentes. Na segunda regra do paragrafo antepenultimo se deve ler: fundamentos, *em que*, &c. Na terceira regra do paragrafo ultimo se deve ler: *nesta obra se encerrão*, &c. E depois da palavra *Monarchas* falta *porque*, que justamente devo restituir a este discurso por gratificação da honra, que o Autor me faz com este elogio.

SUP₃

SUPPLEMENTO

DE ALGUNS DISCURSOS DESTA ENNÆA;
que da Estampa sahiraõ defectuosos, e imperfeitos; porque
o Amannuense quando copiou o seu original omitio algu-
mas addicçõens marginaes, que o Author tinha
escrito nos seus lugares, para complemento
desta obra.

§. I.

Todos os Authores de livros, que sahem errados do Prêlo, costumaõ dar neste lugar huma satisfaçao aos Leitores, culpando ao Impressor, e ao Corrector como cumplices nas suas erratas. Porém ainda que no Prologo està escrito a folhas 48. regra 25. considerarey em lugar de *condemnarey*, a folhas 8. do primeiro Dialogo regra 15. *Zofino* em lugar de *Zozimo*, a folhas 166. regra 18. *xas* em lugar de *fixas*, a folhas 168. regra ultima, *Carmoify*, em lugar de *Cramoify*, e em outras paginas, e regras se achaõ outras muitas imperfeiçõens, que o Leitor perdoará, e emmendarà; quando as for encontrando: naõ me queixo destas venialidades vendo, que saõ poucos os paragrafos, em que naõ faltem palavras, oraçõens, Textos, authoridades, e às vezes soluçõens, e argumentos; de que se compoem discursos-inteiros. Mas como esta *Ennæa* nos Criticos, e nos escrupulosos acharà muitos inimigos, naõ he justo, que saya desarmada ao dezafio. Como para conseguir a sua empreza intenta provar, que Feyjoo não he Critico, e persuade, que Salamaõ soy *Hermetico*, não escrevo neste Supplemento senão o que omitio o Amannuense, respeçtivo a este assumpto.

§. II.

Primeiramente na regra 12. da 10. pagina falta neste discurso, o que agora vay escrito em *grifo*, en-

tre as palavras, que vão copiadas de redondo: mais facilmente escurecem as suas luzes do que extinguem as luzes perpetuas; porque como diz S. Paulo aos Romanos, não tem defesa alguma o Juiz, que julgando a outro homem, na sua propria sentença se condena, fazendo incoherentemente o mesmo, que em outra pessoa censura: Propter quod inexcusabilis es, o homo, omnis,

Ad Rom. 2. 1. qui judicas. In quo enim judicas alterum te ipsum condennas: eadem enim agis, que judicas. Primeiramente para extinguir estas luzes, &c. E na mesma pagina na regra 23. se havia de escrever: seguiu a narração só de Aristobulo, Historiador Grego, condennando-se inexcusavelmente por censurar em Liceto aquillo mesmo, que approva em Arriano; porque ambos estes Autores são unicas, e singulares testemunhas do facto, ou do sucesso, que affirmão: In quo enim judicas alterum te ipsum condennas. Para eu agora condennar a Feyjoo com o seu proprio juizo, e sem nenhuma escusa, nem defesa pergunto, e responda Feyjoo, ou alguém por elle: e porque não merece tanto credito Liceto, &c. No fim da pagina 14. do primeiro Dialogo falta este paragrafo inteiro. Como Feyjoo crê as autoridades de tão graves, e doutos Escritores entre os quaes tem o primeiro, e principal lugar Santo Agostinho, ouça agora a sua incredulidade a prejudicial consequencia, que se segue a qualquer incredulo da humana autoridade, fundando-se para sua mayor confusão na doutrina do mesmo Santo. Todo o homem, diz Agostinho, que nega a fé, e duvida o credito à autoridade humana fica obrigado a confessar, que não sabe de quem be filho, porque sendo certo, que qualquer homem deve a noticia, e conhecimento de quem be seu pax só à confissão, e autoridade de sua mãe; e não conhece quem be sua

sua māy senão pela authoridade, e testemunho das part-
teiras, amas, e criadas, que lhe assisirão ao parto :
duvidando o filho incredulo do testemunho das parte-
iras, e negando o credito às criadas, e amas a respe-
to de sua māy ; e não credo a confissão, e authoridade
materna a respeito de seu pay, por serem estes testemu-
nhos humas asseverações fundadas em authoridade, e
fé humana, não sabe, nem pode saber o incredulo, de
quem he filho ; porque negada a humana authoridade
daquellas testemunhas (que certificação ser o filho na sua
prezença nascido, e não roubado, ou trocado por ou-
tro) não poderá por outro modo averiguar, quem fôrão
seus verdadeiros pays ; e com tudo he tão crivel, e res-
peitada a authoridade humana, que não se podendo ave-
riguar, nem saber por outro modo esta verdade, a cren-
ciamissimamente os homens, sem nenhuma duvida, fun-
dados só na authoridade daquellas tão pouco authori-
sadas pessoas : Non enim ratione ullo pacto sciri po-
test : sed interposita matris autoritate de patre cre-
ditur : de ipsa vero matre plerumque nec matri, sed
obstetricibus, nutricibus, famulis. Nam cui furari fi-
lius potest, aliisque supponi, nonne potest dece-
pta decipere? Credimus tamen, & sine ulla dubi-
tatione credimus, quod scire non posse confitemur.
E daqui se segue agora, que assim como, quem nega a hu-
mana authoridade, não pode saber, de quem he filho; tam-
bem todo o homem, que nesta duvida affirma com to-
da a certeza, quem he seu pay, não pode sem inexcu-
sável contradicção negar a fé, e authoridade humana;
e como Feyjoo sem ter outros fundamentos, que os aci-
ma referidos, affirma no seu Theatro Critico ser fi- Feyjoo Tom.
lho (sem nenhuma duvida) do Señor Don Antonio 4. Discurs. 14.
Feyjoo Montenegro, deve tambem confessar, que não §. 23. num. 85.

Div. Aug. lib.
de Utilitat.
credend. cap.
11.

pôde negar sem manifesta contradicção da sua propria doutrina o grande, e respeitado credito dos antigos Escritores, e a fé da humana autoridade; e por consequencia a existencia das Luzes perpetuas, que com ella sem mais outro algum fundamento hoje se provaõ.

Na pagina 15. regra 7. omittio o Amanuense a Feyjoo Tom. 4. Discurs. 14. § 22. num. 69. Rio, que o mesmo Feyjoo com grande contradicção elo-78. 82. fol. 405. 410. 411.

Na pagina 16. regra 28. faltaõ nestas orações as palavras, que vaõ em grifo: Ficão sendo sem razões, para impugnar as luzes: *In quo enim judicas alterum, te ipsum condemnas; porque com inexcusavel, e manifesta contradicção impugna a mesma doutrina, que defende: Eadem enim agis, que judicas; e quando as luzes estejaõ bem impugnadas ficaõ as glórias (de Hespanha) mal defendidas.* No fim deste paragrafo falta a leguinte conclusão deste discursõ.

A este proposito me lembra, que perguntado o grande Philosopho Aristoteles, que causa lucravaõ os mentirosos com os seus enganos? Respondeo, como refere Laertio, que conseguiaõ, não serem cridos, quando algumas vezes fallavaõ verdade: Ut cum veta dixerint, non illis credatur. Os Canonistas, e os Legistas não dão credito a testemunhas varias, e inconstantes; porque os homens (como Feyjoo) inconstantes, e varios no que referem, ou querem enganar a outros, ou fallaõ sem considerar, o que dizem, e de qualquer destes dous modos, fica sendo indigno de fé, e credito tudo, quanto semelhantes homens afirmão. E no paragrafo seguinte faltaõ na 6. regra estas palavras: Sempre a incorruptibilidade dos corpos, que com elles se acharaõ inteiros, e sem nenhuma corrupção (com naturalmente sucede a todos os ca-

Laert. lib. 5.

os cadaveres de Spitzberga, e aos defuntos sepultados no Cemeterio do; Padres Franciscanos de Tolosa) prova a grande antiguidade da Chymica.

Para que fique junto em hum lugar, o que disperso por muitas partes impugna a Feijoo, perverto neste Supplemento a ordem, com que o escrevo nos Dialogos. A folhas 139. do primeiro Dialogo falta na 8. regra: *Defendeo o contrario fendo velho (como fendo velho se retratou Santo Agostinho, do que escreve o fendo mancebo)* escrevendo a Summa Theologica. E na regra 14. da mesma pagin. se segue depois da palavra *Testamentum* : *Imitaraõ estes dous grandes Doutores ao Doutor das Gentes S. Paulo, que se aparton fendo Varaõ, do que tinha falado, sabido, e excogitado, quando era mancebo: Cum essem parvulus, loquebar ut parvulus, sapiebam ut parvulus, cogitabam ut parvulus : Quando autem 13.11. factus sum vir, evacuavi, quæ erant parvuli; e bem pôde ser, que o motivo de seguir depois o Doutor Angelico opinião contraria &c.* Ad Corinth.

Todo o seguinte discurso falta na pagina 188. entre as duas palavras Enodato, e agora, com que principia o paragrafo, devendo começar deste modo:

ENODATO. *Com varias soluções se pôde responder, ou com muitas respostas se deve dissolver este negativo, e infeliz argumento. Chamo infeliz ao argumento negativo, ou de autoridade negada, porque não provando nunca o que intenta, como com a doutrina de Aristoteles mostrão todos os Logicos : Ex puris negativis nihil colligi, he muito familiar aos Hereges, conforme por lição de Christovão Gil escreve o grande Censor da Academia Real da Historia Portugueza, o Ilustríssimo Senhor D. Manoel Caetano de Souza, tão illustre pelo seu esclarecido sangue, como pelas suas incom-*

Sousa Expe- *paraveis letras, e universalissimas noticias : Quod est dit. Hispan. Hæreticis familiare. Funda-se este argumento na' omis- Sanct. Jacob. saõ, ou no silencio dos Authores contemporaneos, ou dos Tom. 1. Part. Historiadores, que florecerão pouco tempo depois do suc- 2. Sect. 6. Af- cessão das mesmas cousas, que não escreverão ; e a estas fert. 44. num. 838. tol. 379. noticias recebidas por tradições verdaderas, que bastão para provar a verdade, segundo escreve S. João Chry-*

S. Chrylost. sostomo : Est traditio ? Nihil quæras amplius, ou por Homil. 4. in outros modos bem averiguadas impugnaõ (à imitação 2. Thesia- dos Hereges) alguns Escritores ignorantes com o silen- nic.

cio , e omissão dos contemporaneos Historiadores ; por- que não podendo contradizer, o que pretendem impugnar, recorrem ao negativo na falta do positivo argumento. Como não podem estes Adversarios arguir com authori- dade negante, argumentão infelizmente com authori- dade negada ; e desta sorte não só be falso este argumen- to, mas erroneo, como diz o mayor Critico do Mundo

Pagi in Cri- Antonio Pagi : Argumentum negativum, omni alia- tic. Histor. probatione denudatum, fallax, & errori obno- Chronolog. xium. Por isso não só os Philosophos, senão tambem os in universi. Santos Padres, e os Historiadores Ecclesiasticos, e Prô- Annal. Eccl. fanos refutaraõ este argumento, para extirpar de Cæsar. Baron. Tom. 1. Sæ- Republica das Letras esta peste do Orbe Literario, co- cul. 2. ad Ann. mo se pôde ver em Cesar Baronio, Natal Alexandre, Christi. 147. Jacobo Saliano, Theophilo Raynaldo, João Columbo, §. 15. Pedro da Fonseca, Ignacio Laubrussel, João Cabassu- cito, Nicolao Harpersfeldio, João Pineda, Francisco Turriano, Guillielmo Beveregio, Affonso Tostado, Luiz Tena, Christovão Gil, Affonso Salmeirão, S. Maximo, Santo Agostinho, e o Doutor Maximo S. Hieronymo, aos quæs cita, e segue Sousa senão maximo, em tudo grande. E a razão, porque o argumento negativo be falso, e erroneo, he, porque entre a causa sucedida, e a Es-

critura

critura, em que se le, ou podia ler este successo, não se dà, nem se pôde naturalmente dar conexão necessaria; porque sempre a causa verdadeira succede primeiro, do que se escreva na Historia; e muitas vezes escrevem os Historiadores, como succedidas, causas, que nunca succederão.

Algumas vezes se perdem os escritos, em que se relataõ causas succedidas, como acontece (segundo diz Nicolao Serario) aos vinte Livros do Testamento Velho, e a outros muitos volumes da Historia profana; e outras muitas vezes deixão os Autores de escrever causas succedidas no seu tempo, sem por isso ficarem falsas; porque o silencio, de quem não escreve, e se calla, não pôde destruir a essencia da acção obrada, e succedida.

Muitas causas cremos de Fé, que succederão antes, e depois da vinda de Christo, sem que ejeaõ escritas em ambos os Testamentos. Faz S. Judas Apostolo menção de huma disputa, que o Archanjo S. Miguel teve com o Demonio no tempo do Testamento Velho, a respeito do corpo de Moysés: Cum Michaël Archange- Sanct. Jud. lus cum Diabolo disputans altercaretur de Moy- Apóstol. Ep. si corpore; e no Velho Testamento se não acha escrita Catholica v. esta disputa, como no valle de Moab se não descobre o 9. corpo de Moysés. Mas deste silencio se não pôde, nem deve inferir, que não houve naquelle tempo esti disputa; porém devemos entender, como adverte Lorino, que S. Judas vio esta disputa em algum livro, que ao depois com outros se perdeu, ou que o Apostolo escreveu, o que sabia por bem averiguada tradição. Não escreveu S. João Evangelista no seu Evangelho muitos, e muito verdadeiros milagres, que na presença de seus Discípulos obrou Christo: Multa quidem, & alia signa Joann. cap. fecit J E S U S in conspectu Discipulorum suorum, 20. vers. 30. quæ non sunt scripta in Libro hoc; e com tudo não & 31. tira

tira o silencio do Evangelista a Pé deſſes occultos, e não
ſcritos milagres. Com este silencio calão os Evangelis-
tas o dia em que nafceo Chriſto: com este silencio ca-
lão os nomes, e as dignidades dos Magos: com este si-
lencio calão os Pays da Virgem MARIA, Senhora
Nossa: com este silencio calão o Nascimento, Morte,
Reſurreição, e Assumpção da mesma Senhora; e com
este silencio calão outras muitas coſas, que notarão
Saliano, Raymundo, Sousa, e outros Escritores; mas

Salian. Tom. 5. Annal. Ve-
ter. Testam. ad Annum.
3609. n. 91. Raynaud.
Tom. 9. Tract. de Sāct. Latron.
Souza Exped. Hilp. S. Jacob
Tom. 1. Part. 2. Sect. 6. Af-
ſert. 44. num. 606. & ſe-
quent. folh. 407.
Ad Corinth. 12. 4.
Ad Roman. 11. 33.

tambem nós nos devemos calar, ſem deixar de aſſerir;
porque como diz o Apoftolo S. Paulo (affirmando de
ſi, como de outra pefſoa, que ouvira no Empyreo pa-
lavras, que tambem não eſcrevão) ha coſas em que não
he licito fallar: Audivit arcana verba, quæ non licet
homini loqui; porque como ſão altos, e incomprehen-
ſiveis os juizos de Deos, ninguem os pôde comprehen-
der, conſórme diz o Apoftolo eſcrevendo aos Romanos:
cap. 8. n. 19. Incomprehensibilia ſunt judicia ejus; E quando não ſó
em ambos os Testamentos Velho, e Novo; mas nos mes-
mos Actos dos Apoftolos, nos Concilios, e no Martyro-
logio Romano ſe não achaõ algumas notícias pertencentes
à Historia Ecclesiastica, que maravilha he não appare-
cerem em outros Historiadores as mesmas, e outras His-
torias? Que maravilha he não eſcreverem Philo, e Jo-
ſeph ambos Judeos a prodigiosa Historia de Job? Que
maravilha he não eſcrever Joseph as açãoens de muitos
Pontifices Hebreos? Que maravilha he não eſcrever Jo-
ſeph muita parte da Historia de Samuel? Que maravi-
lha he não eſcrever Joseph quaſi toda a Historia do ſe-
gundo livro dos Machabeos? Que maravilha he não eſ-
crever Joseph da Piscina, tão celebre pelos ſeus milagres?
E que maravilha he não eſcrever Joseph outras muitas
coſas, que omittio, ſendo tão notaveis, e por iſſo muito
notas-

notadas por Toledo, e Saliano, as quaes cremos de Fe, posto que omittidas por hum tão grande Historiader?

Por estas razoens se deve desprezar o argumento negativo (*Clava Herculca de Launoio*, *Hercules Commodo*iano) como falso, inepto, e sem concluēdencia, segundoo contra Joāo Launoio seu infeliz Protec̄tor mostra Joāo Baptista Tiers. He verdade, que Launoio foy hominem eruditissimo; mas como em trinta e seis dos setenta volumes, que escrevèo mais para destruir, do que para edificar, cahio o rayo fulminado no Vaticano contra os seus hereticos erros, escritos a favor de Lutheranos, Calvinistas, e Protestantes, inimigos declarados da Fé Catholica, contra a qual se armaraõ com este negativo argumento, para negarem o Purgatorio, e outras cousas, que nos ensina a Fé, e tirarem o credito, e certeza a todas as Historias Ecclesiasticas, e Crvis. Não posso deixar de lamentar com palavras do esclarecido Souza, que se atrevesse hum Catholico, Religioso, e Mestre em Theologia, à imitação dos Herreges, a commetter este erro particular, querendo desterrar, como Critico, erros communs: Sed quod sanguineis lacrimis deplorandum est, quod etiam Catholici nonnulli, ut notat idem Fleures, ut videantur docti, pessima Hæreticorum æmulatione in hunc errorem trahuntur. Não advertio, que admittida a falsidade do argumento negativo, ou da autoridade negada, como se fosse verdadeiro argumento, se seguem gravissimos inconvenientes? Segue-se, que toda a Historia do Testamento Velho, que não está escrita nos Livros Canonicos; he suspeita, e fica sendo inutil a liçao de Joseph, Saliano, Tornielo, Spondano, Natal Alexandre, e de outros Historiadores, porque todos escreverão os successos, que não leraõ na Biblia, referindo-os por liçao, e autoridade de Historiadores mais modernos,

Souza loc.
cit. num. 972;
fol. 434.

nos, do que os mesmos successos, que muitos annos depois de succedidos historiaraõ. Segue-se, que a mayor parte da Historia Ecclesiastica, e Civil não merece Fé, nem credito : segue-se, que saõ falsas as tradições, os milagres, as reliquias, e as virtudes dos Santos, como sabia, e Catholicamente lamenta, e chora Joao Baptista Tiers : segue-se, que se deve negar o credito aos Criticos, que se esmeraraõ em apurar noticias, descobrir verdades, e desfarrar mentiras, como forão Tillemontio, Baillet, Dupin, Natal Alexandre, e o mesmo Feyjoo; porque todos estes Criticos escreveraõ cousas, que se não achaõ em outros Authores contemporaneos.

Restringir a authoridade dos Escritores sómente aos que saõ contemporaneos, ou quasi coetaneos da cousa referida, e que não sejão posteriores duzentos annos he cousa voluntaria, extravagancia, ou fingimento humano para exterminar a Fé humana do Mundo, estabelecida na authoridade dos Historiadores, que deraõ a conhecer o Mundo ao mesmo Mundo. Para humana noticia merecer credito de fé natural, e humana, basta só a humana authoridade de Author verdadeiro, que com a sua verdade certifica o successo, sem que seja necessaria a existencia de testemunhas oculares, ou contemporaneas, do que entaõ sucedeõ.

Com esta authoridade só, cremos o que na Cidade de Deos escreveo por ligão de Varro Santo Agostinho, sendo cousas antiquissimas escritas muito tempo depois por hum Author, que não existe. Assim cremos tambem a Diogenes Laercio, e a outros Authores, que escreveraõ antiguidades, que não testemunharaõ; porque as podiaõ participar de outros, que se perderaõ, e não se podem convencer de falsas.

Finalmente, ou o argumento negativo prova, ou não pro-

prova o intento : senão prova, não conclue, e fica sen-
do inutil ; e se prova o intento, tanto fere aos que ne-
gão, como aos que afirmão v. g. a existencia da Chry-
sópeia, e muito mais aos que negam transformar Ray-
mundo Lullio com a Pedra Philosophal os Sinos de
Londres em Ouro ; porque senão se pode afirmar, que
Raymundo Lullio fizesse aquella famosa transforma-
ção por não haver Author, que affirmativamente cer-
tifique este successo antes de Roberto Constantino, como
se poderia provar, que elle não transformou os Sinos em
Ouro, não havendo também Author contemporaneo,
que negue esta transformação ?

E ainda que se achasse Author antigo, que negasse,
ou contradisse a transformação, que Lullio fez dos
Sinos em Ouro, nem por isso se afirmaria ser falsa aquela
transmutação, sem o mesmo Author provar contra
os seus defensores, que a transmutação dos Sinos em
Ouro, feita pela Chrysópeia era operação impossivel ;
e como nem então, nem agora se lhe nega a possibilidade,
segundo confessa Feyjoo, também se lhe não pode ne-
gar o successo, fundado em tradições, e no testemunho
de Autores tão serios, e verdadeiros.

Nem se pode impugnar Logicamente esta transforma-
ção dos Sinos em Ouro com o argumento negativo, senão
reduzido a estes douos Syllogismos ; em que a conclusão do
primeiro feito em Darii he afirmativa, e a consequencia
do segundo formado em Ferio he negativa : Toda a cou-
sa, que os Escritores contemporaneos não escreverão he
falsa ; a transformação dos Sinos de Londres em Ouro,
feita por Raymundo Lullio, não se escreveu pelos Au-
tores contemporaneos : logo a transformação dos Sinos
em Ouro feita por Lullio he falsa. Nenhuma cousa omit-
tida por todos os contemporaneos Escritores he verdadei-

ra ; e ambas as consequencias , ou conclusoens destes dous syllogismos saõ falsas por respeito da falsidade das suas premissas , pois naõ se põde agora provar a sua verdade. As consequencias devem conter-se nos antecedentes , o que se naõ põde dar no nosso caso. A naõ existencia da transformaçao dos Sinos de Londres em Ouro , feita por Raymundo Lullio , naõ se contém na naõ existencia da escritura coetanea ; porque bem podia Raymundo Lullio transformar os Sinos de Londres em Ouro , e naõ escrever ninguem esta transformaçao , no mesmo tempo em que elle avista de toda a Corte a fez com a Chrysopeia. E deste discurso se segue , que se a transmutaçao dos Sinos em Ouro naõ est à hoje escrita em Authores daquelle tempo , he , porque elles a naõ escreverão , ou se perderão (como Feyjoo affirma dos Historiadores de Bernardo del Carpio) e naõ se põde , nem deve inferir deste silencio , que naõ fez Lullio esta transformaçao , porque naõ houve quem a escreveo.

Para Feyjoo conseguir o seu intento devia mostrar , ou provar em primeiro lugar , que os Authores , que pre-cederão a Roberto Constantino tiverão inteira , e perfeita noticia de todos os sucessos : em segundo , que elles quando escreverão se tinhão lembrado de tudo quanto souberão : em terceiro , que elles quizeraõ escrever tudo quanto lhe lembrava : em quarto , que elles escreverão quanto quizeraõ : em quinto , que tudo quanto escreverão chegou ao tempo presente : em sexto que elle tem lido tudo quanto escreverão os Antigos ; e em septimo lugar , que elle tem na sua memoria , quanto tem lido em sua vi-da ; porque em faltando alguma destas sete circunstan-cias , como affirma o grande Sousa , fica sendo inutilissi-mo o negativo argumento ; mas porque non omnes ca-

Souza Expe-
dit. Hispanic.
Tom. 2. Syn-
tagm. de gra-
viss. authorit.
Breviar. Ro-
man. Apend.
12. Sect. 3. Al-
fert. 3. numer.
2820. f. 1219.

piunt verbum istud , agora basta dizer vos , &c.

No

No fim da pagina 197. falta esta conclusão diquelle discurso. *Contra eje, e outros surdos clama El-Rey Salama* no Capítulo sexto da Sábedoria, pedindo aos Reys, como Juízes da Terra, e Ministros do Reyno do supremo Monarca de todos os Reys, e Emperadores do Mundo: Rex Regum, & Dominus Dominantium, que ouçam, e entendam, que Deos, Altissimo Senhor, lhes deu o poder, e a virtude com que reynão, e governão: Audit ergo Reges, & intelligite, discite judices finium terræ: Præbete aures vos, qui continetis multitudines, & placetis vobis in turbis nationem: Quoniam data est a Domino potestas vobis, & virtus ab Altissimo: Quoniam cum eis estis ministri regni illius, e se Deos põem nos lugares os Ministros, que, como Reys, hão de governar o seu Reyno: Per me Reges regnant, nem um Ministro poderá com dinheiro comprar o seu despatcho, nem conservar-se no Throno, ainda que possua muito Ouro se Deos o quizer depor do Solio.

Finalmente deixando outras coisas menos importantes, que poderão sahir a luz, se esta obra se tornar a imprimir falta na pagina 206. todo este discurso, que entra no fim da 24. regra. Ainda sou mais pobre do que este sabio Rey; e nenhum homem, posto que seja hum Rey sabio, pode fazer Ouro com a Arte Chymica, se não for muito rico. De Salamão sapientissimo Rey de Israël escreve Pineda, que não fazia Ouro pela Chymica para ser rico, senão porque era riquíssimo; e como os pobres (como eu) não tem riquezas para usar desta Arte, não lhes he lícito trabalhar nella, porque não tem cabedaes para obrarem sinceramente como devem: Si vera est Alchymiae ars auri faciendi (nam veram esse nunc non statuo) verosimile est illam alii lib. 4. cap. 21. quando Salomonem excoluisse, non quidem tam ut fol. 239.

Bluteau Vo-
cabul. Port.
Tom. 2. do
Suppl. fol. 94.

locuples fieret, quam quia locuples erat: quippe ars
ea illicita pauperibus, ut quæ sine magno sumptu
exerceri non possit. Não aproveita o segredo da Chry-
sopeia aos pobres Adepts, senão aos poderosos Magna-
tes, que sendo ricos lhes roubão este arcano. Os Herme-
ticos pobres são como a Cabra sylvestre chamada Orix,
porque na bexiga, que tem oculta se acha hum licor de
taõ prodigiosa virtude, que huma só gota basta para extin-
guir a sede por muitos annos aos homens mais sequio-
sos; mas não lhe aproveita a ella este preservativo;
porque enganada com as negaçãs da agoa de que sempre
necessita, vem a cair nas mãos dos Caçadores, que a
prendem, e mataõ, para se aproveitar do licor, que tem
occulto.

§. III.

Para evitar escrupulos de impertinentes, ou imper-
tinencias dos escrupulosos imprimo tambem neste
Suplemento as margens, que ficarão no original de-
fronte daquelles lugares, em que discorro ácerca da
Chrysopeia de Salamaõ. Na regra 4. que está a folhas
42. se devia escrever por este modo aquelle troncado
discurso. *Foy Salamaõ o mais sabio, e o mais rico homem,*
*que houve no Mundo; porque ninguem o excedeõ na rique-
za, nem igualou na Sabedoria. A este Monarca disse*
*Deos, que lhe infundiria taõ grande Sciencia, que nem an-
tes, nem depois haveria no Mundo quem o igualasse na Sa-
bedoria: Dedi tibi cor sapiens, & intelligens in tantum,*
*ut nullus ante te similis tui fuerit, nec post te surrectu-
rus sit; e da sua riqueza diz o mesmo Rey, que era taõ
grande, que com a sua opulencia excedeõ a todos os homens,*
que o precederão em tempo na Corte de Hierusalem: Ec-
supergressus sum opibus omnes, qui ante me fuerunt
in Hierusalem. E desta sorte era Salamaõ taõ rico como
*sabio; porque igualava a sua sciencia à sua extraordina-
ria*

Reg 3. cap. 3.
12.

Ecclésiast. 2.
9.

ria riqueza, e não havia distinção, nem diferença entre a riqueza, e a sabedoria, segundo confessou o mesmo Rey, definindo-se com as mesmas expressões tão sabio, como rico: Ecce magnus effectus & præcessi omnes Ecclesiast. sapientia, qui fuerunt ante me in Hierusalem. O Padre Hieremias Drexellio &c. e na pagina 49. se devia escrever na regra 22. por este modo o discurso: Só a Chymica he finalmente a sciencia, com que Salamaõ podia adquirir tantas riquezas, pois ajudado, e socorrido com a sabedoria podia alcançar o segredo, e praticar a operação da Chrysopeia, como escreve Pineda: Itaque sapientiae præsidio Salomon percalluit Pyrotechniam, ac Chrysopeiam: Incribel causa parece &c. Na regra 23. que esta a folhas 58. ficou diminuto este discurso: Com este excesso de sciencia revelada não podia deixar de saber Salamaõ a Philosophia Hermetica, que por estudo, e subtil especulação o grande Trismegisto tinha adquirido. Se os Egypcios, Discípulos de Hermes, possuíssem aquella Arte de os fazer ricos, he impossivel (como infere Pineda) que a não soubesse Salamaõ, praticandoa com grande perfeição, e maior acerto, que os mais insignes Chymicos: Ergo sic Egy- ptij artem detescendi tenebant non potuit non percal- luisse Salomonem eandem, ac longe perfectiorem. He a Pineda lib. 4. de Reb. Salom. cap. 21. fol. 239. Philosophia Hermetica Sciencia, e Arte natural &c. fol. 238. e no fim deste discurso falta na 3. regra da pagina 59. a seguinte autoridade do Padre Pineda: e entre as outras Artes a Arte Magna, com a qual segundo Pineda, parece, que Salamaõ adquirio tantas riquezas: Sed ut ad Alchymiae, quæ Physicæ pars quædam est, artem redeamus, probari sane videtur Salomonem ejus artis beneficio & præsidio locupletari potuisse: Primo quod proculdubio universa naturalis Philosophia Salo-

Pineda lib. 4.
de Reb. Salom. cap. 21.
fol. 238.

Salomoni perspectissima, atque exploratissima ruit,
Philosopho nimirum absolutissimo. *Porém &c.*

Na regra 16. que está a folhas 63. se devia escrever aquelle discurso por este modo: Ainda que duvidais a practicava Sálamaõ? *E para que vos não fique essa duvida, ouvi agora ao mesmo Salamaõ confessando, que para ser tão rico, não só estudava, e excogitava todos os modos, ou meios de juntar muita Prata, e grande copia de Ouro, mas também trabalhava de sorte, que para adquirir tantas, e tão immensas riquezas com a sua industria, lhe custava esta grande opulencia o suor de seu rosto; e que por considerar possuiria os seus preciosos thesouros, em que tinha junto para si muita Prata, e muito Ouro: Coacervavi mihi argentum, &c aurum, hum herdeiro, que elle não sabia se por ventura seria sabio, ou nescio, porém que já conhecia muito bem, que havia de ser Senhor do que elle tinha grangeado com grande trabalho, com muito suor, e com incansável fadiga: se resolvera em sim a descançar renunciando para sempre trabalhar mais debaixo do Sol: Rursus detestatus sum omnem industriam meam, qua sub sole studiosissime laboravi, habiturus heredem post me, quem ignoro, utrum sapiens, an stultus futurus sit, & dominabitur in laboribus meis, quibus desudavi, & sollicitus fui, & est quidquam tam vanum? Unde cessavi, renunciavitque cot meum ultra laborare sub sole, e se El Rey Salamaõ para ser tão rico, que amontoasse Ouro, e Prata trabalhava com tanta fadiga, e com tão grande trabalho, que suava: In laboribus meis quibus desudavi, não só estudava o meio trabalhando: Studiosissime laboravi, mas também practicava o modo, conforme practicão com o suor do seu rosto todos os Professores da Arte Magna.*

Na

Ecclesiast.
cap.28.

Ecclesiast.
cap.2. vers.
18.19.20.

Na regra 2. que fica na pagina 70. falta o que se legue depois destas duas palavras Latinas : *Mater est. Por isso El Rey Salamaõ chaõa bemaventurado a todo o homem, que descobre esta sciencia, tendo juntamente prudencia para saber usar della* : *Beatus homo, qui inventit sapientiam, & qui afluuit prudentia; porque com a sabedoria faz melhor negocio do que possuindo a Prata, e o Ouro dos mais subidos quilates, fructo purissimo desta sciencia, a qual he mais preziosa do que todas as riquezas* : *Melior acquisitionis ejus negotiatione argenti, & auri primi, & purissimi fructus ejus* : *Pretiosior est cunctis opibus. Com esta sciencia se não podem comparar quantas coisas neste Mundo se desejaõ* : *Et omnia quæ desiderantur huic non valent comparari; porque tem na mão direita o remedio com que dilata a vida: Longitudo dierum in dextra ejus; e na mão esquerda os meyos mais effectivos para fazer os homens ricos, e glorioſos* : *Et in sinistra illius divitiae, & gloria. Todas as vias, que estradas por onde caminha esta sciencia (como peregrina) para conseguir o fim pretendido, saõ honradas, honestas, e pacificas* : *Viæ ejus viæ pulchræ, & omnes semitæ illius pacificæ; para todos os homens, que venturosamente a conseguem he huma Arvore da vida* : *Lignum vitæ est his, qui aprehenderint eam; e com ella todo o Sabio que a possue fica bemaventurado* : *Et qui tenuerit eam, beatus; e daqui infiro eu agora, que se com sciencia, em que se achaõ os effei- tos da Chrysopeia, podem ser bemaventurados os homens, não se põde condemnar affirmar eu, que Salamaõ soube, e practicou a Arte Magna; porque entre os epithetos de Salamaõ o de Chymico, ou de Hermetico fica sendo dos mais honestos, virtuosos, e honrados. No Padre Hieremias Drexellio &c. E na regra 22. da mes- ma*

ma pagina se devia escrever depois destas duas palavras: *Via ejus via pulchræ*. Por isso o Padre João Pineda depois de disputar problematicamente a questão, em que ventila se as riquezas de Salamaõ forão producto, ou augmento da Arte Chymica, deixando a questão indecisa, permite liberdade a quem a quizer para seguir, que Salamaõ se fez muito rico com a industria da Arte Chymica.

Pineda de Reb. Salom. lomonicæ ejusmodi sunt, ut volentem possint in eam lib. 4. cap. 21. fol. 239.

Quæ afferebantur in favorem Alchymizæ Salamonicæ ejusmodi sunt, ut volentem possint in eam sententiam allicere. E se isto he verdade facilmente posso dizer, que pela Arte Magna fazia Salamaõ os seiscentos e sessenta e seis talentos de Ouro &c. E no fim da 4. regra, que está na pagina 74. faltaõ estas palavras: Esta prova se costuma fazer em Ouro Chymico, por meyo do fogo, como diz o mesmo Rey Salamaõ: *Igne probatur argentum, & aurum camino. Quomodo probatur in conflatorio argentum, & in fornace aurum; porque só este Ouro Chrysopeio necessita de se examinar no ensayo, e na copella para se ver se sofre o exame do fogo.*

Proverb. cap. 17. 3. & cap. 27. 21.

EN-



ENNÆA, OU APPlicaçãO DO ENTENDIMENTO, SOBRE A PEDRA PHILOSOHAL. DIALOGO PRIMEIRO. CAPITULO UNICO.

Da origem, antiguidade, e excellencia da Arte Magna; e dos seus dous maiores mysterios, que são a Chrysopeia, e Argyropeia, com que os Hermeticos evitão todas as enfermidades, curão todas as doenças, dilataõ m:rito tempo as vidas, e transformão em Prata, e Ouro todos os Metais.

§. I.

INTRODUCÇÃO.

ENODIO.



STA tarde, que
não empregais no
estudo, nem no jo-
go, na caça, nem
na pesca, que são
os quatro diverti-
mentos, com que
honestamente passais o tempo das Ferias, quando
vindes da Universidade de Coimbra descançar al-
guns

A

2 *Ennea, ou Applicação do Entendimento,*

guns dias na vossa Patria, poderemos gastar no passeio pelas margens dos Rios Arunca, e Anços, ou assentados na sua Ponte, conversando em huma famosa questão da mais occulta Philosophia.

ENODATO. Não he a Ponte de Soure Academia de Platão, nem Lycéo de Aristoteles, em que se possaô disputar pontos Philosophicos; porque alguns Escudeiros desta Villa vem todas as tardes fazer no theyo desta *Ponte dos Años* ridiculo *Outeiro de parvoices*, em lugar do antigo *Outeiro de Baixo*, saudoso Theatro, em que os antigos Philosophos, Theologos, Jurisconsultos, Medicos, e outros Sabios desta Villa disputavaô todas as tardes, com tanta erudiçâo, que podiaô competir as suas conversações eruditas com as Conferencias discretas, que em Lisboa faziaô outros Academicos todos os Domingos de noite no Museo do Conde da Ericeira; e não me parece acertado discorrer em Philosophia na Palestra, onde agora quem não sabe, murmura de quem estuda: na Aula, onde se averigua, o que se não sabe: no Tribunal, onde se julga, o que se não entende: no Consistorio, onde se reprova, o que se admira: no Mirante, onde se nota, o que passa; e na Balança sem fiel, onde se avalia, o que se não pèza; porque convém muito à minha reputaçâo, que os nossos discursos sejaô sómente julgados por homens Sabios, e Prudentes, como saõ os Mestres, e Doutores das Universidades do Mundo, e todos os Varões eruditos, que pela sua Philologia mereceraô o nome de Academicos, como forão, segundo refere Bluteau, os *Generosos* de Lisboa: os *Fantasticos* de Roma: os *Ociojos* de Bolonha: os *Adormecidos* de Geno-

Genova : os *Olympicos* de Vicencia : os *Escondidos* de Milao : os *Ardentes* de Napolis : os *Escuros* de Luca ; e os *Obstinados* de Viterbo ; e naõ sejão ouvidos pelos meus Patricios , que hoje só podemos chamar Academicos , por serem na satyra obstinados , na explicação escuros , na emulação ardentes , na censura escondidos , na ligereza olympicos , no estudo adormecidos , na conversaçao ociosos , na erudiçao fantasticos , e em nada generosos.

ENODIO. Por alguns dos vossos Patricios se pôde dizer agora *fallay no ruim* , e *olhay para a porta* ; porque já o Ranchinho vem passeando , e passando da porta do vosso pateo , e subindo a Couraça da Ponte para virem tomar assento ao pé desta Cruz , aonde assisto há muitos annos , para desta atalaya lograr a deliciosa vista destes campos , que poderaõ competir com os Elysios , se os Agricultores deste fertilissimo Paiz se aproveitaraõ das agoas destes Rios ; e para também de caminho aprender dos peregrinos , que continuamente passaõ por estas quatro estradas , que em forma da mesma Cruz se ajuntaõ no alto desta Ponte , aonde por quatro vias me chegaõ todas as horas noticias das quatro partes do Mundo ; e como vós , Senhor Enodato , também hoje aqui chegastes , defculpay a confiança , com que vos sahi ao encontro , pretendendo que me desseis alguma luz da *Chrysopeia*.

ENODATO. Jà , Senhor Enodio , vos terá mostrado a experiençia , que neste lugar se mente por officio , e se murmura por costume ; principalmente dos homens eruditos , aquem sempre picaõ os moradores desta terra , como picaraõ as letras ,

A ij que

4. *Ennea, ou Applicaçao do Entendimento,*

que estavaõ esculpidas na Tarja daquellas Armas, para com eterna ingratidaõ riscarem a memoria de hum Ministro, que lhe fez taõ immortal beneficio, podendo-se duvidar nesta acçao infame, se a executou o odio, que tinhaõ ao Doutor Bernardino Arnaut Machado, como Superintendente desta Ponte, ou como fugeito de letras; porque as letras em toda a parte onde apparecem, saõ ultrajadas, e perseguidas. A mesma mão, que as organiza, as corta: a mesma, que as forma, as rasga: a mesma, que as defende, as talha: a mesma, que as esmalta, as cobre: a mesma que as escreve, as riscá: a mesma, que as entalha, as pica; e a mesma, que nos Epitaphios as esculpe, com os proprios pés as pizza; e com este desengano, tenho justo receyo, de que passeando os meus Patricios por esta Ponte, quando logo naõ tomem (como costumaõ) assento ao pé da Cruz, e nos obrigue a sua companhia a naõ fallar da *Pedra Philosophal*, vão de passagem murmurando das nossas letras, como blasfemavão os Principes dos Sacerdotes, Escribas, e os homens Anciãos de Hierusalém, e todos os que passavão à vista da Cruz no Monte Calvario; porque estava crucificada nella a Sabedoria Encarnada com as letras sobre a cabeça: *Imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam: Prætereunt autem blasphemabant eum*; e tudo isto evitaremos, reservando para outra tarde a satisfaçao da vossa doura curiosidade; porque algumas vezes o jogo lhes embaraça o passeyo, e ficaõ murmurando nos poyais da Praça, no Alpendre da Igreja, e nos degrãos do Pelourinho, que saõ os outros tres famosos mentideiros desta Villa.

Matth. cap.
27. n. 37.

ENO.

ENODIO. Mais acertado me parece, que vamos fallando na possibilidade, e existencia do *Lapis*; porque com esta *Pedra* os lançaremos fóra deste lugar, com tanta certeza, como a *Pedra Iman* atrahe para si o ferro; porque a *Pedra Philosophal* he a *Pedra Lydia*, em que se provão os engenhos, e nenhum dos homens que já vem chegando, ha de querer, que lhe examinem publicamente os quilates do seu juizo.

ENODATO. Estimo mais o vosso arbitrio, do que a occasião, que me offerece a vossa curiosidade; porque eu fujo quanto posso de fallar publicamente na *Chrysopeia*, principalmente diante de ignorantes; porém alguma coula direy, ou alguma noticia vos darey da *Pedra Philosophal*, se o vosso arbitrio for tão effeictivo, para affugentar estes murmuradores, com palavras subtilmente proferidas, como foy o dedo da mesma Sabedoria para exterminar da sua presença aos seus perseguidores com palavras mysteriosamente escritas; porque vendo todos nellas publicos os seus defeitos, velhos, e mancebos todos desapparecerão.

ENODIO. Como nos ouvirão fallar baixo, desconfiarão, ou por entenderem que tínhamos negocio de segredo, forão tomar assento no fim dessa *Couraça*, que fica contra o Sul, por ser a mais divertida com a passagem das moças de cantaro, a quem dizem graças tão frescas, e tão frias como agoa.

ENODATO. Porém algumas vezes costumão estas criadas de soldada, com as suas repostas ruficas, despigar-se de tal forte, que lhes fazem dar o vão pela barba; porque a huns desses Cavalheiros

ros, que ahi vedes, disse em huma occasião huma dessas mulheres, com tanta facilidade, como quem bebe hum pucaro de agoa, que estavaõ perto dos lugares, que só mereciaõ, pela sua sabedoria, e virtude, apontando com o dedo para o meyo círculo, que cerca o canto da mesma Couraça, ao lado direito de quem desce, e para a casa, que dà nome ao Olival, que fica no fim da Ponte.

ENODIO. Pois como estaõ já assentados, e divertidos, liberdade, e tempo vos deixão para me dizeres em primeiro lugar se a *Chymica* he Scien-
cia, ou Arte, e porque razão lhe derão os Autho-
res *Hermeticos* varios nomes.

§. II.

Da origem, etymologia, e antiguidade da Chymica.

ENODATO. **C**omo ainda se naõ averiguou se a palavra *Chymia*, ou *Chemia*, he Grega, Arabica, ou Egypcia, como escreve o doutissimo, e vastissimo Medico Daniel Sennerto : *Verum cum non dum satis constet, an vox haec Graeca, vel Arabica, aut Egyptia sit*, conforme as etymologias donde a derivavão, lhe variarão o nome, e a significação; porque lhe chamarão *Chymia* por derreter, e fundir os metaes duros, que se tiraõ das entranhas da terra : *Chemia*, porque conforme refere Plutarcho, com este nome costumavaõ os Sacerdotes nomear o Egypto, ou porque no Egypto havia huma antiga Cidade nos Campos de Thebas, chamada *Chemmis*, segundo lemos em Herodoto, que tambem na sua Euterpe

Sennert. tom. 1. de Chym. cum Aristote. & Galen. conf. ac diss. cap. 1. de nat. Chym. fol. 180.

terpe descreve amplamente huma Ilha do Egypto, com o mesmo nome de *Chemmis*, a qual na opiniao de seus moradores se sustenta na agoa, donde querem derivar *Chemia*, como Arte do Egypto, donde a *Chymica* principiou, ou quando menos floreceo muitos annos. Tambem lhe chamao *Alchymia*, de *Alchymo* Artifice, ou inventor desta Arte. Alguns lhe chamao *Alchemia*; porque derrete os Says, ou *Archymia*, como pareceo a Celio Rhodigino. Paracelso em tudo extravagante, e mysterioso lhe chamou *Espagyria*; e outros lhe derao o nome de *Alkimia*, ou *Alchymia*, porque com o artigo *Al* accrescentarao esta palavra os Arabes, Secarios insignes do Philosopho Hermes.

Quando a *Chymica* discorre, chama-se *Philosophia Hermetica*; porque Hermes foy o primeiro Author, que escrevèo desta Sciencia na famosa *Tabula Smaragdina*; e quando obra, he Arte, e entaõ se chama *Obra grande*, *Arte do perfeito Magisterio*, *Arte do Magisterio grande*, *Magisterio de Sabios*, *Arte Magna*, e *Arte Hermetica*, por respeito de Hermes seu inventor, e por ser a mais perfeita Arte, que se pôde inventar, para imitar com as suas operaçoes as obras da Natureza. Algumas vezes se chama tambem *Pyrothemia*, por ser Arte, em que nada se obra sem fogo; porém como hoje he mais conhecido o nome de *Chymica*, por elle se explicaõ quasi todos os Philosophos, e Medicos Hermeticos.

ENODIO. Como pôde ser Hermes o Antesignano desta *Philosophia*, e *Medicina*, affirmando Coringio, que esta scientifica Arte principiou no tempo do Emperador Constantino Magno?

ENO-

ENODATO. Nem Coringio se quiz cançar em averiguar a origem da *Chymica*, nem por escrever com grande furor contra ella, tem authoirade alguma nesta materia. Mayor credito devemos dar a Julio Firmico, celebre Astronomo do terceiro seculo, que escreveo no tempo do mesmo Emperador pelos annos de Christo 320.º qual no Livro terceiro ingenuamente confessa, que a *Chymica* era tão antiga, que já os antiquissimos Astrologos faziaõ della mençāo nos seus prognosticos, como expressamente se vê nestas formais palavras: *Si Saturni hec domus fuerit, scientiam Alchymiae dabit: Si solis, providentiam in quadrupedibus;* e ainda hoje se conservão na Livraria dos Reys de França os manuscritos Gregos de Zofino Philosopho Alexandrino, de Isaac Monacho, e de Blemidas antiquissimos *Chymicos*, como refere Roberto Vallense, escrevendo da verdade, e antiguidade da *Chymica*. Joao Francisco Pico, Senhor de Mirandula, Conde, e Principe da Concordia, no Capitulo I. do Livro II. de *Auro*, affirma com a lição de varios Authores Gregos, e Latinos, que a *Chymica* principiara pouco tempo antes da guerra de Troya: *Ego vero quantum à Gracis, Latinis-que Authoribus colligere potui, comperio artem antiquissimam quidem, sed paulo ante Troyanum bellum.* E bem sabereis vós como tão douto, e bom Chronologo, que fóra dos Livros Sagrados, não temos nenhuma noticias do Mundo, se não da guerra de Troya por diante, por ser *Escuro* o tempo, que a precedeo, e tão *Fabuloso* o tempo em que succedeo esta guerra, que ordinariamente lhe chamão os Eruditos o Paiz das *Fabulas*.

Con-

Confirmá a grande antiguidade da *Chymica* a Luz, que foy achada no sepulchro de Maximo Olybio, antiquissimo Cidadaõ de Padua, pelos annos de 1500. collocada entre duas Phialas de Ouro, e Prata, que continhaõ dous purissimos licores, que serviaõ de sustento à chamma, os quaes eraõ de Ouro, e Prata, dissolutos com alto magisterio em hum licor subtilissimo; e esta Luz sem controversia he invento da *Arte Chymica*, como tereis visto em Pedro Apiano, Hermolao Barbaro, Luiz Vives, e Joao Langio. Finalmente na *Tabula Smaragdina*, que se achou depois do Diluvio no Valle de Hebron, ou que tirou Sara do sepulchro de Hermes, achareis em treze regras comprehendida, como em treze dogmas, toda a *Arte Magna*; e cada letra desta *Tabula* he huma testemunha da antiguidade da *Chymica*, do que ninguem duvidou até agora; porque todos affirmão ser obra de Hermes.

ENODIO. Duas grandes duvidas se me oferecem sobre estas ultimas duas provas, com que confirmais a antiguidade da *Chymica*. Funda-se a primeira na universalidade, e transcendencia das palavras de Hermes; e a segunda na duvidosa noticia das *Luzes perpetuas*. Principiemos pelas Luzes, e depois fallaremos nas palavras. Antes que sauisse a luz o quarto Tomo do *Theatro Critico*, vi no seu Original, que em confiança me mostraraõ em Madrid, no Mosteiro de Nossa Senhora de Monferrate, muito bem refutadas as Alampadas inextinguíveis, naõ só a de Olybio, em que fallastes, mas a de Tullia, ou Tulliola filha de Cicero; e naõ provais, nem confirmais bem com estas notícias

o vosso assumpto, tendo tão duvidosos os seus fundamentos.

ENODATO. Alguma noticia tenho dos argumentos, com que o doutissimo Feyjoo reproduz a opiniao commun das *Luzes perpetuas*, sem advernit, que saõ inextinguiveis luzes os seus discutios eruditos para desterrar do Orbe Literario as sombras dos erros communs. Porém não posso deixar de notar em algumas das suas Crises manifestas contradicções da sua mesma doutrina, que mais facilmente esclarecem as suas Luzes, do que extinguem as *Luzes perpetuas*. Primeiramente para extinguir estas Luzes nega o credito a Fortunio Liceto por ser o unico Author, que dà noticia da conservação das Phialas, e Alampadas intactas, em poder de Francisco Maturancio as quaes estimava tanto, que na carta, que escreveo a seu amigo Alpheno, diz, que não daria este precioso monumento por mil escudos de ouro. E nas

Feyjoo Tom. 4. Discurs. 13. §. 18. n. 62. fol. 351.

Glorias de Hespanha cre firmemente o mesmo Feyjoo o singular testemunho de Arriano, porque na Historia de Alexandre Magno seguiu a narração só de Aristobulo Historiador Grego. E porque não merece tanto credito Liceto a respeito de Maturancio, como elle também quer que mereça D. Rodrigo, e D. Lucas acerca de Bernardo del Carpio, fendo estes doulos Historiadores tão apaixonados pelas *Glorias de Hespanha*, como Liceto podia ser pela existencia das *Luzes perpetuas*? Por

Feyjoo Tom. 4. Discurs. 8. §. 44. n. 102. fol. 221.

que razão saõ mais verdadeiros Philippe de Comines, João de Mariana, e Henrique Catharino, do que Fortunio Liceto, se todos elles fallão, como confessa Feyjoo, a favor do partido, que seguiam?

Vide Feyjoo
Trat. Cris.
Tom. 4.
Discurs. 3. §.
9. num. 26.
fol. 56.

raõ? Só no caso, em que a opiniao do povo lhe Feyjoo Tom. seja prejudicial, conclue Feyjoo, se deve refutar, 4. Discurs. ou apeallo della; mas naõ havendo este prejuizo, 13. §. 20. n. 75. nem se podendo averiguar a verdade, naõ se deve fol. 358. perturbar o Povo da posse, em que està, nem privar do direito adquirido a qualquer noticia, que fomenta a sua devaçao, ou entretem a sua vaidade. Diga-me agora este Hypercritico, ou algum seu apaixonado, que prejuizo se segue de crer o Povo, que houve antigamente *Luzes perpetuas*?

Acholhe muita graça em negar as Luzes sepulchrais Feyjoo Tom. do Territorio de Viterbo, porque já naõ existem; 4. Discurs. e como quer sua Reverendissima, que agora de- §. 9. num. 28. mos credito à existencia antiga dos instrumentos fol. 56. musicos, de que trata o seu Calmet, e elle tanto celebra, se estes, e os Orgãos Hydraulicos, que mui- Feyjoo Tom. 4. Discurs. to elogia, tambem desapparecerão? De qualquer 12. §. 13. n. daquellas Luzes, diz Feyjoo, que se conservasse 34. fol. 297. o licor, e a mecha, ainda que ao abrir o sepul- Feyjoo Tom. chro se apagasse, poderia accenderse de novo, e §. 9. num. 28. duraria hoje aceza: Naõ adverte, que naõ se po- fol. 56. dia outra vez accender a Luz, que o mesmo ar Feyjoo Tom. apagava, e destruhia? O segredo consistia em ar- 4. Discurs. 3. der fechada, e por isso se extinguia depois de §. 2. num. 3; aberta. Naõ se podia tornar a accender, porque fol. 45. se naõ sabia tornar a fechar. Porque se naõ escre- Feyjoo Tom. ve agora compendiosamente com as abbreviaturas, ou notas de Ennio? Porque, como confessa Fey- Feyjoo Tom. joo, não se pôde agora alcançar o mysterio: Pois 4. Discurs. essa he tambem a razaõ, porque se naõ accen- 12. §. 25. n. 71, diaõ, e conservavaõ as *Luzes perpetuas* ao abrir fol. 314. dos sepulchros; porque já entaõ se ignorava o se- gredo. Perdeo-se esta Arte, assim como se acabou.

B ij , o ar-

Feyjoo Tom. 4. Discurs. 12. §. 12. n. 31. fol. 295. o artificio dos antigos Musicos , que Feyjoo tanto louva , e exalta sobre os modernos. Jà emmudecerão as vozes daquelle instrumentos , que tocados por Antigenidas em tom de genio marcial enfureciao ao grande Alexandre , fazendo-o levantar da mesa , e tomar nas mãos as armas : Jà se não ouve o contraponto de Timotheo , que variando o tom , enfurecia , ou suspendia o furor ao mesmo Alexandre : Jà o tempo quebrou a frauta , em que tangendo Empedocles huma cançao suavissima , deteve a hum furioso mancebo , que jà com a espada nua queria matar hum inimigo : Jà se destemperou a Lyra , ou se romperão as cordas daquella Viola , em que tocando Terpandro apaziguou huma sediçao em Lacedemonia : Jà se não vè , nem ainda sombra daquella facilidade , com que os mais primorosos Musicos da Grecia , jà irritavao , jà temperavao as paixões , jà accendiaõ , jà calmavaõ os affectos dos ouvintes : Pois tambem jà se naõ vè nem sombra das *Luzes perpetuas* ; porque como aquelles Musicos , morrerao tambem os *Chymicos* , que as accendiaõ. O mais que agora fazem os mayores engenhos modernos , he desenterrarem os mortos , para lhes apagarem as luzes.

Feyjoo Tom. 4. Discurs. 3. §. 9. num. 27. fol. 56. A que proposito , perguntara eu a Feyjoo , havia de fallar Cicero na sepultura da filha ; se nas cartas escritas a Aetico , como Feyjoo adverte , protesta , que he muito do seu desagrado o cheiro horrivel de sepulchro. Bom alivio seria para Cicero magoado , e saudoso , escrever com a penna o nome , do que lhe enterneciao coraçao , e offendia o nariz. Taõ digna de memoria era a Luz sepulchral , como a sepultura de Tullia nas obras , ou nas cartas

tas de Cicero; e taõ desnecessario era dizer o pay, que accendera a Luz no sepulchro de Tullia, como que sepultara a filha; e ainda naõ vi exornar ne-
nhuma Oraçaõ Funebre com as luzes da Eça, se-
naõ com as virtudes do morto. Naõ se lhe faz o
elogio com as luzes, que no sepulchro se escon-
dem, senaõ com as obras, que na sepultura se naõ
enterraõ, e na terra se naõ occultaõ.

Finalmente o argumento geral contra as *Luzes perpetuas*, que Feyjoo tira da experienzia do fo-
go consumir a materia em que arde; tambem tem
contra si a experienzia de naõ consumir esta mate-
ria n:quellas Luzes, que se acharaõ no sepulchro
de Olybio, Tulliola, Palante, e de outras pessoas,
como testemunhaõ àlem dos referidos Authores Gui-
do Panciroollo, Henrique Salmuth, Mercurio Ita-
lico, Bernardo Cesio, Baptista Porta, Martim del
Rio, Bernardo Scardeono, cuja authoridade fa-
vorece o grande Lume da Igreja Santo Agostinho;
referido, e seguido pelo Padre Francisco Soares
da Companhia de J E S U S na averiguaçao deste
artificial meteoro, que eom o Padre del Rio con-
fessa ser invento Chrymico: *Mibi quidem dubium
raon est, liquorem illum Olybii Maximi, cajus benefi-
cio lucerna multis saeculis conservata fuit ardens, chy-
micum fuisse.* Nenhum credito dà Feyjoo à Philo-
sophia, estando em contrario a experienzia; porque
la experienzia es, como hemos dicho, el unico conducto
para saber algo de la naturaleza. Pero el Philosopho
que sabe? Dudar de todo, y nada mas; e quer ago-
ra esquecido desta sua maxima recebida de todos
os Philosophos, que contra a experienzia, prova-
da com tantas authoridades, prevaleça só a sua Phi-
lofo-

P. Frác. Soar.
Luf. Tom. 2.
Tract. de Mc-
teor. Sect. 4.
§. 1. fol. 367.

Feyjoo Tom.
3. Discurs. 12.
§ 23. num. 8.
fol. 326.

14. *Ennea, ou Applicaçao do Entendimento, filosofia, com dudar de todo, y nada mas!*

Feyjoo Tom: Nenhum credito dà Feyjoo ao grande numero
4. Discurs. 3. de Escritores, que affirmaõ haver antigamente *Luzes perpetuas*; porque „ Un entendimiento humilde
§. 13. num. 37. fol. 63. „ y vulgar, llegando a saber que son muchos los
„ Authores (como de hecho llegarán oy à cen-
„ tenares) donde se halla escrita la noticia de las
„ Lamparas inextinguibles de los sepulcros de Pa-
„ lante, de Maximo Olybio, y de Tulia, aqui pa-
„ ra, porque o le faltan los principios necessarios
„ para examinar la verisimilitud del hecho, ò a un
„ que los tenga, no sabe usar de ellos. La multi-
„ tud de Autores tomada a vulto es para el regla-
„ infalible, y tratarà de imprudente, y temerario
„ a qualquiera, que dude, ò contradiga aquellas
„ noticias. Pero un hombre discreto, y dotado
„ de la instruccion, y talentos necessarios, nota-
„ ra lo primero las dificultades insuperables, que
„ la physica, assi theorica, como experimental,
„ representa en la existencia, y aun en la possi-
„ bilidad de dichas Lamparas. Notara lo segun-
„ do, que en los antigos Escritores no se halla
„ sombra, ni vestigio de estas Luces sepulcrales
„ inextinguibles. Notara lo tercero, las contradi-
„ ciones de los Autores, que las affirman, en
„ quanto al tiempo, y otras circunstancias. No-
„ tará lo quarto, que ninguno de los Autores,
„ que las affirman, y defienden, dice haverse hal-
„ lado presente al descobrimento de alguno de
„ aquellos sepulcros. De todas estas observacio-
„ nes prudentemente concluirà, que la especie de
„ las Lamparas inextinguibles es uno de los mu-
„ chos monstros, que engendra el embuste, y ali-
„ menta la credulidad. Po-

Porém ainda que Santo Agostinho , o Padre Soares , e muitos dos referidos Authores não forão homens de *entendimiento humilde , y vulgar* , nem faltos dos *principios necessarios para examinar la verisimilitud del hecho* , e todos sabião muito bem *usar de ellos* ; porque qualquer delles , (e com muita especialidade Santo Agostinho) foy *un hombre discreto , y dotado de la instrucion , y talentos necessarios* , para philosophicamente examinar melhor do que Feyjoo esta verdade : com tudo , para que este presumido *Hombre discreto* não imagine , que para lhe responder offereço só a difficuldade por solução da sua duvida , notará tambem sobre o primeiro *les dificuldades insuperables* , que lhe representa *Mañer en la existencia , y aun en la posibilidad* , de tudo quanto escreveo no seu *Theatro Critico* para desterrarr erros communs. Notará sobre o segundo , que succedeo às *Luzes perpetuas* o mesmo , que aconteceo aos *Famosissimos Guerreros poco , o nada inferiores* ao Cid , y Bernardo del Carpio , de quem hoje não há noticia , por se haver sepultado *la memoria de ellos , y de sus hazañas* , por faltar *Autores* , *que se las comunicassen* ; e para não faltar circunstancia , fol. 348. & 349. de algum modo com tão famosos Heroes , es lo mas lamentable , que haya oy *Autores* , que quieran borrar *la memoria de algunos pocos* , que por dicha especial se eximieron de aquell comun olvido. Notará sobre o terceiro , que nega Feyjoo aquellas Luzes , como Ferreras a Bernardo del Carpio *sin mas motivo* , que *hallar mezcladas algunas fabulas en las hazañas de este Heroe , y algunas contradiciones en las varias noticias , que nos han quedado de el* . *Debilissimo fundamen-*

Feyjoo Tom:
4. Discurs.
13. §. 17. n.
56. 57. & 58.

to

to por cierto : pues con el mismo se poderia negar la existencia de casi quantos hombres illustres tuvo la antiguedad. Quien ha havido, en cuyas acciones, y circunstancias concuerden, sin discrepancia alguna, todos los

Feyjoo Tom. *Autores* ? Notarà finalmente sobre o quarto, que 4. *Discurs. 13.* não ser à motivo este bastante, para dissentir positivamente à quanto ballamos escrito das Luzes perpetuas, como de aquel Heroe Alexandre ; porque aunque ninguno de ellos (Plutarco, Arriano, y quinto Curcio) fue testigo de sus hazañas, ni alcanço a los que lo fueron, se debe crer, que las participaron de otros escritos anteriores, que oy no existen. E agora estimo muito o ter visto, e notado estas tão notaveis, e não ley se notadas contradições do Reverendíssimo Padre

Feyjoo, com que elle pretende (esquecido do que escreveo) defender no mesmo. Tomo com os mesmos, e identicos fundamentos humas conclusões contrarias ; porque com estas contradições me livro dos vossos, e respondo aos seus argumentos. Não pôde Feyjoo apagar as *Luzes perpetuas*, sem eclypsar juntamente as *Glorias de Hespanha* ; porque com as mesmas razões com que pretende elogiar Hespanha, com a fama dos seus antigos, mas não fabulosos Heroes, intenta tambem extinguir, como fabulosas, as antigas *Luzes perpetuas* ; e não pôde apagar as *Luzes*, sem escurecer tambem as *Glorias* ; porque as razões, com que defende as *Glorias*, ficão sendo sem razões para impugnar as *Luzes* ; e quando as *Luzes* estejaõ bem impugnadas, ficão as *Glorias* mal defendidas, mas como interessa mais nas *Glorias de Hespanha*, do que no eclypse das *Luzes*, estimarà agora, que sem embargo das suas objecções se conservem acezas as *Luzes perpetuas*, para que estes

tes argumentos não deixem as *Glorias de Hespanha* eclipsadas.

Agora me haveis de conceder, que se duvidais das Luzes inextinguiveis, que sempre a incorruptibilidade dos corpos, que com ellas se acharaõ inteiros, e sem nenhuma corrupção, prova a grande antiguidade da *Chymica*; porque esta Arte com o espirito de vinho bem retificado conserva incorrupto dentro de hum vidro qualquer animal morto. Nisto me ha de conceder Feyjoo, que excediaõ já os *Chymicos* antigos aos modernos, por ser reservado só à veneravel antiguidade o segredo, com que os Egypcios embalsamavaõ os corpos, para preservallos da corrupção. Era aquella confiçaõ, ou Mumia Egypciaca, como diz Feyjoo, de muito mayor efficacia, do que as que agora se usaõ; porque o effeito das modernas apenas chega a dous, ou tres seculos; e o das antigas durava por milhares de annos. Os descendentes dos antigos moradores da Ilha de Tenarife, chamados *Guanchas*, ou *Guanchios*, guardaõ, segundo refere Bluteau, com grande veneraçao os cadaveres de seus maiores, tão perfeitamente embalsamados, que estaõ frescos, e inteiros; vem-se em diferentes concavidades huns em pé, outros deitados sobre taboas de certo pão incorruptivel; tem os olhos fechados, bem arreigados ainda os cabellos, orelhas, nariz, dentes, beiços, e barba no seu estado natural, algumas rugas na pelle, e só a cor não he como a da gente vivâ. O segredo, conclue o mesmo Author, d'este admiravel balsamo se perdeu com a morte das pessoas da familia, que unicamente o tinha. Por isso nenhuma comparaçao tem

Feyjoo Tom.
4. Discurs. 13.
12. §. 25. num.
65. fol. 311.

Bluteau Vo-
cab. Tom. 8.
fol. 91.

C o es-

o espirito de vinho , que prepàraõ agora os *Chymicos* modernos , com o licor , que faziaõ os *Hermeticos* do Egypto , entre os quaes era sabido o invento da *Chrysopeia* , e *Argiropeia*. Com este licor se conservou inteiro , e incorrupto o cadaver de Tullia filha de Cicero ; porque como escreve Mercurio Italico referido pelo Padre Soares , descobrindo-se o seu cadaver no Pontificado de Paulo III. 1500. annos depois da sua morte , estava depositado em huma caixa de marmore , nadando em hum admiravel oleo , que conservava o corpo inteiro , o rosto illeso , fermoſíſſimo , e com as cores , e alevantos de vivo , os cabellos louros , atados , e entransfados com hum circulo de ouro , e aos seus pés estava ardendo a Luz inextinguivel , que o ar apagou de huma vez para sempre , como a morte tinha eclipsisado aquella fermoſura por toda a eternidade , onde estarà sem fim as escuras , por lhe faltar como a Gentia a Luz perpetua.

ENODIO. Quando o vosso discurso não prove a verdade das Luzes inextinguiveis , sempre mostra com evidencia a antiguidade da *Chymica* ; porque com as Mumias , e balsamos conservavaõ os *Hermeticos* antigos os cadaveres incorruptos. Porém ainda me fica o escrupulo , de que naõ fallaõ na *Chymica* as palavras de *Hermes*. São tão universais , e transcendentas as palavras deste Philosopho , que tanto servem para os *Chymicos* , como para os *Lavradores* , e com esta universalidade desfavorece muito o *Protho-Chymico* aos *Hermeticos*. E quando esta *Tabula* fora solido fundamento da sua doutrina ; não falta quem negue , ou duvide , que esta obra seja de *Hermes* , porque se naõ acha nos seus Livros.

ENO-

ENODATO. Facilmente vos mostraria, que as palavras de *Hermes* se entendem especialmen-
te da *Chymica*, e não da *Agricultura*, se essa fora
a minha empreza, ou o fim da vossa curiosidade;
porque mandaria vir da minha Livraria, que está
tão perto como *vedes*, os doutíssimos *Commenta-
rios* de *Kriegsmano*, e de *Dorneo*, ou a *Paraphra-
se* da *Tabula Smaragdina*, e com elles desvaneceria
logo a vossa duvida a respeito da materia, que nel-
la escreveo enigmaticamente o mesmo *Hermes*.
Ném até agora consta com certeza, que *Hermes*
não escrevesse a *Tabula Smaragdina* nas suas obras;
porque nellas faltaõ muitos livros, e alguns que se
divulgaraõ em seu nome, não saõ seus; sendo mui-
to provavel, que naõ vulgarizasse nos livros os
seus maiores segredos, como advertio o mesmo
Sennerto: *Nam secretiora non semper cum reliquis
edi solent*; porisso podeis crer com toda a certeza,
que a *Tabula Smaragdina* he a Pedra *Lydia* de to-
das as opiniões, e dogmas *Chymicos*, e que saõ fal-
sos, e contrarios da *Universal Medicina*, todos os
dictames, que com ella não concordão, conforme
diz o mesmo Author: *Quod falsa sint ea, & ab uni-
versali medicina aliena, quæ cum Tabula Smaragdina
non conveniunt*. E daqui infere fabiamente Santo Al-
berto Magno, que *Hermes* foy a raiz donde brotou
a *Chymica*; e accrescento eu, que a sua *Pedra Phi-
losophal* he a base solida, em que se sustenta o
edificio da *Philosophia Hermetica*, a qual se para al-
guns homens he Pedra de *Sisypho*, ou Pedra de
Escandalo, ou Pedra Reprovada pelos edificado-
res, por fim como esta ultima Pedra he coroa dos
homens fabios, e entendidos. Esta he a razão, por-
que
Cij

que o Insignissimo, e Excellentissimo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes chamou em huma occasiao na minha prezença à *Pedra Philosophal Sebastianismo da Philosophia*; porque todos os homens de grande juizo saõ Chrysopeios, assim como os Heroes de grande entendimento saõ Sebastianistas.

§. III.

Proseguindo a mesma materia, da-se noticia de Hermes.

ENODIO. Staõ discretamente comparados Os Sebastianistas, com os *Hermeticos*; porque tanta duvida tem a existencia do *Lapis*, como a do Senhor Rey D. Sebastianõ; porque ambos estaõ encubertos. Porém deixando agora o *Sebastianismo*, em que naõ tenho duvida, dizey-me, quem foy este *Hermes* tão celebrado no Mundo, que chegou a escrever trinta e seis mil, quinhentos e vinte cinco livros, como li na Oraçao Dedicatoria, feita à Livraria do Illustrissimo, e Reverendissimo Arcebispo de Lisboa D. Luiz de Sousa, por D. Raphael Bluteau, a quem por ter escrito tantos, e tão doutos volumes, podemos chamar *Hermes Catholico*?

ENODATO. *Hermes Trismegisto* foy hum grande *Philosopho*, e *Medico* do *Egypto*, de eterna fama, e incomparavel sabedoria; porque chegou a saber as tres partes da *Philosophia* do Mundo, como elle escreveo no numero duodecimo da sua *Tabula Smaradigna*: *Itaque vocatus sum Hermes Tris-*

Trismegistus habens tres partes *Philosophie* totius Mundi; e declara a Paraphrase da mesma Tabula, que *Hermes* soubera as tres partes de toda a scien-
cia, e *Philosophia* do Universo: *Et propter hoc Hermetis Trismegisti nomine me appellarunt: cum habeam partes tres sapientiae, & Philosophiae Universi mundi.* Bastava para credito da sua grande sabedo-
ria conhecer como tão famoso Theologo, con-
forme lhe chamão Alapide, e Vieira, que o mes-
mo Universo era hum Livro composto por Deos: *Universum est liber Divinitatis.* Os Phenicios lhe cha-
márao *Tauto*: os Egypcios *Toyth*, ou *Touth*: os Gregos *Hermes*; e os Latinos *Mercurio*; porém as-
sim os Latinos, como os Gregos lhe puzeraõ o cognome de *Trismegisto*, que he o mesmo, que trez
vezes grande, ou trez vezes Mestre; porque *Hermes Trismegisto* foy summo Sacerdote, *Philosopho*,
e *Rey*, ou *Rex*, Sacerdote, e Propheta, que saõ
as tres partes da Sabedoria do Mundo, que he o li-
vro da Divindade, segundo escreve o mesmo *Sennerto*: *Unius Trismegistus est, sive quod summus Sacerdos, Philosophus, & Rex, seu ut alius placet Rex, Sacerdos, & Propheta efficit; quod communis Graecorum, & Latinorum more summe excellenter, quaterque maxime, & beate appellantur.* Foy *Hermes* discípulo de *Noacho*, Mestre de *Camephon*, Legislador,
e Mestre de todas as Sciencias do *Egypto*, como refere *Cicero*, as quaes segundo escreve *Berofo*, ti-
nha *Abraham* communicado aos Sacerdotes Egyp-
cios; porque antes do grande Patriarcha entrar no *Egypto*, ignoravaõ todos a sciencia dos Astros, dos Numeros, e outras muitas. Floregeo este grande *Phi-losopho* no tempo de *Isis*, e de *Olyris*, como se co-
lhe

Alapide in
Proem. & en-
com. S. Scri-
ptur. Tom. I.
S. I. n. 1. fol. I.
Vieira Tom.
5. num. 9. fol.
9.

lhe do que escreveo Diodoro Siculo no primeiro Livro, que vem a ser 2000. annos depois da criaçao do Mundo. Ainda que muitos Authores concordaõ, em que *Hermes* compoz trinta e seis mil quinhentos, e vinte e cinco Livros, os principaes forão, como diz Clemente Alexandrino, trinta e seis de Philosophia, e seis de Medicina, aos quaes ajuntarão outros Escritores varios volumes, divulgados debaixo do nome de *Hermes*, querendo antes perder a gloria de Authores, do que ver sem estimaçao os seus livros. A estas injurias chama discretamente o grande Viceira as mais intoleraveis; porque se lhe deve o agradecimento. Por estas letras, e muitas virtudes moraes, e heroicas, com barbara, e supersticiofa idolatria adorarão os Egypcios a *Hermes* depois da morte, como seu verdadeiro Deos da Sabedoria. Taõ antigo he no Mundo o costume barbaro de adorarem os homens aos Sabios por Deoses das Sciencias, não em quanto vivos, se não depois de mortos.

ENODIO. Só hum Philosopho taõ sabio, que soube as tres partes da Philosophia do Universo, podia escrever tantos livros, e inventar huma Arte, sobre que se tem escrito Livrarias. Agora estimarey saber de vòs, se com ella possuirão os Egypcios grandes remedios para conservar a saude, e dilatar a vida, como tambem mysteriosos arcanos para adquirir, e augmentar as riquezas, que saõ os dous principaes effeitos da Chrysopeia.

§. IV.

Da excellencia, e mysterios da Arte Magna.

ENODATO. **T**odos sabemos, que no Egyp-
to chegou a Medicina à sua
mayor perfeiçāo, e pela saude, que logravāo os mo-
radores daquelle Reyno, viviāo muito, e multipli-
cavāo com tanto excesso, que para extinguir a ge-
raçāo dos Hebreos, ordenou Pharaō às parteiras
Egyptanas, que nos partos lhes matafsem os filhos
varões; e porque estas mulheres por temor de Deos
desprezaraō o Real Decreto, mandou o Tyranno
lançar os Innocentes no Rio : *Quidquid masculini* Exod. 1. 22.
sexus natum fuerit, in flumen projicite; sendo este
Barbaro tão semelhante a Herodes perseguidor
tambem dos mesmos Innocentes, que entre o He-
rodes de Memphis, e o Pharaō de Hierusalēm
não houve mais diferença, que affogar Herodes
os Innocentes da Palestina em sangue, e Pharaō
em agoa os Innocentes do Egypto; mas por justo
castigo de Deos morrēraō depois, Pharaō no mar
Vermelho, como affogado em sangue, e Herodes
na Redinha affogado em agoa; porque ainda hoje
lá se conserva sepultado no Rio.

E sobre a boa saude, e larga vida dos Egypcios,
que deviāo abaixo de Deos à Medicina *Hermeti-
ca*, ninguem ignora, que *Hermes Trismegisto* in-
ventou no Egypto os Hieroglyphicos, como es-
creve Plataō, os quaes só os Philosophos, e Sacer-
dotes mais Sabios entendiaō, e interpretavaō. De-
baixo do veo daquelles enigmas, e mysterios, *the-
rei-*

deixou Hermes em testamento, ou herança, aquela recondita, e preciosa sabedoria, que foy o Potosi, donde tiraraõ os Egypcios tantas riquezas, como forão necessarias para edificar as Pyramides, Obeliscos, Labyrinthos, e soberbos Palacios, que forão maravilhas do Mundo, os quaes edificios pyramidaes eraõ de taõ segura archiectura, que os não arruinou, nem destruhiõ o dilatado espaço de trinta seculos. Das Pyramides, que ainda hoje se conservaõ tres legoas do Graõ Cairo, as maiores são tres, que segundo a tradiçāo daquelles Povos, forão edificadas por ordem de Pharaõ, perseguidor dos Israélitas: a primeira para sua propria sepultura: a segunda para sua mulher; e a terceira para sua filha; porém não logrou Pharaõ o delíanco que esperava, porque no mar Vermelho deraõ as ondas a este Tyranno huma fluctuante sepultura. Na fabrica da mayor destas Pyramides trabalhaõ inutilmente vinte annos, trezentos, e setenta mil homens, que só em alhos, e cebollas, de que gostaõ muito os Egypcios, gastaraõ mil e oito centos talentos, que importaõ em douis milhões de ouro; porque nem Pharaõ, nem sua mulher, nem sua filha, ou pessoa alguma, lograraõ a vaidade de serem os seus cadaveres sepultados neste soberbo Mausoleo. Thevenot, que vio; e medio esta prodigiosa Pyramide, diz, que he quadrilatera, e por onde começa a sahir da terra, tem mil e duzentos e sessenta passos de circuito. Todas as pedras de que se compoem, tem tres pés de alto, e cinco, ou seis de comprido, e cada pedra destas forma hum degrão sacado, que por todos são duzentos e oito, desde o alicerce ate o remate, que pare-

parecendo cà debaixo agudo , tem no alto hum plâno de pedra , em que pôdem caber quarenta pessoas. Nesta Pyramide hâ huma camera , em que está hum tumulo vazio , feito de huma pedra inteiriça , e semelhante a porfido ; mas quando nelle estiverão depositadas as cinzas de Pharaò , ou de algum outro Monarcha , sempre estaria vazio o sepulchro ; porque nenhum lugar occupa depois da morte a vaidade. He porém digno de reparo , que sendo as Pyramides do Egypto huma das sete Maravilhas do Mundo , sejaõ hoje de todas ellas a unica , que posta em pé hâ mais de tres mil annos , triumpha , e triumphará por muitos seculos de todas as injurias do tempo ; porque como as Pyramides entre os Egypcios eraõ o symbolo da vida humana , que da baze da infancia sempre se vão attenuando até o ultimo ponto , que he a morte , por cuja razão ainda hoje se levantaõ Pyramides nos Mausoleos , para significar a continua extenuação da vida , e no Egypto foraõ edificadas as Pyramides com Ouro feito pela Arte Chymica , ainda hoje está apre- goando com mudas vozes , e lingoas de pedra aquelle symbolico pregoeiro de marmore , que a *Chrysópeia* de Hermes , senão eterniza , dilata tanto a vida , como as suas Pyramides , sem faltar nunca dinheiro a quem possuir este arcano , para fazer aquellas , e outras maiores maravilhas ; sendo a mais plau- fivel de todas , acharem-se depois de tão dilatado tempo os Mausoleos , e tumulos dos *Hermeticos* , tão desnecessarios , como vazios. Tanto viviaõ , e tão opulentos eraõ os Egypcios possuidores da *Chrysópeia* , que ainda no tempo do Emperador Diocle- ciano , como refere Suidas , era tão certa , e cons-
D tante

tante a fama do muito Ouro, que pela *Chymica* se fazia no Egypto, que por temer Diocleciano a sublevaçao de hum Povo taô rico, e vigoroso, lhe mandou queimar os livros, que tratavaõ da *Chrysopeia*, para evitar com este incendio a duraçao, e rebeliaõ de taô poderosos, e robustos vassallos.

ENODIO. Todos os Tyrannos saõ ambiciosos da vida, e da riqueza; e principiando pela riqueza: Marco Antonio, estando na Asia, poz duas decimas no espaço de hum anno, a cuja exorbitancia respondeo o Povo, que estimavaõ muito, que elle tivesse authoridade para em hum anno duplicar a obrigaçao de lhe pagarem duas vezes tributos dos fructos da terra; porque tambem devia mostar primeiro o novo poder, que tinha para fazer dous Estios, e dous Outonos dentro do mesmo anno, de que elles muito necessitavaõ para fazerem duas colheitas, e duas vindimas, taõ necessarias para sustentarem a vida, e pagarem os tributos aonde reynavaõ Tyrannos, como Agamemnon, a quem Achiles com justa razaõ chamava devorador do Povo, os quaes de hum só beneficio, que cada anno lhe fazia a Natureza, queriaõ dous agradecimentos. Não ha nenhum Tyranno, que naõ imite o fabuloso Caronte, que contentando-se no principio com hnm só Obolo, depois pedio dous, e finalmente quiz tres; porque todos poem tributos para tempo determinado, e naõ só se perpetuaõ, mas ordinariamente se aumentaõ, e multiplicaõ, ainda que os Estios, e os Outonos se naõ duplicaõ, e os fructos por andarem as terras cançadas, se attenuaõ. Quanto ao desejo de viver, e de dilatar a vida, temos hum admiravel exemplo em hum dos Diósyrios

aysios Tyrannos, a quem serviaõ de Barbeiros suas filhas em quanto forao pequenas ; porque depois de serem grandes, naõ queria que usassem de navalha, ou da tesoura , e só com hum tiçao permitia que lhe chamuscassem os cabellos da cabeça, e com cascas de nozes accezas os da barba ; e à vista do referido , naõ podia a tyrannia de Diocleciano deixar de estimar muito huma Arte , que lhe podia dilatar a vida , como a duraçao das Pyramides do Egypto , e augmentar as riquezas, como por sua mão fazia Mydas ; por isso entendo que o motivo de taõ barbaro incendio seria experimentar Diocleciano , que com a *Chrysopœia* senaõ augmentava a riqueza , nem se dilatava a vida.

ENODATO. O Emperador Diocleciano , como cruel perseguidor da Igreja Catholica , ainda que estimava muito a conveniencia , e saude propria , tambem desejava destruir a vida , e utilidade alheya , como testemunhaõ tantos Martyres , que barbaramente condennou à morte. E como o amor proprio lhe promettia larga vida , e naõ tinha como Emperador necessidade do Ouro , e Prata do Egypto , nem os *Hermeticos* lhe pagariaõ tributo daquella Prata , e Ouro , que fabricavaõ occultamente pela Arte : para evitar estes roubos , e a guerra , que lhe faziaõ com as suas riquezas , mandou Diocleciano buscar , e queimar no Egypto todos os livros *Chrysophilos* , para que ignorando os Egypcios aquella Sciencia , naõ vivessem tantos annos , nem possuissem grandes thesouros. Nem se pôde presumir , que o incendio das Livrarias *Chymicas* foy ordenado para castigar o engano dos *Hermeticos* , affirmando Suidas , que o Emperador as mandara queimar,

mar, por temer a guerra presente, e a sublevaçāo futura dos poderosos, e riquissimos Egypciros: *Chemia est auri, & argenti confectio: cuius libros Diocleianus conquisitos cremavit, propterea quod Egypti res novas adversus illum molti fuerant, quos duruer, atque hostiliter tractavit: eodemque tempore libros de Chemia auri, & argenti ab antiquis scriptos conquisivit, atque incendit: ne deinceps Egypti arte illa divitias compararent, ne pecuniarum abundantia confisi, deinceps adversus Romanos rebellarent.* Repetivos as formaes palavras de Suidas, para que visseis, que a *Chymica* de que falla, era Arte nāo de fundir, mas de fazer Ouro, e Prata: *Chemia est auri, & argenti confectio;* e como com estas excessivas riquezas eraō os Egypciros muito poderosos, nāo por compaixaō do seu trabalho, e dispêndio da sua fazenda; mas enfurecido, e escandalizado Diocleiano do que machinaraō, e poderiaō novamente intentar contra elle, e contra o Imperio Romano, lhes mandou queimar os livros *Hermeticos*, para secar, e esterilizar com as labaredas de fogo as Arvores da Scienza, que no Egypto produziaō fructos de Prata, e Ouro: *Libros de Chemia auri, & argenti ab antiquis scriptos conquisivit, atque incendit.* De maneira, que tão longe està de provar o incendio a falsidade da *Chrysopeia*, que antes he hum argumento, que a todas as luzes acredita a sua verdade.

ENODIO. Como ninguem duvidou atē agora da verdade de Suidas, nāo me atrevo a negarhe o credito, ainda a respeito do que diz da *Chrysopeia*. Porém nāo posso entender como convertiaō os Egypciros huma substancia em outra, transformando os metaes viz em Prata, e Ouro.

ENO-

ENODATO. Bem sabeis vós como bom Philosopho, que da potencia para o acto não val o argumento, que conclue do acto para a potencia; porque senão he o que pôde ser, pôde muito bem ser o que já he; e daqui se segue com evidencia, que se os Egypcios faziaõ Ouro, e Prata pela Chymica, como vós confessais, crendo a Suidas, que o podiaõ fazer, transformando huma em outra substancia, e transmutando os metaes viz em Prata, e Ouro; porque do acto para a potencia val o argumento. E atè para estas transformações favorecia muito a Natureza daquelle Paiz à industria da *Arte Magna*; porque como por liçao de Ibrahim escreve no seu Vocabulario o grande Bluteau, as mesmas terras do Egypto cada tres mezes se transformaõ. Tres mezes do anno saõ brancas, e resplandecentes, como Perolas: outros tres saõ verdes, como Almiscar: outros tres saõ amarellas, como Alambre, que he huma cor, que està muito perto de ser de Ouro; e com a mesma agoa do rio Nilo se transformaõ em doces os limões azeados. Mas se estas experiencias, noticias, e razões vós não convencem o entendimento, para crerdeis na transmutaçao das substancias, e na transformação dos metaes, ouvi agora o mayor exemplo, que se pôde achar nesta matéria, succedido ha muitos seculos no Egypto, como qual as conversões com infallivel certeza se provaõ.

No Paço, e na presença de Pharaõ, Rey do Egypto, converteo o Summo Sacerdote Aaraõ milagrosamente em Serpente a Vara de seu irmão Moyses: *Verba est in Colubrum*; e sendo logo char Exod. 7. 10. mados

Exod. 7. 11.

mados por ordem do mesmo Rey todos os Sabios, e Feiticeiros do Egypto, para competirem à sua vista com os Hebreos, converteraõ tambem os Magos as suas Varas em Serpentes, naõ só por força de encantos, como Feiticeiros; mas tambem de alguns segredos Egypciacos, como Hermeticos: *Vocavit Pharaõ sapientes, & maleficos: & fecerunt etiam ipsi per incantationes Ægyptiacas, & arcana quedam similiter. Projeceruntque singuli virgas suas, que versa sunt in dracones.* Alguns Expositores, como Nissenó, Justino, Ruperto, e Tertulliano entendaõ, que as Serpentes dos Magos foraõ fantasticas; mas Santo Agostinho, Theodoreto, Lyra, Abulense, Caetano, e outros com o Padre Cornelio Alapide affirmaõ, que foraõ verdadeiras Serpentes: *Veras hos Magorum fuisse dracones.* Naõ concordaõ tambem os Expositores no modo, porque os Magos fizeraõ esta admiravel conversaõ. Entendo Caetano, que por arte do Demonio converteiraõ os Magos as suas Varas em Serpentes; porque usando de couzas naturaes, e efficacissimas, podia o Diabo fazer esta conversaõ. E deixando agora em silencio a opiniao de Calvino, que naõ deve ser ouvida, como proposição de hum Heresiarcha blasphemico, tambem se naõ põde sustentar a do Padre Alapide; porque segue que os Demonios trouxeraõ de outra parte as Serpentes, e com a subtileza, e brevidade, com que fingem os prodigios, as puzeraõ no mesmo lugar, donde repentina, e imperceptivelmente tiraraõ as Varas: *Dico ergo dæmones aliunde hos dracones adduxisse, eosque virgis subito, & imperceptibiliter subductis, earum loco substituisse.* Porém esta exposição naõ concorda com o sentido literal

literal do Texto, nem com a doutrina, 'que o mesmo Alapide deixou escrita neste lugar; porque o Texto Sagrado diz expressamente, que as varas dos Magos se convertêraõ em Serpentes, sendo os mesmos Magos *Ipsi*, e não outros, os Authores desta conversaõ, que elles fizeraõ por força de encantos Egypciacos, e obra dos segredos da sua Arte: *Et fecerunt etiam ipsi per incantationes Ägyptiacas, & arcana quædam similiter. Projecerunt que singuli virgas suas, quæ versæ sunt in dracones; e accrescenta que a Vara de Aarão, que era a mesma de Moylés, como diz Alapide: Eadem virga nunc Mosis, nunc Aarónis, nunc Dei dicitur, engulira as mesmas varas dos Magos: Devoravit virga Aaron virgas eorum; o que não diria, se fossem Serpentes, poltas pelo Demonio no lugar donde tinha tirado as Varas; porque usando a Escrittura com verdade da figura chamada Metonymia a respeito do nome, que dà à Vara de Moylés, não poderia com verdadeira translaçao affirmar, que as Varas dos Magos foraõ devoradas pela Vara de Aarão: Devoravit virga Aaron virgas eorum; porque as Serpentes conduzidas àquelle lugar pelo Demonio, não eraõ, nem tinhaõ sido Varas dos Magos; porém sendo Varas convertidas em Serpentes, e não Serpentes em lugar de Varas, podia o Sagrado Texto dizer, sem faltar à verdade, que a Vara de Moylés, não pela Serpente que era, senão pela Vara que fora, engulira as Varas dos Magos, não porque nesse tempo fossem ainda Varas, mas porque antecedentemente o tinhaõ sido, como com authoridade de Philo Hebreo, Santo Agostinho, Profpero, Ambrosio, e Caetano commenta Cornelio Alapide*

de: *Virga, id est Serpens, in quem virga erat conver-
sa, devoravit virgas, id est Serpentes, sive dracones,
in quos virgæ eorum erant converſæ.* No prodigioso
sucesso, pois, desta conversão, se deve agora no-
tar, que os Feiticeiros, e os Sabios, que na Versão
de Onkelos, e conforme o Texto Hebreo são Ma-
gos, todos foram chamados ao Paço, para que os
Magos, como Boticarios, e Chymicos na versão dos
Setenta: *Sophistas, & Pharmacos*, com os segre-
dos da sua Arte: *Arcana quedam*; e os Feiticeiros
com os encantos do Egypto: *Incantationes & Egyp-
tiacas*, fizessem huma conversão; em que a Arte Ma-
gica dos Feiticeiros, e a Arte Magna dos Sabios,
competissem com a Omnipotencia Divina; porque
erão tão poderosos os segredos daquelles Sabios,
como os encantos daquelles Feiticeiros, em fazer
transformações prodigiosas, por serem peritos nos
segredos da Chymica, a que o Padre Alapide chama
com razão Arte admirável: *Sapientes hic vocantur
rerum arcanarum, vel artis admirabilis periti.* Por se-
rem estes homens tão peritos na Arte de transformar
as substancias por meyo de certos segredos: *Arca-
na quedam*, foram igualmente chamados ao Paço,
e introduzidos com os Feiticeiros, a competir com
Moysés, e Aarão, porque pelo conhecimento, e
experiencia, que Pharaão tinha da Magica dos Fei-
ticeiros, e da Sabedoria dos Hermeticos, tanto el-
perava a victoria da efficacia dos segredos, como
da força dos encantos. Em quanto Deos permittio,
e não impedio a força dos encantos, e a efficacia
dos segredos, para ser mais illustre a sua victoria,
como notou o Padre Alapide: *Hinc patet, quod
Deus permiserit Magos tam mira operari, eo fine ut
illus-*

illustrior foret vittoria sua; convertiaõ os Magos; e os Magicos humas Varas mortas em Serpentes vivas, da mesma sorte que em Serpente convertèo Aaraõ a Vara de Moysés: Versa est in colubrum; similiter veræ sunt in dracones. E se os segredos dos Sabios Hermeticos do Egypto: *Arcana*, erão tão poderosos, que convertiaõ humas Varas mortas em huns Dragões, ou Serpentes vivas: *Dracones*, como transformavaõ em Dragões as mesmas Varas os Feiticeiros do Egypto com os seus encantos: *Incantationes*; e isto com tanta propriedade, que a conversaõ das Varas em Dragões tinha toda a semelhança, com a que Aarão tambem fez da Vara de Moysés em Serpente: *Similiter*; mas só com a diferença, de que os Magos transformaraõ as suas Varas em Dragões, fazendo com ellas a *projecção*, que do Texto não consta, que Aarão fizesse com a Vara de Moysés: *Projecerunt que singuli Virgas suas*: Bem se segue, que com os pôs chamados de *projecção* converterião estes Magos com mayor facilidade o Dragão vivo do Mercurio em huma Vara de Ouro; assim como em Ouro convertia, quanto tocava a famosa Vara de Mercurio.

ENODIO. Todã a fé devo dar a hum exemplo, provado com hum Texto de Fè, ainda que não fica sendo de Fè, mas engenhoso discurso a consequencia, que vòs subtilmente delle inferis; por isso estimara ouvir algum exemplo natural, sucedido fôra do Egypto; e provado não só com a razão, mas tambem com a experientia.

ENODATO. Não permitem as leys da conversaão responder sempre com dilatados discursos a huma breve pergunta; mas se vòs desejais

yer esta materia disputada com todo o rigor Philosophico , aqui tendes huma Critica , que eu fiz contra o Reverendissimo Padre Athanasio Kircker, e com ella me parece , que ficareis de todo satisfeito. Porém sem agora me valer do que nella tão diffusamente tenho escrito , direy o mesmo com menos palavras. He tão certa esta verdade da transmutação dos metaes em Ouro puro , e fina Prata, por virtude da *Argyropeia* , e *Chrysopeia* , que o grande Medico Daniel Sennerto a prova com experientia : *Et si vero ea plurimis impossibilis videatur : testatur tamen contrarium experientia ;* e depois de referir os exemplos de Arnoldo de Villanova, Raymundo Lullio, Travisano, Paracelso, Sydonio, Boethio, Kelleo, Hoghelando, Libavio, Dinnheim, Bernaudo , Penoto, Zwingero, e de outros *Hermeticos* , que fizeraõ verdadeiro Ouro pela *Chymica* , refuta doutissimamente a opinião contraria. Não diz , que a fórmā do Ferro se converte em fórmā de Cobre , nem a do Chumbo em Ouro ; porém affirma , e defende , que se introduz a fórmā do Ouro, faltando a fórmā do Chumbo , e a do Cobre , morrendo a fórmā do Ferro : *Forma quidem ferri in formam cupri , & plumbi in aurum non vertitur ; sed forma ferri , decadente forma cupri , & forma plumbi , decadente auri forma , introductur.* Prova Sennerto esta sua doutrina , não só com a experientia de humas agoas , que ha no Monte *Carpatho* , junto de hum Lugar do Reyno de Hungria chamado *Smolnicio* , que convertem o Ferro em Cobre : com as agoas artificialmente vitrioladas , que deixão no Ferro hum pò vermelho , o qual depois de fundido , fica Cobre perfeitíssimo : e com o se-
gredo

gredo de Rhenano , que transforma o Mercurio em Chumbo ; mas tambem com os alimentos , que sao especies perfeitas , e de fórmas diversas , sem embargo da qual diversidade , e perfeição , se convertem em chylo , em sangue , em carne , em membranas , em nervos , e em ossos , tendo todas estas entidades diferentes fórmas . E se a Natureza , e a Arte fazem estas conversões , porque não fará a *Chrysopeia* , invento da Arte imitadora da Natureza , outras muitas transmutações , principalmente sendo symbolicas ?

ENODATO. Não tenho outra duvida contra esta vossa Philosophia , senão , que não havendo neste Mundo segredo tão occulto , que se não revele , ficasse impenetravel este segredo Egypcio a todas as Nações circumvizinhas , e com maior admiração aos Hebreos , vivendo tantos annos captivos no Egypto ; e como não consta , que os filhos de Israël soubessem a *Chymica* , nem fizesssem Ouro , ou Prata pela *Arte Magna* , daqui infiro eu , que nunca no Egypto se obrou coufa alguma com a *Chrysopeia*.

§. V.

Da Chrysopeia dos Hebreos.

ENODATO. **A**gora estimo muito não vos ter repetido a Etymologia , que o grande Bluteau escreveo da palavra *Alquimia* , para com ella vós provar , que os Hebreos aprenderão a *Chymica* no captiveiro do Egypto . *Alquimia* , ou *Alchimia* , dizelle , deriva-se , ou de *Eij* *Alchi-*

Alchimo, que segundo Libavio, fazia Ouro falso, ou de *Chime*, ou de *Cheme*, que conforme Salma-zio, foy o inventor desta Arte, ou se derive do artigo *Al*, e de *Cham*, filho de Noè, a quem alguns Chymicos fazem inventor da *Arte Chymica*, e acrescentão, que Moysés, e sua irmã Maria compuzerão Livros desta Arte; tanto assim, que em hum dos seis volumes do *Theatro Chymico* se acha hum pequeno Tratado attribuhido à dita Maria irmã de Moysés. Outros seguindo a opinião de Vof-sio, derivaõ *Alquimia* do artigo *Al*, e do Grego *Chimistos*; mas segundo Bochardo, a Etymologia mais provavel, he, a que se funda na palavra Arabică *Chema*, que val o mesmo, que occultar, e de *Chema*, se tem feito *Chemia*, e accrescentandolhe o artigo *Al*, fica *Alchemia*, que quer dizer *Arte occulta*, e esta he propriamente a de converter qualquer metal em Ouro; que se ha tal Arte no Mundo, he na realidade tão occulta, que ou todos a ignorão, ou nenhum dos que a sabe, a manifesta. Segundo os Mahometanos, conclue Bluteau, o inventor da *Alquimia*, ou *Chymica* foy Corè, a que elles chamão *Kiroun*, ou *Caroun*, ao qual com *Dathan*, e *Abiron* engulio a terra, e na opinião de alguns, de Moysés aprendeo Corè esta Arte.

Favorece esta opinião o Sagrado Texto; porque lemos nos Actos dos Apostolos, que Moysés fora erudito na Sabedoria dos Egypcios, e poderoso nas palavras, e nas suas obras: *Et eruditus est Moyses in omni Sapientia Agyptiorum, & erat potens in verbis, & in operibus suis.* Esta Sciencia, como declarou Clemente Alexandrino por liçao de Philo Hebreo, foy Grammatica, Arithmeticá, Geometria,

metria, Poesia, Musica, Mathematica, Medicina, e a *Philosophia Hermetica*, escrita mysteriosamente nos seus Hieroglificos : *Philosophiam, quam in litteris ostendunt hieroglificis*; por isso Moysés foy tão insigne, e tão poderoso *Chymico* nas operações dos Egypcios : *In operibus suis*, que com a sua grande Sciencia, e com a actividade do fogo, instrumento principal dos *Hermeticos*, reduzio à pò subtil o Bezerro de Ouro, que pela Arte fundio tambem Aarão : *Formavit opere fusorio*; ficando este pò de Ouro tão dissolvel, que o beberão desfeito em agoa os filhos de Israël : *Arripiensque vitulum, quem fecerant, combussit, & contrivit usque ad puluerem, quem sparsit in aquam, & dedit ex eo potum filius Israël*. He certo, que esta dissolução de Ouro naturalmente se não podia fazer sem o Espelho Ustorio, ou Parabolico, ou grande Sciencia *Chymica*; porque hoje nenhum Artifice pôde queimar Ouro, e reduzillo a pò subtil, que se possa dissolver, sem ir ao fundo, a que o Texto Sagrado com grande energia chama espalhar na agoa : *Sparsit in aquam*; senão usando do referido Espelho, que ha poucos annos inventou Monsieur Vilhete, ou chegando a descobrir como Moysés o segredo da *Arte Magna*, sem o qual por nenhum modo se pôde queimar, e pulverizar o Ouro, como diz Sennerto : *Discitur quidem, (Exod. 32. v. 20.) ipsum vitulum illum ab Aarone conflatum igne combussisse, & in puluerem contrivisse, ac in aquam projecisse; quod sine Chymico artificio factum non esse nonnulli statuunt: cum aurum per se nullo modo comburi, & in puluerem redigi possit: e ninguem farà Ouro potavel, de sorte que se dissolva, e não vá ao fundo, mas fique como espalhado na licor,*

licor para se beber em agoa : *Sparsit in aquam, & dedit ex eo potum*, se não for tão perito, como foy antigamente Moysés nas obras , e operações dos Egpcios : *In operibus suis* ; porque o Ouro potavel, que no seculo passado fez pela *Chymica* o insignissimo Schrodero, aindaque não descia ao fundo, não se encorporava , ou espalhava , mas nadava à Schröder.lib. tona da agoa : *Sed & mihi fors favit, ut oleum ru-*
 3. cap. 19. fol. *bicundissimum aquæ supernatans, ex auro elicuerimus;*
 261. & 266. e como Moysés pela *Arte Hermetica* fez , ou desfez Ouro , que em agoa se espalhava , encorporava , e bebia , às obras da sua Arte : *Operibus suis*, devemos attribuir esta admiravel dissoluçāo , e não aos milagres da Omnipotencia Divina , os quaes Deos , como ensinaõ os Theologos , não costuma fazer sem necessidade. Por esta razão não consta do Sagrado Texto , que a dissoluçāo do Ouro fosse milagrosa como declara , que foy prodigiosa a conversaõ da Vara em Serpente : *Versa est in Colubrum* ; dizendo expressamente , que Moysés queimara , e pizara : *Combussit, & contrivit* , ou como lè o Texto Hebreo, moera , e reduzira a tenuissimo pò o Bezerro de Ouro : *Moluit usque ad tenuitatem* ; porque moer , e pizar depois de queimar o Ouro , para com o instrumento do fogo , e obra de mãos o reduzir a pò , e forma potavel , mais parece obra da Arte , do que milagre da Omnipotencia.

Commentando este lugar o doutissimo Padre Cornelio Alapide , e não vendo nesta operaçāo nenhuma circunstancia , por onde entendesse , que era milagrosa , reconhecendo como sabio a grande dificuldade de fazer Ouro em carvão , para se moer ,

moer, e desfazer em pò, que se podesse beber em agoa, attribuhiô este prodigioso effeito à virtude, ou mistura de certas hervas, com que Moysés fundio no fogo o Bezerro de Ouro, para mais facilmente o fazer em carvaô, e desfazer em pò: *Conjecit vitulum in ignem, certis admistis herbas, ut liquaretur in massam, & quasi in carbonem redigetur: Moses carbonem illum, vel massam igne extractam contudit, & contrivit in minutum pulverem.* Notay vòs agora esta expressaô do Padre Alapide: *Massam igne extractam;* porque conformandose com o sentido literal do Texto, naô só confessâ, que Moysés fizera esta operaçâ com o fogo, mas declara, que do fogo sahira o Ouro em forma de extracto: *Massam igne extractam;* e os extractos principalmente dos metaes, ninguem ignora, que saõ operaçôes da *Chymica*. He certo, que Moysés fez esta dissoluçâ do Ouro, e tambem he certo, que só pela *Sciencia Hermetica* o podia dissolver, naô fazendo esta obra por milagre; e como naô se deve admittir milagre entre os naturaes instrumentos de fundir, e triturar, que conforme diz o Texto, e sabem os *Hermeticos*, pôdem calçinar, e pulverizar o Ouro, necessariamente havemos de admitir, que pela *Sciencia Hermetica* reduzio Moysés a pò o Bezerro de Ouro.

He porêm verdade, que depois que os Israëlitas beberão aquelle Ouro desfeito em agoa, succedeo no Deserto hum grande prodigio, segundo affirmaô os Doutores Hebreos na *Glosa ordinaria* deste Texto, como se pôde ver em Nicolao de Lyra, o qual foy sem duvida effeito milagroso da Omnipotencia de Deos; porque os innocentes acha-

acharão a bebida doce, e não lhe fez nenhum danno; excitando pelo contrario dores, e intumescencia aos Idolatras, aos quaes tingio tambem a barba com a cor do mesmo Ouro; e por estes prodigiosos sinaes foraõ conhecidos os delinquentes, e degollados à espada pelos Levitas, capitaneados por Moysés. E daqui se segue, que sendo a sabedoria de Moysés tão grande, que do seu espirito, ou talento tirou Deos, a que repartio por Setenta Varnões para saberem governar o Povo Hebreo : *Auferens de Spiritu, qui erat in Moysé, & dans septuaginta viris*; ainda era maior esta sua sciencia, ajudada com os milagrosos soccorros da Omnipotencia Divina, que Deos lhe communicou, quando lhe mandou empunhar a prodigiosa Vara, cujos milagres assombrarão o Egypto : *Virgam quoque hanc sume in manu tua, in qua facturus es signa*. E não me digais agora, que ainda que Moysés sabia a *Philosophia Hermetica*, não tinha no Deserto os instrumentos necessarios para fazer operações Chymicas; porque do sagrado Texto consta expressamente, que no Deserto fizera Moysés por mandado de Deos a Serpente de Metal : *Fecit ergo Moysen Serpentem æneum*; como tambem o Candelabro, Propiciatorio, Cherubins, Coroas, Campainhas, Thuribulos, Phialas, Alampadas, Vasos, e outras cousas de Ouro, para serviço do Santuario; e no mesmo Deserto fôrmou Aarão o Bezerro de Ouro, pela Arte, que não ignoravão os Hebreos, antes que Deos revelasse a Beseleel a Sciencia necessaria para excogitar, e fazer todas as obras de Ouro, que fossem necessarias para o Tabernaculo, e Santuario. Finalmente não só no *Theatro Chymico* se affirma,

Numer. 11.

25.

Exod. 4. 17.

Numer. 21. 9.

que

que Maria, irmãa de Moysés, soubera, e escrevera da Arte Magna; mas tambem Isaac Causat ono certifica, que na Livraria d'El Rey de França se acha hum Livro da *Chrysopœia*, com o titulo de *Ars Sacra*, escrito por esta Prophetiza, no qual ella cita, e louva muito a *Hermes*; donde se colhe com certeza, que de *Hermes* aprenderão os Egipcios a *Philosophia Chymica*, e que dos Egipcios passou aos Hebreos a noticia, e Scienzia da Arte Magna.

ENODIO. Não convence o vosso discurso a meu entendimento, porque me lembro dos exorbitantes tributos, que Salamaõ, e Roboão serão ambicioso filho, lançarão, ou imponerão ao Povo de Israël, e de Judá, os quaes de tal forte vexarão os seus vassallos, que por não poderem sofrer jugo tão pezado, acclamarão a Jeroboão por seu Rey, negando a Roboão a obediencia, e que não sucederia na Palestina, se entre os Hebreos se praticasse a Arte Magna; porque nem os Reys lançarão tão grandes tributos sobre o Povo, nem os seus vassalos se rebellarião contra elles, por não terem dinheiro com que os pagar.

S. VI.

Da Arte Magna de Salamaõ.

ENODATO. N Unea lestes em Seneca, que Alexandre Magno desejara mais, depois de ser Senhor de tudo: *Invenias isti, qui aliquid concupisceret post omnia?* Pois tambem Salamaõ, depois de possuir muito, poderia querer

F

mais,

mais ; porque os homens ambiciosos , e ricos saõ como os hydropticos , a quem naõ satisfaz a sede toda a agoa do Rio da Prata , nem todas as coñrentes do Ouro. Foy Salamaõ o mais fabio , e o mais rico homem , que houve ho Mundo ; porque ninguem o excedeo na riqueza , nem igualou na sabedoria : *Dedit tibi cor sapiens , & intelligens in tantum , ut nullus ante te similis tui fuerit , nec post te surrecturus sit.* O Padre Hieremias Drexellio , da Companhia de JESUS , fazendo a conta ás grossas rendas de Salamaõ , aindaque as limita á sessenta milhões de Ouro , naõ duvidou se sever ; que nenhum Reys , ou Imperador , exceptuando o da China , teve , ou tem de rendar tanto dinheiro , e o Padre Athanasio Kircket , da mesma Companhia , averiguando melhor o que possuha Salamaõ , reduz toda a quinça a oitocentos e sessenta e doçis milhões de Ouro. Ponderando o mesmo Drexellio a grande opulencia deste Monarca , disse com muita razão ; que sendo riquissimos os Cyros , os Sardanapalos , os Darios , e os Cressos , podiaõ estes Reys pedir elysmota á porta de Salamaõ : *Cyros , Sardanapalos , Darios , Cressos , fuisse divites non negamus , sed poterant hi Reges mendicare ad fores Salomonis.* Com estas riquezas edificou Salamaõ o Templo em Hierusalem , que soy á obra mais sumptuosa , e magnifica , que viõ , e admirou yo Mundo , em que gastou , segundo refere o Abba de Fleuri na Historia dos Israëlitas , cento e oito mil talentos de Ouro , e hum milhaõ , e deuz mil talentos de Prata , como consta do Paralipomenon , os quais reduzidos á moeda Franceza , fazem o computo de mil , seiscentos , e sessenta e nove milhões , seiscentas sessenta e oito

Drexell. tom. 4. cap. 5. de Salomon. §. I. vers. Lysander fol. 871.

oito mil libras, e alguma cousa mais, que naõ se-
ria pouco; porque cada libra de França, se me naõ
engano, saõ dous tostões da nossa moeda. Com es-
tas riquezas, naõ só fez o Altar, Mesa, dez Can-
dalabros grandes, dez mil Candelabros pequenos,
dez mil Mesas pequenas, e outras muitas cousas de
Ouro, e cubrio o Oráculo de Ouro, o Altar do Ora-
culo, os Cherubins, o pavimento, e tudo o mais,
que havia no Templo : *Operauitque omnia lumenis aureis* Reg. 3. 6. 35.
mas deu liberalmente para serviço do cul-
to Divino grande quantidade de Ouro, e Prata,
porque conforme escreve Josepho, havia no Tem-
plo de Ouro lavrado, e mocco, oitenta mil Cali-
ces, ou copos grandes, cem mil Ambolas, oiten-
ta mil Pratos, sessenta mil Taças, vinte mil Thuri-
bulos, vinte mil Jarros, vinte mil trombetas, vin-
te mil medidas, dez mil Castiçaes, e duas vezes
outra tanta Prata; e por todos eraõ os vasos de Ou-
ro quatro centos e vinte mil, aindaque Vilhalpan-
do augmenta este numero a seiscentos e sessenta mil,
mas de qualquer modo, que se faça esta conta,
naõ tem hoje tanto Ouro toda a Europa, e toda a
Asia, como diz o Padre Drexellio : *Omnis Euro-
pa, & Asia, banc auri molem hodie non representet.*
Com estas riquezas edificou Palacio na Corte, Ca-
sas de prazer, e de recreaçao no monte Libano,
aonde naõ fallando no delicioso, havia tanto Ou-
ro, que naõ só a baixella, e serviço do Paço, e
do Retiro, escudos, e lanças eraõ de Ouro puris-
simo; mas por ser tanta a Prata, como eraõ as pe-
dras, naõ tinha estimacão, nem valor na Casa, e
no reynado de Salamaõ : *Non erat argentum, nec
alicuius pretij putabatur in diebus Salomonis.* Fecit-
que

Drexel. tom.
4. cap. 10. de

Salom. fol.

881.

Reg. 10. 21.

que ut tanta esset abundantia argenti in Hierusalem, quanta & lapidum: com estas riquezas tinha tão grande Estado, que só as Damas, filhas de Príncipes, e Monarchas, que tinhao o nome, e estado de Rainhas, erao setecentas, e com trezentas, que tambem erao mulheres de Salamao, mas de in-

Reg. 3. 11. 3. ferior hierarchia, faziao todas o numero de mil: *Fueruntque ei uxores quasi Reginæ septingentæ, & concubinæ trecentæ.* Assim expoem este Texto o Padre Alapide, apartando-se da intelligencia que S. Hieronymo dà ao nome de concubinas: *Reginæ vocantur primarie uxores, quæ Regum, & Principum erant filie, ideoque regio cultu, & nomine utebantur: concubinæ erant secundariae uxores, utpote plebeiae.*

Drexell. tom. 4. cap. 3. de ção a conta ao numero das Donas, Damas, Ayas, Salomon. fol. e outras criadas, que haviao de servir no Paço a 904.

estas mil Rainhas, e assignando a cada huma das setecentas Rainhas teis criadas, e tres a qualquer das trezentas Concubinas, diz, que por todas f- ziao o numero de cinco mil, e quatrocentas mulhe- res, limitado numero de pessoas, aonde sem di- vida seria muito mayor o fausto, e a pompa. Salamao, que tudo isto vio, porque o tinha dentro em casa, não se atreveo a fazerlhe a conta, diz sómente que não tinhao numero: *Adolescentularum non est numerus.* Os coches de Estado, que serviaõ a Salamao, e a toda a Familia Real, e os que el- tavaõ prevenidos para a guerra, erao doze mil: *Ex currâum, equitumque duodecim millia: os cavallos, repartidos por quatro mil Cavallarias, erao qua- renta mil, que serviaõ para tirar pelos coches, carroças, e carros, destinados para o serviço do Tem-*

Cantic. 6. 7. *non est numerus.* Os coches de Estado, que serviaõ a Salamao, e a toda a Familia Real, e os que el- tavaõ prevenidos para a guerra, erao doze mil: *Ex currâum, equitumque duodecim millia: os cavallos, repartidos por quatro mil Cavallarias, erao qua- renta mil, que serviaõ para tirar pelos coches, carroças, e carros, destinados para o serviço do Tem-*

Paralip. 2. 9. 25. *non est numerus.* Os coches de Estado, que serviaõ a Salamao, e a toda a Familia Real, e os que el- tavaõ prevenidos para a guerra, erao doze mil: *Ex currâum, equitumque duodecim millia: os cavallos, repartidos por quatro mil Cavallarias, erao qua- renta mil, que serviaõ para tirar pelos coches, carroças, e carros, destinados para o serviço do Tem-*

Templo, e da Casa Real: *Et habebat Salomon quadraginta milia millia præsepiæ equorum currilium; hoc est, habuit 40. millia equorum in præsepiis;* commenta, e prova o Padre Alapide com as palavras do Paralipomenon: *Habuit quoque Salomon quadraginta milia equorum in stabulis;* e os cavallos da Pessoa Real, e outros de manejo, e cavallaria, eraõ doze mil: *Et duodecim millia equestrium.* Por este modo, expli- Reg. 3. 4. 26.
ca estes termos o melmo Alapide: *Curries equi vocantur, qui currus trahunt, equestris qui equitem sustinent;* e o numero dos Ministros, Officiaes, e criados, que serviaõ a Salamaõ, com tanta ordem, grandeza, e mageftade, era tão extraordinario, que admirou, e paſmou a Rainha Sabà. Todas estas, e outras muitas riquezas, que Salamaõ possuhia, deveis agora notar, que não eraõ rendas do seu Reyno, como se vio por experiencia nos seus antecessores, e sucessores, nem as conquistou pelas armas, como adquirio muitas seu pay David, nem as tirava de seus vassallos com tributos exorbitantes, nem as roubava aos estrangeiros com violentas oppressões; porque nem elles tinhaõ tanto Ouro, para fazerem a Salamaõ tão rico, e consta certamente, que este Monarca não usou destes meios para ser opulentissimo, como escreve o Padre Drexellio: *Subiectos sibi populos Rex Salomon exactionibus non exausit, non opprescit, non vi blanda spoliavit. Omnes sub illo Hæbrei fuerant opulentii, quia que sub sua fici, & vite, suaque sorte vivebat contentissimus, sed nec exteris gentibus, & alienigenis erat gravis.* Tão longe estava Salamaõ de empobrecer os seus vassallos, para com a sua pobreza se fazer rico, como fazem muitos, impondo lhes intolleraveis

Reg. 3. 4. 26.
Paralip. 2. 9.
25.
Reg. 3. 4. 26.
Drexell. tom. 4. cap. 6. de Salomon. §. 2. ver. 1. Ita. fol. 872.

46 *Enseña, ou Applicaçāo do Entendimento,*

raveis tributos, que mandava abrir os seus thesouros, e repartir o que estava nelles, por todos os seus vassallos, para que todos negociassem com a fazenda Real, e não fossem pobres, conforme diz

Drexell. tom. 4. cap. 7. de Salomon. §. 1. fol. 874.

o mesmo Author: *Aperuit Salomon terraria, e que in suis civis potissimum depletit, deditque canam regias opes lucrificandi.* E como nem dos vassallos, nem dos estranhos, nem dos rendimentos do seu proprio Reyno, tirava Salamaõ taõ immensas riquezas, como se viu nos seus antecessores, e sucessores, que exceptuando David, todos os mais forão pobres, não aos rendimentos do Reyno, mas à grande sabedoria de Salamaõ devemos attribuir taõ extraordinaria riqueza; porque a opulencia de Salamaõ, não tendo renda do seu Reyno, tributo do seu Povo, nem despojo do seu inimigo, só podia, não sendo milagre, ser prodigo naturalmente obrado pela sua incomparavel sabedoria.

No Capitulo terceiro do terceiro Livro dos Reys, tereis lido muitas vezes, que Salamaõ pedio a Deos, não riquezas, mas docilidade para governar o seu Povo: *Dabis ergo servotu cor docile, ut populum tuum judicare possis;* e offerecendo Deos a Salamaõ quanto elle lhe pedisse, e quizesse: *Postula quod vis, ut dem tibi;* não pedio muitos dias de vida, nem riquezas: *Non petisti tibi dies multos, nec divitias;* porém assim as riquezas, como a sabedoria, concedeo liberalmente Deos a Salamaõ: Paralip. 2. 12. *Sapientia, & scientia data sunt tibi: divitias autem, & substantiam, & gloriam dabo tibi.* Mas he digno de reparo, que lendo Deos taõ liberal, e offerecendo a Salamaõ tudo quanto elle quizesse, e pedis-

pedisse , dandolhe de presente tanta sabedoria , e sciencia : *Sapientia , & scientia data sunt tibi , as riquezas naõ lhas deo logo , prometeo sim , que lhas daria no tempo futuro : Divitias autem tibi dabo.* Fallando porém Salamaõ destas riquezas , e sciencias , que recebeo da mão de Deos , confessa , que do Ceo lhe viera tudo igualmente com a sabedoria : *Venerunt autem mibi omnia bona pariter cum illa.* Bem vejo , que estão oppostos entre si estes dous Textos , e que naõ pôde haver mayor dificuldade. Se Deos deo só a sabedoria , e prometeo de dar a Salamaõ a riqueza , como diz Salamaõ , que tudo lhe viera igualmente com a sabedoria ? Porque tendolhe Deos infundido a sciencia desta Arvore , por mercê tambem de Deos colheo logo Salamaõ o fruto da riqueza ; porque como diz o mesmo Salamaõ , a sabedoria he māy de todos estes bens : *Quoniam horum omnium mater est.* Os bens de que neste lugar falla Salamaõ , saõ nomeadamente Ouro , comparado com area , e Prata , comparada com a terra : *Invocavi , & venit in comparatione spiritus sapientiae : preposui illam regni , & sedibus , & divitias nihil esse duxi in comparatione illius.* Nec comparavi illi lapidem pretiosum : quoniam omne agrum in comparatione illius , arena est exigua , & tanquam lutum estimabitur argentum in conspectu illius. E com este espirito de sciencia adquirio Salamaõ tanta Prata , como as pedras , que saõ formadas do lodo da terra : *Tanquam lutum estimabitur argentum , e tanto Ouro com as areas : Omne agrum in comparatione illius arena ;* porque todas estas riquezas , ou todos estes bens eraõ frutos daquelle Arvore da sciencia , com que naõ tem

com-

comparaçāo alguma nem a mesma PEDRA PRECIOSA: *Nec comparavi illi lapidem pretiosum*; e fôraõ como filhos, ou partos da sua grande sabedoria; porque a sabedoria he a verdadeira māy de todos estes bens: *Quoniam horum omnium mater est*; porisso como māy precedeo aos filhos, e como arvore aos frutos; porque na ordem natural da produçāo dos frutos, e da geraçāo dos filhos, a māy vem primeiro, que os filhos, e a arvore, que os frutos; porém como a arvore naô produz em hum instante os frutos, nem a māy gera em hum momento os filhos, mas paulatinamente os vaô gerando, e produzindo, assim, diz Alapide, foy dando Deos pouco a pouco o muito, que elle

Padr. Alapid.
comm. in lib.
3. Reg. cap. 3.
vers. 13. fol.
115.

diz tinha dado a Salamaõ: *Sed & hac, quæ non postulasti, dedi, id est, dare decrevi, & illico sensim dabo tibi, dævitias scilicet & gloriam.* Tudo isto dif- se com grande energia o mesmo Salamaõ, expli- cando-se mysteriosa, e profundamente em huma pa- layra: *Venerunt autem mihi omnia bona pariter cum illa;* porque o adverbio *pariter* tanto significa jun- tamente, como igualmente, e igualmente com a sabedoria deo a liberalidade de Deos a Salamaõ as riquezas, que juntamente com a sciencia lhe ti- nha dado, e promettido; porque conforme a igual- dade da sciencia, adquirio Salamaõ a riqueza.

Todos os bens, que possuem os homens, saõ mercês de Deos, e todos alcançāõ estas mercês, como frutos da sua propria sabedoria, e confor- me a igualdade, ou perfeiçāo da sua sciencia; co- mo diz o mesmo Salamaõ, que succede ao Lavra- dor sabio, o qual conforme a sabedoria com que cultiva, colhe da seara, o que perde o ignorante, por

por não saber fazer a tempo a lavoura : *Qui congregat in messe, filius sapiens est : qui autem sterit aestate, filius confusionis* ; e assim como o Lavrador colhe frutos da terra , conforme a industria com que cultiva : o Piloto tira utilidades do mar , conforme a sciencia com que navega : o Soldado adquire riquezas na guerra , conforme o ardil com que peleja : o Sabio descobre thesouros nos livros , conforme a diligencia com que estuda : o Medico ganha com os remedios , conforme o acerto com que receita : o mecanico grangea conforme a destreza com que trabalha ; e até o pobre junta com os rogos , conforme a lastima com que pede. O Padre Hieremias Drexellio inferio destas palavras , que Salamão tomou tambem para si o conselho que deo a outros ; porque se valeo da sua grande sabedoria , para juntar tão immensas riquezas : *Quod alius Drexell. tom. suasit Salomon, hoc ipse praestitit, opes immensas acer- 4. cap. 4. de Sa- wavit, in quo maximum ei adjumentum fuit sapientia* ; tom. fol. 868. e esta Sabedoria prudentemente devemos crer , que não foy outra senão a *Philosophia Hermetica* ; porque só a *Chymica* he a sciencia , com que Salamaõ podia adquirir tantas riquezas. Incrivel cousa parece , que fosse *Chymico* ElRey Salamão ; mas esta mesma incredulidade he o mayor fundamento para crermos , que por ser industrioso *Alchimista* , foy riquissimo Monarca.

Herdou ElRey Salamaõ nos thesouros d'ElRey David caudalosas fontes de Ouro , e com possuir tão immensas riquezas , pondera o Padre Drexellio , que desenterrou muitos thesouros , augmentando os descubertos , descobrindo outros de nove , acrecentando os recebidos , ampliando os moderados,

dos, e propagando com industria, e sciencia incrivel, os que lhe forão entregues : *Itaque Rex Salomon. 4. cap. 5. de mon auri fontes à patre David relictos reperit, & plures effodit : inventis addidit, nova invenit, auxit accepta, ampliavit modica, commissasibi propagavit industria, & sapientia incredibili.*; mas se todos cremos de Fè, que Deos infundio em Salamão tão grande sabedoria : *Dedi tibi cor sapiens, & intelligens*; como pôde ser incrivel a sabedoria industriosa d'El-Rey Salamão : *Industria, & sapientia incredibili?* He por ventura incrivel, o que crè a nossa Fè? Não. Pois como pôde ser incrivel a sabedoria, que a Fè nos ensina a crer? Porque nesta sabedoria, que cremos, ha outra sciencia incrivel. E que incrivel sciencia he esta, que se acha na sabedoria de Salamão, em que cremos? He a *Philosophia Hermetica* junta com a sua extraordinaria *Philosophia*. Ainda que todos crem, que Salamão teve sabedoria revelada, ninguem crè que soube, nem praticou a sciencia *Chymica*; porque não he de Fè, que fosse *Hermetico* o mesmo Salamão, que de Fè cremos, que foy Sabio; e desta sorte a respeito só da *Chymica* fica sendo incrivel a sua sciencia, sendo de Fè a sua sabedoria. Porém a sabedoria com que Salamão industrialmente adquirio tantas riquezas pela *Alkimia*, por não ser de Fè, fica sendo como sciencia incrivel : *Sapientia incredibili*. Os mesmos homens, que cretem, que Salamão teve esta incrivel sciencia, facilmente me concederão, que foy *Hermetico*; e os que o não crem, devem confessar necessariamente, que foy *Chymico*; porque não tendo Salamão, como Rey de Israël, e filho de David que sendo Monarca do mesmo Reyno, era pobre : *Pau-*
per

per sum ego,) outros meyos para juntar tão im- Psalm. 87. v.
mensas riquezas, senão a sua industria, ajudada com 16.

a sua grande sciencia : *Opes immensas acervavit, in quo maximum ei adjumentum fuit sapientia*; e tendo esta sciencia, não a que devemos crer de Fé, senão a que por falta de Fé he sabedoria, e industria incrivel : *Industria, & sapientia incredibili* : o mesmo serà não crearem os homens, que teve Salamaõ a sabedoria *Hermetica*, que ficarem obrigados a dar credito a quem affirmar, que soy *Chymica*; porque esta crença he consequencia da incredulidade. Por isso tanto que Salamaõ perdeo a sciencia *Hermetica*, ou humana, como elle mesmo confessa : *Sultissimus sum virorum, & sapientia hominum non est mecum*; e dizem concordemente Santo Agostinho, S. Bernardo, S. Gregorio, e mais clara, e brevemente que todos Santo Ambrosio : *Salomon sapientiam nec in principio, nec in fine possedit* : tambem com a sabedoria perdeo os meyos de adquirir pela Alkimia tantas riquezas; porque possuhindo então, como os seus antecessores, e successores, só esse pouco, que rendia o Reyno de Istrael, e vexando os Povos com intoleraveis, e exorbitantes tributos, (unica sciencia dos Reys ignorantes) não só não era rico, mas era pobre, como refere Drexellio : *Salomon tot annubrum millionum dives, nihilominus depauperatus est*; chegando pela sua grande pobreza a tal miseria, que aquelle riquissimo Monarca, a cuja porta podião vir pedir esmola os Cyrós, os Sardanapalos, os Darios, e os Cressos, que forão os Reys mais opulentos do Mundo, andava pelas portas encostado a hum pão, e pedindo esmola, conforme por liçao, e tradiçao dos Hebreos, con-

Div. Ambros.
Apol. 2. pro
David. c. 6. c

7.

clue Drexellio : *Opinantur Salomonem ad incitas redactum, & baculo nixum mendicasse.* Ainda com Poemas Dramaticos senão representou nos Theatros do Mundo catastrophe mais certa, nem mais lastimosa, do que esta tragedia, que permittió a Providencia Divina representasse na Corte de Hierusalem, não menos que Salamaõ, subindo, e descendo sempre na roda da Fortuna.

Era Salamão aquelle bello mancebo, que na infancia foy educado com os maiores desvellos, e assistido com mayor cuidado, do que nenhum Príncipe do Mundo. Tinha o cabello moderadamente crespo, e de cor de ouro fino : os olhos eraõ esplendidos, e formosos, com que a todos via com agradavel, e socegado aspecto : em hum rosto candido, e rubicundo, tinha as faces floridas, como assucenas misturadas com rosas, e os labios tenues, e brandos, e tão rubicundos como os *Lyrios* de Syria; sahia da sua bocca hum alento de suavissimo cheiro, final de que os dentes eraõ muito alvos, e limpos : os braços eraõ bem formados, e ayrotos, e com humas mãos delicadas, macias, e tambem feitas, como se fossem torneadas; porque os dedos eraõ compridos, e delgados : o peito era tão alvo como marfim, e a cintura delicada com gentil proporção : as pernas eraõ como columnas de candissimo marmore, e com pés que pareciaõ bases de ouro, com excellente medida proporcionados : era a estatura de todo o corpo direita, grave, e magestosa; a voz clara, e suavissima. Com esta gentileza era Salamão mais gentil homem, que nenhuma Dama, e com ser tão bello, era muy sabio, e sumamente discreto, sem embargo de ser rico. Este he

te he o retrato , que do original dos Cantares copiarão Pineda , Saliano , e Alapide ; mas toda aquella riqueza gastou a vaidade , toda aquella descriçao emmudeceeo a lascivia , toda aquella sciencia enfatuou a idolatria , toda aquella gentileza afeou o tempo , e toda aquella bizarria eclipsou a morte ; porque desappareceo a sua sabedoria , desappareceo a sua santidade , desappareceo a sua potencia , desappareceo a sua felicidade , desappareceo a sua gloria , desappareceo a sua saude , desappareceo a sua vida , e tambem desappareceo de sorte a alma de Salamão , que não sabemos certamente aonde apareceo : *Evanuit enim* , diz Alapide , *ejus sapientia* , *evanuit ejus sanctitas* , *evanuit ejus potentia* , *evanuit ejus felicitas* , & *gloria* , *evanuit denique sanitas* , & *vita presens* , *utinam non eterna* . Este tão incerto voo , com que de entre tantas pompas fábio do Mundo a alma de Salamaõ , me faz lembrar , e repetir agora para vossa divertimento o Apotheosis , que era aquella pompa vã das supersticioas ceremonias , com que os Emperadores , e Varões illustres erão collocados entre as falsas Deidades dos Antigos .

Morto o Emperador , toda a Cidade se vestia de luto , e depois de acabados os Funeraes com muita magnificencia , se deitava em hum leito de garsfim huma figura de cera , que se parecia com o Emperador , a qual pelo espaço de sete dias era visitada pelos principaes Cavalheros , e Damas Romanas , assistida juntamente de muitos Medicos , que de dia em dia hião encarecendo a enfermidade do Emperador , que por estar já fóra das suas mãos , e livre de tomar os seus remedios , não tinha o perigo , que lhe prognosticavão ; porém como se tinhā

Alapide cõm.
in lib. 3. Reg.
cap. 11. veri.
43. fol. 166.

nhã ausentado para o outro Mundo, dentro de sete dias o hiaõ dispondõ, para no fim do seteno o matarem em estatua. No oitavo dia finalmente vinhaõ ao Paço todos os Senadores, e Cavalheros Romanos, e levavaõ o leito com a dita figura dentro atè a collocarem na praça; aonde havia hum magnifico estrado com outro leito, em que deitavaõ a figura de cera. A este espetáculo assistia o novo Emperador com os Pontifices, Magistrados, e Damas Romanas, e depois de huma pomposa Procissão atè o campo de Marte fóra da Cidade de Roma, subia o Emperador na Tribuna (a que chamaõ das Arengas) e nella fazia o Elogio do defunto, e logo entregavaõ os Senadores este segundo leito nas mãos dos Pontifices, que o collocavaõ no segundo andar de huma machina pyramidal, em que depois de varias carreiras dos Cavalheros Romanos, da Infantaria, e de muitos coches, guiados por cocheiros vestidos de purpura, o Emperador com hum brandão pegava o fogo na Pyramide, e depois de acceza, se soltava de mais alto della huma Aguia, a qual espantada das labaredas da machina ardente se remontava ás nuvens, e segundo a opinião do vulgo, arrebatava ao Ceo a alma do Emperador defunto. Assim creraõ os Romanos, que subiraõ ao Ceo as almas de Romulo, Julio Cesar, e do Emperador Claudio; do que se ri Seneca com muita graça, sendo Gentio; porque he muito para rir qualquer Philoso- pho, mas para chorar todo o Christão, ver que de entre tantas pompas, com que os grandes vivem, e morrem, sahem as suas almas voando no fim da vida, e quando o Poyo imagina, que sobem ao Ceo,

Ceo , como Aguias remontadas , sabe Deos para onde voão.

Nesta duvida está tambem a salvação daquelle Monarca de Israël , não só idolatra , mas idolatra do Adonis da Corte da Palestina , e despenhado Phaetonte do mais elevado Solio da Fortuna . Foy no principio da sua vida admirado pela Sabedoria , logo invejado pela opulencia , depois aborrecido pela ambicão , e finalmente ultrajado pela pobreza . Na morte , e fóra já da jurisdição da Fortuna , anda Salamaõ , como os que no Theatro do Mundo ainda sobem , descem , e poucos vezes paraõ , impelidos com o movimento sempre inquieto da sua roda inconstante . Este he o indeciso problema das controvérsias dos Santos Padres , e das disputas dos Doutores Catholicos . Huns o salvão , outros o condenão , e outros o duvidaõ . Os Prospertos , Cyprianos , Gregorios , Agoſtinhos , Chrysostomos , Tertulianos , Iſidores , Bedas , Lyras , Abulenses , Veygas , Pereiras , e Bellarminos o precipitão , e metem no profundo do abysmo . Os Hieronymos , Ambrosios , Cyrillos , Thaumaturgos , Rupertos , Pinedas , Salianos , Sanches , Barradas , Baccharios , Pinedas , Del-Rios , e Drexellios , o levantão , e collocão no Empyreo ; e os Hugos , Panormitanos , Fevardencios , Pamelics , Lorinos , Vieiras , e Alapides nem resolvem , que subio ao Ceo , nem affirmão , que desceo ao Inferno . Huma das razões , porque Deos quiz fosse taõ duvidosa , e incerta a salvação de Salamaõ , foy como discorre o Padre Alapide , para que hum santo temor penetrasse a todos os homens , e os ensinasse a fugir das delícias , e pompas do Mundo , quali perigosos attractivos , que com caricias

Padr. Alapide
comm. in Ec-
cles. cap. 47.
vers. 22. fol.
976. & 977.

cias persuadem o peccado: *Hominibus incertam, & dubiam Salomonis salutem voluit esse Deus, ut omnibus metum incuteret, doceretque fugere mundi delicias, & pompas, quasi periculofas, & ad peccatum illices.*

E por esta mesma razão me parece, que deixa a Escritura tão incerto, e duvidolo o modo, com que Salamão adquirio com a sua grande sciencia tanta riqueza; porque não quiz Deos, que descuberto o Segredo, arruinasse aos homens, como a Salamaõ, a opulencia; mas assim como he problema a salvação de Salamaõ, pôde tambem ser questaõ o modo porque foy rico. E da mesma sorte, que ha Expositores que dizem, que Salamão se salvou, outros que se perdeo, e outros que o duvidão: pôde haver outros, que affirmem, que as riquezas de Salamão eraõ rendas do seu Reyno, outros que assentem eraõ beneficios de Deos, e outros que digão que eraõ utilidades da sua Chymica.

§. VII.

Responde-se a huma objecção.

ENODIO. *S*Em embargo de tão erudito, e bom discurso, com que pretendéis provar, que Salamão adquirio tanta riquezas pela sua grande sabedoria, vós não podeis negar, que a mayor parte desse Ouro, e Prata, que elle possuhió, vinha de Tharsis, e de Ophir, aonde este Monarca o mandava buscar, e conduzir a Hierusalem nas suas Armadas, como expressamente consta do Sagrado Texto. Primeiramente em Asion-gaber, perto de Ailath, nas prayas do mar Roxo, que

que fica na Provincia chamada antigamente Idumea, mandou Salamaõ fazer huma poderosa Arma-
da, a qual com Pilotos Tyrios, e Phenicios, vas-
fállos de Hiram Rey de Tyro, e com os criados, e
Soldados de Salamaõ, partiu para Ophir, donde trou-
xe para Salamaõ quattrocentos e vinte talentos de Ouro : *Misitque Hiram in classe illa servos suos viros nau-
ticos, & gnatos maris, cum servis Salomonis : qui cum
venissent in Ophir, sumptum inde aurum quadrigento-
rum viginti talentorum, detulerunt ad Regem Salomo-
nem.* Nos annos seguintes continuaraõ estas expe-
dições de Idumea para Ophir, com taõ feliz succe-
so, que cada anno traziaõ as Frotas para Salamaõ
seiscientos e sessenta e seis talentos de Ouro, que im-
portavaõ, segundo a conta do Padre Vieira, oito
milhões menos oito mil cruzados da nossa moeda : fol. 419.

Reg. 3. cap. 9.
ver. 27. 28.

Vieira Tom.
4. num. 449.

Erat autem pondus auri, quod afferebatur Salomoni per annos singulos, sexcentorum sexaginta sex talentorum auri. E sem fazermos agora mençaõ do Ouro, que os Reys da Arabia, e os Principes da terra, mandavaõ por regalo a El Rey Salamaõ, nem tam-
bem dq que importava a negociaçao de seus Mi-
nistros, e rendiaõ os tributos, e direitos Reaes, por-
que tambem a Escritura o não declara : *Excepto eo, quod afferebant viri, qui super vectigalia erant, & ne-
gotiatores, universique scruta vendentes, & omnes Re-
ges Arabiae, Ducesque terrae : tinhia de renda cada
anno El Rey Salamaõ 10 na Frotta oito milhões da
moeda Franceza, que saõ vinte e quatro milhões de
Florins, conforme a conta do Padre Alapide : Quae
faciunt octo miliones aureorum coronatorum Francio-
rum ; exceptis octo eorsundem milionibus : jam octo mil-
liones coronatorum Franciorum faciunt 24. miliones*

Reg. 3. cap.
10. ver. 15.

Alapid. cõm.
in lib. 3. Reg.
cap. 10. ver.
14. fol. 157.

florenorum Belgicorum. E com hum testemunho tão verdadeiro, como he o da Escritura, e com taõ effetivos meyos de adquirir riquezas, quaes saõ os direitos Reaes, tributos, regalos, e Frotas taõ importantes, escusais de recorrer à Sabedoria de Salamão, para dahi inferirdes com pouco, ou nenhum fundamento, que este grande Monarca fazia muito Ouro, e Prata pela *Chymica*, a qual vos concedo, que não ignorava Salamão, sendo taõ sabio, e florecendo depois de Hermes Trismegistro seu inventor, que he o primeiro, a quem diz o Padre Alapide, que excede o na Sabedoria : *Ut nullus ante te sīnilis tui fuerit : Salomon ergo sapientia superavit nos*

Alapide cõm. tantum Trismegistum, Orpheum, Homerum, Plato-
in lib. 3. Reg. nem, Solonem, Lycurgum, Aristotelem, omnesque Græ-
cap. 3. versi. corum, Ægyptiorum, Chananaorūm &c. Sapientes,
12. fol. 115. utpote quorum sapientia fuerit studio acquisita, cum
Salomoni fuerit a Deo immediatè infusa; sed etiam Abraham, Moysen, Davidem, Adamum saltem post lapsum;
porque com este excesso de sciencia revelada não
podia deixar de faber a *Philosophia Hermetica*, que
por estudo, e grande especulação o grande Trisme-
gisto tinha adquirido. He a *Philosophia Hermeti-
ca* sciencia, e Arte natural; e como Deos revelou,
e infundio em Salamão o conhecimento de todas as
Artes naturaes, e de todas as sciencias, como dis-
corre o mesmo Alapide : *Omnesque scientias, & ar-
tes naturales*, tambem lhe infundio a *Philosophia
de Hermes*; porque não ha mayor razão para di-
zer Alapide, que Deos infundio em Salamão no-
meadamente a Êthica, Politica, Physica, Medicina,
Logica, Rhetorica, Poesia, Mathematica, e Ar-
chitectonica, que não a tenha tambem eu à sombra
da

Padr. Alapide
comm. in lib.
3. Reg. cap. 3.
versi. 12. fol.
115..

da sua authoridade, para affirmar, que entre as de mais sciencias lhe revelou a *Philosophia Hermetica*, e entre as outras Artes a *Arte Magna*; porém não he possivel, que practicasse esta Arte hum Monar-cha como Salamão.

ENODATO. Não vos pareça, que por acre-ditar a *Chymica* levantarey algum falso testemunho contra a verdade infallivel da Sagrada Escritura. Conforme o sentido literal do Texto Sagrado, pos-suhio Salamaõ toda essa extraordinaria riqueza; mas não he contra o sentido, e verdade da mesma Escritura, ponderar agora para provar o meu assump-to, que nem os antecessores, nem os successores de Salamaõ foraõ tão ricos como elle; porque naõ fal-jando nos antecessores, que foraõ Saul, e David, porque David confessá que era pobre: *Pauper sum ego*, e Saul todos sabemos que não foy rico: he certo, que ainda os mais opulentos successores de Salamaõ erão tão pobres, que naõ tinbão nos seus thesouros duzentos mil cruzados, que se achaõ juntos na casa de qualquer homem de negocio. Invadindo Sennacherib, Rey dos Assyrios, o Reyno de Judà, e conquistandolhe todas as Cidades, temen-do o Santo Rey Ezechias, que Sennacherib cercas-se, e conquistasse tambem a Corte de Hierusalem, (como succederia depois, se Deos naõ socorresse aquella Cidade, e ao seu Rey, mandando de noite hum Anjo em sua defeza, o qual matou cento e vintenta e cinco mil Assyrios, deixando com vida a Sennacherib para sua mayor confusaõ) e com os seus Vassallos o levasse cativo, como pouco tem-po antes tinha succedido aos Israëlitas, que todos foraõ transmigrados aos Assyrios, depois da con-

Hij

quista

quista de Samaria, mandou a Lachiz os seus Embaixadores, para que Sennacherib se retirasse com algum tributo, que lhe impuzesse; e para Ezequias pagar trezentos talentos de Prata, e trinta talentos de Ouro, (que segundo o maior valor dos Talentos, que saõ seiscentsos cruzados da nossa moeda, erão cento, e noventa e oito mil cruzados,) foy necessario exaurir Ezequias os seus thesouros, e despojar o Templo de Hierusalem, para pagar o tributo imposto por Sennacherib: *Deditque Ezequias omne argentum, quod repertum fuerat in domo Domini, & in thesauris Regis. In tempore illo confregit Ezequias valvas Templi Domini, & laminas auri, quas ipse affixerat, & dedit eas Regi Assyriorum.*

Reg. 4. 18.
15. 16.

Naõ era Ezequias dos mais pobres, senaõ dos mais opulentos Reys de Judá, como se prova da vaidade, e jactancia, com que alguns annos depois desse sucesso, mostrou a Baladan, Embaixador de Berodach, Rey de Babilonia, os seus preciosos, e ricos thesouros: *Nihil est, quod non monstraverim eis in thesauris meis.* Tanto Ouro, e tanta Prata havia nestes thesouros, que diz o Texto Sagrado, que Ezequias era muito muito rico: *Fuit autem Ezequias dives, & inclytus valde.* E com tudo era taõ limitado o seu cabedal, que para pagar cento e noventa e oito mil cruzados a Sennacherib, foy necessario darlhe toda a Prata, que havia no Templo, e nos thesouros Reaes, a qual por naõ chegar à quantia de quasi duzentos mil cruzados, a completou Ezequias com algum Ouro do pouco, que ja nesse tempo havia no Templo de Salaman: *Omne argentum, quod repertum fuerat in domo Domini, & in thesauris Regis: & laminas auri, quas ipse affixerat,*

Reg. 4. 20.
15.

Paralip. 2. 32.
27.

chives, & inclytus valde. E com tudo era taõ limitado o seu cabedal, que para pagar cento e noventa e oito mil cruzados a Sennacherib, foy necessario darlhe toda a Prata, que havia no Templo, e nos thesouros Reaes, a qual por naõ chegar à quantia de quasi duzentos mil cruzados, a completou Ezequias com algum Ouro do pouco, que ja nesse tempo havia no Templo de Salaman: *Omne argentum, quod repertum fuerat in domo Domini, & in thesauris Regis: & laminas auri, quas ipse affixerat,*

rat, & dedit eas Regi Assyriorum. E como Ezechias taõ prezado de rico, naõ tinha nos seus thesouros duzentos mil cruzados, que tem em sua casa qual-quer homem de negocio; e valiaõ só cinco lanças de Ouro, das duzentas, que Salamaõ por magni-ficencia, e ostentaõ da sua riqueza mandou la-vrar; ou os trezentos elcudos de Ouro de figura de meya Lua, que com as lanças serviaõ de ornato da sua casa de armas: *Fecit igitur Rex Salomon du-centas hastas aureas de summa sexcentorum aureorum, qui in singulis hastis expendebantur: trecenta quoque scuta aurea trecentorum aureorum, quibus tegeban-tur singula scuta: posuitque ea Rex in armamentario, quod erat consitum nemore;* porque os elcudos pe-zavaõ todos, como diz Alapide, setecentas e cincocenta libras de Ouro; e cada huma das lanças vinte e cinco libras, que importaõ em muito dinheiro: bem provado està, que ainda os Reys mais opul-entos de Hierusalem, naõ eraõ taõ ricos como Sa-lamaõ; porque mais valiaõ as vaidades de Salamaõ, que as jaçtancias de Ezechias.

Porém do Sagrado Texto se colhe, que toda esta grande riqueza de Salamaõ, foy effeito da sua Sabedoria, e naõ fruto do seu Reyno; porque em quanto Salamaõ naõ se valeo da sua sciencia, para ser rico, era mais pobre do que Ezechias. Ezechias ainda que pobre, remio, ou comprou a Cidade de Hierusalem a Sennacherib seu inimigo por duzen-tos mil cruzados; porque dandolhe este dinheiro, evitou, que elle lha tomasse: e Salamaõ por naõ ter dinheiro, entregou a Hiram seu amigo vinte Ci-dades, para lhe pagar o proprio, e juros do que lhe devia. *Tunc dedit Salomon Hiram viginti Oppida Reg. 3. cap. g.*
in vers. 12.

in terra Galilææ. Taõ grande era o empenho de Salamaõ , que desempenhando se com vinte Cidades , naõ se deo Hiram por satisfeito ; porque sahindo de Tyro para tomar posse dellas , naõ lhe agradaraõ , e publicamente se queixou do seu amigo : *Non placuerunt ei , & ait : Haecce sunt civitates , quas dedisti mihi , frater ?* Naõ alienou Salamaõ para sempre estas vinte Cidades da Coroa de Israël , porque faria huma grande injuria aos seus vassallos , por ser huma acçao indigna da sua honra , e contra a Ley de Deos , como resolve Alapide ; porém este grande Expositor com Abulense , Serario , Saliano , e outros , diz que lhas consignou para pagamento do que lhe tinha emprestado a razaõ de juro , atè se pagar do principal , e redritos , ou para lograr só em sua vida o uso fruto : *Quare non tradidit Hiram ab solutum plenum que earum dominum , sed tantum usum fructum , ut scilicet Hiram ex eis redditus & jura , que Salomon percipere solebat , reciperet , donec expensas suas pro Salomone factas compensaret ; vel certe usque ad vitam.* E já huma divida provada com huma escritura taõ authentica , como a Escritura Sagrada , he argumento infalivel da grande pobreza de Salamaõ . Salamaõ , e Ezechias ambos eraõ pobres , e qualquer delles podia dizer com David , que tambem confessava , que era pobre : *Infirmata est in paupertate virtus mea ;* mas Salamaõ era mais pobre , porque estava empenhado . De maneira , que Salamaõ empenhou vinte Cidades por toda a vida de Hiram seu amigo , e Ezechias nem huma só Cidade quiz entregar a seu inimigo por huma hora ; porque ainda que pobre , tinha dinheiro para se retrir , e Salamaõ por ser pobrissimo , naõ pode deixar de se empenhar . Mas como *Hombre pobre*

pobre todo es traças, ainda que Deos o ajudava, e parece que a Providencia Divina fazia com que lhe chovesse o Ouro em casa; com tudo por liçao de Pineda, e Vilhalpando diz Alapide, que com a sua grande Sabedoria excogitava Salamaõ mil modos de ajuntar Ouro, e Prata: *Ex his omnibus patet, quantæ & quam immensæ fuerint opes Salomonis; Deus enim in finum ejus aurum, & argentum undequaque congregere videbatur: & ipse sua sapientia mille modos illud co- gerendi excogitabat*; e como Salamaõ excogitava mil modos de ajuntar Prata, e Ouro com a sua Sciencia, porque não seria hum modo destes, o melhor modo de todos, que era valerse Salamaõ da *Arte Magna*, e da Sciencia, ou *Philosophia Hermetica*, que vós me concedeis, que sabia, ainda que duvidais, que a praticava Salamaõ? Sem embargo de que o P. Alapide nos diga, que chovia a Salamaõ o Ouro em casa, não era Deos só o Author desta chuva, era tambem Salamaõ ajudado da Sciencia, que Deos lhe tinha infundido; porque chuva de Ouro, nem que os homens ponhaõ da sua parte a diligencia para o adquirir, ou a sciencia para o fazer, he fabula do Deos Jupiter, e não Providencia do Deos verdadeiro; porisso chovia Ouro em casa de Salamaõ, porque tinha sciencia para o alcançar, e juizo para o conseguir; e se os homens tiverão juizo, e sciencia, tambem lhes havia de chover Ouro do Ceo; porque para quando algum dia chegar o juizo aos homens, està no Ceo muito Ouro, donde cahirà como chuva.

Entre a grande variedade de chuvas, que tem descido do Ceo, sendo tão prodigiosas como a de fogo sobre as Cidades de Sodoma, e Gomorrha: *Igitur Dominus pluit super Sodamam, & Gomorrham ful-* Genes. 19.24.

*sulphur, & ignem: a chuva de Mannà sobre os arra-
yais dos Hebreos: Et pluit illis Manna ad manducan-
dum: a chuva de pedras, que assolhou o Egypto:*

Psalm. 77. 24. *Exod. 9. 23. Pluitque Dominus grandinem super terram Ægypti:*

Psalm. 10. 7. *Pluet laqueos super peccatores; e a chuva de sangue, e
de outras coisas raras, como chuva de Boys, con-
forme por liçaō de Alberto Magno escreve o Pa-
dre Alapide:*

**Alapide cōm.
in Exod. cap.
7. §. Dico se-
cundo fol.
391.** *Sic aut Albertus Magnus aliquando bo-
ves pluisse: nenhuma serà mais admiravel, nem mais
admirada dos homens, do que a chuva de Ouro,
que descerà do Ceo, donde atē agora naõ cahio
taõ preciosa chuva. E quando veraõ os homens
chuva taõ aurea? No dia em que os homens se vi-
rem com o juizo; porque o juizo farà cahir do Ceo
as Estrellas: Stellæ de Cælo cident; e em cada Es-
trella descerà do Ceo huma gota de Ouro: In die
judicii astra igne destruentur, & dissolvenda sunt,*

**P. Soar. Luf.
tom. 2. Tract.
de Cælo Disp.
1. sect. 2. § 5.
num. 86. fol.
285. & loc.
cit. §. 7. num.
36. fol. 277.** *diz o Padre Soares; e accrescenta, quod potissimum
credo de Stellis fixis, affiguntur enim corpore solidó fir-
mamenti, ut clavi aurei in rota. Naõ deixa de cho-
ver Ouro do Ceo, porque lá o naõ haja; deixa de
dechover, porque o nosso juizo naõ chega: naõ
deixa de cahir, porque naõ possa descer; deixa de
baixar, porque o nosso juizo naõ acaba de o trazer.*

**Idem P. Soar.
Luf. loc. cit. §.
7. num. 35.** *O Sol he hum oceano de Ouro liquido como agoa;
conforme diz o mesmo Soares: Fatendum est Solem
esse corpus fluidum, constans massa fluida per modum
auri liquati motu ferventis, ac undantis. O Padre
Athanasio Kircker, e Raphael Averla observaraõ,
que o Sol era como metal derretido, e fervente; e
o Padre Scheinero depois de chamar ao Sol hum
mar Oceano de fogo sempre inquieto, e agitado:
Solem*

Solem tanquam mare fluctibus asperum, ad instar Oceanii cuiusdam ignei perpetuo motu, & agitatione versatum; declara com authoridade de Simão Mario, que o metal liquido, de que consta o Oceano do Sol, não he outro senão Ouro : *Corpus Solis fer- vere non aliter, ac aurum in fornace liquefactum;* e se o corpo do Sol he juntamente mar de fogo, e Oceano de Ouro : *Solem tanquam mare, ad instar Oceanii cuiusdam ignis, non aliter, ac aurum;* e as Estrellas prègos de Ouro, que no dia de Juizo se haõ de dissolver com o fogo, para cahirem como chuva do Ceo : *Stellæ de Cælo carent; in die Ju- dicu astra igne destruentur, & dissolvenda sunt, ut clau- xi aurei;* havendo no Ceo já o fogo, e o Ouro, no Sol, e nas Estrellas, donde pôde, e hà de vir chuya tão admiravel, e copiola, como os chuveis- ros de agoa do Oceano, toda esta dilacão da chu- va de Ouro nasce da falta do juizo, como se viu em Salamaõ, que com o seu juizo se fez rico, e sem entendimento foy pobre.

Em quanto Salamaõ colhia os frutos da terra, cobrava os tributos dos Povos, e recebia os pre- sentes dos amigos, era hum Rey tão pobre, como os outros, porém tanto que excogitou com a sua extraordinaria sciencia, e grande juizo aquelles mil modos de fazer, e ajuntar Ouro; *Ipse sua sapientia mille modos illud congerendi excogitabat* : logo do Ceo parece, que lhe chovia copioso Ouro, e Pra- ta : *Deus enim in finum ejus aurum, & argentum undequeque congerere videbatur;* porque tantos mi- lhões, que lhe entravaõ todos os annos em casa, no pezo certo, e invariavel de seiscientos e sessen- ta e seis talentos de Ouro, sabese que lhe vinhaõ

de alguma parte: *Afferebatur Salomoni*; mas não está averiguado o lugar donde este Ouro vinha. Exceptua a Escritura deste pezo todo o Ouro, que rendiaõ a Salamaõ os tributos, direitos, negocios, e presentes: *Excepto eo quod afferebant viri, qui super vectigalia erant, & negotiatores universi scruti-vendentes, & omnes Reges Arabiae, ducesque terre.* E feita esta excepçao, aindaque o Padre Alapide presume, que vinha de Tharsis; ou de Ophir, não assenta donde era trazido, dando por certo, que não era renda dos tributos: *Erat autem pondus auri, quod afferebatur Salomoni, ex Ophir, Tharsis, & aliunde quam ex tributis, hæc enim mox excipiuntur, per annos singulos sexcentorum sexaginta sex talentorum auri;* mas porque senão pôde averiguar donde vinha este Ouro, está averiguado que vinha como do Ceo, trazido aos thesouros de Salamão pelo seu juizo.

Nem obsta a presumpçao, que teve Alapide de vir este Ouro de Ophir, e de Tharsis; porque este Ouro vinha todos os annos a Salamão: *Afferebatur Salomoni per annos singulos;* e o que vinha de Tharsis, chegava huma só vez de trez em trez annos:

Reg. 4.10.22. *Semel per tres annos ibat in Tharsis differens inde au-rum, & argentam;* e tanta diferença vay de trez annos a hum, como vay do Ouro de Tharsis ao Ouro que Salamão fazia com o seu juizo. Nem a Escritura declara que este Ouro viesse de Ophir, como refere, que de Ophir traziaõ a Salamão quatro centos e vinte talentos de Ouro, como se lê no Capitulo nono do terceiro Livre dos Reys: *Qui rum venissent in Ophir sumptum inde aurum, quadri-gentorum viginti talentorum, detulerunt ad Regem Salomo-*

Sobre a Pedra Philosophal. Dialog. I. cap. unic. §. 7. 67

lomonem ; declarando tambem , que em huma occasio veyo a Frota de Ophir sem Ouro , e carregada só de madeira , sem trazer outra coufa de estimacao mais do que algumas pedras preciosas : Sed & *classis Hiram* , que portabat aurum de Ophir , atulit de Ophir ligna thyma multa nimis , & gemmas preciosas ; e porque a Frota não trouxe Ouro algum , como costumava , offereceo a Rainha Sabà a El Rey Salamaõ cento e vinte talentos de Ouro , de que faz a Escritura expressa mençao : *Dedit ergo Regi Reg. 3.10 10. centum viginti talenta auri* ; mas porque fazendo a Escritura taõ miudas , e expressas declarações donde vinha , e quando faltava a Salamaõ o Ouro , naõ diz donde vinhaõ os seiscientos e sessenta e seis talentos , que todos os annos eraõ trazidos a Salamaõ , mostra que tinha algum mysterio este segredo , ou o segredo deste Ouro mysterioso.

Alguns Chymicos affirmaõ , que as immensas riquezas de Salamaõ eraõ effeitos , ou productos da Arte Magna , como escreve Seanerto : *Quidam Chymici afferunt , eum immensas illas ; quibus abundabat opes , Arte Chymica acquisivisse*. Eu naõ digo tanto , porque vejo na Escritura , que sem o artificio da Chymica , tinha Salamaõ muito Ouro , e Prata de renda ; porém os seiscientos e sessenta e seis talentos de Ouro , que na Escritura naõ vejo donde vinhaõ , posso entender , que os fazia Salamaõ com a *Chrysopera* , inventada pela sua grande sedentoria ; porque fallando elle desta sciencia , parece , que se descreve como hum grande Adepto favorecido de Deos : *Antecedebat ne ipsa sapientia , & ignorabam quoniam horum omnium mater est : quam* ^{14.} *sine fictione didicis , & sine inuidia communica , & bo-*

Lij *nesta-*

68 *Enseza, ou Aplicaçāo do Entendimento;*
nestatem illius non abscondo. *Infinitus enim thesaurus est hominibus, quo qui usi sunt, particeps facti sunt amicitiae Dei, propter discipline dona commendati.* Esta sabedoria, diz Salamaõ, hia diante de mim, e naõ sabia eu, que ella era máy de todos estes bens, que vinhaõ a ser tanta quantidade de Ouro, como area miuda, e tanta abundancia de Prata, como a mesma terra: *Omne aurum in comparatione illius, arena est exigua, & tanquam lutum estimabatur argenteum.* Esta sciencia aprendi sem as ficções, e fingimentos, como os Hermeticos a escrevem, e ensinão: *Quam sine fictione didici;* e da mesma sorte a comunico a todos sem a inveja, que obriga aos Chymicos a occultalla: *Et sine inuidia communico;* porque naõ esconde huma sciencia tão honesta: *Et honestatem illius non abscondo:* he finalmente esta sciencia hum thelouro infinito para os homens: *Infinitus enim thesaurus est hominibus;* e todos os que usaõ deste thelouro: *Quo qui usi sunt, merecem muitos louvores: Commendati,* por se fazerem participantes da amizade de Deos: *Participes facti sunt amicitiae Dei,* por causa de todos os bens, e dadiwas da sua virtuosa disciplina: *Propter discipline dona;* e sendo esta arte tão honesta, tão louvavel, e tão louvada por Salamaõ, por serem os seus artifices amigos de Deos, era dignissima de que elle a exercitasse; e nenhum absurdo tenho commettido em dizer, que este Monarca entendeo, e practicou a Chymica, como diz Seanerto: *An autem in specie Chymicam calluerit, vel excaluerit, sine absurditate quidem affirmari potest.* Ninguem davida, que Salamaõ edificou, ou instituiu no Monte Sion, que estava dentro em Hierusalem, huma Escola, ou Academia,

mia, (como o nosso Salamaõ Portuguez em Lisboa) em que elle mesmo ensinava, conforme escreve o Padre Alapide : *Ipse edificavit Scholam, sive Academiam in Monte Sion in qua ipse docebat*; e nesse Alap. comm. in lib. 3. Reg. cap. 4. vers. 33. §. Hinc tol. 321. Academia ensinou, diz Alapide, a Physica, e a sciencia das cousas naturaes, particularmente aos seus, e publicamente a todos : *Hinc pater Salomo-nem tum proratim suos, tum publicè omnes docuisse Physicam, & scientiam rerum naturalium*; e desta fonte beberao a doctrina os Pythagoras, os Socrates, os Platões, e os Aristoteles, como testemunhaõ Eusebio Cefariense, Santo Ambrosio, Clemente Alexandrino, e outros; e acrescenta o Abulense referido pelo mesmo Alapide, que fora Providencia de Deos, que as postillas, que dictou, e os livros que escreveo, acabassem queimados pelos Chaldeos, segundo diz a Glossa, ou por mandado de Ezechias, conforme escrevem Glycas, e Eusebio; porque continhaõ cousas nimamente curiosas, ou que nós não mereciamos saber : *Dei Providentia eos interisse, eo quod nimis curiosa continerent, vel quod non tanta scientiarum luce, quam ipse per revelationem acceperat, indigni essent; e pouca duvida tem, que só podiaõ ter Chymicos os livros, que continhaõ cousas nimamente curiosas* : *Nimis curiosa*: porque a Chymica he a quinta essencia da curiosidade, e bem pôde ser, que principiando Salamaõ a exercitar por curiosidade a Chymica, continhasse este exercicio por negocio; porque como elle mesmo diz, por não ter experimentado ainda a sua utilidade, tendo aquella sciencia ignorava, que ella era máy de todos aquelles bens, que já ténho dito, eraõ infinita Prata, e Ouro: *Antecedebat me ista sapientia*.

sapientia, & ignorabam quoniam horum omnium mater est. No Padre Hieremias Drexellio achareis varios epithetos honorificos de Salamaō, como Salamaō Modesto, Economo, Architecto, Industrioso, Rico, Riquissimo, Liberal, Caritativo, Clemente, Magnifico, Magnificentissimo, Justo, Justissimo, Sabio, Sapientissimo, Pio, Püssimo, e finalmente Omniccio; porém voltando logo a Sce-
 pa, vereis no mesmo Author, como no mesmo thea-
 tro, a Salamaō *Negociador*, Inconstante, Prodigio,
 Avarento, Deshonesto, Luxurioso, Ingrato, Sor-
 berbo, Imprudente, Fatuo, Idolatra, Magico,
 Melancolico, Pobre, Enfermo, Inglorioso, e ultimamente Morto. E se o Padre Drexellio, sendo
 hum Religioso da Companhia de JESUS tão pio,
 e tão douto, não duvidou chamar a Salamaō *In-
 duſtrioso*, e *Negociador*, bem posso chamarhe tam-
 bem *Chymico*, e dizer, que negociava com a indus-
 tria da *Arte Magna*; porque mais decente he para
 Salamaō o epitheto de *Hermetico*, que de Magi-
 co; porque sendo illicita a *Arte Magica*, he mui-
 to licita a *Arte Magna*. E se isto he verdade, fa-
 cilmente posso dizer, que pela *Arte Magna* fazia
 Salamaō os seiscentos e sessenta e seis talentos de
 Ouro, que politica, e occultamente mandava tra-
 zer de fóra à Corte de Hierusalem: *Afferebatur*,
 para encubrir com aquelle pouco Ouro ao Mundo;
 o segredo, e artificio com que no seu Palacio em ma-
 yor quantidade o fabricava; porque estes talentos,
 que faziaão oito milhões da moeda Franceza, ain-
 da com o de mais, que Salamaō tinha de renda,
 não bastavaão para sustentar a sua familia, e cava-
 lharica, quanto mais para murar, edificar Cidades,
 e fa-

e fazer Frotas ; e outros grandezas de Monarcha.

Prova-se esta conjectura do numero certo dos meismos talentos , que todos os annos lhe traziaõ ; porque se este Ouro fora effeito do commerceio , pareas de Feudatarios , ou de outras rendas , que exclue expressamente a Escritura , humas vezes seria mais , outras vezes menos , e poucas vezes se lhe pagaria no mesmo pezo ; porque nos effeitos das rendas , dos commerceios , e das pareas nunca ha infallivel certeza. Hum anno se rebella hum Feudatario : outro anno se perde hum Navio ; e outro anno foge hum Rendeiro. Pelo contrario picaõ-se os Rendeiros , e crescer as Commendas : toma-se aos inimigos algum Navio , e augmenta-se o commerceio ; e ha melhores novidades , e sobem os arrendamentos das prebendas ; e tudo isto altera os rendimentos de hum Reyno ; mas naõ se observa esta alteraçao nos talentos. E agora deveis notar , que repetindo o Paralipomenon a mesma Historia dos Livros dos Reys , e às vezes com alguma variedade , nunca varea no pezo , e numero destes talentos. Por naõ sahirmos do nosso discurso , se vê isto no emprego dos cavallos , que serviaõ a Salamão ; porque dizendo o Livro dos Reys , que os cavallos dos coches eraõ quarenta mil : *Quadragesinta millia praesepia equorum currilium , hoc est , habebat ,* commenta Alapide , 40. *millia equorum in praesepis* ; o Paralipomenon diz , que erão doze mil os cavallos dos coches : *Et carrum , equitumque duodecim millia* ; e declarando o Livro dos Reys , que os doze mil cavallos eraõ só de cavallaria , e de manejo : *Et duodecim millia equestrium* ; consta do Paralipomenon , que os cavallos , que serviaõ montados , que para isto esta-

estavão pensados nas cavalhariças, erão os quarenta mil : *Habuit Salomon quadraginta milia equorum in stabulis* ; na relação que faz dos Talentos, que vinhaõ nas Frotas, tambem não concorda totalmente com o Livro dos Reys, porque neste se lê, que erão quatrocentos e vinte : *Quadrigentorum vinti talentorum*; escrevendo o Paralipomenon, que erão quatrocentos e cincuenta : *Quadraginta quinque talenta* ; sendo maior a discrepancia em dizer, que a Frota, que viera de Ophir, trouxera Ouro: *Attulerunt aurum de Ophir*; quando do Livro dos Reys se pôde inferir, que viera sem elle, como parece exprime a palavra *Portabat*, que quer dizer trazia, e não trouxe; e o que affirma trouxe a Frota, forão só madeiras, e pedras finas : *Attulit ex Ophir ligna, & gemmas pretiosas*; porém fallando nos referidos talentos, concorda tem discrepancia, em que erão seiscentos e sessenta e seis, e que todos os annos vinhaõ, ou erão trazidos a Salamão: *Erat autem pondus auri, quod afferebatur Salomonis per singulos annos sexcenta sexaginta sex talenta auri*; e esta concordancia de Textos, igualdade de pezos, e identidade de expressoens : *Afferebatur Salomonis per singulos annos*, saõ humas circunstancias, que se não podião achar, senão em Ouro feito pela *Chymica*, e mandado por Salamão para fóra, para lhe ser trazido no mesmo pezo : *Afferebatur*; porque deste modo evitava, que lhe roubassem alguma parte deste Ouro, e occultava ao Mundo, que a sua sciencia era a miña inexhaurivel, donde tirava o dinheiro para tão exorbitantes dispendios.

Confirma este pensamento ter eu huma Biblia, (que mostrarey se a quizerdes ver) aonde está escrito

escrito este Texto com esta formalidade : *Erat autem pondus puri, quod afferebatur Salomonis per singulos annos, sexcenta sexaginta sex talenta auri;* o que se naõ fora erro da Impressão, como tenho por certo; porque naõ achey este Texto escrito por este modo em outras Biblias, (posto que naõ vi muitas) mostrava, que este Ouro por ser *puro*, não era como aquelle que costuma vir das minas com muita terra, e outras impuridades; porém como o Impressor em lugar de hum A poz hum P, quando havia de escrever *auri*, escreveo *puri*, e do Ouro ordinario fez Ouro puro; e eu só por purificar este Ouro, e mostrar que pela *Chymica* alcançou tanta pureza, naõ quero viciar a Escritura. Porém sem me valer desse Texto adulterado mostrarey, que este Ouro era puríssimo, e de mais quilates do que o Ouro de Tharsis, e de Ophir; porque referindo o Paralipómenon as obras, que Salamaõ mandou fazer desse Ouro, e de outro, que lhe mandavaõ os Reys da Arabia, Satrapas, Legados, e Negociadores, diz que as lanças eraõ de Ouro : *Hastas aureas* : os escudos de Ouro : *Scuta aurea* : o escabello do solio de Ouro : *Scabellum aureum* : e a baixella da mesa de Ouro : *Vasa convivii Regis erant aurea*; mas declara, que o Ouro do Throno era limpíssimo : *Auro mundissimo* : e o Ouro da baixella do Libano puríssimo : *Auro purissimo*. Com esta mesma distinção de Ouro, refere a Historia Sagrada no Livro dos Reys as obras de Salamão; porque diz, que a sua copa era de Ouro : *Omnia vasa quibus potabat Rex Salomon, erant aurea*; e a baixella do Libano de Ouro puríssimo : *Universa supellex domus saltus Libani de auro purissimo*: o Throno vestido de Ouro

de cor mais aurea : *Auro fulvo nimis*; e entre tanta variedade de quilates, tambem faz mençāo de Ouro provado : *Et trecentas peltas ex auro probato*; e esta prova só se costuma fazer em Ouro Chymico; porque só este necessita de se examinar no *Ensayo*; e na *Copella*, para se ver se sofre o exame. E daqui se segue, que no exame da *Copella*, e do *Ensayo*, provou tão bem este Ouro, que se fizerão delle escudos, como de Ouro provado : *Peltas ex auro probato*; e nenhum Ouro, que vinha a Salamão na Frota, de presente, ou do negocio, chegava aos quilates deste Ouro; porque a Escritura quando o nomea simplezmente, lhe chama Ouro, como vemos no que vinha de Tharsis, e de Ophir: *In Ophir sumptum inde aurum*; *Aurum de Ophir*; *Attulerunt aurum de Ophir*; *In Tharsis, deferens inde aurum*; e no que deo a Salamão a Rainha Sabá: *Talenta auri*; *Talenta auri*; não vindo a ElRey Salamão outro Ouro nos regalos, Frotas, e tributos, senão Ouro ordinario, a que chamamos Ouro da Ley; e fazendo obras de Ouro finissimo, limpissimo, e purissimo, alguma desculpa teve o Impressor (fallo sinceramente a verdade) em escrever *puri* em lugar de *auri*; fazendo por inadvertencia, o que de proposito fez o Padre Alapide, transladando *Strata videntes*, em lugar de *Scuta videntes*; o que vos advirto não para sustentar como acerto o erro do Impressor, mas para que se acaso fizestes reparo em vos repetir estas palavras seguindo a sua versão, não me chamais temerario.

Finalmente cofrobora este discurso, acabar com a vida de Salamaõ o comercio de Tharsis, e de Ophir, ou para dizer melhor, acabar com a scien-
cia

cia de Salamaõ éste utilissimo comercio ; porque vendo-se este Monarca muito opulento , e com meyos taõ effectivos para ser taõ rico , entregou-se ao galanteyo das Damas , às delicias da Corte , aos regalos da mesa , aos divertimentos do Libano , e aos encantos do Amor ; e assim como Eva perdeo a Adam , diz Santo Agostinho referido por

Alapide , perderão a Salamaõ aquellas mil mulheres entre Rainhas , e concubinas , bastando menor , e singular numero para cauzar aquelle estrago ; porque a Sichem perdeo Dina , a Sansão perdeo Dalila , a David perdeo Bersabè , e a Holofernes perdeo Judith. Adorava Salamaõ os Idolos ;

porque os adoravaõ as suas Adorações. *Adoravit ea autem* , diz Alapide , *non quod in eis aliquid inesse divinitatis censeret* , *sed ut suis concubinis morem geret* ; por isto deo primeiro culto a Venus , Deosa do Amor , do que a outros Idolos : *Colebat Salomon Astarthen* : *Hec* , commenta Alapide , *erat Venus* ;

mas ainda que a causa proxima da sua perdição forão as mulheres , tambem concorrerão para causar a sua ruina a nimia prosperidade , a muita opulencia , as demasiadas delicias , e os extraordinarios appetites , que o dementarão ; porque as mulheres fazem apostatar os Sabios : *Causa tanti lapsus* , diz o mesmo Expositor , *fuit nimia Salomonis prosperitas , opulentia , deliciae , & libidines. Proxima causa fuere uxores , quas ardentissime amabat : haec enim eum dementarunt juxta illud : Vinum , & mulieres faciunt apostatare sapientes* ; e como Salamaõ com o juizo perdeo a sciencia , tambem perdeo a riqueza. Nunca mais tornaraõ as Frotas a Tharsis , nem foraõ a Ophir , porque era grande a despeza , e pouca a utilidade

Kij do

Alapide com.
in lib. 3. Reg.
cap. 11. folh.

162.

do comércio, como mostraraõ os sucessores de Salamão, que naõ seguiraõ o seu exemplo, sendo Robaõ, e Jeroboão ambos muito ambiciosos. Naõ estava Ophir, nem Tharsis tão longe de Hierusalem, que naõ podessem os Reys de Judá, e de Israël mandar àquellas Províncias as suas Frotas, como faziaõ Hiraõ, e Salamão, e intentarão Ochozias, e Josaphat, se Deos por castigo naõ derrotara aquela

Paralip. 2.20. la poderosa Armada.: *Contraeque sunt naves, nec potuerunt ire in Tharsis;* mas só a Salamão, e não a outros Monarchs convinha aquelle tão celebrado comercio; porque delle lhe vinha bastante Ouro para fazer a *Chrysopœia*, ou *Tinctura Philosophica*, que o faz, e multiplica com grande excesso. He o principio Mercurial puro o fundamento da *Tinctura*, e o Ouro natural o fermento da *Chrysopœia*; porque este fermento determina o indeterminado, e bem digesto enxofre metallico fixo daquelle fundamento, para fazer, aperfeicoar, e multiplicar o Ouro Chrysophilo, conforme ensina o grande Medico Ettmuller: *Fundamentum totius Tincturae Philosophicæ est principium Mercuriale purum, vel brumida, vel secca in forma, sulphure metallico fixo, ex se adbus indeterminato, probe digesto, probe impregnandum, & plusquam saturandum. His pro frumento determinante aurum addendum, ut fiat auram plusquam perfectum. Ex his paratus pulvis omnibus metallis facilime ob fluxum mercurialem copiosum se insinuat, & ratione adjuncti sulphuris tinctensis eorum mercurium persicit, & in aurum figit;* porém como nenhum dos Reys de Judá, e de Israël sabia fazer esta *Tinctura*, para multiplicar Ouro com a *Chrysopœia*, conforme fazia El Rey Salamão, porisso ficando Ophir

M. Ettmuller
Tom. 3. Coll.
leg. Pharm. in
Schræd. Mi-
neralog. cap.
10. de Metal.
fol. 257.

na
omnibus metallis
se insinuat, &
ratione adjuncti sulphuris tinctensis eorum mercurium
persicit, & in aurum figit; porém como nenhum dos Reys de Judá, e de Israël sabia fazer esta *Tinctura*, para multiplicar Ouro com a *Chrysopœia*, conforme fazia El Rey Salamão, porisso ficando Ophir

na India Oriental entre o Rio Ganges, e Malaca, com as Ilhas de Java, e Samatra, e os Reynos de Siam, Pegu, e Bengala, nenhum delles, mas só Salamão sustentou aquelle comercio; porque com elle adquiria Ouro para augmentar a sua opulencia, e outras muitas riquezas, e curiosidades, que serviaõ de recreaçao a hum Monarca opulentissimo, que fazia melhor negocio com a sua *Chymica*, do que com a sua Frotta.

E N O D I O. Facilmente deixaria passar sem mayor exame o vosso discurso, senão tivera contra si huma fortissima instancia. Tambem a Escritura naõ declara, que fosse purissimo o Ouro dos seicentos e sessenta e seis Talentos: diz só que vinha Ouro naquelle pezo: *Pondus auri*; e como esta expressão he como as outras, com que falla no Ouro, que vinha de Tharsis, e de Ophir, naõ tensdes nenhum fundamento para dizer, que nos Epithetos do Ouro se devem averiguar os seus quilitates. E ainda que o Texto Sagrado naõ faça expressa mençaõ da Prata, que Salamão tinha de renda, nem diga clara, e certamente o pezo, e valor da que lhe mandavaõ, ou traziaõ de fóra, com tudo affirma, que era tanta como as pedras de Hierusalem: *Abundantia argenti in Hierusalem, quanta & lapidum*; e por este mesmo modo podia ser tambem muito o Ouro, aindaque não conste da Escritura o valor, e o pezo, nem as terras donde era mandado, ou trazido a Salamão.

E N O D A T O. Essa vossa instancia serà agora a mayor, e melhor prova, para confirmar com ella quanto tenho dito; porque se a Prata naõ tinha valor, preço, nem estimaçao na Corte de Hierusalem,

salem, ninguem a traria de fóra por negocio; eda-
qui resultou naõ se servir com ella ElRey Salamaõ,
ou naõ haver Prata no seu Reynado: *Non erat ar-
gentum, nec alicujus pretij putabatur in diebus Salo-
monis*; e com essa pouca, qne com algum Ouro
vinha cada triennio de Tharsis: *Deferens inde au-
rum*, fez Salamaõ por grandeza, que houvesse tan-
ta abundancia de Prata em Hierusalem, como eraõ
as pedras daquella grande Metropole: *fecitque ut
tanta esset abundantia argenti in Hierusalem, quanta
& lapidum*; porque com aquella pouca Prata por-
meyo da *Argyropeia*, que he o Espírito da Lua,
fez Salamaõ tanta abundancia de Prata: *Fecit*. Nem
em Hierusalem podia haver tanta Prata, senão fa-
zendoa hermeticamente ElRey Salamaõ; porque
das minas, e dos thesouros de todo o Mundo se-
naõ pôde ajuntar Prata, que iguale o numero, pe-
zo, e medida de todas as pedras, que naquelle tem-
po havia em huma Cidade taõ populosa, como foy
antigamente a Corte de Hierusalem; porque era
huma das mayores Metropoles do Mundo, a quem
por sua potencia, e grandeza chama Hieremias Se-
nhora das gentes, e Princeza das Províncias: *Do-
mina gentium: Princeps Provinciarum*. Porém pela
Chymica, e pela virtude multiplicativa da *Argyro-
peia*, a qual de huma parte faz mil, e de doze partes
cem milhões de milhões, crescendo, e multiplican-
do se por este modo cada vez mais, como escreve o
Padre Kircker, atè naõ ter nenhum fim, nem li-
mite: bem podia ElRey Salamaõ fazer tanta quan-
tidade de Prata, que igualasse a medida, pezo, e
numero de todas as pedras da Corte de Hierusalem:
*fecitque ut tanta esset abundantia argenti in Hierusa-
lem*.

Hierem.
Thren. I.

lem, quanta & lapidum ; e como na Escritura Sagrada não há hyperboles, nem encarecimentos, como em hum dos seus Sermões diz o grande Padre Vieira, aindaque muitos Doutores digão o contrario; e tudo quanto se lê na Escritura, he verdade, sem encarecimento, nem engano ; fendo certo, que em em Hierusalem havia tanta Prata como as pedras de tres ordens de muros, que a cercavaõ, das Torres que a defendiaõ, dos Palacios que a ennobreciaõ, das casas, que a povoavaõ, das calçadas que a seguravaõ, e finalmente do mesmo Templo, que era a obra mais magnifica do Mundo : não havendo antes, nem depois de Salamaõ tanta Prata, não digo eu para fazer huma Cidade pequena, senão huma Villa, ou huma Ponte como esta ; e faltando logo no tempo de Jeroboaõ, e de Ezechias, para dar a Sennacherib trezentos talentos de Prata, vendo-se por esta pobreza obrigado a despojar o Templo da que tinha, a qual no tempo de Salamaõ haveria com mayor abundancia em casa de qualquer morador de Hierusalem, como do Ouro de Tharsis, e de Ophir affirma Drexellio : *Ophireum*, Drexel. Tom. & *Tharsicum aurum domos omnium inaurabat* ; com 4. n. 6. de Sa- grande fundamento se pôde concluir este discurso, lom. §. 1. fol. attribuindo esta grande quantidade de Prata à scien- 873.
cia *Hermetica*, e à vaidade, ou jaçtancia de Salamaõ ; porque atè pelas ruas de Hierusalem mandou fazer poyaes de Prata, conforme por liçaõ de Pedro Comestor escreve Drexellio, os quaes fer- viaõ para os mesmos usos, que os de pedra, e cal Drexel. Tom. tem entre nós : *Petrus Comestor afferit Salomonis aero 4. cap. 7. de Sa- Jerosolymis pro domorum foribus plurima argentea se- lom. §. 1. fol. dilia, qualia nos è ligno aut saxo habemus, equos af- 874. censu-*

censuris commoda; e assim havia de ser; porque se entre nós há tanta cal, e tanta pedra, como era a Prata em Hierusalem, por isso lá se faziaõ de Prata os poyaes, como nós cà fazemos de pedra. Mas como a esta abundancia de Prata, que havia em Hierusalem, igualava a quantidade de Ouro, que na

Paralip. 2. 1. mesma Corte havia: *Præbuitque Rex argentum & aurum in Hierusalem quasi lapides*; tambem podia Salamaõ fazer poyaes de Ouro, como os fazia de Prata; porque se por estas pedras se podessem entender as *Pedras Philosophæs*, chamadas tambem *Tinctura de Ouro*, que Gregorio Nisseno referido por Drexellio, diz, que tiveraõ naquelle tempo na sabedoria de Salamaõ os moradores de Hierusalem: *Habuerunt, inquit, Tincturam Aurei*, tanta

4. de Salom. seria, como a abundancia destas pedras, a de Prata, cap. 2. §.2. fol. e de Ouro; porque seria a quantidade do Ouro, e 882. Prata proporcionada ao numero destas auriferas *Pedras*. Finalmente quanto ao Ouro dos Talentos, vós não podeis negar, que era dos mesmos quilates, que tinha o purissimo Ouro da baixella do Retiro do Libano, e o Ouro limpidissimo do Throno, que delle se fizeraõ; porque falla a Escritura nestas obras, como feitas destes Ouro, sem que no Livro dos Reys, e no segundo do Paralipomenon haja variedade em referir tudo junto, e ao mesmo tempo, para mostrar, que era da mesma materia.

ENODIO. Como El Rey Salamaõ foy tão sa-
bio, tão grande Médico, e tão insigne Chymico, que
escreveo oito mil Livros, em alguns dos quaes tra-
Reg. 3. cap. 4. tou das virtudes das plantas, dos animaes, das aves,
33. das serpentes, e dos peixes, he muito provavel, que
escrevendo tão yasta, e curiosamente da Medicina,
tratas-

tratasse tambem da *Chymica*, por ser a parte mais util, e perfeita da Arte Medica, e a quem devia a mayor parte das suas riquezas; e como alguns livros de Salamaõ estaõ encorporados na Biblia, e tem como Canonicos os quatro sentidos da Escritura Sagrada Mystic, Anagogico, Allegorico, e Tropologico, desejo saber se ao menos allegoricamente fallaõ da *Chrysopeia*.

ENODATO. He tão certo, que Salamaõ el-creveo da Medicina, como duvidoso, que tambem tratasse da *Chymica*; porém naõ faltaõ Autores, que digaõ tratou tambem Salamaõ desta materia, e com muita especialidade da *Chrysopeia* na sua tão celebrada *Clavienta*; mas he summamente ridiculo presumir, que nos livros Canonicos, e particularmente nos Canticos, que ainda hoje existem, e cremos de Fè, esteja occulto o artificio *Hermetico*, como se põde ver nestas palavras de Sennerto: *Ridiculum vero est, quod quidam in Cantico Canticorum artificium Chymicum latere existuant, & per Sponsum Regem, sive Aurum, per Sponsam Reginam, sive Argentum, quae duo in Arte conjungantur, si que amplexentur, intelligendum censem; & cum dicatur: Nigra sum, sed formosa, caput corvi intelligendum putant, quod foris nigrum sit, intus autem summis divitias plenum: per turturis collisionem, varietatem colorum, & pavonis caudam explicant: per byzem, tempus putrefactionis: per imbreem, imbibitionem: per Flores, & Rosas albas, & rubras, colore aureum, & album in lapide; per amissionem Dilectis, auri occultationem, intelligi oportantur.* E ainda nos livros terceiro, e quarto de Esdras, que por naõ serem Canonicos, andaõ no fim da Biblia, senaõ deve af-

L

firmag

firmar esteja escrita a *Arte Magna*, como errada; e temerariamente entenderão alguns *Chymicos*, applicando à trasmutaçao dos metaes, e à multiplicação do Ouro feita pela *Chrysopena*, estas palavras do Capitulo oitavo do Livro terceiro: *Quos modo autem interrogabis terram, & dicet tibi, quoniam dabit terram multam magis unde fiat fictile, parvum autem pulverem unde aurum fit*; porque com errada exposição explicaçao dos mysterios *Chymicos*, o que se deve entender dos castigos, que dará Deus aos peccadores impenitentes, e dos premios com que remunerará os justos, como declara o mesmo *Esdras*: *Multi quidem creati sunt, pauci autem salvabuntur*. E porque esta diferença de predestinados, e de preceitos, tambem em certo modo se acha nos *Hermeticos*, que pretendem descobrir, e alcançar o segredo do *Lapis*; porque os que não conseguem esta *Pedra*, são desgraçados, e os que a achão, são venturofos: comparemos agora aos *Hebreos*, que sahindo tantos mil do *Egypto*, só douz entráraõ na Terra de Promissão, figura da Patria dos Predestinados, aonde Moysés lhe descreve nas delícias, e abundancias do Paiz os mesmos effeitos, que os Adepts venturofos achão em todas as terras nas suas *Pedras Philosophicas*; porque comem o pão sem penuria, logrão de tudo muita abundancia; as suas pedras são de ferro, e nos montes destas pedras, como os *Hebreos* nos da terra da prometida Palestina, cavão os preciosos metaes: *Ubi absque ultra penuria comedes panem tuum, & rerum omnium abundantia perfrueris: cujns lapides ferrum sunt, & de montibus ejus aeris metallæ fodiuntur*. Porém como a *Pedra Philosophal* he como aquella, a que Job cha-

Deuter. 8.9.

chama pedra de escuridade : *Lapidem quoque caliginis* ; nos Livros de Salamão vos mostrarey sem obscuridade alguma esta pedra. Descreve Salamão a Sabedoria no Capitulo oitavo dos seus Proverbios, e como se fallara a surdos diz , ou brada assim : *Nunquid non sapientia clamitat, & prudentia dat vocem suam?* Por ventura não está bradando a Sabedoria , e a prudencia dando vozes ? E que diz a prudencia com tantas vozes , e a sabedoria com taes clamores ? Entendey , parvoinhos pequeninos a astucia , e vós nescios tende advertencia : *Intelligite parvuli astutiam, & insipientes animadvercite* : ouvi porque falley de couças muito grandes : *Audite, quoniam de rebus magnis locuta sum.* Recebey a minha disciplina , e não dinheiro : recolhey antes a doutrina , do que o Ouro ; porque he melhor a sabedoria do que todas as couças preciosissimas : *Accipite disciplinam meam, & non pecuniam: doctrinam magis quam aurum elige;* *melior est enim sapientia cunctis pretiosissimis.* Tudo quanto vós podereis delejar , não tem comparacão com a sabedoria : *Omne desiderabile ei non potest comparari.* Ainda he melhor o meu fructo , do que o Ouro , e do que a PEDRA preciosa , e as mais gerações saõ mais excellentes , do que a Praça mais selecta : *Melior est enim fructus auro, & lapide precioso, & genitima mea argento electo.* Para fazer a todos os meus amantes muito ricos , e lhe encher os seus thelouros , ando com muita justiça pelos caminhos , sem me apartar da mediania , como do meyo , em que o juizo me mostra consiste a virtude : *In viis justitiae ambulo, & in medio semistarum judicui, ut diligentes me, & thesauros eorum repleam;* porém nesta peregrinaçao ando como ju-
Lij gando,

gando, e brincando com os homens, em cuja companhia acho as minhas delicias: *Ludens in Orbe terrarum: & delicia meæ, esse cum filiis hominam;* por isso peregrino em toda a redondeza da terra: *In Orbe terrarum;* e para que todos sejão bemaventurados, ouçāo agora o que lhes digo, porque se observarem os meus preceitos, nenhuns homens se rão precitos: *Nunc ergo filij audite me: Beati, qui custodiunt vias meas.* Esta he a verdadeira *Pedra Philosophal*, que se acha descripta nos livros Sagrados, a qual a todos faz venturosos, e ricos; porque todos os homens, que observarem os sobreditos preceitos, e soubrem servir a Deos, alcançarão as riquezas, que com a sabedoria, deo tão liberalmente Deos a Salamaõ.

ENODIO. Como vós por authoridade de Santo Ambrosio, Clemente Alexandrino, Eusebio, e outros Escritores referidos, e seguidos por Alapide, dizeis, que da Academia de Salamaõ, como de pura fonte de sabedoria, beberão a doutrina os Pythagoras, os Socrates, os Platões, os Aristoteles, e outros *Philosophos* antigos; e no Egyp to estudou Moysés a *Chymica*, do qual passou aos Hebreos; sendo estes tantas vezes cativos, e transmigrados a varias Nações do Mundo; donde para viverem sem os descommodos do cativeiro, e a pobreza do deserto, lhes seria necessário fazer Ouro, e Prata pela *Arte Magna*; e podendo algumas daquelles, e outros fabios entrar no Egyp to, e observar, e saber com alguma industria os preceitos, e mysterios da *Philosophia de Hermes*, escritos publicamente nos seus Hieroglificos, não sey como dos Egypcios, dos Hebreos, ou de Salamaõ naõ passou.

passou a todo o Mundo, ou quando menos a alguns Varões sabios a noticia da Chrysopeia?

§. VIII.

Da Chrysopeia dos Philosophos, e Medicos, provada com a expedição dos Argonautas.

ENODATO. Os Hebreos sempre forão homens nefios, e ignorantes,

como lhes chamou seu Mestre o Propheto Moysés:

Popule Juste & insipiens, e a comprehensão da Ar- Deut. 32.6.

te Magna não he para ignorantes, nem para nefios,

por isso os Hebreos a não souberão, nem practica-

raão nas Províncias onde estiverão cativos. Porém

os Gregos, que forão homens de grande engenho,

perspicacia, e Sabedoria, como testemunhaão os

Platões, Hypocrates, Aristoteles, Democritos,

e outros Oraculos da sua Athenas, e de todas as

Academias do Mundo, fazendo algumas jornadas

ao Egypto, conversando na Corte de Memphis

com os Sacerdotes de Vulcano, e observando as

repostas misteriosas dos mais agudos Interpretos

dos Hieroglicos de Hermes, aonde se conservava

oculto o segredo da Chrysopeia, alcançaraão o mys-

terio, e revelação da *Pedra Philosophal*, da que en-

tre os Hebreos se perdeu a noticia com os Livros

de Salamão. Os primeiros, que perceberão, e sou-

berão esta *Philosophia Hermética*, forão Orpheo,

Democrito, e Homero, os quaes tornando para

a sua Patria, escreverão enigmaticamente da Chry-

sopeia, como se pôde ver na historia dos Pomos

das Hesperides, e de Hercules, das Maçãas de

Ouro

Ouro de Hippomenes, e Athalantha, nos dentes do Cadmo, olhos de Argos, e ramo de Ouro, e com muita propriedade, e maior clareza na famosa história dos Argonautas, que navegaraõ a Colchos para conquistarem o Vello de Ouro.

ENÓDIO. Peço-vos, que me conteis a me nos, essa jornada dos Argonautas à Ilha de Colchos, para ver como na Conquista do *Vello de Ouro* se descreve a *Chrysopeia*.

ENODATO. Escreve Ovidio nas suas Metamorphoses, que Athamas, Rey de Thebas, casara com Nephele, sabia, e fernaõa senhora, de quem nasceraõ hum filho chamado Phryxo, e huma filha chamada Helle. Por morte, ou ausencia da Nephele, que enloqueceo, e se meteo pelos mares, casou segunda vez Athamas com Ino, a qual como Madrastra lhe aborrecia os filhos, e pertendia tambem, que o pay lhe tivesse grande odio. Perseguiu esta cruehissima mulher aos innocentes Principes, com desfattenções, e desprezos, mortificações, e tormentos, desejandolhes sempre a morte, e machinando tirarlhes a vida, para que seus filhos Learcho, e Palemo succedessem naquelle Reyno. Para lhes formar culpa, e dar o merecido castigo, esterilizou occultamente os frutos, para que não produzissem outros as searas, e quando já em todo o Reyno era publica a queixa, e universal o clamor dos vassallos, afflictos com a esterilidade que viaõ, e temerosos da fome, que esperavaõ, sem saberem, nem presumirem a causa de tão novo, e nunca visto sucesso: soy esta industriosa Mulher com fingida piedade, e manifesta hypoerofia ao Templo, aonde com promessas, e dadiwas sober-
nou

nou os Sacerdotes, para que publicassem, que os Deuses lhe revelaraõ, serem os peccados enormes de Phryxo, e de Helle a verdadeira causa daquelle castigo, e seriaõ origem de futuras calamidades.

Huns dizem, que Phryxo, e Helle temendo a morte, ou algum grande trabalho, fugiraõ de casa de seu pay, montados no Carneiro do Vello fatal; mas a opiniao mais seguida, he, que Athamas assustado, e temeroso das calamidades, e castigos, que promettiaõ as reveladas prophecias, para evitar os estragos futuros, desferrou com grande sentimento a seus filhos, os quaes por serem de terra, e florente idade, e creados no Paço com o nimbo, e regalo de Principes, padeceraõ grandes perigos na jornada, e muitos trabalhos na peregrinaçao das terras alheyas; porque passaraõ Charnecas desertas, subiraõ Montes inacessiveis, cortaraõ Serras muito alperas, desceraõ Valles muito fundos, penetraraõ Bosques muito escuros, entraeraõ em Selvas sem caminho, caminharaõ por Estradas sem sahida, ate que por Montes fragosos, Terras agrestres, Campinas incultas, e por dilatados, e desconhecidos Caminhos chegaraõ, como refere Hygino, à Corte de Cretheo, Rey dos Jolcos na Thessalia, que era seu tio.

Passados os primeiros dias, induzio Demodece, mulher de Cretheo, ao Princepe Phryxo, para cõmetter com ella o incestuoso adulterio, crime de que io arguhio vendo-se desprezada, e dando Cretheo credito à falsa accusadora, determinou matar a seu sobrinho. Neste tempo soy consultado o Oraculo, para se saber delle o modo de remediar a fome, que hia destruhindo o Reyno dos Jolcos. Respondeo o

Orac

Oraculo, que sem o sangue de dous Príncipes se não aplacaria a ira dos Deuses ; e como na Corte não havia outros senão Phryxo, e Helle, forão ambos destinados para victimas. Estando ambos já com as cabeças debaixo do cutello, apareceu no meyo do Templo huma branca nuvem, da qual sahio hum Carneito, que tomando-os sobre si, os levou às prayas do mar, aonde lhes apareceu sua māy Nephele rícamente vestida, como parece, que aparecerião depois de mortas todas as māys se poderão ; para consolarem neste Mundo com a sua vista, aos seus filhos peregrinos, e perseguidos.

Fallou-lhes tão amorosa, e docemente como māy, consolando-os com a sua presença ; para alivio da sua grande saudade, e dando-lhes para remedio da sua pobreza, e socorro da sua necessidade, hum Carneiro, que tinha *Vello de Ouro*, com o qual viviria ricos, e abundantes, e passaria seguroamente o mar, com coadição, que não voltaria para traz o rosto, quando montados no Carneiro de Ouro fossem navegando como em hum Delphim por cima das ondas ; porque se fizesssem o contrario, ficariam como Icaro affogados, e sumergidos nas agoas, como sucedeu à fermosa Princesa Helle, que toda tremula à vista do mar, e atemorizada com o ruido das ondas, se deixou cair, e morreu affogada, deixando com o seu nome fragio, e com o seu nome famosissimo o Helesponto. Porém Phryxo embarcado, ou montado no seu Carneiro, sem voltar para traz o rosto, por não ver tão funesto, e tragicó precipicio, chegou facilmente à Ilha de Colchos, aonde o Carneiro despiu muitas vezes o *Vello de Ouro*, e vestia outro de novo,

novo, o qual por ser taõ rico, e precioso, era de grande valor, se estimação, e Phryxo o trazia no rebanho d'ElRey Etha, que se criava em hum viveiro de Veados, Cabras, e outros animaes dedicados a Marte, e guardados por hum Dragaõ com azas. Por esta caula consagrhou Phryxo a Jupiter, ou como outros querem, ao Deos Marte, aquelle aurifero Carneiro, o qual desceo alegremente do Ceo à terra, para receber da mão de Phryxo taõ rica offerta, que depois foy collocada finalmente no Ceo entre os doze Signos do Zodiaco. Mas antes que Marte subisse de Colchos ao Olympo, e collocasse no Zodiaco o *Vellocino*, deixou o Carneiro de Ouro no Templo, e pendente de huma Arvore, que os moradores de Colchos tambem lhe consagraraõ. Guardavaõ esta Arvore, e *Vellocino de Ouro*, não só asperos, e inacessiveis montes, bosques sombrios, e valles frondosos, onde este grande thesouro estava escondido, e occulto; mas tambem hum Dragaõ de tres linguas, com tres ordens de dentes, e duas azas, que era taõ vigilante, que nunca dormia, e lançava pela boca espantoslas labaredas de fogo. Acompanhavaõ a este horrivel Dragaõ dous bravos, e ferocissimos Touros, que tinhaõ pontas de ferro, e pés de alambre, os quaes tambem lançavaõ pelas ventas do nariz vorazes chamas de fogo, com que abrazavaõ a todos os homens, que intentavaõ roubar o *Vellocino*; mas sem embargo de ser taõ difficultosa a empreza, e taõ arriscada esta aventura, estava determinado pelo Deos Marte, qne venceria os Touros, e domaria o Dragaõ, quem emprendesse felizmente esta Conquista, e levasse o *Vellocino* de Colchos.

M

Reyna

Rynava naquelle tempo nesta Ilha Etha, payda sabia Medèa, taõ peregrina na belleza, e taõ rara na fermosura, como douta, e singular na *Arte Magica*; e dominavaõ toda a Grecia os dous irmãos Pelia, e Eson. Teve Eson hum filho chamado Jasão, a quem aborrecia seu tio Pelia, (vicio, que ordinariamente se acha nos Tios,) sem mais causa, do que ser Jasão mancebo de excellentes virtudes moraes, e heroicas, muito valeroso, discreto, sabio, generoso, e de gentil presençā. Para lhe tirar a vida portão honrados delictos, o persuadio seu Tio Pelia, a que fosse à Ilha de Colchos na companhia de Hercules, Theseo, e de outros valerosíssimos Heroes, para conquistar o *Velleno de Ouro*, que era a mais arriscada, rica, e gloriosa empreza daquelle tempo. Embarcados os famosíssimos Argonautas em huma Náo, que lhe deo o Nome, tomandoo ella tambem de Argos seu Author, e do Cavallo Pegaso, chamando-se por esta causa Náo Argos, e Pegalia, navegàraõ com grande trabalho pelo mar Pontico, atè chegarem à Corte de Phineo, Rey de Peonia, que era já muito velho, enfermo, fraco, e cego, o qual os hospedou com muita grandeza, magnificencia, e regalo dentro no seu mesmo Palacio.

Estando os Argonautas assentados à mesa, se lhe queixou Phineo das suas enfermidades, e depois de ouvir o seu voto, se queixou muito mais das Harpias Aëllo, Ocyperè, e Celleno, a que Homero chama Podarga, que eraõ humas aves de rapina, com cara de mulher, boca amarella, corpo de Abutre, pés, e braços humanos, e unhas agudas, como monstros; porque com grande atrevimen-

mento, e desorteza contaminavaõ , e roibaõ quantos manjares se punhaõ na mesa ao vento doente, e cego Phineo. Ouvida a queixa de leza Magestade , e padecendo tambem Jasaõ , e seus companheiros a mesma injuria , se levantaraõ logo todos da mesa , e acompanhado Jalaõ só de Hercules , com animo de matar as Harpias, as investiraõ com as espadas nuas ; mas elles metendo a mão às azas , evitaraõ a morte propria , fugindo velozmente pelos ares , como ligeirissimas aves. Porém Jasaõ as mandou seguir , e perseguiu por Zetheo , e Calais , filhos ambos do vento Boreas; porque como filhos de tal pay nasceraõ com azas , e com elles foraõ voando como Acores , em seguimento das fugitivas para lhe tirarem a vida. Mas neste aperto , e grande afflicçao das Harpias lhes valeo o Deos Jupiter , pedindo com palavras brandas , e amorosas aos seus velozes perseguidores , que naõ matassem , nem perseguissem aquellas aves ; porque eraõ os cães , que comiaõ os ossos , e migalhas , quando cahiaõ das mesas dos Deoses.

Deixadas por respeito d' Jupiter as Harpias , e despedidos d'El Rey Phineo , continuaraõ os Argonautas a sua derrota , surcando mares desconhecidos , e nunca dantes navegados , até que finalmente aportaraõ , e deraõ fundo na Ilha de Colchos. Foraõ nella bem recebidos , e hospedados magnifica , e generosamente por El Rey Etha , pay da fabia , e fermosissima Medeia , que amou extremosa , e finissimamente a Jalaõ ; e desposando-se occultamente com elle , lhe revelou , e descobrio os maiores segredos , para poder sem perigo , nem mais armas , do que hum sceptro de marfim , em-

prender, e conseguir a conquista do *Vellocino de Curo*. No dia assinalado, concorreu muita gente a ver o successo daquelle arriscada, e duvidosa temeridade de Jasaō, o qual com o sceptro de marfim na mão foy caminhando por huma estrada, que ficava no meyo de todas as pessoas, que o viaō, e admiravaō. Tanto que Jasaō deo os primeiros passos neste caminho, logo lhe sahiraō ao encontro os bravos, e ferozes Touros, lançando tanto fogo pelas ventas do nariz, e pela boca, que parecião animados Ethnas, e Vesuvios, e com as labaredas queimarão as hervas do campo, e abrazaraō as arvores atē as raizes; e cavando com as mãos na terra, e fazendo com os movimentos do corpo varias figuras, mudanças, e alterações investiraō intrepida, e furiosamente a Jasaō, o qual com grande esforço, e valor lhes rebateo a furia, e prendendo-os, os vencēo, domou, e sobjugou, de tal forte, que com grande facilidade, e mayor admiraçāo dos que viaō esta peleja, os meteo no jugo, e com elles lavrou a terra, em que semeou os dentes de huma Serpente, que elle primeiro matou, e desta sementeira nasceraō logo homens armados, que tambem investirão com grande furia, e impeto a Jasaō, para darem a morte, a quem deviaō a vida.

Porém a Princeza Medēa, como sabia, e perita na Magica, os encantou com as suas artes; e ordenou a seu esposo Jasaō, que no meyo delles lançasse huma P E D R A, a qual entre estes homens armados excitou tão grande discordia, que pelejando todos furiosamente entre si, todos finalmente morreraō na batalha. Applaudido, e acclamado Jasaō por vencedor, celebraraō os Gregos com gran-

grandes festas desta vitoria , animando-o com estes obsequios , para com o vencimento do Dragão alcançar o ultimo triumpho. Proseguio Jasaõ a empreza ; porém como o Dragaõ era animal muito feroz , e horrivel , tanto pelas suas invenciveis forças , grandeza do corpo , e formidavel aspecto , como por ter em trez ordens de dentes , e trez linguas , multiplicadas armas para se defender , e devorar a todos os seus inimigos ; e vomitando continuamente labaredas de fogo , que tudo abrazava , passando os dias com tanto cuidado , e as noites com tal desvelo , que nunca dormia , para melhor guardar o thesouro dedicado a Marte : foy necessario , que Medéa o encantasse pela Arte , para que dormindo se descuidasse , e com o descuido permittisse a Jasaõ conseguir com esta industria , o que sem ella era impossivel ao seu grande valor. Encantado em fim por Medea , adormeço o Dragão , cerrou os olhos , fechou os dentes , encolheo as azas , e apagou o fogo , e pode Jasaõ colher seguramente daquella Arvore o precioso *Vellocino de Ouro* , que nella estava pendente havia muitos áños , e com elle trouxe as auriferas maçãas , que a mesma Arvore produzia com a virtude do *Vellocino*.

Concluida esta empreza com tanta ventura , e credito de Jasaõ , passou este victorioso Heroe hum dia no Palacio d'ElRey Etha , aonde foy comprimentado por toda a Corte , com admiraçao de muitos , e inveja de todos. Seguiu-se a este politico obsequio hum magnifico banquete , em que competio o regalo com abundancia , e a magnificencia Real com o aceyo. Tanto que entrou a noite , principiou hum baile , em que dançaraõ com máscara as Damas.

Damas, e os Cavalheros, e ajudados deste disfarce fugirão seguramente do Paço Medea e Jasaõ, porque a máscara lhes occultava o rosto, e a noite o retiro. Para Medea evitar, que a seguisse seu pay Etha, foy dilacerando a seu irmão Absyrto, e lançando os membros despedaçados pela estrada por onde fugia; porque suspendia os passos o magoado pay, sepultando os membros do inocente filho. Chegando os fugitivos a Grecia, acharam a Eson, pay de Jasaõ, deitado na cama, como doente, entrevado, como velho, e sem remedio, como decrepito. Porém Medea rogada por Jasaõ, restituiu não só a saude, mas tambem a mocidade a Eson, de tal forte, que de velho decrepito, o transformou em florido mancebo.

Esta, e outras iguaes maravilhas obrou Medea, com hum particular remedio, cuja receita se pôde ver em Ovidio, o qual Medea principiou a preparar em occasião de Lua cheya, em noite clara, e de Ceo estrellado, com folhas de humas hervas, raizes de outras, enxofre, pedras do Oriente, e da praya do mar, partes de animaes, escamas do Dragaõ, e com o rocio do Ceo; e com esta mysteriosa preparaçāo, e efficacissimos ingredientes, compoz hum Antidoto universal para evitar as molestias, curar as enfermidades, e renovar a velhice, ou converter a idade decrepita, na mais florida idade; porque só as hervas tinhaõ tão grande virtude de transmutar, e transformar as entidades, que faziaõ novos os Dragões velhos, que Medea trazia no seu coche. E o mesmo remedio era tão activo nesta sua operaçāo, que o pão de Oliveira, com que Medea o mexeo, sendo seco como hum pão,

pão , logo reverdeceo de repente , vestindo-se de folhas , e produzindo muito fructo ; e ate os pingos , ou gotas , que do remedio cahirão casualmente na terra seca , a fecundaraõ de sorte , que logo se cubrio de verdes hervas , que repentinamente floreceraõ , e de que Medéa colheo por fructo huma perpetua , e voluntaria peregrinaçao pelo Mundo , donde passados alguns annos desappareceo.

Antes que paile do sentido literal desta historia à explicação da sua allegoria , e moralidade , deveis primeiro advertir , que segundo a divisaõ de Varro , dividem os Chronologicos o tempo em trez tempos , que vem a ser tempo escuro , tempo fabuloso , e tempo historico : o tempo escuro , he todo o que correu de Adam ate o Diluvio de Oigges ; chama-se escuro , e incerto , porque pela liçao de Historiadores profanos , naõ se fabe o que se tem passado no Mundo no dilatado espaço de vinte e douos seculos : o tempo fabuloso começo deilde o Diluvio , e durou ate as Olympiadas ; chama-se todo este tempo fabuloso , porque entre algumas verdades (como logo veremos) misturaraõ os Historiadores tantas fabulas , que tiraraõ o credito às suas historias : e o tempo historico começa das Olympiadas , e continuará ate o fim do tempo ; chama-se tempo historico porque depois das Olympiadas , começo a luzir na historia a verdade das cousas passadas. Porém como no tempo fabuloso andava a verdade junta com a fabula , he necessario , que agora façamos esta distincção com alguns exemplos , para com elles explicarmos a expedição dos Argonautas.

Na Philosophia Secreta de Moya tereis lido ;
que

Moya Philos. que ha Fabulas Mythologicas, Apologicas, Mile-
 Secreta lib. 1. sias, e Genealogicas: e cada huma destas quatro
 cap. 1. e 2. in especies de Fabulas tem cinco sentidos, Literal,
 princ. Allegorico, Anagogico, Tropologico, e Natural:
 o Natural, declara as obras da Natureza: o Tropologico, emenda os maos costumes: o Anagogico, guia o entendimento à contemplaçao de coufas Divinas: o Allegorico, diz huma coufa, e significa outra; e o que a letra propria, e immediatamente significa, he o sentido Literal, chamado Historico, ou Parabolico. Tudo isto se vê neste exemplo: Hercules filho de Jupiter, como *tingem os Poetas*, concluidos os seus trabalhos, subio victorioso ao Ceo. No sentido literal, se entende esta historia, como diz a letra: no sentido Allegorico, por Hercules se entende a virtude collocada no Ceo, victoriosa de todos os vicios: no sentido Anagogico, por Hercules se entende a Alma subida ao Ceo, desprezando os bens da terra: no sentido Tropologico, por Hercules se entende hum Varaõ forte, habituado em virtudes, e bons costumes; e no sentido natural por Hercules se entende o Sol, e pelos seus doze trabalhos, ou façanhas os doze Signos do Zodiaco, os quaes elle vence com trabalho, porque os corre todos dentro de hum anno. Nestes sentidos diz o Padre Vieira, que passarão as Fabulas, não em si mesmas, mas naquelles casos, e coufas, que derão occasião a se fingirem. Na seca universal, que abrazou todo o Mundo, passou a Fabula de Phaetonte: no Diluvio particular, que inundou grande parte delle, passou a Fabula de Deucalion: no estudo com que El Rey Athlante contemplava o curso, e movimento das Estrelas, passou

Vieir. Tom.
 5. n. 11. fol.
 10.

sou a Fabula de trazer o Ceo aos hombros : na especulação continua de todas as noites , com que Endimion observava os efeitos do Planeta mais visuado à terra ; passou a Fabula dos seus amores com a Lua ; e porque tambem os nossos vicios , a nossa fraca virtude , e a nossa mesma vida passa como Fabula : o amor , e complacencia de nós mesmos passou na Fabula de Narciso : a riqueza sem juizo , na Fabula de Midas : a cubica inflacivel , na Fabula de Tantalo : a inveja do bem alheyo , na Fabula ; e Abutre de Ticio : a inconstancia da Fortuna mais alta , na Fabula ; e roda de Ixion : o perigo de acertar com o meyo da virtude , e naõ declinar aos vicios dos extremos ; na Fabula da Scilla , e Caribdes : e finalmente a certeza da morte , e a incerteza da vida , pendente sempre de humilio , passou , e está continuamente passando na Fabula das Párcas . Assim envolverão , e misturaraõ os Sabios daquelle tempo , o que há com o que naõ há , e o certo com o fabuloso , para que nem o louvor nos desvaneça , nem a calunia nos desanime ; propondo , como diz Platão , aos meninos na curiosidade destas Historias , os segredos das doutrinas , para que as conservasssem na memoria , e fizessem diligencia por descobrirem os feus misterios ; evitando tambem , que os seus segredos fossem publicos a todos ; porque da mesma sorte , que o vinho , ou qualquer licor perde a sua doçura , e suavidade posto em mãos vasos : assim as coulhas divinas da Philosophia , compostas de modo que sejaõ vulgares , e sabidas até dos rusticos , se corrompem , e perdem muito da sua estimação ; como perderia todo o preço a Chrysópeia , se naõ estivera

ra taõ ~~oculta~~, como agora ouvireis no mysterio-
so Velloçim de Colchos.

Toda a sabedoria, e discurso scientifico, saõ como Phryxo, e Helle, filhos primogenitos do entendimento, e da memoria, como de Athamas, e de Nephele; porque por Nephele, primeira mulher de Athamas, se entende a fresca memoria da idade de Varaõ, em que o entendimento, como Athamas, tem vigor, e actividade para fazer conceber a memoria os partos, e producções da sua grande fecundidade. Na morte, ou ausencia da memoria, que sempre se aparta, enfatua, ou morre primeiro, que o entendimento, saõ o discurso, e sabedoria perseguidos da ignorancia, sua madrasta, com quem o entendimento humano celebra seguidos desposorios na velhice, a qual como Ino, allusina o entendimento com enganos, para que aborreça o discurso, e sabedoria, e succedaõ em seu lugar, como Learcho, e Palemon, a fatuidade, e o asquecimento. Esteriliza a ignorancia, occultamente com a sua infecundidade, todos os fructos, e producções do juizo; porque ninguem he taõ nescio, que queira mostrar a sua necedade em publico; e conjurando-se contra a sabedoria, e discurso, lhe levanta falsos testemunhos, ajudando-se da voz de todo o Povo, que ordinariamente murmura, sem saber a razão, porque condenna. Para persuadir o seu fingimento, corrompe os sujeitos de mayor carácter, os quaes sobornados pela ignorancia, fallaõ taõ confiadamente contra a sabedoria, e contra o discurso alheyo, como se tiveraõ revelações do Ceo; arrojando-se o seu atrevimento a tanto, que tambem fazem contra elles suas

pro-

profecias, para que o mesmo entendimento, que os gerou, atemorizado com as presentes, e futuras censuras, os exterminate como erros; mas ainda que esta seja a opinião mais seguida, não he pouco provavel, que o discurso, e a sabedoria voluntariamente sahisse de casa de seu pay, com temor da morte, ou de outros trabalhos, e montados no Carneiro do *Vello de Ouro*; porque este metal metido em bolças de pelle de carneira, faz sahir a sabedoria, e o discurso fóra dos racionaes dictames do entendimento, quando o respeito, a necessidade, e outros motivos corrompem o animo dos Varões sabios. Correm estes desterrados, ou fugitivos peregrinos por montes, e valles de escuras, e grandes dificuldades, passando por terras desertas, e incultas, que saõ os nescios, e ignorantes, que lhes naõ fazem companhia; entrando em selvas sem caminho, e estradas sem sahida; porque apartada a sabedoria, e separado o discurso do entendimento, nem acertaõ com o caminho da verdade, nem ainda pelas estradas de opiniões seguidas achaõ sahida; mas assim peregrinando pelas dificuldades vem a descobrir em Cretheo o conhecimento de muitas coufas ignoradas, o qual he como tio do discurso, e da sabedoria, por ser irmão do entendimento.

Provoca a semelhança, como Demodece, ao discurso, como a Phryxó, para que se conforme com ella; e porque o discurso se naõ deixa enganar da apparencia, e persevera constante no que discorre, se vê muitas vezes arguido, e arriscado; porque os Oraculos do Mundo para remedearem a fome, naõ reparão em tirarem a fama; mas vendendo-se os doutos nestes perigos, e com o cutello da fo-

Nij

me

me na garganta, com a especulaçao tão clara, e
 subtil como huma branca nuvem, se livraõ de to-
 dos estes trábalhos, unparados principalmente de
 algum Protector, que os fayorece, e sustenta. Com
 os primeiros benefícios da fortuna, estando para se
 engolfer no mar deste Mundo logo lhes apparece
 Nephele, porque aos venturosos sempre lhes re-
 suscitaõ os pays, porque a inveja lhos desenterra,
 mas como os felices devem aos pays o nascimento,
 tambem delles com o ser, participaõ as fortunas,
 por isso em Nephele sua máy, que por fer memo-
 ria resuscitada, he experiencia muito util, achaõ
 os conselhos, e os thesouros na intelligencia do
Vellocino de Colchos, o qual he o *livro Mudo de*
Hermes, que a experientia, e a memoria offerecem
 ao fabio, para passar o valle de lagrimas desta ca-
 lamitosa vida, mar, em que naufragaõ os que vol-
 taõ atraç o rosto, e navegaõ com vento em popa,
 todos os que proseguem a sua derrota, com huma
 virtuosa diligencia, como ensina Santo Alberto
 Magno no quarto preceito, que deve observar, o
Hermetico para conseguir a *Chrysopeia*: *Quartum*
est, ut Artifex hujus artis sit sedulus, & frequens circa
operationes, & non sit tardiosus, sed perseveret usque
in finem. As Academias, e Tribunaes saõ a ver-
 dadeira Ilha de Colchos, aonde os Lentes, e os Mi-
 nistros, nas honras, e nas riquezas, colhem os pre-
 ciosos fructos do *Vello de Ouro*; porque os Estu-
 dantes, e os Pretendentes de qualquer Reyno, que
 saõ o Gado do Viveiro Real, despem todos os an-
 jos a pelle, como o Carneiro de Phryxo, para sus-
 tentarem os Ministros, e os Lentes; e quando os
 Lentes virtuosos, e Sabios, e os Ministros rectos,
 e dou-

e doutos, naõ fosquiaõ, nem esfoliaõ estas velhas, conservaõ o *Vellocino* da sua alma, mais puro, e precioso do que o Ouro, para o offerecerem a Deos no fim da vida. Para salvar, e collocar no Ceo as almas dos homens Sábios, como as Virgens prudentes, desceo Deos do Ceo à terra: *Qui propter nos homines, & propter nostram salutem descendit de Cælis*; e fallando o Propheta David desta descida de Deos, diz, que desceria como chuva para o *Velho*: *Descendet sicut pluvia in Vellus*; e como só as virtudes sobem com a alma ao Ceo, e ficaõ as riquezas na terra, para commodo dos que vivem no Mundo; estas deixa Deos aos homens, pendentes na Arvore da sciencia, que està no Templo de Minerva, occulto entre os montes das Livrarias, e os bosques sempre frondosos, com as perpetuas folhas dos livros; mas assim como no Paraíso poz Deos hum Cherubim, com huma espada de fogo para guardar a Arvore da Vida; deixou por defensores da Arvore da Vida, e da sciencia, os Tauros, e o Dragaõ, que saõ o Mercurio, e o Fogo, aos quaes só Jasão, que he o Medico douto, ajudado de Medea, que he a Arte Medica, sabe domar, e vencer; e com esta victoria, colhe o *Vellocino*, e maçãas de Ouro por triumpho.

Psalm. 71. 6.

Emprendem os Medicos mais peritos esta utilissima aventura, como se lè nas suas doutissimas obras, e embarcados na famosa náo Argos, que he a sua doutissima, e subtilissima especulaõ, mais vigilante do que Argos, que tinha cem olhos, e nunca dormia, e mais veloz do que o Pegaso, que voava com ligeirissimas azas, arribaõ na peregrinação desta vida, e navegaõ do mar, ou valle de lagri-

lagrimas em o Reyno de Peonia , e tomão porto na Corte de Phineo velho , enfermo , cego , e fraco , como holnem , e cercado de Harpias , que o comem , e roubaõ como a Rey ; porque os Medicos peregrinando pelo Mundo , e navegando neste mar de miserias , arribaõ no Reyno da natureza humana ; e na Corte do homem , que he a cabeça , costumão ser bem recebidos. Não tem o homem outro motivo , para fazer dos Medicos tanta estimação , senão meter selhe na cabeça , que a Medicina de velho o farà mancebo , de enfermo sadio , de cego lynce , e de fraco valente. Com a famosa *Chrysopeia* não ha duvida , que podem os Medicos curar a Phineo , como com ella remedear Medea a Eson ; porque só a *Pedra Philosophal* he a *Universal Medicina* , que pôde restaurar forças perdidas , emendar cegueiras , vencer enfermidades , e renovar velhices. Porém em quanto os Medicos não descobrem a Ilha de Colchos , nem conquistaõ aquella *Universal Medicina* , ou o *Vellocino de Ouro* ; compadecidos de Phineo , em lugar deste remedio , lhe daõ hum saudavel , e segurissimo conselho. Està o homem , sendo taõ grande pessoa como Phineo , muito doente , e opprimidissimo com grandes enfermidades , que depois de o privar da vista , lhe querem tirar a vida ; e se por huma parte os affligem as molestias , por outra o perseguem as Harpias , que saõ os Medicos idiotas , e comedores , que andaõ voando de huma terra para outra , os quaes por terem bocas de fome , nunca se fartaõ , e como aves da rapina , tudo aquillo em que poem a maõ , levaõ nas unhas ; porque Harpia se deriva da palavra Grega *Arpazein* , que quer dizer Roubar ; e

não

naô ha duvida , que estes idiotas Estrangeiros saõ
huns Ladrões roubadores : ~~receitaõ~~ , para receber :
tomaõ o pulso , para tomar : evacuaõ a vea da ar-
ca , para se encher : fazem juntas , para ajuntar ; e
até para tirar , tirão novas indicações ; porque ain-
daque ao doente com tantos remedios succeda mal ,
como elles os vendem , sempre ficão bem. Cada ac-
cidente , que sobrevem ao enfermo , he novo symp-
thoma para roubo do doente , e utilidade do Medi-
ço ; porque tanto ganha , e leva o Medico , quanto
dà , e gasta o enfermo. E para que Phineo conheça ,
e evite estes gastos , e aquelles ganhos , ou as utili-
dades de qualquer Medico , e os roubos que faz a
todo o doente , lhe perguntão os Argonautas :
Toma o Medico Aëllo o regallo , e o dinheiro , sem
curar a V. M. da fraqueza ? E responde Phineo :
Sim toma : Toma o Medico Ocyperé o premio , e
o prezente , sem remedear a enfermidade ? Sim to-
ma : Toma o Medico Celleno a joya , e o seu or-
denado , naô vendo V. M. o que lhe dà , por estar
cada vez mais cego ? Sim toma. Pois , Senhor , naô
seja cego , dizem a Phineo os Argonautas , já que
não pôde ver , o que faz , e o que lhe fazem , ou o
que lhe naô fazem , veja ao menos a sua propria ce-
gueira ; porque he a unica coufa que pôde ver com
os olhos cegos , e fechados. Quanto menos vê por
estar cego , tanto melhor pôde ver que o naô curaõ ,
e o que experimentar nos achaques da vista , lhe
succederà tambem nas enfermidades do corpo ; por-
que se o Medico lhe leva dinheiro , ou qualquer
outro premio , deixando no corpo a enfermidade ,
e nos olhos a cegueira , he huma Harpia , que o rou-
ba , e hum sim toma , que faz mais perigoza a sua
doen-

doendo. Com este conselho tão saudavel, e quasi tão efficaz como a *Chrysopeia*, para exterminar estes perigosos sintomas, que ordinariamente sobrevem às enfermidades da velhice, abrem os Argonautas os olhos a Phineo; e porque já vê o seu engano, não pôde, nem quer ver na sua presença tales Harpias; porque o comem; e não deixão comer os bêneritos. Como os Argonautas não pôdem comer com a perseguição de tantas, e tales Harpias, mostrão com razões tão claras, e nuas como a verdade, e tão agudas como espadas, que merecem castigadas com grande severidade; porém ellas metem nestas occasioens a mão às azas, não para tirarem delas huma pena, e se defenderem com huma apologia; mas para voarem tão alto como as remonta a presumpção, e fugirem com o corpo aos argumentos, os quaes sempre as vão perseguinto; porque as palavras com que os animão os arguentes, como formadas do ar, parecem Zetheo, e Calais filhos do Vento. Sem embargo desta perseguição, sempre as Harpias se conservão com o favor de algum Magnate, ao qual porque as ajuda a viver, podem chamar *Juvans Pater*, como a Jupiter, e não se envergonhão de amparar huns monstros, que parecem mulheres, e não saõ homens, aindaque tem cara de gente, e rosto de donzellias; porque na realidade saõ cães tão vorazes como Abutres, os quaes lhe gratificão este beneficio, comendo-os em vida com as receitas, e até com as certidões depois da morte.

Chegando porém à Ilha de Colchos, aonde os Sabios como Jasão saõ estimados, e honrados dos Monarchas como El Rey Etha, com o favor de Medea,

dea, que he a Arte Medica, alcançaõ facilmente o
segredo *Hermítico*, com que emprende a con-
quista do *Vellotino*, caminhando sempre pelo meyos
em que consiste a virtude, sem mais armas, nem
outro instrumento, que a sua penna, a qual he o
sceptro de marfim, que domina sobre os Emperado-
res, como diz Plinio: *Medicina una artium Impera-* Plin. lib. 24.
toribus quoque imperat; porque com ella receitaõ a cap. I.
materia do *Lapis*, e com a sua grande sabedoria do-
maõ o fogo, que he tão feroz como hum bravissimo
Touro, fazendo-o trabalhar conforme elles querem,
por muitas differenças de graos, que representaõ
varias figuras. Tanto que nos vasos, aonde fazem
as suas fermentações, lançaõ as particulas mercur-
riaes, que saõ os dentes do Dragaõ mortificado,
ou morto, se excita huma violenta, e horrenda
evoluçao, donde se levantaõ corpusculos aculea-
dos, com figura de homens armados, que ferem
com ás suas pontas, e investem com os seus bicos
ao Medico *Chymico*, como he Jasaõ. Mas lançan-
dolhe elle por conselho da sua Arte Medica, ou
Esposa Medea, huma pedra, que he a *Pedra Phi-*
losophal, precipita; e suspende logo a evoluçao;
porque os espiculos se rompem, e quebraõ, e fi-
caõ totalmente mortos; todos os corpusculos, que
pareciaõ homens armados. Passando o Medico
adiante com a sciencia, ou encantos da sua Medea,
que he a Medicina, fixa o Mercurio vivo, que
he o Dragaõ vigilante, de tantas virtudes, e pro-
priedades, como publica a experiênciia, com tan-
tas ordens de dentes, e multidaõ de linguas, quan-
tas saõ as suas melhores preparaçoes, o qual depois
de encantado, e adormecido pelo segredo de Me-
dea,
O

dea, &ixa colher a Jasab o Vellocing, e os fructos de Ouro da Arvore da sciencia, para ser tambem Arvore da vita, porque he huma Aurea Medicina.

Rodogin.lib. 7.cap.2.

Affim explica depois de Celio Rodogino, esta, e outras allegorias o doutissimo Medico Daniel Sennerto: *Proxima antiquitate est expeditio Argonautica, quam quidem pro Chymia allegare velle, nugas esse indignas, quarum tantum mentio fiat, censem Erasmus. Verum non solum Chymici, sed & alij Scriptores,*

Sennert. loc. cit. cap. 3. §. Proxima fol. 185.

eam de Chymia explicant. Refert enim Suidas, Aureum Vellus, quod Jason, & Argonautae, Pontico mari in Colchidem profecti, una cum Medea Regis Aeneae filia rapuerint, non fuisse ejusmodi, quale Poetae fabulantur, sed librum in membranis scriptum, qui continebat artem, qua Aurum fieri possit... Et si vero nonnulli Suidae contradicant, atque alij de pelle Arietis fabulosi, super quos sit vecta Helle Phryxi soror, exponant: alij de Phiala Aurea, in cuius medio agnus fuerit sculptus: alij Aureum Vellus ob charitatem: alij ob colorem dictum putent: tamen valde absurdum est tot Heroas pro Arietis naturali pelle cujuscunque etiam coloris, vel pretij, aut aurea Phiala, aut re simili, tantam expeditionem suscepisse, & tanta pericula subisse. Ea fabularum exposicio magis commoda est; quae veritati, sive in rebus naturalibus, sive in politicis magis quadrat. Cum ergo & Medea, & Jasonis vox Medicum significet, & Medea senectutem parentis medicinā Philosophicā depulisse dicatur; si reliqua etiam eidem rei commode applicari possint, nulla causa est, cur Suidae expositionem rejiciamus. Quadrant autem omnia aptissimè. Nam Draco ille vigil est Mercurius, quem sopire difficilimum, huic Aurum, quod Phasis in Colchidem detulit, custodiendum traditur.

Mate-

Materia ista includitur Templo Martis, id est Athenori sive Fornaci Philosophorum; custodiant. Tauri ignem spirantes, calor nimirum per gradus adhibitus; Draconis dentes, qui in exercitum evadunt, & se mutuis vulneribus conficiunt, est pugna materiae versus suo inclusae, donec ad unitatem redigatur. Ita tandem arte Medeae Jason Draconem sopit, id est, volatile figit, & ex veneno utilem, aureamque medicinam parit. Neste mesmo sentido explica o grande Pico de Mirandula no lugar citado a jornada dos Argonautas, affirmando, que estes Heroes forão à Ilha de Colchos na demanda de huma pelle de Carneiro, em que estava escrita a *Arte aurifactoria*, ainda que Varro, e Estrabo attribuem esta derrota a respeito de outras invenções, ou segredos de coiller Ouro nos rios; porém Calisthenes Olynthio, discípulo, e parente de Aristoteles escreve, que as grandes riquezas de Atreo, e de Pelepe forão de metaes riquíssimos, fabricados pelos dictames enigmaticamente escritos no *Vellocino* de Colchos. Os Escritores antigos, que soubèraõ isto melhor que os modernos, por viverem em idade mais proxima àquelles tempos, controvertem sómente se era membrana, ou *Vellocino* aquelle mysterioso livro, em que estava escrito o segredo *Hermetico*; porque Charax, Apollonio, e Euftathio, antiquissimos Authores Gregos, affirmaõ, que era membrana; mas os Escritores Trágicos, e Comicos, assim Gregos, como Latinos, de quem faz menção Marco Túlio Cícero, disserão, que era hum Cordeiro, a que Seneca chama Carneiro. De maneira, que os sabios daquelle tempo por varios, e elegantissimos modos escreverão allegorica, e enigmatica-

O ij
camen-

camerante da verdadeira *Philosophia Hermetica*, como a elas sou *Hermes* nos seus *Hieroglyphicos*; mas he tal o legado de Antício, e mysterio, com que os sabios *Hermeticos* fallão na *Pedra Philosophal*, que sendo a *Chrysopeia* de Colchos verdade historica para os entendidos, sempre para os ignorantes he fabula.

Conseguindo finalmente os *Philosophos Chymicos* o *Vellocino de Ouro*, ou *Medicina aurea*: *Aureamque Medicinam*, saõ muito estimados nos Palacios dos Monarchas, como *Etha*, e comprimentados de toda a sua Corte; porém como advertem, que todos os que celebraõ as suas acções, fallão com o fingimento, dos que com máscaras na cara disfarçaõ a pessoa, voltaõ de Colchos para a sua patria, acompanhados da sua *Medea*, ou *Arte Medica*, fugindo das honras fingidas, e das perseguições verdadeiras, com que os Monarchas, como *Etha*, os desejão ter nos seus Palacios; porque naquella noite, em que estaõ mais descuidados, com algum divertimento, os deixaõ, e se retiraõ; e para que de nenhum modo os sigaõ, suspendem os passos com que os procuraõ, pondo-lhes diante dos olhos os sucessos desgraçados, e funestos, como a morte de *Ablyrto*, aqual representaõ só para lhes fugirem. Mas chegando a sua casa, e achando na cama os velhos pays, decrepitos, e entrevados, como *Eson*, diminuindo-lhes naõ os annos, senaõ os achaques, com a sua *Pedra Philosophal* de velhos os transformaõ em mancebos, por ser este o principal effeito da *Chrysopeia*, a qual por obrar taes maravilhas, he tão perseguida, que os Medicos que a possuem, naõ usão della senaõ em

em sua casa, occultando a até aos seus criados, parentes, e amigos; porém se inadvertidamente a descobrem, para não revelar o secreto com que se prepara, perigrina o sempre pelo Mundo, como Medea, Demócrito, e Paracelso, até desapparecerem aos olhos dos seus perseguidores, primeiro na vida, e depois na morte, sepultando consigo o mysterio, como fez tambem *Hermes* à sua *Fabula Smaragdina*, para não ser já mais visto, nem descoberto, senão por alguma prudentissima pessoa, como Sara, e por isso fica este arcano reputado no Mundo por fabuloso.

ENODIO. He grande, mas boa essa historiada dos Argonautas; e por ser tão antiga, e mysteriosa a sua allegoria, fundou nella a Ordem Militar dos Cavalleiros do Tusaõ Philippe III..Conde de Flandes, e Duque de Borgonha, cognominado o Bom, no dia do seu recebimento com a Serenissima Princeza Dona Isabel, filha do Augustissimo Senhor D. Joaõ I. Rey de Portugal, e não pôde deixar de ter algum mysterio esta Insignia do *Vello-cino de Ouro* posta publicamente em tão grande dia sobre o peito dos maiores Senhores da Europa.

ENODATO. Instituio este Principe a Ordem Militar do Tusaõ no anno de 1429. na Cidade de Bruges da Província de Flandes, para com esta honra animar os Cavalheros a expor generosamente a vida em defensâ da Igreja Catholica, à imitaçâ dos Argonautas, que tambem arriscâram a vida na Conquista do *Vello fatal*, ou *Vellocino de Ouro*. Trazem estes Senhores huma grande cadea em hum collar de aneis, entrelachados, ou alternados com pederneiras, que lançam fogo. Eraõ estas pederneiras

ras as Armas dos Duques de Borgonha, e nas chamas, que dellas sahem, se significa o valor, e o vigor, com que estes Cavalleiros haõ de investir o inimigo; porque tem este mote por empreza: *Ante ferit, quam flamma micet.* Do collar pende hum Carneiro semelhante àquelle, do qual trouxe Jaſão o *Vellocino* de Colchos. Os Reys Catholicos de Hespanha pelo direito, que tem ao Ducado de Borgonha, ſão os grandes Mestres desta Ordem, chamada dos Latinos: *Equitum velleris aurei Ordo*, como ſe diſſeraõ Ordem do *Vellocino de Ouro*, a quem os Grammaticos chamaõ *Vellus aureum*; porém ſe vòs bem advertis na Inſignia desta Ordem, achareis pedras, fogo, e o *Vellocino*, ou Carneiro de Ouro, e juntamente grande quantidade de Ouro no collar, e na cadea; porque as pedras, ſymbolos da *Pedra Philosophal*, com o fogo, e com o *Vellocino*, fazem, e multiplicaõ o Ouro; e com esta Inſignia poſta publicamente ſobre peitos taõ nobres, quiz moſtrar Philippe ao Mundo, que era muito verdadeira historia a imaginada fabula dos Argonautas; porque na instituiçao desta

Bluteau Vo- Ordem fez, como diz Bluteau, honrada memoria cabul. Port. e de hum mysterio da *Chymica, ou Chrysopeia*. Na Latin. tom.8. opiniao de alguns Escritores instituhiõ o Duque de verbo *Vello* Borgonha a Ordem do Tuſao, cuja inſignia he huma pelle de Carneiro com sua láa, em memoria, segundo refere o mesmo Author, de huma notavel ganancia, que tivera o Duque no commercio das láas; porém a magnificencia com que a Serenissima Senhora Dona Isabel se preparou para casar com taõ grande Principe, lembraia a este Senhor a multiplicaõ do Ouro, que antigamente fazia Jaſão

saõ com o *Vellocino*, que devia à Princeza Medea, porque a grandeza, e liberalidade com que os Monarchas Portuguezes costumão dotar, e preparar suas filhas quando as casaõ com Principes Estrangeiros, naõ parece effeito da opulencia dos Potosis, e dos seus riquissimos thesouros, senaõ do *Vellocino*, que os Argonautas Lusitanos descobriraõ, e conquistaraõ na Asia, e America. Assim o vimos agora (por naõ referir exemplos antigos) no feliçissimo despôsorio da Sereníssima, e Augustíssima Princeza a Senhora Dona Maria, filha primogenita do muito Alto, e muito Poderoso, e sempre Invicto, e Magnifico Senhor D. JOAM V. Augustíssimo Rey de Portugal, com o Sereníssimo Senhor D. Fernando, Principe das Asturias, com quem passou deste Reyno ao de Castella todo o Ouro da America, e toda a pedraria da Asia; e naõ faltando no Real apparato, e pomposissimo luzimento das Magestades, e Altezas Lusitanas, que se avisitaraõ com as Altezas, e Magestades Catholicas, para fazerem o Real troco de Augustíssimas Princezas; porque naõ cabe na expressaõ da lingua mais eloquente a narraçao da pompa, e magnificencia, que excede os limites da Real grandeza: he certo, que nessa occasião viu Hespanha nas margens do rio Caya os maiores effeitos da *Chrysopeia*; porque admirou os Portuguezes, que sempre para ella foraõ naquelle lugar Soldados de ferro, transformados em Estatuas de Ouro, e convertidos em Cavallos de Ouros, os brutos, que sempre temeo como Cavallos de espadas.

ENODIO. A *Philosophia Hermetica*, conforme vòs tendes provado, nasceo no Egypto, donde passou

passou para a Grecia ; e succedendo no Imperio aos fabios Gregos os ambiciosos Romanos , com mayor razão deviaão eltes emprender o estudo da *Chrysopeia* , do que a conquista do Mundo ; porque com o *Lapis* mais ricos , e poderosos seriaão pelas letras , do que forão pelas armas , por ser a *Pedra* (*Lapis*) arma tão forte , e invencivel , que deruba por terra Gigantes deferro , para dar victorias a Saul por mãos do Pastor David , e arruina Estatuas de Ouro , à vista de Nabuco , e com ella os Imperios de todo o Mundo , entrando tambem nessa catastrope o Imperio Romano , conforme lemos em Daniel ; e como nos Romanos Historiadores naõ acho noticia da *Chrysopeia* , infiro , que tambem elles a naõ acharaão entre os Gregos.

§. IX.

Da Chrysopeia dos Romanos , Arabes , e de outras Nações do Mundo , provada com authoridade dos seus Historiadores , Medicos , Philosophos , Jurisconsultos , e Theologos.

E N O D A T O. **A**inda que os Romanos naõ averiguaraão , nem descobrião os segredos , que estavaão tão occultos entre os Gregos , como estiveraão escondidos entre os Egypcios : naõ se pôde negar , que tiveraão alguma luz , ou noticia da *Chrysopeia* ; porque de Cayo Caligula Emperador dos Romanos affirma Plinio , que fizera excellente Ouro com esta *Arte-Aurifactoria* ; porém como de grande quantidade de Ouro pimenta tirou só quatorze libras de Ouro , que naõ

naõ satisfizeraõ a sua avareza , nem elle nem outro algum de seus sucessores continuou esta operação da Chrysopeia : *Auri faciebat ut etiam una ratio ex auripigmento : invitaverat que spes Caium Principem avidissimum auri , quamobrem jussit excequi magnum pondus : & planè fecit aurum excellens , sed num. 10. fol. ita parvi ponderis , ut detrimentum sentiret , illud* 580.

C. Plin. Natural. Histor. lib. 33. cap. 4.

propter avaritiam expertus , quanquam auripigmenti Librae XIII. permutarentur , nec postea tentatum ab alio est. Era Calígula hum bruto feroz , sem entendimento , nem juizo ; porque com a bebida de hum Philtro o fez Cesónia sua mulher louco , e furioso. Sendo alto , e corpulento , tinha o corpo disforme , e o rosto muito feyo ; e prezava-se tanto de causar terror com a sua vista , que no espelho estudava a postura , com que ficava de mais horrivel aspecto. Foy o primeiro homem , que aceitou entre varios epithetos , que lhe chamassem *Senhor* , titulo , que Tíberio tinha recusado com modestia. Entre outras loucuras intentou fazer-se Deos ; e nas Estatuas de Jupiter , e de outros Nomes Gentilicos , que segundo Plinio , tinhaõ cabeças poltiças , mandava pôr huma , que se parecesse com a sua , e seria melhor ser a sua propria , cortada do seu pescoço , e posta sobre qualquer daquelles troncos , não só por desejlar , que o Povo Romano tivesse hum só pescoço para o degollar com hum só golpe ; mas porque era taõ grande a sua loucura , que mandou edificar para si Templos , em que collocou huma Estatua , que o representava , a qual todos os dias apparecia por industria de Calígula vestida com a mesma gala , que trazia o Emperador , e tambem por ordem sua lhe faziaõ sacrificios os Sacerdotes.

P

Namo-

Nam havia a Lua, como hum Galan a húa Dama. Conversava com Jupiter ao ouvido, e fingia que lhe respondia em voz alta, applicando o ouvido à boca de Jupiter, que sem esta cautela guardaria segredo, como estatua morra, e muda. Com este bom entendimento murmurava de Seneca, e ultrajava Homero, Virgilio, e Tito Livio; e sendo tão prodigo, como fatuo, era tão avarento, como doudo, porque aos convidados mandava oferecer pão, fruta, e outros manjares de Ouro fino; e ao mesmo tempo lançava a todos os vassallos, e a todos os officios, e empregos exorbitantes tributos, em que entravaõ os pleitos, mulheres publicas, e mariolas; porque das cargas de huns, e dos encargos de outros tirava dinheiro, sobre que se deitava com grande contentamento. E à vista desta avariza não me admira, que o não satisfizessem quatorze libras de Ouro, que fez com a primeira operaçao da *Chrysopœia*, sendo tão fino, e excellente: *Fecit aurum excellens*, senão que sendo hum louco furioso, e sem juizo, tivesse curiosidade para mandar trabalhar em huma Arte, a qual desprezaõ os nefcios,

Div. Albert. como diz Santo Alberto Magno: *Stulti enim eam*
 Magn. Libel. *despiciunt*, e só estimão os Monarchs de grande Alchimia de entendimento; e porque esta nobre potencia da in præfact. §. alma não exercitava as suas funções rationaes, no Imperio de quasi todos os sucessores de Caligula, nenhum daquelles Emperadores tentou, inquirio, nem experimentou, o que podia fazer a Pedra Philosophal: *Nec postea tentatum ab ullo est*; porque se elles tiveraõ juizo, vendo que se transformaraõ quatorze libras de Ouropimenta em excellentsimo Ouro: *Quamquam auripigmenti Librae XIII. permuta-*

mutarentur ; haviaõ de continuar esta operação, até tirarem utilidade, para satisfazer a sua ambição, que foy o unico detimento que nella sentio a grande avareza de Caligula : *Ut detrimentum sentiret, illud propter avaritiam expertus.* De maneira, que se naõ fora tão grande esta avareza, naõ seria sensivel o detimento ; porque todo o detimento desta transformação esteve naõ da parte do Ouro, senão do avarento : *Illud propter avaritiam expertus.* Se Caligula naõ fora tão ambicioso, com esta *Chrysopeia* se faria muito rico ; porque como disse Epicuro, não está o segredo da *Pedra Philosophal* em acrescentar a riqueza, senão em diminuir a cubiça : *Non in augendo opes, sed minuendo cupiditates.* Com esta maxima de Epicuro acharia Nero mais ricos os seus erarios, do que com o desejado thesouro da Rainha Dido ; mas porque era hum louco ambicioso, zombou a fortuna de Nero, como diz Tacito: *Illusit dehinc Neroni fortuna per vanitatem ipsius.* Tinha sonhado Ceselio Basso, Cartaginez de entendimento confuso, e apprehensivo, que em huma sua herdade havia hum riquissimo thesouro, sepultado em huma profunda cova, o qual era sem duvida o erario da Rainha Dido ; e vindo a Roma, representou a Nero esta grande utilidade em audiencia publica. Divulgou-se, e celebrou-se logo em Roma com Poemas, e Panegyricos a felicidade do Emperador, o qual era o mayor pregoeiro da sua sonhada ventura. Sem mais averiguacao mandou logo buscar aquellas riquezas em huma esquadra de Galeras, e nesta expedição, e em outras publicas necessidades, gastou prodigamente o que tinha nos seus thesouros ; e sobre a

Epicuro referent. Stob. apud. P. Dre-xel. Tom. 4. cap. 5. de Salom. S. 1. fol. 871.

Tacit. Annal. lib. 16.

consignação da riqueza sonhada, emprestarão a Nero o muito dinheiru que pedia, de tal sorte, que a esperança via das rudas particulares riquezas, soy huma das mayores causas da pobreza publica, em que então se vio a Corte Romana; porque o thefouro, e a cova tudo soy sonho. E porque a Nero succedeo tão mal com o thesouro de Dido, promettido no sonho de Ceselio, nem elle, nem outro algum dos Emperadores, que lhe succederão, imitarão o exemplo de Caligula; porque como ignorantes, não fizerão a estimação, que merecia o misterioso sonho dos *Adeptos*.

Mas o que desprezarão antigamente os Emperadores de Roma, estimão hoje os Doges da Republica de Veneza; porque possuem os Venezianos álem do seu tão celebrado thesouro, outro muito mais rico, e precioso na *Chrysopeia*, como com as vozes da Fama publica o douto Medico Gabriel

Clauder.tract Claudero : *Inveterata est apud plures opinio Serenissimam Rempublicam Venetam calluere, & possidere vers.n.VIII. Chrysopeiam*; nem a Serenissima Republica Veneziana poderia sustentar a guerra contra o Turco, e fazer-se tão respeitada entre os Monarchas, e Príncipes do Mundo, se pelas suas ruas não correrào juntamente as agoas do mar, e as do rio Pactolo, tão celebrado dos Poetas pelas suas areas de Ouro. Não quero dizer, que o Pactolo, rio da Lydia na Asia menor, banha a Cidade de Veneza, como a Sardis, antiga Cidade da mesma Lydia, donde se vem meter no rio Hermes; mas que de *Hermes* vem o Pactolo, que em Veneza não tem só areas, senão tambem correntes de Ouro. Por ter areas de Ouro chama Plinio Historiador *Chrysorrhoas* ao Pactolo

áculo da Lydia; e *Chrysopeia* chamo eu aquæ actolo de Veneza, por ter correntes, e areas de Ouro.

ENODIO. Sendo *Hermes* a fonte donde corre Ouro potavel para o thesouro de Veneza, também nella podem beber este precioso licor todas as Nações do Mundo; porque a doutrina deste Philosopho he tão publica, como a agoa do rio do mesmo nome; e sendo naturalmente mais infotavel a sede, do que a fome; obrigando aos homens a fome do Ouro a commetter os maiores excessos:

Quid non mortalia pectora cogis auri sacra fames : he certo, que a sede do Ouro lhe fará obrar maiores temeridades; e com tudo vejo, que bebem, e goftão mais homens do licor da *Fonte Arcada*, do que do Ouro potavel do rio *Hermes*; porque não he tão univerſal entre as Nações do Mundo a *Chrysopeia*, como o vinho.

ENODATO. Bem poderá ser, que por beberem tanto vinho, não possão os homens provar das agoas do rio *Hermes*; porque não haõ de usar de muita potagem os *Hermeticos*, que quizerem fazer a *Chrysopeia*, como na prefacão ao livrinho da *Alchimia* escreveo Santo Alberto Magno: *Vidi & alios bonum principium habentes, sed propter nimiam potationem, & alias vanitates opus facere non valebant.* E a razão disto he, porque a nimia bebida não só he contraria da obra, mas se he de vinho, perturba o entendimento, e não pôde o juizo perturbado entender, ainda que ouça, nem ver, ainda que veja a corrente do rio *Hermes*. He este rio mysterioso, como o rio *Alpheo*, que humas vezes caminha descuberto, e outras se occulta por debaixo da terra, e correndo sempre, passa do Pelopo-

loponer da Grecia atravessando o mar, para se unir com as aguas de Arethusa, Fonte de Sicilia, em que a transformou a Deusa Diana, quando era Nympha de Elide; e deste modo discorre *Hermes* na sua Philosophia, ora descuberto, ora occulto, para que o vejao, e não vejao, e ouvindo-o tambem, o não entendão, conforme disse de si mesmo como Hermetico Santo Alberto Magno: *Ego minimus. Philosophorum intendo scribere socijs, & amicis meis. veram artem, levem & infallibilem: ita tamen ut. videntes non videant; & audientes non intelligant;* usando desta industria para passar correndo sempre o mar deste Mundo, e unir-se só com o *Philosopho*, cujo entendimento seja fonte de agua de clara, e pura doutrina, o qual saiba como Arethusa por experienzia propria, que cousta só transformações, e não seja copo, ou vaso de vinho com vario, e temulento discurso, que só entenda por beber desto licor com grande excesso: *Propter nimiam pota- tionem;* que todas as conversões da *Arte magna* são como as transformações fabulosas.

Hum destes entendidos foy o famoso Almançor, o qual, como refere Albuferajo, Historiador Arabico, mandou ajuntar na sua Bibliotheca, e traduzir na sua lingua as Obras dos Philosophos Chaldeos, Egypcios, Gregos, e Latinos, por lhes constar, que nellas se podia descobrir mais Ouro, do que nas minas de todo o Oriente. Nestes obras o descobrio com os seus estudos o grande Geber, Rey dos Arabes; e nesta fonte beberão a sua doutrina muitos Philosophos da Arabia. Todas estas qbras ajuntou Arisleo, divulgandoas depois da sua collecta com o titulo de *Turba Philosophorum*, em que

que se achaõ com admiraçao de todos os libios os verdadeiros principios, e os mais solidos fundamentos desta utilissima sciencia; porque Bernardo, Conde de Treveris, confessá, que depois de trabalhar inutilmente na *Obra grande*, passados muitos annos, descobrio hum riquissimo thesouro, e hum remedio universalissimo, caminhando pela verdadeira estrada, que lhe mostrara Parmenides na *Turba*; porque na *Chrysopeia* tinha hum antídoto universal para evitar doenças, curar enfermidades, dilatar as vidas, e transformar em Prata, e Ouro todos os metaes; e como entre os Arabes era muito sabida esta *Philosophia*, e bem practicada esta Arte; e com os Mouros passáraõ alguns *Hermeticos* a Hespanha, no tempo em que a conquistaraõ, e dominaraõ os Mahometanos, dilatando muitos destes *Philosophos* as vidas com a *Chrysopeia*, e ajuntando com ella as riquezas extraordinarias, que davaõ a outras pessoas por sua morte, deraõ occasião ao antigo rumor, e fama constante dos Mouros encantados. Isto se prova com o que sobre esta materia deixaraõ escrito Geber, Rhasis, e Avicena, os quaes affirmaõ, que entre os Soldados Sarracenos andavaõ muitos *Philosophos*, e *Medicos Adeptos*, que obravaõ com o *Lapis* estupendas maravilhas, as quaes attribuhião os homens synceros daquelle tempo aos encantos da Arte Mágica, sendo verdadeiros, e naturaes efeitos da *Arte Magna*; porque não vemos hoje, que os Magicos vivão muito tempo, nem possuaõ muito dinheiro, tendo os *Hermeticos* grandes thesouros, e vivendo muitos seculos, conforme crê o vulgo dos Mouros encantados.

ENO

ENODIO. Sempre me pareceo muito dificul-
to, e quase impossivel, que a *Pedra Philosophal*
cure repentinamente todas as doenças, preserve de
todas as enfermidades, transforme em Prata, e
Ouro todos os metaes, e prolonge de tal sorte as
vidas, que converta os velhos decrepitos em flo-
ridos mancebos; porque nem dos Mouros encan-
tados publica tão raro prodigo a nescia credulida-
de do povo.

ENODATO. Para fallar nesta materia com
mayor fundamento, e confiança, quero primeiro
repetir a diffiniçāo, que o Padre Kircker escreveo
da Pedra Philosophal: *Lapis Philosophorum*, diz elle,
definitur ab Alchymicis, magnum in arte mysterium,
& universalis medicina, que non modo corpus huma-
nūm validum in suo vigore conservat, læsum que pris-
tinae sanitati restituit, sed etiam metalla imperfecta de-
purando, decoquendo, nativum calorem ministrando ad
summum finem, quem natura intendit, brevi tempo-
ris spatio in purum aurum, argentumque transmutat,
in infinitum multiplicabile. He pois a Pedra Philosophal
aquele grande *Mysterio*, ou segredo da Arte
Chymica, o qual como *Universal medicina*, não só
conserva o corpo humano com perfeita saude, e
grande vigor, e o restitue à sua antiga saude quan-
do està doente; mas tambem por meyo da depura-
çāo, e cosimento, transmuta em Prata, e Ouro in-
finitamente multiplicavel a qualquer metal imper-
feito. Comparando Santo Alberto Magno as impu-
ridades dos metaes com as enfermidades dos ho-
mens, diz, que assim como da materia seminal pu-
ra por corrupçāo da madre materna, se gera hum-
menino enfermo, e leproso; tambem por corrupçāo
da

da terra se produz o metal impuro, e com ele profuso, aindaque seja purissima a ~~materia sexual~~ da sua producção; por isso Aristoteles chama ao chumbo Ouro leproso: *Plumbum est aurum leprosum*; e desta lepra, ou impuridade, como de qualquer doença, se podem curar os metaes com as suas medicinas, que por meyo da Arte, conforme discorre Alberto, os purificão, e livrão da corrupção: *Unde nullo modo dubitandum est, quin metalla corrupta possint reduci ad sanitatem per medicinas suas.* Esta doutrina admitte Miguel Ettmullero confessando, que a *Pedra Philosophal* he Medicina para abrir, e purificar os metaes de todas as suas impuridades morbificas, até os restituir a tão perfeita saude, que da idade de ferro passem para a idade de Ouro; mas nega que a *Chrysopeia* seja antidoto, para conservar a saude, e dilatar a vida dos homens, por se ter observado, conforme notou Helmonte, que não vivem muito os *Hermeticos*, como se vio em Paracelso, que morreos apos quarenta e cinco annos da sua idade: *Nam Lapis Philosophicus est tantum Medicina ad metalla aperienda, eorumque imperfectionem morbosam corrigendam, & eadem ad perfectionis sanitatem deducenda: unde falsum est, quod debeat etiam ad conservandum corpus adhiberi: & recte dicit Helmontius, quod Professores hujus Lapidis non sint longævi, quod & inductione exemplorum probari posset, sicut etiam Paracelsus anno 45. ætatis est mortuus;* mas como Ettumulero, e Helmonte não tem outro fundamento para negarem, que a *Chrysopeia* conserve a saude, e dilate a vida humana, senão a morte de Paracelso, sempre se deve seguir a opinião de todos os *Hermeticos*, que seguem o contra-

Div. Albert.
Magn. Tom.
21. libel. de
Alckim. fol.
3.

Ettumuller.
Tom. 3. Colleg. Pharm. in
Schræd. Mineralog. cap.
10. de Metall.
fol. 257.

Q

trario. O vastíssimo Medico Daniel Sennerto, Mestre de todos os Philosophos, Medicos, e Chymicos, tão longe está de entender, que a *Chrysopeia* cura só as enfermidades dos metaes, e não as dos homens, que segue com muitos *Hermeticos* ser mais efficaz a *Pedra Philosophal* para remediar as doenças dos corpos humanos, que as dos metalicos: *Tamen nonnulli statuunt, scopum præcipuum hujus artis non esse aurum conficere, sed sanitatem corporis humani conservare, Lapidem que, quem appellant, Philosophicum, non solum metalla imperfecta, sed & corpus humanum perficere, atque hunc finem potius, quam aurificum spectari.* Nem obsta o exemplo da morte anticipada de Paracelso para se entender, que os *Hermeticos* não dilataõ muitos annos a vida com a *Chrysopeia*; porque consta certamente, que Paracelso morreu com veneno, como diz Osivaldo Crolio, quelli deraõ os seus inimigos em occasião, que elle não pode tomar por antidoto a sua *Pedra Philosophal*; e à vista do que affirmão todos os Philosophos, só poderão negar estes effeitos do *Lapis* os homens, que forem ignorantes; porque conforme diz Santo Alberto Magno, não tem esta *Philosophia* outros contradictores, senão os que a não entendem, nem conhecem as naturezas dos metaes: *Volunt ergo quidam contradicere, & quamplures, & maximè illi, qui non intelligunt aliquid de arte, nec metallorum naturas agnoscunt.* Não vos encandalizeis desta censura, que não faço contra os vossos duvidosos reparos; porque muito bem conheço, que se não sois *Hermetico*, delejais alcançar os mysterios da nossa *Philosophia*; mas he justo, se diga isto por respeito de alguns idiotas, muito presumidos do seu

seu entendimento, e summamente desvaneçidos da sua sabedoria, os quaes sem ~~estudarem~~ nada, presumem saber tudo, imaginando sempre, que os homens, que estudão muito, sabem pouco, ou os que estudão mais, sabem menos.

E N O D I O. Ainda que eu não creyo no encanto dos Mouros, nem nas virtudes, que os *Hermeticos* attribuem ao *Lapis*, desejo com tudo saber, que effeitos obra, e o methodo com que se applica, para ver se com a *Chrysopeia* podiaõ viver os Mouros encantados, e se pôdem os homens evitar as doenças, curar as enfermidades, e dilatar por muitos seculos a vida.

E N O D A T O. Se vòs quereis saber as virtudes do *Lapis*, vede a Gabriel Claudero, David Lagneo, Libavio, Paracelso, e a Bechero, os quaes affirmaõ com experientia o effeito de preservar de molestias, conservar a saude, e de curar todas as doenças procedidas de qualquer caufa, ou seja o accido, ou o alkali preternaturalizados, como escreve Claudero: *Nostra vero tinctura modo extra-ordinario operans, sanat morbos omnes, quales quales iij sint, à quacunque etiam causa, sive ab alkali, sive ab accido præternaturaliter se habente orto.* Porém Claud. Tract. de Tinct. Univers. n. 1. §. Nomen. ninguem descreve melhor, nem com mayor clareza as virtudes da *Chrysopeia*, do que Arnoldo de Villanova, cujas palavras transcreveo Richardo Anglico no Capitulo XIV. do seu livrinho intitulado *Correctorio*, às quaes ajuntarey as que Manganeto trasladou da *Tumba de Semiramis*, que podereis ver no Segundo Tomo da sua Bibliotheca Chymica; porque ensinaõ o methodo practico de applicar o *Lapis*; mas para vos livrar desse trabalho, vo

las que o agora repetir: *Ad omnem aegritudinem cuiuslibet generis expellendam; & nominanter has assignavit virtutes: de jene facit juvenem, & senem reverviscere facit naturam, conservat sanitatem, roborat infirmitatem, omnem corporis expellit aegritudinem, venenum declinat à corde, arterias humectat; lividam immunditatem à pulmone dissolvit, vulneratum consolidat, sanguinem mundificat, lapidem frangit, contenta in spiritualibus purgat, si caput rheumaticum est, purgat à fluxu, stomachum in calore naturali confortat. Et si aegritudo fuerit unius mensis, sanat eam in uno die, vel hora: si aegritudo fuerit unius anni, sanat eam in octo diebus: si vero morbus fuerit antiquus, longo tempore, eum alijs medicinis incurabilis, sanat eum in dimidio mense.* O felix scientia cum scientie! Quare non immerito hæc medicina super omnes alias medicinas est querenda, quia qui habet eam, incomparabilem habet thesaurum, & in salubri constellatione natus est, in hoc saeculo dives, divitius infinitis super Reges, & Principes hujus saeculi. Dosis illius est granum j ad ij juxta etatem, & vires aegri in baustilo vini calidi, vel cochleare uno quinta esentiae ejusdem dissoluta, & tertio quoque die exhibita. In morbis externis, vulneribus, ulceribus cachoeticis, phagadenicis, fistulis, gangrena, cancro, &c. quotidie, vel alternis diebus granum unum exhibetur in vino. Pars vero externe affecta vino, in quo portio nostri lapidis soluta sit, lavatur, vel si necessitas exigat per symphonem injicitur, superposita plumbi lamina, & ligatura conveniente. Com o Lapis, e com este metodo qualquer homem poderá ser tão grande Medico, como sem a *Chrysópeia* foy Duarte de Brito, famosissimo Medico de Buarcos; porque cura-

curava tão felizmente aos enfermos com a ciencia Medica, como se obrara prodigios com a *Pedra Philosophal*. Para ser Esculapio, não lhe faltava senão resuscitar mortos, como a Hippolito; e esta he a unica cousa, que não pôde tambem fazer a *Chrysopeia*; mas conservar a vida muitos seculos, sem que seja necessario comer, beber, nem ainda respirar, como succedia aos Mouros encantados, he cousa tão antiga, que já Empedocles, celebre Philosopho Grego, deu a Paulanias, segundo refere Bluteau, ou lhe descobrio hum medicamento, com o qual podia huma pessoa estar o espaço de trinta dias sem alimento, bebida, pulso, nem respiração; e não podia ser outro este segredo, senão a *Pedra Philosophal*, preparada com summa perfeição.

Agora conhecereis vós, que por ignorancia dos Medicos não fez sempre a Medicina naturaes milagres, e admiraveis prodigios; por isso todo o desvelo dos Medicos he descobrir a *Pedra Philosophal*, como escreve o mesmo Claudero na Bibliotheca Chymica de Mangeto: *Immediatè quidem hæc præcipue competit Medicis*, para com este remedio curarem todas as enfermidades, e occultarem as suas grandes ignorancias. Porém por mais que os Medicos as escondaõ, os seus erros as descobrem. He certo, que Deos creou na terra os medicamentos:

Altissimus creavit de terra medicamenta; e tambem Eccles. 38.4. he certo, que todas as couças, que Deos creou, saõ muito boas: *Viditque Deus cuncta quæ fecerat, & erant valde bona*: logo se os remedios não obraõ bem, não he por serem mãos, porque saõ mais que bons: *Valde bona* he sim, porque os Medicos não saõ bons, e alguns saõ pestímos.

Bluteau Su-
plement. ao
Vocab. Tom.
1. Verbo Apq
fol. 57.

ENO.

226 *Ennea, ou Aplicaçao do Entendimento,*

ENODIO. Senhor Enodato, aqui ninguem nos ouve ~~deu~~ ~~nao~~ creyo nos Medicos, nem nos Chymicos; porque de huns, e outros se pôde di-

Tacit. lib. 1. zer, como dos Astrologos murmura Tacito: *Genus hominum potentibus infidum, sperantibus fallax, quod in civitate nostra & vetabitur semper, & retinebitur;* e se vós quereis persuadir-me, para que creya a existencia do *Lapis*, mostray-me esta verdade provada com algum sucesso natural, ou provay este mysterio Hermetico com outros Escritores, que se forem desinteressados, e de grande authoridade, resolvome a seguir a Philosophia de *Hermes*; principalmente se vir, que saõ naturaes os effeitos do *Lapis*, porque entaõ fica mais crivel, que possaõ os Chymicos imitar a Natureza com a sua Arte.

ENODATO. Nunca lestes em Humero, Plinio, Galeno, Diodoro Siculo, Juliano Martyr, e outros Escritores modernos, que a planta chama da *Nepenthes* alegra a alma, desterra a melancolia, affugenta as molestias, remedea os desgostos, sendo por este modo efficacissimo antidoto de todos os contratempos? Pois se huma planta tem tais virtudes naturais, como se pôde duvidar na *Chrysopeia*, sendo composta de materia, que tem

Johan. Nihof. maiores virtudes? Em prova desta verdade vos in descrip. Si- contarey huma notavel historia. Como a *Arte Mana* fol. 295. gna voou pelo Mundo, tambem passou da Europa à China, como affirmaõ Nihofio, Oleario, e tin. Persic. Erasmo. Franc in In- pa à China, como affirmaõ Nihofio, Oleario, e tin. Persic. Erasmo. Franc in Exter. Art. Cesares daquelle Imperio. A hum destes Monar- & Mor. spec. chas persuadirão os *Hermeticos*, que se tomasse o lib. 1. Histor. *Lapis*, ou bebesse sempre por hum copo de Ouro 16. fol. 98. Chymico, naõ havia de morrer, como succede aos outros

outros homens, ainda que sejaõ Emperadores; porque esta he huma das principaes virtudes da Chrysópeia, e com ella naõ falta quem presuma, como escreve Beyerlinck, que os primeiros, e antiquissimos Patriarchas do Mundo dilataraõ muitos seculos a vida : *Qui inter alias vires etiam vitæ propagationem tribuunt, primos Patres illius beneficio longævus extitisse suspicantur.* E por isso estes copos de Ouro Chrysóphilo eraõ muitos raros, e tão estimados entre os antigos Monarchas da Persia, que tra-
zendo Esdras de Babylonia para Hierusalem grande numero de vasos de Ouro, e Prata, que El Rey Artaxerxes, os Principes, e outros Magnates daquelle Imperio offerecerão para serviço do Templo, só dous eraõ de hum metal optimo dos mesmos quilates, esplendor, e fermosura do Ouro:

Vasa æris fulgentis optimi duo, pulchra ut aurum. Esdr. lib. 11
Por cousa rara fazem os Historiadores mençaõ de cap. 8. y. 25.

alguns destes vasos, que se acharaõ entre os copos de Ouro d'El Rey Dario, que do Ouro natural se naõ distinguiaõ senão pelo cheiro, conforme por liçaõ de Aristoteles refere Daniel Sennerto:

Inter Darij pocula quædam fuisse, quæ, nisi olfatus Sennert. loc. judicio ab auro distare non cognoscerentur; e naõ hâ cit. cap. 3. fol. 186.

duvida, em que este accidente do cheiro he ver-
dadeira prova de serem estes copos de Dario feitos de Ouro Hermetico; porque Christovaõ Parisiense referido por Beyerlinck affirma, que achando-se nos alicenses, que se abriraõ em Roma para hum edificio, hum vaso de vidro bem tapado, metido dentro de outro de chumbo, que estiveraõ debaixo da terra 884 annos, o Oiro Chymico, que ef-
tava dentro encerrado, ao abrir da Redoma, pas-
mou

Beyerlinck:
Theatr. Vitæ
Human. To-
mo 2. Verb.
Chymia folh.
204.

mou a todos os circunstantes com hum cheiro suavissimo: ~~Exerto tanto~~ fuit odoris fragrantia ut quot-
 Beyerlinck. Theatr. Vitæ quot aderant, effecti sint veluti stupidi. Com estas ra-
 Human. To- zões, e experiencias se animou o Emperador da
 mo 2. Verb. China a viver tanto tempo, quanto o seu delejo,
 Chymia fol. 205:

e a *Philosophia Hermetica* lhe promettia; e bebendo
 em cada copo de agoa muitas esperanças de ser im-
 mortal, no fim da vida o desenganou a morte. Che-
 gado o tempo de pagar o tributo da natureza,
 chamou este Emperador o Conselho de Estado,
 para determinar o que mandava fazer depois da
 sua morte. E como na vida tinha esperado ser im-
 mortal por beneficio da *Chrysopeia*, arguiraõ os Con-
 selheiros a louca esperança do seu Emperador, com
 o desengano, que já todos conheciaõ, e o mesmo
 Monarca confessava. Porém o Cesar Hiaovo re-
 pondeo àquella censura com a verdade: *Se naõ fuy*
immortal, disse, *naõ acabo ao menos como os outros*
homens, *porque devo aos Hermeticos viver mui-*
to, sem molestias, que he o mais que pôde fazer

Clauder. loc. a arte Chymica: Per hanc hoc unicum obtinui, ut
cit. n. XIII. §. canutiem hanc meam obtinuerim, sine morborum in-
Aleud. num. sultibus, & ab agritudine præservatus, artem enim
Alchymicam in hoc multum præstare, nullus dubito.
Immortalitatem autem conciliare cuidam neutiquam
valet. E isto he verdadeiramente, o que os Herme-
ticos tambem lhe prometterão; porque naõ lhe se-
guraraõ a immortalidade, senão, que naõ morre-
ria como os outros homens; e deste modo se veri-
ficou a sua promessa, por acabar Cesar Hiaovo a
vida, depois de lograr boa saude, e em larga, ou
 dilatada duraçao de annos, cousa, que naõ succede
aos outros homens; porque vivem pouco tempo,
e pe-

e padecem muitas enfermidades antes da morte.

ENODIO. Eu bem sey, que ainda os Authores mais escrupulosos, que negão a transmutaçāo dos metaes, concedem, que a *Pedra Philosophal* he huma universal medicina, como li ha pouco tempo no grande Medico Quercetano : *Aurum enim Philosophorum, seu Lapis, nihil aliud est, quam quedam arte compilata medicina temperata.* E atē o Padre Athanasio Kircker; acerrimo inimigo dos *Hermeticos*, se nega os effeitos da *Chrysopæia*, em transmutar os metaes, e multiplicar o Ouro, e Prata, confessā ingenuamente, que Raymundo Lullio naō fez outra coufa, senaō descrever debaixo da metaphora de *Cælum Philosophorum huma Panacea*, que cura todas as doenças, preservando de todas as molestias, e prolongando os annos da vida; e como este he tambem hum dos effeitos, que os *Hermeticos* attribuem à sua *Pedra Philosophal*, e Kircker as contradiz a respeito da transmutaçāo, e multiplicāo do Ouro, e Prata; se elles se enganaō nas multiplicações, e transmutações, fica tambem muito duvidosa a verdade a respeito da Panacea; porque conforme os *Philosophos*, e *Jurisconsultos*, quem em tudo naō he verdadeiro, sempre se reputa mentiroso. E nestes termos se vōs me naō convenceres com outra *Philosophia*, e conforme a direito, provando a transmutaçāo dos metaes com os seus Textos, sempre duvidarey desta universal medicina.

ENODATO. Naō podia a vossa incredulidade appellar para Tribunais mais contenciosos, do que sao os da Jurisprudencia, e da *Philosophia*; porque entre os *Philosophos* naō tem sim as opiniōes,

niões, e entre os Jurisconsultos não acabão as contendas; mas como quereis, que vos convença com Jurisconsultos, e Philosophos, ouvi as suas autoridades: entre os Gregos Suidas Philosopho, e Historiador de grande nome, fallando da Chymica, diz, que he huma Arte com que se faz Ouro, e Prata: *Chemia est auri, & argenti confectio*; e explicando a jornada de Jasaõ pelo Mar Pontico à Ilha de Colchos, para com os Argonautas conquistar o *Vellocino de Ouro*, affirma, que o *Vellocino* era hum livro Chymico, ou *Hermetico*, que ensinava a fazer a Chrysopeia: *Vellus aureum, quod Jason per Mare Ponticum cum Argonautis in Colchidem trajiciens accepit, & Medeam Aetæ Regis filiam: hoc autem non ut poetice dicitur, sed liber erat in pelibus conscriptus, continens quomodo per Chemiam aurum conficeretur*; e passando dos Gregos para os Philosophos Latinos, e deixando a grande autoridade de Plinio, que já fica referida, notay humas palavras de Cardano, fallando da transmutação dos metais: *Quod tamen permutari metalla possunt, multis viis est, ob experimentum aeris jam superius adiuctum: quod videtur asecutus Pharmacopola ille Trevisanus, qui coram Principe, & sapientibus Reis publicæ Venetæ, argentum vivum in aurum commutavit*. Aindaque tenho repetido huma famosa autoridade do grande Philosopho, e Medico Miguel Ettumullero, em que ensina a preparação, e confessa a operação da Chrysopeia, não quero agora deixar em silencio a conclusão, que no seculo passado defendeo publicamente na Universidade de Leipsic, a qual ainda hoje se conserva por este modo nas suas obras: *Epimetron unicum de Chrysopeia, & Argyropeia, vulgo* De

Cardano de
subtil. lib. 6.

De transmutatione metallorum in aurum & argentum.

Transmutatio omnium metallorum, & actu atque Ettumuller.
formaliter neque Aurum neque Argentum sunt in ver- Tom. 1. Disp.
rum, naturale, omnia examina S. R. Imperii ferens, 5. Dissert. de
& ad summum perfectionis gradum exaltatum, Au- Retpirat. hu-
rum atque Argentum, qualem veri ADEPTI Phi- man. fol. 645.
losophi in Scriptis suis per Lapidem Philosophorum
sic dictum præstandam perhibent, est Ars antiquissima,
veracissima, Naturæ legibus penitissimè conformis,
inæstimabilis, atque dignissima. Nec vereor ultrò pol-
liceri, me cuilibet prudenti veritatisque unice amanti,
sive docto, sive literarum ignaro, cui Ars illa impossibi-
lis visa fuerit, si ingenuo animo ulteriore harum re-
rum discursum privatim desideret, solidis è Natura de-
promptis fundamentis & rationibus Artis hujus possi-
bilitatem eatenus demonstraturum, ac probaturum, ut
non solum dictis facile fidem habeat, sed & ipsèmet
sponte fateatur, se pretiosam hanc Artem credere pos-
sibilem, eam que in DEI Ter Opt. M. ac Sapientissi-
mi Operibus naturalibus firmiter ac clarè fundatam
cernere. Sedulè nanque rerum naturalium perscruta-
tione, indefesso que studio atque labore, in nobilissima
Philosophia Physico-Chymica, Lapidis Philosopho-
rum, seu Tincturæ Aurificæ Argentificæquæ, nec
non stupendorum ejus effectuum in Operæ Transmutatio-
nis metallorum, possibilitatem, ac fundamentum clarè
perspexi hactenus, idque cuilibet à Partium studio
prorsus alieno veritatisque cupido explicare promitto,
nè tantum Naturæ & Artis Mysterium, in quo sum-
mi Creatoris Omnipotentia ac Sapientia, nec non totius
fere Naturæ jucundissimus generationis cursus ceu in
speculo Compendio vè cernitur in posterum impossibile
Rij men-

mendaxque, uti hæc tenus à multis Osoribus imperite factum, reputetur. Omnia in Gloriam Dei. Não vos quero nomear, ou allegar muitos Philosophos Estrangeiros, porque lhe não dareis credito. Basta, que confessse esta verdade o mayor contradictor da *Chrysópeia* o Padre Athanasio Kircker. Escreve este grande Philosopho, que calcinando-se na sua presença hum pouco de tartaro a fogo reverberado, apparecerá no fundo do Cadinho hum globo de Ouro, e Prata, que pezou tres onças, o qual no ensayo da capella deu duas onças de Prata, e huma onça de Ouro. E affirma tambem, que de varias hervas se tirara muito Ouro na Hungria; como tambem ensina nos seus Arcanos o modo de tirar huma oitava de Ouro de huma onça de Prata, e de multiplicar a Prata de tal sorte, que de tres onças se faça hum arratel, e deste se formem quatro, e dos quatro oito, dos oito dezeseis, e dos dezeseis huma arroba, e continuando a operaçao, abatendo as despezas, e tirando materia para nova multiplicação, ainda fica lucro, que pôde sustentar a vida a hum homem, que com esta industria souber, e quizer viver. Finalmente no terceiro Arcano propoem o modo de augmentar tambem o Ouro, de sorte, que possa sofrer todo o exame. Porém o que mais me admira, he, que referindo este Padre, que na presença de hum *Chymico* seu conhecido fizera hum Peregrino à *Tinctura Universal*, a qual lançada em pô sobre trezentas libras, ou arrateis de Mercurio, o convertera todo em Ouro mais fino, e mais excellente do que o natural, como se conheceo no Ensayo: *Quæ in pulverem redacta, & supra 300. libras Hydrargiri projecta, illud*

illud in obrisum, & nobilissimum Aurum, multo naturali excellentius, nobilisque convertit, quod apud Aurifices optimi, & perfectissimi. ^{Ex} exame subi-
ret: queira provar com esta historia, que o Pere-
grino era o Demonio, por ser hum fugeito desco-
nhecido, e naõ se achar outra vez depois de bus-
cado, como se foraõ Diabos todos os homens gran-
des, que andao incognitos pelo Mundo, e passao
de humas para outras terras sem serem vistos.

Mas naõ ponderemos as palavras de outro Ju-
risconsulto, senaõ as de Oldrado; a quem pudera
ajuntar outros muitos, o que naõ faço por vos naõ
enfadar com authoridades Latinas: *In contrarium Oldrad. consi-
videtur quod isti, qui Stano, vel Plumbo, vel alio vi-* 74. de Sortil.
li metallo producunt Aurum, vel Argentum, dum ta- n. 1.
*men hoc non faciant per Artem Magicam, vel aliam le-
gibus odiosam, ut dicit lex C. de T hesaur. L. 1. lib. X. Vid. Panor-
mit. super c.
non sunt reprehendendi, sed potius laudandi. Isti sunt ex tuarum de-
metallarii, qui labore proprio sibi, & Reipub. com-
moda comparant. C. de metall. L. 1. lib. XI. & ju-
ra propter publicam utilitatem, quæ ex eorum affi-
cio videtur resultare facent eis. Nam possunt invi-
to Domino ingredi fundum alienum ad metallum in-
quirendum C. de metal. L. 2. & C. quosdam. Et ibi no-
quod alias non liceret de acquir. rer. domin. Nec ipsi
dicunt unam speciem mutari in alteram (ut eis impo-
xitur) quia hoc non est possibile, sed dicunt quod ex
una specie metalli, (scilicet Stano,) potest alia species
metalli, (scilicet Aurum) produci. Nec hoc est incon-
veniens. Nam & videmus, quod quandoque ex remor-
tua producitur viva: ut videmus in vermicibus, ex
quibus producitur sericum, & aliis pluribus. Et ex
herba producitur virum: multo magis ex metallis, in
qui-*

Diction. verb *quibus est maior convenientia, & similitudo*. Nam (ut Alchym. Al-^{ipsi tradidit}) & habetur in libro de proprietatibus rechym. Alber-^{rum in C. de Alchymia, omnia metalla procedunt ex} tutus Brun. in-^{eodem principio scil. ex Sulphure, & Argento vi-vi.} Tract. augm. & dimin. mo-^{Sed ex virtute elementorum quedam habent maiorem} net. in 1. præ-^{influentiam in uno loco, quam in alio, in una mine-} sup. n. 13. & ^{ra fit Stanum, in alia Aurum, & sic de aliis. Cum} 14 Guid. Pap. ^{ergo Ars imitetur naturam ut ff. de adopt. L. si adop-} in singul. 388 tio, non videntur isti Alchymisti peccare, si per virtu-^{te de his. Joh. tem istam, quæ est in herbis, vel lapidibus, vel ele-} de Platea in l. ^{mentis volunt d. Stanum facere Argentum. Nam cum} 1. c. ad R. c. de ^{sint quasi ex eodem principio, & similia in habentibus} argent. pret. ^{symbolum, facilior est transitus, &c. Este Juriscon-} quod thes. in-^{fulto não só decide o pleito como Jurisperito, mas} fert. lib. 10. Et ^{também discorre na materia como Hermetico, não} deixando replica contra o seu discurso, nem em-^{bargos para a sua sentença.} alij.

ENODIO. Só me fica hum escrupulo nesta materia, de que me não poderão livrar senão alguns Theologos; por isso desejo muito, que com autoridade dos maiores Mestres da Sagrada Theologia proveis ao menos a possibilidade, quando não mostreis a existencia da *Chrysopæia*.

ENODATO. Não he a possibilidade, ou existencia da *Pedra Philosophal* ponto Theologico, que se possa provar com Textos Sagrados, ou com as razões altissimas com que sobre os Mysterios sobrenaturales, e Divinos discorre a Theologia: he sim enigma Philosophico, em que ainda os maiores Theologos faltão allumeados só com a luz da *Philosophia*. Mas para que vejais, que a *Philosophia Hermetica* não he contraria, e opposta à verdadeira, e Catholica Theologia, ouvi as authoridades de San-

Santo Thomaz de Aquino, Mestre de Theologos, e Anjo das Escolas Theologicas, e as de Santo Alberto Magno, Mestre do mesmo ~~Santo~~ Thomaz. No fim das obras de Santo Alberto, que hoje se achão na Collecção de vinte e hum Tomos de folha, em que o Santo mostrou ser tão grande Philosopho, Theologo, Expositor, e Prègador, que mereceo, e conseguiu a autonomia de *Magno*, se vê hum livrinho de *Alchymia*, no qual enlina a fazer a *Pedra Philosophal*; porque não só achou, que era possivel,

a transmutação dos metaes em Ouro, e Prata : *In-veni esse possibilem transmutationem in Solem, & in Lunam*; mas certifica, que a fizera; porque tinha visto com os olhos o mesmo que publicava com a lingoa : *Quod scimus loquimur, & quod vidimus, testamur*; e as razões, ou experiencias em que se funda para Philosophicamente provar, e defender a *Chrysopeia*, são estas: sendo o Arsenico vermelho, pela sublimação se faz branco, e negro pelo cosimento. O Cobre recebe a cor citrina com a Pedra Callaminar. Pelo cosimento fica o Estanho de cor de Ouro. Com a industria da Arte se transforma o Ferro em Mercurio. A agoa liquida se congela no Inverno com o frio, e fica em forma de crystal, e o caramello cristalino como vidro com o calor do Sol se derrete, e fica liquido como agoa; e assim, conclue o grande Alberto, succede ao Mercurio com o Enxofre. Humas vezes se dissolve, outras se congela, tomando diferentes cores da *Tintura universal*, como hoje experimentamos na preparação do Sorvete, e da Gelea coagulada com diversas cores; porque a diversidade das cores, e das consistencias assim na agoa, como nos Metaes, por se-

I.

21.

libel.

Div.

Albert.

Magn.

Tom.

fol,

rem accidentes, facilmente se perdem, e adquirem de novo: *Metalla differunt inter se accidentalī forma tantum, non essentiali: ergo possibilis est spoliatio accidentum in metallis.* E para que os Peripateticos não duvidem, nem contradigão esta Philosophia, responde nesta forma às objecções, que lhe fazem com a doutrina de Aristoteles: *Cum objiciunt Aristotelis verba dicentis: sciant Artifices Alchymiae rerum species permutari non posse: respondendum, hoc dixisse de ipsis, qui credunt, & volunt metallū adhuc corrupta transsubstantiare: quod sine dubio vix fieri potest. Audiant ergo verba Aristotelis quæ sequuntur: quod experientia destruit formam specierum, & maximè in metallis: & hoc est verum quando aliquod metallū est calcinatum.* Aristoteles dicit, non credo quod metallū possint transsubstantiari, nisi reducantur ad primam materiam, id est, mundificentur à corruptione sua per ignis adustionem; e deste modo, aindaque o discurso de Santo Alberto he puramente Philosophico, e nelle discorre o Santo como Hermetico, não se pôde negar, que falla como Theologo; porque em lugar de converter, e transmutar, diz *transsubstantiar*, que he termo Theologico; mas para que fique satisfeito o vosso desejo, e delvanecido o vósso escrupulo, ouvi agora a Santo Thomaz como

Div. Thom. Theologo, e Philosopho: *Metallorum propinqua in lib. Aristotel. Meteor. 3. ad finem. materia sunt Sulphur, & Argentum vivum sicut Alchymistæ dicunt; ita quod in locis lapidosis terre per virtutem mineralē generantur diversa metallū, secundum diversam commixtionem eorum: Unde etiam ipsi Alchymistæ per artem Alchemiæ, sed tamen difficilē propter occultas operationes virtutis cælestis, quæ mineralis dicitur, quæ ex eo quod sunt occultæ à nobis*

bis imitari possunt per prædicta principia, vel per principiata ab ipsis, faciunt aliquando veram generationem metallorum. Atæqui discorres Santo Thomas como Philosopho natural, agora falla como Theologo moral: Si autem per Alchymiam fieret ut Div. Thomæ rum aurum, non esset illicium ipsum pro vero vendere. 2. quest. 2. 77. art. 2. eausis, ad producendos veros, & naturales effectus, scut Augustinus dicit lib. 3. de Trinitate. cap. 8. de his, que arte Daemonum sunt. E esta razão de Santo destroe totalmente a illaçao; que das suas palavras infere o doutissimo Feyjoo; porque escrevendo Feyjoo Thea- contra a Pedra Philosophal conclue o seu discurso tro Crit. tom. deste modo: Cita tambien, a favor de la Chrysopeia, 3. discurs. 8. a Santo Thomas 2.2. quest. 77. art. 2. et Author de §. 9 n. 46. fol. un papel Anonymo; que se imprime das atas ha; pe- 178.
 ro alli el Santo no determina cosa alguna, y solo ha-
 bla condicionalmente, diciendo, que si los Alquimistas
 hiciesen verdadero aro, poderian venderle como tal:
 Si autem per Alchimiam fieret verum aurum, non
 esset illicium ipsum pro vero vendere. Antes bien la
 condicional si fieret, parece que supone, que effectivamente
 no se hace. E he certo, que se não pode inferir
 tal illaçao, dizendo o Santo Doutor, que hadn pro-
 hibe à Arte Chymica, para que usando de algumas
 causas naturaes; não possa produzir verdadeiros,
 e naturaes effectos, como por autoridade de Santo
 Agostinho affirma de todas as causas; que se pô-
 dem fazer pela Arte Magica: Quia nihil prohibet
 artem utr aliquidibus naturalibus eausis ad producendos
 veros, & naturales effectus, scut Augustinus dicit
 de his, que arte Daemonum sunt. E se conforme a
 doutrina do mesmo Doutor Angelico a Chrysopeia

he difficultosa, mas naō he impossivel aos homens, por ser muito facil aos Anjos, e Demonios, pelo conhecimento, que tem das operaçōes da natureza:

Div. Thom. *Alchimia quamvis sit difficultis, non tamen est impossibilis, quod & nos dicimus, saltem Angelis, aut Demonibus notam, qui soli norunt occultas naturae seminas, juxta quas perfecte operari possunt:* daqui se segue, que se a arte pōde naturalmente fazer, o que se faz por arte do Demonio, conforme diz Agóftinho:

Sicut Augustinus dicit de his, que arte Demonum fiunt; podendo o Demonio fazer a Chrysopeia, como diz Thomaz, tambem a pōde fazer a Arte Chymica, aqual naō tem nem hum impedimento, para por meyo de couzas naturaes obrar verdadeiros, naturaes effeitos. De maneira, que entendeo Feyjoo, que se naō fazia Ouro verdadeiro com a Chrysopeia, por dizer Santo Thomaz, que se se fizesse si fieret, seria entaō licito o vendello, inferindo mal, que por fallar condicionalmente affirmava o Santo, que se naō fazia, quando o Doutor Angelico, pela excellente razaō, que depois da condicional deu para se poder fazer Ouro, mostra defender a opiniaō dos que affirmao, que se pōde fazer, e de facto se faz natural, e verdadeiro Ouro com a Chrysopeia. Nem obsta, que Santo Thomaz pareça dizer o contrario nestas palavras, que se pō-

Div. Thom. dem ver no segundo das sentenças: *Potest quidem 2. sent. dist. 7. ars virtute naturalium agentium aliquas formas sub- quæst. 3. art. tantiales inducere in materiam; sunt tamen quedam forme, quas nullo modo ars potest efficere, quod pro- pria activa, & passiva principia earum non potest in- venire, & adhibere, sed bene aliquid simile illis effi- cere, sicuti Alchymistæ faciunt aliquid simile auro,* *quando*

quantum ad accidentia exteriora, sed tamen non faciunt verum aurum, quia forma substantialis auri non est per calorem ignis, quo utuntur Alchymistæ, sed per calorem Solis in loco determinato, ubi viget virtus mineralis; porque as escreveo o Doutor Angelico nos seus primeiros annos, commentando as sentenças dos Padres, e defendeo o contrario sendo velho, escrevendo a Summa Theologica, como ultimo testamento das suas opiniões, segundo diz o grande Mirandulano: *Adde quod que juvenis nega- Joan. Franc: re visus est Thomas, constanter affirmavit longo post Pic. lib. 2. de tempore, hoc est, dum Summam conficeret Theologi. Auro cap. 11. cam, tanquam ultimum suarum opinionum testamen- s. Nec.* tum. E bem pôde ser, que o motivo de seguir depois opinião contraria, fosse o mesmo fundamento, porque Feyjoo achou pouco efficaz a sua razaõ, como se pôde ver nas suas formais palavras: *Es Feyjoo Thea- verdad que la rason del Santo no me parece muy efficaz; tr. Crit. Tom. pues se funda en que la forma substancial del oro no se. 3. discurs. 8. hace por el calor del fuego, sino por el del Sol; y en las §. 9. num. 45. Paradojas Physicas hemos mostrado lo contrario; es fol. 178.* to es, que la formacion del oro no se debe al calor del Sol, siendo impossible, que este penetre à la profundidad de las mineras, si no al del fuego subterraneo. Por isso o grande Theologo Kircker depois de referir a dita autoridade de Santo Thomaz resolve com o mesmo Santo, e outros Doutores de grande autoridade, que com o verdadeiro Ouro Chymico licitamente se pôde comprar, e vender, e não com Ouro falso: *Si aurum Alchymicum à naturali in nullo differat, id vendi, & solvi posse: secus, mi- mire licere; donde se segue confessarem estes Theo- logos, que os Chymicos fazem verdadeiro Ouro;*

Sij

por-

porque se elles o naō fizeraō , ociosidade seria escreverem taō graves Doutores esta sua resoluçāo; porque disputavaō inútilmente a questaō da compra, e venda.

ENODIO. Naō vos quero pôr mais duvidas, porque tenho a certeza , de que respondereis, e desfareis a todas. Nem ellas se me offerecem pelo que respeita á authoridade de homens taō graves, e taō doutos, que affirmao a certeza , ou existencia da *Pedra Philosophal*; pôrém quero saber de vós, se com effeito se executou alguma vez esta obra taō grande,

§. X.

Prova-se a existencia da Chrysopeia com exemplos suc-
cedidos em varios Reynos.

ENODATO. **J**A' ouvistes, que o Padre Kircker escreveo alguns segredos de fazer Ouro ; e se ajuntares a este grande Escritor Esperlingio, Bartholino Fludio, Salmuth, Martino, Gremis, Eschrodero, Claudero, Borello, Hunrath, Helmonte, Zwelferdo, Tachenio, Bechero, Bistio, Kunkelio, Michael, Balduino, Mangeto, Pico, D'elRio, e outros Authores, nas suas historias achareis abondos testemunhos, para vos certificarem, que por muitas vezes se fez na Europa Ouro pela *Chymica*. Mas porque a liçaō dos livros he muito boa, para quando nos recolhermos às nossas Livrarias, e para algumas pessoas he mais divertida a conver-
saō de quem os leu; quero agora contarvos al-
gumas

gumas historias, que nelles tenho muitas vezes lido. Escreve Joao Federico Helveticio, insigne Medicus Helvet. vi- dico do seculo passado, que assistindo na Cidade tul. Aur. cap. de Haya, o visitara hum Peregrino, pobre, e hu- 3. fol. 18. mildemente vestido, natural da Hollanda Septem- trional, o qual lhe dera hum pouco de pò de taõ excellente virtude, que lançado em chumbo fundido o transformará em Ouro fino. Semelhante a esta, conta Helmonte outra famosa historia, de outro Peregrino, que depois de transmutar em Ouro o Mercurio, lhe mostrou tanta quantidade de pò, que podia converter duzentas mil libras de Mercurio em finissimo Ouro. Bem notorio he no Mundo, que Raymundo Lullio fizera hermetica- mente seis milhões de Ouro, que deu a Eduardo VI. Rey de Inglaterra, para continuar a conquista da Palestina, os quaes elle gastou na guerra de Fran- ca, como podeis ver em Roberto Constantino, Martim d'el Rio, Christoval Soares de Figueiroa, D. Rafael Bluteau, e outros muitos Escritores, e declara Cambdeno nas suas Reliquias Romanas, Cambden: que deste Ouro mandara fazer El Rey de Inglat- 172. ra humas moedas chamadas Rosas nobres, cuja figu- ra explica Seldenio, que tinha de huma parte huma Rosa, e da outra hum Navio, com esta inscrip- ção: *Iesus autem transibat per medium eorum.* Naõ se pôde duvidar da certeza desta historia; porque a contaõ, e justificaõ Authores muito graves, e verdadeiros, sendo alguns Ingleses, que devem faber com certeza o que succedeo no seu proprio Reyno.

Porem antes, que apartemos a memoria de Inglaterra, vos quero contar o que succedeo em Gal-

Selden. lib:
Mar. claus. 2.
cap. 25.

les, Provincia daquelle Reyno. Refere Daniel Jorge Morhofio, Author daquelle celebre livro intitulado : *Polyhistor literarius Philosophicus, & Practicus*, no paragrafo decimo terceiro da transmutaçāo dos metaes, que no tempo em que Inglaterra negou a devida obediencia ao Summo Pontifice, enfurecendo-se o Povo contra as Imagens, e Reliquias Sagradas, sabendo por tradições, que na sepultura de hum antigo Bispo da Provincia de Waliam estavaõ encerradas muitas riquezas, abriu-se o sepulchro, no qual se achou sômonte hum livro manuscrito, que na lingoa antiga tratava da *Chrysopeia*, e duas bolas de marfim. E vendo o Povo ignorante desvanecida a sua esperança, quebrou huma daquellas bolas, ou globos, espalhando juntamente pelo chaõ a mayor parte do pô vermelho, que continha, deixando ficar, alli os pedaços, ou fragmentos da bola quebrada, com a outra que estava inteira, e o livro da *Chrysopeia*. Tudo isto guardou hum homem humilde, e de baixa fortuna, e o vendeo por huma libra Esterlina a Eduardo Keleio, homem intelligente da lingoa antiga, o qual com Joaõ Dc, Theologo da Corte de Londres, passou a Alemanha, e Bohemia, e na presençā do Imperador Rodolpho II. e de outros Senhores, transmutaraõ na Cidade de Praga com o pô vermelho o Chumbo em Ouro, e com o branco transformaraõ o Chumbo em Prata. E no Palacio de Thaddeo Haggacio converteo huma libra de Mercurio em hum arratel de Ouro com huma só gota da *Tintura Philosophica*, a qual, conforme diz Sennerto, ficava como hum Rubim em cima do Mercurio em Ouro convertido, ou transformado, com

com que se podia tornar a fazer a mesma transmutaçao de Metal em Ouro : *Et Eduardus Kelleius Anglus Pragæ in ædibus Thaddæi Hægæcii librarum unam argenti vivi unica gutulâ licoris rubicundissimi in aurum convertit, & ita quidem, ut adhuc videre sit signum illius liquoris supra Mercurium in aurum conversum instar rubini barentis, ut ex illo residuo tantundem Auri fieri possit.* Este mesmo livro traduzido depois na lingoa Latina se impri-mio em nome de Kelleo. Confirma-se esta historia com a grande authoridade de Elias Ashmol , quo achareis no Theatro Chymico Inglez , e nas no-tas ao livro de Eduardo Kelleo.

Finalmente como a fama da *Chrysopeia* moveo a cubica de Caligula , para *Chymicamente* fazer Ouro ; tambem incitou a curiosidade de Fernan-do III. que lhe succedeo no Imperio Romano , para experimentar se era verdade , o que a fama pivulgara em todo o Mundo ; e porque no tempo em que o Padre Athanasio Kircker se applicava ao estudo da *Chymica* , como elle confessa : *Ego sane tunc temporis Chymiae studio intentus, se espalhou, ou divulgou o rumor, de que o Emperador tinha alcançado o segredo , que a muitos Monarchs sempre esteve occulto ; escreveo o dito Padre ao Augustissimo Senhor Fernando III. por via do Muito Reverendo Padre Gans, Confessor da Mage-stade Cesarea, para que, segundo elle diz, com hum sim, ou naõ, o desenganasse ácerca deste enigma ; e a resposta do Emperador foy esta, que se pôde ver no mesmo Kircker : Experimentum, quod in nostra præsentia de Artis Magnæ arcano fieri jussimus, curiosum quidem fuisse ; sed quod Imperatoriam Maior*

Maiestatem locupletare posset, minime invenimus, Imo, ne tertiam quidem expensarum partem, quibus experimentum factum fuerat, recuperare non valuisse; hisce constare voluimus. E daqui infere o Padre Kircker, que pela *Arte Magna* se naõ pôde transmutar nenhum metal em Ouro, nem tirar utilidade alguma da *Chrysopeia*; porém esta illaçao Kircheriana impugnase com facilidade; porque a operaçao, que se fez diante do Emperador, soy aquela, de cujo Ouro lavraraõ os *Chymicos* varias moedas, de que faz mençao o mesmo Kircker: *Ad contestandam veritatem complura varijs insignita hydrographicis symbolis aurea numismata Cesaris inscripta ad perennem repertae artis memoriam publicae luci plan-su incredibili, verius non credibili, tradiderunt.* E naõ duvido, que a operaçao fosse curiosa, e sem a utilidade, que podesse fazer rico hum Emperador; mas como o Cesar confessa, que soy curiosa, em algum excellente artificio cahe este elogio Celareo; e bem se vê, que sendo as moedas de Ouro: *Aurea numismata*, que quando a transmutaçao do Metal naõ fosse muito util, sempre se prova, que soy verdadeira; porque eraõ de Ouro as moedas.

Para impugnar agora muito melhor ao Padre Kircker, quero tambem censurar de passagem duas grandes desculpas do Reverendissimo Feyjoo, em que cahe por falta de vista, e fraqueza da memoria. No celebre Discurso, que escreveo contra a *Pedra Philosophal*, pertendo refutar a João Zwelpferro, por affirmar na sua *Mantis Espagirica*, que o Emperador Fernando III. estando na Cidade de Praga, Corte do Reyno de Boemia, fizera por sua pro-

Feyjoo Theatro Crit. Tomo 3. Disc. 8. §. 6. num. 31. e 32. fol. 271.

propria maõ de tres libras de Azougue dous artes e meyo de Ouro puro , com hum só graõ de *Tinctura dos Philosophos* , imputando falsamente este grande Medico , declarar , ou dizer , que o Emperador daquelle *oro embiò al Padre Kircker* , que estava en Roma , unas monedas , para que las examinasse ; y haviendo las passado por todas las pruebas , hallò que era oro como el natural ; e este descuido naõ pôde ter outra desculpa senão a falta de vista ; porque referindo Zwelpherio a transformaçao do Mercurio em Ouro , do qual o Cesar mandou fazer huma só , e unica moeda , que guardava em huma gaveta , dentro no seu gabinete , naõ se vè nelle huma só palavra , que falle nas moedas remetidas a Kircker , e examinadas por elle em Roma . Contra esta asserçao , que naõ vio , argumenta desse modo com a historia de que se esqueceo : *Seame licito contradecir a Zuvelphero sobre este hecho ; porque me acuerdo mui bien de haver leido en el Mundo Subterraneo del Padre Kirquer , que haviendo llegado a este docto Jesuita , estando en Roma , la noticia de que el Emperador Fernando havia hecho oro artificial , le escribio a aquel Principe , de quien era muy estimado , pergunstandole si era verdad , y el Emperador , cuya carta pone alli à la letra el Padre Kirquer , le respondio , que no havia tal cosa . El testimonio del Padre Kirquer en esta materia es de mui superior aprecio al de Zuvelphero . Y valga la verdad : si aquel Emperador hubiese logrado este secreto , le haria hereditario en su Augusta familia , para bien de ella , y de la Christandad . Como , pues , los tres Emperadores , que le sucedieron , se valieron de los mismos medios , que los demias Principes , para ocurrir a sus urgencias , y*

algunas vezes por falta de oro , assi ellos , como sus vassallos , se vieron en no pequenos abogos ? Antes que responda a esta pêrgunta , vos quero advertir , que sendo taô diferente a noticia que escreveo o Emperador , da que repetio o Critico Feyjoo , devemos crer firmemente , que se elle se lembrava *muy bien de haver leido* , era só de que lera *en el Mundo Subterraneo del Padre Kirquer* ; mas não do que *el Emperador Fernando havia hecho* ; porque dizendo a Magestade Cesarea , que a experiença era curiosa : *Experimentum curiosum* ; e affirmando Kircker , que as moedas desta operaçao eraõ de Ouro : *Aurea numismata* ; só por esquecimento do que tinha lido , podia dizer Feyjoo , que perguntando Kircker a verdade ao Emperador *le respondio* , que *no havia tal cosa* . E para que Feyjoo não imagine , que *el testimoniio del Padre Kirquer en esta materia es de muy superior aprecio al de Zuvelphero* ; deve notar , que a moeda de que falla Zwelphero , he muito diferente das moedas , de que faz menção o Padre Kircker ; porque este Padre trata de muitas moedas no plural : *Numismata* ; e Zwelphero escreveo de huma só moeda no singular : *Est numisma* : Esta moeda era de Ouro puro , e não Sophistico , feito de Mercurio , com hum só grao da *Tinctura universal* , não por outras mãos , senão pelas do mesmo Emperador , que para averiguar a verdade fez pessoalmente a projecçao : *Est numisma purissimo Auro conflatum , minime sophistico , quod arte , ex Mercurio vrvo , per projectionem unius grani Tincturæ , ipse Ferdinandus III. transmutavit* ; e as outras moedas eraõ do Ouro , que na sua presença mandou fazer o Cesar por mãos alheyas : *Experimentum , quod in nos-*

tra præsentia de Arte Magnæ arcano fieri jussimus.
Nesta operaçāo fez o Emperador grandes despezas, e na projecção naô gastou nada; porque Richthausen, animado pela curiosidade do Emperador, lhe ofereceo liberal, e graciosamente hum só grao da *Tinctura*; e a *Chrysopæia* com que mandou fazer o Ouro das moedas, mandou-a fazer à sua custa. Desteas moedas teve lo noticia o Padre Kircker, estando ausente em Roma; e a moeda teve-a Zwelphero nas suas mãos, estando na Corte de Vienna. Finalmente Zwelphero vio a moeda com os seus olhos; e a Kircker entrou a noticia das moedas pelos ouvidos; e o testemunho de ouvida tem menos credito do que o de vista.

Aqui naô quero eu agora disputar se merecem mayor fé o odio, e a paixaõ, com que Kircker escreveo contra a *Chrysopæia*, ou a synceridade com que Zwelphero a defende; poque o mesmo Feijoo já deo a sentença a favor de Zwelphero, quando nas *Reflexões sobre a historia* advertio que sobre todo, importa penetrar bien la indole del Autor. Hai algunos, que muestran tan vivamente el carácter de sinceros, y hombres de verdad, que se hacen creer, aun quando hablan a favor del partido que seguieron. Esta synceridade me concederà o mesmo Feyjoo, confessando, que para lograr este conocimiento, es menester singular perspicacia; porque aunque se dice, que en los escritos se estampa el genio de los Autores, aun es más facil ocultarle hypocritamente con la pluma, que con la lengua; e nem com a lingoa, nem com a penna occultou Kircker o furor, com que censura aos Hermeticos; mostrando-se Zwelphero demasiadamente modesto na sua apologetica defesa.

Tij

Po-

Feyjoo Theatro Critico Tom. 4. Discur. 8. §. 44. num. 102. fol. 221.

Porém para que se averigue, y valga la verdad: saiba Feyro, que Fernando III. naõ chegou a pos-
suir o segredo de fazer a *Pedra Philojothal*, ainda que teve na sua maõ a *Chrysopeia*; porque Rich-
thausen naõ offereceo a este Monarca senão hum
só graõ da *Tinctura Philosophica* para com elle con-
verter em Ouro pouca quantidade de Mercurio.
Esta que parece avareza, foy admiravel, e myste-
riosa politica de Richthausen; porque chuvas de
Ouro saõ liberalidades, e larguezas só dos Deoses
fabulosos; e naõ dadias, nem beneficios dos *Her-
meticos* verdadeiros; e ainda assim com ser fabulosa
a chuva de Ouro, andou Jupiter muito moderado
nesta preciosa profusaõ; porque fingio a Fabula, o
mesmo que succede na Natureza. Naõ cahe de pan-
cada, e de huma só vez toda a agoa da chuva; mas
gota, e gota naturalmente se distribue; e por este
modo deu Richthausen naõ toda a *Chrysopeia*, se-
naõ hum só graõ do *Lapis* ao Cesar. Com esta Tin-
ctura transformou o Emperador por sua maõ as tres
libras de Mercurio em douis arrateis e meyo de Ou-
ro; porque naõ fez a tempo a *Projecção*, que se a
fizera antes do Mercurio evaporar com o fogo,
converteia em Ouro toda a quantidade do Mer-
curio; e para testemunho, e memoria desta verdade,
de todo aquelle pezo de Ouro mandou lavrar hu-
ma só, e unica moeda, da qual fazia tanta estima-
çao, que naõ quiz guardalla no seu magnifico the-
souro, estando este opulentissimo Erario dentro no
Paço, fechou-a em huma gaveta, que tinha dentro
no seu Gabinete, como escreve Zwelphero: *Unde
Ferdinandus III. hoc Numisma in tantum redamavit,
ut illud consueto Aulae magnifico thesauro adjungi pas-
sus*

*ſuſ non fuerit, ſed ſecretiſſimo, & conclavis ſui ſcri-
niolo incluſerit, nullo aut paucis arbitris. No tempo
em que floreco o Auguſtissimo, e invicto Empeta-
dor Leopoldo, reue Zwelphero em ſeu poder esta-
moeda, a qual coaſtorme elle, e outros muitos Au-
thores mais antigos a descrevem, he de figura cir-
cular, taõ grolla como hum dedo, e da medida da
palma de huma maõ. Tem no meyo a figura de hum
Mâncebo nu, e de corpo inteiro, coroado em circu-
culo com os rayos do Sol, ſuſtentando com a maõ
direita a Cythara, ou Lyra de Apollo voltada para
cima, tendo na maõ eſquerda virada para baixo a
ſerpentifera Vara, ou caduceo de Mercurio, e fir-
mando os pés ſobre as suas azas. Ao redor da ca-
beça em forma de meyo circulo eſta esta letra: *Di-
rina Metamorphoſis*; cerca-o da cintura para ba-
ixo eſta inſcripção: *Exhibita Pragae XV. Jan. Aº
M.DC.XLVIII. in Præſentia Sac. Cæſ. Majest. Ferdi-
nandi III.* E na outra face eſtaõ elcritas estas pala-
vras: *Raris hæc ut hominibus nota eſt ars, ita raro
in lucem prodit. Laudetur Deus in æternum, qui par-
tem infinitæ ſuæ ſcientiæ abjectiſſimis ſuis creaturis
communicat.* E accrescenta o mesmo Zwelphero, que
elle tinha como theſouro precioſo duas onças de Ouro
feito de Mercurio pelo mesmo Richthausen, com
quem tivera grande amifade, mas declara, que era
certo, e conſtanſe, que Richthausen, a quem o
Emperador fez Barão com o titulo de Senhor de
Chaos, naõ fizera a *Tintura*, com que fez a trans-
formaçao do Mercurio em Ouro, por ſe averiguar
que outra pefſoa lha dera, ou por outro modo lhe
viera à maõ: *Quem deinde ad Baronis fastigium eve-
xit propemodum Sacra Majestas, & Domini de Chaos**

Zwelpher. in
Mantif. Spag
Part. I. cap. I.
fol. 329.
titu-

titulo insignivit. *Dictum Dominum de Chaos Initum* non ipsum ellaborasse; sed aliunde accepisse constat. E daqui infiro eu contra Feyjoo, que não contradiz licitamente a Zwelphero com o exame das moedas, em que elle não falla, confundindoas, e trocandoas com a moeda, que só descreve, da qual não teve noticia o Padre Kircker; porque ha tanta diferença entre esta, e as outras moedas, quanto *vay* de huma a muitas, do silencio de Zwelphero, a voz com que Feyjoo as publica, e de huma transmutação util, a huma transformação sem utilidade. Porém ainda que Richthausen não dera a *Chrysópeia* ao Emperador, para transformar por sua mão, e com grande utilidade o Mercurio em Ouro, do qual mandou fazer para testemunha esta moeda; bastava qualquer das outras para provar a verdade, e utilidade do *Lapis*; porque, segundo discorre o grande Bluteau, he a moeda a verdadeira *Pedra Philosophal*, que converte a terra, em Ouro; porque faz do pequeno grande; doplebeyo, nobre; do servo, Senhor; do besta, homem; e do feyo, gentil homem. Na fome a moeda he manjar; no frio, roupa; no deserto, casa; na doença, remedio; no desemprego, abrigo; e em todas as faltas, tudo.

Para conseguirla, e deixar na sua Augustissima Casa este utilissimo arcano, fez o Emperador muitas mercês, e grandes honras a Richthausen, conhecendo muito bem, que este homem não tinha merecimento para ser tão bem despachado; mas com esta liberalidade, imaginava como bom politico, que moveria o verdadeiro Author da *Chrysópeia*, para que se lhe descobrisse, e se viesse offerecer para o servir, tentando-o com a ambiciosa esperança de

Bluteau Vo.
cabul. Tom.
§.fol.533.

de semelhantes honras , ou de maiores fortunas ;
naõ advertindo o Cesar , que assim como quem (se-
gundo dizem) traz consigo a *Pedra Antaglfo* , de na-
da se admira : tambem quem possue a *Pedra Philo-
sophal* , de nenhuma cousa necessita ; porque o *La-
pis* he humia universal Medecina , superior a todas.
Medicinas , que sendõ inferiores imperaõ , como
diz Plinio , sobre todos os Reys , e Emperadores :
Medecina una Artium Imperatoribus quoque imperat ; Plin. lib. 24.
e alem das suas grandes virtudes medecinaes , he cap. 1.
hum thesouro opulentissimo , mayor que o de todos
os Principes , e Reys do Mundo , conforme escre-
ve o referido Richardo Anglico : *Hæc Medicina su-
per omnes alias Medicorum medicinas est querenda ,
quia qui habet eam , incomparabilem habet thesaurum ,
& in salubri constellatione natus est , in hoc sæculo di-
ves , divitijs infinitis super Reges , & Principes ;* e
eomo a *Pedra Philosophal* faz os Monarchas depen-
dentes dos *Hermeticos* , e os *Hermeticos* indepen-
dentes dos Monarchas , mais facilmente te veraõ os
Monarchas por falta de saude , e de dinheiro pes-
dindo à porta dos *Hermeticos* , do que os *Hermeti-
cos* servindo em casa dos Monarchas ; porque sobe-
jando-lhes o dinheiro , e naõ lhes faltando a sau-
de , de que os Magnates quasi sempre tem falta ,
mais tem que dar , do que pedir os *Adeptos* aos Pode-
rosos. Por isso nenhum destes Philosophos quer ser-
vir a grandes Senhores , por lhes naõ ser necessario ,
e por naõ perderem a liberdade no seu serviço ,
que he a unica cousa , como com discreta parano-
miasia adverte Santo Alberto Magno , que os *Her-
meticos* põdem tirar da sua escusada servidaõ : *Co-
gitabunt perpetuo te habere , nec permittent te habere* ; Div. Albert.
Magn. Tom. 21. libel. de Alckim. fol. 1.
e com

e com este temor, e independencia naõ se desco-
briria, nem offereceria ao Emperador Fernando III.
o verdadeiro Author da *Chrysopeia*, se nesse tempo es-
sivera vivo; porque repetindo, e fazendo o que en-
sinão estas palavras de Paracelso: *Altius non sit, qui*
suus esse potest, occultaria o segredo para conservar
a liberdade, que val mais que tudo quanto sem ella
pòdem dar as Magestades; e se necessario fora ain-
da, faria mayores excessos para naõ morrer cativo.

Creou Deos ao homem com a liberdade espiri-
tual da vontade, ou livre alvedrio, que naõ pòdem
violentar os Divinos Decretos, as influencias dos
Astros, nem os ameaços dos Tyrannos. O corpo
humano pelo contrario he sujeito a todo o genero
de cativeiros. Fórmase na prizaõ do ventre mater-
no; apenas nascido, fica envolto, e prezo nas fa-
xas, e opprimido toda a vida com a pezada carga
das suas necessidades, appetites, e dos cargos das
honras, acaba finalmente no cativeiro da sepultu-
ra, que naõ tem resgate. Porém ainda assim no me-
yo de todas as pensões, e prizões da vida, logra o
homem no seu trato huma certa liberdade, da qual
ninguem se quer privar, por naõ viver violentado.
Até os animaes, as feras, e os mais viz insectos
procurão defender, e conservar a liberdade, que
lhes deu a natureza. Finalmente os Elementos,
ainda que insensiveis, se esforção para vencer os
obstaculos, que os cativeiro: voarão o fogo hum monte,
por naõ ficar constipado na mina: indignada do
freio de hum dique, trespassará a agoa, e alaga-
rá huma Província: impaciente da clausura de lu-
gares subterraneos abalará o Ar hum Reyno, e com
horriveis tremores abrirá a Cidades inteiras pro-
fundas

fundas sepulturas ; não he logo maravilha ; que
fação os homens tantos extremos para conservarem
a liberdade propria do seu estado. Diogenes, aquele
famoso desprezador de quanto cubica a ambição
dos homens ; para se ver livre das sujeições des-
te Mundo, se revolvia no seu dolio como Planeta
de différente esfera, e tendo valor para recusar a
graça de Alexandre, não teve animo para se sujei-
tar ao jugo da Coroa. Como Diogenes desprefador
das grandezas, e primitivas de Alexandre, recularia
o Author da *Chrysopœia*, se nesse tempo, conforme
escreve Manget, não fôra morto, todos os pre- Manget. Bi-
mios, e mercês do Emperador Fernando ; e deste blio. Che-
modo (como fazem todos os *Hermeticos*) se despa- mic. Tom. 2.
charia melhor por si mesmo, tomando antes o *Chao*
por refugio, para não ser conhecido, do que por
título para viver honrado, e morrer cativo ; e
como este *Hermetico* se não descobrio em vida ao
Cesar, não deixou aos seus Augustíssimos successo-
res o segredo para se livrarem das molestias que sen-
tirão, e das necessidades, que padecerão ; mas por
diantre dos olhos de todo o Mundo a verdadeira
prova da *Pedra Philosophal*, porém de tal sorte
descuberta, que ficou ao mesmo tempo escondida
na obscuridade do confuso *Chao*.

ENQDIO. Não he crivel, que os *Alquimistas*,
vassalos de Monarchas poderosos, e vigilantes, lhes
possão occultar o segredo da *Chrysopœia* ; porque
quando como soberanos com estrondosos premios
os não persuadão para lhes franquearem as portas
de bronze, cerradas com ferrolhos, e fechaduras
de ferro, para lhe darem os thesouros escondidos,
e revelarem os arcanos dos segredos, como pro-

154. *Erma, ou Applicaçāo do Entendimento,*

I. I. 45. 2. 3. feticamente prometteo Isaias a El Rey Cyro: Portas æreas conteram, & vextes ferreos confringam, & dabo tibi thesauros absconditos, & arcana secretorum; he certo, que com a trovoada dos ameaços, e com os rayos dos castigos, fulminados da altissima regiaõ de seus elevados Solios, obrigá-

Vieir. tom. 4. naõ a sahir da concavidade dos Chaos, (como ant. num. 435. fol. 406. tigamente sucedia na Lusitania com os trovões, e rayos, que cabiaõ do Ceo sobre o Promontorio Sacro) todo o Ouro, e Prata escondidos, e juntamente o segredo de fabricar estes preciosos metaes,

ENODATO. No segundo Tomo da sua *Musurgia* traz o Padre Kircker huma estampa da cala de prazer dos Condes de Simoneta, distante huma legoa da Cidade de Milaõ, na qual há hum Echo artificio, que repete naõ sete vezes (como o do Portico Olympiaco) mas vinte e quatro huma syllaba, ou palavra. Procede esta repetição de vozes da natural disposição das concavidades, que daquelle *Chaos* reflectem as vozes, como os espehlos os objectos. Porém, como adverte o grande

Bluteau Vo-
cab. Tom. 3.
Verbo Eco
fol. 9.

Bluteau no seu *Vocabulario*, tem-se observado, que o Echo, que taõ pomptualmente repete refletindo o strondo, ou a voz, nunca já mais responde às trovoadas; porque aos ameaços do Ceo, passa, e emmudece a terra. Para fazer Ouro, e Prata deve a Arte imitar a natureza; e como a natureza emmudecem também os *Artifices Herméticos*, quando dos elevados thronos dos Supremos Monarcas se fulminaõ, como rayos, os Decretos, entre as trovoadas de rigorosos ameaços; para que atemorizados com a tormenta lhes descubraõ como a Cyro os thesouros escondidos, e lhe revelem os arca-

arcanos dos segredos: *Thesauros absconditos, & arcana secretorum.* Porém fechando-se com portas de bronze, e encerrando-se com ferrolhos, e fechaduras de ferro: *Portas aereas, & veetes ferreos,* para melhor resistirem à tempestade, artificialmente multiplicão a Prata, e o Ouro, como os Echos as suas vozes; mas tão occulta, e mysteriosamente, como se formaõ, e repetem as vozes no profundo das concavidades, de que os Monarchas não tem outra noticia, mais do que aquella, que no tempo sereno levaõ aos seus ouvidos os Echos.

ENODIO. Lembrame, que li no Criticon de Lourenço Graciano, que sempre o longe fora o asylo do fabuloso; por isso he bem recebido adágio entre os Portuguezes: *Longas vias, longas mentiras;* e por estas razões me não desengano com historias succedidas em terras tão distantes, se as não confirmares com alguma transmutaçõ succedida há pouco tempo dentro no nosso Reyno, para que averiguando-se a verdade, lhe possa dar todo o credito.

ENODATO. Mais barato mo fazeis do que eu cuidava; porque entendi me pedieis alguma barra de Ouro, ou Prata, para me dares credito à minha custa. Porém como sois curioso sem ambiçao, e determinais ir a Lisboa ver a Procissão do Corpo de Deos, (que excede na sua pompa à magnificencia dos triumphos de Roma Gentilica, e na sua riqueza, e mageſtade, à mesma Procissão, que nesse dia se faz com menor opulencia, e ostentaçao em Roma Catholica; porque o nosso Augustissimo Monarcha o Serenissimo Senhor D. JOAM V. em todas as suas accções Catholicas, ou politicas, co-

U ij mo

o quinta essencia das Magestades, excede a tos as grandezas do Mundo político, e Christão,) ocuray na Fundição a Manoel da Rocha, Relo-
-yro d'ElRey, que he curiosissimo de varias artes, e muito applicado ao estudo, e exercicio da Chymica, e pedilhe, que vós mostre huma barra de Prata, feita de Mercurio com a Chrysopœia, e à sua vista ficareis desenganado. Não fez este homem esta Prata, mas como andava trabalhando no descobrimento da Chrysopœia, quando morava hame nos de vinte annos na Pichelaria, imaginando, que se fechasse o Mercurio de forte, que não podesse evaporar, e o cozesse depois ao fogo, se fixaria per si mesmo, em que consiste a essencia do Ouro: Com este pensamento meteo quantidade de Azougue dentro no cano de huma elpingarda, apertando-o, e tapando-o com huma justa, e segura tarraxa; Porém tanto que o Mercurio aqueceo, e se rafez, ou volatilizou com o calor do fogo, em que o meteo, não cabendo no vaô do cano, o rompeo com estrondo estampido, arrojando furiosa, e violentamente o ferro, dividido em pedaços, para muitas, e diferentes partes com evidentissimo petigo do operario. Assustou-se a vizinhança com a novidade de tão extraordinario estrondo, e acudindo os officiaes, e Mereadores das lojas vizinhas, e outras muitas pessoas, que lhaô passando nesse tempo pela rua, para averiguarem a causa daquelle nunca antes ouvido estalo, diante de todos contou, ou confessou o Relogeyro; o que tinha intentado, e lhe tinha succedido. Achou-se tambem neste concurso hum Estrangeiro, e informado da curiosidade de Manoel da Rocha, lhe disse na lin-
goa

goa Portugueza mal pronunciada , que se queria fixar o Mercurio , não havia de ser à *Virga ferrea* , ou à força de braço , senão de engenho. E para mostrar a sua sciencia , e habilidade , lhe mandou lançar hum pouco de Mercurio em hum cadinho ; e tanto que o azougue começou a fumar no fogo , lançoulhe em cima huma porção muito pequena de pô branco , e apertando o fogo , dahi a pouco tempo não subio fumo do Mercurio , porque estava transformado em fina Prata , que este homem ainda conserva , para mostrar a todos os curiosos.

ENODIO. Sempre reparey muito , (por ser digno de reparo ,) em que os Authores destas maravilhosas transformações fossem ordinariamente huns homens pobres , peregrinos , humildes , e desconhecidos ; os quaes he certo , que tendo meyos taõ effeetivos para serem riquissimos , escusavaõ de andar mal vestidos , e fugitivos pelo Mundo , vivendo miseravelmente com os discommodos de huma perpetua perigrinaçāo ; e deveis , Senhor Enodato , satisfazer a este meu reparo , se quereis persuadirme a certeza da *Chrysopeia* ; porque eu não creyo facilmente ; o que o entendimento me representa taõ difficultoso.

§. XI.

Elogio dos Hermeticos peregrinos.

ENODATO. **E**U, Senhor Enodio , não estou muito empenhado em vos convencer o entendimento incredulo , para confessares a verdade do *Lapis* ; porque a sua certeza indepen-

de da vossa crença , e confissão. Mas porque não imagineis , que a pobreza , humildade , desconhecimento , e peregrinação dos *Adeptos* he argumentos efficaz contra a existencia da *Chrysopœia* , vos quero dizer , ou declarar como peregrinaraõ , e vestiraõ pobre , e humildemente os dous grandes *Hermeticos* Democrito , e Paracelso. He certo , que Paracelso descobriu , e possuio huma celeste medicina , e hum inexhaurivel thesouro na *Pedra Philosophal* , como elle confessa no seu Manual , tratando desta Pedra : *Lapis noster est cælestis medicina , & plusquam perfecta , quia illa omnes abstergit metallorum fôrdes*. Nem se pôde duvidar , que elle possuisse a *Chrysopœia* , publicando-o a voz de todo o Mundo , como escreve Zwelphero no capitulo primeiro da primeira parte da sua *Mantissa Spagyrica* : *Et vero possidisse Theophrastum Paracelsum Lapidem auriferum , orbis clamitat , & ad nos vocem reflectunt Magni Rudolphi Austriae tempora , quibus hoc indubitatum apud omnes percrebat*. Isto mesma confessão , e certificaõ os Medicos ; e Cirurgiões , que nas suas peregrinações o acompanharaõ , como se pôde ver em Oporino , Meandro , Libavio , e outros. E como Paracelso tudo obrava com extravagancia , e galantaria , em huma occasião fez publicamente a transmutação do Mercurio em Ouro na Praça de Basilea , aonde o examinou hum Ourives , e achando-o verdadeiro , lho pagou todo por moeda do Rhim. Por este modo era riquissimo Paracelso , porque os enfermos , que curava com o *Lapis* , lhe davaõ grandes premios , e quando lhe faltassem com o devido agradecimento a tão grande beneficio , na sua *Chrysopœia* tinha sempre hum opulentif-

lentíssimo thesouro. Por isso era taõ liberal , que passava a prodigo ; porque a todos os necessitados dava dinheiro , sustentava à sua custa todos os passageiros , que na sua peregrinaçõ encontrarava nos Hospícios , ou nas estradas. Todos os mezes se vestia , e dava os vestidos ainda novos aos pobres , mas excessivamente sordidos , por affectar este desfaceyo , para vestir como peregrino. Chegando algumas vezes por causa das suas peregrinações , e prodigalidades a verle totalmente destituhido de dinheiro , no dia seguinte estava abundantíssimamente provido , como escreve Oporino , que o acompanhou , e servio alguns annos nas suas peregrinações : *Pecuniae erat prodigus profusor , ac ea saepe disiitutus , ut ne obulum quidem ei supereesse scirem : crastino statim die rursum crumenam se habere bene instructam ostendebat , ut non raro miratus fuerim , unde ei fuisses suppeditata. Singulis fere mensibus vestem novam sibi fieri turabat , & priorem curvis obvto donabat , sed ita conspurcatam , ut ego nunquam mihi dari petierim , neque ulro oblatam , ut gestarem ; recepturus fuerim.* Antes de proseguir a historia de Paracelso , quero responder a huma duvida , que contra os meyos de fazer Ouro com o *Lapis* , lhe põem o Padre Feyjoo . Pero de donde sabemos , (diz) que Paracelso no temia aquellas monedas escondidas ; para ostentárlas a su tiempo a Oporino , para hacerle creer , que possehia el secreto de la Piedra Philosophal , como quiso hacerlo creer a todo el Mundo ? Pero estimara , que Sua Reverendissima me differa ; donde colhe que Paracelso escondia o dinheiro ; para que aparecendo com elle , se persuadisse Oporino , que o fazia com o *Lapis* ? E como naõ havia de crer Oporino ,

e o

e o Mundo, que Paracelso tinha a *Chrysopeia*, se elle não tinha outros bens, e vivendo sempre peregrino, era tão rico, e tão grandioso? He certo, que Oporino como doméstico Discípulo, e criado de Paracelso, sabia donde lhe vinha o dinheiro com que se sustentava, e confessava, que algumas vezes se admirava de lhe ver a bolça cheya, sem saber donde lhe vinha: *Ut non raro miratus fuerim, unde ei fuisset suppeditata*; e eu também me admiro, de que admittindo Feyjoo o provimento da bolça, creia, que Paracelso tinha tanto dinheiro, e dinheiro para tanto, occulto, e escondido, *sem nos* descobrir o modo de o adquirir, para o esconder! Estes, e outros semelhantes, são os fundamentos, com que Feyjoo impugna a existencia do *Lapis*; e por serem estalos de funda, sem pedra, ou tiros de artelharia, sem bala, em que tudo he estrondo, e fumo, não me canço em convencellos.

Com a referida extravagancia, pois, correu Paracelso a mayor, e a melhor parte do Mundo; porque nascendo em Helvecia no anno de 1493, passou instruido nas sciencias, e letras humanas a Arabia, aonde, e nas Províncias circumvizinhas, assistio dez annos, como escreve Bekero. Passado este tempo vejo peregrinando por varias Províncias, como são a Hungria, Croacia, Illyrico, Transilvania, Alemanha, Austria, Polonia, França, Inglaterra, Hespanha, Portugal, Italia, Valachia, Sucia, Flandes, Dânia, e outras Províncias aonde havia Universidades, para ouvir seus Mestres, e para lhes dar alguma luz da *Philosophia Hermetica*, que estudou na Arabia, como podeis ver na lição dos seus livros, e mais breve, e succintamente na

te na relaçō, que das suas peregrinações fez o dou-
tissimo Sennerto. Obrava em Paracelso o Ouro da
Pedra Philosophal o mesmo effeito, que se observa
no Ouro da *Pedra Helites*; porque esta Pedra tem
huma mancha de Ouro, que seguindo o movimen-
to do Sol, todos os dias faz o seu gyro do Orien-
te para o Occidente, como por liçō de Cardano
refere Bluteau, affirmando possuir o Papa Clem-
ente VII. esta Pedra Solar; e com este movimento per-
petuo corre Paracelso o Mundo; porque parece Bluteau Vo-
cabul. Toin. 7. fol. 697.
natureza do Ouro destas mysteriosas Pedras, naō
ter como o Sol nenhum socego. He a *Pedra Helites*
symbolo da *Pedra Philosophal*; porque se vè nella
o Ouro, em que á Natureza transformou a Pedra.
Porém tambem o Ouro da *Helites* he Hieroglyphi-
co de Paracelso; porque na companhia da *Pedra*
Philosophal naō teve nenhum descanço. Chegan-
do finalmente a Salisburg, onde a inveja de seus
emulos lhe anticipou a morte, tirandolhe a vida
com veneno, aos quarenta e sete, ou quarenta e
oito annos da sua idade, segundo escreve Crolio,
testou de todos os seus bens, instituindo por seus
universaes herdeiros aos pobres, como consta do
testemunho authentico do Serenissimo Principe, e
Illustrissimo Arcebispo daquella Metropoli, que ain-
da hoje se lè na Igreja de S. Sebastião neste immor-
tal Epitaphio: *Conditur hic Philippus Theophrastus in-
signis Medicinae Doct̄or, qui dira illa vulnera, lepram,
podagram, hydropsin, aliaque insanabilia corporis
contagia, mirifica arte sustulit: ac bona sua in paupe-
res distribuenda, collocanda que honoravit. Anno 1541.
die 24. Septembr. vitam cum morte mutavit. As enfer-
midades, que consumaya curar o grande Philippe*

Theophrasto Bombasto de Hohenhaim Paracelso, com o seu *Lapis*, sao gallico, lepra, hydropesia, colica, apoplexia,gota coral, hypochondria, gota, cancro, gangrena, phthisica, peste, empyema, chagas, fistulas, e todas as outras molestias, e enfermidades interiores, que por desprezarem outros remedios, se reputao incuraveis, como consta do referido Epitaphio, e do testemunho dos Escritores seus contemporaneos. Aqui tendes, Senhor Enodio, hum peregrino desconhecido por todas as Provincias por onde viajava, com vestido de pobre, e de humilde passageiro; mas taõ rico, que a todos dava dinheiro, e sustento, e a muitos o vestido, e se naõ gastara os seus bens, como o seu genio, e curiosidade quizeraõ, podera estabelecer, e deixar no Mundo huma casa taõ rica, como a *Chrysopeia*, e taõ perduravel como a sua fama. Porém deixando as suas riquezas aos pobres, se naõ fundou huma casa illustre, e opulenta na terra, onde tudo he terra, ou nada, melhor, e mais Christãamente obrou para si, enthesourando os seus bens no Ceo, para os lograr como piamente podemos crer, por toda a eternidade; porque como a vida boa he precursora de boa morte, e a boa morte he echo da boa vida, quem acaba a vida como Christão, he moralmente certo, que se salva, como Catholico.

Tambem he certo, que Democrito foy taõ rico, e abundante dos bens da fortuna, que seu pay hospedou em sua casa a Xerxes com todo o seu grande exercito, como escreve Sennerto: *Fuit etiam diuissimus, cum pater ejus Xerxem Regem, & ut nonnulli referunt, cum exercitu decies centonum milium, hospi-*

hôspicio exceperit ; e com tóda esta grande riqueza estudou com os Magos, e Chaldeos, que Xerxes lhe deixou para seus Mestres, como refere Diogenes Laercio na sua vida. Depois que Democrito se instruiu na Philosophia, que os Chaldeos, e Magos lhe ensinaraõ, passou ao Egypto, para estudar a que lá ensinavaõ os Sacerdotes de Vulcano, e do Egypto passou peregrinando à Persia, com desejo de ouvir outra vez os Chaldeos; e movido com a fama dos Gymnosophistas, chegou à India, donde voltou pela Ethiopia muito sabio, e senhor de grandes segredos, como diz o mesmo Sennero : *In quibus locis procul dubio arcanissima quæque didicit.* A principal Scienza de Democrito foy à *Philosophia Hermetica*, ou *Arte Chymica*, segundo affirma o mesmo Author : *Referunt & inter Chymicos Democritum, quem insignem Philosophum fuisse certum est.* E do mesmo Philosopher Democrito escreve o Grande Joaõ Francisco Pico Mirandulano no segundo capitulo, do Livro II. de *Auro*, que fôra o Principe da *Chymica* entre os Gregos, a qual este Philosopher estudou no Egypto, Persia, e na India : *Pariterque compcri Democritum apud Græcos Principem Chymæ facultatis in Oriente versatum, ab Ægyptiis, à Persis, ab Indis multa didicisse.* E quem visse a este grande *Chymico*, ou *Adepto* peregrinando de terra em terra, com o pobre trato de Philosopher, e de peregrino, e ouvisse que fazia algumas maravilhas, curando varias enfermidades, e fazendo com a sua grande scienza muitos prodigios, como insignissimo *Hermetico*, imaginaria, que as suas artes eraõ industrias para viver, ou para enganar os Magnates, com o intento de rece-

ber delles algum beneficio , ou premio , para fazer a sua fortuna ; coufa , que não podia pertender hum Chymico tão rico , como herdeiro de hum pay , que hospedou em sua casa ao Monarca mais opulento , e o Exercito mais numeroso , que vio o Mundo ; porque constava de cinco mil Nāos , e de cinco milhões de combatentes , como podeis ver no Sermaõ da primeira Dominga do Advento , que anda na quinta parte do grande Vieira. E se do trato humilde , vida peregrina , e sciencia Hermetica , se fizesse argumento contra a sua riqueza , e Philosophia , persuadindo-se alguem pelo que viaõ os olhos , que era pobre , e ignorante Democrito , he certo , que se enganava , como com outros semelhantes *Adeptos* muitos homens se enganaõ.

Esta era na minha estimacāo a verdadeira causa do seu perpetuo riso ; porque não podia Democrito deixar de se rir continuamente de muitos homens ignorantes , e presumidos de fabios , que julgaõ as realidades pelas apparencias , as substancias pelos accidentes , os talentos pelos vestidos , ou entendimentos pelas caras , e os interiores , pelo que vem os olhos ; porque como este Philosopho tinha visto grande parte da terra , e alcançado os maiores segredos com a sua extraordinaria sabedoria , conhecia com toda a evidencia , que na dilatada esfera do Mundo , ainda entre os que estudão , e sabem alguma coufa , saõ infinitos os tolos. Pôde haver mayor fatuidade , do que julgar pelo gosto proprio a felicidade alheya , quando a felicidade humana consiste em concordar a vida com o genio , como escreve Bacon , varão mayor , que todos os que produzio Inglaterra : *Felices dixerim,*

xerim, quorum indoles naturalis cum vita sua generē congruit? Dos vagabundos com capa de Peregrinos, disse Henrique Cornelio Agrippa no seu livro da vaidade das sciencias, que naõ trocariaõ a sua vida pela dos Magnates. Esta sentença approva o doutissimo Feyjoo, porque a segue no seu Theatro Critico, tratando da humildade, e alta fortuna. O gosto he vida; e a vida gostosa, diz Gracian, he a verdadeira felicidade. Por isso alguns Chymicos como Paracelso, e Democrito, estimão mais a sua peregrinação com saude, e com dinheiro, para verem as Cortes, e grandezas do Mundo, do que o descanso com que vivem muitos fabios sem dinheiro, nem saude, fechados, ou cativos na voluntaria prizaõ da sua Livraria, aonde os seus estudos sem experiençia saõ dignos do riso de Democrito.

A sabedoria, como vindia do Ceo, anda neste globo terrestre peregrina; naõ he facilachalla senão peregrinando; errando por este Mundo, se aprende a naõ cometter erros. Passadas, que se daõ peregrinando, saõ degraos para a casa do desengano. Das suas fontes sahem os rios muito pequenos, crescem correndo, e levaõ mares ao mar. Homens, que da sua terra naõ sahem, saõ navios, que acabão no estaleiro; porém sahindo, saõ como os vapores, que na terra eraõ lodo, e apartados della, se fazem Estrellas. Servelhe a Patria de Horizonte em que nascem, e a peregrinação de Hemispherio em que brilhaõ. Que nome teriaõ hoje no Mundo os Socrates, os Pythagoras, os Platões, e outros fabios da antiguidade, se a modo de cepos, ou troncos, que aonde nascem, lançaõ raizes, e no seu proprio

prio chaō apodrecem, ficāraō como arvores enter-rados na terra onde nasceraō, e naō buscāraō fóra da Patria as notícias, que lhes faltavaō? Os fabios peregrinos, saō como as fontes, que correndo pe-la terra por veas de Prata, e Ouro, Esmeraldas, e Saphiras, Diamantes, e Pedras finas, tomaō, e levaō comsigo as virtudes das suas preciosas qualida-des. Zombe embora Plutarcho dos que louvaō a peregrinaçaō, e diga que se parecem com os que jul-gaō as Estrellas errantes mais nobres, e felices que as fixas; porque no exemplo das Estrellas devem aprender todos os fabios, que sendo Estrellas: *Qui ad justitiam erudiunt multos quasi Stællæ in perpetuas æternitates*; sempre devem peregrinar como as Es-trellas, que cada dia correm o Mundo, e nem no mesmo Firmamento tem firmeza; porque se tem observado, que nem as Estrellas do firmamento saō xas.

ENODIO. Não posso sofrer a injuria, que in-justamente fazeis a muitos fabios, como errado jui-zo, que de todos fazia Demacrito; porque este Philosopho soy hum homem doudo, como os Ab-deritas seus naturaes escreveraō a Hippocrates, cha-mando-o, ou rogando-o por huma embaixada, pa-ra que se dignasse de hir curar aquelle maniaco.

ENODATO. Agora me quero eu rir tambem de vós; porque me pareceis verdadeiramente louco. Não lestes nunca em Laercio, que ouvindo Hip-pocrates a embaixada dos Abderitas, respondera, que se a enfermidade fosse outra, elle hiria logo cu-rar a Democrito; porém que retirar-se das gentes, para hir viver nos desertos, o que elles reputavão por doudice, mais era para invejar, que para cu-rar,

rar ; porque nunca Democrito estivera mais sizado, nem tivera o juizo mais fam , do que quando fugia dos homens , para viver desterrado , e peregrino : *Habere in eo magis , quod suspiciat , quam quod sanet : & illud Schema vitæ esse fātam , tutamque animæ sanitatem : nulloque modo melius sibi consuli contra pestilentem hominum aīram , quam recipiendo se in tuta solitudinum loca.* Chegando em sim Hippocrates à prelença de Democrito , achou que naō estava louco , senaō muito prudente , e muito sabio , aindaque taō mal reputado pelos idiotas , como o Supremo Dictador da Medicina refere na carta , que escreveo a Dionysio , dando-lhe conta da embaixada , e relatandolhe a doudice da Philosopho : *Ego vero neque morbum ipsum esse puto , sed immodicam doctrinam , que re vera non est immodica , sed ab idiotis putatur.* E na carta , que tambem escreveo a Damageto , confessa Hippocrates , que taō fóra estava Democrito de ser doudo , que antes era o homem mais sabio do seu tempo , o qual com a sua doutrina o ensināra , e por elle communicāra a todos os homens a sua grande scien- cia : *Non insanit Democritus , sed super omnia sapit , & nos sapientiores efficit , & per nos omnes homines.* E daqui pôdereis entender , como saõ falsos os juizos dos homens naturaes da terra , onde nascem os Philosophos como Democrito ; porque saõ taō neulos , que depois que estes sabios alcanção os mayores segredos das sciencias , e artes , peregrinando pelo Mundo natural , ou pelo Orbe literario , quando no seu retiro , e peregrinaçāo lhes fazem algum ob- sequio , publicamente lhes chamaõ doudos. Porém consolaõ-se nestas injurias com o verdadeiro jui- zo ,

zo , que da sua peregrinaçao , e sciencia fazem os homens doutos como Hippocrates; porque examinando-lhes a sabedoria , e avaliando prudentemente o seu retiro, invejaõ, e louvaõ o seu grande entendimento.

ENODIO. He muito antigo, e muito verdadeiro, que ninguem he Propheta sem honra , senão dentro na sua Patria ; e agora vejo , que tambem injustamente a perdem os peregrinos fóra della; porque desconhecidos os seus entendimentos, saõ reputados por fatuos , sendo verdadeiramente os homens mais entendidos. Porém como o desconhecimento da sua grande sciencia he occasião do seu desprezo , naõ me parece que os *Hermeticos* se raõ injuriados na sua Patria ; porque o conhecimento da sua admiravel sabedoria lhes segura todas as estimações. He certo , que se em qualquer terra houvesse hum *Adepto* conhecido , o qual empregasse a sua Arte em serviço , e utilidade da Patria , todos os seus Patricios lhe levantariaõ huma estatua publica , para eterno testemunho do seu agradecimento , e padraõ immortal da sua fama. Por isso censuro aos *Hermeticos* viverem peregrinos por terras alheyas , ou encobrirem a sua grande sabedoria, vivendo na sua Patria.

ENODATO. Facilmente vereis o erro do vosso discurso noclaro espelho da experiencia. Na Corte de Pariz floreco na *Philosophia* , *Mathematica* , *Poesia* , *Pintura* , e na *Chymica* , o famoso *Hermetico* Nicolao Flamel ; e ouvindo Carlos VII. Rey de França , que com grandes dispêndios fundava , e dótava quatorze Igrejas , e outros tantos Hôspitales , mandou por hum Mestre de Requetes chamado **Carmoisy**, segun-

segundo escreve Borel, averiguar os meios por ond
de Flamel ajuntara mais de dous milhões, com que
não só fundou, mas dotou com grandes rendas os
ditos Hospitais, e Igrejas : a esse Ministro des-
cobriu Flamel, que ajuntara todas aquellas rique-
zas, com a virtude admiravel da *Pedra Philosophal*,
que lhe mostrou dentro em hum vidro. E sem em-
bargo de que o certifica a Real Academia de Fran-
ça, como se lê a folhas duzentas e doze do seu
famoso Diccionario, não faltão Autores France-
zes, a quem segue o doutissimo Feyjoo, que assi-
-mem o contrario, levantando em lugar de Estatua
publica, para honra, e fama de Flamel, hum falso
testemunho à sua pessoa, para sua infamia, e des-
honra; porque escrevem, que tendo Flamel mané-
jo nas fianças, ganhou tão grosso cabedal com rou-
bos, e extorções, especialmente sobre os Judeus
daquelle Reyno, fingindo, que tinha adquirido
aquele dinheiro com a sua *Chrysopela*, para com es-
ta industria evitar o castigo, que merecia, por fa-
zer tão exorbitantes latrocínios. Eis aqui os pane-
gyricos, com que costumão elogiar os Patricios aos
Hermeticos, e os Padrões, ou Estatuas, que lhes
levantaõ, por empregarem tão util, e virtuosamente
a sua Arte, em beneficio da Patria, e da
Nação. Porém eu estimara, que os Francezes, ou
Feyjoo, me concordassem a piedade, e virtude,
com que Flamel fundava, e dotava tantas Igrejas, e
Hospitais, com o vicio, e peccado de roubar para
obras tão santas o dinheiro ? E como souberão mais
tarde os Autores Francezes, o que não pode ave-
riguar logo El Rey de França ? He certo, que se Fla-
mel tivesse manejo em fianças, não seria novo para

X

Car.

Carlos VII. a sua grande opulencia; novidade se-
ria para a Magestade Christianissima, naõ ser rico
Flamel, podendo ser Ladrão. Naõ posso porém
deixar de condemnar agora outra grande incohe-
Theatr. Cri-
tric. Tom. 4:
Discurs. 13.
n.66. fol. 354.
rencia, com que Feyjoo nega, ou duvida o credi-
to aos Autores Francezes, ácerca das suas tradi-
ções, sobre a vinda do Areopagita a Pariz: Laza-
ro, Martha, e Maria a Marelha: o Anjo trazendo
do Empyreo as tres Lises ao Rey Clodoveo: a
Pomba, que trouxe do Ceo a Santa Ambula, ou
Redoma de Remis, cheya de hum precioso balsa-
mo, com que se usagão os Reys de França: a fun-
daçao da Monarchia Franceza em Faramundo; e
a instituicão da ley Salica, dandolhe o mesmo Fey-
joo tanto crédito na tradiçao dos roubos, e extor-
sões de Flamel. Naõ sey como concorda crer, e
juntamente naõ crer nas tradições dos mesmos Au-
tores Francezes?

ENODIO: Todos os Philosophos tem suas
paixões como homens; e naõ podereis agora ne-
gar, que sendo vós tão grande venerador de Fey-
joo, só porque elle escreveu com demasiada paixão
contra o Lapis, o impugnais também como apa-
ixonado. Porém já que o contradizeis com tanto
fundamento em alguns pontos da sua doutrina, do-
rveis por credito voso, e da *Philosophia Hermetica*
refutar todos os seus argüimentos, e desfazer a in-
consequencia; com que elle, impugnando a *Pedra
Philosophal*, argue tão forte, e efficazmente aos Her-
meticos, que totalmente os deixa convertidos.

§. XII.

Refutao-se finalmente todos os mais argumentos, que contra a Chrysopeia oppõem o Reverendissimo Feyjoo no seu Theatro Critico.

ENQDATO. **N**unca a paixaõ me cegou o entendimento para deixar de conhecer, e amar a verdade depois de descuberta; mas sempre me escandalizou ver a imagem da mentira, collocada no throno da verdade; e derrubando até agora a verdade, a estatua da mentira, como ao Idolo Dagón lançou por terra no primeiro encontro a Arca do Testamento, neste segundo, e ultimo combate cahirá a mentira do altar à vista da pureza da verdade, e com a cabeça, e mãos cortadas ficará, como o Idolo, fóra do Templo da fama, aonde estava tão idolatrada.

E principiando pelos quatro principaes argumentos: funda-se o primeiro sobre a ignorancia, que há dos principios *Chymicos*; e de premissas de ignorancia não pôde Feyjoo inferir, ou tirar conclusão de sciencia. Nem, como ensina Daniel Sennert, pertence ao *Chymico* disputar de principios: *Sed sciendum, de principiis disputare non esse Chymico qua Chymicus*; e nestes termos, deixando agora o que como Medico, e Philosopho me pertencia, vamos sómente ao que importa. Funda-se o segundo em que nenhum *Chymico* introduz o Sal na composição dos metaes, nem do Ouro feitos pela *Arte Magica*; porque sem fazerem os *Hermeticos* expressa menção do Sal, faltão sómente no Enxofre, e no Mercúrio.

Feyjoo Thea.
tr. Crit. Tom.
3. Dicurs. 8.
num. 12, fol.
162.

Sennert. loci
cit. cap. 1. fol.
181.

rio; e sendo o Sal o elemento precisamente necessario para a composiçāo dos mixtos, por dar todo o pezo, e firmeza aos corpos, com muito mayor razaō deve entrar na composiçāo do Ouro; porque he mixto de mayor pezo, e firmeza do que nenhum dos outros metaes. Porém Sendivogio no seu Tratado do Enxofre descreve a grande pendencia, que com o Enxofre teve o Sal em huma fonte, ou per-
to della, sahindo o Enxofre ferido do Sal, e cor-
rendo das feridas leite em lugar de sangue, do
qual nasceo, ou manou hum Rio caudaloso, em cu-
jas agoas se sumergio Diana, e querendo salvallā
o Sol naquelle naufragio, Diana afogou comigo
ao Sol, ficando ambos sepultados nas agoas, atē
que finalmente resuscitāro. E o famoso Medico
d'El Rey de França Pedro Joao Fabro se confessā
ser preciso o Sal para a compoçāo dos mixtos, e
acrescenta, que sem elle se não pôde obrar cou-
sa alguma na Obra Grande: *Unde sine sale nil in ar-
te nostra efficere possumus*; tambem declara, que os
Chymicos não fallaō no Sal, por ser mysterio-
so, e necessario o seu grande, e importante silen-
cio; porque sendo o Sal a chave da Arte, o mes-
mo seria fallarem nelle, que entregarem a todos as

Petr.Joah.Fa- chaves dos seus thesouros, e segredos: *Ratio au-
br. apud Mág. tem qua ad tale silentium sunt moti, fortasse est, quia*
Tomo 1. Bi- *iphi noluerunt clavis artis patefacere; Sal enim nos-
blioth. Chem. trum est vera clavis artis, & absque illo, nec Sal-*
lib. 1. sect. 3. *phur, nec Mercurius in lucem patefieri possunt. Por-*
subsect. 1. cap. *isso os Hermeticos fallaō sempre mysterio, e enig-
10. fol. 296. maticamente na explicação dos metaes, e dos seus
phenomenos; porque confessando que os corpos
metallicos constaō de Sal, Enxofre, e Mercurio,*
naō

naõ entendem por estes tres principios os corpos vulgares do mesmo nome , senaõ outras substancias semelhantes a elles ; e para occultarem mais a intelligencia da sua Philosophia , attribuem aos metaes Corpo , Alma , e Espirito , entendendo pelo Espirito o Mercurio , pela Alma o Enxofre , e pelo Corpo o Sal , como se põde ver no Collegio Chymico do grande Ettumullero : *Chymici , ut exaltius metalla eorumque phenomena explicent , docent , quod illa constent ex Mercurio , Sulphure & Sale ; quæ doctrina est antiquissima , & jam olim à Raymundo Lullio recepta. Intelligenda vero per hæc tria principia Sal , Sulphur , & Mercurium , non vulgaria illa corpora ; sed ut res clarior fiat , per Sulphur intelligenda venit substantia acido-pinguis , à qua metalla faciem habent ignitionem & excandescientiam. Per Mercurium humiditas radicalis metalls , seu principium tare , à quo habent faciem fusibilitatem. Nominis salis substantia metalli fixior , sere de natura altalium (quia absorbet acidum) ligans Sulphur & Mercurium , & cum ijs in substantiam metallicam fatiscens ... Convenit hæc explicatio cum illo Chymicorum , quando nimirum metallis corpus , animam , & spiritum tribuere , per corpus intelligendo Sal , per animam Sulphur , per spiritum Mercurium , qui extrema quasi conglutinet atque confirmet , constringatque. E à vista do que escrevem Ettmullero , Fabro , e Sendivogio , claramente se segue do argumento de Feyjoo , que elle naõ entendeo , ou naõ leo muitos Authores Hermeticos ; e naõ põde ser argumento contra a sua mysteriosa Philosophia , a pouca noticia de Feyjoo por falta de estudo , ou de intelligencia. Funde-se o terceira , em que o Enxofre , e o Mercurio dos*

Ettmuller.
Tom. 1. Colleg. Chymic.
Metal. in gener. lect. 33.
fol. 377.

me-

metaes nāo sāo homogeneos, como se vē nestes mesmos principios, tirados por destillaçāo das plantas; e da mesma sorte, que as plantas sāo diversas entre si, sāo tambem entre si diferentes os metaes. E sendo naturalmente impossivel fazer huma planta dos principios de outra planta; tambem serā impossivel fazer hum metal dos principios de outro metal. Esta paridade porēm nāo estā tambem ajustada como Feyjoo entendeo; porque as plantas sāo tāo diferentes entre si, como os seus principios, cuja diversidade se conhece na diferença dos fructos, e dos seus sabores, como tambem nas diversas virtudes medicinaes, que segundo neste argumento pondera Feyjoo, nos ditos principios se experimentaō. Mas na essencia, e na raiz todos os metaes sāo o mesmo, e tem tanta conveniencia, que sō differem entre si pelos accidentes, e maturações, originado tudo da pureza, bondade, e mistura dos seus principios, de que resulta facilmente a sua trasmutaçāo, como dilcorre o referido Et-

Ettmuller.

Tom. 3. Col-
leg. Pharm. cap. 10. Mine-
ral. fol. 265. *In radice ergo, & essentia omnino inter-
se convenientia metalla, maturitate vero, aliisque acci-
dentibus, saltem differunt, que ex principiorum com-
ponentium puritate, & bonitate, horumque varie pro-
portionata miscella originem ducunt; unde, & mu-
tatio transmutabili existunt.* E sendo esta soluçāo tāo
natural, e verdadeira, para com subtilissimas ins-
tancias acreditar o seu engenho, suppōem o Rever-
endissimo Feyjoo, que „ los Alquimistas diran, que
„ cada planta es un mixto perfecto de por si, pri-
„ mariamente intentado por la naturaleza, como
„ los de mas contenidos debajo del mismo genero,
„ pero no assi los metales, en quienes la natureza
„ siem-

siempre intenta la producion del oro, y los demás metales se comparan a el, como lo imperfecto a lo perfecto dentro de la misma especie, por esto entran en ellos los mismos principios, que componen, ó estan destinados a componer el oro; pero muchas veces no arriba la naturaleza a la perfeccion de la obra, ó por las impuridades de la Matriz, ó porque los principios no estan combinados en la proporcion de cantidad debida à cada uno, ó por otro estorvo. Pero todo esto se dice voluntariamente, y fuera de toda probabilidad. Si el intento de la naturaleza fuese solo formar el oro, y la distincion de los metales à él fuese la que hay de lo imperfecto à lo perfecto dentro de la misma especie, en las mismas mineras del oro la misma vena, que ultimamente, en fuerza de mayor decocion, ó depuracion, viene a ser de oro, se veria antes en el estado de plomo, estaño, hierro, cobre, y plata: así como porque la naturaleza intenta el arbol en su debida magnitud, se ve antes ir gradualmente passando por menores ejimensions, y porque intenta el fructo maduro, y sazonado, se ve antes en diferentes grados de verde, y desabrido. Y esta paridad se hallará ser muy ajustada, si se hace reflexion a que los Alquimistas llaman maduracion aquella ultima perfeccion, que los principios metalicos logran en el oro. No hallandose, pues, esto en la experientia, es claro, que los demás metales son mixtos perfectos, adequadamente distintos del oro, y intentados, como él, primariamente por la naturaleza. Porém a esta instancia se responde, que *todo esto se dice*

176 *Emea, ou Aplicaçao do Entendimento;*
dice voluntariamente, y fuera de toda probabilidad; porque os metaes imperfeitos tem mais semelhança com os corpos enfermos, como diz Santo Alberto Magno, do que com o augmento das plantas, e a verdura dos fructos, conforme discorre Feyjoo nesta instancia, que vem a ser a mesma difference, que elle assingna entre o perfeito, e o imperfeito; e assim como nem todos os corpos nascem doentes, naõ saõ tambem todos os metaes enfermos, ou imperfeitos no seu nascimento; por isso nas minas naõ apparecem sempre os metaes como os fructos das arvores primeiro verdes, e depois maduros, ou fazonados; mas quando ficaõ no estado de Chumbo, Estanho, Ferro, Cobre, e Prata, por serem estas enfermidades taõ grandes, que as naõ pôde vencer só a natureza, por serem contrahidas nos principios da geraçao, vence-as admiravelmente a *Arte Magna* com a sua *Universal Medicina*, o que naõ pôde fazer a *Chrysopelia* nos fructos das arvores, que intempestivamente cahem da planta, e por outros varios modos adoecem, e se malograõ, porque entre os fructos, e os metaes, ou entre as enfermidades dos metaes, e os achaques dos fructos ha huma difference taõ grande, que serve de disparidade ao paralelo, que Feyjoo presumio estava bem ajustado. E paraque a experiençia; de que este Author naõ tem noticia, confirme o que tenho dito, ouçamos outra vez a Ettmuleto, que com excellentes razões, e experiençias explicando-se metaphoricamente pela maturaçao dos metaes, mostra como fazonandose, ficaõ transformados: *Cum itaque metalla in radice convenienti, & non nisi gradu & perfectione differant, facile patet, quid*

quid de transmutatione metallorum sit statuendum. Nempe non repugnat, metalla imperfectiora, ignobiliora, & immaturiora, ad maiorem gradum perfectionis, nobilitatis, & maturationis, perduci posse. Notum enim est, quod *Saturnus* mutetur in *Solem*, teste *Helmontio*; aliaque metalla in *Solem* transeant, teste experientia. Res certa est. Non enim differunt formaliter, sed tantum maturitate; inde si maturationis debitum acquirunt gradum, abeunt in verum aurum. Ita *Luna* si perfectius figatur, evadit in aurum saltem ut eidem deficiat tinctura, quam mutuatur à *Venere*, cum haec de ente *Solis* participet. Huc quadrant versiculi illi *Basilii Valentini*:

Intus sum cæruleus & albus;
Quando consequor pretium fixum.
Venus me vestit subito,
Veste purpurea, & coccinea.

Ettumuller.
Tom. 1. Col-
leg. Chymic.
lection. 33.
fol. 377:

Toda a transmutação dos metais depende do seu Enxofre, que mais, ou menos puro, em todos he o mesmo. Daqui vem ser o Enxofre o sujeito das transformações, que dà, e recebe as tinturas. A Prata fixa, he Ouro branco, e com a addição do Enxofre Solar, fica perfeito Ouro. Com Espírito de nitro besoartico, se tira a cor amarella ao Ouro, e fica branco como Prata, de sorte, que já se não dissolve com Água Regia, se não com Água Forte, mas pode-se tingir outra vez, e transfor-
mar em Ouro, que se dissolverá só com Água Regia.

Funda-se finalmente o quarto, em que admittendo, que do Ouro se pode extrahir a tinctura propria, chamada Mercurio, ou Enxofre, he falso, que nesta tinctura resida a virtude seminal, e

Z

activa

activa do Ouro ; porque nem o Enxofre , nem o Mercurio do Ouro , juntos , ou divididos , saõ o agente , mediante o qual a natureza faz o Ouro : logo naõ reside nelles a virtude activa do Ouro ; e a razão disto he ; porque a Arte naõ tem actividade , nem pôde produzir agente algum , mas só applica aquelle mesmo , de que usa a natureza . A natureza para a producçāo do Ouro naõ usa do Enxofre , nem do Mercurio antes de lograr aquella perfeita depuraçāo , ou maturaçāo , que tem quando compoem este metal , nem depois que a logra . Depois do logro naõ ; porque quando o Enxofre , e o Mercurio chegaõ à sua perfeita depuraçāo , já o Ouro está formado , naõ sendo outra couisa o Ouro , conforme os *Alchymistas* , que hum mixto composto de Mercurio , e Enxofre depurados : e depois do logro muito menos ; porque os principios metallicos no estado de imperfeiçāo naõ pôdem produzir a maior perfeiçāo metallica , qual he a do Ouro . Bem mostrou Feyjoo neste argumento , que professava pobreza ; porque do Ouro naõ possue senão humas remotas , e falsas notícias , e dos metais naõ tem verdadeiro conhecimento . Entendeo ,

Feyjoo Thea- que de hum *Vapor fluidissimo* se forman tambien los
tr. Crit. Tom. *Bronces* ; sendo os Bronzes artefactos compostos do
3. Discurs. 13. Estanho , e Cobre , e naõ productos de vapores ;
§ 21. num. 84. por isso lhe nego o antecedente do seu enthimema ,
fol. 324. e a razão em que se funda ; porque a natureza natura-
rada , naõ he como a Natureza naturante , que cria
as couisas de nada ; e de nada formaria o Ouro , se
naõ usasse do Enxofre , e do Mercurio ; porque
sendo estes os principios , de que se compoem este
metal , como dizem todos os Philosophos : *Hinc
dicunt*

dicunt Philosophi, quod aurum nihil sit, quam puris-
simus Mercurius coagulatus à fixissimo Sulphure; se-
a natureza em nenhum tempo se valle delles, e no
Ouro se não achaõ outros, não se serve de ne-
nhuns principios para a sua produçao; e assim
obra a natureza na creaçao do Ouro, como obrou
o Author della na creaçao du Mundo, fazendo
creaturas de nada, cousa, que só descubro na sub-
tileza deste argumento. Quando o Enxofre, e o Mer-
curio chegaõ à sua perfeita depuraçao, diz Feyjoo,
já o Ouro está formado: ora seja assim; mas essa he
a obra da natureza, depurar perfeitamente os prin-
cpios, para delles formar perfeitos mixtos. E
se os principios no estão da imperfeição, como
diz Feyjoo, não pôdem produzir a mayor perfei-
çao metallica, qual he a do Ouro, para isso he;
que os aperfeiçoa a natureza, fixando o Enxofre, e
coagullando o Mercurio. E se os *Hermeticos* dizem,
que o Mercurio he a materia do *Lapis*, saiba Feyjoo,
que fallaõ do Mercurio Philosophico, e não do Mer-
curio do Ouro; porque o Ouro tem pouco uso na *Al-
chymia*, e erraõ gravemente todos os *Alchymistas*, que
do Ouro pertendem fazer, ou entendem, que se faz
a *Pedra Philosophal*, a qual se deve procurar na raiz
dos metaes, e não em os metaes perfeitos, como ensi-
na Miguel Ettmullero: *In Alchymia quoque est pau-
cissimi usus, ut ideo gravius errant, qui ex Auri cor-
pore metallico lapidem Philosophorum elaborare contem-
dant; qui tamen non ex metallis perfectis, sed ex radi-
ce potius metallorum est querendus. Mercurius Philo-
sophorum est decantatissima illa materia pro lapide Phi-
losophorum. Hic Mercurius Philosophorum ex nulla
perfecto metallo elaboratur, sed proximè ex ente metal-
lorum*

Zij

lorum

Ettmuller.
Tom. 3. Col-
leg. Pharm.
cap. 10. de
Auro., fol.
260.

Ettmuller.
Tom. 1. Col-
leg. Chymic.
lect. 38. de So-
le fol. 393.

Ettmuller. *lorum primo, seu ex radice metallorum producitur.*
 Tom. 1. Col- Porém sempre do Ouro se tira o fermento da *Chry-
 leg. Chynic. sopeia*, para que faça o Ouro mais perfeito, segun-
 lect. 31. de do adverte o mesmo Author: *His pro fermento de-
 Mercur. fol. terminante aurum addendum, ut fiat aurum plusquam
 373. perfectum; e. por este modo o fazia taõ puro El-
 Rey Salamaõ, tirando o fermento *Chrysophilo* do
 Ouro de Tharsis, e de Ophir, que excedia nos
 quilates ao Ouro de Hungria, que abaixo do *Chy-
 mico* he o mais puro, e excellente de todos.*

ENODIO. Ainda que respondestes engenho-
 sa, e doutamente a estes quatro argumentos, re-
 nho por certo, que se Feyjoo ouvira agora as vos-
 sas soluções, as impugnaria com a mesma facilida-
 de com que se livra da contradicção, de que o ar-
 gue o Author da *Appellaçao sobre a Pedra Philosophal*,
 por ter dito Feyjoo em huma parte, *que es possible
 la produccion artificial del oro, y en otra, que es im-
 possible*; porque conforme responde Feyjoo, não
 há contradicção en decir al principio, que es possible
 Feyjoo Tom. *absolutamente la produccion artificial del oro, y probar*
 4. Discurs. 12. *despues, que es impossible por los medios, por donde la*
 §. 15. num. 39. *intentan los Alquimistas; que vem a ser o mesmo,*
 fol. 299. *que dizer, que es absolutamente possible, que un hom-
 bre buele, y añadir despues, que es impossible, que
 buele con alas de plomo.*

ENODATO. Com essa distincção não salva
 Feyjoo a inconsequência, porque admittindo pos-
 sível a producção artificial do Ouro, necessaria-
 mente ha de conceder a sua possibilidade pelos me-
 dos, ou Arte, com que os fabios *Alquimistas*, por
 muitos, e diferentes modos, como lemos em Pi-
 co, e Causino, intentaõ, e conseguem a *Chrysopeia*,
 e Ar-

e *Argyropeia*, que he a famosa *Arte Magna* de fazer Prata, e Ouro; ainda que alguns māos artifices, sem discredito da *Alchimia* nāo saibaō dispor os meyos, methodo, ou Arte para conseguir o fim da *Obra grande*; como sucede a muitos Dialecticos imperitos, sem discredito da Logica, nāo fazerem hum sylogismo perfeito, inferindo rectamente a consequencia das premissas, por nāo saberem dispor os meyos; porque ha outros Philosophos Peripateticos tāo insignes neste artificio, como Aristoteles; e nāo faltaō *Philosophos Herméticos*, tāo sabios na operaçāo da *Chrysópeia*, como *Hermes*. Agora vereis claramente a sua contradicçāo. Louva Feyjoo a Theophilo traductor de *Æirineo Philaleta*, e confessa, que *Philosofa mui bien sobre la Feyjoo Tom. posibilidad del oro artificial*, explica oportunamente, 3. Discurs. 8. como el arte puede hacer las obras de la naturaleza; lo §. 1. num. 3. qual consiste, en que usa de los sujetos, y agentes naturales, de modo, que la naturaleza pone la actividad, y solo curren por cuenta del arte la dirección, y aplicación: logo tambem confessa, que Theophilo, tendo Alchimista, com os meyos de que usa, e pelos meyos com que intenta, pôde fazer Ouro artificial; porque suppone los principios Chymicos, y los aplica Feyjoo Tom. muy racional, y methodicamente a su intento; e por este modo, ou meyo, tendo negado, que os Chymicos com os meyos, com que intentaō fazer o *Lapis*, possaō fazer a *Chrysópeia*, nāo só confessa que Theophilo, mas que todos os mais Alquimistas, que obraō o mesmo, pôdem fazer tāo facilmente Ouro pela *Arte Magna*, como nega aos homens voar com azas de chumbo. Concede a possibilidade da transmutaçāo dos metaes, convencionado con la famosa expre-

experiencia de la transmutacion del hierro en cobre por medio de la Piedra Lipis, ò vitriolo azul; porque comprueba especiosamente la possibilidade de la transmutacion metalica. E como este meyo de fazer a transmutaçao dos metaes, he hum de los medios por donde la intentan los Alquimistas, segue-se com evidencia, que com os mesmos meyos, diz contradictoriamente Feyjoo, ser possivel, e impossivel a transformaçao dos metaes.

Naõ destroe tambem Feyjoo com razao alguma a famosa experiencia do Ferro transformado em Cobre; antes confessa, que si en las experiencias, que propone el traductor de Philaleta en orden a la transmutacion del hierro, estanno, y plomo en cobre, no ay alguna fallencia, su argumento no dexa de bacer harmonia. Quando se argumenta com demonstraçao fundada em experiencia, naõ se duvida, averiguase, se he falla, desacredita-se; sendo verdadeira, naõ se porsia, nem se teima. Como pois diz Feyjoo, que no nos consta, si lo que resulta de la operacion en dicha experiencia, es verdadero cobre, ò solamente el hierro depurado de algumas partes mas grosseras, con lo qual adquiere aquella semelhança de cobre? A esta duvida respondo com Sennert, impugnando em proprios termos a Nicolao Guiberto. Tendo Sennert mostrado, que no Monte Carpatho de Hungria, e na Jeffaria havia humas fontes, que com as suas agoas transformaõ o Ferro em Cobre; como de outras do Monte Cuntricense o affirmaõ tambem Joaõ Mattheus, e Lazaro Eslero, acrescenta, que o mesmo effeito faz a Arte Chymica com Sennert. loc. as agoas vitrioladas: *Neque hoc saltum aquæ naturales praestant, sed ex Arte idem fieri potest. Ferro enim*

enim in aquam vitriolatam conjecta pulvis rubeus ad
herescit, qui igne fusus cuprum evadit ... Et propter
terea laborat Nic. Guibertus, Lotharingus Medicus,
qui nihilominus ista in dubium vocare, & tot exper-
ientiis tota Europa notissimis convictus, etiam de
transmutatione Ferri in cuprum scribere quidet: Id apud
aliquos semidictos (tales scilicet sunt, si Guiberto
credimus, Aricola, Wernerus, Mathesius, & alii)
siquidem invenisse: mitionem quidem esse & tempe-
raturam satis exactam, quae dederit mendacio lo-
cum, non esse formam mutationem. Qui si ad ex-
amen judicij & rationis prius hoc revocassent, longe
aliter sensissent. Quasi per totum Imperium Ro-
manum, fide publica, omniumque artificum & Do-
cim starum consensu non esset notissimum, cuprum illud
genuinum esse, immo eo, quod multis in locis e terra
effoditur, praestantius. Et Guiberto, nescio quas ra-
tiunculas in contrarium afferenti, plusquam tot arti-
ficium censurare, & non unius seculi experientiae, fideliter
habendum, & umbratilis ad pulpitum speculatio ex-
perientiae tot artificum praeferenda sit. Homine impe-
rito nihil est ineptius! Estando esta transmutação do
Ferro em Cobre, e a do Mercurio em Chumbo,
provada com a experiência, como se pôde ver em
João Rhenano, allegado por Sennerto, não sey
para que disputa, ou dúvida Feyjoo sobre coufas
sabidas, e averiguadas por todos, senão para mos-
trar, que ignora o que todos sabem, ou que pa-
dece aquella enfermidade, que Aristoteles chama
fraqueza do entendimento: *Querer rationes, &*
demittere sensus infirmitas quadam mentis; e com de-
bilidade na cabeça he temeridade muito arriscada
entrar em desafio com a *Pedra Philosophal*; porque
o La-

Aristotel. 8.
Physic.

184. *Ennæa, ou Applicaçāo do Enteudimento,*

o *Lapis* lança por terra ainda aos mais fortes gigantes, ferindo-os mortalmente na cabeça ; e se a cabeça he de Ouro, tocandolhe a *Pedra* no Ferro, e barro dos pés, facilmente a reduz a poucas cinzas. Se o Ferro, Estanho, e Chumbo artificialmente se convertem em Cobre, fendo a materia dos metaes a mesma do Ouro, como diz Santo Alberto Magno : *Metalla differunt inter se accidentali forma tantum, non essentiali*, no que concordaõ todos os *Philosophos Chymicos*, que razão tem Feyjoo para negar, ou duvidar le possaõ transformar tambem em Ouro pela industria da Arte ?

Nem Feyjoo pôde negar, que os *Alquimistas* possaõ applicar o agente a materia proxima para formar o Ouro, confessando, que puede el arte aplicar aquell'agente, sea el que fuere, que tiene actividad para formar el oro, à aquella materia proxima de que se forma el oro ; porque a Arte naõ he outra cousta, se naõ o methodo acertado, e scientifico, com que obraõ perfeitamente os Artifices, e admirome de que perguntando Feyjoo admirado, que repugnancia se puede señalar para que la diligencia del hombre los conosca, y aplique ? Depois lhe assigne por repugnancia humas azas de chumbo, para lhe abater os voos. Se os homens pôdem coahecer, e applicar o agente, como duvida, que o appliquem, e conheçaõ, supondo o agente visivel, e com existencia ? E ainda que diga, que confessan los mismos *Alquimistas*, el arte no tiene actividad, ni puede producir agente alguno, si solo aplicar aquell' mismo de que usa la natura-leza : o mesmo Feyjoo confessa, que a Arte com os seus instrumentos tem actividade para produzir novas substancias, que naõ existiaõ, como se

vê

vê no exemplo do vidro tirado das cinzas , ou da terra pela actividade do fogo: y se se nota la grande attruidad , que tiene el fuego (instrumento da Arte) para induzir nueva textura , aun en las partes insensibles de los cuerpos , que resuelve , se hallará sumamente verisimil , que de su accion resulten nuevas substancias , que no existian en el cuerpo dissuelto. Como pôde logo o fogo com o instrumento da Arte , ou a Arte com o instrumento do fogo produzir novas substancias , fenaõ produz nenhum agente ? Naõ entendo esta Philosophia. Sem fogo não se faz vidro : he o vidro engenhosa produçao do fogo , que entre as suas luces gerou o agente de taõ clara produçao. Pcdendo pois do mesmo modo produzir a Arte o agente do Ouro , e applicallo à sua maſeria proxima os Alquimistas , naõ sey como lhe nega Feyjoo fazer Ouro , se elle mesmo tudo isto já tem concedido ? Se este elevadissimo engenho , siguiendo el camino medio , entre Philosopheros , e Alquimistas , voa seguro como Dedalo , abata algumas vezes mais os vons , e naõ forme com a sua penna azas de chumbo , para se naõ precipitar como Icaro.

Nega o argumento , ou Aquilles dos Chymicos , fundado em varias historias de transformações de metal em Ouro ; porque nenhum dos Authores , que daõ esta noticia , foy testemunha de vista de taõ admiravel operação ; contradizendo-le nas *Glorias de Hespanha* , quando pertende defender a existencia de Bernardo del Carpio , sem embargo de que Feyjoo Tom. 4. Diſcurſ. 13. §. 18. num. 62. não ha Historiador , que testemunhasse de vista as suas proezas ; mas deixando agora o argumento da contradicção , de que se naõ pôde livrar , mostremos a Feyjoo os seus descuidos. Princiramente

Santo Alberto Magno he testemunha de palavra, e de vista: *Quod scimus*, (diz elle) *loquimur, & quod vidimus, testamur*; e Joāo Scoto, Doutor Subtil, afirma, que teve nas mãos a *Chrysopeia*, como se pōde ver em Beyerlinck *Verbo Chymia*, aonde me admrito o naō vissle Feyjoo, vendo no *Theatro da vida humana* algumas cousas com que pertende impugnar a Pedra Philosophal: *Ut illum non somniaisse, sed manibus tractasse filij scientiae firmiter credant*. Como se Escoto previra, que Feyjoo depois de escrever contra a *Chrysopeia* com o fundamento de que ninguem a vio, naō só diz, que a teve nas mãos, mas declara, que a vio, como quem por naō estar dormindo, e sonhando, tinha os olhos abertos, desmentindo com esta declaraçāo as instancias, que este grande Critico lhe podia oppor com a doutrina do seu doutissimo discurso intitulado *Scepticismo Philosophico*. Sobre a grande authoridade de Alberto Magno, e do subtilissimo Escoto, entre agora a do Joāo Pico Mirandulano, aquelle homem grande entre os mayores, que já Hespanha naō pōde invejar à Italia, porter, como escreve Feyjoo, criado o seu Abulense, o qual testifica, que na sua presençā fizera muitas vezes, e por muitos modos Ouro, e Prata hum seu amigo, que ainda era vivo no tempo em que escrevia: *Vivit ad hanc diem vir mihi notus, & amicus, qui plus sexages suis manibus ex rebus metallicis aurum, & argentum confecit me praesente, nec una tantum via, sed multis id est assequuntus*. E no seu Diccionario tambem affirma Luiz Morey, que Joāo André vio em Roma fazer Ouro a Arnaldo de Villanova, como se vê nestas palavras:

Mirand. op. aur.lib.3. cap. 2.
Morery L.A. *Le premier établit ce qu'il avance sur la transmutation*
fol. 305. *cion*

cion metallique, que Jean Andre dit, il luy vit faire a Rome. Finalmente em Sennerto acharà Feyjoo as testemunhas seguintes, que todas saõ, como declara o mesmo Author, naõ só de ouvida, senão de vista: *Fide digni testes, non auriti solum, sed & oculati confirmant & eloquuntur*: Anselmo Boecio, Medico Cesareo, Duarte Kelleo, Alexandre Sidonio Scoto, André Livavio, Wolfgango Denheim, Nicolao Bernaudo, Bernardo Penoto, Hoghelande, Wengero, e outros muitos, que refere, e deixa por antigos, e conhecidos; e quando naõ houvera estas testemunhas taõ calificadas, bastava affirmar Theophilo, aquem naõ contradiz, Feyjoo, que vira em Brusselas transformar os Metaes em Ouro ao Conde Rocheri, e ao Duque de Baviera Maximiliano Emmanuel, Governador dos Paizes Baixos.

ENODIO. Naõ posso replicar contra o testemunho de tantas, e taõ grandes pessoas; e muito menos contra o que referis do Conde Rocheri, e do Duque de Baviera; porque Feyjoo o naõ impugna, mas se elle aqui estivera, naõ se daria por convencido com a authoridade de Pico Mirandulano, por occultar o nome do seu amigo, que tantas vezes, e por tantos modos fazia Ouro com a Arte.

ENODATO. Antes esta authoridade de Mirandulano para ninguem tem mais força, do que para Feyjoo; porque na segunda parte das *Glorias de Hespanha*, tambem naõ nomea, mas inculca hum grande sujeito da sua Religiao, que canoniza por milagre de toda a erudiçao, e raro exemplo da modestia; e com tudo pertende, que lhe demos mui-

to credito sobre a sua palavra , obrigando-se por este modo tambem a crer a Mirandulano, ao menos por cortezia , quando não seja por necessidade ; porque não há maior razão para crermos a Feyjoo, e não crer elle a Pico.

ENODIO. Fique a reposta dessa instancia escondida no mesmo silencio , em que tambem estão occultos os nomes de doas homens tão grandes , e tão aureos , hum na riqueza , outro na sabedoria ; e vede , que haveis de responder ao argumento com que impugna Feyjoo a transmutaçao dos Metaes em Ouro , feita por Raymundo Lullio na Corte de Loadres , por se não achar esta noticia em Author primordial , senão em Roberto Constantino , Medico Francez , que floreco dous seculos depois de Lullio.

ENODATO. Agora basta dizer-vos , que de Feyjoo Tom. ve Feyjoo dar tanto credito a Roberto Constanti-
4. Discurs. 13. no no que escreve de Raymundo Lullio , como per-
§. 18. num. 60. tende , que demos a D. Rodrigo , e a D. Lucas no-
fol. 350. que contaraõ de Bernardo del Carpio ; porque to-
dos estes Escritores igualmente , como elle diz ,
escreverão muitos seculos depois , que viverão
aqueles Heroes , contradizendo a sua narraçao o si-
lencio de todos os Historiadores , que os preeedem-
raõ ; e contradizendo muito mais Feyjoo neste
argumento ; porque o reputa por forte contra a
Chrysopœia de Lullio , e por debil contra a exis-
tencia de Bernardo ; e não pôde sem contradicção ad-
mittir o debil , e o forte no mesmo argumento ; por-
que saõ contraditorios , como o sim , e o não , e tão
opostos , como a luz , e a sombra , o dia , e a noi-
te , o verdadeiro , e o falso. Porém não pôde negar
Feyjoo

Feyjoo, que nesta igualdade, maior certeza ha no que refete Constantino de Raymundo, do que no successo, que escrevem os Historiadores de Bernardo; porque Raymundo, como confessa Feyjoo, escreveo da *Chrysopœia*, affirmando, que sabia a *Arte Magna*, conforme vio Feyjoo em fragmentos da sua obra; e de Bernardo nao vio ninguem a espada; nem temos ao menos troncadas as imaginadas relações, que nelle fallaraõ.

ENODIO. Esses fragmentos da obra de Lulio, diz Feyjoo, que nada provaõ, em quanto nao constar, que alguém guiado por aquellas suas instruções fizer Ouro, o que nunca ja mais succederá.

ENODATO. Menos prova Feyjoo com a sua prophecia, nao sendo propheta; e com o seu discurso, nao sendo conchidente: como se ha de aprender a fazer Ouro por huma obra troncada; aonde põem faltar os principaes preceitos da Arte; e os principaes segredos da *Chrysopœia*? Se lendo Feyjoo obras inteiras de outros *Hermeticos*, confessa, que as nao entendeo; como ha possivel entender as que estao imperfeitas? A'lem de que, se os homens, que estudarem por esta obra, nao entenderem o artificio *Hermetico*, como pode a ignorancia de quem estuda, e nao entende, provar tambem a ignorancia de quem escreveo? Muitas coisas forao antigamente verdadeiras, ainda que hoje se nao saibaõ, nem entendaõ. Ja se nao sabe escrever compendioso, como no tempo de Ennio: ja 4. Discurs. 12. se nao tocaõ os instrumentos, como no tempo de S. 12. num. 31. Alexandre; e ja se nao preparaõ Mumias, como fol. 295. no tempo dos Egypcios. Será bem inferir daqui, que

que nunca houve essas Mumias no Egypto ; taes instrumentos no tempo de Alexandre ; nem a es- critura compendiola no tempo de Ennio , que o mesmo Feyjoo tanto exalta ?

ENQDIO. Como o vosso intento he condemnar em Feyjoo o mesmo , que elle argue aos *Her- meticos* , para que ferido pelos mesmos fios faça pazes com os contrarios , ou fique duvidosa a victoria , pareceme , que naõ rebatereis este golpe , com que elle fere aos *Alquimistas* sem reparo.

„ De Arnaldo de Villanova , diz Feyjoo , refieren „ algunos Jurisconsultos , citados por Beyerlink en „ el Theatro de la vida humana , y por el Padre „ Delrio en las Disquisiciones Magicas , que por „ el Arte Alquimico hizo algunas varillas de oro , „ las quales publicamente ofrecio en Roma à to- „ do examen. Pero como es creible , que siendo „ tan publico el hecho , el Summo Pontifice , que „ reinaba entonces , no se aprovechasse , siendole „ tan facil , de la habilidad de Arnaldo en bene- „ ficio de la Iglesia , juntando para ella immensos „ tesoros ? En conciencia debia hacerlo , y pues „ no lo hizo , es claro , que no dio Arnaldo las „ muestras , que se dice de su habilidad , y que „ los Jurisconsultos que se citan , no tuvieron otro „ testimoniaio del hecho , que alguna hablilla vul- „ gar .

ENQDATO. Naõ me admiro de vòs me opores essa duvida , i senão de que Feyjoo fizesse contra a *Chrysopera* tão infeliz argumento ! Como he tambem crivel , que prevaleça a sua presumpção contra o testemunho de tantos Jurisconsultos ? Como averiguou este Critico tão tarde , o que tan- tos

tos homens sabios , e prudentes naõ poderão indagar mais cedo ? He melhor o seu discurso , do Feyjoo Tom. que o juizo dos outros ? São por ventura mais pru² dentes , ou mais verdadeiros Arrião , Quinto Curi² num. 62. fol. 4.D.scurf. 13. Plutarcho , e outros Historiadores de Ale² 351. xandre Magno , ou D. Rodrigo , e D. Lucas no que dizem de Bernardo del Carpio , do qué tantos , e tão sabios Jurisconsultos no que affirmaõ de Arnaldo de Villanova ? Para vós conhecerdes o poulco fundamento , com qué Feyjoo argumenta contra à *Chrysopeia* de Arnaldo , vedeo Diccionario de Morery L. A. Morery , e achareis , que este grande Medico temendo ser prezado em França por ordem do Papa Clemente V. por causa de alguns erros , que tinha cometido sobre pontos de Religiao , fugio de Pariz para Sicilia , aonde soy behr recebido , e muito estimado d'El Rey Federico de Aragaõ , que o amparou , e recolheo no seu Palacio ; e passados alguns annos ; o mandou a França , para curar o mesmo Pontifice , estando muito doente , e na viagem naufragou na Costa de Génova , antes da morte do Papa . Por re² peito de Philippe IV. Rey de França , trasladou Clemente V. a Cadeira de S. Pedro de Roma para Avinhaõ , e naõ esteve em Roma no tempo , em que Arnaldo expoz as varas de Ouro a publico exame . Nem o Papa com as discordias , que entao teve com El Rey de França , sobre a eleição do Imperador Henrique VII. e com os cuidados de convocar Concilio para Viena de França , teve descanso para averiguar pelos tres Cardeas , que de Avinhaõ mandou para Governadores de Roma , o que nesta grande Cidade obrou Arnaldo de Villanova ; e ainda que tivesse esta noticia , eraõ tão grandes os

os bandos, tão erueis as guerras, e tão escandalosas as tyrannias entre os Guelphos, e Gabelinos, que não podia o Pontifice mandar prender este homem na Italia, nem ainda dentro da mesma Roma, não só porque o amparava, e defendia El Rey de Sicilia, mas porque ao mesmo Emperador Henrique VII. armado, e acompanhado de hum exercito, não obedeciaõ os moradores de sta grande Metropoli, por estar a mayor parte dos Romanos, ajudados de Roberto Rey de Napolis, e dos Ursinos armados, e divididos em esquadras, e senhores das maiores fortalezas da Cidade, de tal force, que em quanto o Emperador esteve em Roma, e os dos os dias houye batalhas, e mortes pelas ruas, e Praças da Cabeça do Mundo, de que resultou não se poder coroar Henrique VII. na Igreja de S. Pedro, como era costume, e ver-se obrigado a receber a Coroa Imperial em S. João de Latrano. Pelo que indignado contra Roberto, o citou, e priou por huma sentença do Reyno de Napolis, a qual annullou logo o Papa, por ter aquelle Reyno feudatario só à Igreja, e passados poucos dias morrerão primeiro Henrique em Italia, e Clemente em França. Vede vós agora, como o Pontifice cuidaria em mandar prender a Arnaldo, para o obrigar a reveljar o segredo, ou para fazer Ouro em beneficio da Igreja, estando elle fugido de França, e amparado na Italia com a protecção d'El Rey de Sicilia, que naquelle tempo era tão poderoso, que a instancia do Emperador, por ter contratado casar sua filha com hum filho de Federico, moveu guerra com huma poderosa Armada contra Roberto, ajudado pelo mesmo Emperador, que pessoalmente

mente marchava por terra com o seu exercito para Napoles, e na jornada o mataraõ com veneno, que lhe deraõ em huma particula, sem nenhum temor das suas armas. E dous annos antes da exaltaçao de Clemente V. ao Pontificado, tendo o Papa Bonifacio VIII. grandes discordias com Phelippe IV. Rey de França, que por estas differenças lhe prendeo hum Bispo seu Nuncio, ou Embaixador, convocou Bonifacio hum Concilio, para proceder contra Phelippe, e privallo do Reyno, como fez por sentença, dando esta Monarquia ao Imperador Alberto I. o qual por ter já naquelle tempo casado seu filho Rodulpho com Dona Branca, filha do Rey Christianissimo, recusou politicamente esta ardua empreza. Porém crescendo os motivos do odio, e inimisade entre o Rey, e o Papa, passou a tanto excesso a ira de Phelippe, que mandou prender o Pontifice estando na Cidade de Agnania, por hum atrevido Romano do bando Gebelino, chamado Sarra, que depois de prezo, intentava levallo a França, e se o não levou a Pariz, toda a vida o teve dentro em Roma na prizaõ, em que morreu, parece, que em castigo de ter feito o mesmo a seu antecessor o Santo Pontifice Celestino V. depois de lhe persuadir, que renunciasse o Pontificado. E à vista destes tragicos successos, naõ estavaõ aquelles calamitosos tempos muito propicios, para os Pontifices mandarem prender fugitivos de França a Italia, nem a Roma; quando em Roma, e na Italia, desobedeciaõ, e matavaõ os Emperadores, e sem respeito prendiaõ, e deixavão morrer encarcerados os Pontifices.

A'lem destas razões politicas, que houve para

Bb

não

não conseguir Clemente V. o segredo da *Chrysopæia*, saiba Feyjoo, que a conservação, e augmento da Igreja Catholica Romana não depende da riqueza da Terra, senão da providencia do Ceo. He a Igreja Catholica hum espiritual edificio, fundado por Christo em huma só, e unica Pedra, que he Pedro, e não admitté para a sua conservação, nem a *Pedra Philosophal*, a união da Igreja Romana, que exclue depois de Pedro, e seus sucessores, todas as outras pedras. E se naõ, vamos à experiençia. No Padre Kircker terà lido Feyjoo, que alguns *Chymicos* imputaraõ ao Papa Joaõ XXII. que com a *Chrysopæia* ajuntara grandes thesouros; e confessá com Platina, que este Pontifice ajuntara grande quantidade de Ouro: *Certe Platina in ejus vita post mortem ingentem auri copiam apud eum inventam esse.* E o mesmo Kircker vio hum livro escrito na lingoa Franceza com este titulo: *L'art transmutatoire du Pape Jean XXII. de ce nom*, em que, segundo elle escreve, se trata do modo, e razão, com que por beneficio da Arte *Magna*, fez o Papa Ouro natural, e verdadeiro no seu Palacio de Avinhaõ. Agora pergunto: E que fez este Papa com tanto dinheiro *Chymico* em utilidade da Igreja? Quanto mais glorioso foy sem a riqueza da *Chrysopæia* hum Benedicto I. chamado por sua grande charidade pay dos pobres? Quanto mais famoso foy hum Pelagio II. que fez o seu Palacio Hospital da pobreza? Quanto mais util foy à Igreja hum Alexandre V. que costumava dizer aos seus amigos, fuy Bispo rico, Cardeal pobre, e Papa mendicante? Como estariaõ seguros os thesouros da Igreja, se no Pontificado de Clemente V.

té V. ou de seus sucessores, houvesse em França, ou na Italia, não digo as perseguições antigas, senão as que sofreo o Papa Estevão III. as prizões, que matarão ao Pontifice Benedicto V. os perigos, que ameaçarão a Innocencio IV. os atrevimentos, que arrastarão pelas ruas, e depois prenderão a Gregorio VII. nem os inimigos, que obrigaraõ a fugir de Roma a Alexandre III. mas os ambiciosos intentos de Cesar Borja, mais que do Papa Alexandre VI. que se não satisfaziaõ senão com escandalosos roubos, que intentavaõ executar com tantas mortes? As Chaves da Igreja Romana, que deo Christo a S. Pedro, e a seus sucessores, saõ chaves do Reyno do Ceo: *Claves Regni Cælorum*; e com Chaves do Reyno do Ceo não quer Christo, que os seus Vigarios fechem thesouros da terra.

E N O D I O. Facilmente desfizestes a objecção, que Julio Cesar Scaligero oppoz contra Hieronymo Cardaao; referindo elle, que o Boticario de Treviso convertera Mercurio em Ouro na presença de Andrè Gritti, Doge, ou Duque de Veneza, e dos principaes Patricios daquella famosa Republica; porque, como diz Feyjoo, he o mesmo argumento, que elle tambem forma contra Arnaldo de Villanova, fundando-se em que se isto fosse verdade, o Senado Veneziano se tivera servido daquelle Boticario, para enriquecer com immensos thesouros a Republica de Veneza. E como Feyjoo despreza as soluções, que o Padre Del Rio dá a este argumento, por saber com certeza, que o Senado se não aproveitou da *Chrysopeia*; porque se possuira este segredo, estaria Veneza Senhora,

nao só do Imperio Othomano, mas tambem do Mundo todo, como se farà, conclue o mesmo Author, qualquer Republica, que possa augmentar os seus thesouros sem limite.

ENODATO. Não discorre Feyjoo neste argumento como Theologo, nem ainda como Politico; porque não adverte, que sendo os Imperadores Romanos os mais ricos Monarchas do Mundo, elles com as suas riquezas, não conquistarão, antes perderão totalmente o seu Imperio, que com a sua pobreza, escreve o mesmo Feyjoo, adquirio a Republica Romana. Em temelhantes *principios* estabelecerão os Turcos o Imperio Othomano. Nem a Republica de Veneza, e os maiores Reynos, e Imperios do Mundo, tiverão outros fundamentos mais illustres. Principiando todos com batalhas, e com roubos, estaão fundados *nas riquezas*, que conquistarão, ou roubárao *com as armas*, e não *nas terras vencidas*, ou compradas com dinheiro. Não me mostrará Feyjoo algum Imperio comprado, ou adquirido com Ouro: eu sim lhe mostrarey, que o dinheiro, e o Ouro arruinou grandes Reynos, e Imperios. Salamão Rey de Israël com os seus thesouros sem limite, não conquistou nem hum só palmo de terra, fóra dos limites do seu Reyno; e perdeu El Rey Ezequias o Reyno de Judà, por mostrar os seus thesouros a Baladan, Embaixador de Berodach Rey de Babylonia. Com o muito dinheiro, que Duarte IV. Rey de Inglaterra deu ao Emperador Adulpho I. para o ajudar pefsoalmente a conquistar o Reyno de França, não conquistou França, e foy causa de perder o Imperio Adulpho; porque offendidos os Eletores, e outros

Feyjoo Tom.
4. Disc. 13. §.
8. n. 29. fol.

333.

Reg. 4. 20.

outros Principes de Alemanha, de que Adulpho sendo Emperador, aceitasse soldo d'El Rey de Inglaterra, e naõ falta quem escreva, que descontentes de naõ repartir com elles o Ouro, com que comprou o Condado de Misna ao Landgrave de Turingia, o privaraõ da dignidade Imperial, elegendo a Alberto I. que não só lhe succedeo no Imperio, mas tambem lhe tirou a vida com a ponta da espada, encontrando-se com elle, e ferindo-o mortalmente no rosto, na memoravel batalha de Wormes, junto da Cidade de Spira. *Escriven algunos*, accrescenta Pedro Mexia no fim da vida de Adulpho, que estando en este trance, le dixo el Duque Alberto en alta voz, aqui perdereis el Imperio Adulpho; y que respondio el, esso Alberto està en la mano de Dios. Naquelle conflicto podera o Emperador Adulpho provar a sua proposiçao com a Oraçao, que na Sesta Feira da Paixão conta a Santa Igreja de Roma, pedindo tambem com ella a Deos, que puzesse benignamente os olhos no Romano Imperio: *Omnipotens sempiterne Deus, in cuius manu sunt omnium potestates, & omnium iuris regorum: respice ad Romanum benignus Imperium.* Esta Oraçao não vio, nem ouvio o Reverendissimo Feyjoo, ou porque não sabe rezar senão pelo seu Breviario, ou porque a paixão com que escreveo contra a *Chrysopeia*, assim como lhe cegou os olhos para a não ver no Missal, tambem lhe ensurdeceo os ouvidos para a não ouvir na Missa da Sesta Feira da Paixão; porque só estando surdo, e cego, podia deixar de ver, ou de ouvir, que a mão Omnipotente de Deos, he a que dà, ou tira os Reynos, e os Imperios.

A Nabuchodonosor, primeiro Emperador dos Assy-

- Dan. 5. 18. Assyrios, ou Chaldeos, deo o Altissimo Deos o Reyno, a magnificencia, a gloria, e a honra, como a seu filho Balthasar disse o Propheta Daniel: *O Rex, Deus Altissimus, regnum & magnificentiam, gloriam, & honorem dedit Nabucodonosor patri tuo;* e ao mesmo Nabuco tirou Deos o Reyno, convertendo-o por tempo de sete annos em bruto, para que este soberbo Emperador soubesse, que o Excelso Rey de todos os Reys, e Monarchas do Mundo, dominava sobre os Reynos, e Imperios humanos, os quaes dà a quem elle quer: *Donec scias, quod dominetur Excelsus in regno hominum, & cuiuscumque voluerit, det illud.* Foy Nabuchodonosor Monarcha tão rico, que fez huma Estatua de Ouro de altura de sessenta covados, e leis de largura: *Nabucodonosor Rex fecit statuam auream, altitudine cubitorum sexaginta, latitudine cubitorum sex;* e com todo este Ouro não se pode conservar no throno, quando Deos o depoz do Solio, para castigar o seu elevado coraçao, e o seu espirito soberbo: *Depositus est de solio regni sui.* Porque como ensina a Fé, e diz o mesmo Propheta, não há quem resista à mão de Deos: *Non est qui resistat manui ejus.* Assim o experimentou Balthasar, quando tres dedos de huma mão mandada por Deos, escreverão na parede do seu Palacio a sentença, que o privou da vida, e do Reyno, que Deos lhe tirou, em castigo do sacrilegio commettido, por beber com os seus convidados pelos vafos sagrados do Templo de Hierusalem, para dar o mesmo Reyno a Dario Rey dos Persas, e Medos: *Apparuerunt digiti, quasi manus hominis scribentis.. ab eo missus est articulus manus, que scripsit hoc: Divisum est regnum tuum,*

Sobre a Pedra Philosophal. Dialog. I. cap. unic. §. 12. 199

& datum est Medis, & Persis. Eadem nocte interfectus est Balthasar rex Chaldaeus. Et Darius Medus successit in Regnum. Por esta razão confessou Cyro no principio daquelle Decreto, em que deo liberdade aos Israëlitas transmigrados, e cativos em Babylonía, que Deos lhe dera todos os Reynos da terra: *Hæc dicit Cyrus rex Persarum: Omnia regra terræ dedit mihi Dominus Deus Cœli;* e à imitação de Cyro confessão tambem esta verdade aquelles Monarchs, que no principio dos seus Decretos publicão serem Reys por graça de Deos.

Com a experiência de tirar Deos a Saul o Reyno de Israël, para o dar a David, escreveo profeticamente este grande Rey, que os Monarchs, e Reys da terra, que dominaraõ o Mundo, naõ conquistaraõ os Reynos, e os Imperios com o seu braço, e com a sua espada, senão com o braço invencivel, e com a mão direita de Deos : *Nec enim in gladio suo possiderunt terram; brachium eorum non salvavit eos, sed dextra tua, & brachium tuum.* Todos os Reys, Monarchs, e Emperadores Catholicos, allumeados com a luz da Fé, crerão firmemente esta verdade; porque ainda sem Fé lhe deo credito o mayor Emperador do Mundo, sendo Gentio. De Alexandre Magno vencedor de Dario, conta Josepho, que entrando em Hierusalem, sahio ao receber fóra do Templo o Summo Sacerdote Jaddo, revestido nos ornamentos Pontificaes, e que Alexandre vendo-o, se lançara a seus pés, e o adorara; e perguntado pela causa de tão desusada reverencia, tão alheia de sua grandeza, e Magestade, respondeo, que elle não adorara aquelle homem, senão nelle a Deos;

Psalm. 43.4.

Joseph. Anti-
quit. lib. 11. c.
8.

Alapid. apud
Vieyr. Histo-
ria Futur. c. 6.
num. 67. fol.
72.
por-

porquê reconhecerá, que aquelle era o habitó, o ornato, e a representaçō, em que Deos lhe tinha apparecido em Dio Cidade de Macedonia; e exhortando-o, a que emprendesse a Conquista da Persia, que naquelle tempo meditava, lhe segurara a victoria. O Senhor dos exercitos, que tinha revelado os quatro Imperios Mundo a Daniel, deo os triunfos ao grande Alexandre; porque o seu poder, e limitado apparato de guerra, era desigual a tão immensa empreza. O Exercito com que Alexandre sahio de Macedonia, como refere Plutarcho, e o prova com graves Authores, que tambem segue Vieira, ainda não chegava ao numero de quarenta mil homens, os bastimentos erão só para trinta dias, e não passavão de quarenta e douz mil cruzados da nossa moeda os setenta talentos de Ouro, que levava para estipendios. Como era possivel, que tão pouco dinheiro, e tão pequeno exercito bastasse para tão grande conquista, se a mão invisivel de Deos não puzera na cabeça de Alexandre Magno a Coroa do Imperio dos Gregos? Na vida de Julio Cesar, Emperador dos Romanos, que succedeo na Monarchia universal do Imperio dos Gregos, pondera Pedro Mexia, que conquistou mais terras com as armas, vencendo cincuenta batalhas, do que caminharia no mesmo tempo outro qualquer homem fazendo pacificamente as jornadas; porque tambem a Cesar tinha Deos promettido nas prophecias de Daniel o Imperio dos Romanos. Não conquistou Cesar o Imperio Romano com a sua riqueza, nem com a sua espada, deulho a mão de Deos, como vemos nas Prophecias.

Mexia Hist.
Imp. fol. 16.

Levan-

Levantou Deos no Mundo à Hieremias por seu Ministro , e a commissaõ , e officio , que lhe deu, foy esta: *Ecce constitui te hodie super gentes , & super regna , ut erellas , & destruas , & dissipes , & edifices , & plantes.* Hoje te ponhô , e constituo sobre as Gentes , e sobre os Reynos , para que arranques , destruas , e dissipes a huns , plantes , e edificues a outros. Naõ quer dizer Deos , como dis-
corre Vieira , que Hieremias hade arruinar , ou Vieir. Hilto-
edificar Reynos com a espada ; mas que os hade arruinar , ou edificar com as suas prophecias , pro-
fetizando a huns sua exaltaçao , e a outros sua def-
truiçao , e ruina. Se as prophecias resolutamente
dizem , que os Reynos se haõ de perder , ou ar-
ruinar , aparelhem-se sem remedio para a sua ruina:
e se dizem , que se haõ de estabelecer , e exaltar ,
creaõ sem duvida sua conservaçao , e augmento:
Ecce constitui te super gentes , & super regna. Estaõ
os Prophetas , e as prophecias sobre as gentes , e
sobre os Reynos , ou como Astros benignos , que
influem , e promettem suas felicidades , ou como
Cometas tristes , e funestos , que influem , e amea-
çaõ suas ruinas. Levantem pois os Reys , e os Reynos os olhos , olhem para esses sinaes do Ceu , e
se os virem Estrellas , esperem ; se os virem Comet-
as , temão. Mas porque muitos Reys esperão don-
de deviaõ temer , por isso erraõ , e se despenhaõ ,
e se perdem , e perecem muitos. Se Achab Rey de
Israël temera , como devia temer , a prophecia de
Micheas , desistira da conquista de Ramoth-Galaad
em que taõ teimosamente insistia : mas porque quizz
antes esperar , como naõ devera , nas promessas , e
lisonjas yãas de seus aduladores , em hym dia per-

202 *Ensaio, ou Aplicaçao do Entendimento,*

deo a batalha, a conquista, a coroa, a vida. Naõ põdem as armas, e as riquezas dar a victoria a El-Rey Achab, quando nas prophecias està segura Ramoth.

Hierem. cap.
21. & 22. per
totum & cap.
34.

Eldr. 1. cap. 1.

Hierem. 29.
10.

Clamava a prophecia de Hieremias ao Rey, e Principes de Hierusalem, que se accommodassem com Nabuchodonosor, contra o qual naõ podiaõ prevalecer; mas porque El-Rey Sedecias, fiado na potencia de suas armas, quiz antes experimentar a fortuna da guerra, que vir a honestos partidos com os Assyrios, prevalecerão estes emfim, como o Propheta tinha promettido; e o Rey conheceo tarde a temeridade do seu conselho. Que diferente foy o de Cyro, prudente, e famoso Rey de Babylonie! Entendeo este mesmo excellente Principe, pela mesma prophecia de Hieremias, e pelas de outros Prophetas, que o cativeiro, e sogeiçao dos Israëlitas, que elle tinha debaixo de seu Imperio, naõ queria Deos, que durasse mais de sesenta annos; e tanto que estes se acabaraõ (sendo Gentio. Idolatria) sem partido, sem interesse, sem obrigaçao, nem reconhecimento, os restituhió todos livres à sua Patria. Contentou-se o Gentio, com o que Deos se contentava, e naõ quiz perpetuar a servidaõ, quando Deos tinha limitado annos ao castigo: creo as prophecias sem serem suas, qu de seus Oraculos, senão dos mesmos Israëlitas; porque tendoas experimentado verdadeiras na sentença do cativeiro, fora cobiça, e naõ razão tellas por falsas na promessa da liberdade. Agora perguntara eu a Fecyoo, se he possivel, à vista destes exemplos, que os Venezianos com a sua *Chrysopeia*, possão conquistar o Imperio Othomano, e o Mun-

do

do todo, derrogando os decretos absolutos da Providencia? Boecio, aquem segue Santo Thomaz, e com elle commummente os Theologos, definindo a Providencia, diz, que he a serie de todas as cousas, e suas cautas ordenadas na Mente Divina, e encadeadas, e ligadas entre si, com huns nos maravilhozos, e secretos, que ninguem pôde desatar: *Providentia est series causarum, rerumque in mente Dei, quæ omnia suis necit ordinibus, miris, artifice, sed arcanis modis*; e Cornelio commentando o melmo Boecio, ainda o declara com mayor expressão: *Deus per congruos Providentiae suæ modos, quos in thesauris sapientiae suæ reconditos habet, facit ut omnes rerum, temporumque successus invicem apposite neclantur, ac velut anfulæ sibi invicem inserantur, & catenam elegantem efficiant.* De sorte, que, os successos dos tempos, e das cousas, aindaque pareção diversos, e encontrados, estaõ na Mente Divina, e na sua Providencia ordenados, e atados entre si de tal modo, que como aneis, ou fuziz enlaçados huns nos outros compoem huma uniforme, e elegante cadea. Esta cadea prendeo a Joséph, p ra do carcere subir a reynar no Egypto: esta cadea prendeo a Joaquim, e a Sedecias, para tirar a estes douos Monarchs o Reyno de Judá: esta cadea prendeo ao Emperador Henrique IV, para lhe succeder no Imperio Henrique V. e esta cadea finalmente prendeo outros Monarchs para do Throno descerem aos carcères, ou dos carcères subirem ao Solio. Não acho nas historias exemplos, de que as Espadas, ou os Ouros, rompessem, nem corrompessem os aneis, e fuziz da cadea da Providencia. Leyo porém, que só com a mão de Deos

se abre, e fecha o circulo desta cadea. Com a mão invisivel de Deos, e não com as mãos de Espadas, ou de Ouros se conquistaõ os Reynos, e se conservaõ os Imperios. Por isso Eduardo VI. Rey de Inglaterra pintou ao globo do Mundo no ar, pendente só de huma cadea de Ouro, cujo remate sustentava huma mão, que sahia do Ceo com este Epigrafe : *Nihil sine Deo*. Nada pôde o Ouro sem a mão de Deos. Com cadeas de Ouro não prendem os Monarchas o Mundo, cativaõ os seus proprios Imperios. Confórme as relações de varios

Bluteau Vo. Authores, que segue Bluteau no seu *Vocabulario*, cab. Tom. 6. fol. 150.

todas as mesas, bofetes, baxellas, vasos de cosinha, e outros moveis da Casa Real dos Incas do Peru eraõ de Ouro. Nas antecamaras havia Estatuas de Ouro, tamanhas como gigantes, e figuras de Ouro, em que se representavaõ ao vivo todo o genero de animaes, aves, hervas, arvores, e peixes, que nascem, e se criaõ naquelle Imperio. Tinhaõ huma casa de prazer, em que com mais ostentação da arte, que afronta da natureza, todas as flores, e plantas eraõ de Ouro, ou Prata mociça. As portas dos Templos eraõ cubertas de laminas, e chapas de Prata, entresachadas de esmeraldas. Por falta de cal, as pedras dos edifícios estavaõ liadas com Ouro, e Prata fundidos, e misturados com Cobre, e Chumbo. Na Cidade de Panchelma a pedra grande, que servia de concha na fonte publica, era de Ouro, e pezava vinte e quatro mil marcos; e havia casas cubertas de laminas de Ouro tão grossas, que doze homens juntos não podiaõ abalar huma dellas. No meyo de tantas riquezas, notou o grande Bluteau, não podiaõ faltar

tar prizões à liberdade do animo , e demonstrações do cativeiro. Havia huma cadea de Ouro do comprimento de trezentos , e cincuenta passos , e com fuziz todos da grossura de hum punho , aqual duzentos homens dos mais robustos naõ podiaõ levantar da terra. Quando lá chegaraõ os Castelhanos , foy esta cadea lançada em huma lagoa , e desde entao naó foy possivel achalla , nem tambem a liberdade perdida ; porque vivendo os Principes Incas , ou Ingas por mais de seiscentos annos , ricos , e livres , no anno de 1524. affogaraõ com aquella cadea a sua riqueza , liberdade , e o mesmo Imperio. Para se resgatar , offereceo Atabalippa vinte e sete milhões de Ouro ; e para os Indios recuperarem a sua liberdade offerecerão vinte e hum milhões ; e sem embargo dos Castelhanos lhe tomarem setenta milhões de Ouro , e outros tantos de joyas , os Indios ficaraõ cativos , e o Emperador Atabalippa , ou Atahualpa violentamente morto , depois de prezoo. Com todas estas , e outras muitas riquezas naõ pode Hespanha conquistar França , e no mesnho tempo perdeo Flandes , e Portugal , e pouco lhe faltou para naõ ficar cativa , quando com a felicissima acclamaçao do Augustissimo Senhor D. Joaõ IV. restauramos a nossa liberdade. Naõ ha riqueza , que como Ouro fulminante , naõ arruine com mayor estrondo , e mais estrago , do que a polvora , a Naçao , que a possue. Morreraõ degollados vinte e tres mil Hebreos , que no deserto adoraraõ o Ouro de suas joyas na imagem bruta de hum Bezerro ; e sendolhes o Ouro do Egypto taõ inutil como o de Midas , lhes conduzio castigos como o de Tolosa. Na mesma França com muitas mãos el-

Bluteau Vn-
cab. Tom. 6.
fol. 153
gri-

grimindo, ou jugando Espadas, e dispendendo Ouros às mãos cheyas, batalhou, ou jugou Luiz XIV. com todos os Monarchas, e Príncipes da Europa; e no fim de tantas guerras, negociações, e conquistas, acabou o jogo marcial, e político, perdendo quasi tudo quanto tinha ganhado, metendo-se para sempre na baralha.

ENODIÓ. Baralhemos nós agora os argumentos de Feyjoo, e mudemos tambem de naipe, pondo na mesa em lugar de hum Rey bellico de França, outro Rey Sabio de Castella. Que dizeis ao exemplo d'El Rey D. Affonso X. ou V. chamado o Sabio, ou Astrologo, que viveo pobre, posuindo a *Pedra Philosophal*, com que elle augmentava as suas riquezas, conforme escreve no seu Tratado *Deb Thesoro*? E não he possivel, como argue Feyjoo, que fazendo Ouro com a *Chrysopæa*, vivesse pobre.

ENODATO. Confesso-vos ingenuamente, que não sey responder bem a esse argumento, fundando-se mais na minha pobreza; do que na d'El Rey D. Affonso o Sabio; porque dizendo eu, como elle, que sey fazer Ouro com a *Pedra Philosophal*, ainda sou mais pobre, do que este Sabio Rey. Porém deveis advertir, que bem pode hum *Hermetico* ser pobre sem discreditó da *Arte Magna*, por não valer esta Arte aos mesmos pobres, aindaque sejão sabios; porque, conforme diz Santo Alberto Magno, para trabalhar com esta Arte, saõ necessarios, a qualquer Artifice cabedaes para se poder sustentar ao menos dous annos: *Unde pauperibus non valet ars ista, quia ad minus valet habere expensas duobus annis.* E como se ha de sustentar hum pobre

Div. Albert.
Magn. libet.
de Alchim. in
præf. fol. 2.

bre dous annos , e comprar o necessario para trabalhar na *Obra Grande*, faltandolhe o preciso para viver dous dias? Todas as aves nascem para voar, e nenhuma voa sem lhe nascerem , e crescerem primeiro as azas. Sem grandes , e crescidas azas como hade voar hum pobre fabio? Que importa, que hum pobre saiba voar, se não tem azas para subir? Sem o favor da riqueza , toda a sabedoria de hum pobre he ignorancia. Ainda que hum *Hermetico* saiba muito, sendo pobre , diz Santo Alberto Magno, todo o seu saber he o mesmo , que nada :

*Cum labor in danno est, crescit mortalis egestas,
Multus licet sapias, re sine, nullus eris.*

Div. Albert.
Magn. libel.
de Alchim. in
præfat. fol. 2.

Hum Philosopho *Hermetico* pobre , he como aquelle pobre fabio , que nos seus Emblemas descreve André Alciato com as azas na mão esquerda , e huma pedra na mão direita ; porque quando com o engenho aligero pôde voar sobre as mais altas torres , a pedra , ou a pobreza não o deixa levantar do chão :

*Dextra tenet Lapidem, manus altera sustinet alas:
Ut me pluma levat, sic grave mergit onus.
Ingenio poteram superas volitare per arces,
Me nisi paupertas invida deprimerebat.*

And. Alciat.
Embl. 121.

Sem riqueza , ou sem azas , a mesma *Pedra Philosophal* he pobreza. Não pôde voar o engenho tendo huma mão a *Pedra* , e outra as azas. Para unir as azas com a *Pedra Philosophal* intento como indutrioso *Hermetico* converter em Ouro , e Prata o vitriolo.

triolo da tinta com que escrevo, porque se imprimir, e vender as obras, que tenho composto, com as riquezas terey azas; e quando algum inimigo mas corte, como os cabellos a Sansão, crescerão com o tempo para sua ruina, e castigo. Não me cortarà a fortuna, quem presumir, que reprime os meus voos, cortando-me agora as azas, porque se as minhas obras chegarem às mãos de seus Augustíssimos Protectores, farão prodígios, e daraão fructo depois de cortadas; servindo so o corte de presagio de obrarem estas maravilhas. Nunca faria tão prodigiosos milagres a Vara de Moysés, senão chegara à sua mão depois de cortada; mas o ferro, que a separou do tronco, quando parece, que a fazia esteril, a dispoz para dar fructo, e fazer milagres estupendos. He mais fecunda a vide depois de cortada: o golpe do Agricultor he para a vide grande beneficio. Com os golpes do ferro escreve melhōr a penna depois de bem aparada. Com a penna aparada na mão tenho mostrado a fecundia, que excede a fecundidade da vide, ainda que não iguala o prodigioso da vara; e se como a Vara de Mercúrio transformar em Ouro, o que tem escrito a minha penna, esta *Pedra Philosophal* me dará azas para voar pelo Orbe Literario com outras Obras. Não vos pareçāo apocrifas estas Obras, que não vedes, como se pôde facilmente dizer do Tractado *Del Thesoro*, que Feyjoo confessā, que não vio; porque brevemente verá o Mundo, o que já virão, e approvarão os maiores sabios deste Reyno. Mas ainda que vos conceda, que El Rey D. Affonso escreveo, que fazia Ouro com a *Pedra Philosophal*, bem o podia fazer com a *Chrysopeia*; e não ser rico, como de si confessāo, sou

sou ao Reverendíssimo Padre Kircker o Emperador Fernando III. como já contra Feyjoo deixo ponderado. Ambos estes grandes Monarchas, ou Emperadores, fizerão Ouro com o *Lapis*; mas nem Fernando Sabia o segredo, nem D. Affonso alcançaria o mysterio, como ignoravão o Conde Rocheri, e o Duque de Baviera o enigma do Adepto, aquem diz Feyjoo, que tirou Rocheri a vida, e a *Chrysopeia*, para fazer Ouro.

ENODIO. Como nós estamos sós, não vos escandalizeis, se em nome de Feyjoo duvidar em segredo do testemunho desses doux Emperadores de Alemanha, entre os quaes contaõ alguns Historiadores a El Rey D. Affonso; porque como Sábios, podião jastrar de que não sabiaõ, para maior credito da sua sabedoria.

ENODATO. Agora quero eu romper o silencio, e levantar a voz, de sorte, que me ouça o Reverendíssimo Feyjoo, aindaque de tão longe, porque não duvido me dê ouvidos hum grande oráculo de Oviedo. He possível, Reverendíssimo Padre, que se atreva a incredulidade de Enodio, a duvidar da verdade dos Soberanos, lendo-se ainda hoje nos seus escritos, não se podendo duvidar do credito de D. Lucas, e de D. Rodrigo, pelo que ouvirão, ou lerão de Bernardo del Carpio, no silencio dos Historiadores? Se Vossa Reverendis- Feyjoo Tom. fima diz, que o argumento de Ferreras não prova 4. Discurs. 13. nada, por se fundar só, em que não há Authores §. 18. num. 59. coetaneos, ou imediatamente posteriores a Bernar- e 60. fol. 350. do del Carpio; que fálem nesté Heroe: como quer agora, que este argumento prove tudo, por não haver, como imagina, Authores, que víssem fazer

Dd

Ouro

272 *Ennea, ou Applicação do Entendimento,*

cuñana; porque esta Senhora, como Vossa Reverendíssima pôde ver no Capítulo quinto do *Conde Lucanor*, era tão extremosamente credula, que antepunha as extravagâncias de seu marido à evidencia da vista, e aos dictames do seu proprio entendimento? Finalmente, como se atrevo Vossa Reverendíssima a reprehender os *Hermeticos*, por intentarem todos conseguir o segredo da *Pedra Philosophal*; porque são raríssimos os que a achão; sem tambem ter condemnado, no seu *Theatro Critico*, como erro commum, os famosos Jogos Olympicos, aonde correndo todos os homens do Mundo, hum só conseguia a victoria, e a coroa: *Nescitis quod si qui in stadio currunt, omnes quedem currunt, sed unus accipit bravium?* E com tudo propoem o Apostolo S. Paulo este singular exemplo aos Corinthios para os animar, ou exhortar a que lucrem a bemaventurança. Mayor erro era correr o Mundo todo nos Jogos Olympicos, aonde hum só homem ganhava huma coroa de Louro, do que discorrer a *Escola Hermetica* sobre a *Pedra Philosophal*, ainda que hum só *Chymico*, ou raríssimos, alcanção o segredo de fazer Ouro. Não se pôde logo condemnar a *Escola de Hermes*, sem primeiro condemnar os Jogos Olympicos, que S. Paulo louva tanto, que sem embargo de terem nascido entre os Gentios, os propoem por exemplo aos Christãos. Mas para condemnar estes Jogos, he necessario censurar o Mundo todo; e para convencer os *Hermeticos*, tambem he necessario vencer a todo o Mundo.

Porém como eu não gosto de fallar com quem me não ouve, e de arguir a quem me não responde, concluamos ultimamente esta Crise, desfazendo

Ad Cor. 1.c.
9.24.

Sobre a Pedra Philosophal

do a inconsequencia, te aos Hermeticos, con mas palavras. „ Pero „ y juntamente mas „ en los Escritores. „ Todos, ò casi tod „ han escrito sobre „ pensable , que el „ arte, sea buen Chi „ intencion recta, de „ que sin essa inescusa „ garà a alcanzarse el „ Philosophal. Por otra „ secreto se comunicò „ nos , y los Autores primu „ que alegan , todos son canalla Sarracenia , „ Mahometanica : Geber, Rassis, Avicena, Haly, „ Calid, Jasich, Bendegid, Bolzain, Albugazal. „ De estos tomaron todo lo que escribieron , Lul- „ lio, Villanova , Paracelso, Basilio Valentino, el „ Trevisano, Morieno , Rosino, y los de mas Eu- „ ropeos , celebrando à aquellos por Adeptos in- „ signes , especialmente a Geber , que lleva la van- „ dera delante de todos. Conciertenme estas medi- „ das. Dicenos que es necessaria , para lograr la „ Chrysopeia , la practica del Evangelio , y al mis- „ mo tiempo nos proponen como los mayores Maes- „ tros del Arte , a los Sectarios del Alcoran. Passe- „ mos agora do argumento à soluçao , e do terceiro ao primeíro Tomo do *Theatro Critico* , aonde Feyjoo conta a seguinte Historia.

„ Mahomet Alibeg , Mayordomo Mayor de „ El Rey de Persia , al principio de el siglo passa- „ do,

I. cap. unic. §. 12. 215

214. *Emazez, ou* ~~do, subim a~~ *res, se lo adver-*
~~te que tenía cer-~~
~~respondió~~
~~do, Rey and~~
~~re, Todo lo~~
~~Magis-~~
~~eyjoo Thea,~~
~~tr. Crit. Tom. „~~
~~1. Discurs. 4. „~~
~~9. 6. n. 21. fol. „~~
~~88.~~
~~ta, y sion~~
~~la Rey~~
~~los~~

cuñana; porque esta Senhora, como Vossa Reverendíssima pôde ver no Capítulo quinto do *Conde Lucanor*, era tão extremosamente credula, que antepunha as extravagâncias de seu marido à evidencia da vista, e aos dictames do seu proprio entendimento? Finalmente, como se atrevo Vossa Reverendíssima a reprehender os *Hermeticos*, por intentarem todos conseguir o segredo da *Pedra Philosophal*; porque são raríssimos os que a achão; sem tambem ter condemnado, no seu *Theatro Critico*, como erro commum, os famosos Jogos Olympicos, aonde correndo todos os homens d' Mundo, hum só conseguia a victoria, e a coroa: *Nescitis quod si qui in stadio currunt, omnes quidem currunt, sed unus accipit bravium?* E com tudo propoem o Apostolo S. Paulo este singular exemplo aos Corinthios para os animar, ou exhortar a que lucrem a bemaventurança. Mayor erro era correr o Mundo todo nos Jogos Olympicos, aonde hum só homem ganhava huma coroa de Louro, do que discorrer a *Escola Hermetica* sobre a *Pedra Philosophal*, ainda que hum só *Chymico*, ou raríssimos, alcanção o segredo de fazer Ouro. Não se pôde logo condemnar a *Escola de Hermes*, sem primeiro condemnar os Jogos Olympicos, que S. Paulo louva tanto, que sem embargo de terem nascido entre os Gentios, os propoem por exemplo aos Christãos. Mas para condemnar estes Jogos, he necessario censurar o Mundo todo; e para convencer os *Hermeticos*, tambem he necessario vencer a todo o Mundo.

Porém como eu não gosto de fallar com quem me não ouve, e de arguir a quem me não responde, concluamos ultimamente esta Crise, desfazendo

Ad Cor. 1.c.
9.24.

do a inconsequencia, com que elle
te aos *Hermeticos*, contradizendo-se co
mas palavras. „ Pero la in consequencia
„ y juntamente mas ridicula, (diz elle) que finalmen-
„ te en los Escritores de Alquimia, e la sig-
„ Todos, ò casi todos los Autores Christianos,
„ han escrito sobre ella, dan por precepto indi-
„ pensable, que el que se haya de aplicar a esta
„ arte, sea buen Christiano, devoto, humilde, de
„ intencion recta, de conciencia pura; y assientan,
„ que sin essa inescusabile circunstancia, nunca lle-
„ garà a alcanzarse el gran secreto de la Piedra
„ Philosophal. Por otra parte confiesan, que este
„ secreto se comunicò de los Arabes a los Lat-
„ nos, y los Autores primordiales, ò Princepes
„ que alegan, todos son canalla Sarracenica, y
„ Mahometanica: Geber, Rassis, Avicena, Haly,
„ Calid, Jasich, Bendegid, Bolzain, Albugazal.
„ De estos tomaron todo lo que escribieron, Lul-
„ lio, Villanova, Paracelso, Basilio Valentino, el
„ Trevisano, Morieno, Rosino, y los de mas Eu-
„ ropeos, celebrando à aquellos por Adepts in-
„ signes, especialmente a Geber, que lleva la van-
„ dera delante de todos. Conciertenme estas medi-
„ das. Dicenos que es necessaria, para lograr la
„ Chrysopeia, la practica del Evangelio, y al mis-
„ mo tiempo nos proponen como los mayores Maes-
„ tros del Arte, a los Sectarios del Alcoran. Passe-
mos agora do argumento à solucao, e do terceiro ao
primeiro Tomo do *Theatro Critico*, aonde Feyjoo
conta a seguinte Historia.

„ Mahomet Alibeg , Mayordomo Mayor de
„ El Rey de Persia , al principio de el siglo passado ,

„ do, subio a tan elevado puesto deste el humilde
 „ eyjoo Thea- „ estado de pobre Pastorcillo. Un dia, que aquel
 tr. Crit. Tom. „ Rey andaba a caza, le encontrò tañendo la flau-
 1. Discurs. 4. „ ta, y guardando cabras en el monte. Por diver-
 g. 6. n. 21. fol. „ sion le hizo algunas preguntas; y prendado de
 88. „ la vivacidad, y agudeza con que respondio el
 „ niñio, se le llevo consigo a Palacio: donde avien-
 „ do mandado instruirle, la rectitud de su cora-
 „ zon, y la claridad de su ingenio, ganaron la in-
 „ clinacion de El Rey, de modo, que elevandole
 „ promptamente de cargo en cargo, vino a colo-
 „ carle en el que ya diximos de Mayordomo Ma-
 „ yor. Su integridad inflexible al atractivo de los
 „ presentes (cosa muy rara entre los Mahometa-
 „ nos) concitaron contra el poderosos inimigos,
 „ pero sin atrever-se a intentar hostilidad alguna,
 „ por verle tan dueño de el animo de el Soberano:
 „ hasta que muerto este, y entrando el successor,
 „ que era joven, le sugirieron, que Mahomet avia
 „ usurpado al erario Real grandes tesoros. Orde-
 „ nole el Principe, que dentro de quince dias diese
 „ cuentas. A que Mahomet intrepido respondio,
 „ que no era menester essa dilacion; y que si Su
 „ Magestad fuese servido de ir inmediatamente
 „ con el à casa de el Teforero, alli se las daria.
 „ Fuè El Rey, seguido de los acusadores; pero
 „ se halho todo en tan bello orden, y con tanta
 „ exactitud ajustada la cuenta de los caudales en
 „ los libros, que nadie tuvo que decir. De alli se
 „ passo à la casa de el mismo Mahomet, donde
 „ El Rey admirò la moderacion, que avia en alhajas,
 „ y adornos. Pero observando uno de los inimigos
 „ de el valido la puerta de un quarto cerrada, y
 „ guar-

„ guarneida con tres cadenas fuertes, se lo adver-
„ tiò al Rey, el qual le preguntò : que tenía cer-
„ rado en aquelle quarto ? Señor, (respondió
„ Mahomet,) aqui guardo lo que es mio. Todo lo
„ que hasta aora se ha visto, es de Vuestra Mage-
„ stad : diciendo esto, abriò la puerta. Entrò El Rey
„ en el quarto, y bolviendo a todas partes los ojos
„ no vio otra coula, sino las alhayas seguentes, pen-
„ diente cada una de un clavo en las paredes : una
„ zamarra, una alforja, un cayado pastoril, y una
„ flauta. Atonito las miraba El Rey, quando po-
„ niendo-se de rodillas delante de el Mahomet, le
„ dixo : Señor, este es el habito, y estos los bie-
„ nes, que yo tenía, quando el padre de V. Ma-
„ gestad me traxo a la Corte. Esto es lo que en-
„ tonces tenía, y esto lo que aora tengo. Solo es-
„ to conosco por mio. Y pues lo es, suplico con
„ el mayor rendimiento a V. Magestad me permita
„ gozarlo, bolviendo al monte, de donde me tra-
„ xo mi fortuna. Aqui no pudiendo contener El Rey
„ las lagrimas, le echò los brazos al generoso va-
„ lido ; y no contento con esta demonstracion, des-
„ pojando-se promptamente de sus Reales habitos,
„ se los hizo vestir a Mahomet : lo que en Persia
„ se estima por la suprema honra, que El Rey pue-
„ de hazer a un Vassallo. De este successo resultò,
„ que Mahomet logró despues constantes la con-
„ fiança, y cariño de el Principe toda su vida. Que
„ lastima, que este desinteres, esta elevacion de
„ animo, esta rectitud, esta moderacion, estuvies-
„ sen depositadas en un Infiel ? Esta muyto clara,
e visivel esta contradicção. Nega Feyjoo no tercei-
ro Tomo do Theatro Critico, que os Mahometanos
sejaõ

sejaõ virtuosos ; e no Tomo primeito do mesmo Theatro conta estas virtudes de hum Mouro ? Pois se este Mouro tinha estas virtudes moraes , e heroicas ; porque não teriaõ as mesmas , e outras maiores os outros Mahometanos ? Ha-se de negar a huns por Mahometanos o mesmo que se louva , e admira em outros sendo Sarracenos ? Não me lembra em que lugar do *Theatro Critico* diz Feyjoo , que no Alcorão de Maftoma se prohibem alguns vícios , prohibidos tambem no Evangelho de Christo ; porque prohíbe o furto , o homicidio , o adulterio , e outros semelhantes peccados : observaõ os Mahometanos muitas vezes estes preceitos , e não ha duvida , que em deixar de peccar , obraõ bem , fazendo virtudes moraes , semelhantes às virtudes Christãas. E se obraõ virtuosamente os Turcos , deixando de fazer mal , ainda procedem melhor fazendo bem. Entre todas as Nações Barbaras , e Infieis , nenhuma he mais liberal com os pobres , do que a dos Turcos , porque lhes dão huma grande parte de seus bens , a que chamão *Zaca* , para com ella se sustentarem , como entre os Christãos se alimentaõ os pobres com a esmola. No Alcorão ,

Bluteau Vo. cab. Tom. 8. cada hum ha de dar , mas segundo os Doutores da Ley , cada Musulmaõ (que responde ao que entre nós se chama Fiel) está obrigado a dar a decima parte das suas rendas. Outros de mais larga opinião dizem , que basta a quadragésima , ou quinquagésima parte ; e outros mais accommodados determinaõ esta esmola , ou *Zaca* a hum por cento. Por este bem , que os Turcos fazem aos pobres , quando não seja pelos males , que deixão de fazer ao pro-

ximo, lhes pôde Deos fazer muitas mercês, e dar-lhes muitas riquezas, como diz o Padre Drexellio, que deu, ou mostrou Deos huma thesouro escondido ao Emperador Tiberio, por ser liberal com a pobreza : *Certe Tiberius Imperator ob admirabilem Drex. Tom. en egenos liberalitatem in suomet palatio copiosum au- 4.cap.6.deSa- rum jam olim sepultum eruit, Deo monstrante abdi- lom. §.1.vers. zum ærarium*; porque ainda que a liberalidade de Ita fol. 872. Tiberio, e dos Turcos não seja entre elles verdadeira virtude, como entre os Christãos he a Charidade; com tudo merecem tanto os Infieis por liberaes, que por esta piedade com que sustentão os pobres, lhes pôde Deos fazer muitos benefícios; e posto que sejaõ infieis, lhes dá liberalmente as riquezas.

Infieis eraõ as Parteiras do Egypto, e desprezando por temor de Deos os Decretos de Pharaõ, não tirarão a vida aos meninos Hebreos, merecendo tanto com esta piedade, que Deos lhes fez muitas mercês, e lhes edificou, ou estabeleceo as suas casas : *Timuerunt autem obstetrices Deum, & non Exod. 1. 13. fecerunt juxta præceptum regis Ægypti, sed conser- 20.21. vabant mares. Bene ergo fecit Deus obstetricibus. Et quia timuerunt obstetrices Deum, edificavit eis domos.* Commentando este lugar o Eminentissimo Cardeal Hugo, entendo, que Deos premiou tão liberalmente as Parteiras Egyptianas pela compaixão, que tiverão, e pela piedade com que perdoarão aos Hebreos inocentes : *Pietas in eis remunerata est*; porque ainda que esta piedade, e compaixão era virtude de pessoas infieis, não deixou Deos a sua virtude sem premio, aindaque lhe tirava a infidelidade a mayor, e melhor parte do merecimento. He:
Ee Deos

Deos tão bom remunerador das virtudes, que ainda aos infieis faz benefícios, quando fazem acções, que parecem, ou são virtuosas. E se às Parteiras infieis, mas tementes a Deos, e virtuosamente compadecidas da innocencia dos meninos dà o melmo Deos tantas riquezas, como deixaria de dar aos Turcos muitos bens, compadecendo-se elles também da necessidade dos pobres? Se também Deos em premio destas, ou de outras virtudes descobrio, ou permittio, que descobrissem a *Chrysopeia* os Turcos, mais segurão os Catholicos o descobrimento do *Lapis*, sendo conforme à perfeição *Evangelica*, consumados em todas as virtudes; porque em huma sujeito de virtudes assenta bem descobrirlhe Deos a *Pedra Philosophal*, como sobre huma pedra tem o seu assento a virtude. Pintarão os Antigos a virtude, conforme diz Bluteau, com semblante de Matrona grave, e modesta, vestida de branco, e com trage simplez, sentada em huma Pedra quadrada, circunstancias que manifestarão seu candor, simplicidade, e constancia, com que se alcança virtuosamente a *Pedra Philosophal*, a qual só nos virtuosos tem bom assento.

Ah sim, que me esquecia: a historia de Mahomet, lembroume a de Fr. Theodorico. E por Vieir. 3. Part. „ que era homem (só palavras formaes do Padre Serm. do Bom „ Vieira) de grande intelligencia, e industria, com- Ladrão. §. 12. „ metteolhe o Emperador Carlos IV. algumas ne- num. 441. fol. 349. „ gociações de importancia, em que elle se apro- „ veitou de maneira, que competia em riquezas „ com os grandes Senhores. Advertido o Empe- „ rador, mandou-o chamar à sua presença, e dis- „ se-lhe, que se aparelhasse para dar contas. Que „ faria

„ faria o pobre , ou rico Monge ? Respondeo sem
„ se assustar , que já estava aparelhado , que na-
„ quelle mesmo ponto as daria , e disse assim : Eu ,
„ Cesar , entrey no serviço de Vossa Magestade
„ com este habito , e dez , ou doze tostões na bol-
„ ça , da esmola das minhas Missas : deixe-me Vos-
„ sa Magestade o meu habito , e os meus tostões ;
„ e tudo o mais , que possuo , mandeo Vossa Ma-
„ gestade receber , que he seu , e tenho dado con-
„ tas . Com tanta facilidade como isto fez a sua
„ restituição o Monge : e elle ficou guardando os
„ seus votos , e o Emperador a sua fazenda . Com-
paremos agora Theodorico sendo Christão , e Re-
ligioso , com Mahomet sendo infiel , e Mahome-
tano : Theodorico seguindo o Evangelho , e não
observando a sua doutrina , furtou ; e Mahomet ob-
servando o Alcorão , não furtava : Theodorico re-
stituihio obrigado da necessidade ; e Mahomet não
teve necessidade de restituir : Theodorico deu mà
conta de si , mas deu boas contas ao Emperador ;
e Mahomet tinha as contas tão bem ajustadas , que
e teve o Rey em boa conta : Theodorico possuin-
do a fazenda do Emperador não guardava os seus
votos ; e Mahomet porque não quiz possuir a fa-
zenda do Rey , guardava os seus traços : Theodo-
rico porque roubou a fazenda do Emperador , ficou
despido das negociações , e despedido do Real ser-
viço ; e Mahomet porque não furtou a fazenda do
Rey , ficou vestido com a sua purpura , e conserva-
do no seu emprego : Theodorico finalmente sen-
do Religioso , vivia com tanta pompa como se
fosse Mordomo Mór do Emperador , e Mahomet
sendo infiel , e Mordomo Mór do Rey , vivia com

220 *Ennea, ou Applicaçao do Entendimento,*

Ad Timoth.
5.8,

a modestia de Religioso. Muito excede o àquelle mão Religioso nas virtudes moraes, este bom Mahometano. O Catholico pela Fé, que professa, excede na virtude ao Infiel; porém he peyor do que o Infiel, e nega a Fé, se não faz a sua obrigaçao o Catholico: *Si quis autem suorum, & maxime domesticorum curam non habet, fidem negavit, & est infideli deterior.* Tal foy Theodorico, em comparação de Mahomet; porque faltando às obrigações de Catholico, era peyor do que hum Turco; e não cumprindo os votos de Religioso, era peyor do que hum Mouro. Grande vergonha he neste paralelo, e nestas antitheses, ficar peyor que hum Turco hum Christão, que hum Mouro, hum Religioso, e que hum Mahometano, hum Monge.

ENODIO. Como Feyjoo vos não pôde ouvir, não vos deve responder; nem me parece, que vos responderà quando vos ouça; não porque as vossas soluções não padeção instancia, nem os vossos argumentos não tenhão reposta, mas porque no Prologo da sua *Ilustracion Apologética al primero, y segundo Tomo del Theatro Crítico* diz, que se não canlara en mas respuestas ni al Señor Maíner, ni à otro alguno; e ficando indecisa esta questão, se rà eterno problema para *Applicaçao do entendimento sobre a Pedra Philosophal*, que vos defendeis de tal sorte, que me persuadistes a seguir a *Philosophia de Hermes*, no que não se oppoem ao Evangelho. Por isso vos peço finalmente, que me digais as qualidades, que deve ter o Philosopho, de que matéria se fabrica o *Lapis*, e se esta he o Mercurio, que cousa he o *Mercurio Philosophico*, e a sua digestão.

ENO:

ENODATO. Não posso discorrer sobre matéria tão delicada, senão com o estylo, e segredo *Hermetico*; e como o Sol, feito cadaver de Ouro se vay sepultar em hum tumulo de Prata, saõ horas de me retirar com estes Cavalheros, e à manhã de tarde nos juntaremos neste lugar, e vos direy o que tanto desejais saber, se o tempo com a sua variedade o não impedir, porque a perturbaçao dos ares nos ameaça com huma grande tempestade, em que as nuvens serão o luto, a chuva as lagrimas, e o vento o pranto, em que o Ceo chorará, e lamentará a morte, e occaço do Sol.

F I N I S.





LISBOA OCCIDENTAL:

Na Nova Officina

DE MAURICIO VICENTE DE ALMEIDA,

morador ao Arco das Pedras Negras.

M. DCC. XXXII.

Com todas as licenças necessárias.



E N N Æ A,
OU
APPLICAÇÃO DO ENTENDIMENTO
S O B R E A
PEDRA PHILOSOPHAL.

ENNAEA, OU APPLICAÇÃO DO ENTENDIMENTO SOBRE A PEDRA PHILOSOPHAL. PROVADA, E DEFENDIDA

Com os mesmos argumentos com que os Reverendissimos Padres Athanasio Kircker no seu *Mundo Subterraneo*, e Fr. Bento Hieronymo Feyjoo no seu *Theatro Critico*, concedendo a possibilidade, negaó, e impugna a existencia deste raro, e grande misterio da Arte Magna.

PARTE SEGUNDA.
OFFERECIDA
AO EXCELLENTISSIMO SENHOR
FRANCISCO DE SOUSA
DA SYLVA ALCOFORADO REBELLO.
POR

ANSELMO CAETANO MUNHO'S
DE AVREU GUSMAO E CASTELLO BRANCO,

Doutor na Universida de Coimbra, Familiar do Santo Officio, Medico do Excellentissimo Senhor Duque de Aveiro, e natural da antiquissima Vila de Soure.



LISBOA OCCIDENTAL:
Na Nova Officina de MAURICIO VICENTE DE ALMEIDA,
morador ao Arco das Pedras Negras.

M. DCC. XXXIII.

Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.



*NTR E as grandes calamidades
dos séculos passados contão os Eru-
ditos a irreparável perda dos muitos volumes, que por
falta do Prelo acabarão consumidos pela voracidade do*

§ iij tem-

tempo ; e entre as infelicidades do seculo presente numerao os Doutos a composicao de muitos livros, que continuamente sahem a luz por meio da estampa ; porque taõ perniciosos saõ alguns livros modernos na Republica das Letras, como serião convenientes muitos volumes antigos no Orbe Literario. Mas assim como a formosura do Mundo natural se compoem da variedade de criaturas, fazendo no grande Theatro do Universo, com igual proporçao a sua figura as Formigas na Terra, em que passeao os Elephantes, as Fanecas no Mar, em que nadao as Baleas, as Moscas no Ar, em que voao as Aguias, os Cometas nas Espheras, em que gyroao os Planetas ; e as Estrellas menores no Firmamento, em que circulaõ os maiores Astros : tambem com esta mesma diferença compoem o Orbe Literario os volumes dos homens sabios, e os livros dos homens nescios, andando na Republica das Letras os idiotas de companhia com os Doutos, e os discretos acompanhados dos ignorantes ; porque neste grande Theatro do Universo todos os Escrittores parecem sabios ; não tendo alguns Authores de homens doutos mais do que a semelhança de homens.

Na mysteriosa Carroça de Ezechiel andava o Homem de companhia com o Leão, Boy, e Aguia ; e sendo a Aguia huma ave, o Boy hum animal, e o Leão huma fera, todos estes animaes tinham a semelhança do Homem : Similitudo hominis in eis. Por esta Carroça enygmatica entende o Padre Alapide o Theatro do Universo composto não só do Cœo, mas tambem de todos os quatro Elementos, e de todas as suas creaturas,

Cornel. Alapide cõment. as causas : Currus hic est Cœlum, & Universum, in Ezech. C. cui Deus præsidet. Rursum quadriga hæc habens 1. fol. 945. & cies quatuor animalium, hoc ipso repræsentat Mundum 953.

dum sublunarem , qui ex quatuor elementis constat. Hinc enim currus significabat totum Universum , omnesque creaturas , quibus præsident Deus creator. Pois se esta mysteriosa , e enigmatica Carroça he symbolo do Theatro do Mundo natural , do Orbe Literario , e de toda esta grande machina do Universo , aonde o Homem , o Leão , o Boy , e a Aguaia são animaes tão differentes nas especies , como os quatro Elementos nas naturezas , como pôde nesta oposiçao , e contrariedade dos quatro animais haver analogia , e semelhança com o Homem : Similitudo hominis in eis ? Facilmente pôdem os animais participar da semelhança do Homem , fazendo cada hum o que está na sua mão , ou tomando na mão a penna para escrever como o Homem : Et manus hominis sub pennis eorum. Com a Ezech. 1.8. penna na mão mostrão os Homens , que não são animaes ; e os animaes , tomando na mão a penna , e fazendo o que está na sua mão , participão da semelhança de Homens : Similitudo hominis in eis. Assim como no Orbe Literario ha Homens , que com a penna na mão parecem Aguias , tambem as Aguias , os Leões , e os Boys , sendo hums animais , tomando nas mãos as penas , parecem na Republica das letras grandes Homens : Similitudo hominis in eis. Cada animal daquelle Carroça , sendo hum só individuo , tinha quatro faces : Quatuor facies uni , e cada huma destas faces estava dividida em muitas partes , em tal forma , que qualquer daquelles animais tinha deseseis partes , ou faces , como por liçao do Chaldeo escreve o Padre Alapide : Quodque animal fuisse quadripartitum , & unicuique parti quatuor fuisse facies : itaque quodque animal habuisse sedecim facies ; e desto modo qualquer daquelles animaes parecia hum grande Homem de letras ;

por-

porque aparecia no Orbe Literario dividido em quatro partes , e multiplicado em muitos volumes , para voar nas azas da fama , formadas das suas penas , por todas as quatro partes do Mundo : Et facies , & penas per quatuor partes habebant. De maneira , que saõ hoje tantos os livros , e correm , ou voão no Orbe Literario tão multiplicados , e numerosos os volumes dos Homens sabios , e dos animaes , que parecem Homens , que na Republica das letras se equivocão com os Homens os animaes ; porque não só competem entre si na igualdade , e numero dos Tomos , mas na semelhança da doutrina , e das humanidades : Similitudo hominis in eis. Todos escrevem com as mesmas penas ; porque não só se citão , mas se trasladão ; e desta sorte como os animaes da Carroça todos voão com as mesmas azas : Juncte que erant pennæ eorum alterius ad alterum ; por isso com a penna na mão , ainda que sejão animaes , tem semelhança de Homem : Similitudo hominis in eis.

Ezech. 1.9.

Esta mesma semelhança , que se acha entre os Escritores modernos , tenho tambem observado em todos os seus livros ; porque todos , ainda que sejão partes de animaes , tem semelhança de Homens : Similitudo hominis in eis. Nascem todos os livros , como costumaõ nascer os Homens. A sciencia he a luz do Entendimento , e esta secunda luz he a mäy de que todos os livros saõ filhos. Primeiramente com idéas confusas se começa a delinear nos borradores o embrião , que com o calor da imaginação se anima , e com solidas especulações se alimenta , e vay crescendo. Distingue o juizo as partes , e com erudita proporção as organiza. Formado pois , e acabado o livro , sahe a luz , tendo por cabeça o frontispicio , por corpo a materia de que trata , e por alma a verdade. Os capitulos saõ os membros ,

bros, as regras saõ as veas, a tinta he o sangue, o Prêlo he o berço, e as folhas saõ as mantilhas. As notícias, que encerra saõ os seus olhos, a doutrina he o seu leite, o titulo he o seu nome, e o Protectör, a quem se dedica, he o seu Padrinho. Havendo porém tanta diversidade de livros, como de Homens, assim nos Homens, como nos livros se acha hoje huma grande semelhança: Similitudo hominis in eis. Nenhum volume sabe neste seculo a publico sem o amparo de hum Protectör, porque como não hâ Homem no Mundo sem Padrinho; tambem no Orbe Literario não ha livro sem Patrono.

Este he o primeiro erro, que pelo motivo, com que implorão a protecção, em muitos volumes impressos tenho notado. Temem os seus Authores a mordacidade dos Zoylos, e a severidade dos Criticos, e para que lhes defendão as obras da censura dos Aristarchos, e da malicia dos Momes supplicão na primeira folha dos seus livros o patrocínio de poderosos, ou respeitados Mecenas, sem advertirem muitas vezes, que a petição he injusta, e o despacho impossivel; porque impressos, e divulgados por todo o Mundo os seus volumes, como poderá o seu Protectör defendellos, não sendo Sol, que em perpetuo gyro ande continuamente observando quanto se nota no Mundo, e murmura no Universo. Com que razão pretendem todos, que o patrocínio do seu Mecenas seja ás vezes asylo da ignorancia, silencio da loquacidade, e rayo da inveja? E como poderá tambem livrar os volumes da Satyra, ou da Critica, não lendo, e muitas vezes não entendendo o Senhor Mecenas o mesmo livro, que se lhe consagra, para conhecer se a censura está feita com a malicia de Momo, ou com o juizo de Aristarcho?

SS

Par

Para evitar este erro universal (já que não emendo outros muitos, que nesta obra publico) offereço a *VOSSA SENHORIA* esta Segunda Parte da minha Ennæa, não para que a defendam os Criticos, e dos Zoylos ; mas para que lhe ponha benignamente os olhos, e interprete os seus enigmas. He *VOSSA SENHORIA* como universalmente sabio, Sol do Orbe Literario. Não ha dia, em que não observe com luz propria quanto florece na Republica das Letras ; e notando o que se louva, ou murmura nos escritos alhejos, cada hora se faz mais sabio. Por esta só razão (quando não houvera outras) emendo com esta Dedicatoria o erro, que censuro em outras ; porque sendo estes Dialogos enigmaticos, que Patrono havia de buscar para seu Edipo, senão a hum Protector tão douto, que por ouvir aos Sabios, cada vez he mais sciente, vendo, e advertindo nos segredos das parabolæ, e nos mysterios dos enigmas : *Audiens sapiens, sapientior erit : animadvertis parabolam, & interpretationem, verba sapientum, & ænigmata eorum.* He este Livro com os seus enigmas obscurissimo mysterio para os ignorantes, e segredo quasi impenetravel para os Doutos : e sendo escrito para utilidade de todos, necessitão de que *VOSSA SENHORIA*, advertindo nas parabolæ, interprete os seus arcanos. Na balança da minha estimacão tanto peza o grande talento de *VOSSA SENHORIA* como o de Platão, e sendo este divino Philosopho hum homem, que valia por todos, na perspicaz intelligencia de *VOSSA SENHORIA* conseguira o meu livro, que todos o entendão.

Non será difficult a *VOSSA SENHORIA* decifrar os enigmas da Arte Magna, quando como Sol com a maxima das Sciencias, segundo chama Salamao à Po-

Proverb. 1.
vers. 5.

à Politica : Sub Sole vidi sapientiam!, & probavi Ecclesiastic. maximam : penetra os mysterios mais occultos das Monarchias ; porque he mais facil explicar enigmas , do que adivinhar pensamentos ; e mostrou VOS SA SENHORIA muitas vezes nesta Corte , entre grande parte da mayor , e mais entendida Nobreza , aonde lhe deu lugar o seu esclarecido , e illustre nascimento , quanto pôde o estudo , e o muito , que o juizo alcança ; porque sempre ouvirão discorrer a VOS SA SENHORIA com acerto nas Politicas , e com discreta elegancia em todas as materias ; sabendo VOS SA SENHORIA unir a efficacia das razões solidas com a erudição das noticias consumadas ; porque sendo Philologo por curiosidade , Philosopho por estudo , Theologo por ligão , e Mathematico por divertimento , todas estas Scienças sabe com perfeição . Para cultura do seu grande juizo , concorrerão as quatro Lingoas Latina , Franzeza , Hespanhola , e Italiana , que na sua adolescencia entrão a servir a VOS SA SENHORIA como escravas ; porque em pouco tempo se fez Senhor de todas .

Esta verdade conhacerà o Mundo , quando na Republica das letras apparecer impressa a vida da Rainha de Escocia Maria Estuarda , que VOS SA SENHORIA em outra obrarem promettido . Então verão os Oradores hum Cicero , os Politicos hum Tacito , e os Historiadores hum Livio , como em dous volumes admirão já os Asceticos em VOS SA SENHORIA hum Metaphraſtes , e os Politicos hum Xenophon ; porque ainda que VOS SA SENHORIA occultou em hum destes livros o nome por modestia , que em outro escreveo por obediencia , a igualdade , e semelhança do seu estylo o fez publico , e conhecido , como a voz manifestou a Jacob , disfarçado com as gal-

las de seu Irmão Ezan ; porque sendo o estylo tão natural como a voz , não pode o artificio occultar a naturalidade.

Sobre esta grande capacidade , que VOSSA SENHORIA tem para interpretar enigmas , e misterios Hermeticos , concorrem da minha parte razões forçozas , para fiar só de VOSSA SENHORIA estes meus segredos. Huma das mayores he o conselho de Salamão , advertindo a todo o homem , que trate os seus particulares só com o seu amigo , e não revelle o

Proverb. 25. seu segredo a pessoa estranha : Causam tuam tracta cum amico tuo , & secretum extraneo ne revelles. Por

esta razão devo buscar Patrono para entender estes ultimos Dialogos na mesma Casa aonde elegi o Illustrissimo Protector para autorizar o primeiro. Pelo esclarcido , e nobilissimo desposorio com que VOSSA SENHORIA se aparentou na Excellentissima Casa de Menezes , fazendo da Sylva laço , unio com indissoluvel vinculo as Quinas , as Lizes , e as Luas , e como a sua benevolencia me prendeo , e captivou de sorte ; que honrandome como a seu Medico , me transformou em si proprio por amigo , sendo para mim grande honra só o titulo de seu criado ; e como nem o tempo , que tudo acaba , nem a auzencia , que tudo muda , poderão extinguir no coração de VOSSA SENHORIA o verdadeiro affecto , com que ainda hoje auzente me honra , mostrando na sua generosa constancia , e firmissima memoria , que no seu heroico animo não tem juridição os celebrados effeitos do Rio Lethe , que tantas vezes tem passado para desmentir este engano ; não era possivel , que faltando nas agoas do Tejo aquelle fabuloso effeito , me esquecesse eu como ingrato de tão repetidos beneficios , como tenho recebido da sua grandeza , e ge-

e generosidade, para com este devido obsequio não mos-
trar agora a *VOSSA SENHORIA*, e a todo o
Mundo o meu justo, e eterno aggradecimento. Deos
guarde a *Excellentissima Pessoa* de *VOSSA SE-
NHORIA* como todos os seus criados havemos mis-
ter. Lisboa Occidental 12. de Janeiro de 1730.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

B. as M. de VOSSA SENHORIA.

Seu criado obrigadíssimo,

Anselmo Caetano Munhós de Avren Guismaõ e Castello Branco.



INDICE DOS CAPITULOS, INTRODUCÇOENS, E PARAGRAFOS, Que se contêm nos dous Dialogos, de que consta a SEGUNDA PARTE DESTA ENNÆA. DIALOGO SEGUNDO.

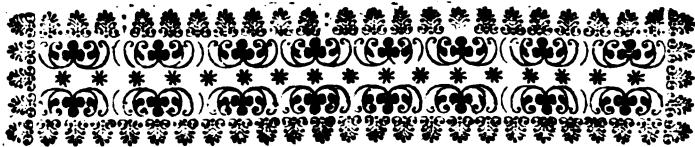
CAPITULO UNICO. *Das qualidades, e virtudes do Philosopho Hermetico, e da materia da Chrysopeia. pag. 1.*
§. I. *Introduçao do segundo Dialogo. pag. 1.*
§. II. *Da materia com que os Hermeticos fazem a Pedra Philosophal. pag. 27.*

DIA-

DIALOGO TERCEIRO.

- C**APITULO UNICO. *Do Mercurio Philosophico, e da sua digestão.* pag. 31.
- §. I. *Introducção do Terceiro Dialogo,* pag. 31.
- §. II. *Revela-se a materia da Chrysopeia.* pag. 33.
- §. III. *Do casamento Hermetico do Leão com a Águia.*
pag. 39.
- §. IV. *Dos meios, e extremos da Chrysopeia.* pag.
41.
- §. V. *Das quatro digestoens Hermeticas.* pag. 45.
- §. VI. *Da circulação da Agoa.* pag. 50.
- §. VII. *Do Fogo da Natureza, e da circulação dos
Elementos.* pag. 52.
- §. VIII. *Do Fogo Philosophico, ou Hermetico, e
da preparação da Chrysopeia.* pag. 59.
- §. IX. *Testamento Hermetico.* pag. 80.
- §. X. *Metempsomatosis do Chumbo em Prata.* pag. 48.

A D.



ADVERTENCIA AO LEITOR.

NAs introduçõens dos precedentes Dialogos sempre os Interlocutores falão na famosa Pônte de Soure, como Théatro verdadeiro da sua conversação; e por desculpo do Amanuense ficou (com outras muitas coulhas) na margem do Original a ultima parte do parágrafo segundo, que esti a folhas 32. do Dialogo III. e com este Supplemento agora ficará completo. Bem sabeis vos, que buscando eu sempre por genio o retiro, devo agora estimar o passejo por necessidade; porque havendo de falar nos mysterios mais importantes, e ocultos da Pedra Philosophal, não convém, que pratiquemos neste Phénomena em lugar tão publico, para que não succeda ouvirme algum Pseudo-Critico, que imitando a Momo seria da minha Chrysopeia, como motejou hum Zoylo a nova Planta desta arruinada Ponte, que ideava o Doutor Manoel Martinz Falcato, equiparandoa à fantasia do Lourenço das Pedreiras; que he hum rustico Lavrador; resultando deste satyrico paralelo pôr este Ministro huma pedra emcima da informaçao, que vero tirar a esta Villa para se reedificar, e accrescentar esta Ponte; e como nesta terra com palavrinhas picantes impeditião, que se transformasse o Vitriolo da tinta em Ouro para arcedificação desta Ponte; tambem impugnarão com zombarias a especulação da Chrysopeia; por que os moradores desta Villa tão facilmente se pôdem rir dos Philosophos, como dos Ministros.

EN-



ENNEA,
OU APPLICAÇÃO
DO ENTENDIMENTO,
S O B R E A
PEDRA PHILOSOPHAL.
DIALOGO SEGUNDO.
CAPITULO UNICO.

Das qualidades, e virtudes do Philosopho Hermético, e da materia da Chrysopeia.

§. I.

INTRODUCÇÃO.

ENODIO.



GUALMENTE tenho sentido a rui-
na desta grande
Ponte, por me pri-
var há muitos dias
da vossa communi-
cação ; como por
ver cahida huma obra tão magnifica, como Real ;
e ainda agora me assusta a representação da furio-

A

la

2 *Firca, en Aplicação de Entretimento,*

fa tempestade, que repentinamente se levantou em 6. de Dezembro de 1729. depois que neste lugar nos apartamos, e dentro de poucas horas choveo tanta agoa, que juntando-se neste dilatado campo parecia hum grande mar, que ameaçava com novo diluvio a todo o Mundo; e como as vossas casas estão unidas com a Ponte, e cercadas com as duas Couraças, que por duas ruas largas entrão na Villa, ouvindo eu cà de longe, e na obscuridade de huma noite tempestuosa os formidaveis estampidos da Ponte arruinada, e sobvertida, entendia, que não só o quarto das vossas casas, que fica sobre o Rio, mas toda a parte da Villa, que está edificada nas suas margens, juntamente com a Ponte se sobvertião; porém com a primeira luz do dia vi, com grande lastima, que para se livrar da inclemencia dos ares, só o infensivel das pedras desta Ponte buscou o refugio das agoas.

ENODATO. Esta Ponte chamada de *Baixo*, e aquella, que fica tambem à nossa vista, que sahindo do Castello, termina no monte onde está edificada a Igreja de *Santo André*, e chamamos Ponte de *Cima*, ambas podiaõ ter o mesmo nome; porque ambas estão fundadas sobre outras duas Pontes muito antigas, edificadas pelos Romanos, e hoje estão enterradas, como Roma, sustentando sobre si novas Pontes, como Estatuas daquelles sepultados cadaveres; e consta por tradição verdadeira ferem as Pontes velhas tão altas, quando já não erão novas, que passavão barcos à vella por baixo dos seus arcos. Os caes por onde se descia antigamente ao Rio, tinhão mais de sessenta degrãos, e ainda eu conheci homens antigos, que se lem-

bra-

bravão de contarem vinte e quatro degrões no caes da Ponte de *Cima*, os quaes com a Ponte já estavão quasi sepultados nas areas, quando eu passey por cima della as primeiras vezes. Confirmase esta tradição com hum violento homicidio, que se fez nas margens do Mondego junto da Ponte velha de Coimbra; porque consta de autos publicos, que devaçando-se desse delicto, jurarão as testemunhas, que o virão commetter, estando no circulo da Ponte, e que não conhecêrão o matador, por ter tanta a distancia, ou altura daquelle lugar ao Rio, que não pode a vista distinguirlhe as feições do rosto. Com razão escreve Bluteau, que se o Mundo Bluteau To-
fora eterno, como Aristoteles, e outros Philoso-
mos erradamente imaginárão, muito tempo há, que m. 5. fol. 566.
os maiores montes da terra estarião desmoronados, e teríamos hoje todo o globo da terra tão plano, como a palma da mão; porque o calor do Sol cría na superficie da terra huma codeafinha, que depois de muito seca se resolve em pó, e levado dos ventos, ou trazido das chuvas para baixo, he causa de que os montes vão insensivelmente mingoando, e os valles se vão enchendo, como fallando de outros valles, e oiteiros profetizou o Precursor de Christo: *Om-
nis vallis implebitur, & omnis mons, & collis humili-
bitur*; e com esta experiençia fundada em tão claro Texto e razão tão certa, não podia ser mayor o erro dos Escudeiros desta terra (muito prezados de Sabios) do que deixarem fazer a planta de huma obra tão necessaria, e tão sumptuosa com o desfeito de ficar baixa, tendo na magnificencia, e liberalidade do Serenissimo, e Augustissimo Senhor Rey D. Pedro II. de Jaudosa, e feliz memoria to-

4 Enseña, ou Applicaçao do Entendimento,

do o dinheiro necessario para a fazerem taõ alta, como a Torre daquelle Relogio, que he hum dos mayores Gigantes de pedra, e cal, que temos no nosso Reyno.

A este descrito da [planta se juntou tambem o descuido, omissao, ou injustiça do seu governo politico; porque vindo todas as tardes conversar neste sitio; e sendo algumas vezes assumpto da sua conversação a futura, e já passada ruina desta Ponte, que ameaçavão duas pedras desencaixadas do talhamar do quinto arco, nunca se resloverão a mandallas segurar à custa dos bens do Concelho, nem se atreverão a gastar cinco tostões, para com dous officiaes fazerem em hum só dia aquelle concerto à sua custa; e desta misteria, e daquelle desgoverno resultou arruinar-se a melhor parte desta obra, que não se reparáa agora com muitos mil cruzados; e não posso deixar de me rir, vendo que com a decima parte do que se gasta agora inutilmente em madeira, e officiaes para fazer huma passagem de tão pouca duraçao, como vereis, se podia evitar o estrago, que tendes visto. Por isso se faz menos sensivel esta grande perda, por ser justo castigo de miseraveis, e desgovernados, ou de cobiçosos, e avarentos, quando não fosse tambem suplicio de murmuradores; porque algumas vezes costumão ser para castigo mysteriosas as ruinas. Hum dos mais prodigiosos casos com que o Ceo assombró a terra, e as nossas terras, foy o memoravel terremoto da Ilha Terceira, não muitos annos antes deste. Arruinou, sobverteo, e arrazou totalmente a Villa chamada da Praya; mas foy muito mais notavel pelo que deixou em pé, que pelo que derubou.

Vieira Tom.

2. num. 44¹. fol. 405.

rubou. Unicamente ficarão inteiras , e sem lesão estas tres partes , ou peças daquelle Povo : a Cadea publica , a Casa da Misericordia , e o Pulpito da Igreja mayor. Oh Providencia Divina , sempre vigilante , ainda nos casos , que parecem , e pòdem ser da Natureza ! Aquellas tres excepções tão notaveis , não forão , ou succederão sem grande mysterio : e todos os que as virão , o notarão , e reconhecerão logo. No Carcere reconhecerão a Justiça , no Hospital a Misericordia , e no Pulpito a Verdade. Como se nos prègara Deos , que por falta de Verdade , de Misericordia , e de Justiça succedem taó mysteriosas rrinhas ; e porque os desgovernados faltaõ à Justiça , os avarentos à Misericordia , e os murmuradores à Verdade , para castigo das murmurações , avarezas , e injustiças parece que succedeo a ruina desta Ponte.

E N O D I O. Bem castigada està a injustiça , avareza , e murmuração de *alguns* Escudeiros desta Villa com a ruina da Ponte , e com a vossa censura ; e porque agora todos estaõ divertidos com a fabrica da Ponte de madeira , como se fosse a que para conquistar Anvers mandou fazer sobre o Rio Escalda o grande Alexandre Farnesio Duque de Parma , e Placencia , liberdade nos fica para conversarmos sós na revelação do segredo , que me promettestes descobrir.

E N O D I O. Louvo muito a vossa curiosidade , ainda que sempre me fica o escrupulo de quererdes saber a *Philosophia Hermetica* para satisfação da cobiça.

E N O D I O. Naõ vos devo encobrir ainda os mais occultos pensamentos. Principey a inquirir esta

6 *Enseña, ou Applicaçāo do Entendimento,*

esta materia, movido sómente da curiosidade ; mas depois que vos ouvi, confessō-vos ingenuamente, que me sobreveyo hum grande desejo de estudar, e practicar esta Philosophia para saber esta scientifica Arte com toda a perfeição, não para satisfaçāo da cobiça, ou desafogo da ambição, mas para alcançar hum tão grande segredo, que me dē licitos meyos para fazer muitos beneficios aos pobres, e aos enfermos.

E N O D A T O. Como o fim he tão justo, e honesto, poderá Deos nosso Senhor alumearvos com a sua Divina luz, para que descubrais o *Segredo Hermetico*, que a muitos occulta por estudarem a *Philosophia de Hermes* para augmento da sua vaidade, e oppressāo dos pobres, sem terem compaixāo dos miseraveis enfermos ; e como já conheço o vosso bom, e virtuoso intento, não duvido declararvos o arcano, que tanto desejais saber, nem de vos ensinar a fazer qualquer operação *Chymica*.

E N O D I O. Não pretendo agora senão, que me reveleis a materia de que os *Hermeticos* formão o *Lapis*, para com este conhecimento me applicar a fazer a *Chrysopæia*.

§. II.

Da materia com que os Hermeticos fazem a Pedra Philosopheria.

E N O D A T O. Antes que vos diga qual he a materia de que os *Hermeticos* fabricão o *Lapis*, he necessario saber se tendes vós todas as qualidades, virtudes, e perfeições necessá-

cessarias para obrar com acerto, e perfeição quando trabalhades na Chrysopeia.

ENODIO. Como eu não sey quaes saõ essas perfeições, virtudes, e qualidades, não vos posso dizer se as tenho; mas tambem vos quero dever mais essa noticia, e obrigação, se mas explicardes.

ENODATO. Primeiramente deve o *Philosopho Hermetico* ser temente a Deos, virtuoso, e justificado em todas as suas acções; porque para alcançar esta Scienza, conforme ensinaõ Geber, Senior, e outros *Adeptos* (sendo infieis, Gentios, ou Mahometanos) he necessaria inspiração Divina, a qual concede Deos aquem he servido para os fins, que só elle comprehende. Sem Deos nada se faz, e torna a ser nada tudo quanto se faz sem Deos: *Sine Joann. n. 3.*
ipso factum est nihil, quod factum est. Deos creou o *Philosopho Hermetico*, que trabalha por meyo do fogo, e dentro de hum vaso prepara a *Obra grande*; e Deos com a sua liberalidade, omnipotencia, e sabedoria concede aos *Hermeticos* as sciencias, e as verdadeiras *Pedras Philosophae*, aquem podemos chamar *Pedras desejadas*, como parece lhe chama o mesmo Senhor por boca de Isaias fallando da sua Igreja: *Ecce ego sternam per ordinem lapides tuos, & fundabo te in saphiris & ponam jaspides propugnacula tua: & portas tuas in lapides sculptos, & omnes terminos tuos in lapides desiderabiles: universos filios tuos doctos à Domino: ecce ego creavi fabrum sustantem in igne prunas, & proferentem vas in opus suum;* e se Deos cria os *Philosophos Hermeticos*, concedendolhes as Iciencias Chymicas, e as *Pedras Philosophae*, que como a *Chrysopeia* de alguns *Hermeticos* saõ fabricadas com o Antimonio,

ou

8 Enseas, ou Applicaçāo do Entendimento,

ou Stibio, palavra, que neste lugar diz Alapide escreverão algumas Versões: *Alij vertunt sternam in stibio lapides tuos, idest, instar stibij*, aindaque por todos as desejarem saõ tão appetiticas, e desejadas: *Lepides desiderabiles*, que se podem chamar pedras do desejo por serem tão preciosas, segundo o Texto Hebreo, e o commento de Alapide: *Desiderij, idest, speciosos, ac preciosos, ideoque desiderabiles*; só aos *Adeptos*, que saõ, e forem virtuosos, perfeitos, e justos concederá Deos esta grande sciencia; porque a sabedoria não entra no entendimento dos homens māos, nem persevera no corpo dos peccadores: *Quoniam in malevolentiam animam non introiit sapientia, nec habuit abit in corpore subditio peccatis*. E esta me parece a principal, e verdadeira causa de serem tão poucos os homens, que tenhaõ descuberto, e alcançando o segredo da *Chrysopeia*; porque tambem saõ rariſſimas as pessoas, que sem ambiçāo, cobiça, avareza, inveja, soberba, e vaidade (vicios, e peccados oppostos às virtudes) estudem a *Philosophia Hermetica*, e trabalhem na *Obra grande*; e não quer Deos, que os homens perverlos possuaõ hum theſouro perpetuo, e huma *Universal Medicina*; porque não he justo que a satisfaçāo das virtudes seja premio dos peccados.

ENODIO. Sempre me pareceo justo o castigo dos peccados, e o premio das virtudes, e he muito necessário amar, temer, e recorrer a Deos, para merecer, e conseguir os bens temporaes na vida, e os eternos depois da morte; porém não entendia, que para fazer a *Pedra Philosophal* era preciso, que *Philosopho Hermetico* fosse Santo; porque me lembro de que *Hermes foy Gentio, Geber Mouro,*

Sap. 1.4.

Mouro, Paracelso Herege, quando não fosse que gico, e com tudo he certo, que estes, e outem semelhantes homens sem virtudes, e com peccados alcançarão o segredo da *Chrysopeia*.

10.

ENODATO. Todos esses *Hermeticos* tiverão virtudes heroicas, e moraes, que Deos como reto, e justo, não deixa sem premio, e remuneração; e como sendo Gentios, Mouros, e Hereges, não havião de ser premiados com a gloria, que Deos não dà senaõ aos Catholicos, que morrem em graça, remunerou aquelles homens com as utilidades da *Chrysopeia*, e outros bens temporaes, para satisfazer os seus merecimentos. Mas se elles não tiverão estas virtudes, naõ os remuneraria Deos com estes premios. Por isso os *Hermeticos*, que aspiraõ a conseguir a gloria eterna, e a fortuna temporal, devem pedir, e merecer a Deos todas estas felicidades.

ENODIO. Aindaque eu naõ sou Santo, pela misericordia Divina estou há muitos annos fóra dos vicios; e bastando a esperança da gloria eterna para eu viver justificado, o desejo, que sempre tive de conseguir esta temporal felicidade, serà hum grande despertador para perseverar constante senaõ em virtudes, livre de vicios; e se com isto tenho algum merecimento, peçovos, que me reveleis quaes saõ as outras qualidades, que deve ter o *Philosopho Hermetico*.

ENODATO. Hâ de ser homem de claro entendimento, profundo juizo, subtil discurso, grande comprehensaõ, e bom engenho; e porque isto só naõ basta, deve tambem ser perito na lingua Latina, consumado na Philosophia, intelligente da Mathematica, e versado na liçaõ dos livros *Chymicos*,

estudo aperfeiçoe o entendimento illustrado alcance grandes felicidade do juizo , e os reduza a engenho. A'lem de todas estas industria, constancia, riqueza, paciencia, e segredo ; porque , ensinaõ todos os *Hermeticos* , certo Magno , em nenhuma cou- fer mais acautelados , do que gredos com que obraõ : *Caveas*

Alchym. fol. letis. Esta era a razão porque os Antigos (entre os quaes soy mais conhecida esta Arte) collocavão nas estradas a Estatua de Mercurio chamada *Herm-Harpocrates* com hum dedo fechando a boca , e com outro mostrando o caminho aos que faziaõ jornada pelas estradas ; porque como com a sua Vara tudo convertia em Ouro , que por todos os caminhos andão buscando os homens , se com hum dedo lhes mostrava o caminho de o acharem , com outro lhes recomendava juntamente o silencio.

ENODIO. Não posso alcançar a razão , que os *Hermeticos* tenhão para guardarem tão inviolável segredo a respeito do modo com que transformão os Metaes em Prata , e Ouro , descrevendo as operações da *Chrysopeia* por enigmas , allegorias , e metaphoras , quando na *Arte Magna* com que obraõ as transformações , fallão publicamente sem nenhum segredo.

ENODATO. Muitas saõ as razões , que os *Hermeticos* sempre tiverão para occultarem tão importante segredo , e até as mesmas razões encobrem com grande mysterio ; porém antes que eu volas

geve-

revele, vos quero mostrar por hum exemplo, que se devem occultar os segredos com que se fazem as transformações por meyo da *Chrysopœia*, no mesmo tempo, que se publica a *Arte Magna*. Vendo o barbaro Pharaõ, Rey do Egypto, que Aaraõ convertia milagrosamente em Dragaõ horrivel a prodigiosa Vara de Moysés : *Versa est in colubrum*, mandou chamar ao Paço os mais insignes, e sabios homens, que na *Chymica*, e na *Magica* havia na Cidade de Memphis: *Vocavit autem Pharao sapientes, & maleficos.* Estando estes Magos, ou Sabios na presença d'El Rey Pharaõ, e conhecendo, que a vontade do Rey era, que a sua grande sabedoria obrasse naturaes maravilhas, semelhantes aos milagres da Omnipotencia Divina, e às obras da Natureza creada, com encantos Egypciacos, e com segredos *Hermeticos*, elles mesmos, e não outras pessoas convertêrão com a projecção as suas Varas mortas em Serpentes vivas : *Et fecerunt etiam ipso per incantationes Ægyptiacas, & arcana quædam similiter. Projecceruntque singuli virgas suas, quæ versæ sunt in Dracones.*

Exod. 7. 10.

Os Setenta Interpretes, que tantem saõ Autores Canonicos, declarão, que estes Sabios, a quem o Texto Hebreo chama Magos, eraõ Sophistas, e Pharmacos : *Sophistas, & Pharmacos*; e os Pharmacos, como diz Sennerto, não Sennert. Todiferem dos Chymicos : *Chymicus hoc modo consideratus, & Pharmacopœus non differunt*; e o Padre Cornelio Alapide expondo este Texto entendeo, que estes Magos não eraõ outros Sabios, se não huns homens peritos em segredos, e na Arte admiravel : *Sapientes hic vocantur rerum arcanarum, vel artis admirabilis periti*; e nenhuma Arte do Mun-

Exod. 7. 11.

12.

Aristot. & Galen. consensu. ac diffens. c. 1, fol. 180.

Bij do

Schengk.

apud Sennert.
loc.cit. cap. 2.
fol. 183.

do mereceo atē agora o epitheto de admiravel, se naō a *Chymica*, segundo adverte Schengkio : *Admodum ingeniōsa est ars Chymica ut digna sit admiratione.* Pois se o Texto Sagrado declara, que estes Sabios eraō *Chymicos*, e diz expressamente, que os *Hermeticos* convertēraō as suas Varas em Serpentes por força de encantos, e de certos segredos, porque razão occulta os segredos, como encantos, e manifesta a Arte com que os Magos fizerāo as transformações ? Porque os segredos da *Chymica* com que as entidades se transformaō, sempre se encobrem, ainda quando a Arte se manifesta. Por este modo, ainda que a Arte se escreva, os segredos naō se declarāo, aindaque a Arte se divulgue, os segredos naō se publicaō, aindaque a Arte se mostre, os segredos naō se descobrem, e ainda que a Arte se veja, os segredos naō se penetraō. Servirão os *Hermeticos* ao seu Rey nas occasiões, em que os Segredos *Chymicos* lhe possaō ser convenientes para fazerem alguma necessaria transformaō, mas os Arcanos *Hermeticos* sempre ficarāo em segredo : *Arcana quedam.* A Arte de transformar as substancias ferá publica, e notoria a todo o Mundo; porém os Segredos *Chymicos* haō de ficar para sempre encantados : *Incantationes*; e a razão deste misterioso segredo he, porque as operações da Arte *Magna* saō muito difficultosas, e naō pòdem os homens explicar-se com palavras, quando as cousas saō muito difficultosas : *Cunctæ res difficiles : non potest eas homo explicare sermone.* Poristo a lingoa, que naō pòde explicar as operações difficultosas da Arte *Magna*, vos dirā agora mais clara, e facilmente as razões, que os *Hermeticos* sempre tiverāo para naō revelarem este mysterio.

A pri-

Eccles. cap. 1.
8.

A primeira he, para que ficando estas operaçōes duvidosas, naō sejaō inquiridas, nem averiguadas por homens ignorantes, e malignos, que executem com elles grandes maldades, e possa a duvida excitar a curiosidade dos Sabios, e justos, para com utilidade do proximo descobrirem este segredo. Por este modo transforma a Minerva dos *Hermeticos* os cabellos de Ouro da fermoſa Medusa, violentada no seu Templo por Neptuno, em venenosas Serpentes, para que transformem em estatuas de pedra aos seus exploradores, que naō forem Perfes arnados com o escudo de Pallas, e calçados com os talares de Mercurio. Segunda, para que todos os *Philosophos*, que forem descobrindo a *Chrysopeia*, conheçaō, que Deos lhes concedeo este grande beneficio, que a muitos fabicos tem occultado; e encubraō o mysterio, que naō quer Deos, que todos saibaō. Terceira, para que naō sejaō poderosos aquelles, que o naō podem ter, nem he conveniente, que o sejaō. Quarta, para que os *Hermeticos* inventores, e descubridores deste segredo naō ficassem obrigados a satisfazer os damnos, que causariaō no Mundo todos aquelles Tyrannos, e Poderosos, que abusassem de taō ambiciosa potencia, e tyrannia; porque como disse Agamenon, fendo hum poderoso Rey Gentio, quem naō prohibe pecar, podendo evitar o peccado, manda commettello: *Qui non vetat peccare, cum possit, jubet*; e para que não imaginem os pouco escrupulosos, que esta Theologia he Gentilica, saibaō que he taō Catholica, que a segue, e ensina o Mestre dos Theologos Santo Thomaz: *Tenetur ille restituere, qui non obstat, cum obstat teneatur*. Quinta, para que se naō confundisse o

Div. Thom.
apud Vieir.
Part. 3. num.
418.

14 *Enseña, ou Applicaçāo do Entendimento,*

se o Mundo racional, e politico cessando as artes, estudos, obsequios, respeitos, e dependencias. Sexta, para que se não igualasse o nescio com o sabio, o pobre com o rico, o vil com o nobre, o preverso com o virtuoso, e o indigno com o benemerito. Septima, para que o sabio, que descobrir a *Pedra Philosophal*, conhecendo o muito estudo, desvello, e trabalho, que lhe custou alcançar este segredo, faça delle a verdadeira, e bem merecida estimacāo, agradecendo a Deos este beneficio, com o conservar tão occulto, como Deos o tem sempre escondido; porque he providencia sua, que os grandes bens estejam sempre defendidos com as maiores dificuldades, conforme lemos no Sagrado Texto, que hum Cherubim defende com huma espada de fogo a Arvore da Vida. A mesma Natureza governada por Deos cria as riquezas do Ouro, Prata, e das Pedras preciosas encerradas, e escondidas dentro na terra, ensinando aos homens, que à sua imitaçāo fazem estas preciosidades, obrem como ella as mesmas producções encubertas, e occultas; e quando expoem à vista dos homens o segredo de transformar os Metais em Ouro, nunca o descobre de dia, e só o manifesta de noite; porque he providencia da Natureza, que os arcanos da *Chrysoneia* nunca já mais fayaõ a luz, senão envoltos, e cerca-

Joseph.deBel. dos de sombras. Escreve Josepho Hebreo, que no Judaic. lib. 7. Monte Libano nasce no mez de Mayo huma prodigiosa planta, chamada Baaras, a qual de noite se accende, e luz como tocha acceza, escurecendo-se com a luz do dia atē se fazer invisivel. Tanto se oculta com a luz, e claridade do Sol, que atē as mesmas folhas recolhidas em hum vaso, ou metidas em hum lenço

lenço desapparecem da vista. Os Arabes lhe chamão *Erva de Ouro*, porque, como refere Bluteau, he Bluteau Tom. fama constante, e opiniao bem recebida, que com 2. fol. 3. esta planta se transformaõ em Ouro todos os Metaes. Porém com ser taõ preciosa, e admiravel esta planta, naõ se atrevem os homens a porlhe as mãos, por lhes mostrar a experiençia, que todos aquelles, que a tocaraõ para a colher, cahiraõ repentinamente mortos, como tambem de repente morrem na China os animaes, e os homens, que arrancaõ a planta, chamada *Gin-sen*, *Jimsem*, ou *Ginsam*, que tambem se occulta de dia, e de noite se manifesta entre labaredas de fogo; porque a mesma natureza esconde de dia aos homens ambiciosos da vida, e da riqueza todos os segredos de augmentar a riqueza, e de prolongar a vida; e só de noite lhes dà alguma luz deste arcano, com que a vida se dilata, e a riqueza se aumenta, mas sempre occulto na obscuridade das trevas. E se a *Arte Magna* para fazer a *Chrysopeia* deve imitar nas suas operações a Natureza; assim como ella naõ manifesta de dia as duas plantas *Ginsam*, e *Baaras*, que transformaõ os Metaes em Ouro, e dilataõ os annos da vida, tambem devem os *Hermeticos* esconder a *Pedra Philosophal* para que se não veja com a luz do dia, se não entre nocturnas labaredas, e as sombras da noite. Oitava, para que sobre os *Hermeticos* naõ cayaõ as maldições, que os primeiros inventores fulminaraõ, e lançaraõ aos que revelarem este segredo. Nona, porque os homens naturalmente naõ querem, que os outros saibaõ sem lhes custar estudo, nem trabalho, o que elles com trabalho, e desvelo estudaraõ, e descobrião. Decima, para que as pef-

pessoas, que vendem a materia do *Lapis*, a naõ vendão taõ cara como o mesmo Ouro, em que pela Arte se transforma, segundo fazem os Chins com a raiz de *Ginsam*, que vendem a pezzo, e pelo preço do Ouro fino. Undecima, porque seria conhecida a materia da *Chrysopeia*, e preparada a *Pedra Philosophal* pelos rusticos, e ignorantes, se os *Adeptos* a naõ descreverão com enigmas, e metaphoras, sonhos, e fabulas. Duodecima, porque se os Monarchas alcançassem este segredo, confundiriaõ o Mundo com o seu extraordinario poder, e insaciavel ambição. Decima terceira, porque facilizando-se algum *Hermetico* com *Principes*, e poderosos, o importunarão com a impaciencia de quere-rem ver a *Obra grande* intempestivamente acabada, e naõ esperando que chegue ao fim, entendem que o *Adepto* com escusas, e esperanças os engana, e desta sorte sem razão, nem fundamento o aborre-cem, e infamaõ, e com a sua indignação o castigaõ, se o *Hermetico* por algum accidente naõ bem sucedido. Pelo contrario se tem bom sucesso, prendem-no para terem naquelle Artifice hum thesouro, como pondera Santo Alberto Magno: *Cogitabunt perpetuo te habere, nec permittent te habere.* De maneira, que sendo hum *Hermetico* mal sucedido, castigaõ-no os Monarchas com o desprezo, e se tem bom sucesso, como *El esclavo en grillos de oro* fica prezo. Decima quarta, porque se algum Medico se resolvesse a curar publicamente com a *Tinctura Universal*, fecharia as Boticas, despo-voaria os Hospitaes, extinguiria os enfermeiros, acabaria os Cirurgiões, e anniquilaria todos os Medicos, obrigando por este modo a todos estes homens,

mens, que hoje vivem como nobres, a trabalham como seus pays, para não morrerem de fome; e quando elles saõ inimigos declarados de qualquer official do seu officio, que lhe tira da boca, o que já podera naulear o seu enchimento, se elles não tiverão mayor fome, que ventre, que seria se vissem, que hum só homem comia tudo, ao mesmo tempo, que elles pediaõ elmola, como o pobre Lazaro ao rico Avarento? Em hum Mundo aonde os invejosos matàrão com veneno a Paracelso, aos quarenta e tete, ou quarenta e oito annos da sua idade, sem commetter outro delicto, do que ser melhor Medico que todos, obrando prodigios com a sua *Pedra Philosophal*, nenhum homem que tiver juizo, deixará de imitar a Democrito, que para conservar a vida, se fingia doudo; e deste modo se andava rindo de todos, com grande inveja de Hippocrates, que conhecia o seu discreto, e seguro fingimento. Para viver seguro entre os seus inimigos tambem David se fingia doudo; e a experiençia me tem ensinado, que para viver entre nescios, não há dictame mais acertado, do que fazer-se hum homem tolo.

ENODIO. Confesso, e reconheço a importancia do segredo, e agora desculpo a sua grande recommendaçao; e como a mim importa guardarlo, podeis fiar de mim a revelaçao da materia da *Chrysopeia*.

ENODATO. Bem sibéis, que vos não posso revelar a materia da *Pedra Philosophal*, senão em segredo; e para o segurar mais, querro que vos custe algum trabalho, porque os homens não estimão senão aquillo, que pelo seu trabalho adquirirão. A

16 *Ennae, ou Applicaçao do Entendimento,*

primeira coufa, que deveis conhecer, e averiguar, he a verdadeira materia de que o *Lapis* se forma, para não trabalhades em coufa estranha, como succede ordinariamente à mayor parte dos que principião esta grande obra, sem terem as noticias necessarias para fazella. E se não dizei-me: se vós houvesseis de eleger materia, seguindo o que tendes lido, qual escolheria a vossa eleição?

ENODIO. Confórme o que ensina Raymundo Lullio em varios lugares das suas doutissimas obras, escolheria o Vinho vermelho, ou branco, para separar delle o espirito, que he huma *quinta* essencia, a qual animada com o *Sal volatil* de tartaro, he hum menstruo radicalmente dissolvente do Ouro.

ENODATO. Sempre que entenderes os nomes, que os *Philosophos Hermeticos* dão às entidades, tão materialmente como elles os escrevem, commeteres grandes erros. Quando Lullio fallou no Vinho vermelho, ou branco, quiz que se entendessem por elles coufas totalmente diversas do que significaçõ aquelles nomes; porque dissolver radicalmente o Ouro, he reduzillo à primeira materia de que foy formado; e como seria possivel, que hum menstruo vegetavel podesse separar os principios do Metal mais fixo, e perfeito?

ENODIO. Tambem poderia eleger o espirito de ourina, por ser a quinta essencia do animal, e com elle, ou com ambos juntos faria a dissoluçõ; porque destes espiritos se prepara hum menstruo, que dissolve o Ouro.

ENODATO. A mesma impropriedade, que tem o Vegetavel, tem o Animal, para obrar sobre o Mi-

o Mineral. Ainda que esses menstruos tem seu uso na Chymica, na Alquimia naõ tem nenhum prestimo.

ENODIO. Como Raymundo Lullio diz, que o *Lapis* he Vegetavel, Animal, e Mineral, entendi, que a materia havia de ser tambem Mineral, Animal, e Vegetavel, para ter com a *Chrysopeia* a sua proporção.

ENODATO. Meu amigo, tudo se acha nos livros, mas nem todos os buscão, e saõ poucos os que os entendem. Nas obras de Raymundo Lullio achareis convencido o vosso engano, e emendado o vosso erro; porque no Tratado intitulado: *Elucidatio Testamenti*, deixou desfeita a vossa duvida por estas formaes palavras: *Tres lapides descripsimus Mineralem, Animalem, & Vegetabilem, cum unus dumtaxat sit Lapis nostræ artis, isque mineralis quia minera est, animalis, quia animam habet, vegetabilis, quia crescit, & multiplicatur*; e desta explicação feita pelo mesmo Author se colhe, que he muito diferente a intelligencia, e sentido do que significão as palavras com que literalmente, ou para dizer melhor, enigmaticamente se explicarão.

ENODIO. Como para esta obra não serve o Vegetavel, nem o Animal, resta sómente recorrer ao Mineral; e de todos os Mineraes escolheria o Salitre; porque a todos o prefere *Hermes*, como se pôde ver na Taboa Esmaragdina: *Pater ejus Sol, mater ejus Luna, portavit illud ventus in ventre sicco, nutrix ejus terra est*. Mas quando eu me engane na intelligencia deste Texto, elegerey o Vitriolo, que he hum Sal metallico, e primeiro principio de todos os Metaes, como affirmão gravissimos Escritores; por isso fazendo-lhe anathomia no seu

proprio nome o achârão tão mysterioso, que cada letra he huma palavra, e todas as letras juntas formão esta oração perfeita: *Visitabis interiora terræ, rectificando inveneries occultum lapidem, veram medicinam.* E esta he a materia de que usou Basilio Valentino para formar a *Pedra Philosophal*, a quem muitos Neotericos seguiraõ; e com muita razão, porque se a *Pedra Philosophal* he huma Pedra occulta, e medicina verdadeira: *Occultum lapidem, veram medicinam*, todas estas circunstancias, e propriedades se achão no Vitriolo; porque he verdadeira medicina, e Pedra occulta.

ENODATO. Havemos de gastar a tarde sem concluirmos em cousa alguma; mas quero ouvir-vos, e responder-vos; porque o meu genio he satisfazer a todas as duvidas. O Salitre não he mais do que hum Sal, de que se tira hum espirito accido, e corrosivo, o qual he totalmente *improprio* para o ministerio da *Obra Grande*; e o Vitriolo he outro Sal accido, e corrosivo, com partes sulphureas, e terreas, como vemos na anathomia, que se faz deste mixto pela *Chymica*; por isso he inutil para preparar a *Pedra Philosophal*, segundo elcrevem doutissimos *Hermeticos*, que entenderão melhor do que vós a Basilio Valentino, o qual pelo Vitriolio não fallou da Caparosa, mas de outra rosa muito diferente, que deixou coberta com a sua capa.

ENODIO. Alguns *Hermeticos* de grande nome dizem, que o Arsenico he a verdadeira materia do *Lapis*; porque he metallico, e volatil, não molha as mãos, e tem todos os finaes, com que descrevem a materia da *Chymica* os *Philosophos Adeptos*.

ENO-

ENODATO. Ainda que he verdade, que os Adeptos chamaraõ Arsenico a materia da sua *Pedra Philosophal*, naõ fallaraõ literal, se naõ enigmatica-mente do Arsenico Philosophico.

ENODIO. Lembrame, que Philaleta, e Bechero affirmaõ, que o Antimonio he a verdadeira materia do *Lapis*, e como naõ fallaraõ por enigmas, estimara saber de vòs, se com elles tenho descuberto o segredo.

ENODATO. A obra de Philaleta he falsa, e sophistica, como a experientia mostrou a Bechero, e outros muitos, que com ella se enganaraõ. Do Antimonio podereis fazer muitos, e excellentissimos remedios, segundo affirma Basilio Valentino *in Currus triumphali*, e ainda o *Lapis ignis*, que elle descreve, podereis vòs preparar do Antimonio; mas de nenhum modo podereis tirar delle a materia da nossa Obra.

ENODIO. Não posso alcançar a verdadeira razão, porque sendo excluidos os Vegetaveis, e Animaes, por serem improportionados, se excluaõ tambem estes Mineraes, sendo Mineral a materia da Obra grande.

ENODATO. Todas essas materias, ou Mineraes, saõ improprios, por serem sujeitos à corrupção, introduzida nellas pela actividade do fogo.

ENODIO. Essa razão tudo exclue, porque o fogo tudo destroe; nem vòs me mostrareis entidade alguma, que o fogo não corrompa.

ENODATO. O calido innato radical, e o humido radical dos elementos saõ incorruptiveis, e resistem a mayor actividade do fogo; porque naõ pôde fazer impressão na sua hemogeneidade, du-

22 *Ennea, ou Aplicaçāo do Entendimento,*

zissima, e fortissima composiçāo, união, mixtao, dilatadissima, e temperadissima decocçāo dentro na sua mina.

E N O D I O. Conforme o que tendes dito, já sey que a materia, que buscamos, hé o calido innato, e o humido radical dos Metaes; mas o fogo consome o seu humido, e altera o seu calido, e desta sorte nem o calido, e humido metallico, podem (segundo a vossa Philosophia) ser a materia da *Chrysopeia*.

E N O D A T O. Os Metaes, estando sepultados na terra muitos mil annos, sahem das suas minas incorruptos, e não appareceriaõ deste modo, se o fogo subterraneo lhes conlumisse o humido, e lhes augmentasse o calido.

E N O D I O. Como todos os *Adeptos* excluem as pedras preciosas, por terem mesmas virtudes, que os Metaes, para que dellas se tire a materia do *Lapis*, desejo saber se esta materia se tira de hum só, ou de todos os Metaes.

E N O D A T O. Facilmente vos responderey com estas palavras de Morieno Romano: *Scitote quod totum hoc non aliud est quam res una sola, quae patrem, & matrem habet, & pater, & mater eam crearunt, & nutriverunt, & ipsa est sui ipius pater, & mater; e para me entenderdes melhor, haveis de saber, que na geraçāo dos Metaes o Enxofre he como a materia seminal paterna, e o Mercurio he como a materia com que concorre o sexo feminino para a geraçāo do feto, as quaes ambas juntas formāo no utero hum só, e perfeito corpo. E daqui se segue, que esta materia he huma só coufa, como concordemente escrevem todos os Hermeticos.*

ENO-

ENODIO. Se o corpo metallico he hum só, e perfeito corpo, do Ouro, ou da Prata se tira a materia da *Pedra Philosophal*; porque estes dous corpos metallicos saõ os corpos mais perfeitos.

ENODATO. Confesso, que o Ouro he pela sua natureza mais perfeito, do que todos os outros Metaes; mas a materia do *Lapis* não se tira de toda a substancia metallica, senão da primeira materia radical, que em todos os Metaes he igualmente a mesma. Entre os Metaes não ha senão huma accidental diferença, que sobrevem da mayor, ou menor decocção dentro na sua mina; porisso não devemos entender, que o Ouro he melhor, que os outros Metaes, para delle se tirar a materia para esta Obra, ainda que na verdade seja o mais perfeito, e delle, como diz Ettmullero, se tire alguma pequena porção para fermento da *Chrysopeia*; antes confórme ensina Geber, he mais improprio Geber. lib. 3. o Ouro do que os outros Metaes, para se tirar del. cap. 4. & lib. 1. le a materia do *Lapis*; porque o Ouro tem huma natural, e fortissima composição, e não sofre nenhuma calcinação, por não ter Enxofre combustível, como tem os outros Metaes, que por esta causa se corrompem, e calcinão, perdendo os acidentes, que lhe tinhão sobrevindo, e reduzindo-se facilmente à sua primeira materia. Por esta mesma razão se não pôde fazer a *Pedra Philosophal*, nem tirar a sua materia da Prata; porque confórme ensina Geber, a Prata no seu centro he Ouro; e a nossa Arte não permuta o Ouro, como diz Santo Alberto Magno: *Ars non permuat aurum*; porque como este Metal chegou à sua ultima perfeição, ainda que pela *Chymica* se lhe separem alguns acci-

Div. Alberto lib. 3. cap. 7.

24 *Eunæa, ou Aplicaçao do Entendimento,*

accidentes, que sobrevieraõ à sua materia radical, nunca por industria da Arte pôde ficar melhor do que era. Porém o que naõ pôde fazer a Arte sobre a Prata, e Ouro, por serem perfeitos Metaes, obra nos Metaes imperfeitos, porque facilmente perdem os accidentes, que se radiciaõ na sua materia, e pela *Chymica* chegão à sua ultima perfeiçao; poriffo o mesmo Santo Alberto ensina, que todos os Metaes imperfeitos se pôdem converter em outros, por serem na sua especie como entes incompletos.

ENODIO. Todos os *Adeptos* confessão, que esta materia se acha, ou se tira de coulas viz, e de pouca estimaçao; e confórme esta doutrina, naõ se pôde tirar, nem achar nos Metaes imperfeitos, porque estes não saõ viz, e de pouco preço, como experimentaõ à sua custa todos os homens, que os compraõ. E agora me lembra, que disse *Lourenço Gracian* no seu *Criticón*, que só dos Escrivãens se podia tirar a materia da *Chrysopeia*, porque erão pessoas muito viz, e de baixa graduaçao.

ENODATO. Se vay a murmurar, ou a fazer justiça, como elle chama às murmurações feitas com razaõ, temos muitos sogeitos de que tirar a materia da *Pedra Philosophal*. Os Escrivãens, que daõ fés falsas, que dilataõ os negocios com prejuizo das partes, que escondem os documentos, e fazem taes embrulhadas, que nunca se desembrulhaõ. Os Requerentes, que só cuidaõ em dilatar a decisao das causas, ordindo, e fazendo taes enredos, que nunca se desenredaõ. As Sogras, que promettem, e naõ pagaõ os dotes promettidos. Os lisongeiros, que para não desagradiarem, nunca fallão verdade, e a to-

Div. Albert.
lib. 5. de Mi-
neralib. c. 1.

todos enganão. Os Fidalgos, que não pagão a quem os serve, nem satisfazem o que pedem emprestado, e se escondem com vergonha dos seus acredores. Todos estes, e outros muitos, que não nomeyo, na sua vileza tem materia para a *Pedra de Escandalo*, e industria para sem *Philosophia* fazerem a *Pedra Philosophal*, e ajuntarem muito dinheiro; porque se, como diz o nosso *Adagio*, he *Alquimia provada ter renda, e não gastar nada*, melhor *Chymica* he sem possuir nada, ter grande renda, como succede aos fugeitos acima referidos, que vivem ametade do anno com arte, e engano, e a outra parte, com engano, e arte. E tornando ao nosso ponto, haveis de saber, que os *Adeptos* charão vil a esta materia, comparandoa com o valor, que depois adquire por beneficio da *Arte Magna*.

E N O D I O. Essa comparação exclue o Estanho, e o Chumbo; porque ainda que *Hermes*, e *Pythagoras* affirmão, que nestes Metaes se occulta o segredo, he muito provavel, conforme ensina *Geber*, que o Chumbo, e o Estanho *communum* saõ Metaes impuríssimos, e immundos na sua raiz, ou no principio da sua criaçāo; porque he tão impura a sua essencial substancia, que se não pôde facilmente purificar das partes terceas com qualquer preparação; e confessia *Geber*, que perdera inutilmente o tempo, e a paciencia na depuração destes dous corpos metallicos; porque os não pudera nunca reduzir ao seu lucido esplendor, por serem Metaes naturalmente imundos na sua propria raiz. E o peyor de tudo he, serem destituidos de substancia fixa, que permaneça constantemente no fogo, e dotados de substancia volatil, a qual quando se sublima em espíritos, leva consigo a sua essencial impuridade; poris-

Geber. lib. 2. cap. 7. & lib. 2. cap. 2.

so alguns Chymicos quando querem fazer ostentaçao da sua grande Sabedoria, ordinariamente transmutaçao o Chumbo em Ouro, para com a difficultade acreditarem a sciencia. E à vista do que tenho lido, e ouvido a honiens muito doutes, tenho receyo de fallar no Ferro, Cobre, e no Mercurio; porque tambem estes Metaes tem immundicias.

ENODATO. Pois desses tres Mineraes affirmão os *Adeptos*, que se tira com mayor facilidade a materia da *Pedra Philosophal*; porque sendo tres Metaes diversos na sua forma accidental, ou apparente, na substancia radical saõ essencialmente o mesmo sujeito metallico. Entre todos os Metaes imperfeitos, só estes tres tem a raiz pura, segundo ensina Geber:

Geber. lib. 4. *Substantia Veneris, & Martis dealbatio pura est, & similiter Lunæ rubificatio*; porque este grande Mestre de todos os Philosophos, ou como elles lhe chamão, *Magister Magistrorum*, entende pelo branco o Mercurio, e pelo rubicundo da Lua o Enxofre, ou Tinctura vermelha do Mercurio; e affirma que todos saõ puros na raiz, e tem intrinseca, e essencialmente a mesma natureza. Porém com isto ser tão certo, declara o melmo Geber, que do Azougue se tira mais facilmente a materia da *Pedra Philosophal*, ou da *Universal medicina*, que do Cobre, e do Ferro:

Geber. lib. 2. *Dicimus quoniam ex ipsis corporibus metallicis cum suo sulphure, vel arsenico præparatis, & ex solis similiter corporibus hæc medicina elici potest. Ex solo vero Argento vivo facilius, & propinquius, & perfectius inventitur.* E de qualquer destes tres Metaes podereis vos tirar a materia da *Chrysopeia*, se vos applicares ao estudo, e exercicio da *Philosophia Hermetica*.

ENODIO. Como Geber sendo Mestre confessão,

fa, que do Mercurio se tira mais facilmente a materia da *Pedra Philosophal*, no Azougue me resolvo a trabalhar, e para ser com algum fructo, estimara, que me ensinasseis a preparar a *Chrysopoeia*.

§. III.

Da preparaçao da Pedra Philosophal.

ENODATO. **N**Enhum Philosopho explica claramente essa preparaçao, porque não he lícito fallar nesta materia com muita clareza; porisso tambem eu não excederey os termos com que elles se explicarão. Nem para vós me entenderes será necessario mudar o estylo dos Philosophos. Ouvi, pois, em segredo, e em boa amistade, a verdadeira preparaçao da materia da *Obra grande*, declarada pelos termos com que os *Hermeticos* se explicão com os seus amigos. O Mercurio, ou Azougue ficou tão inficionado pelo peccado original mineral, que se ocultaõ nelle duas immundicias: a primeira adquirida na terra, que se lhe mistura na sua geraçao, e que lhe fica pegada, quando na mina se cōagula; e a segunda he hydropsia, com introduçao de agoa entre a pelle, procedida da humidade crassa, e impura, misturada com a pura no principio da sua creaçao. Não pôde a Natureza expellir, facudir, nem separar estas impuridades, ainda que sejaõ de materia estranha, e volatil; mas como esta lepra, que mancha o corpo do Mercurio, não procede da sua raiz, nem se identifica com a sua substancia, e só accidentalmente se une com elle, facilmente se pôde separar pela industria da Arte. A ter-

Dij ra se-

ra lepirase por banho humido, e pela ensaboadura da Natureza; e a agoa por banho secco, e calor benigno foge, e desapparece. Por este modo com tres lavações, e purgas se renova o Dragaō, despindo as escamas, e antigas conchas.

ENODIO. Sempre achey muita graça no estylo dos *Hermeticos*; porque neste enigma explicação de tal modo, que se deve fazer huma separação no corpo do Mercurio, para se tirar delle a materia da *Pedra Philosophal*, que declarando tudo, não revelão nada; e ao mesmo tempo deixão revelado o misterio, e debaixo de huma pedra escondido o segredo.

ENODATO. Como vós entendéis tudo, importa pouco, que os nescios não entendão nada; porque com homens ignorantes, nem eu, nem vós fallamos.

ENODIO. E agora que elles vem passeando, be tempo de emmudecer-mos, reservando para outra tarde a continuaçāo desta práctica.

ENODATO. Não tenho duvida em servir-vos, aindaque não gosto de conversar em lugares publicos. Por isso nas caçadas, e pescarias, que saõ os melhores divertimentos, que os montes, e rios circumvizinhos offerecem aos moradores desta Villa, custumo gastar os dias, que não emprego nos meus estudos.

ENODIO. Tambem esses divertimentos solitarios saõ estudos, e a solidão tambem he eschola, como disse S. Pedro Damião, aquelle grande homem, que pelo sayal trocou a Purpura, e pelo deserto a Roma: *Solitaria vita cælestis doctrinæ schola est, & divinarum artium disciplina: illic enim Deus est totum, quod discitur.* Esta he a razão, porque S. Bernar-

nardo escreveo a hum amigo, que mais se aprendia nos bosques, do que nos livros: *Experto crede, aliquid amplius invenies in sylvis, quam in libris*; porque nos bosques acha-se Deus, que he a verdadeira fonte de toda a sabedoria, e nos livros acha-se muita ignorancia dos homens.

ENODATO. Com o mesmo pensamento disse o Doutor Maximo S. Hieronymo, que para elle o povoado era carcere, e o deserto paraíso: *Mibi opidum carcer est, Solitudo paradisus*. Tinha S. Hieronymo passado a vida em Roma, e nas Cidades da Grecia: e tambem tinha experimentado como se vivia nos desertos da Thebaida, e da Palestina; e conferindo a vida do povoado com a vida do deserto, achou, que o deserto era paraíso, e carcere o povoado. Com este desengano fugi sempre do povoado, e gostey muito do deserto, como testemunhaõ os montes, e valles, que estão no termo desta Villa, e das circumvisinhas, principalmente os bosques, ou matas de S. Gião (que ficaõ junto ao lugar de Almagreira, Freguesia de quasi todos os moradores, que vivem entre esta Villa de Soure, e a de Pombal,) Selvas tão deliciosas, pelo frondoso, e espesso laberyntho dos seus grandes, e sombrios arvoredos, e com a perenne multidão das suas fontes, que com muita propriedade a huma das suas Povoações chamão os Naturaes *Aldeya dos Anjos*, e a hum dos seus lugares o *Casal dos Reys*, como se forão Paizes dignos de serem habitados só de pessoas Reaes, e de Espiritos Angelicos, citio em que possuo huma dilatada fazenda, para nella fazer huma boa Quinta, por estar cercada do Rio Arunca, e ser regada com muitas fontes de excellentissima agoa, para neste retiro passar os ultimos annos

31 *Ennæa, ou Applicaçao do Entendimento;*

annos da minha vida , assim como agora costumo gastar alli os dias dos meus honestos divertimentos , que por serem muito frequentes , não há lugar nestes montes desde a Serra de N. Senhora da Estrella atè as prayas do Mar Oceano , aonde está edificado em huma espacosa campina o magnifico Templo consagrado à Virgem Senhora Nossa , com o titulo da Guia , e da Igreja de N. Senhora do Cardal , atè à Ermida da Virgem Soberana do Bom Successo , que fica à nossa vista , no alto daquelle monte , que eu não tenha pizado com os pes , perfumado com polvora , e semeado de Chumbo , por tomar o exercicio da caça , humas vezes por divertimento , e outras vezes por pretexto para fugir do carcere do povoado ; e agora , que me recolho a casa , me vou fechar só dentro na minha Livraria , e com este solitario retiro me parecerá a casa hum Paraíso muito largo , e todo o Mundo hum carcere muito estreito.

FIM DO DIALOGO SEGUNDO.



ENNÆA,



ENNÆA,
OU APPLICAÇÃO
DO ENTENDIMENTO,
SOBRE A
PEDRA PHILOSOPHAL:
DIALOGO TERCEIRO.
CAPITULO UNICO.

Do Mercurio Philosophico, e da sua digestão.

§. I.

INTRODUÇÃO.

ENODIO.



OM grande alvoroço vos estou esperando neste lugar ha muitos dias, em que os instantes me parecerão annos, as horas seculos, e os dias eternidades; porque o desejo de vos ver augmentou o tempo de esperar.

ENO.

32 *Ennæa, ou Applicaçao do Entendimento;*

ENODATO. He desnecessaria essa vossa li-
zonja, para conversarmos agora ambos na *Pedra Philosophal*; porque faço muito gosto de satisfazer
o vosso desejo, sem que vos custe a vergonha de
me pedires, que vamos passeando pelas margens de-
stes Rios, e fallando na *Chrysopeia*.

ENODIO. Adevinhastes-me o pensamento, e
cativastes-me o coração com a vossa benevolencia.

ENODATO. Quando as inclinações se conhe-
cem, logo os pensamentos se adevinhaõ; mas como
os interiores nunca se penetraõ, nem os discursos
se averiguão, quero saber o que tendes discorri-
do sobre a materia da *Pedra Philosophal*.

ENODIO. Tenho discorrido muito, e não
tenho averiguado nada. He tão limitada a capaci-
dade do meu entendimento, que estando tão adian-
tado nessa *Philosophia*, me vejo agora no seu prin-
cipio, e por mais que caminho para diante, me pa-
rece que não tenho dado o primeiro passo.

ENODATO. Não vos desconfoleis, nem des-
animeis, por estares pouco adiantado. Esta *Philoso-
phia* he sumamente difficultosa, e não se pôde
saber senão com estudo, experiênciæ, e paciencia. Jà
vejo que a paciencia vos falta, aindaque vos sobeja
a com que me tendes ouvido. A experiênciæ ven-
de-se na botica dos annos; e o estudo o podereis fa-
zer pelos meus livros. Mas como não tendes pacien-
cia para ler tantos Authores, se quizeres saber al-
guna cousa sem estudar muito, eu vos direy algu-
ma parte do que tenho estudado.

ENODIO. Revelastes-me, que a primeira ma-
teria da *Obragrande*, se podia tirar do Ferro, Co-
bre, e do Mercurio; e aindaque ignoro como se ti-
ra,

ra, desejo saber para que serve, porque a sua utilidade se for grande, me incitará para que trabalhe em tiralla.

§. II.

Revela-se a materia da Chrysopœia.

ENODATO. **C**om a promessa de trabalhades, e fazerdes alguma diligencia da vossa parte, vos descubro, que a materia da nossa obra he o ninho onde nasce, e se cria a nossa *Aquia*, he o instrumento com que se fabrica a *Obra grande*, e he a chave mestra, que abre as portas do *Palacio encantado da Natureza*.

ENODIO. Nesse labiryntho do entendimento, vejo que serve para muito a materia, mas pareceme, que não entra na *Obra grande*.

ENODATO. Aindaque esta materia não entra na *Obra*, serve de meyo para alcançar, e conhecer a materia, que nella entra. Esta he composta dos quatro elementos (que agora quero admittir para me entenderdes) proporcionados, e determinados em materia mineral.

ENODIO. Como essa materia he mineral, necessariamente há de ser corporea, sem nenhum espirito; e não posso entender o que ensinaõ os *Hermeticos*, affirmando, que he espiritual a materia.

ENODATO. Esta materia tem corpo, alma, e espirito; porque he filha do espirito universal.

ENODIO. Vós haveis-me de explicar, que cousa he este universal espirito; porque os *Hermeticos* publicamente o explicaõ.

E

ENO-

ENODATO. Hā pouco tempo, que vos ofereci os meus livros para estudardes; e para vos aumentar a curiosidade, vos repetirey o que do *Espirito Universal* escreveo o grande Padre D. Rafael

Bluteau To- Bluteau no seu Vocabulario universalissimo. *Espi-
mo 3. liter.E. rito Universal* (diz elle) entre os *Chymicos*, particu-
fol. 282. larmente aquelles, que se applicārāo ao conhecimento, e artificio da *Pedra Philosophal*, he muy fa-
miliar esta expressāo; e como os mais Philosophos

ordinariamente ignoraō, ou querem ignorar o seu significado, acho, que naō serā inutil declarar aqui o que por ella se entende. *Espirito Universal* (segun-
do a *Philosophia Hermetica*) he huma substancia, sub-
tilissima, purissima, penetrantissima, que do Ceo
Empyreo para os corpos celestes, e destes para os
sublunares, e elementaes he lançada, como setta, em
todos os mixtos, *Mineraes*, *Vegetantes*, e *Animaes*,
dando a todos elles aquella virtude, e *vida propria*,
e particular de cada especie, e individuo. Como es-
ta substancia he impalpavel, e invisivel, com razāo
se lhe deu o nome de *Espirito*; tambem merece o epi-
cteto *Universal*, porque nelle estāo metidas, e oc-
cultas as virtudes de todas as fementes do Univer-
so. Estas pois, como se vè, nos grāos de todos os
pāes, legumes, e frutos da terra, ainda que sejaō visi-
veis, e palpaveis, o *Espirito Universal* embebido ne-
lles, e em todos identico, mas multiforme, segundo a
natureza de cada hum, he imperceptivel, posto que in-
sensivelmente se faz corporal, misturando-se com os
corpos, e dando-lhes o aumento, e perfeiçāo, que lhes
convem. O que claramente vemos em qualquer grāo,
ou femente metida debaixo da terra; porque se naō
tivera dentro de si hum Agepte, procurador, e sol-
lici-

licitador da sua germinaçāo , apôdreceria , e naô chegaria a fazer-se vegetante. Este Agente , procurador , e sollicitador he o *Espirito Universal* , que continuamente eleva, fortifica, e accrescenta do seu proprio cabedal o seu paciente ; desta forte , todo o graô , ou semente depois da sua germinaçāo , naô tem diminuiçāo alguma , e fica do tamanho que era , quando soy semeado. Nem val o dizer , que a planta , quedelle brotou , tomou da terra circumvizinha , e adjacente o seu crescimento , porque ficaria aquelle chaô com cova , proporcionala com a materia do augmento , faltando a quantidade da terra , que entrasse na corporatura da planta , e assim todo o chaô de que sahissem todas as arvores de huma grande mata , teria covas muito profundas , por darem a materia das plantas , que nelle se criaraô. Donde se infere , que só ao *Espirito Universal* se deve attribuir a criaçāo , e augmentação dos corpos , e naô às massas terrestres , que saõ exerementos da materia espiritual ; o que tambem se conhece no cozimento do estomago , que lança excrementos quasi em pezo igual aos alimentos , que cozeo ; o succo que delles extrahio , naô he outra coufa , que este *Espirito Universal* , encerrado na massa dos ditos alimentos. O logeito pois , em que reside o dito Espirito como alma no seu corpo , he o que os *Philosophos Hermeticos* chamão *Sel* , ao qual , como ao seu principio , se reduzem todas as coufas , porque todas saõ compostas da materia , em que se resolvem , e assim a primeira materia de todo o composto , he a que se reduz o proprio composto. Com o movimento pois dos *Astros* , e corpos celestes , que he circular , continuamente se communica este Espirito a todas as partes da terra , atè o centro

Eij della,

36 *Enæa, ou Applicaçao do Entendimento,*

della, do qual não podendo passar adiante, pelo Ar-
cheo da natureza (como dizem os *Hermeticos*) he re-
pellido para cima, e nos Metaes, e raizes das plantas
penetrando se une com o *Espirito Universal*, que do
Ceo vem para a terra; de sorte que a flor que brota da
terra, ou da arvore, traz comigo o *Espirito Universal*,
que do centro da terra vem a unir-se com o que man-
da o Ceo; e no Mundo grande esta circulação he
quasi o modo da circulação do sangue para a conser-
vação, e subsistencia do Mundo pequeno. De maneira,
que o *Espirito Universal* he filho do Sol, e do
Ceo, alma do Mundo, e fonte da vida de todas as
coisas. He a quinta essencia da Natureza, que con-
tem em si as ideas de todas as fórmas. He huma sub-
stancia espiritual, e invisivel, que tem tres substan-
cias distintas, e não differentes em si mesmo; por-
que he homogenea; mas como se achaõ nella o calor,
segura, e humidade, sendo todos entre si distintos,
e não differentes, digo, que os tres saõ huma essen-
cia, e huma mesma substancia radical. Tem tres no-
mes diversos; porque a respeito do seu fogo natural
se chama Enxofre, a respeito do seu humido, que
he o proprio alimento do seu fogo, se chama Mer-
curio; e a respeito do seu seco radical, que he o que
une o humido, e o quente, se chama Sal. He univer-
sal, e especifica-se no Vegetavel, Animal, e Mi-
neral, conforme a matriz, que recebe este tão uni-
versal, como admiravel Espírito.

ENODIO. Com grande gosto, e mayor admi-
ração, ouvi a explicação do *Espirito Universal*; e
agora desejo saber se he tambem elle o pay da Pedra
dos Philosophos.

ENODATO. He pay da *Pedra Philosophal*, e
de

de todas as couisas criadas , como instrumento da Omnipotencia Divina.

ENODIO. Como chamão os *Hermeticos* à materia do *Lapis* depois do seu nacimiento ?

ENODATO. Chama-se *Mercurio Philosophico*, o qual contem em si os quatro elementos , ou Sal, Enxofre, e Mercurio , ficando hum corpo de maravilhosa , e admiravel figura , e qualidade.

ENODIO. Quaes saõ as principaes qualidades do *Mercurio Philosophico* ?

ENODATO. O calido , e o humido ligado no secco , como explica Raymundo Lullio no Testamento : *Fili tibi diximus quod humiditas radicalis, in Lullius in qua calor naturalis hospitatur, & residet, multum est un- Testam. cap. etuosa , & ideo difficulter separatur , & per consequens 65. sua siccabilitas , quod nisi esset natura, non posset suis ne- cessitatibus providere , quae sunt soliditas , fluxibilitas permanentes.*

ENODIO. Como se unem o calido , e o humido ?

ENODATO. Quando pela força do fogo se destila a humidade radical , juntamente com ella se destila o seu natural calor , que tem cor de Ouro. Este he o *Ouro Philosophico* ; e destes douos vapores fallou Alberto quando disse : *Vapor humidus in- Albert. met. cludens , & vapor siccus inclusus in illius ventre , simul lib. 3. elevatur , & hoc fit vi caloris utrumque vaporem ele- vantis , quoniam semper commiscat , & facit ut unius es- sentia moveatur in alterius essentia.* A este vapor secco radical chamão os Antigos Ouro , Alma , e Enxofre ; porque na sua cor parece Ouro.

ENODIO. Como pôdem esse Ouro , Alma , e Enxofre , residir ao mesmo tempo com os qua- tro

tro elementos no *Mercurio Philosophico*?

ENODATO. Ouvia Bernardo Conde de Treveris na sua Práctica: *Solem nihil aliud esse nisi matrum Argentum vivum. Nam in Mercurio sunt tantum duo elementa aëlu, scilicet terra, & aqua: elementa autem activa, ut aer, & ignis sunt in eo potestate tantum. Sed, ut notum est, quando illa aer, & ignis in Mercurio mundo deducuntur de potentia ad actum, scilicet ad debitam digestionem, & proportionalem decoctionem, tunc fit aurum.*

ENODIO. Conforme a doutrina de Bernardo, parece que se não pôde chamar ao Mercurio, *no mesmo tempo Mercurio, e Enxofre, ou Ouro Philosophico*; mas se lhe deve dar nome, conforme os grāos de calor, que teve na digestão.

ENODATO. Quando o Azougue está em forma de Mercurio, contem em si o *Enxofre Philosophico*; mas quando perde a forma, he Enxofre fixo. Ouvii humas palavras do Author do *Clanzor Buccinæ*, que explica esta materia com grande estrondo: *Notandum quod Philosophi dicunt, quod istud argentum vivum, & sulphur, super quod fundat natura suam actionem, & operationem, est argentum vivum, & sulphur deductum, seu productum ad aliquam naturam aqueam subtilissimam, albissimam, & amoenissimam, quam Philosophi vocant argentum vivum, & ad quandam terream materiam subtilissimam, quam vocant sulphur per artificium, quod Philosophi mirabiliter occultaverunt. Est autem istud argentum vivum, & istud sulphur unares, & de una re exit.*

ENODIO. Esse Author diz, que a materia do *Mercurio Philosophico* he agoa.

ENODATO. Não entendais esse nome material,

terial, e literalmente assim como soa, se não como elle mais abaixo se explica: *Et cum dico aqua mineralis, nolo intelligere Mercurium nudum, sed Mercurium Philosophorum, rubeæ substantiæ, extractum à mineris in se habentibus materiam de Sulphure & Mercurio.*

ENODIO. Logo o Mercurio, e o Enxofre existem em huma só materia, ainda que sejaõ de qualidades diferentes?

ENODATO. Assim o confessa, ou affirma Raymundo Lullio no Codicillo: *Inter Sulphur, & argentum vivum nostrum non est differentia, quia in genere complexionis naturaliter convenient, licet sit de ratione humidum, & alterum siccum.*

ENODIO. Quanto mais vos explicais, menos vos entendo; mas confesso, que esta falta de intelligenzia he ignorancia minha, e não culpa vossa. Porém ainda que sou tão ignorante, e a materia he tão imperceptivel, com tudo reconheço, que he necessario fazer maior reflexão no que me tendes explicado, para perceber a contextura do *Mercurio Philosophico*; e depois de chegar a este conhecimento, quero saber o que para diante se segue.

§. III.

Do casamento Hermetico do Leão com a Aguia.

ENODATO. **T**omaya Virgem com azas, lavada, limpa, e prenhada da Seminal, e espiritual materia do primeiro contacto masculino, ficando illefa a gloria da sua virgindade, com as faces tintas de roxo; ajuntay-a com o segundo sujeito masculino sem sospeita, nem perigo de adulterio;

rio; e por fim parirā hum veneravel fructo de ambos os sexos, do qual sahirā huma immortal prosapia de poderosissimos Reys.

ENODIO. Saõ muito differentes as Leys, e os vinculos dos congressos Metalicos, do que os dos Matrimonios humanos.

ENODATO. Nessa mesma diferença, se bem advertirdes, achareis a mais admiravel semelhança. Nestes ajuntamentos de que f.ço mençaõ, tudo he puro, sem mancha de vicio: naõ se perde a virginidade, nem se commette adulterio. Ajuntay pois a *Aguia* com o *Leão*, e escondeyos no seu claustro diaphano, com a porta muy bem tapada, para quo não faya por ella a sua respiração, ou lhe entre o ar estranho. A *Aguia* acometendo o *Leão*, o despedeçara, e comerá. E logo adormecerà com hum profundo, e dilatado sono, inchandolhe tanto o estomago, que feita hydropica, se converterá com admiravel metamorphose em hum Corvo muito negro; este perdendo paulatinamente as pennas, principiará a voar, e com o seu voo se remontará tanto, que sa-cudirá sobre si mesmo agoa das nuvens, até que ficando molhado dispa de boa vontade as azas, e descendo por falta deltas, se converta em hum branquissimo *Cysne*.

ENODIO. Bem entendo, que nessa operaçāo a *Aguia*, *Leão*, e *Corvo*, se convertem em hum *Cysne*; o qual não apparece se não desapparecendo o *Corvo*, *Leão*, e *Aguia*.

ENODATO. Entendo, que percebestes admiravelmente a transformação destes Animaes; porém se quereis ser bom Artifice, deveis imitar as obras da Natureza com os primores da Arte. A Natureza não obra

obra de repente, senão por successivos, e dilatados movimentos. Principia a geração, e produção, e sem parar nem hum só instante, lentamente, como subindo por grãos, leva as cousas produzidas, e geradas ao ultimo ponto da sua natural perfeição. Intenta, e consegue o termo das suas maravilhosas produções, mais com a dilação, do que com a brevidade, e conclue as suas obras entre douos extremos distintos, e separados, que são o princípio, e o fim. A prática da *Philosophia Hermetica*, que he imitadora da Natureza, trabalhando na preparação da *Obra grande*, e reduzindo a praxe a subtilíssima especulação da sua mysteriosa Pedra, não se deve apartar do exemplo, e caminho, que a Natureza tem mostrado; porque apartando-se destes seus naturaes dictames, erra, ou se expoem a commetter erros gravíssimos.

ENODIO. Para evitar tantos perigos vos peço, que me digais, quaes são os extremos da *Pedra Philosophal*; porque ignorando donde devo principiar, e quando heide acabar, não posso acertar com a meyo destas Scylla, e Carybdes, em que tem naufragado todos aquelles, que não acertaõ com o meyo entre os perigosos, e arriscados extremos.

§. IV.

Dos meyos, e extremos da Chrysopeia.

ENODATO. Os extremos da *Pedra Philosophal* são o *Mercurio Philosophico*, e o *Elixir perfeito*; e os meyos, que estão entre estes douos extremos, que servem para proseguir a fabrica da *Obra grande*, são de tres generos,

F

per-

pertencentes à materia, obra, ou aos finaes demonstrativos della. Com estes meyos, e com estes dous extremos toda a nossa obra se acaba.

ENODIO. Jà que explicastes taõ claramente os dous extremos da *Pedra*, peço-vos, que me expliqueis tambem os meyos.

ENODATO. Os meyos materiaes da *Pedra Philosophal* tem diversos gráos, e successivamente se tiraõ huns dos outros : os primeiros saõ *Mercúrio Philosophico*, e os Metaes perfeitos, os quaes, ainda que saõ extremos nas obras da Natureza, saõ meyos na obra desta *Philosophia*. Destes primeiros se tiraõ os segundos, que vem a ser os quatro elementos, que circulaõ até se fixarem : dos segundos sahem os terceiros, a saber hum, e outro *Eauxofre*, cuja multiplicação acaba a primeira obra : os quartos, e ultimos meyos saõ os fermentos, ou unguentos produzidos successivamente na obra do *Elixir*, pela ponderada mistura das sobreditas coufas : finalmente pela acertada direcção das taes coufas se cria o *Elixir* perfeito, que he o ultimo termo de toda a obra, em que descança a *Pedra Philosophal*, como no seu centro, cuja multiplicação naõ he outra coufa mais, que huma breve repetição das coufas sobreditas.

ENODIO. Agora vos peço, que me ensineis, quaes saõ os meyos, que pertencem à obra ; porque nesses me dizem se deve pôr o mayor cuidado.

ENODATO. Os meyos operativos, que tambem se chamaõ chaves da *Obra grande*, saõ quatro. O primeiro he *dissoluçao*, ou liquefacção : o segundo *lavaçao* : o terceiro *reduçao* : e o quarto *fixação*. Pela liquefacção se reduzem os corpos à sua pri-

me-

meira, e antiga matéria; o que estava cozido torna a ficar cru, e fazendo-se o congresso do macho, e da femea, geraõ hum negro Corvo: finalmente separaõ-se os quatro elementos confusos da Pedra, quando retrocedem os Luminares. A *lavação* ensina a fazer branco, como Cysne, o Corvo negro, como carvão, e de Saturno faz nascer a Jupiter, o que se faz convertendo o corpo em espirito. A *reduçāo* pertence restituir a alma à Pedra desanimada, e sustentá-la com leite orvalhado, e espiritual, até que tenha perfeito vigor. Em ambas estas ultimas obras exercita o Dragaõ a sua grande crueldade consigo mesmo; porque tragando a sua cauda, todo se engolle, e ultimamente se converte em pedra. Finalmente o efeito da *fixaçāo* he fixar hum, e outro Enxofre sobre o seu corpo fixo, mediante o espirito, que he o medianeiro das Tinturas: coze os fermentos por seus grãos, amadurece, ou sazona as coufas cruas, dulcifica as amargosas, e derretendo, penetrando, e tingindo, gera, e aperfeiçoa ultimamente o Elixir, exaltando-o ao summo auge de sublime.

ENODIO. Esta operaçāo tem muito que contemplar, e vendo-se todos esses admiraveis efeitos, tem a Philosophia grande assumpço para exercicio do seu discurso. Agora estimara ouvir a explicação dos ultimos meyos.

ENODATO. Os meyos, ou sinas demonstrativus, são as cores, que abraçāo, successivamente, e por ordem, a materia, e manifestaõ o que ella obra, ou padece; destas cores se devem notar sómente tres, a que alguns accreftentão huma quarta cor. A primeira he negra, chama-se cabeça de Corvo, tanto que

44 *Ennea, ou Applicaçao do Entendimento;*

principia a primeira negridão, cujo crepusculo introduz o principio da acção do fogo da natureza, e da dissoluçao: a noite porém muito negra conclue a perfeição da liquefacção, e a confusão dos elementos. Então apodrece o grao, e se corrompe, para que fique diâposto para a geração. A cor negra succede a branca, na qual se dá a perfeição do primeiro grao, e do Enxofre branco. Esta Pedra se chama Bemdita. Esta he a Terra Foliata, em que os *Philosophos Hermeticos* semeão o seu Ouro. A terceira cor he amarella, que apparece no transito do branco para o vermelho, como se fosse o meyo de ambas misturadas, e he, como Aurora, annunciadora dos cabellos dourados do Sol. A quarta cor vermelha, ou sanguinolenta, se tira da branca, só pelo fogo; porém a cor alva, por ser alterada por outra qualquer cor, antes que appareça a luz, principia a diminuir a sua alvura; mas a cor vermelha escura acaba a obra do Enxofre do Sol, chamado Esperma masculino, Fogo da Pedra, Coroa Regia, e Filho do Sol; e nesta cor descança o primeiro trabalho do Operante Hermetico.

ENODIO. Essas saõ todas as cores, que aparecem na preparaçao da *Obra grande*?

ENODATO. Saõ tantas as cores na obra, como na Natureza; porque vemos nellas infinitas cores, que se manifestão nos vapores, ou nuvens, como no arco chamado Iris, as quaes brevissimamente se desvanecem, e se transformaõ em outras, que lhe saõ succedendo, e sobrevindo de novo. Estas cores fazem mayor impressão no ar, do que na terra; por isso o Operario deve fazer pouco caso dellas, porque não saõ permanentes, nem procedem da intrínseca disposição da materia.

ENO-

ENODIO. Havendo erro na obra, variaõ as cores, e pôde-se conhecer o erro pela sua variedade?

ENODATO. Pelas cores estranhas, que succedem antes do tempo, se prognostica o damno da *Obra grande*; porque os filhos do Corvo se deixarem o ninho, naõ tornarão para elle. O vermelho anticipado se apparece na materia, he indicio de grande secura, e naõ se pôde remediar senão com grande perigo, lançando logo o Ceo a chuva necessaria; mas he faustissimo final no fim da esperança certa da colheita.

ENODIO. Aqui ninguem nos ouve (ainda que os passageiros nos vem) ensinaime em segredo o que devo fazer para não errar.

ENODATO. Como me prometteis segredo, vos declaro, que a Pedra se exalta por grãos com successivas digestões, e por fim alcança, ou chega à sua ultima perfeiçao. Aquellas quatro operações, regidas por quatro digestões aperfeiçoaõ a obra, cujo author he o fogo, o qual determina as suas diferenças.

ENODIO. Explicai-me melhor essas digestões, para que as possa executar, tendo dellas verdadeiro conhecimento.

§. V.

Das quatro digestões Hermeticas.

ENODATO. **A** Primeira digestão consegue a dissolução do corpo, pela qual se faz o congresso do macho, e femea, a mistura das materias seminaes, a putrefacção, e a resolução dos ele.

elementos em agoa homogenea, o eclypse do Sol, e da Lua na cabeça do Dragão. Finalmente todo o Mundo torna a ficar no chaos antigo, e no tenebroso abysmo. Esta primeira digestão se faz, como no estomago, com calor brando, mais proprio para a corrupção, do que para a geração.

ENODIO. Os *Chymicos* vulgares erraraõ facilmente nessa digestão; porque estaõ costumados a usar de fogo forte. Mas qual he a segunda digestão?

ENODATO. Na segunda digestão anda o Espírito do Senhor sobre as agoas. Principia-se a fazer a luz, e vaõ se separando as agoas das agoas, re-novaõ-se o Sol, e a Lua. Tiraõ-se os elementos do chaos, para que misturados perfeitamente em espírito constituõ novo Mundo, formem nova terra, façaõ hum novo Ceo, e espiritualizem todos os corpos. Os filhos dos Corvos, transformados já em Pombas, principião a trocar as pennas pretas em azas brancas. A *Aguia*, e o *Leão* se abração com eterno, e intimo laço. Mas esta regeneração do Mundo se faz pelo *Espirito Igneo*, que desce em forma de agoa, e lava o peccado original; porém a agoa dos *Philosophos* he fogo, que se move pelo calor do banho, que faz esta operação. Mas he necessário obrar com grande advertencia, para que se faça a separação das agoas com o pezo, e medida, de sorte, que as agoas que ficão debaixo do Ceo, não afoguem a terra, e as que sobem ao Firmamento, a não desamparem de modo, que fique secca.

ENODIO. He muito delicada a *Philosophia* desta *Hermetica* operação. Parece-me, que da primeira

meira vez se não acertarà ; mas vamos à terceira digestão.

ENODATO. A terceira digestão dà a beber a terra , que acaba de nascer , leite orvalhado , e todas as virtudes espirituas da quinta essencia ; e mediante o espirito , liga ao corpo a alma vivificante. Então esconde a terra em si hum grande thesouro , fazendo-se primeiramente semelhante à luz resplandecente , e ao depois ao Sol rubicundo. A primeira se chama terra da Lua , e a outra terra do Sol , e ambas nascem pela conjunção de dous Planetas. Nenhuma dellas teme já o tormento do fogo ; porque ambas estão purificadas ; e porque muitas vezes forão limpas do peccado pelo fogo , e padecerão tão grave martyrio , que de compaixão todos os elementos se viráraõ , e descerão para baixo.

ENODIO. Curiosíssimas são estas operações ; porque ainda ouvidas dão gosto , e causaõ admiração ; e he sem duvida , que vistas ainda serão mais admiraveis. Continuay-me a merce de me dizerdes , ou explicardes a quarta digestão.

ENODATO. A quarta digestão aperfeiçoa todos os mysterios do Mundo , e convertida por ella a terra em excellentissimo fermento , fermenta todos os corpos imperfeitos ; e porque passou primeiro à natureza celeste de quinta essencia , a sua grande virtude emanada do *Espirito Unversal* , he prompta , e efficacissima *Panacea Catholica* , e *Universallissima Medicina* , para curar quasi momentaneamente todas as enfermidades de todas as creaturas. Ela impede , e dilata a velhice : ella renova a idade : ella prolonga a vida : ella evita a doença : e ella cura , e remedea perfeitamente toda a molestia. Este

milag-

milagre da natureza, e da arte vos manifestará o forno secreto dos Philosophos, repetidas algumas vezes as digestões da primeira obra. Mas para conseguires esta grande felicidade, haverás de ser justo, e virtuoso, para que Deos vos favoreça; e se o não fizeres assim, será inútil o vosso trabalho. Toda a fabrica da *Obra Philosophica* não he outra cousa mais que dissolver, e coagular: dissolver o corpo, e coagular o espirito, e ambas estas cousas são huma só operação. Nella se misturaó o volatil, e o fixo, unindo-se perfeitamente em espirito; e isto se não pôde fazer se se não dissolver primeiro o corpo fixo, feito volatil. Pela reducção se fixa o corpo volatil em permanente corpo, e a Natureza volatil ultimamente passa a ser fixa, do mesmo modo, que a fixa tinha passado a ser volatil. Todo o tempo pôrém que as naturezas confusas andam errantes; em forma de espirito, aquelle espirito mixto sustenta a natureza de espirito, e corpo, de volatil, e de fixo.

ENODIO. Não duvido dos efeitos dessa admiravel, e quasi milagrosa *Panacea*; porque vejo que a agoa de hum Rio entrando em hum lago corrupto lhe purifica, e renova as agoas; o azeite que novamente se lança no candieiro, lhe conserva, e perpetua a luz; e assim purifica a *Pedra Philosophal* o sangue, e conserva a nossa vida; mas esta obra só se pôde fazer havendo hum radical dissolvente do Ouro, e da sua mesma natureza, como vós dizeis, que he o *Mercurio Philosophico*; porém quem o não tiver, não poderá colher o fruto desta Arvore da vida, ainda que saiba confeccionar a sua planta.

ENODATO. A producção da Pedra dos Philosophos he como a creaçāo do Mundo; porque he

he necessario que tenha o seu chao, e a sua materia prima, em que nadem confusos os elementos, ate que sejam separados pelo espirito Igneo, e que seja elevada a parte leve desta separacao para cima, e a grave seja precipitada para baixo. Nascedo a luz, desapparecem as trevas: ajuntando-se as agoas em hum lugar, apparece a terra secca, ou arida. Finalmente sahem successivamente os dous Luminares grandes, e produzem as virtudes Mineraes, Vegetaveis, e Animas na terra Philosophica.

ENODIO. Com razao se compara a mayor operacao da Arte com a mayor obra da Omnipotencia, porque tem muita semelhanca, o que Deos, como Author da Natureza, criou de nada, com o que a Arte, imitadora da Natureza, produziu do que nada val, mas isto não basta para igualar por todas as circunstancias o paralelo.

ENODATO. Criou Deos Adam do limo da terra, em que residiao as virtudes de todos os elementos, e principalmente da terra, e da agoa, as quaes constituem mais a machina corporea, e sensivel. Nesta Estatua de barro inspirou Deos a respiracao, ou espiraculo da vida, que he a alma racional: *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitae*; e desse Gen. 2. 7. esta sorte vivificou aquelle barro com o Sol do Espirito Santo: criou homem, e mulher, ou como diz o Texto, macho, e femeas, e lancando-lhes a sua bencao, lhes pozo precelto, e lhes concedeo a facultade de multiplicar: *Multiplicatur, & faminam crea-* Gen. 1. 27. *vit eos: benedixitque illis Deus, & ait: crescete, & multiplicamini, & replete terram, & subjecite eam. A* criação da Pedra Philosophal he por todas as circunstancias semelhante a de Adam, porque do coro

po terrestre, e grave dissoluto pela agoa se faz o limo, que merece chamar-se *Terra Adamica*, na qual residem as qualidades, e virtudes de todos os elementos. Tambem se lhe infunde a alma celeste pelo espirito da quinta essencia, e o influxo solar, e pela benção, e orvalho do Ceo se lhe dà a virtude infinitamente multiplicativa, mediante a copula de ambos os sexos.

ENODIO. Agora confesso, que assim como a criação da *Pedra Philosophal* tem propriedades, e semelhanças da criação do Mundo grande; assim he conveniente, que as tenha a respeito do Mundo pequeno. Muito desejo saber todos os seus grandes mysterios.

ENODATO. O mayor segredo desta obra consiste no modo de obrar, o qual todo depende da circulação dos elementos, porque a materia do *Lapis* vay passando de huma para outra *Natureza*. Puxa-se successivamente pelos elementos, que paulatinamente alcanção o dominio; porém agita-se cada hum pela circulação do secco, e humido, até que todos fiquem embaixo, e alli tomem descanso.

ENODIO. Esta circulação hâ de ser muito curiosa; e se a minha amizade vos merece alguma coufa, peço-vos, que me expliqueis com todas as suas circunstancias.

§. VI.

Da circulação da Agoa.

ENODATO. Como o amigo he outro eu, não vos posso occultar o que sey. Na obra da *Pedra Philosophal* os mais clemen-

elementos circulão em figura de agoa; porque em agoa se resolve a terra, em que residem os outros elementos. A agoa se sublima em vapor, o vapor torna a cahir em forma de agoa, e deste modo per huma circulo direito se move a agoa ate que para fixa no fundo. Assim se resolvem nella, por ella saõ exaltados, com ella vivem, e morrem com ella; portem a terra de todos elles he o termo ultimo.

ENODIO. Muito se devo à agoa nesta obra; mas he agoa, que se converte em terra, conhecida de poucos, e desejada de muitos.

ENODATO. A ordem admiravel da Natureza, pede que toda a geração principie pelo humido, e no humido: na obra Philosophica se ha de reger a Natureza de tal sorte, que a materia da Pedra, que he terrestre, secca, e compacta, antes de tudo se resolva no seu proximo elemento, que he agoa; então do Sol se gera Saturno.

ENODIO. Nessa obra se joga o trocado; porque no principio do Sol se gera Saturno; e no fim de Saturno se gera o Sol, quando transforma o Chumbo em Ouro.

ENODATO. Depois de sete gyros, ou revoluções succede à agoa o ar, que circula com outros círculos, e reduções, ate que se fixe embaixo, e expelido Saturno, tome as insignias de Jupiter, com cuja vinda se forma o Infante Philosophico, creando-se no ventre, ate que finalmente sahe a luz, mostrando na candida, e serena face o resplendor da Lua.

ENODIO. Com essa operação se prova, e confirma, que o elemento do ar he mais nobre que o da agoa.

ENODATO. Deixemos coulas de pouca importancia, e concluamos no que vos importa saber. Finalmente o fogo da Natureza concluindo os exercícios dos elementos, apertando o fogo externo, de occultos se faz manifesto. Então o açafrão tinge a branca Assucena, a vermelhidão, ou rubicundo ocupa, e cora as faces do abrazado Mancebo, feito já mais valeroso. Este he o fim da primeira obra, e perfeita circulaçāo dos elementos, cujo final he, quando tudo se acaba no secco, e o corpo fica profrado sem espirito, nem alento, nem ainda movimento do pulso; e deste modo finalmente descansão todos os elementos na terra.

ENODIO. São bem Philosophicas estas circulações, mas não me direis, que vem a ser esse fogo da Natureza?

§. VII.

Do Fogo da Natureza, e da circulaçāo dos Elementos.

ENODATO. **O** Fogo, que se inclue na Pedra Philosophal, he o principado da Natureza, filho, e vigario do Sol, que move, e digere a materia, e que nella aperfeiçoa todas as coulas, se alcança liberdade. Para vos servir livremente, procura a liberdade; porque està escondido, e fraco debaixo de huma dura casca. Adverti porém, que não he conveniente apertallo com excesso; porque não podendo sofrer a tyrannia, se fará logo fumiguiço, sem vos deixar esperança alguma de tornar: chamay-o pois brandamente, e guarday-o com a prudencia, que importa.

ENO-

ENODIO. Explicay-me o aperto, ou *tyrania*, de que devo livrar o Fogo da *Pedra Philosophal*.

ENODATO. He o fogo externo; porque nessa operação he o primeiro motor da Natureza, e o que modera o interno fogo, e toda a nossa obra. O Philosopho deve saber muito bem o seu regimento, e observar os seus pontos, e grãos; porque dele depende a prosperidade, ou a ruina da obra. A Arte ajuda a Natureza, e o Philosopho he ministro de ambas.

ENODIO. Como esta obra he fabricada pela Natureza, e pela Arte, tambem por este principio tem semelhança com a dos Vegetaveis, e Animaes.

ENODATO. Com aquelles dous instrumentos da Arte, e da Natureza, se levanta a Pedra suavemente com grande engenho da Terra ao Ceo, e torna a cahir do Ceo na Terra; porque a Terra he a sua ama, e levada no ventre do vento, toma força dos superiores, e dos inferiores.

ENODIO. Explicay-me isso com mayor distincção, e mais clareza.

ENODATO. A circulaçao dos elementos exercita-se por gyro dobrado, por mayor, ou extenso, ou por menor, e recolhido: o gyro extenso fixa todos os elementos na Terra, e o seu circulo naõ se fixa, se naõ com a obra do Enxofre consumada. A revolução do gyro menor acaba-se com a extracção, e preparação de cada hum dos elementos. Neste gyro porém há tres círculos, que com certo movimento errante, e intrincado agitaõ totalmente a materia varia, e muitas vezes, ou quando menos sete, trazem à roda cada hum dos elementos, succedendo-se alternadamente entre si, mas tam-

tambem ordenados, que se falta algum, o trabalho de todos fica perdido. Estes saõ os instrumentos da Natureza, com que os elementos se preparão.

ENODIO. Naõ entendo bem esses tres círculos.

ENODATO. Cada círculo tem seu proprio movimento; porém todos os movimentos dos círculos andão entre o humido, e o secco; e estãos tão encadeados, que produzem huma só operação, e huma harmonia da Natureza. Dous delles saõ opostos naõ só na razão dos termos, mas tambem na das causas, e dos effeitos; porque hum move para cima secando pelo calor, outro move para baixo, humedecendo pelo frio; mas o terceiro representando a imagem do sono, e do descanso, dirigindo com summa temperança, traz a suspensão de ambos.

ENODIO. Para eu perceber melhor essa explicação, haveis-me de explicar por si a cada círculo.

ENODATO. O primeiro dos tres círculos he a evacuaçāo, cujo trabalho consiste em separar o humido superfluo, como tambem o puro, limpo, e subtil das fezes *crassas*, e terrestres. Porém ha grande perigo no movimento deste círculo; porque trata das cousas espirituas, e tira as entradas a Natureza. Duas cousas se devem principalmente advertir no movimento deste círculo: a primeira, que se não move com muita força; a segunda, que não dure mais tempo do que convém: o movimento acelerado excita confusão na materia, de tal sorte, que se levantará a parte crassa, impura, e indigesta, com a pura, e subtil, e o corpo não dissoluto, ou desfeito, misturado com o espirito resoluto. Com este

este movimento precipitado se confunde a Natureza celeste , e terrestre , e corrupto o espírito da quinta essencia , misturado com a terra , se faz grosso , e inutil. Pelo movimento mais dilatado se evaca demasiadamente a terra do seu espirito , fazendo-se tão languida , arida , e destituida de espirito , que se não pôde facilmente restaurar a sua compleição. Ambos os erros queimão as tinturas , ou as fazem fugitivas.

ENODIO. Muito tem que observar , e entender este primeiro circulo ; mas passemos à explicação do segundo.

ENODATO. O segundo circulo he a restauração , cujo officio he restituir com a bebida as forças ao corpo debilitado , e myrrhado com a sede. O primeiro circulo foy orgão do trabalho , e do fuor ; este porém he do refrigerio , e consolação. A sua acção em triturar , e abrandar a terra , he semelhante à dos Oleiros , para que melhor se misture , se forme , e finalmente se coza. O movimento deste circulo , convem que seja mais leve , que o movimento do primeiro , principalmente no principio da sua revolução , para que os filhos do Corvo não se escondão , ou afoguem no seu ninho com a torrente do Rio , e para que o Mundo , que nasce , se não destrua com o diluvio. Este he o que peza a agoa , e que examina as medidas ; porque distribue a agoa pelos preceitos das razões Geometricas. Quasi que não há mayor segredo em toda a praxe da obra , que o certo , e ajustado movimento deste circulo , porque dà fórmula ao *Infante Philosophico* , e lhe inspira com a alma a sua vida. As leys do movimento deste circulo , saõ que corra lenta ,

lenta, e paulatinamente, e que parcamente se deramei, para que com a pressa não sobrepuse a medida, e para que o calido innato, e architecto da obra, afogado nas agoas te não esfrie, ou apague: também se devem administrar as bebidas alternadas vezes, para que se faça melhor a digestão, e a melhor compleição do secco, e humido; porque he hum forte laço de hum, e outro o fim, e a difficultade da obra. Pelo que deveis advirtir, ser necessario regar tanto, quanto faltar assando; para que a restauração corroborando, restitua tanto de forças perdidas, quantas tinha tirado a evacuação debilitando.

ENODIO. Tinhame parecido difficultosa a intelligencia, e practica do primeiro circulo; porém ainda este segundo he mais difficultoso de praticar, e de entender. Agora conheço, que dizem com muita razão os *Adeptos*, que esta obra se não pôde saber, nem praticar senão com Mestre, que a ensine com muita clareza. Mas com tudo quero ouvir a explicação do terceiro circulo.

ENODATO. A digestão, ultimo circulo, obra com movimento tacito, e insensível; por isso dizem os *Philosophos Hermeticos*, que se faz em forno secreto. Cuze o sustento recebido, e o converte em partes homogeneas do corpo; daqui vem chamar-se putrefacção; porque se corrompe no corpo, assim como o alimento se altera, e fermenta no estomago, antes que se transmute em chylo, e se converta em sangue, e partes semelhantes. Assim tripla esta operação o alimento com o calor estomacial, e de algum modo o apodrece, para que se fixe melhor, e passe da natureza mercurial à sulphurica.

fea. Mas tambem se chama com alguma propriedade enterro; porque por ella se enterra o espirito, e quasi morto se sepulta na terra. Porém como progressa muito lentamente, por isso necessita de muito mais tempo. Os primeiros dous circulos trabalhaõ principalmente em resolver, e este em coagular, ainda que todos obrem huma, e outra couisa. As leys deste circulo saõ, que se movea com lentissimo calor febril, e de esterco, para que naõ fuja o volatil, e se naõ perturbe o espirito no tempo da sua estreitissima conjuncçao com o corpo; porque entaõ se faz a obra com grande socego, e tranquilidade. Por isso deve haver cautela, para que a terra se naõ move com alguns ventos, ou chuvas. Finalmente, he necessario que este terceiro circulo succeda logo, e sempre por sua ordem ao segundo; assim como succedeo o segundo ao primeiro. Assim, por obras continuadas, e portres vezes, aquelles circulos errantes cumprem huma circulaçao inteira, a qual repetida muitas vezes, tudo se converte em terra, estabelecendo finalmente a paz, e concordia entre os inimigos.

ENODIO. Tendes explicado os circulos com todas as suas circunstancias; mas varias vezes tendes feito mençaõ do fogo com diferentes significações, e desejo entendellas todas; porque me parece esta intelligencia muito necessaria para esta obra.

ENODATO. Tendes razao, e agora satisfarey o vosso desejo. Usa a Natureza do fogo, como tambem à sua imitaçao se vale do fogo a Arte, como instrumento, e martello na fabrica das suas obras. He o fogo o Mestre, ou Presidente nas operaçoes da Arte, e da Natureza. Por esta razao he muito necessario ao Philosopho o conhecimento dos fogo;

gos; porque desconhecendo-os, trabalharà inutilmente, como Ixion, seguindo sem utilidade a roda da Natureza.

ENODIO. Como he taõ necessario este conhecimento taõ desconhecido, explicai-me a natureza do fogo.

ENODATO. O nome *Ignis*, ou fogo he equivoco entre os *Philosophos Hermeticos*; porque algumas vezes se toma pelo calor, e admitem tantos fogos como calores. Na geração dos Metaes, e dos Vegetaveis conhece a Natureza tres fogos, que saõ celeste, terrestre, e innato. O primeiro desce do Sol, como da sua fonte para o seyo da terra; move os fumos, ou vapores mercuriaes, e sulphureos, com que se mistura na criação dos Metaes. Excita o fogo dos Vegetaveis, que estava como apagado, dentro nas suas sementes, accrescentandolhes as partes igneas para a sua vegetação. O segundo está escondido nas entranhas da terra, e com a sua accão impelle os vapores subterraneos, para que subaõ pelos seus poros, e sayão para a superficie do Mundo, produzindo de caminho os Metaes, e apefeicoando as Sementes dos Vegetaveis, preparando-as, e abradando-as para fazerem melhor a sua producção. O terceiro he producção do primeiro, infundido no vaporoso fumo dos Metaes, e tambem no menstruo, cresce juntamente com a materia humida, e quasi como prezo, fica encerrado na sua forçaleza, ou fica ligado no seu mixto como forma. Porém introduzido nas sementes dos Vegetaveis, fica nellas sigillado, atè que solicitado pela agudeza dos rayos paternos, se inquieta, e move, e com este movimento, o dà juntamente com a forma à materia, fazen-

fazendo-se como Oleiro, e dispenseiro do mixto. Na geração dos Animaes o fogo celeste obra insensivelmente com o Animal; porque he o primeiro agente na Natureza. O calor porém da femea corresponde ao calor terrestre, em quanto a materia seminal está em putrefaccão, prepara-a, e favorece-a. Mas o fogo sigillado no semen filho do Sol, dispoem a materia, e disposta, lhe dá fórmula.

ENODIO. Tendes explicado magistralmente os fogos, ou calores da Natureza, que saõ os instrumentos, com que obra nas producções; agora estimara que me explicasseis, quae saõ os fogos da *Obra grande*.

§. VIII.

Do Fogo Philosophico, ou Hermetico, e da preparação da Chrylopeia.

ENODATO. NA materia da sua obra observarão os *Philosophos Hermeticos* tambem tres fogos, a saber natural, não natural, e contra a Natureza. Fogo natural chamão àquelle espirito fogo celeste, sigillado, occulto no profundo da materia, e prezo estreitissimamente nella, o qual, por causa da fortaleza do Metal, está como extinto, até que pelo engenho Philosophico, e pelo calor externo se excita, e move, e posto, em liberdade tem actividade de mover, e alterar o seu corpo resoluto. Então desfazendo, penetrando, dilatando, e finalmente congelando, dá fórmula à sua humida materia. Em qualquer mixto he o fogo da Natureza o principio, e o movimento

Hij. to

to do calor. Fogo não natural chamão àquelle, que vindo extrinsecamente, e de longe, com maravilhoso artificio se introduz na materia, para que aumente, e multiplique as forças naturaes. É o fogo contra a Natureza he aquelle, que corrompe o temperamento da Natureza, e apodrece o composto. Este fogo he imperfeito, por ser invalido para a geração, e não excede os termos da corrupção. Semelhante a elle he o fogo, ou calor do menstruo. He verdade', que impropriamente se lhe deu o nome de fogo contra a Natureza; porque de algum modo he confórme a mesma Natureza; porque salva a fórmā especifica, e corrompe a materia de tal sorte, que a dispoem para a geração.

ENODIO. Jà vejo pelo que me dizeis, que na obra Philosophica entra o fogo natural, e não natural; mas não percebo se entra tambem o chamado fogo contra a Natureza.

ENODIO. He mais provavel, que o fogo contra a Natureza não diffira do innato, mas que seja o seu primeiro grão; porque a ordem da Natureza pede, que a corrupção preceda à geração; e assim o calido innato consentindo nas leys da Natureza, ambas as cousas executa, excitando hum dobrado, e successivo movimento na materia: o primeiro de corrupção, mais tardo, e vagaroso, excitado por hum calor brando; e o segundo gera mais breve, e activamente, impelido pelo calor mais forte, para animar, e plenamente informar o corpo elemental, disposto já pelo primeiro movimento; e assim não saõ dous fogos, senão hum dobrado movimento, produzido pelo duplicado grão de calor do mesmo fogo.

ENO-

ENODIO. E o fogo naõ natural fica sempre com as mesmas qualidades, ou tem alteraçāo nesta obra?

ENODATO. O fogo naõ natural, por successivos grāos de digestāo se converte em fogo, natural ou innato, e o augmenta, e multiplica. Todo o segredo consiste na multiplicāo de fogo natural, o qual fendo simples, naõ pōde nem obrar, nem communica aos corpos imperfeitos perfeita Tinctura, mais do que as suas proprias forças lhe permittem; porque he sufficiente sómente para si, nem tem mais que dar; mas multiplicado pelo naõ natural, que abunda muito na virtude multiplicativa, obra com maior poder, e aetividade, extendendo-se àlem dos extremos da Natureza, aperfeiçoando, e tingindo os outros corpos imperfeitos, por causa da abundante Tinctura, e occulto thesouro do fogo multiplicado.

ENODIO. Como pōdem ser taõ aetivos esses fogos, se hā pouco que dissesse, explicando o segundo circulo, que nesta obra he tanta a agoa, que se pōde afogar nella toda a a materia?

ENODATO. Os *Philosophos Hermeticos* tambem chamaõ fogo à sua agoa, por ser summamente calida, e por estar cheya de hum espirito igneo. Por isso com o nome de agoa nomeaõ tambem o fogo; porque queima os corpos dos Metaes perfeitos mais do que o mesmo fogo, dissolvendo-os perfeitamente, naõ obstante resistirem elles ao nosso fogo, sem poderem ser por elle dissolutos, ou desfeitos; e por esta razaõ lhe chamaõ agoa ardente, e adurente. O fogo porém da Tinctura se occulta no yentre da agoa, manifestando-se com dobrado efecto,

feito, que vem a ser a dissoluçao do corpo, e a multiplicação.

ENODIO. Usa-se de mais algum fogo nesta obra?

ENODATO. A Natureza usa de dous fogos na obra da geraçao, que saõ interno, e externo, ou extrinseco, e intrinseco. Este impresso, ou sigillado nos mixtos, e nas sementes, se oculta dentro no seu centro, movendo, e vivificando o seu corpo, como movimento, e principio da vida. E aquelle, ou emané do Ceo, ou da terra, excita o primeiro adormecido pelo sono, obrigando-o a obrar. Os atomos igneos vitaes inaatos nas sementes de algum modo necessitaõ de motor externo, para que obrem, e se movaõ. Por semelhante modo se procede na obra Philosophica, porque a materia da Pèdra possue o seu fogo interior, o qual parte innato, e parte accrescentado, por modo Philosophico se une em hum só fogo; porque aquellas duas partes, por serem homogeneas, interiormente se ajuntaõ. O fogo interno necessita do externo, que administra o Philosopho Hermetico confórme os preceitos da Arte, e da Natureza. A quelles fogos andão quasi em duas rodas, das quaes a oculta, impellida pela sensivel, se move mais tarda, ou rapidamente confórme o impulso. Por este modo se ajuda a Natureza da Arte. O fogo interno he meyo entre o seu motor, e a materia, de que resulta, que do mesmo modo que he movido por elle, assim a move: se for impellido com mayor, ou menor actividade, do mesmo modo obra na sua materia. Finalmente a fórmã de toda a obra depende da medida do fogo externo.

ENODIO. Necessario he logo ter grande

de conhecimento deste fogo exterior.

ENODATO. Quem ignorar os pontos, e os grãos do fogo externo, não emprenda a *Obra Philosophica*; porque a luz nunca sahe das trevas, se não passar pelo meyo o calor: assim tambem os Elementos, cujos extremos não se convertem senão pelos meyos; e porque toda a obra consiste na separaçao dos quatro Elementos da Pedra, são necessarios para ella outros tantos grãos de fogo; porque cada Elemento se tira com o seu proprio grão do mesmo fogo.

ENODIO. Quantos grãos tem o fogo externo?

ENODATO. Reparte-se, ou divide-se o fogo externo em quatro grãos, a saber, fogo de banho, fogo de cinzas, fogo de carvão, e fogo de flamma, ou labareda; mas cada grão tem os seus pontos, ao menos dous, e algumas vezes tres; porque o fogo deve-se mover pouco a pouco, e por pontos, ou se aumente, ou se diminua, para que a materia, à imitaçao da Natureza, se adiante paulatina, e livremente, para ter fórmula, e perfeiçao. Nenhuma coufa he taõ contraria à Natureza como o violento. Considere o *Philosopho Hermetico* a demora, ou dilaçao com que o Sol se chega, ou retira, para com o seu calor fertilizar o Mundo, conforme os tempos, e leys do Universo, imprimindolhe o seu natural temperamento.

ENODIO. E quaes são os pontos de cada grão de fogo?

ENODATO. O primeiro ponto do calor de banho, he hum calor febril, ou de esterco, o segundo se chama sómente de banho. O primeiro ponto do segundo grão he o simples calor da cinza,

e o segundo o calor da area. Porém o fogo de carvão, ou de flamma não tem pontos, mas pela obra se distingue pelo artifice, que sendo perito, conhece se deve ser mais, ou menos activo. Entre os *Philosophos Hermeticos* se não admittem mais do que tres grāos de fogo, a saber, de banho, cinzas, e ardente, que comprehende o fogo de carvão, e de flamma. O fogo de esterco algumas vezes se distingue do fogo de banho. Muitos Escritores escondem com as trevas de varias, e desconhecidas palavras, a luz do fogo dos *Philosophos Chymicos*; porque tem este conhecimento por hum dos seus principaes segredos.

ENODIO. E como se applicaõ esses grāos de fogo com os seus pontos à obra grande?

ENODATO. Na obra branca, como se puxa só por tres Elementos, bastaõ tres grāos de fogo, o quarto, que he o ardente, fica reservado para a obra vermelha. Pelo primeiro grāo se faz o Eclypse do Sol, e da Lua: pelo segundo se principia a restaurar a luz da Lua: Pelo terceiro recebe a Lua todo o seu esplendor; e pelo quarto se exalta o Sol no mais alto auge da sua gloria. Mas em qualquer parte se administra o fogo conforme as regras da Geometria, de tal sorte, que o agente corresponda à disposiçāo do paciente, proporcionando-se justamente as suas forças.

ENODIO. Supponho, que não falta agora mais do que fazerdes huma breve relaçāo da applicaçāo destas cousas.

ENODATO. Tomay o *Dragão Ruivo*, animoso, e bellicoſo, em cujo nascimento não faltou nenhuma força. Depois escolhey sete, ou nove

Agnias

Aguias generosas , cuja vista se não offendia com rayos do Sol. Lançay as *Aves* com a *Fera* em hum carcere claro , e fortemente fechado , debaixo do qual poreis hum vapor tepido , paraque se accenda a pelejia. Em breve tempo se cometerão com dilatada , e obstinada batalha , atè que finalmente depois de quarenta e cinco , ou cincoenta dias principiarão as *Aguias* a picar , e a despedaçar a *Fera*. Morrendo esta , infisionará todo o carcere de podridão , e de veneno negro , com o qual feridas as *Aguias* , tambem perderão a vida. Da corrupção dos cadaveres se gerará hum negro *Corvo* , o qual levantando pouco , e pouco a cabeça , augmentando algum tanto o banho , começará logo a estender as suas azas , e a remontar-se nos voos. Porém buscando varedas , andará voando à roda muito tempo , vagando pelas nuyens , e região dos ventos. Vós tereis cuidado , que não ache nenhuma porta por onde fuja. Finalmente lavado com lenta , e dilatada chuva , e com o orvalho celeste , que lhe lançar em cima o Ceo sereno , ficará de huma candidissima cer. Mas o nascimento do *Corvo* seja para vós indicio da morte do *Dragão*. Para branquear o *Corvo* puxay pelos Elementos , e destilay pela ordem determinada , atè que se fixem na sua terra , ficando reduzidos a pôs subtilissimos , e alvissimos. Acabada esta obra , conseguistes o vosso desejo pelo que respeita sómente ao branco.

ENODIO. E para conseguir o vermelho , que se deve fazer?

ENODATO. Se quizerdes passar adiante atè conseguir o vermelho , accréscantay o elemento do fogo , que falta à obra branca. Immovei pois o va-

so, e augmentado paulatinamente por seus pontos o fogo, apertay a materia, atè que se faça manifesto o occulto, o que se conhicerà principiando a aparecer cor amarella. Regey o fogo do quarto grão pelos seus pontos, atè que pela obra de Vulcano das brancas assucenas nascão purpureas rosas, e cravos da Rochela; mas não deixais de puxar pelo fogo com o fogo, atè que vejais a materia reduzida a cinzas rubicundissimas, e imperceptiveis ao tacto, ou impalpaveis. Esta *Pedra Vermelha* vos levante o animo a cousas mayores, acções Catholicas, e heroicos procedimentos, favorecido com os auxilios da Santissima Trindade.

ENODIO. Que vem a ser propriamente esse pô vermelho?

ENODATO. Aquelle *Enxofre Philosophico* he huma terra subtilissima muito calida, e secca, em cujo ventre se oculta abundantemente multiplicado o fogo da Natureza, pelo que se chama fogo da Pedra, porque tem em si a virtude de abrir, e penetrar os corpos dos Metaes, e de os converter, ou reduzir ao seu temperamento, produzindo o que lhe he semelhante, e por isso se chama pay, ou semen masculino; e àlem desta grande actividade, preserva de molestias, cura enfermidades, dilata as vidas, e finalmente transforma as idades.

ENODIO. Pode-se augmentar esse semen masculino por outro modo mais breve?

ENODATO. Para se augmentar infinitamente deve o Sabio, que tiver descuberto a Mina do fogo celeste, guardalla muito bem. Porém da mesma materia, de que se gerou aquelle Enxofre, se multiplica, accrescentando huma pequena porçao sua,

sua, e tudo o mais, como tenho dito; e se quereis saber mais nesta materia, consultay a Raymundo Lullio, que elle volo dirà nas suas obras, porque nellas està fallando, não com vozes aos ouvidos, mas com o silencio, e com os caracteres aos olhos.

ENODIO. Tenho ouvido tudo, e não tenho percebido nada; porque entendendo o que dizeis, não comprehendo o que explicais; e desejo que me declareis esta Philosophia, de forte que ao menos possa entendella, quando não saiba praticalla.

ENODATO. Não vos posso declarar, nem explicar mais esta subtilissima Philosophia; mas para que não fiqueis desconsolado, tomay este papel, e lede o sonho, que nelle escrevi hontem pela manhã, com tençāo de volo dar para que o interpretasseis. Elle me parece mysterioso, e se o não entenderdes, não vos appliqueis ao estudo da *Chymica*, porque não haveréis de tirar delle nenhum fructo.

SONHO ENIGMÁTICO.

Endo examinado todas as opiniões dos *Philosophos Hermeticos*, e ponderado todos os *Enigmas* com que os *Adeptos* explicarão a mayor obra, que a Natureza produz com os instrumentos da Arte, cançado já de tão grande trabalho, adormeci, e comecey a sonhar, que estava embarcado, e dava logo àvèla, navegando com bonança pelas inquietas ondas do Oceano. Como não descobria mais que Mar, e Ceo, delejava avistar, ou descobrir terra, para me livrar de tão molesta jornada, exposta a tantos incommodos, perigos, e naufragios. Fuyendo engolfando, e perdendo o animo com avisinhante

ça da noite , e presença de huma tormenta , tão furiosa , que primeiro alterou o Mar , e depois de sobverter o navio , me arrojou , abraçado com huma taboa , a huma deserta praya . Esperey nella que amanhecesse , e tanto que principiou a tir a Aurora do meu pranto , fuy caminhando pela terra dentro , e com o nascimento do Sol , descobri huns dilatados , e desconhecidos campos ; porém sem cultura , estradas , nem varedas , por onde entendi , que erão desertos , e despovoados . Representouse-me na Phantasia o mesmo , que no ar ostenta a Natureza , quasi todos os annos , no mayor calor do Estio , junto da Cidade de Rheggio , do Reyno de Napolis , na Calabria Ulterior , à qual representação chamão os moradores da dita Cidade Morgana . He este espeçtaculo huma fórmia de Theatro , aberto da parte do Estreito de Sicilia , no meyo dos vapores do ar , em que aparecem com tão admiravel , como repentina architecura , Castellos , e Palacios com arcos magnificos , e columnas equidistantes , e estas em tão grande numero , que certo Padre da Companhia em huma Relação , que fez do dito espeçtaculo , ao Padre Leão Sanctio da mesma Companhia , Perfeito dos Estudos do Collegio Romano , affirma , que lhe parecerão mais de dez mil , todas bellissimas , com proporção , e cor admiravel , e pouco a pouco desvanecendo os primeiros objectos , succedem , como em diferentes scenas , e apparencias , bosques amenissimos , ciprestes , e arvores maiores em fileiras , e campos abertos , cheyos de homens , e gados de muitas castas . O Padre Kircker no seu livro intitulado *Ars Magna lucis , & umbre* , com razões naturaes , fundadas na Catoptri-

ca, doutamente mostra a possibilidade deste maravilhoso apparato, pela proporcionada mistura de luzes, e sombras, formando-se no meyo dos vapores mais crassos, oppostos ao monte, huma opacidade, com varios angulos de incidencia, e reflexão, da qual resulta hum perfeito espelho poliedro, que de hum só objecto, v. g. de huma só columna, que acaso estará na praya, se reflecte huma prodigiosa multidão de columnas, e assim do objecto de hum só animal se multiplicão as espécies em numeroso gado, de huma arvore se faz hum bosque, e de hum homem hum exercito. Demaneira, que assim como dos objectos da praya forma a Natureza no ar aquella vaporosa pompa; assim tambem dos objectos desta terra formou na minha Phantasia este mysterioso espetáculo. Caminhey contra o Sol, que vinha nascendo, buscando nas suas luces o meu refugio, e remedio; e depois que subio alguns grãos sobre o Horizonte, descobri por baixo delle alguns montes, que fuy demandando, e reconhecendo. Cheguey perto delles junto ao meyo dia, e entrando por hum valle, que ficava entre dous montes muito altos, a poucos passos fuy descobrindo ao pé, ou raiz dos outeiros que se seguião, varias plantas pequenas de muito diversas cores, e figuras; porque não só erão verdes, mas brancas, amarellas, azuis, pardas, e negras. Permanecião estas Plantas muito viçosas, sem haver naquelle lugar agoa, que as regasse, nem pessoa alguma, que as cultivasse. Atravessey outros montes, que estavão adiante, vestidos todos com as mesmas plantas, e desta forte fuy caminhando até que vi ao longe humas ferras muito altas, que estavão cubertas de vistosas

tosas arvores. Amimey-me a reconhecellas, e depois de grande trabalho, cheguey cançado a hum admiravel, e delicioso bosque, que me pañmou pela extraordinaria contextura do seu prodigioso arvoredo.

As primeiras arvores que vi, tinhāo os troncos, ramos, e folhas cubertos de cinzas, e os seus fructos parecião beringellas: adiante estavāo outras plantas, cujos troncos parecião feitos de escamis de peixe, e os fructos erāo semelhantes a pedaços de requeijão. Para hum lado estavāo humas arvores, cujos troncos, ramos, e folhas erāo tecidos com cravos da Índia, e os fructos erāo da cor de vermelho escuro. Da outra parte estavāo outras plantas, cuja casca, e folhas erāo parecidas às cascas das avellans, e os fructos estavāo muito verdes. Em hum outeiro mais baixo estava huma Arvore singular; porque o tronco, ramos, e as folhas erāo formadas de gotas de agoa, que sustentavāo humas às outras, e os fructos parecião jasmins. Da raiz desse outeiro sobia hum monte mais alto, que os outros, onde estavāo duas arvores mais prodigiosas, e admiraveis, do que todas quantas eu tinha visto; porque huma tinha o tronco, ramos, e folhas de Prata, e os fructos erāo como assucenas; e a outra tinha os fructos de purpura, e as folhas, ramos, e tronco de fino Ouro.

Junto a esta ultima Arvore estava assentado hum veneravel Ancião, que tinha colhido hum fructo della, do qual espremeo na mão huma só gota, e apenas lhe tocou com a ponta da lingoa, e a enguldio, se transformou em hum mancebo de poucos annos, ou quando menos parecia moço, sen-

sendo na idade muito velho ; porque as forças , cores , e saude erão as mais perfeitas da nossa idade. Cheguey-me admirado para elle , e com huma grande reverencia , lhe disse , que tinha naufragado , e andava naquelle montanha perdido ; mas que desejava conhecê-lo , e informarme da terra em que estava , para saber se poderia voltar para a minha Patria , e offerecer-me para o servir na minha peregrinação. Respondeo-me o Ancião , ou renovado Mancebo , que estimava muito a minha vinda , e a nova occasião de servir huma poderosissima Emperatriz , como seu primeiro Ministro , que era , havia mais de trezentos annos , do seu universal Imperio , sem ter outra occupação , nem obrigação mais do que ensinar aos curiosos Peregrinos , mostrandolhes as maravilhas daquelle Reyno. Perguntey-lhe como se chamava , para nomeallo com decencia , e respeito ; porque em huma conversação , algumas vezes feria necessário tratallo pelo seu titulo. Respondeo-me , que o seu nome , e o seu titulo era o de Philosopho , e que eu não tomaria naquelle Reyno outro nome , senão o de Peregrino. Com estes nomes nos tratamos algum tempo , e por agradecimento deste sonhado beneficio , e memória deste fantastico Philosopho escrevi com elles o sonho , por modo de Dialogo.

PEREGRINO. Com a vossa ocupação he ensinar ignorantes Peregrinos , e mostrar-lhes as maravilhas deste Imperio , dizeyme que terra he esta , e quem he a Emperatriz , que a domina ?

PHILOSOPHO. Esta he a montanha de huma grande quinta , em que habita huma Senhora muito sabia , e tão poderosa Emperatriz , que do

mina

mina absolutamente o Mundo todo; mas com maior gosto vive nesta quinta, como quinta essencia de todas as quintas.

PEREGRINO. Como pôde esta Senhora dominar a todo o Mundo, estando elle dividido em Reynos, e Imperios, Republicas, e Principados, os quaes governão varias Pessoas, com tantos titulos, como os seus desejos, e pensamentos?

PHILOSOPHO. Estes chamados Monarchs todos saõ vassallos, e feudatarios da minha Emperatriz; porque todos os instantes lhe pagão indispensaveis tributos.

PEREGRINO. Não posso deixar de entender, que tão omnipotente Emperatriz he a Santissima Trindade; porque só Deos Trino, e Uno he verdadeiro Rey dos Reys, e Senhor dos que dominão o Mundo.

PHILOSOPHO. Não he Deos esta grande, e Soberana Senhora; porque he creatura sua, e tem mais de natural, que de divina.

PEREGRINO. Como te chama esta Senhora, que desejo conhecella?

PHILOSOPHO. Não podeis ignorar-lhe o seu nome, sendo ella tão famosa, e nomeada no Mundo; porque lhe obedecem todas as criaturas, como a M  y, e a todas ama, como filhas.

PEREGRINO. Agora entendo, que fallais da Natureza, de quem sois primeiro Ministro, como Philosopho; e v  nturoso ferey nesta peregrina  o se v  s me explicais os mysterios desta sua prodigiosa quinta.

PHILOSOPHO. Não vos posso explicar os segredos da Natureza, se v  s não tiverdes percebido

bido os mysterios da Philosophia; porque naõ costumo fallar senão com quem me entenda.

PEREGRINO. Eu se naõ sou Philosopho, ao menos estudey Philosophia com o mayor Mestre della Sciencia de entendidos; porque respondendo, e dissolvendo todas as duvidas alheyas, para os seus argumentos nunca houve resposta. Foy o terror das Aulas, o pasmo, e admiraçao dos Sabios. Pequeno elogio seria da consumada sciencia do grande Padre Simão de Almeida, filho da sempre esclarecida, e sapientissima Companhia de JESUS, exceder na Sabedoria aos Platões, e aos Aristoteles, que souberão pouco, e ignorarão muito; mas sendo alumno da Caixa da Sabedoria, os maiores Mestres della podião ser discipulos seus; e mayor estimação fiz eu sempre d'élle glorioso nome de seu discipulo; do que do grão, que na Universidade de Coimbra se me deu de Mestre; e se com o trato de tão grande Philosopho tenho algum merecimento, participando delle a luz da Philosophia, peço-vos que me digais, para que espremestes, e engolistes o çumo do prodigioso fructo desta Arvore?

PHILOSOPHO. Para conservar os humores do corpo na sua natural harmonia, expellindo o nocivo, e conservando o util para a saude; e com algumas gotas, que tomey em diversos tempos, tenho vivido mais de tres seculos, e crescendo cada vez mais os. annos, parece-me que tenho menos; porque me vejo com as forças, e alentos da mais robusta, e florida adolescencia.

PEREGRINO. Permittame, que colha, e leve comigo hum fructo desta arvore para me aproveitar das suas virtudes.

K

PHI-

PHILOSOPHO. Liberdade tendes para os colherdes todos; porque a Imperatriz a ninguem negou atègora essa licença.

PEREGRINO. Com toda esta diligencia, e força que estou fazendo, não posso colher nenhum fructo desta planta, e o mais que tenho conseguido he arrancarlhe algumas folhas; porque os fructos se escondem dentro dos troncos. Dizeyme, Senhor, se partindo estes ramos, acharey dentro os seus fructos?

PHILOSOPHO. Os fructos desta arvore não se colhem com força, nem com violencia, senão com sciencia, e arte. Para colherdes estes fructos, deveis primeiro examinar a natureza das arvores, que estão nestes montes circumvisinhos.

PEREGRINO. Como estas plantas saõ tão diversas, ferá muito dilatado esse exame.

PHILOSOPHO. Enganais-vos com a sua aparence; porque sendo diferentes na cor, e figura, todas saõ o mesmo na raiz; e para que vos defenganeis com a vista dos vossos olhos, agora vereis as raizes de todas estas plantas, quando eu férir a terra com o primeiro golpe desta vara. Dizeyme, que vedes depois que eu dey o golpe?

PEREGRINO. Vejo que todas as arvores tem a raiz descuberta, e todas estas raizes saõ brancas, e semelhantes, entrando todas perpendicularmente pela terra dentro, aonde se sustentão sem nenhuma agoa.

PHILOSOPHO. Não vos admire a conservação destas plantas sem agoa, porque se bem advertirdes, vereis que por baixo dessas raizes perpendicularmente vem subindo douz sumos, cada hum por sua

sua parte, os quaes em chegando às raizes, se juntão, e formão hum só fumo, que sem passar adian- te, fica nas raizes pegado. Estes fumos saõ a mate- ria, e a agoa de que se formão, e sustentão as rai- zes destas plantas; e conforme a terra, assim pro- duzem diversas arvores estas raizes. Porém no co- ração destas plantas està occulto hum tallo, de que se faz hum balísamo de tão raras virtudes, que a me- nor de todas he, facilitar a colheita dos fructos da Arvore de Ouro, sem mais trabalho, que tocar com elle nos seus ramos.

PEREGRINO. Não sey como se pôde desco- brir, nem tirar esse tallo, sendo os troncos dessas arvores quasi impenetraveis.

PHILOSOPHO. Não saõ tão impenetraveis como vos representa a vossa imaginação; porque com os golpes da minha vara qualquer dellas mostra logo o tallo; e para que vos desenganeis com a ex- periencia, notay os effeitos que ella faz com o seu toque nesta planta, que parece formada de gotas de agoa.

PEREGRINO. Com o primeiro toque da vos- sa vara se fez a arvore toda negra. Cahiráolhe os ramos, e as folhas, e abrindo-se juntamente o tron- co appareceo no meyo delle hum branco tallo.

PHILOSOPHO. Colhey esse tallo precioso, para conseguirdes com elle o que vos falta.

PEREGRINO. Està colhido; e que devo fa- zer agora?

PHILOSOPHO. Ponde-o sobre os vossos hom- bros, e hide presentallo à Emperatriz, para que lhe lance a bençāo; e voltay logo com elle a este lugar, onde vos espero deitado ao pé da arvore de Ouro.

K ij

PERE-

PEREGRINO. He tão grande a vontade de hir, como a ignorancia do caminho; e accrescenta a dificuldade não saber a lingoa da terra, nem ter na Corte nenhum amigo, que me facilite audiencia de tão grande Magestade.

PHILOSOPHO. O caminho he este só; se o seguirdes direitamente, sem vos inclinardes a nenhuma das partes contrarias, no fim achareis o Palacio Imperial. O tallo que levais vos servirà de lingoa, e conductor. Porém caminhay sem parar de dia, e de noite, até avistardes o Paço da Emperatriz.

PEREGRINO. Quanto tempo se gasta nesta jornada?

PHILOSOPHO. Huns peregrinos chegão mais tarde, que outros, e alguns se perdem no caminho, e todos estes successos dependem da pureza do tallo que levão, como esse que vòs levais está bem puro, elle vos alentará para que não cancelis; e para não errares o caminho fará huma certa guia.

PEREGRINO. Fuy caminhando com o meu tallo ao hombro por estrada plaina, e direita, mas sempre deserta, aliviando com o fresco da noite o grande calor, que o Sol causava de dia; caminhay sempre com tempo sereno, sem avistar nenhuma pequena nuvem. Não encontrando na estrada pessoa alguma via muitos passaros, e pelas madrugadas orvalho; e passados muitos dias avistey o magnifico Palacio da Emperatriz, que buscava. Na sua circumferencia estavão muitos Cortezios, que se parecio com o Philosopho, porém erão mais moços, e todos suspensos olhavão para a Emperatriz, à qual estaya assentada em hum elevadissimo throno, e riquissimamente adornada com tudo

Quan-

quanto produz o Universo. Cheguey confiadamente aos seus pés , sem que ninguem mo impedisse , nem ella mo estranhasse , e ajoelhando , com grande reverencia , puz o tallo à sua vista ; o qual logo floreco tanto , que ella com semblante agradavel , e risonho lhe lançou a sua bençaõ ; e logo me despachou remettendo-me ao Philosopho , para que me ensinasse o que ignorava. Beijelhe a mão , com demonstraçāo do meu agradecimento , e voltando pela mesma estrada , me achey em poucas horas na companhia do Philosopho , que estava deitado ao pé da Arvore de Ouro ; e presentando-lhe o tallo , lhe disse , o que me ordenāra a Emperatriz , para que me ensinasse o que devia fazer.

PHILOSOPHO. Colhey essas flores do tallo , e pondeas sobre huma folha da arvore , que estiver mais exposta ao Sol , e observay com grande cautela o successo.

PEREGRINO. O calor do Sol derrete a folha , e as flores , e tudo fica reduzido a huma massa.

PHILOSOPHO. Deixay obrar o calor do Sol , e vereis que essa massa se converte em hum fructo , semelhante aos que produz continuamente a Arvore de Ouro.

PEREGRINO. Estou admirado vendo essa transformaçāo.

PHILOSOPHO. Hé chegado o tempo de o colherdes sem nenhuma difficultade , e de vos aproveitardes das suas virtudes.

PEREGRINO. Aqui o tenho ; e para que me serve este fructo ?

PHILOSOPHO. Iſfregay com elle as folhas das outras arvores , e vereis , que todas se con-

ver

vertem em folhas da Arvore de Ouro.

PEREGRINO. Rara maravilha! Assim o experimento. Estou vendo as transformações, e não as creyo. Pareceme este bolque a methamorphose de Ovidio. Dizeime, Senhor, poderey tambem tirar deste fructo aquelle cumo, que vos vivifica, como lemos, que Medea convertera de velhos em mancebos a Eson, e a Etha?

PHILOSOPHO. Esse he o principal effeito deste fructo; e se elle naõ tivera esta virtude naõ teria tanta estimaçāo; lançai-o na mão, e engolind-o para baixo, logo experimentareis hum raro prodigo.

PEREGRINO. Naõ tenho outra duvida para bebello se naõ o justo receyo de me tornar a verme-nino; porque se este succo vos transformou de velho em moço, tambem convertera em menino hum mancebo; e não queria agora verme de taõ pouca idade sogeito às pensões da infancia. Não me quero vermoço, tendo sempre amo, nem quero ser novo, nascendo velho; eu me dou por satisfeito com esta idade.

PHILOSOPHO. Este succo não diminue, accrescenta o numero dos annos; porque dilata a vida a quem o bebe; mas sem diminuir a idade, converte os velhos em mancebos; porque sendo eu de trezentos e oitenta annos, estou com o vigor da minha adolescencia.

PEREGRINO. Pois resolvome a tomallo, para viver, ainda que febricitante, com tosse, pernas inchadas, e tolhido, como vim este Outono das Caldas, e para me livrar do funesto prognostico, que já me fez o mayor Medico da Europa.

PHI-

PHILOSOPHO. Se vòs o tomardes, logo ficareis livre de todas essas, e quaesquer outras molestias.

PEREGRINO. Eu o tomo, e já vou sentindo os braços, e as pernas livres, e desembaraçadas, o corpo fresco, o peito livre, desvanecida a tosse, e a cachexia; e o que mais me admira he nutrirme de repente, estando muito extenuado. Se me não engana a minha imaginação, brevemente passearey pelas ruas, restituído à minha faude; e com este gosto, que não foy pequeno, me alterey de sorte, que de repente fiquey acordado, reconhecendo, que tudo isto era sonho.

ENODIO. Tenho lido com muito gosto, e contemplado com grande ponderação o vosso sonho, e pareceme tão mysterioso, que o levo para estudar por elle o que desejava saber, e não podia descobrir em outros escritos. Não lhe darey o credito que merecem os sonhos propheticos de Jacob com os Anjos da escada: os sonhos de Joseph com a adoração das Estrellas: os sonhos de Pharaò com a figura das vacas; e os sonhos de Nabuco com os Metraes da Estatua; mas observarey as circunstancias do sonho, para penetrar naturalmente o seu mysterioso segredo. Por este modo refere Herodoto no Livro terceiro, que sonhando a filha de Policrates, que via a seu pay no Ar, previo morrer elle pouco tempo depois enforcado. O Emperador Mauricio viu em sonhos a tragedia da sua morte, executada violentamente por Phocas. E Phormaco, segundo no Livro decimo escreve Herodoto, conheceo a sua futura enfermidade, sonhando com a imagem da sua doença. Agora com estes exemplos, e como Ar-
temis

temidoro, Author Grego, compoç hum livro, em que pretende dar regras certas, para a interpretaçao dos sonhos, com grande curiosidade, e attenção vou logo ver em Luciano a engenhosa descripçao que faz da Ilha dos Sonhos, para ver se posso entender o sonho desta Ilha. Se escrevestes sobre esta materia mais alguma cousa, peço-vos, que me não occulteis os vossos estudos, e segredos.

§. IX.

Testamento Hermetico.

ENODATO. **N**ão permittio o Emperador Nero a seu Mestre o grande Philosopho Seneca, que testasse de seus bens, estando condenado por elle à morte; mas o grande Philosopho deixou aos seus amigos a sua vida por herança; porém eu vendo-me muito enfermo, como sem proposito se me representou tambem no sonho, antes que partisse para as Caldas, fiz o meu testamento nestas decimas, no qual lhe deixáva o mesmo testamento por legado. Seneca soy tão rico, que teve sete milhões, e meyo de renda, e não pode testar na morte, se não da vida que acabava; e eu testo de huma vida, que dura, e de huma riqueza, que se não extingue.

Si en

Si en Mercurio no alterado,
Dissuelves Oro nativo,
El *Rebis* has conseguido,
Y el fermento deseado:
Ponle en vaso sigilado,
En fuego lento a coser,
Advertiendo, que ha de ser
Tan suave el movimiento,
Que solo el entendimiento,
Pueda llegarlo a entender.

La sabia Naturaleza,
Por devidas digestiones,
Llega a lograr las funciones
De los trabajos que empieza:
Aborrece la fiereza,
Del fuego consumidor,
Y uña del con tal primor,
Y tan singular reposo,
Que es un fuego vaporoso,
El arte de su labor.

Lo Animal, lo Vegetable,
Lo Mineral, que produce,
Esta regla lo conduze,
A una perfeccion loable:
De un principio, que es notable,
Tres cosas en conclusion,
Saca por separaccion,
Y puras buelve a juntar;
Pero no se puede hallar
Esto, sin putrefaccion.

82 *Ennea, ou Applicaçao do Entendimento,*

Al Camaleon parecido
Es el licor no alterado,
Y antes de especificado,
Le ajusta qualquier vestido:
En Mercurio convertido,
Pierde el nombre universal,
Y assi llorando su mal,
En lagrimas se deshaze,
Y solo le satisfaze,
Con lo que guarda de Sal.

En dos alas solamente,
Consiste toda la Obra,
Y lo de más todo sobra,
Pqrque es engaño patente:
Toma un cuerpo permanente,
Y aun que te custe disvelo,
Abate el Aguila al suelo,
Y no la dexes bolar;
Porque el intento es hallar,
Modo de unir Tierra, y Cielo.

El Fuego, y el Agoa son,
El instrumento preciso,
Con que el Philosopho quilo,
Disponer la perficion;
El Agoa por la ablucion
Lo terreno purifica,
Y el Fuego es quien clarifica
El veneno arsenical,
Y assi encuentra lo essencial,
Quien los accidentes quita.

En.

En qualquier grano sabemos,
Que ay virtud vegetativa,
Pero en lugar de la activa
Virtud no le conocemos:
Si la semilla ponemos,
En la Tiera alli el vapor
Central, y el salino humor
Concurriendo a un mesmo punto,
Despiertan en el conjunto,
El Vegetante vigor.

La ceniza aquien la ardiente
Llama voraz constitue,
De una verdad nos instrue,
Por experientia evidente,
Que cosa ay mas permanente,
Que su phisica substancia,
Pues es tanta la constancia,
Con que puede mantener-se,
Que no rehusa exponer-se,
Del Fuego a la Vigilancia,

Assi el Philosopho atento,
La Natureleza sigue,
Y si no ya mas consigue,
Lo que busca tan sediento,
Discurre el proprio alimento,
Con que qualquier planta cresce,
Mira con lo que apeteze,
De la Tierra la humedad,
Y luego la qualidad,
Del Fuego com que la cuese.

§4 Ennea, ou Applicaçao do Entendimento;

ENODIO. Mais rico fico com este vosso legado, do que Nero com a herança de Seneca; e para eu poder addir esta herança, haveis-me de declarar como posso fazer a transmutação dos Metaes em Ouro, e Prata.

§. X.

Metempsomatosis do Chumbo em Prata.

ENODATO. **A** Dmittio o antigo Philosopho Empedocles a *Metempsomatosis*, ou transcorporação com que os corpos elementaes se transformão, do que se riu com muita razão

Tertul. lib. de o grande Tertulliano; e receyo, que tambem vos Anim. cap. 22. provoque a riso a transmutação, que agora vos declaro de douis corpos mixtos. *Dissolvey huma onça* de Prata fina em Agua Forte, e precipitando-a com Espírito de Sal, ficará no fundo huma materia lembrante ao requeijo. Tiray toda a humidade, e lavay esta materia duas, ou tres vezes com agoa quente, e depois de secca, achareis huns pôs muito brancos. Fundi tres onças de Chumbo, e tanto que estiver derretido, lançailhe paulatinamente os pôs da Prata, a qual se dissolverá em fórmula de oleo. Tende cuidado não caya dentro da Obra algum carvão, ou braza. Tanto que a materia estiver derretida, tiray o cadiño fóra do fogo, e deixay esfriar tudo, estando o cadiño tapado. Depois que tu lo estiver frio, quebray-o, e separay o Chumbo da Prata, que esti por cima em fórmula de massa. Copellay este Chumbo, e achareis huma onça de Prata de copella. Esta transmutação fez o Espírito da

da Prata , penetrando , e purificando o Chumbo. Não se tira della nenhuma utilidade , mas colhe-se desta operação hum grande documento ; porque vos dà luz para fazerdes huma grande fortuna , se souberes reduzir a corpo a massa da Prata ; e daqui poderes facilmente passar ao verdadeiro conhecimento , de fazer as transmutações dos Metaes viz em fino Ouro. Não vos revelo o segredo , como enigmaticamente fizerão Santo Alberro Magno , e outros *Hermeticos* ; porque não quero satisfazer à cubicador ambiciosos , senão à curiosidade dos Sabios.

ENODIO. Os Sabios não se contentão da curiosidade , se juntamente não he util ; e não se podem satisfazer com esta operação , em que vós confessais , que não ha utilidade.

ENODATO. Nesta operação não hà conveniencia ; porque se tira a mesma Prata , com que se faz a Obra ; mas propoem hum exemplo , para se conseguir o modo de fazer a *Pedra Philosophal* , de que resultem ao descubridor deste segredo as maiores conveniencias , e utilidades ; e para que as vejais descubertas , ouvi humas largas , e grandes palavras , que escreveo o Padre D. Rafael Bluteau fallando da mes- Bluteau. Voma Pedra. *Pedra Philosophal* , diz elle , se houve , ou se cab. Tom. 6. ha tal pedra no Mundo , não he propriamente pedra , lit. P. fol. 353. mas he a materia , com que alguns Philosophos , ou *Alchimistas* pretendem fazer artificialmente Ouro. O mayor argumento , com que se costuma impugnar a possibilidade deste artificio , he que não se pôde naturalmente mudar huma cousa de huma especie para outra , como he fazer do Estanho Prata , ou da Prata Ouro. A este argumento respondem os Professores desta Arte , que os Metaes não saõ especi- ficas.

ficamente, mas só accidentalmente diversos; e que a atenção, ou intento da Natureza, que sempre tende aos mais perfeito, he fazer de todos os Metaes Ouro; o que de ordinario não consegue, ou porque das veas da terra se tirão antes do tempo requisito os Metaes imperfeitos, e indigestos; ou porque nos montes, em que se vão creando, contrahem, como as crianças no ventre materno, as imundicias, e impuridades da terra, sua matriz; e do mesmo modo, que hum homem por ser pallido, amarelo, e doente, não differe especificamente daquelle, que he còrado, vermelho, e bem disposto, assim não differe hum Metal de outro essencialmente, mas só accidentalmente, por ser mais, ou menos puro, ou impuro, ou mais, ou menos sá, ou doente, como v. g. o Chumbo, que pela muitas fezes, que tem, he o mais impuro dos Metaes, e o Ouro summamente apurado, e por consequencia summamente compacto, porque homogeneo, e por isso mais difficultoso de dissolver, he dos Metaes o mais puro.

A *Pedra* pois *Philosophal*, ou o pò, a que chamaõ de projecçao lançado sobre o Metal mais impuro derretido, se tivera a virtude, que se lhe attribue, não transformaria essencialmente o Metal, mas fazendo evaporar as fezes, e materias heterogeneas, ficaria Ouro aquella parte, que a Natureza destinou para este effeito; e assim como com a chamma de huma vèla se converteteria logo em fogo hum monte de polvora, assim com a *Pedra Philosophal*, Ouro vital dos Philosophos, se converteria em Ouro perfeito hum mar de Metal liquido, e disposto para receber a efficacia da sua impressão (como advertio na sua *Chry-*

Chrysopeia Augurello) nem tão pouco se augmента a difficultade desta transformação com a brevidade do tempo , porque segundo Aristoteles no quinto livro da sua *Physica* , assim como ha mortes repentinhas , e violentas , contrapostas ás que chama-mos naturaes , tambem há producções , ou generações anticipadas , e quasi instantaneas , que abrevião o curso , e methodo ordinario da Natureza. Conheço , que estas , e outras muitas razões , que neste lugar se poderião trazer , sem experiençia saõ frivolas ; porém não me posso resolver a negar absolutamente a possibilidade da *Pedra Philosophal* ; quanto mais , que o Padre Martinho del Rio perguntando nas suas *Disquisições Magicas* , se a *Pedra Philosophal* ; ou a Arte de fazer Ouro , he Arte diabolica , affirma , que não , e certifica , com exemplos que traz , que por doze diferentes modos naturaes se pôde fazer Ouro. Tambem não acabo de me persuadir , que todos os Authores antigos , e modernos , que seriamente , e com altissimas razões philosophicas tratârão esta materia com grande estudo , e sem emolumento algum , quizessem inculcar aos Leitores das suas obras fabulas por verdades. Verda-de he , que algumas experienças , que parecem abonos desta Arte , bem consideradas , e examinadas saõ enganos.

Na Cidade de Florença em Italia , entre as preciosas curiosidades , que se mostrão na famosa Galaria do Grão Duque de Toscana , se vê hum prègo meyo Ferro , e meyo Ouro. Eu o vi mais de huma vez , e quem o mostrava , dava a entender , que a parte do dito prègo , feita Ouro , era milagre da *Pedra Philosophal* , obrado por hum *Chymico* , que por

por aquellas partes passára, e desapparecera. Dahì a alguns annos passey de Italia para França, e de França para Portugal, aonde tive a honra de beijar as mãos ao Grão Príncipe de Toscana, hoje Cosmo III. e na Cidade de Lisboa praticando com elle sobre a possibilidade da *Pedra Philosophal*, admirado de que elle a impugnasse, procurey firmalla com o prego; mas foy o dito Príncipe servido desenganarme, dizendo, que a parte aurea do dito prego, não era transmutação de Ferro em Ouro, mas união de hum bocado de Ferro com Ouro, e essa tão subtil, que ficara imperceptivel ao tacto, e à vista. Por este, e outros modos, e artifícios, muitos falsos *Alchymistas* desacreditarão esta Scienzia; porém não faltão homens de bom juizo, que lhe dem algum credito, e ainda que o Abbade Furetiere, no seu Diccionario Francez a despreze, como delírio da imaginação, e ocupação de loucos, parece quiz a Academia Real de França dar a esta Arte alguma probabilidade no seu famoso Diccionario pag. 212. aonde diz, que Nicolao Flamel, Francez de Nação, com a intelligencia de hum livro, que lhe communicara hum Judeo, chamado Abraham, chegou a fazer Ouro em tão grande quantidade, que dotara com boas rendas quatorze Igrejas, e outros tantos Hospitaes em França, e que vivendo em hum tempo, em que era muito mais raro, que hoje o dinheiro, a saber, nos annos de 1393. e 1413. gastara em obras pias mais de dous milhões de cruzados.

O thesouro da saude, que tambem por meyo da *Pedra Philosophal* se espera, he muito mais estimavel, que o das riquezas. O fundamento desta es-
peran-

perança he, que fendo a *Pedra Philosophal* o correctivo dos viciosos excessos dos tres principios, ou elementos da *Philosophia Chymica*, a saber, *Sal*, *Enxofre*, e *Mercurio*, que saõ a causa das doenças dos Metaes imperfeitos; tambem as enfermidades do corpo humano se originão de algum excesso dos tres ditos principios, ou por qualidades terreas, que he o que chamão *Sal*, ou por qualidades oleosas, e igneas, que he o a que chamão *Enxofre*, ou por qualidades aquosas, que he o que chamão *Mercurio*; e nos corpos, como nos Metaes destroea a *Pedra Philosophal* estas nocivas qualidades; e esta he a razão, porque a *Pedra Philosophal* se chama *Medicina Universal*. Entre as experiencias deste prodigioso preservativo das enfermidades corporaes, humadas notaveis he a que temos na pessoa de Federico Gualdo, que no anno de mil e seiscentos e oitenta e dous, por conjecturas bem fundadas, passava de trezentos annos de idade, improvisamente desappareceu da Cidade de Veneza, aonde alguns successos davão motivo para sospeitar, que com o auxilio da *Pedra Philosophal* prolongava a vida.

Aos argumentos, que se poderião fórmar contra esta tão singular maravilha, responde o Author de hum livrinho Italiano, impresso em Colonia no anno de 1694. intitulado, *La critica della morte, o vero l' Apologia della vita, e le ricette dell' Arte, che accrescono i languori della natura*; e no principio do dito livro se vê a effigie do dito Federico Gualdo, com esta inscripção Latina:

Federicus Gualdus

*Natione, ut dicebatur, Germanus, sed verè
Cosmopolita; attamen melius dicam,
HERMETICI ORBIS PRINCEPS,
Nam plusquam trium saeculorum coetaneus,*

A multis assertus,

*Tamen suo ore nonagenarius confessus,
Anno M. DCLXXXIII. die XXII. Maii
Solutus iter ignotum accipiens à Veneta urbe,
Ubi quadragenarius incola moratus est,
migravit, imo dispergit.*

Como a saude abaixo da graça de Deos, seja neste Mundo o mayor bem do homem, com razão se houvera de preferir a todas as sciencias humanas a da *Pedra Philosophal*; e por isso com esperança de huma dilatada vida, ou quando menos de huma vida sem achiques atè a hora destinada de Deos para a morte, gastarão muitos Philosophos muito dinheiro, e muito tempo na investigação deste admiravel segredo, que he o unico, que pôde conservar o humido radical, e o calor natural em perfeita união, e harmonia, desterrando a velhice, e restituindo a mocidade; advertindo, que nenhum medicamento natural tem virtude para restituir as partes vitaes damnadas, porque (como dizem os Philosophos) à privatione ad habitum non datur regressus; mas só pôde haver remedios para expellir humores heterogeneos, e nocivos, e para com esta expulsaõ accrescentar muitos annos de vida.

Para conseguir este bem, que dos bens transitorios he sem duvida o mayor, he preciso acertar com a materia da *Pedra Philosophal*; para este feito

feito escolhèrão alguns o Vitriolo , outros o Mannà, outros o Orvalho , e outros a Prata , e o Ouro ; mas acho , que os melhores Mestres desta Arte assentão , que não se pòde tirar a materia da *Pedra Philosophal* de Metal algum , aindaque perfeito , mas da materia mais proxima à formação dos Metaes. Achada pois a materia, que he huma das mayores difficultades desta Arte , saõ tantos os Enigmas dos Authores , e tão varias as operações desta fabrica , que quasi nunca se alcança , o que se intenta. O mais sam conselho , que nesta materia se pòde dar aos que desejão dilatar a vida , he que observem as leys de hum verdadeiro celibato , e de huma moderada abstinentia , porque de ordinario os vicios , contrarios a estas duas virtudes , saõ a funesta causa da brevidade das nossas vidas.

Não recorro a esta moralidade para eludir os argumentos , que se pòdem fazer contra a possibilidade do *Lapis* , porque não me obriguey a averiguar esta materia. Mas não posso deixar de estranhar a facilidade , com que muitos se rim dos nomes enigmaticos desta *Philosophia* , como se os homens doutíssimos , que usaráo delles , os inventarão para ostentarem o seu faber , e zombarem do Mundo. Esta mesma escruidade he mysterio para mayor veneração da Arte. Só dos nomes , que se dão à materia , da qual se compoem o *Lapis* , ou ao proprio *Lapis* depois da sua composição , se pòdem fazer Catalogos capazes de encher grandes volumes , e com a declaração dellas , e de outros infinitos concernentes às operações , e effeitos do *Lapis* , grandes Livrarias. Que imaginação estes Mysochimicos , Antagonistas , e Antipodas da *Hermetica Philosophia* , que sonhavaõ , e deliravaõ os Sabios , que nas suas obras chamaraõ à materia do *Lapis* ,

Naturalis, Simplex, Catholica, Chaoſa, ou Chaotica, Primaterialis, Antiquissima, vel verē Saturnina, e finalmenſe Materia rerum prima? Todos estes epithetos tendem a moſtrar, que esta materia he realmente a primeira de todas; que della todas nascem, e a ella todas por putrefacçāo natural se reduzem, tem por iſſo ſer ella a materia prima, (segundo os principios da Philosophia Aristotelica.) Todos os nomes, que lhe derao, ſão mysterios, que occultamente iſſinuao as suas propriedades, e qualidades naturaes. Chama-se *Microcosmus noſter Macrocosmicus*, porque nella ſe contém todas as virtudes elemintaes, e celeſtes do Mundo grande, e pequeno. Chamao-lhe *Chaos*, porque nella todas estas virtudes eſtao miſturadas, e confuſas. Chamao-lhe *Magnesia*, porque attrahe para ſi todos os Metaes, particularmente o Ouro, e a Prata, por cauſa da ſua perfeiçāo. Chamao-lhe *Ente Metallico*, e na realidade o he, porque delle ſe originao, e formao todos os Metaes. Chamao-lhe *Eſpirito*, porque he volatil, e dà aos Metaes vida como ſeu vital eſpirito. Chamao-lhe *Altissima, e Unica Medicina*, porque cura todas as enfermidades dos homens, e dos Metaes. Chamao-lhe *Veneno*, porque aos Metaes, e mais couſas dà morte, conduzindoas à putrefacçāo, mas para as regenerar, e restituir a eſtado mais perfeito. Chamão-lhe *Lixivium, id eſt Cenrada, ou Decoada*, porque tira, e abſterge todas as impuridades metallicas. Chamão-lhe *Eſpola, Māy, Mulher, Eva, &c.* porque della nascem nobilissimos filhos. E no mesmo tempo chamão-lhe *Virgem, e pura*; porque ainda que produza filhos, permanece caſta, e depois de os matar, e afogar ao proprio Ma-rido,

rido, os resuscita, e restitue à immortal, e incorruptivel vida. Chama-se *Leite Virginal*, porque da sua terra sahe a modo de leite o seu licor, e no recipiente com o frio se coalha a modo de manteiga, e com o calor se dissolve. Chama-se *Sangue*, porque se faz vermelho como sangue, e contém, como sangue, espirito de vida. Chama-se *Agoa ardente, e ignea*; porque derrete todos os Metaes com mais actividade, do que poderia fazer o fogo mais violento. Chamaõ-lhe *Lucifero, Estrella matutina, e vespertina*, porque na operação luz muito nas manhãs, e nas tardes; o que he digno de grande admiração. Chamolhe *Iris*, porque nella se vem as proprias cores, que no Arco celeste se divisaõ. Finalmente por outras innumeraveis observações se chama *Serpens, & Draco, Nubes, Ros, Luna, Plumbum, Venus Naturæ, Sputum Lunæ, Syrupus granatorium, Aquæ repugnans igni, congelata, non madefaciens manus, Glacies Sophorum, Lapis non lapis, de semine Mundæ maioris, filius Omousios parenti suo, in quo omnis plenitudo naturæ, hoc est EL-I-XEIR magnum, &c.* Isto he o que o Vulgo chama *Pedra Philosophal*, rindo-se de todos os titulos, que se lhe attribuem, sem outro fundamento, que o que poderia ter hum rustico, que ouvindo fallar em forma accidental, substancial, assistente, informante, em especie expressa, impressa, infima, intencional, objectiva, predicavel, subalterna, subjicivel, &c. se risse da Logica, chave das Sciencias, ou aos eccos de Espiração activa, e passiva, Innaſcibilidade, Hypostasi, Omohypostation, Pneumatômacho, Consubstancialidade, Immanencia, Processões, Relações, Emanações, zombasse da Theologia, nobilissima filha da Fè, e gloriosiss-

94 *Ennea, ou Aplicaçao do Entendimento, riosíssima interprete dos arcanos Divinos.*

Os que não admitem esta *Chymica*, aceitem esta moralidade. A verdadeira *Pedra Philosophal* he a graça de Deos, que communica à alma a virtude de purificar os Metaes dos cinco sentidos, e converterem Prata, e Ouro para a coroa da gloria as nossas obras. O humido superfluo, que os *Chymicos* devem tirar, he o luxo, o sulphureo ardor, he o fogo da luxuria; a negridão corruptente, he a macula do pecado; as fezes terrestres, que estorvão os progressos da obra, saõ o amor aos bens da terra, que contamina a pureza do espirito. Tambem nesta obra concorrem as operações *Chymicas*, a saber, *Sublimaçao*, quando se levanta a alma ao conhecimento do Altissimo; *Pre-cipitaçao*, quando conhece a sua baixeza; *Calcinaçao*, com o pensamento nas cinzas da morte; *Soluçao*, *liquaçao*, e *distilaçao*, nas lagrimas da penitencia; *Coagulaçao*, e *Fixaçao*, na constancia da Fé, e firmeza no amor de Deos. Neste breve, mas elegante, e doutissimo discurso vos descobre o grande Bluteau as utilidades da *Pedra Philosophal* nos famosos exemplos de Nicolão Flamel, que soy muito rico, e de Federico Gualdo, que viveo muito; e se vòs descobrides o segredo, que elles alcançarão, tereis huma larga vida, e possuireis hum grande thesouro, que saõ grandes utilidades.

ENODIO. D.Raphael Bluteau moraliza, e não certifica a verdade, nem descobre o rico thesouro do *Lapis*; e desta sorte não approva, nem condemna a certeza da *Chryopeia*: admira-se com as turbas.

ENODATO. Não queirais, Senhor Enodio, que presumia eu da vossa grande ambição, o que da miseria do Leitor mosino affirma no Prologo do Sup-

Suplemento do seu doutissimo Vocabulario o mesmo D. Raphael ; porque diz com grande discrição , e profundo juizo , que dos livros compostos por Apuleyo , só lhe agrada o *Asno de Ouro*. Vós haveis de saber que D. Raphael he hum Varão muito grave , muito sabio , e muito serio , e como tão grande homem , he o alvo de ignorantes , e invejosos tiros , que o ferem tanto como as pedras , que os Barbaros *Ethyopes* atirão ao Sol. Falla na *Pedra Philosophal* inclinando-se mais a defendella , do que a reprovalla , para que conheçaõ os doutos , que he o seu defensor , mas não saibão os ignorantes , que a defende , paraquê os Sabios o venerem , e os nefcios se naõ riaõ. E com este artificio faz o tiro com a pedra , e esconde a mão. Por este modo he D. Raphael admiração das *Turbas dos Philosophos* , e dos Philosophos das Turbas.

ENODIO. Como o fallar nesta materia he tão arriscado , e tão exposto às injurias dos ignorantes , estimo muito , que ao pé desta Cruz retirados do passeyo , e sós , conversassemos quasi sempre na *Chrysopeia* ; para evitarmos as suas nescias censuras.

ENODATO. Depois que li nos Evangelhos , que a malicia , e a ignorancia humana , murmurou , escarneceo , e crucificou a Sabedoria Divina Encardada : *Murmurabant ergo Iudei de illo ; Hludebant Joan. 6. 40.* *ei : Non enim sciunt quid faciunt : crucifixerunt eum ; Matth. 27. 29.* temi pouco , e estimey muito as calumnias , que continuamente me fazem os ignorantes com as suas satyras , injurias , e affrontas , para ter sempre alguma coufa , em que imitar a meu Senhor J E S U Christo , seguindo as suas pizadas , e participando dos opprobrios da sua Cruz.

Luc. 23. 33.

34.

FINIS L A U S D E O.



LISBOA OCCIDENTAL:

Na nova Officina de

MAURICIO VICENTE DE ALMEIDA,

Morador ao Arc o das Pedras Negras.

M. DCC. XXXIII.



